

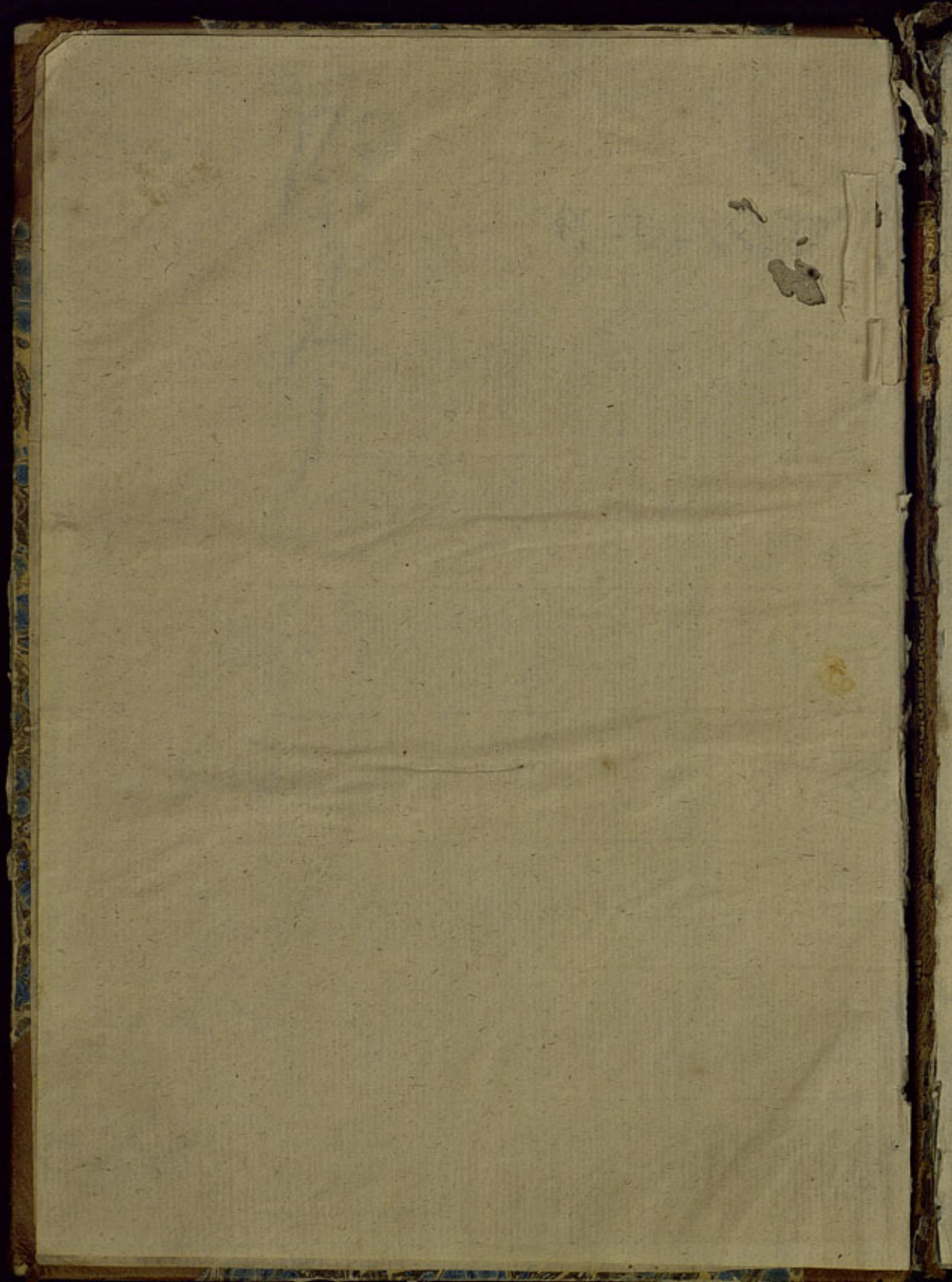


RP

2

1

(1)-5-3



JORNAL DE COMMERÇO.

VOLUME III.

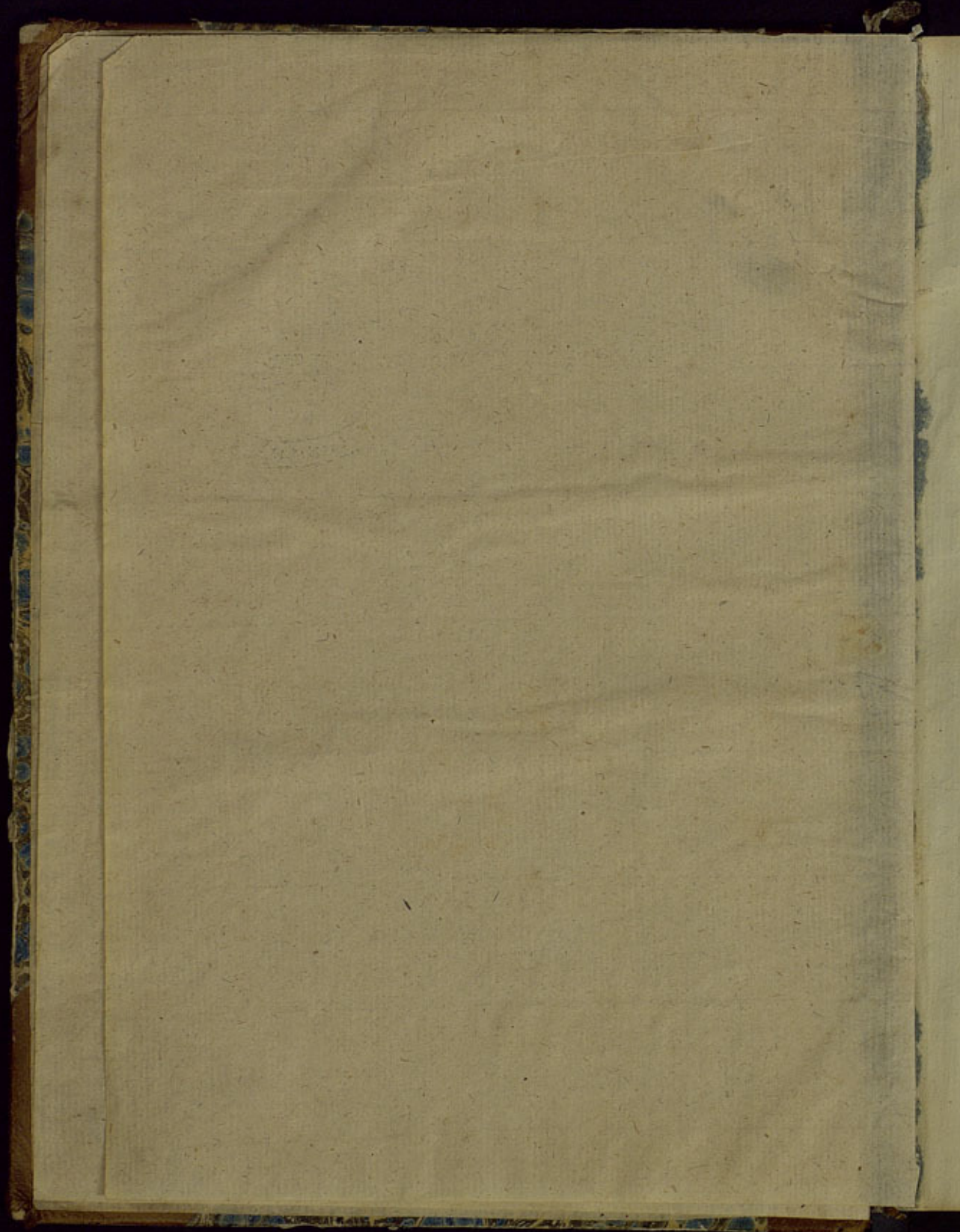


1875.

LISBOA.

NA IMPRESSÃO REGIA.

Por ordem



JORNAL DE COIMBRA.

JANEIRO DE 1813.

Num. XIII.

*Sequitur probabilia et refellere sine pertinacia, et refelli
sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

ART. I.—

Facilidade em calcular.

O Seguinte caso he de huma Obra Franceza, cujo titulo he,
em Portuguez, “Annaes d’Educação.”

“Zerah Colburn nasceo em Abril de 1804 em Cabot, Pro-
vincia de Caledonia, Vermont, nos Estados-Unidos da Ameri-
ca. . . . Mr. M. Nevin diz, no *American Medical and Philosophi-
cal Journal and Review*, que elle o ouviu dar, sem a mais leve
hesitação, ou erro, respostas ás seguintes perguntas.

“P. Qual he a somma dos numeros 1347, 1953, e 209?
—R. 5391.”

“P. Quaes são os números, que na multiplicação dão
productos 1:242? —R. 34 por 23 — 9 por 138 — 27 por 46
— 3 por 414 — 6 por 207 — 621 por 2. — Trez destas res-
postas serão dadas immediatamente que acabaráo de pronunciar-se
as palavras das perguntas.”

"P. : Qual he o número, que multiplicado por si mesmo produz 1369 — R. 37.,"

"P. : Qual he o número, que multiplicado por si mesmo produz 2401? — R. 49: e 7 multiplicado por 343 produz o mesmo número.,"

"P. : O número 6 multiplicado 6 vezes, a primeira por si mesmo, e successivamente pelos productos, que número dará? — O menino calculou em voz alta, e tão rapidamente, como pronunciava, pela seguinte maneira. 6 vezes 6 faz 36; — 6 vezes 36 faz 216; 6 vezes 216 faz 1296; 6 vezes 1296 faz 7776; seis vezes 7776 faz 46656; e 6 vezes 46656 faz 2179936.

"P. : Quantas horas ha em 25 annos 11 mezes e 3 dias? — R. 226:992.,"

"A pessoa, que fez esta pergunta ao menino, tinha errado o seu calculo, disse-lhe por isso que se enganava na sua resposta. Zerah, depois de hum momento de reflexão, affirmou que a resposta estava correcta. Repetio-se a operação, e achou-se que o menino dizia bem.,"

"Quando se propoz ao menino multiplicar 123 por 237, seu Pai objectou a difficuldade de multiplicar hum numero de 3 letras por outro semelhante: o menino porém multiplicou immediatamente; e multiplicou ainda com a mesma promptidão 1234 por 1234. Observava-se com tudo que o amofinayão perguntas difficultosas, e muitas vezes pedia que se lhe não fizessem. Era evidente pelo seu ar, pelo fogo dos seus olhos, e pelas suas maneiras, quanto em suas respostas o seu espirito trabalhava. A sua physionomia he mui expressiva.,"

"Mr. M^r Nevin, referindo este caso de Zerah Colburn, lembra-se de outra pessoa (Jedidiah Buxton), notavel no seculo passado por huma facilidade extraordinaria de calcular, porém que não tinha nenhuma outra faculdade intelligente. Jedidiah parecia destituido até de alguns dos mais ordinarios sentimentos. Musica não se lhe representava senão huma confusão de sons.... Zerah Colburn, pelo contrario, mostra muito espirito; he mui prompto nas suas engenhosas respostas, e algumas vezes mui severo.,"

"Huns dias antes da visita de Mr. M^r Nevin, huma mulher perguntou, por escarneo, a Zerah : 3 zero multiplicado por 3 zero em quanto importará? no que vós exactamente sois, replicou Zerah; absolutamente nada.,"

"O Editor dos Annaes d'Educação conta que já a d'Alembert se apresentou hum menino com huma espantosa facilidade de calcular. "Meu menino," diz-lhe d'Alembert "a minha idade he tal, dizei-me, quantos minutos eu tenho vivido? o menino retirou-se a hum canto da casa, cobrio o rosto com as mãos; e deo hum momento depois a sua resposta a d'Alembert, que não tinha ainda acabado a mesma operação por escripto. Acabou-a, e

os dous resultados não se conformarão. O menino tornou para o seu canto, d'onde voltou logo insistindo em que não havia erro. d'Alembert repetiu a sua operação, e insistia em que o resultado estava correcto. „ Porém, Senhor “ diz o menino „ tendes vós attendido os annos bissextos? “ d'Alembert tinha-se esquecido d'esta circumstancia, e o menino dizia bem. „

Lembrão também por esta occasião os mui célebres Paschal e Clairaut. Paschal (Blaise) nasceu em Clermont em 1623: seu pai, Estevão Paschal, divisando nelle hum especie de instincto para as Sciencias exactas, mas sabendo pela propria experiencia, quanto o espirito se deixa arrebatado com o seu estudo, e facilmente concebe desgosto pelas outras, em que não encontra a mesma certeza, procurava retardar a epocha do ensino de Geometria para depois do estudo das Lingoas, o qual também lhe não deixou começar antes da idade de 12 annos; e por isso escondia d'elle todos os livros de Geometria. N'essa idade pois, não conhecendo d'esta Sciencia mais que o nome, e a paixão, que por ella tinham seu pai, e os sábios, que frequentavam a sua casa, e entre os quaes se ia educando, sómente com algumas noções geraes, que por vezes ouvia nas suas conferencias, inventou, por assim dizer, hum Geometria propria. Com effeito entrando o pai hum dia no seu quarto, o achou meditando sobre figuras geometricas, que havia traçado, e com o maior espanto viu, que tinha demonstrado a Prop. 32 do L. I. de Euclides. Desde então lhe franqueou a Geom. de Eucl., que elle estudou com avidez, e o admittio ás suas conferencias com Roberval, e outros amigos. Forão tão rápidos seus progressos, que na idade de 16 annos compoz hum Tractado das Secções Conicas, em que tudo, que Apollonio havia demonstrado, se acha elegantemente deduzido de hum unica proposição geral: Tractado, que Descartes não podendo persuadir-se ser obra de hum rapaz de 16 annos, se obstinou a attribui-lo a seus mestres. Não he porém justo julgar incapaz d'aquella producção aos 16 annos, quem aos 19 inventou a engenhosa Máquina Arithmetica, que ainda hoje enche de admiração pela complicação das suas partes, e espirito da invenção, que nella reina, etc.

Clairaut (Alexis Claude) nascido em Paris a 13 de Maio de 1713, de idade de 4 annos sabia ler e escrever (aprendeu a ler pela Geometria d'Euclides (*).) Aos 9 a applicação da Algebra á Geometria lhe era já familiar; e a solução dos problemas mais dif-

(*) Erão insignes Mathematicos os pais de Paschal e Clairaut: tão differentes forão as suas idéas sobre os primeiros passos d'educação litteraria de seus filhos, que ambos dedicavão ás Mathematicas também, que a Paschal até se escondião livros de Mathematica, e Clairaut aprendeu mesmo a ler por Euclides!

ficultosos era para elle hum brinco. Aos 11 annos lia e entendia as Secções Conicas, e a analyse dos infinitamente-pequenos do Marquez de l'Hôpital. Aos 16 annos tinha feito, e estava já impresso e publico, hum *Tractado das curvas a dupla curvatura*, maravilha que, faria honra a qualquer Mathematico de outra idade e grande conceito. Na idade de 18 annos, e antes da idade prescripta pelos Regulamentos, foi nomeado sócio da Academia das Sciencias de Paris, etc.

ART. II.—

Sermão, sobre a Religião, prégado na Igreja de S. Salvador dos Campos, por Fr. Bento da Trindade, Eremita Descalço de Santo Agostinho, Prégador Régio, Mestre Jubilado, e Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Frez Ordens Militares, e Synodal das Dioceses da Bahia, e Pernambuco, Missionario Apostólico, Reitor do Seminario de Olinda, e Vice-Directór dos Estudos do mesmo. —

Analysado por*****

N'estes desditosos tempos, em que a Religião de JESUS CHRISTO tem sido o Alvo, a que assestão os seus tiros, não só os Hereges, mas até os Philosophos do Seculo estragado em que vivemos, e em que, parece, derão entre si as mãos todos os impios, para roubar-lhe esse nativo esplendor, com que tem brilhado constantemente aos olhos do Universo inteiro, desde a epocha da sua Fundação até aos nossos dias; n'estes tempos, em que se vê odiada, e combatida tão aporfiadamente por dezassizados incrédulos: hum Escripito onde se encontrasse a defeza d'esta Religião insultada, e escarnecida, e se fizesse ver na luz da evidencia, e unicamente pelo lume da razão, que ella tinha humna Instituição Divina, humna Doutrina a mais Sancta, humna Moral a mais incorrupta, e Maximas sempre invariáveis; e que só esta Religião, era a verdadeira, capaz de nos fazer felizes; a estes tempos, tornamos a repetir, hum tal Escripito era sem controversia o maior de todos os serviços, que pôda fazer-se á Religião, que professamos; e á Patria em que vivemos.

Sendo estes os nossos sentimentos, e desejos, apenas chegou ao nosso conhecimento este Sermão, impresso no Rio de Janeiro em 1811, e escripto pelo Doutor Fr. Bento da Trindade,

nós o buscámos, e começámos, sem desperdiçar hum momento, a sua lição.

Mas cumpre á nossa singelleza, e boas intenções, dizer sem reboço, que apesar de encontrarmos n'esta Oração alguns rasgos de hum eloquencia, que nos encanta, não julgámos com tudo, que este Discurso sirva de barreira á mesma Religião, para não ser atacada, e menos que apreste as Armas necessarias para a sua defeza, e para com ellas se ganhar o triumpho suspirado dos seus perseguidores.

Tendo-nos o Author dito, que era preciso conhecê-la (a Religião) para servilla, he muito de admirar que a sua proposição, corresponda tão pouco a este importante fim. He com effeito muito curta para abranger esta importante materia; e não busca os seus inimigos por todas as partes, nem pelas mais certas, por onde elles a combatem, para os arrostar. *Mostrarei, diz elle, por todos os principios da razão, da experiencia, e do bom senso, que a Religião revelada he firme, perpetua, e permanente.* — Era muito para desejar, que se empenhasse mais em mostrar a sua Divindade, e pureza, e que applicasse os seus esforços em sustentar, que esta Religião, muito longe de contradizer a razão, a dirige, e illumina. He por este lado que os Philosophos do tempo lhe querem fazer a maior brecha, e era a este caminho, onde devia dirigir-se mais apressado para fazellos recuar. No rico depósito da sua doutrina, fazendo-se d'ella paralelo com as maximas de todas as Religiões, e Seitas, muito facil e promptamente se offerecia ao Orador poderosissimos argumentos, e fazendo valer as grandes prôvas, que se tirão das Profecias, que a precedirão, e dos Milagres, que acompanháram o seu Nascimento, era-lhe muito facil ganhar completa victoria, e envergonhar os seus teimosos inimigos. Mas que ha de ser...! Vio-se o A. no meio de hum campina, matisada de vistosas flores, e podendo lançar a mão, e colher as mais fragrantas, contentou-se com aquellas, que menos interessavão. Podêmos dizer d'elle com razão *Inopem me copia fecit.*

Não só julgámos ser imperfeito o plano d'este Discurso, mas até nos persuadimos, que não satisfaz a esse mesmo pouco, que havia promettido. E não nos enganámos, com effeito: porque dizendo-nos no Exordio, que as Armas da revelação, e da Escripura (julgo quereria dizer em lugar de revelação, tradição, porque aliás, haveria hum redundancia) *contra taes combates* (tambem julgo, quiz dizer *combatentes*) *são pouco victoriosas*; vê-se serem estas, de que promette se não ha de servir, as primeiras de que usa, e logo no principio do Discurso. Era melhor, que o não fizesse, não só porque o havia promettido, mas ser superfluo empregar a Authoridade Divina das Escripturas (que os adversarios, que combate, não admittem) tendo poderosissimas razões,

que sobraão para que o seu pêso esmague os mesmos Adversários.

Apenas na pag. 14 começa o A. a servir-se de alguns princípios de razão; para provar a firmeza da Religião; tecendo, mas sem ordem seguida dos tempos, a historia das suas perseguições; e sempre misturando alguns argumentos de Authoridade, deduzidos da Escriptura, e Tradição; e desde a pag. 19, até ao fim da Oração, as unicas armas, de que se serve, são pesadas invectivas contra os seus inimigos, e novos lugares dos Livros Sanctos, de que deduz a *Indefectibilidade da Religião*.

Não deve ficar em silencio, que a penna do Orador correu com alguma precipitação, quando escreveu a pag. 18 que *a vinha de Sabaath tinha sido . . . destruida*. Esta expressão, *destruida*, he indecorosa, e contém hum erro; por que a Religião nunca pôde ser destruida, mas só calcada. Se isto tivesse acontecido, não seria ella firme, perpetua, e permanente, como o A. sustenta; e em vez de combater, parece dá armas para ser combatido pelos inimigos. He tambem falso dizer-se, que *a zizania . . . fructifica no bom campo do Senhor*. O lugar de S. Matheus, que se aponta, diz que *creseco*, mas não que *fructifiqua*; e a citação não he fiel.

Eis-aqui o nosso Juizo, sobre esta Obra. Mas ainda que ella não encha os fins, a que o seu A. se propoz, e pela pobreza, e falta de provas não corresponda ás suas intenções, nem possa considerar-se como hum defeza, e apollogia da Religião; sempre d'este Escripto, se tirará hum vantagem; que he desafiar a pena de novos Escriptores, para que sobre esta importantissima materia se emendem estes defeitos, e appareção interessantes Obras, que desejámos ver, para utilidade pública.

ART. III.—

Breve História crítica, na qual se mostra quando, e como os Senhores Reis de Portugal adquirirão a prerogativa de nomearem os Bispos dos seus Reinos. Composta pelo Dr. José Ignacio da Rocha Peniz no anno de 1797 em que regia huma Cadeira de Jurisprudencia Ecclesiastica na Universidade de Coimbra; e remettida pelo Dr. Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato, que foi seu Discipulo no mesmo anno.

Os nossos Jurisconsultos e Publicistas antigos e modernos, quando tratão da prerogativa que tem os Soberanos Portuguezes de nomearem os Bispos dos seus Reinos, costumão communmente recorrer ao direito do Padroado, e suppôr fundada no mesmo direito aquella prerogativa (Jorge de Cabedo, De Patronatibus Ecclesiarum Regiae Coronae Cap. 37. Bento Cardoso Osorio, Praxis de Patronatu Regio Resol. 49. Manoel Rodrigues Leitão, Tractado Analytico Propos. 2.^a Antonio Pereira, Demonstração Theologica Propos. 14. Pascoal José de Mello, Instit. Juris Civ. Lib. I. Tit. 5. §. 3.). Não fallando porem da confusão, e pouca firmeza de principios com que os mais antigos tratárão este assumpto; he certo que os dous ultimos Escriptores fallárão d'elle tanto de passagem, que muito nos agradecerão os nossos Leitores huma breve história crítica d'esta disciplina, na qual se mostre quando, e como adquirirão os nossos Reis hum tão importante direito. Eis-aqui o que contém a seguinte Memoria, cuja cópia foi tirada com muita fidelidade do Manuscripto original do Author, e he a mesma que agora servio para a impressão.

Das Eleições dos Bispos nas Hespanhas.

A Eleição dos Bispos era na conformidade do Concilio Niceo no 1.^o em o Can. 4; e o Clero inferior, e o Povo prestavão seu voto nas Eleições Episcopaes, como igualmente nas Eleições dos Presbyteros; o que testifica a Epistola 1.^a do Papa Siricio a Himerio Tarraconense em o Cap. 10.

Subistio esta disciplina até ao Concilio Barcinonense 3.^o de 599 em o Can. 3.^o o qual para prevenir e obviar as facções, determinou que o Clero e Povo elegessem trez dignos para o Episcopado vago; e que d'estes trez o Metropolitano com os Bispos da Provincia tirassem hum por sorte; e que este fosse sagrado Bispo.

Esta fôrma de Eleição achava-se já estabelecida na França desde o anno 452 pelo Concilio Arelatense 2.^o em o Can. 34.

Ou porquê n'esta fôrma de Eleição houve alteração, e os Bispos e Metropolitano se arrogarão mais parte, do que aquella que lhes pertencia, ou porque se julgáram privadros do direito de confirmarem a Eleição do Clero e Povo, sendo obrigados a sagrar aquelle dos trez Eleitos, que sahisse Bispo pela sorte; o Concilio Toletano 4.^o celebrado em 653 reduziu as Eleições á fôrma antiga, determinando que o Bispo fosse eleito pelo Clero e Povo da própria Cidade, assentido o eleito pelos Bispos da Provincia, e confirmado pelo Metropolitano.

Conformou-se o Concilio Toletano 4.^o n'esta instauração da Disciplina, com o que havia instaurado em França o Concilio Cabillonense 1.^o do anno 579 em o Can. 10.

Em o Concilio Toletano 10, celebrado em 656, observa-se alteração n'esta Disciplina, e vê-se que os Bispos arrogarão a si a Eleição. Potamio, Arcebispo de Braga, accusado e deposto n'este Concilio, he substituido por Fructuoso, Eleito por todos os Bispos, que se achavão no Concilio. Talvez se preterio a regra ordinaria e estabelecida pelo Concilio Toletano 4. por se fazer a Eleição por hum Concilio Nacional de toda a Hespanha, a que assistia sufficiente número de Clero inferior, e de Leigos authorisados, quaes erão todos os Principaes da Nação, presidida a Assembléa pelo Rei Reccesvintho.

Pelo Concilio Toletano 8.^o em o Can. 9 para evitar as facções e tumultos foi estabelecido em 653 presidindo Reccesvintho Rei, que o Povo fosse excluido da Eleição dos Reis; que este direito de eleger o Rei fosse privativo sómente dos Bispos, e dos Senhores, juntos na Cidade Capital do Reino: e por isso sendo o Povo e Clero inferior excluido da Eleição do Rei, se achou no Concilio Toletano 10 que não era necessario o voto do Povo, e do Clero da segunda ordem para a Eleição de Fructuoso para Metropolitano de Braga em lugar de Potamio deposto no Concilio.

Em o anno 681 o Concilio Toletano 12 em o Can. 6 estabeleceu nova Disciplina, mandando n'esse Canon que o Rei nomeasse todos os Bispados, que vagassem nas Hespanhas; que o Metropolitano de Toledo confirmasse, os que o Rei elegesse; e que os Eleitos depois de confirmados pelo Metropolitano de Toledo, se apresentassem aos seus proprios Metropolitanos para serem sagrados dentro em trez mezes.

Esta Disciplina havia sido authorisada na França em 615 pelas Actas de confirmação, com que o Rei Clotario II. approvou o Concilio Parisiense 3.^o

No Concilio Toletano 16 celebrado em o tempo do Rei Egica em o Can. 2.^o se determina que o Rei nomeie Governadores,

ou Vigarios Capitulares para os Bispados, em que os Bispos estivessem suspensos do exercicio Episcopal; e do Can. 12 do mesmo Concilio se mostra, que ao Rei competia nomear Governador ao Bispado vago.

Invasas as Hespanhas pelos Arabes, e dissolvido o Reino dos Godos, não subsistio a Disciplina da nomeação dos Bispos pelo Rei, e approvação pelo Metropolitano de Toledo.

Em os poucos monumentos que se achão publicados desde o Seculo VIII. até ao Seculo XI. pertencentes a Portugal apparece no Seculo X. Rodesindo Bispo de Dume transferido para o Bispado de Mondonedo em Galliza, pelo voto do Rei Ordonho, e do Clero de Mondonedo.

Em 1096 acha-se S. Giraldo Francez e Monge, Eleito Arcebispo de Braga pelo Clero, Povo, e pelo Rei Affonso VI. e o Conde D. Henrique, e pelo Arcebispo de Toledo, como Delegado da Santa Sé Romana.

Na criação de Oviedo, Cidade Capital então dos Reis de Leão, em Metropole da Galliza e Portugal em 901, concorrem os votos dos Bispos, da Rainha, dos Principes Reaes, dos Principaes da Nação, presididos todos pelo Rei Affonso o Grande; e he confirmada Oviedo em Metropole pelo Papa João IX. por carta trazida de Roma pelos Presbyteros Severo, e Synderedo, que o Rei havia mandado aquella Cidade.

Depois do anno 1090 achão-se as Igrejas de Lamego, e de Vizeu encomendadas pelo Papa Pascoal II. a Mauricio, Bispo de Coimbra; e assim estiverão até o tempo do Senhor Rei D. Affonso Henriques.

Pedro, antecessor de S. Giraldo na Sé de Braga, he deposto por Bernardo, Arcebispo de Toledo, como Delegado do Papa Urbano II. por haver recebido o *pallium* do Anti-Papa Guiberto.

Vê-se pois no intervallo d'estes trez Seculos quanto progresso havião feito as falsas Decretaes sobre a Disciplina estabelecida nos Concilios de Toledo.

Por quanto na Eleição dos Bispos tinha parte o Rei, o Clero, e os Magnates; na criação das Metropoles, era de mais necessario o consentimento dos Bispos, e a confirmação do Romano Pontifice: na deposição dos Metropolitanos bastava só o mandado do Romano Pontifice; na commenda ou governo dos Bispados vagos dispunha o mesmo Romano Pontifice.

Nas Eleições das Igrejas sujeitas nas Hespanhas ao dominio dos Arabes, quando não havia perseguição, pedia-se licença ao Rei dos Arabes para se proceder á Eleição; e porque em Toledo o Rei Mahometano deixou de a conceder alguns annos, vagou o Arcebispo de Toledo.

Quando se previa perseguição, e se fazia necessario fazer Eleição de Bispo, os Bispos Provinciaes a fazião sem o concurso do

Clero inferior, e do Povo; como no Seculo IX. se praticou na Eleição de S. Eulogio Martyr, antes d'isso Eleito Bispo de Toledo. *Hispania Illustrata tom. 3.^o in vit. S. Eulogii Martyr.*

Depois que começou a Monarquia Portuguesa, segue-se nas Eleições o direito, que se achava estabelecido em as Monarquias Catholicas das Hespanhas.

As grandes Conquistas que os Reis d' Aragão fazião sobre os Mouros nas Hespanhas, tirando do poder d'estes as terras, e plantando n'ellas o culto da Religião Catholica, merecêrão contemplação aos Pontífices Romanos, que desde S. Gregorio VII. se arrogavam a disposição ordinaria sobre todas as Igrejas.

Do Liv. 2.^o Epist. 50 de S. Gregorio VII. se vê que Dom Sancho Rei d' Aragão nomeava alguns Bispos n'aquelle Reino; e que o Papa os approvava ou reprovava, segundo lhe parecia justo; e que queria que nenhum fosse Eleito sem o Beneplacito Real.

Do citado Liv. 2.^o Epist. 21 se vê que o Papa S. Gregorio VII. approvava Eleições de Bispos feitas por El-Rei D. Affonso VI. de Leão e Castella: e do Liv. 9. Epist. 2.^a que o mesmo Papa as fazia approvav por seus Legados junto d'aquelle Rei.

Da Epist. 65 do Papa Pascoal II. se manifesta que ainda quando nos Reinos de Castella e de Leão se procedia a Eleições Canonicas pelo Clero e Povo, devia tambem concorrer a vontade do Rei.

Enganão-se os Pragmaticos Portuguezes, quando asseverão, que aos Reis de Portugal competia o direito da Nomeação aos Bispados pelo titulo de Padroado de Conquista, por quanto da Epist. 4.^a do Appendix das Epistolas de S. Gregorio VII. consta que o Padroado concedido aos Reis d' Aragão sobre a nomeação dos promovimentos nas Igrejas conquistadas aos Mouros, se entendia das Paroquias, e Abbadias, e não dos Bispados: e que S. Gregorio VII. se conformou n'esta concessão, ao que havia sido concedido por seu Antecessor Alexandre II.

Na conformidade do direito estabelecido nos Reinos de Aragão, e nos Reinos de Castella, e de Leão se devem entender as Eleições canonicas feitas nos primeiros Reinados dos Monarcas Portuguezes: e n'estas Eleições canonicas devia sempre concorrer o Beneplacito Regio.

Assim no Governo do Senhor Conde D. Henrique foi eleito pelo Clero e Povo para Metropolitano de Braga, e Successor de S. Giraldo em 1108, Mauricio Eurdino, Bispo de Coimbra, e sua translação approvada pelo Papa Pascoal II.

No Governo da Senhora Rainha D. Thereza em 1122 foi eleito pelo Clero e Povo do Porto João Peculiar para Bispo da mesma Cidade, e Successor de Hugo.

No Reinado do Senhor Rei D. Affonso Henriques em 1173

se expressa em Lisboa pelo Cardeal Jacinto, Legado do Santo Padre Alexandre III. que na Igreja de Lisboa não deve o Bispo ser Eleito senão pelo Clero e Povo, e sagrado pelo Metropolitano de Compostella. Era então Bispo de Lisboa Alvaro, Successor de Gilberto, que o havia nomeado com os Conegos d'aquella Cathedral, Successor no dito Bispado.

As nomeações de Bispos d'Evora, Lisboa, Lamego, Vizeu, que fez o Senhor Rei D. Affonso Henriques depois que conquistou aos Mouros estas Cidades, devem reputar-se extraordinarias por não haver ainda nas ditas Igrejas Clero competente, nem sufficiente número de Povo Christão. Igualmente se deve entender que as fazia com approvação dos Legados Pontificios, que residião n'esta parte das Hespanhas; assim como as fazião extraordinarias, e pela mesma causa e fórma os Reis d'Aragão, e os Reis de Castella e de Leão.

Comprehende esta disciplina os Governos do Senhor Conde D. Henrique, e da Senhora Rainha D. Thereza, os Reinados do Senhor D. Affonso Henriques, do Senhor D. Sancho I. e os quatro primeiros annos do Reinado do Senhor D. Affonso II.

Em o anno 4.^o do Reinado do Senhor D. Affonso II. começa nova Disciplina sobre as Eleições. Clero, e Povo, e Bispos Comprovinciaes são excluidos das Eleições dos Bispos pelos Canones 24, 25, 26, do Concilio Lateranense 4.^o celebrado por Innocencio III. em 1215, os quaes entregão as eleições dos Bispos unicamente aos Cabidos das Cathedraes respectivas.

Confiadas as Eleições dos Bispos aos Cabidos não perdêrão os Reis de Portugal a prerogativa de terem n'ellas alguma parte. Era-lhe essa prerogativa concedida pelo direito commum das Decretaes, e peló que se practicava nas Monarquias das Hespanhas.

Pelo direito das Decretaes Gregorianas em o Cap. *Cum terra* 14 no tit. de *Elect. et Elect. Potest.* se reconhece o direito do Beneplacito do Rei de Jerusalem nas Eleições Canonicas dos Bispos d'aquelle Reino. Pelo Cap. *Quod sicut* 28 do mesmo tit. se acha que ao Rei d'Irlanda competia como ao de Jerusalem a prerogativa de prestar o seu assenso ou beneplacito ao Eleito canonicamente, porque tal era o costume d'aquelles Reinos.

Em o Reino de Aragão o Beneplacito do Rei era necessario preceder á Eleição; e depois que a Eleição era feita, o Rei approvava o Eleito, e recebia d'elle o juramento de fidelidade. D. Pedro II. que morreo em 1213 demittio de si este direito, reservando sómente o juramento de fidelidade, e Innocencio III. approvou aquella desistencia na Epist. 144 do Liv. 10 do Registo.

Os Estados de Aragão reclamárão contra a desistencia que fez o Rei; e os Successores de Pedro II. usárão do seu direito; de sorte que no tempo de Jaime, o Victorioso, em 1269, ao Rei competio dar licença para a Eleição, e approvalla depois de feita;

e até o mesmo Rei nomeou o primeiro Bispo da Ilha de Majorca, que elle havia conquistado sobre os Mouros. *Hispania Illustrata tom. 3. pag. 76 an. 1269.* — O Rei devia prestar o seu consentimento para a Eleição dentro de dous mezes da vacancia; e Maiorca era sufraganea de Barcellona.

Nos Reinos de Leão e Castella morto o Bispo, o Deão e Cabido davão parte ao Rei, e pedião licença para procederem á nova Eleição: o Rei a dava, e tomava debaixo da sua guarda os bens da Igreja vaga. Feita a Eleição, o Rei a approvava e mandava entregar os bens ao Bispo Eleito: tal era o costume, que testificão as Leis das Partidas. *Part. 1.^a Liv. 1. Tit. 5. Lei 18.* Foi esta Legislação compilada por Affonso X. e publicada por seu Neto D. Fernando IV. que reinou em o tempo do Senhor Rei D. Diniz, e de seu filho o Senhor Rei D. Affonso IV.

Na conformidade do direito das Monarquias Aragoneza, Leoniza, e Castelhana, era praticado o mesmo direito em Portugal: os Cabidos davão parte a El-Rei da morte do Bispo, e pedião licença para a nova Eleição; feita ella, El-Rei a approvava, e dava Carta para o Metropolitano, expressando a licença da Eleição, e approvação Regia da pessoa do Eleito: e era depois d'estes requisitos, que o Metropolitano sagrava ou fazia sagrar o Eleito.

Assim era observado o direito Proprio Hispanico pelo que pertence á licença, que o Cabido obtinha para a Eleição; e era observado o mesmo direito Hispanico, e o commum das Decretaes para a approvação Régia do Eleito.

Que os Senhores Reis de Portugal davão licença aos Cabidos para procederem ás Eleições; e que approvavão o Eleito, e davão a Carta para o Metropolitano, se mostra de huma semelhante Carta do Senhor Rei D. Affonso III. dirigida ao Arcebispo de Compostella na Eleição que de D. Pedro Deão de Lamego se fez para Bispo da mesma Cidade pelo Cabido; a qual se acha na Torre do Tombo no Livro das doações d'aquelle Rei a fol. 32, e transcreveo Leitão no *Tractado Analytico, e Apologetico sobre os Provimientos dos Bispos*, Demonstração 4.^a not. 7 pag.

353.

Era tambem usado pelos Senhores Reis de Portugal darem Cartas para os Cabidos, recommendando os sujeitos dignos para serem Eleitos: o que se mostra do Artigo 28 da Concordia do Senhor Rei D. Diniz, feita em Roma, que offerece a Ordenação Affonsina no Liv. 2.

A Disciplina das Eleições pelos Cabidos, desde o Concilio Lateranense 4.^o de 1215 até ao fim do Pontificado de João XXII. em 1334, comprehende 8 annos do Reinado do Senhor D. Affonso II. e os Reinados do Senhor D. Sancho II. D. Affonso III. D. Diniz, e 9 annos do Reinado do Senhor D. Affonso IV.

Em João XXII. introduz-se nova Disciplina nas Eleições dos

Bispos, da qual direi brevemente a causa, que tiveram na Igreja. As Eleições dos Cabidos motivarão Appellações frequentes para a Sé Apostolica, e pela decisão das Appellações o Papa foi de algum modo arbitro ou Juiz das Eleições controversas; outras vezes pela indignidade e illegitimidade das Eleições, o Papa elegeo; não poucas vezes elegeo tambem por devolução, quando os Cabidos não elegião dentro dos trez mezes que lhe competião.

Estes canaes levirão a Roma o provimento de tantos Bispados na Europa, que Clemente V. que morreo em 1314 reservou ao provimento do Pontifice Romano todos os Bispados que vagassem pela morte dos possuidores, que fallecessem estando na Curia: vê-se da *Extravagante 3.^a De Praebend. inter commun.*

Pela Clementina 3.^a *De Elect.* reservou o mesmo Papa Clemente ao provimento seu todos os Bispados de Igrejas destituidas de Clero, e de Povo Christão; e esta reserva o fez Senhor das nomeações dos Bispados *in partibus infidelium*; e dos que novamente se erigissem em terras de Pagãos, e de Infieis; e nas terras sôbre elles conquistadas.

Já o Papa Bento XI. predecessor de Clemente V. havia determinado que as quatro Igrejas Patriarchaes não podessem ser providas inconsulto o Romano Pontifice. *Extravagant. 3.^a De Elect. inter commun.*

Bento XII. na *Extravag. 13 De Praeb. inter commun.* reservou como Clemente V. todos os Bispados vagos na Curia; e se bem que este Papa fez provimentos dignos em sujeitos de Virtude e de Sciencia, não seguiu seus passos João XXII. que renovou as mesmas reservas na *Extravag. 4 De Elect. inter commun.* e proveo mais a seu alvedrio do que a bem das Igrejas.

He a João XXII. que se attribuem as primeiras Regras da Chancellaria Romana, e pela segunda d'ellas todas as Igrejas Cathedraes, e Benefícios de bom rendimento forão reservados á Sé Apostolica. Este Papa estabeleceo as Annatas.

Augmentou-se com o Scisma de Avinhão a ambição da Curia nos provimentos dos Bispados, e de todos os Benefícios de melhor lote; e deo fim a authoridade dos Metropolitanos na confirmação das Eleições dos Bispados de suas Provincias, e na sagração dos seus suffraganeos; passando tudo para o immediato poder do Papa. Consulte-se Berardo *Commentaria in jus Ecclesiasticum Tom. 1. Dissertatio 4. cap. 8. pag. 199, e seguinte*: Thomasini *Vetus et nova Eccles. discipl. Tom. 2. Part. 2. Lib. 2. cap. 33 n. 5 e n. 6 pag. 281.*

Os Monarcas da Europa occorrião por diferentes modos a esta devassidão dos provimentos da Curia Romana, humas vezes usando de força manifesta, outras vezes rebugadamente; e cada qual usava do que podia e sabia.

Pedro I. chamado o cruel, Rei de Leão e Castella, em o tempo do Papa Urbano V. obstinou-se em não receber em seus Reinos Bispo algum nomeado pelo Pontifice, quando em a nomeação tivesse faltado o seu Regio consentimento; e esta obstinação teve o desejado effeito. Mariana *Istoria d' España Lib. 17 cap. 11.*

O Senhor Rei D. Pedro I. de Portugal determinou por esse mesmo tempo, que as Bullas do Romano Pontifice não fossem dadas á execução sem preceder primeiro a Regia determinação. Concordia de El-Rei D. Pedro I. feita em Elvas entre elle, e os Prelados Artigo 32, que se acha no Liv. 2. da Ordenação Affonsina. E a mesma prohibição se acha no Art. 87 da Concordia do Senhor Rei D. João I. que se lê no citado Liv. 2. da Orden. Affons. O Senhor Rei D. Affonso V. reduzio a Lei permanente, e addicionou a mesma prohibição no tit. 12 do Liv. 2. das suas Ordenações.

A constancia com que o Senhor Rei D. Affonso V. defendeo esta sua Ordenação, negando a execução ás Bullas Romanas de provimentos de Bispados em Portugal, sem que primeiro precedesse a approvação Régia, foi talvez causa para que D. Rodrigo da Cunha no *Catalogo dos Bispos do Porto*, e Jorge de Cabedo no *Tractado de Patronatu Regiae Coronae* entendessem que desde o Senhor D. Affonso V. por diante os Reis de Portugal tiveram livre nomeação dos Bispados d'este Reino.

Não se havião mostrado com tanta constancia os Senhores Reis seus predecessores; e do tempo do Senhor Rei D. Diniz em 1309 offerece D. Rodrigo da Cunha no *Catalogo dos Bispos do Porto* na vida do Bispo D. Fr. Estevão, a Carta que o Cabido e Povo do Porto escreveo ao Papa Clemente V. e a resposta do mesmo Papa, que mostram evidentemente que os Papas nomeavão muitas vezes Bispos para este Reino de *motu proprio* e sem intervir a autoridade do Rei.

Da firmeza com que se houve o Senhor D. Affonso V. com o Papa Eugenio IV. conserva a memoria Raynaldo nos *Annaes Ecclesiasticos* an. 1460 n. 3, mostrando a Epistola do mesmo Papa, que pretendia sustentar a nomeação que de *motu proprio* havia feito de Bispo de Vizeu. Contestou o mesmo Senhor Rei outra nomeação semelhante, que annos depois fez o Papa Pio II. de D. Alvaro de Chaves para Bispo da Guarda; e se bem que esta nomeação veio a verificar-se no Reinado do Senhor Rei D. João II. o Senhor D. Affonso não a reconheceo legal, nem a approvou durando todo o tempo do seu governo. Esta contestação mostra Leitão, *Tractado Analytico, Demonstração* 1.^a pag. 317.

O Senhor Rei D. João II. a instancias do Papa Innocencio VIII. e do Collegio Cardinalicio em 1487 abulio o costume e Lei geral incorporada na Ordenação do Senhor D. Affonso V. e

permittio que livremente se dèssim á execução as Bullas Apostolicas sem serem primeiro vistas, e examinadas pelo Chanceller Mór do Reino; e o Papa e Cardeaes o agradecerão muito a El-Rei. A boa harmonia que Innocencio VIII. guardou sempre com o Senhor D. João II. não deo lugar a emprezas da Curia sobre este ponto de provimentos; e o Pontificado d'aquelle Pontifice abraça quasi todo o tempo do governo d'aquelle Rei. Garcia de Rezende na vida de D. João II. cap. 65.

Seu Successor Alexandre VI. não guardou a mesma moderação; e no Reinado do Senhor D. Manoel em 1503 nomeou de *motu proprio* para Arcebispo de Braga o Cardeal Junio Jorge, Bispo de Ostia, promettendo ao mesmo Rei não fazer outra nomeação do Arcebisado ainda que vagasse na Curia Romana. Obstatou o Senhor D. Manoel, e não permittio que se verificasse n'este Reino a nomeação de Alexandre VI. Leitão, *Tractado Analyt. Demonstração* 1.^a pag. 318.

Para enfrear as pretensões da Curia Romana, e obstar ás infracções dos Privilegios e costumes d'este Reino em as nomeações e impetras de Beneficios quaesquer feitas ou alcançadas sem o Regio beneplacito, ordenou o Senhor Rei D. Manoel por Alvará de 3 de Novembro de 1512, que ninguem n'este Reino recebesse Beneficios da mão de Estrangeiro; ou procuração para d'elles tomar posse: estabeleceo em outro Alvará de 10 de Dezembro de 1515, que ninguem impetrasse beneficio de homem vivo, ou citasse para Roma: por Alvará de 27 de Maio de 1516 prohibio, que se impetrassem em Roma Eullas contra as graças concedidas ao Rei ou á Rainha: e mandou por Alvará de 18 de Dezembro do mesmo anno, que se não publicassem Inhibitorias contra seus Ministros sem elle o saber. — Collecção das Leis Extravagantes por Duarte Nunes *Part. 4.^a Tit. 12*; e fez assim impracticaveis as nomeações da Curia feitas sem o seu beneplacito.

Em 1514 o Papa Leão X. concedeo a El-Rei D. Manoel o Padroado de todas as Igrejas de Ultramar: *Próvas da História Genealogica da Casa Real Tom. 2. pag. 217*; e erigio o Bispado do Funchal com a nomeação ou apresentação do Bispo pelo Rei, e seus Successores.

Por outra Bulla de 1516 concedeo o mesmo Papa ao Senhor Rei D. Manoel o Padroado das Igrejas d'Africa, e mais Terras Ultramarinas: *Prov. da Hist. Genealog. da Cas. Real Tom. 2. pag. 240*; e as Bullas da erecção de Goa em Bispado, e depois em Arcebisado; e do Bispado de Cochim, do Bispado de Malaca, do Bispado de Macáo, e do Bispado do Grão Pará, assegurarão ao Senhor D. Manoel, e a seus Successores a nomeação ou apresentação dos seus Bispos.

Os novos Bispados que se erigirão no Reino, Miranda, Leiria, Elvas, e Portalegre, tiveram nas Eullas respectivas o mesmo

Privilegio que as Igrejas do Padroado de Ultramar, se bem que os Romanos Pontífices se reservarão em algumas a nomeação do primeiro Bispo, como se vê na erecção do Bispado de Leiria em 1545, na qual o Papa Pio IV. reserva para si a primeira nomeação; e concedeo as outras nesse Bispado ao Senhor D. João III. Leitão, *Tractado Analyt. Demonstração* 1.^a pag. 323.

Em todo o tempo que corre desde as Lullas do Papa Leão X. até que Portugal entrou no dominio de Castella, os Senhores Reis de Portugal tinham a nomeação ou apresentação dos Bispos Ultramarinos; e dos Bispados do Reino erectos depois que reinava o Senhor D. Manoel: mas nos outros Bispados antigos do Reino tinham os Senhores Reis o direito de súpplia, e não o de nomeação ou apresentação.

He verdade que seu direito de súpplia tinha a natureza de ser efficaz e effectiva; pois o Senhor Rei D. Manoel em seus Alvarás havia lançado os fundamentos de obstar a qualquer nomeação, que o Papa fizesse de *motu proprio* em Nacional, ou Estrangeiro contra vontade d'El-Rei.

Entrou Portugal em o dominio de Filippe II. Rei d'Hespanha em 1580, e foi então outro o direito n'esta materia.

No Código de Legislação publicado pelos Reis Fernando e Isabel, contemporaneos do Senhor Rei D. João II. e de seu Successor o Senhor D. Manoel, o qual Código se intitula *Ordenanzas Reales de Castilla* acha-se no Tom. 1. Tit. 6. Lei 2.^a que por costume antigo compete aos Reis de Castella prestar seu consentimento nas Eleições. Mas no tempo d'estes Reis a Curia Romana emprehendeo muitas vezes nomear os Bispos de *motu proprio*, ainda que as nomeações fossem sempre contrariadas.

O Imperador Carlos V. Neto dos Reis Fernando e Isabel, depois de ter feito nomear Pontifice seu Mestre, que se chamou Adriano VI. obteve d'elle a nomeação de todos os Bispados de seus Reinos.

Seu filho Filippe II. por Lei de 1565 declara que por direito, antigo costume, e concessões Apostolicas dos Summos Pontífices, compete ao Rei de Hespanha a apresentação dos Arcebispos, Bispados, Prelasias, e Abbadias consistoriaes de seus Reinos, ainda que vagassem na Corte de Roma: vê-se do Código publicado pelo mesmo Rei em 1567, intitulado *Recopilacion de las Leyes*, Tom. 1. Liv. 1. Tit. 6 Lei 1.^a

Sendo pois este o direito, de que gosavão os Reis de Castella ao tempo da união de Portugal, não practicarão seus Reis outra cousa, que não fosse n'este assumpto apresentarem ou nomearem os Bispos sem differença de serem nos Bispados de Ultramar, nos Bispados novos, ou antigos do Continente do Reino.

Pela feliz Acclamação do Senhor Rei D. João IV. e separação de Portugal da sugeição Hespanhola em 1640, devia o Se-

nhor Rei D. João IV. prover aos Bispados vagos por sua nomeação ou apresentação; mas a Curia Romana obistou a este Direito.

Achavão-se vagas quasi todas as Cadeiras Episcopaes de Portugal, e de suas Conquistas; e a Curia Romana escusava-se de acceder ás nomeações de Bispos feitas por El-Rei, e pretendia Innocencio X. em 1643 conceder Bispos, fazendo elle as nomeações de *motu proprio* ainda que fossem sujeitos do agrado do Rei, sem contudo o nomear nas Bullas. Recusou-se esta proposição.

Repetirão-se iguaes supplicas por parte d'El-Rei em 1647 com hum Memorial, em que se deduzia que se o Santo Padre recusava approvar os Bispos nomeados por El-Rei, tinha o mesmo Rei o direito de os nomear, e de os fazer sagrar em Portugal, como se não houvesse accesso ou recurso á Sé Apostolica, pois os Cabidos elegião os Bispos, como havião feito antigamente, e se usava em alguns Paizes da Christandade.

Esta Proposição deo o maior cuidado ao Santo Padre; porque não achava facil resposta ao projecto de ser licito aos Cabidos elegerem os Prelados, nomeados por El-Rei, e proceder-se á Sagração dos eleitos. Porém de tanto cuidado livrou a Curia Romana o Tribunal da Inquisição de Portugal, prohibindo que se pozesse em practica, de sorte que o Pontifice confessou que o Tribunal da Inquisição de Portugal o livrara de hum grande cuidado, atalhando huma proposição, que elle não estava resoluta a decidir: *Portugal Restaurado Tom. 2.º Part. 1.ª Liv. 10. pag. mih 247.*

Não tendo lugar as nomeações Régias dos Bispos Portuguezes no Pontificado de Innocencio X. repetirão-se as instancias no Pontificado de Alexandre VII., o qual em 1663 pretendeo como seu antecessor fazer as nomeações de *motu proprio*. *Leitão Tractado Analyt. Demonstração 2.ª pag. 623.*

Finalmente reconheceo a Curia o direito dos Reis de Portugal, e terminou-se a contestação no Pontificado de Clemente IX. e Reinado do Senhor D. Affonso VI. e forão confirmados pelo Summo Pontifice Bispos das Igrejas Portuguezas os sujeitos nomeados por Apresentação Regia, sem que mais até hoje fosse contestado este Direito aos Soberanos de Portugal.

Reconhecida por Hespanha a independencia de Portugal pela Paz de Lisboa de 13 de Fevereiro de 1668 sendo Regente do Reino o Senhor D. Pedro pela impossibilidade de seu Irmão o Senhor Rei D. Affonso VI. assentio o Santo Padre Clemente IX. ás nomeações Régias dos apresentados para Bispos em Portugal. Mandou-lhe logo huma Embaixada de agradecimento o Principe Regente, e porque ao chegar era já morto, recebeu a Embaixada seu Successor Clemente X. com todas as demonstrações de cordialidade.

Ainda que os Santos Padres Innocencio X. e Alexandre VII. pretendêrão nomear de *motu proprio* Bispos para Portugal, e

Dominios Ultramarinos; ou confiar o governo interino das Dioceses a Bispos *in partibus*, não se atrevêrão a realizar suas pretensões; porque não podião ter effeito attendida a Legislação Portuguesa.

A Ordenação Filippina approvada pelo Senhor Rei D. João IV. logo depois de sua feliz Acclamação, havia adoptado o disposto nos Alvarás do Senhor Rei D. Manoel sôbre as materias Eneficiæes; e no Liv. 2.º Tit. 13 §. 1.º prohibio, que natural d'este Reino obtivesse Beneficio d'Estrangeiro, ou Procuração para tomar posse, ou impetração de Lettras Apostolicas para esse fim: no Tit. 15 do citado Livro determinou, que Nacional não obtivesse em Roma Bulla contra Graça, Bulla, ou Breve de cousa ou direito pertencente a El-Rei ou á Rainha. Em outro Titulo condenou a impetra de Bulla sôbre Beneficio de homem vivo, as citações para Roma, as Inhibitorias contra os Magistrados Reaes. Assim o Senhor Rei D. João IV. podia embarçar as infracções, que a Curia tentasse fazer contra seus direitos, pois que na Legislação Portuguesa se achavão os meios de os vindicar, lançados pelo Senhor Rei D. Manoel, seguidos por seus Successores os Senhores D. João III. D. Sebastião, e D. Henrique: adoptados pelas Ordenações de D. Filippe II. depois que se fez Senhor de Portugal; e approvados pelo Senhor D. João IV. na época feliz de sua gloriosa Acclamação.

ART. IV.—

SETEMBRO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez, — *A explicação do Mappa irá no fim.*

Dia do mez	Hor.	Min	Barómetro.			Thermo- metro.		Hygro- metro.		Anemo- metro.	Estado do Ceo.
			Pol.	Inch.	to. de lin.	gr.	to. de gr.	gr.	to. de gr.		
1	m.12		27	11		20	3	74	1	NNO.	s. n.
	t.10		27	11	1	19	3	78			c. nev.
2	m.9		27	11	3	19	2	77	2	NO.	a. n.
	t.10		27	11	2	19	2	80			c. nev.
3	m.9		27	11	1	18	1	82			c. nev. v.
	t. 5		27	10	1	19	1	76	2		a. n. v.
4	m.12		27	9	1	19	2	79			m. n.
	t.10		27	7	3	19		84			c. ch. v.
5	m.9		27	7	3	19	2	83	2		c.
	t.10		27	8	3	18	3	86			a. n.
6	m.9		27	9	3	20		82			p. n.
	t.10		27	11		18	3	84			s. n.
7	m.12		28			19	2	79			a. n. v.
	t.10		27	11	3	18	3	81	2		s. n.
8	m.12		27	11	3	20		79	2		
	t.10		27	11		19		84			c.
9	m.9		27	11		19		85	2		
	t.10		27	10	3	18	2	83			s. n.
10	m.9		27	10	2	17	2	85			c. nev.
	t. 4		27	10		20		80			s. n.
11	m.12		27	10	2	19	2	80		NE.	m. n.
	t.10		27	10	2	18	2	85	2		
12	m.12		27	10	2	19	3	81	2		m. n. ch.
	t.10		27	10	3	18	1	90	2		m. n. r.
13	m.12		27	10	1	19	2	85	2	E.	c.
	t.10		27	10	1	18	3	86	2	ENE.	p. n.
14	m.12		27	10	1	19	3	85	2		c.
	t.10		27	10	2	18	3	87	2	SO.	p. n.
15	t. 3	30	27	10		19	3	84		NO.	m. n. v. t.
	10		27	10		18	3	87	2		m. n.

Dia. do mez.	Hor.	Min	Barómetro.			Thermo- metro.		Hygro- metro.		Anemó- metro.	Estado do Ceo.
			Pol.	inh.	4. ^{tos} de lin.	gr.	4. ^{tos} de gr.	gr.	4. ^{tos} de gr.		
16	m.9		27	10	2	19		87		NO.	s. n.
	t. 5		27	10	1	18	2	89		SE.	m. n.
17	m.9		27	10	3	18	2	88	2		c.
	t. 4		27	11		19	3	85			a. n.
18	m.12		27	11		20		87		N.	s. n.
	t.10		27	11		18	2	87			
19	m.9		27	11		19	2	83		SSO.	s. n. v.
	t. 4		27	10	3	20	2	76	2	NE.	
20	m.12		27	10		20	2	75		SSE.	s. n.
	t.10		27	9	2	19		80	2		a. n.
21	m.9		27	9	3	19	1	81			p. n.
	t. 3		27	10		20	2	80		S.	m. n.
22	m.12		27	11	3	20		82	1		a. n.
	t.10		27	11	2	19	1	85			s. n.
23	m.9		27	11	2	19	2	84	2	SSO.	c.
	t.10		27	11	2	18	3	86	2	NO.	s. n.
24	m.9		27	11	1	19	2	85			
	t. 4		27	11		20	2	79		N.	
25	m.9		27	11	3	18	2	86		NE.	c. nev.
	t. 4		28			20		82		N.	s. n.
26	m.12		28	1		20	2	78		NE.	
	t.10		28	1		19		82	2	NO.	
27	m.9		28	1	2	19	2	80		SE.	
	t. 5		28	1	2	20	3	72	2		
28	m.12		28	1		21		77	2	S.	
	t.10		28		3	19	3	85		O.	c.
29	m.12		27	11		19	2	78	2	NO.	s. n. v.
	t.10		27	10	3	17	2	82		N.	
30	m.12		27	11		18	2	78		NE.	s. n.
	t. 6	30	27	10	3	16	2	80	2		s. n. v.

N. B. Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reau-
mur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita
columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas
de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

Anemómetro.

N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste.
 NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. —
 SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-
 oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este, etc. —
 N'esta columna qualquer letra indica o vento dominante até á le-
 tra immediatamente inferior.

Estado do Céo.

a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. =
 muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relampagos. —
 t. = trovada. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve
 entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o sub-
 stantivo seguinte.

Corollarios, e Notas.

I. *Barómetro.* A maxima pressão da atmosphera foi de 28 pol.
 1½ linh. no dia 27 ás 9 h. da manhã, e assim se conservou até ás
 10 h. da noute. Vento SE. A minima de 27 pol. 7¾ linh. nos dias
 4, 5, n'este ás 9 h. da manhã, e n'aquelle ás 10 da noute.

II. Não houve variação nos dias 18, 27, n'este conservou-se
 sempre em 28 pol. 1½ linh., e n'aquelle em 27 pol. 11 linh. A
 medida do Barómetro ás 9 h. da manhã do dia 17 foi a mesma á
 que tornou ás 12 h. da manhã de 19, sendo constante a que se
 notou em todas as observações intermedias, que não forão menos
 de 15 (no Mappa original). Nos mais variou ora mais, ora menos.

III. *Thermómetro.* A maxima temperatura da atmosphera n'este
 mez foi de 21 gr. no dia 28 ao meio dia. Vento S. A minima
 de 16½ gr. no dia 30 ás 6 h. da tarde. Em todos os dias variou
 ora mais, ora menos.

IV. Fizerão-se observações com o Thermómetro ao Sol em to-
 dos os dias, em que elle esteve descoberto: foi então a maxima
 temperatura da atmosphera de 29 ½ gr. no 1.º do mez ás 9 h. da
 manhã; e a minima de 25 ½ gr. nos dias 16, 30 ás mesmas horas.

V. *Hygrómetro.* A maxima humidade foi de 90 ½ gr. no dia
 12 ás 10 h. da noute. A minima de 72 ½ gr. no dia 27 ás 5 h. da
 tarde. Vento SE. Variou este instrumento todos os dias humas
 vezes mais, outras menos.

VI. Nos dias 1, 2, 3, 4, 10, 24, 25 houve nevoeiro ora de manhã, ora de tarde.

VII. *Anemómetro.* Em todos os dias variou este instrumento. O vento mais dominante n'este mez foi NO. No dia 7 soprou constantemente o vento NO. desde ás 9 h. da manhã até ás 5 da tarde, e o mesmo succedeo na manhã de 4, e no dia 2 desde 12 até 4 h. da tarde. O vento ONO. fez o mesmo no dia 5, e o NE. no dia 19.

VIII. *Pluvímetro.* Houve chuva nos dias 4, 5, 12, 13, 14, 16; cuja quantidade foi de 7 pol. $\frac{3}{4}$ linh.

IX. *A evaporação* á sombra foi de 1 pol. 7 linh., e ao Sol de 7 $\frac{3}{4}$ linh.

ART. V.—

Senhores Redactores do J. de C.

Como VV... dizem no Num. VIII. do seu muito interessante Periodico, que estimarão se lhes remettão quaesquer Observações meteorologicas, ainda mesmo que sejam de hum só Instrumento, remetto as inclusas, que tinha feito para meu uso; e continuarei a fazer o mesmo no principio de cada mez, se vir que merecem a approvação de VV... Sou, etc. Rendufe (legoa e meia ao Norte de Braga) 9 de Dezembro de 1812.

F.

Observações Thermometricas, feitas em Rendufe

Novembro de 1812.

(Thermómetro de Reaumur.)

Dias.	Hor.	gr.	D'as.	Hor.	gr.	Dias.	Hor.	gr.
7	m. 10	14	14	m. 8	15	24	m. 7	8½
	t. 7	14½	15	m. 7	15		t. 7	9½
8	m. 7	14½	16	m. 8	13½	25	m. 8	8
	— 12	15	17	m. 7	13½		t. 8	9
9	m. 7	15½		— 12	13	26	m. 8	8½
	— 12	16	18	m. 8	12		t. 8	9
10	m. 7	15½	19	m. 8	10	27	m. 8	9
	— 11	16		t. 7	11		t. 8	10
11	m. 7	15½	20	m. 9	10½	28	m. 8	11
	t. 3	18	21	m. 8	10½		t. 3	12
12	m. 9	14		t. 7	11	29	m. 7	11
	t. 3	17	22	m. 8	10		t. 3	13
13	m. 7	14½	23	m. 8	9	30	m. 8	12
	t. 5	15		t. 10	10		t. 4	14

Corollarios.

1.º O maior gráo de calor atmospherico foi de 18 gr. no dia 11 ás 3 hor. da tarde. O menor calor foi de 8 gr. no dia 25 ás 8 hor. da manhã.

2.º Em cada hum dos dias 14, 15, 16, 18, 20, e 22 não se notou variação na temperatura da atmosphera: nos outros sempre variou mais ou menos; e nos dias 11, e 12 muito.

N. B. Nós temos adoptado publicar das Observações diarias aquellas somente, em que houver Maximo ou Minimo; em consequencia não pôde haver mais de duas por dia em cada Instrumento; e será huma só, quando elle não variar.

ART. VI.—

Moinho de vento artificial.

Muitos, mui diferentes, e bem succedidos tem sido em todas as idades os esforços dos homens para fazerem servir aos seus usos, e a diminuir os seus trabalhos manuaes, as differentes leis da Natureza, e os proprios elementos. O ar, a água, e o fogo, tudo se tem sujeitado ao serviço do homem. Mr. Samuel Morey, de Oxford, New Hampshire, inventou agora huma nova Máquina, ou antes fez huma applicação nova de hum principio velho, cujo resultado he hum Moinho, de vento artificial, cujas pedras dão 100 voltas por minuto, e moe tão bem como os bons de qualquer outra qualidade. O mechanismo he singelo; cria-se hum vacuo, ou rarefaz-se o ar em huma chaminé espaçosa e elevada. O ar atmosphérico correndo impetuosamente para a chaminé põe em movimento hum embolo, que communica com as pedras do Moinho. Morey assevera que a Máquina (se assim se pôde chamar) consistindo unicamente em huma chaminé, e hum *moinho*, custa menos de 5 *dollars*, não tem huma onça de ferro, etc. A applicação desta idéa pôde estender-se a todas as Manufacturas.

Recordamo-nos por esta occasião de hum conselho do nosso Portuguez Antonio Ribeiro Sanches sobre a facilidade de renovar, quente ou frio, como se queira, o ar das enfermarias dos Hospitales. A idéa he exactamente a mesma, que a de Morey agora. Contemplemos duas extremidades oppostas da enfermaria, em huma d'ellas haja hum forno de ferro com a boca para a parte de fóra da enfermaria, e o corpo do mesmo forno dentro da enfermaria, e por cima delle huma chaminé. Na outra extremidade da enfermaria huma janella.

Aquecendo-se o forno, rarefaz-se o ar em contacto com elle e o visinho, e tornando-se por isso mais leve corre para cima, e sahe da enfermaria pela chaminé. Ficando na enfermaria menor massa de ar, e não podendo equilibrar o de fóra, que communica com o da enfermaria pela janella dita da extremidade opposta; faz-se na enfermaria por este modo huma (se se quer) mui sensível corrente de ar, que dura, já se vê, sem interrupção em quanto o forno se conserva quente.

Se se quer quente, etc. o ar que de novo entra para a enfermaria, haja na janella quem o aqueça, etc.

Pelas mesmas casas particulares nós temos visto em Portugal fogões por esta mesma idéa.

As cupulas talvez que se adoptassem nas Igrejas magestosas

e de grande concurso a fim de que se renovasse o ar na occasião do mesmo concurso. Com effeito o ar da Igreja aquece com gente e luzes, rarefaz-se, torna-se mais leve, sahe pela cupula porque o ar atmospherico lá he pôr mais alto mais leve que o da porta, ou sobre a superficie da terra, o qual então entra para a Igreja: havendo assim huma torrente de ar constante da porta para a cupula.

Por mais quieto que o tempo esteja, jámais deixa de sentir-se grande vento pela porta de qualquer dos camarotes do Theatro de S. Carlos de Lisboa, e vento tanto maior quanto mais baixa he a ordem do Camarote. No Theatro de S. Carlos, se não ha cupula, ha no tecto hũa grande abertura, que equivale, por onde desce e sobe o candieiro.

Por meio de combustão se pôde estabelecer huma corrente de ar nas Minas e lugares subterraneos, renovando deste modo o ar em beneficio dos trabalhadores. O Dr. Manoel José Barjona, Lente da Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra, no seu Compendio de Metalurgia impresso em 1798, pag. 246, §. 5., inculca o modo de renovar o ar nas Minas pelo meio da combustão. ; Concluindo ser este o methodo menos dispendioso, e que melhor preenche o fim; refutando ao mesmo tempo o fazer muitas aberturas em montes pouco inclinados por se não renovar o ar em consequencia da igual pressão da atmosphera, pela maior despeza, e pelos trabalhos d'extrahir as agoas, que se accumulão pelos muitos canaes: e para mais clareza na fig. 32 descreve o monte, o poço, a direcção da vêa metálica, a fornalha para se fazer a combustão, etc.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — *A explicação do Mappa irá no fim.*

Dias do mez.	Hor.	Min	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Céo.
			Pol.	linh.	4. ^{tos} de lin.	gr.	4. ^{tos} de gr.	gr.	4. ^{tos} de gr.		
1	m. 12		27	11		18	3	78	2	E.	a. n.
	t. 10		27	11		16	3	83	2	N.	m. n.
2	t. 1		27	11		17	1	73		NO.	m. n. v.
	6		27	11		16		78	2		a. n.
3	m. 8		27	10	1	16	3	82		NE.	
	t. 3	15	27	10		17	1	76	2	ONO.	c.
4	m. 8		27	9	2	17		82		E.	a. n.
	t. 6		27	9		18	1	80	2		a. n. t.
5	m. 8		27	9	2	17	2	82	2	SSO.	c.
	t. 5		27	9	1	18	1	84		O.	m. n.
6	m. 12		27	7	3	17	3	88		SO.	c.
	t. 10		27	8	3	16	1	86		NE.	s. n.
7	m. 12		28	8	3	16	2	82	2	S.	m. n.
	t. 6		27	7	1	15	3	89		SSO.	c.
8	m. 8		27	5	3	16	2	89		O.	
	t. 10		27	6	3	15	2	88		N.	a. n.
9	m. 7	15	27	7	3	15	2	88			
	t. 3	30	27	8	2	16	2	84			m. n.
10	m. 12		27	8		16	3	86	2	O.	c.
	t. 10		27	7	1	15	2	88	2		c. ch.
11	m. 8		27	7	3	15	1	88	2	SSO.	a. n.
	t. 3	30	27	8	1	16		84		S.	m. n.
12	m. 8		27	6	3	15	2	90		O.	c.
	t. 5		27	6	3	16		95	2		c. ch.
13	m. 9	30	27	6	3	15	3	95	2		
	t. 4		27	6	3	16	2	91		ONO.	m. n.
14	m. 12		27	8	1	15	3	88		N.	a. n.
	t. 10		27	9		14	3	89	2	SSO.	
15	m. 8		27	9	3	14	2	90			
	12		27	10		15	1	87	2		c. ch.

Dia do Moz.	Hor.	Min	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	4. tos de lin.	gr.	4. tos de gr.	gr.	4. tos de gr.		
16	m.9		27	9	2	15		93		O.	c. ch.
	t. 3		27	9	1	15	3	97		SO.	c.
17	m.8		27	10		15	2	97		O.	a. n.
	t. 1	30	27	10		16	1	93	2		m. n. ch.
18	m.12		27	10		16		97		SO.	c.
	t.10		27	9	1	15	3	95			
19	m.10		27	7	2	16		98	2	SSO.	c. ch.
	t. 4		27	6	1	16	3	100			
20	m.9		27	7	3	16		98			c.
	t. 3		27	8	2	16	2	87	2	NO.	a. n.
21	m.8		27	10	3	15		94		NE.	
	t. 2		27	11		16	2	88		NO.	m. n.
22	t. 5		27	11	1	16		93	2	SE.	c. nev.
	10		27	11		15	2	97			
23	m.12		27	11	2	16		89	2	NO.	a. n.
	t.10		27	11	2	15		93			s. n.
24	m.8		27	10	2	14	2	93	2	SE.	
	t. 3		27	10	2	16	2	86	2	NO.	
25	m.12		27	10	2	16		88			a. n.
	t.10		27	11		15	1	92		O.	c. nev.
26	m.8		27	11	2	15		92	2	N.	a. n.
	t. 2		28			15	2	83			
27	m.10		27	11	3	15		86			
	t.10		27	11	2	14	1	88			s. n.
28	m.7	30	27	10	2	13	3	89			c.
	t. 2		27	10		14	3	86	2	NE.	
29	m.8		27	9	2	14	2	91	2	O.	
	t. 5		27	8	3	15	1	95			c. ch.
30	m.8		27	7	3	14	3	96		SO.	
	t. 3		27	8	2	15	2	91		NE.	m. n.
31	m.8		27	10	3	14		94		E.	a. n.
	t. 4		27	11		14	3	84			

N. B. Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

Anemómetro.

N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste.
 — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. —
 SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-
 oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este, etc. —
 N'esta columna qualquer letra indica o vento dominante até á le-
 tra immediatamente inferior.

Estado do Céo.

a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. =
 muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relampagos. —
 t. = trovoadas. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve-
 entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o subs-
 tantivo seguinte.

Corollarios, e Notas.

I. *Barómetro.* A maxima pressão da atmosphera foi de 28 pol.
 no dia 26 desde as 2 hor. da tarde até ás 10 da noite: vento N.
 A minima de 27 pol. $\frac{3}{4}$ lin. no dia 8 ás 8 h. da manhã: vento N.

II. Nos dias 1, 2, 12, 23, não variou o Barómetro. Em to-
 dos os outros foi a variação d'este instrumento humas vezes maior,
 outras menor.

III. *Thermómetro.* A maxima temperatura da atmosphera nes-
 te mez foi de $18\frac{3}{4}$ gr. no dia primeiro ao meio dia: vento E. A
 minima de $13\frac{1}{4}$ gr. no dia 28 ás 7 h. 30 m. da manhã. Em to-
 dos os dias variou o calórico thermometrico da atmosphera ora
 mais, ora menos.

IV. As observações thermometricas á sombra: forão feitas to-
 dos os dias, e ao Sol sómente quando elle esteve descoberto.

V. A maxima temperatura á sombra foi de $18\frac{3}{4}$ gr. no dia 1
 ao meio dia, e ao Sol de $26\frac{1}{4}$ no dia 9 ás 10 h. da manhã.

VI. *Hygrómetro.* A maxima humidade foi de 100 gr. no dia
 19 ás 4 h. da tarde. A minima de 73 gr. no dia 2 á 1 h. da tar-
 de: vento NO. Em todos os dias variou este instrumento.

VII. *Pluviómetro.* Choveo nos dias 10, 11, 12, 13, 14, 15,
 16, 17, 19, 29, 30, ora mais, ora menos. A quantidade de chu-

va em todo este tempo foi de 26 pol. $\frac{1}{2}$ lin., mas não se pôde determinar a que cahio nos dias 4, 21, 22, 28.

VIII. *Evaporação á sombra* foi de 1 pol. $\frac{3}{4}$ lin.

IX. *Anemómetro.* Nos dias 12, 17 soprou constantemente de manhã o vento O., e o SO. na manhã do dia 18 até ás 4 h. de tarde.

X. O vento mais dominante neste mez foi o O.

XI. A maior parte dos ventos sopráão do Poente, e mais para o Sul, que para o Norte.

XII. Houve trovoadas no dia 4 ás 6 h. da tarde, e ás 10 relâmpagos sómente.

ART. VIII.—

OUTUBRO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS
feitas na Villa de Monte-Alegre (as do Thermómetro,
e Anemómetro) em todo o mez.

Dias do mez	Hor.	Min.	Thermó- metro.		Anemó- metro.	Estado do Céo.
			gr.	to. de gr.		
8	t. 3	10	8		ESE.	m. n. v. ch.
10	m. 9	8	8	2	SE.	m. ch. v. a. nev.
13	t. 3	5	9	3		m. ch. m. v.
14	m. 10	12	6	2	NO.	
20	t. 11	4	7		NNE.	s. n. v.
29	t. 6	11	7			

ART. IX.—

NOVEMBRO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS
feitas na Villa de Monte-Alegre (as do Thermómetro,
e Anemómetro) em todo o mez.

Dia do mez.	Hor.	Min.	Thermô- metro.		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			gr.	4.10s de gr.		
2	t. 10		5	2	NNE.	s. n.
16	m. 9	5	1	1	NE.	n. granizo.
17	t. 1	30	7	2	SO.	v. ch. n.
18	m. 10		4	1	NO.	a. nev. n.
	t. 12		3	2		
20	m. 11		3			n. a. neve.
21	m. 12	12	4	2		nev.
22	m. 12		4		NE.	Sol. a. n.
	t. 10	7	0-1			s. n.
23	m. 8		0-2			s. n. geada. m. v.
	t. 6		2			s. n. m. v.
24	m. 8	10	$\frac{1}{2}$			s. n.
	t. 5		$\frac{1}{2}$	2		s. n. s. v.
25	t. 6	4	2			
26	m. 10	8	3		NNE.	c. n.
	t. 4		4	2		
	10	15	1			s. n. s. v. geada.
27	m. 10		3		NE.	c. n. geada.
	t. 11	30	3	2	SO.	
28	t. 6		5	2		c. n.
29	m. 10		6			
	t. 10	6	5	2		
30	m. 9		6			c. n. ch.

ART. X.—

Resposta dos Redactores do Jornal de Coimbra ás Observações á cêrca do Exame Critico da Memoria sôbre a Fêbre epidemica contagiosa publicado n' este Jornal Vol. II. pag. 63 e 140, feitas por Henrique Xavier Baeta, e insertas no Investigador Portuguez em Inglaterra N.º XIX. pag. 409.

Prosperè gerendæ rei facultatem ommittere, maxima demerita est: et in angustias atque pugnandi compulsus abstinere se prælio pestiferum ignaviæ adfert exitium: eorum que, qui ista committunt, alter beneficio fortunæ uti, alter injuriæ nescit resistere.

Val. Maximo.

§. I. Tendo-se publicado em Lisboa a Memoria do Doutor H. X. Baeta, era do nosso dever apresentar ao Público o extracto e juizo critico d'ella: e como ao lêr a dita Memoria encontrassemos muitas proposições absolutamente oppostas ás nossas idéas, á nossa observação e d' outros Medicos, e finalmente algumas mesmo contrarias á verdade; proposições, que, acreditadas, não só empecerão os progressos da Medicina, formando-se hum juizo errado da Epidemia, mas tambem algumas porão huma indelevel nódoa na memoria das luzes, patriotismo, e heroicos factos da brilhante época em que vivemos; era forçoso não deixar correr semelhantes idéas, e apresentar documentos, a que agora ou posteriormente se podesse recorrer para deslindar a verdade.

§. II. Ninguém estava mais obrigado a incumbir-se d' este trabalho do que os Redactores de hum Periodico coevo, e muito mais sendo Medicos. Cumprimos o nosso dever, e parece-nos haver desempenhado o character de Escriptor imparcial e modesto, louvando ou refutando com justiça e gravidade.

§. III. Sempre esperámos que o A. replicasse ás nossas reflexões; que produzindo novos argumentos reforçasse as suas asserções; que tomando informações mais exactas annuisse ao menos ás reflexões sôbre factos historicos tão verdadeiros, e sabidos; e que seguindo o mesmo estilo da nossa Analyse expozesse as suas razões com a mesma imparcialidade e modestia. Nós então com toda a satisfação publicariamos n' este Jornal huma tão justa como

digna Obra; e não duvidariamos confessar os defeitos, de que nos convencesse, persuadidos da sentença de Horacio

*Nam vitii nemo sine nascitur: optimus ille est
Qui minimis urgetur.*

Liv. 1.º Sat. 3.ª

§. IV. Porém não aconteceu assim. O A. replicou, he verdade; mas sem produzir novos ou sufficientes argumentos, sem mostrar que recorrêra ás verdadeiras fontes, d'onde poderia colher informações sobre os factos assim historicos como medicos, sem apresentar documentos legaes, a pezar de tanto os exigir, sem finalmente provar com clareza e evidencia as suas proposições, teima, e obstinado assevéra quanto disse na sua Memoria; allega no vos factos igualmente falsos; em huma palavra, servindo-se de ironias, emphasis, e ataques directos contra o seu Censor, julga ter provado tudo com hum affectado desprezo das nossas reflexões, e pondo o espirito dos Leitores de antecipação contra todas as nossas asserções.

Nil oriturum alias, nil ortum tale fatemur.

Hor. L. 2.º Ep. 1.ª

§. V. Eis-aqui o que não esperavamos; eis-aqui hum papel feito com hum espirito bem contrario ao que mostrámos na nossa Analyse; e eis-aqui hum escripto dirigido tão sómente a atacar estabelecimentos e pessoas, e de que não pôde tirar-se a mais pequena utilidade em beneficio da Sciencia, ou para instrução do Público.

§. VI. Tal foi o juizo, que formámos das Observações do A. quando elle no-las remmetteo: e este foi o motivo porque as não publicámos no nosso Jornal, não querendo tambem ser órgão, por onde se transmittissem ao Público os factos allegados contra os Hospitaes Militares Portuguezes, factos, que, se fossem acreditados, causarião males, que não estava na nossa mão remediar.

Quid verum, atque decens, curo, et rogo, et omnis in hoc sum.

Hor. L. 1.º Ep. 1.ª

§. VII. Além d'isto, como o A. nos asseverava que as suas Observações erão remettidas aos Redactores do Investigador Portuguez, sendo publicadas n'este Periodico, ficava satisfeito o seu empenho.

§. VIII. Está com effeito publicada no N.º XIX. do Investigador Port. parte das ditas Observações: e como o A. affecta ter sufficientemente refutado a nossa Analyse, e pretende sustentar as

suas primeiras proposições, exigindo de nós documentos authenticos, pelos quaes lhe provemos o contrario, he forçoso responder-lhe, mostrar a fraqueza dos seus argumentos, documentar as nossas asserções, e finalmente offerecer ao criterio do Público a decisão d'esta contenda.

§. IX. O plano do A. foi extrahir as *reflexões* da nossa Analyse, numerallas segundo a ordem, em que as achou, e fazer a cada huma d'ellas sua *observação* marcada com o mesmo numero da *reflexão* correspondente. Nós seguiremos a mesma ordem, dando a cada huma das seguintes *respostas* o numero da observação a que se refere: porém não transcreveremos das *observações* do A. senão o que fôr indispensavel para intelligencia das *respostas*, evitando d'esta maneira huma fastidiosa repetição, do que se pôde ler no Investigador Portuguez.

§. X. Bem desejáramos que o nosso estilo fosse tão moderado, como até agora tem sido, e como o de que nos servimos para analysar a Memoria do A.: as circumstancias porém são hoje mui diversas. Na Analyse refutavamos proposições, que nos parecião apenas hum descuido ou inadvertencia do A.; agora combatemos proposições mui firme e reflectidamente asseveradas, ainda apesar da nossa refutação: ali contradiziamos imputações vagas; aqui temos de mostrar claramente a falsidade de factos particulares, e que por isso affectão maior veracidade: então analysavamos hum escripto, que, á excepção das imputações apontadas, tudo o mais era doutrina exposta scientificamente; hoje respondemos a hum papel, em que as provas e razões são reforçadas com insultos e calumnias. Além d'isto he necessario não só destruir fundamentalmente com razões e documentos toda a força, que por falta de reflexão se possa achar nas Observações do A.; mas tambem fazer sentir a malicia (pag. 413. do Inv.), com que se pertendêrão pôr de má fé as nossas reflexões, e a nossa palavra; o que, além de comprometter-nos, tinha por fim principal diminuir o pézo das nossas razões, e remediar d'este modo a fraqueza das suas, isto he, suppôr o inimigo desprezível para que as forças proprias, ainda que pequenas, pareçam contudo superiores.

§. XI. Representaremos portanto com vivas côres a superficialidade, a semrazão, e o vago das proposições, e argumentos do A., procurando contudo não exceder os limites da decencia e probidade, e não dirigir nem a elle, nem ao mesmo escripto expressão alguma hum pouco mais forte, que não seja deduzida das suas mesmas asserções.

§. XII. Entremos em materia. Rompe o A. com a seguinte Epigraphe,

*Os criticos eu vi, que alheios nomes,
Por dar lugar ao seu, riscavão promptos;*

*Cujo nome tambem, soffrendo estragos,
Aos primeiros depois cedia o campo.*

Pope.

(Epig. do A.)

Quid dignum tanto feret hic promissor hiatus?

Hor. Art. Poet.

(Resp. dos Redact.)

e depois de notar a extensão da nossa Analyse, sem dizer o que ella tem de superfluo, passa a enumerar 25 proposições nossas; porém antes de lhe responder faz hum §., só para pôr de má fé as nossas reflexões e palavra, até que finalmente apparece com as suas Observações, e nós com as nossas Respostas.

Resposta 1.^a

§. XIII. Na Observação 1.^a diz o A. "*sustento ainda, que, na epocha por mim determinada, a dysenteria não fôra huma doença tão universal e tão funesta como a febre. Os meus apontamentos, e os de alguns outros Medicos abonão a minha asserção pelo que respeita á prática particular; e pelo que pertence á dos Hospitales Militares desafio o meu C. para me fazer constar o contrario pelo Livro dos Diarios dos enfermos dos mesmos Hospitales. Estou bem seguro a este respeito; pois me lembro de que elle suppõe, mas não sabe de certo, que a 5.^a parte das mortes no Hospital de S. Vicente... fôra causada pela febre.*"

§. XIV. Não he sustentavel a proposição do A. ainda mesmo documentada com os seus apontamentos, e os de alguns outros Medicos.

§. XV. Na epidemia, de que se trata, podemos distinguir tres classes de doentes = Refugiados = Tropa = e Habitantes de Lisboa. Entre as duas primeiras classes reinou tanto a dysenteria como a febre; aquella mais universalmente no principio da epidemia, inclusivamente os primeiros mezes da epocha marcada pelo A.; esta foi mais geral nos mezes seguintes, e tanto mais quanto veio a passar por contagio aos Habitantes de Lisboa, o que não fez a dysenteria. Entre os mesmos Refugiados a dysenteria atacou mais principalmente as gentes pobres e miseraveis, cujo alimento, visuario, e commodidades de habitação pouco melhorarão na sua estada em Lisboa: por estas razões, e pelo natural desprezo, com que semelhantes doentes costumão tratar as molestias no principio, a dysenteria foi n'elles mais rebelde e funesta.

§. XVI. A Tropa, talvez porque a molestia de ordinario não incommodava muito nos primeiros dias, não se queixava senão tarde, e só então chegava aos Hospitales, motivo, porque também ali a dysenteria foi tão funesta.

§. XVII. Todo o Medico que por qualquer circumstancia não tratasse d'estas duas classes de doentes, isto he, Refugiados pobres, e Tropa, não pôde julgar da força e extensão da epidemia, e he bem natural que diga que a dysenteria não foi *tão universal, e tão funesta*. Que o A. não tratou de Tropa, sabemos nós; se tratou de Refugiados pobres, ainda o ha de mostrar por diários, que possam verificar-se, pois não basta fallar nos seus *apontamentos*. Nós, quaesquer que fossem os motivos, tratámos muitos doentes d'esta classe, e d'ahi tirámos o fundamento da nossa opinião a qual agora comprovamos com o voto de muitos outros Medicos, que observáram a epidemia.

§. XVIII. Em hum papel feito pelos Medicos do Hospital Real de S. José, e destinado para servir de resposta a hum §. das pag. 544 e 545 do Investigador Portuguez, lê-se o seguinte: "*Além d'isto devem os Senhores Investigadores saber, que a epidemia, que ao principio grassou mais, e que no Hospital Real de S. José levou mais gente á sepultura, foi aquella mesma molestia, que tem diminuido tanto o numero dos Soldados dos Exercitos, e que tantos estragos por tantas vezes tem causado nos Cantões da Suissa, sendo em 1766 tão grande, que, diz Zimmerman, fizera da sua Patria hum vasto tumulo; isto he, a dysenteria, que passando algum tempo affecta destruindo os órgãos da vida vegetativa, reduzindo os doentes ao ultimo emagrecimento; estado em que a maior parte apparecia no Hospital Real de S. José, e a que ião já muito tarde os soccorros.*". Esta resposta tem a data de 12 de Dezembro de 1811; e tinha sido, segundo me informáram, remettida para se publicar em hum Periodico: nós tivemos occasião de a lêr, e de tirar d'ella hum pequeno extracto, quando pedimos informações sobre a epidemia para melhor ajuizarmos da sua generalidade, e character, e assim com maior segurança analysarmos a Memoria sobre a febre epidemica contagiosa. Se o A. tivesse feito outro tanto, ao menos quando escreveu estas suas Observações, não avançaria proposições, que não prova, nem poderá provar.

§. XIX. A mesma opinião se acha claramente expressa no seguinte §. copiado da resposta, que em virtude das Ordens da Intendencia dêrão os Medicos do Bairro da Mouraria ao Ministro competente. "*A dysenteria existe em Lisboa desde o meado do outomno; atacou hum consideravel numero de pessoas, e quasi particularmente Refugiados e Tropa. Esta molestia já no fim do verão e principio do outomno reinava nas Provincias entre esta classe de pessoas, entretanto que os Habitantes de Lisboa estavam izentos,*

não apparecendo semelhante molestia senão em Hospitaes Militares, cujos doentes chegavão dos diversos acampamentos. A natureza d'esta molestia era grave não tanto pela intensidade dos seus symptomas, como pela sua diuturnidade, e rebeldia aos diversos e variados tratamentos, que fôrão postos em prática em Lisboa, e nas Províncias, e foi esta a razão, porque causou huma tão grande mortandade. „ Esta resposta foi dada a 18 de Março de 1811.

§. XX. Pelo que pertence aos Hospitaes Militares, veja-se o Documento N.º I., por onde consta o grande numero dos mortos de dysenterias e diarrheas só no Hospital Militar de S. Vicente.

§. XXI. Dos Hospitaes Militares Inglezes não temos tanta noticia; porém estamos bem lembrados de que o Doutor Fergusson, Inspector dos Hospitaes Militares Portuguezes, nas suas visitas de Inspecção ao de S. Vicente, mais de huma vez nos perguntou com cuidado, se havia muitas dysenterias, e nos disse que não só nos Hospitaes Portuguezes, mas tambem nos Inglezes era a molestia, que se tinha feito mais temível, chegando mesmo a communicar-nos alguns dos remedios, que nos Hospitaes Inglezes se tinham tentado (porém não nos fallou em sangrias).

§. XXII. Além d'isto como os Refugiados pobres e Tropa, em quem grassava, e se fazia mais funesta a dysenteria, cedo ou tarde se recolhião aos Hospitaes, os Medicos d'estes são os que melhor podem julgar sobre o verdadeiro character e extensão da epidemia; e porisso dissemos (§. XIV.) que os apontamentos do A., e de alguns outros Medicos, não erão sufficientes documentos, ainda quando elle os apresentasse para apoiar a sua opinião.

§. XXIII. Pensámos que hum calculo approximado do numero dos mortos de dysenteria seria bastante para se fazer juizo da epidemia; e porisso na pag. 149 do J. de C. nos contentámos com as idéas, que conservavamos na lembrança, e não quizemos então ter e dar o trabalho de fazer passar certidões tiradas dos Livros do Hospital, os quaes estão na Contadoria Fiscal, e não em poder do Primeiro Medico; he por isso que este não pôde ser arguido de não saber exactamente o numero dos mortos de cada molestia, até mesmo porque não trata de todos os doentes do Hospital: basta que na occasião percisa appareção Livros e documentos, onde se possa com exactidão examinar a verdade.

§. XXIV. Veja-se agora a leveza e superficialidade, com que o A. avança e sustenta as suas proposições; veja-se quanto estava alucinado, quando se julgava *bem seguro*; veja-se a falsidade com que nos pertendia detrahir; e conclua-se já d'aqui o espirito, e bons fundamentos, com que o A. escreveu estas Observações. Se agora podémos apresentar documentos tão claros e legaes, nem sempre isso estará ao nosso alcance. Será portanto sempre fraco e rasteiro o argumento, que, fundado na requisição de documentos difficeis de alcançar, se produza contra o Escriptor.

Resposta 2.^a

§. XXV. Na Observ. 2.^a continua o A. "*tão pouco devo eu ser taxado de inexacto por não haver fallado da dysenteria, como por não ter mencionado as outras molestias, que apparecêrão durante a epidemia, vistas as razões, que para esse fim allega o meu C., e attenta a minha Observação antecedente.*" Parece portanto não acreditar ainda muito a necessidade de ter mencionado a dysenteria, 1.^o porque as nossas razões não são bastantes para provar a frequencia e perigo d'esta molestia; 2.^o porque continúa a persuadir-se de que a dysenteria não foi frequente e funesta na epocha de que trata a sua Memoria.

§. XXVI. A esta 2.^a parte já respondemos nos §. 17, e seguintes. Pelo que pertence á 1.^a tendo nós dito na Analyse que a dysenteria existira e fôra tão funesta na epocha marcada pelo A., e ainda seriam necessárias mais razões para mostrarmos que elle deveria tratar d'aquella molestia, se he que pertendia dar humá descripção exacta da epidemia? Não apresentámos então documentos; julgámos ser bastante a nossa fé; porém agora veja o A. os documentos citados nos §. 18, 19, e 20, e nelles achará o desengano do seu erro; erro tão crasso que o A. agora talvez mais bem informado conhece e confessa a sua falta; porém quer ceder ás suas razões, e não ás alheias: he por isso que continúa expondo os verdadeiros motivos, porque devia tratar da dysenteria.

§. XXVII. Os verdadeiros motivos, diz o A., são: "*o ter ella grassado antes da febre, haver como que cedido o campo a esta, e pedir o mesmo tratamento; do que infiro que a natureza ou indole de ambas era a mesma.*" e somos arguidos de terem escapado á nossa agudeza estas razões. Nem era necessaria grande agudeza para conhecer cousas tão palpaveis; nem de certo nos escaparão. Parece que o A. respondeo á nossa Analyse sem lhe prestar attenção, aliás acharia n'ella muitas passagens, onde claramente mostrámos estar persuadidos da grande relação, que a febre tinha com a dysenteria. Na pag. 64 dissemos "*a dysenteria, que na sua invasão tinha communmente hum caracter bilioso...*" na pag. 144 está "*esta affecção (fallando da febre) do systema gastrico, que formava o caracter geral da epidemia, prova-se até pela natureza biliosa das dysenterias e diarrheas, que fazião parte da epidemia...*" e confirmámos o nosso juízo com a opinião de Sydenham "*febres subinde intercurrere aut subsequi...*" etc. Logo o A. injustamente nos argue de humá falta, que não tivemos, e dá provas de que não entendeu a nossa Analyse, aliás

acharia n'ella os *verdadeiros motivos*, que agora nos quer dar como novidade.

*Os criticos eu vi que alheios nomes,
Por dar lugar ao seu, riscavão promptos
Cujo nome... etc.*

(Epig. do A.)

§. XXVIII. Foi portanto, e lie ainda da nossa opinião que a dysenteria e febre tinham grande relação entre si; que dependêrão das mesmas causas geraes; que, tendo na sua origem o mesmo character, isto he, *bilioso*, só diversificavão na fórma (phenomeno que occorre em muitas epidemias); e que por consequencia o tratamento devia ser em geral o mesmo.

§. XXIX. Persuadido pois o A. d'estes principios, avança (n'esta mesma Observ.) que as evacuações sanguineas erão o tratamento apropriado áquellas dysenterias; para o que dá tres provas.

§. XXX. A 1.^a he a utilidade das sangrias na febre epidemica. Esta não pôde satisfazer-nos por ser huma proposição, que não admittimos, e que faz ainda objecto de questão.

§. XXXI. A 2.^a he a authoridade de Mr. J. M. Leod, Cirurgião Inglez, que tratou doentes d'esta epidemia. Ao que respondemos que não ousamos atacar a probidade e conhecimentos de Mr. Leod; mas, em opposição a esta testemunha ocular da epidemia, allegamos a dos Medicos do Hospital Real de S. José, e a dos Medicos dos Hospitaes Militares, huma grande parte dos quaes temos consultado, sendo todos conformes em que os brandos laxantes e bebidas acidulas fôrão os remedios, de que se tirou mais partido na cura d'estas molestias: porém a pezar d'isso, e de observarem o decisivo mal, que os tonicos v. g. Calumba, Simarouba, etc. fazião a estas dysenterias e diarrehas mesmo no estado chronico, nunca acháráo doentes, em que conhecessem a necessidade de sangrias, e por isso nunca as prescreverão. Aqui tem lugar o que notámos no fim do §. XXI. Além d'isto na epidemia de dysenterias, que grassou no Exercito do Gen. Junot, as quaes tinham hum character mui semelhante ás de que tratámos, tivemos por Collega no Hospital do Beato Antonio hum Professor de conhecido merecimento, e grande genio observador, trabalhámos de acôrdo, conferimos repetidas vezes, dissecámos muitos cadaveres, e a pezar de toda a nossa attenção e exames, nunca julgámos conveniente a sangria. Taes erão as circumstancias, em que se nos apresentavão os dysentericos! Não admitta embora o A. a nossa authoridade, porém estamos certos de que reconhece, e respeita a do Collega citado.

§. XXII. A 3.^a prova do A. consiste na citação de varios Prá-

ticos, que aconselham as evacuações sanguíneas na dysenteria. ? Declara porém o A. as circumstancias, em que elles as recomendam? ? Mostra as especies, de que tratão quando em tal fallão, ou mesmo nota essa falta de exactidão, se os Authores a tiverão? ? Ignora elle que em Medicina se dá o mesmo nome generico a muitas molestias, cujas especies tem huma natureza até opposta, e que por isso exigem tratamentos tambem oppostos? ? Ha Medico algum, que duvide de que nos escriptos de Medicina se encontrão ás vezes contradicções entre os Authores, ou fosse por se illudirem com as suas theorias, ou por observarem mal os factos, ou porque os referem com pouca clareza? Se nós quizessemos proceder tão vagamente nas citações, poderíamos multiplicar as nossas: querendo porém proceder com mais clareza e methodo; e mesmo conciliar a contradicção dos Escriptores com a sua prohibidade; mencionaremos as especies, que ha, de dysenterias, e mostraremos a grande diversidade do seu character, e os oppostos tratamentos, que lhes convêm.

§. XXXIII. Para este fim servir-nos-hemos das ideias de Zimmerman, a quem a Medicina he devedora de optimas regras sobre a *Arte de observar*, e do seu *Tratado sobre a dysenteria*. Obra mestra n'este genero, e que o A. não devia desprezar. Aquelle grande Prático fallando da opinião de Sydenham, que julgava ser a dysenteria huma febre, que se lançava sobre os intestinos, diz (a pesar de lhe não agradar esta expressão): = *Je suis même persuadé que l'on doit traiter ces maladies, tantot comme des fièvres inflammatoires, tantot comme des fièvres bilieuses ou putrides, tantot comme une fièvre compliquée d'inflammation et de putridité, tantot comme une fièvre maligne, et quelque fois enfin comme une fièvre bilieuse, accompagnée seulement de symptomes de malignité.* = (Zimm. sobre a dysenteria, traducção Franceza de 1787, pag. 218.)

§. XXXIV. O mesmo Zimm., quando positivamente apresenta a sua classificação das dysenterias essenciaes, diz; = *La premiere espèce ordinaire est celle qu'accompagne une fièvre inflammatoire; la seconde, celle qu'accompagne une fièvre bilieuse ou putride; c'est la plus commune; la troisieme, celle qu'accompagne une fièvre maligne; la quatrieme, si l'on veut, celle qui tire en longueur.* = (pag. 244 Obra cit.)

§. XXXV. Supposta esta classificação, he facil de conciliar a diversidade das opiniões sobre o tratamento das dysenterias. Ninguém duvidará de que a sangria setá conveniente na 1.^a especie, isto he, na inflammatoria: porém não haverá quem se atreva a aconselhalla nas outras tres. Os Escriptores pouco exactos em fazer estas distincções dirão vagamente que a sangria convem na dysenteria, porque algumas vezes lhe tem aproveitado; mas sem especificar os casos em que.

§. XXXVI. Resta agora saber a que especie pertencia a dysenteria, de que tratamos. O A. dirá talvez que era a 1.^a especie (inflammatoria): porque tambem a febre epidemica, segundo a sua opinião, participava do mesmo character. Porém já dissemos (§. 30.) que esta prova carecia ainda de demonstração: por tanto o A. tem de recorrer aos diarios dos seus doentes dysentericos d'aquella época, e á authoridade dos outros Facultativos para poder authenticar esta asserção. Dos seus Diarios ou apontamentos não pôde colher provas, porque já disse (Observ. 1.^a) que, segundo elles a dysenteria não fôra *tão universal*, signal de que tratou muito poucas, e por tanto não pôde julgar da generalidade da epidemia. Na authoridade dos outros Medicos menos recurso achará, porque, conforme já dissemos (§. 31.), nos Hospitaes Militares, e no de S. José, nunca se encontrou a dysenteria e os dysentericos em circumstancias de lembrarem o uso das sangrias; e são os Facultativos d'estes Estabelecimentos os que pelos muitos doentes, de que tratarão, podem decidir sobre o character geral da epidemia.

§. XXXVII. Além d'isto, mostrando o A. (Observ. 9 e 10.) que não se oppõe á classificação, que fizemos da febre epidemica chamando-lhe *biliosa*, e estando nós conformes em que a dysenteria e a febre tinham o mesmo character geral, segue-se que a dysenteria era a da especie 2.^a (*biliosa*). Decida portanto Zimmerman sobre o tratamento, que convém a esta dysenteria.

§. XXXVIII. Diz este grande Práctico: = *Dans toutes les attaques sérieuses, je considerai la dysenterie de 1765 comme une fièvre bilieuse ou putride; et je me serai extrêmement abusé, si je n'y avais vu que de l'inflammation, et qu'on lica d'administrer un vomitif et des purgatifs, j'eusse pensé à faire ouvrir la veine.* = (pag. 219 Obra cit.) Aqui se vê que este grande observador nem ao menos se atrevia a pensar em sangrias.

§. XXXIX. Porém objectar-se-nos-lia que sendo tão conhecida a especie da dysenteria epidemica, sendo ordinariamente de tão facil cura a febre, que com ella tinha tanto parentesco, e portanto devendo saber-se o genero de tratamento, que lhe convinha, e porque razão morrerão nos Hospitaes tantos doentes dysentericos? Nós já respondemos (pag. 64 do Vol. II. do J. de C.) dizendo que a dysenteria no principio era facilmente curada, e declaramos que a antiguidade d'esta molestia, quando chegava aos Hospitaes, era a causa da sua rebeldia, e fatalidade. Consultem-se os Medicos dos Hospitaes referidos, e achar-se-ha que todos lamentavão esta triste circumstancia, tão ordinaria, que pôde dizer-se que a maior parte das dysenterias, que se apresentarão nos Hospitaes, pertencião á 4.^a especie de Zimm. (Chronica) (§. 18.). Sendo tal a molestia, e não estando já no seu primitivo, e pôde dizer-se benigno, estado *bilioso*, fica salva a reputação dos Facultativos, que a não poderão curar.

§. XL. Todos os tratados da dysenteria fallão do quanto he funesta esta especie (1). Diz Zimm. (tratando da dysenteria de Long cours) citando a authoridade de Monro, de Clegghorn, e dos Cirurgiões Inglezes, que acompanharão os Exercitos á America: = *Si l'on appelle un Medecin trop tard, si le malade est negligé ou mal traité, qu'il ait outre cela le pouls lent et faible à cause de l'épuisement de ses humeurs il est certainement alors dans un grand danger; et suivant l'avis des plus habiles Medecins, il n'y a rien à administrer, que ce que l'on a costume d'essayer dans l'état purulent des intestins; ... Le plus sage parti c'est d'abandonner le reste au forces encore subsistentes de la nature que lors qu'elles (les dysenteries) avaient duré quelques semaines, elles avaient résisté à toutes les tentatives de l'art, et qu'il étoit mort un grand nombre de malades.* = (pag. 364 e seg. Obra cit.) Poderá ainda admirar-se o A. de não se ter feito uso das sangrias, sendo as dysenterias taes, quaes as temos classificado?

§. XLI. Eis aqui provados os fundamentos do nosso axioma medico, assim como mostrámos na Resp. 1.^a os do axioma historico. Eis-aqui o que era indispensavel que soubesse, quem se propõe a descrever huma epidemia. Eis-aqui o que o A. não sabia.

(1) Depois de estar feita esta nossa resposta recebemos de hum nosso amigo e habil Medico huma carta, onde se lê o seguinte: "He verdade que tratei muitos Soldados camarentos n'este Hospital da Figueira, huns com verdadeira dysenteria, e outros com diarrhea chronica, que tratei por mui diversas maneiras, até presumindo que erão filhas de sarnas mal curadas, o que varias vezes se verificou por desaparecer a diarrhea tornando a apparecer a sarna: o mesmo me acontceo tambem algumas vezes n'esse Hospital de S. Vicente. Mas a maior parte das vezes resistirão a todos os methodos curativos, principalmente se já tinha a molestia alguns dias de data. Ultimamente convenci-me que a molestia era a maior parte das vezes catarrhosa por ceder logo de principio ao tratamento antiphlogistico, como era a limonada de tamarindos, e depois algum leve sudorifico e banhos quentes. Este ultimo methodo foi o que mais me aproveitou tanto n'este Hospital da Figueira como no de S. Vicente: mas se o punha em pratica depois de certo tempo já não aproveitava assim como nem outro algum. Eu tentei, como sabe, a infusão de calamba já simples, já opiada, tentei os pós de greda tanto simples como compostos, tentei a rogo do Dr. S. F. a infusão de raíz d'arnica simples e maritada com leite, tentei o opio já em doses pequenas, já em doses altas; mas tudo era baldado. Todas as vezes que os enfermos se me apresentavão com a lingua muito rubra e lisa á maneira da cor e lisura dos beiços, era certa a incurabilidade da molestia.

Eis-aqui finalmente, porque devem causar toda a duvida os factos particulares, em que se funda a doutrina da Mem. sobre a febre epidemica contagiosa, pois o seu A. ignorava da epidemia até os factos mais geraes, até os axiomas.

*Os criticos eu vi que alheios nomes,
Por dar lugar ao seu, riscavão promptos,
Cujo nome... etc.*

(Epigrafe do A.)

§. XLII. Concluo a final dizendo que a prática das sangrias na *dysenteria* não he nova, porém seria muito novo aconselhallas em todas as especies d'esta molestia, ainda que appareção certos symptomas essenciaes á *dysenteria*, que denotão hum estado de flogose da membrana interna dos intestinos, huma vez que não compareção os symptomas de huma febre inflammatoria, o que em geral não se deo na epidemia em questão.

Resposta 3.^a

§. XLIII. Na Observ. 3.^a diz o A. "*A 3.^a Reflexão nasce de certa falta de intelligencia do meu C., porque não se segue do que eu expozera na Advertencia e no Art. 10. Secç. 1.^a da minha Memoria, que eu attribua só á febre epidemica toda a mortandade, que houve no periodo por mim determinado....*", Respondemos: Esta 3.^a Observação nasce de certa falta de vista do A. porque não está escripto na pag. 64 do Vol. II. do J. de C. = *que o A. attribuíra exclusivamente á febre toda a mortandade* = mas sim = *que elle attribue exclusivamente á febre a grande mortandade....* = o que muda muito o sentido. Que das expressões do A. 1.^a "*huma doença... que foi sem dúvida mais destruidora para os Portuguezes e Ingлезes... etc.*", (Advertencia), 2.^a "*Daqui nasceo a grande mortandade, que houve n'esta Capital... etc.*", (Art. 10. Secç. 1.^a), se segue aquella nossa proposição, ninguém o duvidará, e o A. mesmo o confessa no resto da Observ. He por tanto d'aquellas duas passagens, e não da citada pelo A. "*as mortes, que houve n'esse periodo... etc.*", que nós deduzimos a nossa critica. Logo esta Observação era bem escusada, se o A., quando transcreveo a nossa Refl. 3.^a, não trocasse grande por toda.

Resposta 4.^a

§. XLIV. Assevéra o A. (Observ. 4.^a) que não déra a enten-

der que os Medicos dos Hospitaes Militares, e do Civil de Lisboa não tinham feito observações regulares sobre a febre epid. Vejamos. "N'estes termos (diz elle na Advert. da Mem.) eu esperava que alguns Medicos... se determinassem a fazer observações regulares... e que depois ordenando essas observações...". Não he isto dizer que os Medicos não só não tinham feito as observações, mas até que nem a isso se tinham determinado?

Resposta 5.^a

§. XLV. Na Observ. 5.^a nota-se o nosso engano, quando dissemos que todos os Facultativos de Lisboa forão convocados a casa dos Ministros dos Bairros. Tem o A. razão; não forão alguns. Porém, como o A. convém em que todos derão por escripto o seu voto sobre o estado da epidemia, isso he o que interessa para o nosso caso.

Resposta 6.^a

§. XLVI. Começa o A. a Observ. 6.^a queixando-se amargamente de que o compromettessemos com o Governo, quando dissemos que as suas palavras "*sem se ordenarem ou adoptarem* (nos Hospitaes Militares) *todos os meios adequados e capaes de atalhar a communicação do contagio... etc.*", involvião todas as Authoridades desde o Governo até aos Medicos Directores: desculpa-se para com o Governo, a quem protesta o mais reverente e devido respeito: e por ultimo declara de positivo que era directamente contra os *que governavão* os Hospitaes Militares que se dirigia a sua critica: quer talvez dizer, contra o Delegado do Physico Mór, contra o Contador Fiscal, e contra os Medicos Directores (1).

(1) Se o A. tivesse lido o Alvará de 27 de Março de 1805, e o Tit. 2.^o Secç. 2.^a do Regulamento saberia então quem governa os Hospitaes Militares; acharia mais hum fundamento para confirmar a justiça da interpretação, que na Analyse demos ás palavras "*ordenarem e adoptarem*"; e desde logo se arrependeria da precipitação e desacordo, com que vomitou injurias sem saber contra quem. Por tanto (para fazermos justiça ao respeito que elle professa ao Governo da sua Patria) conheça-se a perfeita ignorancia, em que o A. está a respeito do que se pratica nos Hospitaes Militares, do como são regulados, administrados, vigiados, etc.: e veja-se em huma palavra a leveza, com que elle se propõe a detrahir estes Estabelecimentos.

§. XLVII. Aqui tinha lugar huma igual e amarga queixa de todos estes individuos contra hum homem, que, sem ter entrado mais do que huma só vez, e em hum só Hospital; e sem ter mais informações do que as que poderião dar-lhe hum ou outro Enfermeiro ou Mosso, de que trataria fóra do Hospital, se atreveo a desacreditallos em hum escripto público, larguindo-os de faltas tão essenciaes, e sobre negocios de tanta ponderação, como he a saúde da tropa! Por tanto, logo que se mostre (como de facto mostrámos na Analyse, e agora pag. 43 nota) que ás palavras = *ordenarem ou adoptarem* = se pôde dar a interpretação, que lhe damos; e tambem se prove a manifesta falsidade das imputações, que no Art. 3.^o da Secç. 1.^a da Mem. se fizerão aos Encarregados da Administração dos Hospitaes Militares (como agora vamos mostrar por Documentos); e quem terá incorrido mais no crime de calumnia, nós ou o A.? e Quem seria o primeiro aggressor, nós, que analysámos; ou o A., que soltando na sua Mem. calumnias contra os Administradores dos Hospitaes deo materia para a nossa analyse e censura? A' vista das provas e documentos, que a este respeito apresentámos, e quem ficará *soffrendo* mais estragos em seu nome, nós ou o A.?

§. XLVIII. Porém risque-se da lembrança toda a idéa de malícia, a que o A. attribuiu a nossa interpretação. Não tentámos, nem ao menos pensámos, em o querer comprometter com o Governo: estamos persuadidos do seu respeito ás Authoridades, e fidelidade ao Throno: era o nosso fim tão sómente advertillo de que deveria ser mais circunspecto na sua critica, pois ella, segundo as suas palavras, podia chegar mais longe, e aonde não se pertendião dirigir os seus tiros satyricos.

§. XLIX. Continúa o A. esta Observ. 6.^a repetindo e affirmando, quanto no Art. 3.^o da Secç. 1.^a tinha dito contra os Hospitaes Militares, e produzindo de novo mais hum facto: porém d'esta vez tudo he dirigido contra o Hospital de S. Vicente. Esta desagradavel e injuriosa descripção, diz o A., que he em *contraposição á lisongeira pintura*, que nós fizemos d'aquelles Estabelecimentos. Com effeito as intenções são mui louvaveis! Emprega a sua penna em objectos, que dão muita honra a elle e á sua Nação! e Se taes defeitos ou crimes tivessem existido, o Público era a Authoridade competente para os castigar e cohibir? Porém deixando estas ponderações, examinemos primeiro as provas, e fundamentos com que o A. mostra a verdade do que refere: sendo os factos de tanta entidade, e consequencia, não deverão ser asseverados ao Público senão authenticados com fortissima razão. Pois saiba-se que todas as provas são: huma unica e brevissima visita, que o A. fez até ao claustro ou entrada do Hospital de S. Vicente; as informações que pôde haver de algum Enfermeiro, ou Mosso, de que tratou; e as que lhe derão os Religio-

sos do mesmo Mosteiro, os quaes sabião disso tanto a fundo, que mui poucos, e rarissimas vezes, entráão no Hospital, e nunca passarão da 2.^a Enfermaria, que tñhã de atravessar para irem á casa da Escripção, á Botica, ou a huma outra casa, que conservavão dentro do Hospital! Ora estas ultimas testemunhas, ainda que em si respeitaveis, se chegarão (o que duvidamos) a avançar alguma das proposições do A., procedêrão sem conhecimento do caso, pois nem observarão, nem tem voto sobre arranjos de Hospitaes. A respeito das outras testemunhas, ¿que quer o A. que lhe digamos?

§. L. Vamos porém aos factos. Diz o A. que "*estiverão pelos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro (no dito claustro) os doentes expostos aos rigores do frio e humidade... não estavam separados os doentes da febre epid... não se praticavão ainda as fumigações desinfectantes... não estavam as camas em distancia competente... os remedios e alimentos não erão applicados com a devida regularidade*," e por ultimo remata contando que hum Furriel de Cavallaria o fôra consultar a casa, queixando-se de que o seu Medico no Hospital lhe não tomava o pulso havia cinco dias; e que lhe perguntava apenas, e de passagem, como estava. Ora considerando-se a natureza d'estes factos; combinando-se com as providencias, e attenção, que o Governo, particularmente n'aquella epocha, prestou aos Hospitaes, e com as frequentes inspecções, que se lhes fazião (como dissemos na Analyse Num. VII. do J. de C.); e ultimamente avaliando bem a qualidade de testemunhas, que o A. escolheo, e produz, para o informarem sobre factos d'aquella classe; isto só basta para ficar conhecida a falsidade d'aquellas asserções.

§. LI. Porém não fique huma só pessoa em dúvida; e passemos a contrariar com documentos tudo quanto o A. tem avançado sobre este objecto. Diz elle que "*estiverão pelos mezes de Outubro, Novembro, e Dezembro (no dito claustro) os doentes expostos aos rigores do frio e humidade*," Dizem os Medicos do dito Hospital (Documento N. 2) que nem o claustro he muito humido, nem muito frio, por isso que está reparado com vidraças; nem tão pouco faltarão aos enfermos os cobertores sufficientes para os abrigar do frio, que em tal estação devia haver: e além da autoridade e fé, que merecem estas testemunhas, o Docum. N. 3, confrontado com o N. 4 mostram quantos cobertores havia, qual era o numero medio das praças existentes, e que por tanto aquelles erão sufficientes para estas.

§. LII. Diz mais o A. "*que não estavam separados os doentes da febre epidemica*," Ora veja a miudeza com que no Docum. N. 2 se descreve a distribuição das molestias pelas Enfermarias, e conheça quanto a sua proposição he contraria á verdade.

§. LIII. Continúa o A. "*não se praticavão ainda (nos mezes*

de Outubro, Novembro, e Dezembro) *as fumigações desinfectantes.* „ Continuámos nós a provar-lhe o contrario com os Documentos N. 2 e 3. Chega até a causar dó a leveza, com que o A. affirma que ainda se não praticavão fumigações em Outubro, etc. quando pelos Livros do Receituário se vê que já em quatro de Setembro se pedião fumigações, e até quaes foram os Medicos, que as pedirão! Pois nem esses Enfermeiros e Mossos, com quem o A. se informou, lhe contarião hum facto, que era practido por elles mesmos? Muito infeliz foi o A. nas informações que tirou! Parece que de proposito estavam todos apostados para o comprometter com o Público, a quem enganou.

§. LIV. Diz mais o A. *“não estavam as camas em distancia competente.”* Qual será a *distancia competente* para o A.? Não sabemos: porém sabemos perfeitamente a grande *distancia*, em que elle está da verdade, e o provámos pelo Docum. N. 2 em que os Medicos do Hospital o contradizem, e decláram que o intervalo das camas era segundo o Regulamento (quatro pés) e pelo Docum. N. 4, em que se mostra o numero de praças, que ordinariamente existião no Hospital. Se o A. nas horas vagas tomar o trabalho de medir o local da casa, e dividir os pés de extensão pelo dito numero de doentes, senão errar o cálculo, achará que a cada enfermo competia hum sufficiente espaço. Para desengano do A. a respeito d'esta, e das outras proposições, lembramos-lhe novamente a frequencia e escrupulo, com que se fazião as Inspecções aos Hospitais, e á vista disso veja se seria possível que n'elles reinasse a má ordem, que lhes imputa.

§. LV. Vai o A. continuando *“os remedios, e alimentos não erão applicados com a devida regularidade.”* E nós respondemos = esta proposição he tão falsa como todas as outras = ha porém, a este respeito, entre nós e o A. esta differença, que nós attesmos a nossa resposta com os Documentos N. 2 e 4, por onde se mostra a regularidade do Serviço, tanto a respeito de alimentos, como de remedios; e o A. não prova nada do que diz. A differença he mui pequena!

§. LVI. Remata o A. o seu libello com o supposto facto do Furriel de Cavallaria, e com effeito não podia lembrar-se de huma falsidade mais clara para rematar melhor todas as outras, que referio. Diz o A. que o dito Furriel no mez de Janeiro de 1811 sahira do dito Hospital de S. Vicente com licença (se o Furriel tal dissesse mentia, porque nunca démos licença nem a Officiaes Superiores), e que fôra consultar o A. queixando-se de que o seu Medico no Hospital o tractava com desprezo, de que lhe não tomava o pulso havia cinco dias, etc. em huma palavra o A. faz huma viva pintura do máo comportamento do Medico assistente, das tristes circumstancias do Furriel, e dos grandes Serviços que elle tinha feito á Patria já em dous combates. Este facto pó-

de ser analysado e contrariado por muitos modos, e dá lugar a diversas reflexões; porém não temos soffrimento para dar huma só palavra mais sem desde já declararmos que todo aquelle aranzel he falsissimo desde a sua origem, porque no mez de Janeiro de 1811 nem hum só Furriel de Cavallaria existio no Hospital de S. Vicente como mostra o Docum. N. 7. Além disto a molestia que o A. descreve he pertencente a Medicina, e de natureza tal que nunca, ou só em muito tempo se podia curar: com molestia de Medicina só hum Furriel de Cavall. entrou no Hospital, porém foi em 2 de Março, e sahio curado em 15 de Maio tudo de 1811: este Furriel foi José Maria Prégio.

§. LVII. Ora custa a crêr que haja hum homem, e mais ainda hum Escriptor, que falte á verdade tão desmascaradamente sem lhe fazer o mais pequeno pêso a lembrança de que as suas imputações poderão ser evidentemente desmentidas perante o Público! Muito mais custa a crêr que haja hum homem, que, talvez só para sustentar o seu vão capricho, ouse manchar falsamente a reputação de seus collegas, de todos os Medicos de hum Hospital, pois não declara qual era o assistente do Furriel!!!

§. LVIII. Por outro lado; ponderem-se as terriveis consequencias que se podem seguir da leviandade de quem faz públicos factos de tal natureza ainda quando fossem verdadeiros. A Nação justamente se indignaria contra quem publica falsidades, que se fossem acreditadas, causarião nada menos que hum desalento geral ao Exercito, e hum bem fundado receio aos Pais, que, tendo constancia para vêr expirar seus filhos na frente do inimigo, tremerião de horror, e chorarião sem conforto, ao vèllos sacrificados, innocentes victimas, não do barbaro furor do inimigo, mas sim da ignorancia, desprezo, e da ímpia e cruel ingratidão dos seus mesmos Compatriotas. Qual seria o Soldado que de bom grado se arrojará ao perigo em defeza dos seus Concidadãos, sabendo que estes fazião tão pouco apreço da sua vida, principalmente quando a caridade, e gratidão o tornavão credor do maior disvello, e da mais cuidadosa assistencia? Tal he o funesto quadro, que se apresenta a nossos olhos, lendo tão impoliticas, como falsas, publicações! Seria hum crime assás grande o desprezar a saude de hum Soldado; porém não he menor, e poderá ter consequencias peiores e mais extensas, o crime de quem publica factos de semelhante natureza.

Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.

Hor. Art. Poet.

§. LIX. Está provada a falsidade do facto. Mas supponhamos,

por hum instante, que elle he verdadeiro; analysémollo medicamente. Pela descripção, que o A. faz da molestia do Furriel, vê-se que era huma thísica: he o Medico assistente arguido de não inquirir miudamente o doente todos os dias; de lhe não tomar o pulso todos os dias; de lhe perguntar apenas como está, e de passar adiante sem lhe receitar. Perguntaremos. ¿O A. visitará todos os dias os seus doentes thísicos? ¿Haverá Author algum Medico, que aconselhe mudar todos os dias, ou mui frequentemente o tratamento em huma thísica, ou em outra qualquer molestia chronica? ¿Haverá motivo para todos os dias fazer muitas perguntas a hum thísico, logo que se chegou a conhecer perfeitamente esta molestia? Estas cousas são do alcance até de quem não he Medico: porém o A. para figurar o caso mais feio a quem não sabe Medicina, referio os symptomas, mas não declarou que a molestia era huma thísica. Se o declarasse, todo o Mundo conheceria que tal doença, ainda que grave, pelo seu caracter chronico, e natural rebeldia aos meios conhecidos, não exige que o Medico lhe applique frequentemente remedios diversos.

Resposta 7.^a

§. LX. A observação 7.^a he dividida em tres partes. Na 1.^a teima o A. em que *as paixões deprimentes forão a causa, que mais influia na indole da febre epidemica*: isto quer dizer que estas erão a causa mais geral, e a principal da febre. O A. porém não produz mais provas do que as ditas na sua Memoria.

§. LXI. Nunca duvidámos de que pelos motivos sabidos as paixões deprimentes se apossassem do animo de muitos Portuguezes; menos ainda de que semelhantes paixões, que naturalmente serião fortissimas em alguns individuos, influissem sobre o estado da sua saude: nós o confessámos no § ultimo da pag. 75 Vol. 2.^o do J. de C.: porém, que fossem estas a causa principal da epidemia, he o que impugnámos, e ainda agora não admittimos.

§. LXII. O A. conveio já (§. 27 e 28) em que a dysenteria fez parte da epidemia, tinha a mesma natureza da febre, e exigia o mesmo tratamento: deve saber que são muito frequentes nos Exercitos as dysenterias (principalmente as *biliosas*): logo ¿poderá elle provar que em todos estes reina o susto, o terror, e o medo? Semelhantes paixões até são incompativeis com as proezas e victorias, que d'elles nos referem os Historiadores. Logo ¿porque fatalidade seria o nosso Exercito o talvez unico, em que a dysenteria procedesse das paixões deprimentes, e o unico, em que as causas communs a todos os Exercitos, isto he, a exposição aos rigores da estação, as irregularidades no regimen, etc. não fossem

os principaes motivos da mesma dysenteria, como dissemos na pag. 75 §. 2.º Vol. 2.º do J. de C.?

§. LXIII. Além d'isto já antes de começar a emigração, já antes da Batalha do Bussaco (épocha, que o A. assignala), existia a epidemia. O Professor João da Silva Soares e Menezes chegou a Lisboa, quando forão evacuadas as Províncias da Beira e Estremadura, e, durante alguns mezes que servio no Hospital Militar da Figueira (Hospital, que foi evacuado logo depois da Batalha do Bussaco), tratou muitas dysenterias. Não só este Medico, mas todos os outros, que nesse tempo se refugiáram em Lisboa, e que vinhão de Hospitaes Militares, confessáram que a dysenteria era frequentissima nos seus Hospitaes. A esse tempo já nós tínhamos tratado muitos dysentericos, que dos Hospitaes das Províncias, e mesmo do Exercito vierão para os de Lisboa. Toda esta parte da historia da epidemia annunciámos nós no principio da pag. 64 Vol. 2.º do J. de C. Pela Carta, que o Professor Valentim Sedano Bento de Mello teve a bondade de nos dirigir, e que publicámos na pag. 398 Vol. 2.º do J. de C., se vê que já antes dos fins de Setembro de 1810 grassavão as febres gastricas, diarrhéas, e dysenterias na Praça de Peniche, e grassavão em número tal, que não erão bastantes os Facultativos da Praça: observem-se além d'isto as causas, a que na mesma Carta se attribuem estas molestias; a facilidade, com que estas diminuirão, quando aquellas se evitáram do modo possivel; e, apesar de se fazer menção também de causas moraes, as providencias, que se derão, tendião sómente a evitar as causas physicas, pois que consistião em melhorar o alimento, o vistorio, etc. Tudo isto pois existia já antes da Batalha do Bussaco. Por tanto perguntaremos nós, ¿já então estava espalhado por todo o Exercito e Povo o susto, o terror, e o abatimento de espirito pela perda dos Bens, Parentes, e Amigos?

§. LXIV. O A. confessa (Advertencia da Mem.) que as raivas da epidemia forão muito funestas também ao Exercito Britanico. ¿Os Soldados Inglezes estarião também aterrados com a perda dos Bens, Parentes, e Amigos? (1) Fazemos justiça á sensibilidade das almas bem formadas: porém Soldados tirados da classe menos instruida do Povo, sentem o mal segundo a relação, que tem immediatamente com elles: além de que espalhando-se então voz de que o Exercito Inglez se retirava para embarcar, esta idéa não

(1) Na mesma Carta de que fizemos menção na pag. 43 nota, se acha o seguinte: "¿Foi filha de paixões deprimentes aquella epidemia dysenterica do fim do anno de 1810? ¿E que paixões deprimentes são, a causa da epidemia dysenterica, que começou a grassar no fim do anno de 1812 em todo o Exercito Britanico, segundo me referio hum Physico Inglez, depois da retirada de Burgos?"

pôda deixar de ser lisonjeira para os Soldados, os quaes pela limitada esphera de seus conhecimentos, pela ignorancia em que estão, e devem estar, dos planos do seu Grande General, e pelo natural desejo de ver as suas familias, facilmente acreditarão semelhantes voatos.

§. LXV. Do que temos dito conclue-se 1.^o que a epidemia começou antes de se darem as paixões deprimentes, de que falla o A.; 2.^o que foi mais universal do que as ditas paixões, 3.^o e por consequente que estas não forão a principal e verdadeira causa da epidemia, mas sim huma coadjuvante desde o tempo, em que começaram a existir; como dissemos pag. 75 §. 2.^o Vol. 2.^o do J. de C.

§. LXVI. Por estes motivos foi-nos facil acreditar que a exposição aos rigores da estação, as irregularidades no alimento e regimen de vida, etc. circumstancias, que sempre se dão em huma Campanha activa, tinham sido a causa principal d'esta epidemia, assim como o tem sido de muitas semelhantes, que os Authores referem; não restando nem a difficuldade de explicar o desenvolvimento da molestia pela influencia de taes causas.

§. LXVII. Se por tanto estas forão as causas relativamente aos Militares, e se a epidemia era a mesma n'estes, e nos paisanos refugiados (no que o A. convem), não ha necessidade de recorrer a outra causa para explicar n'estes o mesmo phenomeno; visto que durante a sua emigração, e alguns mesmo nos lugares do seu refugio, soffrerão os mesmos incommodos, que os Militares; incommodos, a que devião succumbir tanto mais, quanto não estavam habitados a elles, como a tropa.

§. LXVIII. Nota o A. que algumas pessoas forão tocadas da epidemia, *estando bem longe de soffrer a influencia* das causas que apontamos. Se estas pessoas erão refugiados, podemos dizer-lhe que seriam raros: porque todos sabem que a precipitação, com que forão evacuadas as Provincias, privou de commodidades até as pessoas de maior representação, e mais abastadas. Se falla de habitantes de Lisboa, lembre-se o A. de que a febre era contagiosa, que o contagio foi a causa, que trouxe a epidemia a esta classe de pessoas; o que se prova até porque só depois de existirem algum tempo na Capital os refugiados, e os muitos doentes militares, he que os habitantes de Lisboa começaram a adoecer. Por este modo tambem se derramou ainda mais a febre entre os refugiados; e veio a formar se huma verdadeira epidemia contagiosa, como o A. muito bem intitula a febre.

§. LXIX. Na 2.^a parte d'esta Observação 7.^a diz o A. ser falso que elle attribuisse exclusivamente ás paixões excitantes, por motivo da retirada do inimigo, a declinação da epidemia, e cita os Art. 12, 13, e 15 Corol. 4.^o da Secç. 1.^a da sua Memoria. Convimos com o A.: agradecemos a sua advertencia: e, porque

tinhamos já noticia do seu reparo, cuidámos logo em o satisfazer nas erratas, substituindo ao adverbio = *exclusivamente* = o adverbio = *principalmente* =. He facil de concluir do que então (pag. 73 §. ultimo, Vol. 2.^o do J. de C.), e agora temos dito, que o nosso fim era mostrar que as paixões excitantes não forão a causa principal da diminuição da epidemia, como o A. o dá a entender mencionando-as em primeiro lugar no Art. 11 da Secç. 1.^a

§. LXX. Para provar esta nossa asserção, recordemo-nos de que em todas as Provincias assoladas pelo inimigo continuou a grassar a febre mesmo quando o Exercito Francez não pizava já o nosso Paiz, isto he, quando os espiritos estavam exaltados com a noticia das perdas e retirada do inimigo. Quantos refugiados não forão achar a morte no seu proprio domicilio! Que providencias não deo o Governo para soccorrer os muitos doentes, que havia na Estremadura e Beira! Todos os Facultativos forão obrigados por ordem da Intendencia a voltarem aos seus Partidos: caixotes de medicamentos forão distribuidos pelas terras: em Alemquer estabeleceo-se hum Hospital, que trabalhou alguns mezes, etc.

§. LXXI. Na 3.^a parte nega o A. que as epidemias de 1807 para 1808, e de 1808 para 1809, tivessem a mesma indole, que a de 1810 para 1811; porque não apresentarão *os mesmos phenomenos d'esta*. Aquellas epidemias dissemos nós (pag. 74 Vol. 2.^o do J. de C.) que tinham grassado entre a tropa: o A. nunca servio nos Hospitales Militares, nem mostra ter de lá informações: logo com que fundamento poderá elle avançar que não apresentarão *os mesmos phenomenos*? Não percamos tempo.

Resposta 3.^a

§. LXXII. "*A' Reflexão 8.^a* (diz o A.) *respondo apenas, que o meu C. não tendo empregado o methodo das evacuações sanguineas na cura da febre epidemica, como o mostra no modo porque se explica, não pôde ajuizar, e muito menos decidir, se ellas erão ou não hum remedio acertado n'esta enfermidade.*" Geralmente fallando não empregámos o referido methodo, porque as febres em geral cedirão ao que adoptámos, e porque os symptomas não o exigião. Muitos outros Medicos, que temos consultado, seguirão o mesmo systema pelas mesmas razões; e até ao presente ainda não achámos hum, que fosse da opinião do A. Quando porém a febre se nos apresentou complicada com hepatite ou outra inflamação, não só nos lembrámos, mas até empregámos as evacuações tópicas por meio de sanguisugas.

§. LXXIII. Forão poucas estas febres; e huma foi a que soffreo a Senhora D. Ritta, filha de Miguel Ozorio Cabral, que en-

tão morava ao Alto do Varejão. N'esta febre, tendo-se complicado com hum heptite, foi necessario fazer uso de sanguiugas, que no dia 7 de Junho de 1811 se applicarão sobre o hypocondrio direito. Porém apesar do bom resultado das evacuações sanguineas n'esta doente, nem por isso as julgámos convenientes em mais 9 febricitantes, que houve na mesma casa, porque em nenhum dos outros appareceu aquella complicação, ainda que em alguns não se desenvolvessem symptomas da febre *ataxica* ou *adynâmica*.

§. LXXIV. Revolvendo os nossos apontamentos relativos a estes doentes, achámos que alguma vez nos lembrámos de temer os estimulos por causa de incommodos de ventre; porém nunca isso chegou a influir na applicação dos remedios, nunca se confirmou o que temíamos, nunca outro Medico auxiliou os nossos receios. O Professor Bernardino Antonio Gomes de tudo isto foi informado nas muitas conferencias, que fizemos n'aquella casa.

§. LXXV. Ali mesmo observámos hum facto, que justifica bem as nossas idéas (§. primeiros das pag. 146 e 147 Vol. 2.º do J. de C.) sobre a natureza e verdadeiro tratamento da epidemia. Tendo a Senhora D. Luiza, irmã da doente referida, tomado, até ao dia 14 de Julho, hum vomitorio, purgantes, e ultimamente hum brando cosimento quinado e agoa d'hortelá pimenta, n'este dia notámos no nosso diario o seguinte = *pulso hum pouco mais forte do que he de esperar da sua constituição; mais corada do que o seu natural desde o principio do uso dos estimulantes: as dores por todo o ventre, bem que só ao tocar-lhe, fazem lembrar medo d'esta qualidade de remedios....etc.* = N'este mesmo dia, em que isto se observou e escreveo, foi tal o abatimento, em que a doente cahio estando para se desenvolver hum novo accesso, que receámos bem que ella expirasse. Hum frio mortal, o pulso imperceptivel, a face verdadeiramente hypocratica, hum medonho tremor em todos os musculos, e em consequencia nos tendões, etc. tudo justificava o nosso receio. Como nos achavamos presentes, lançámos logo mão dos maiores estimulos, que applicámos interna e externamente; o calor foi-se recobrando pouco a pouco, o terrivel ataque venceu-se, e os estimulantes concluirão felizmente o resto da cura d'esta doente. O Professor B. A. Gomes observou o fim d'aquella terrivel scena.

§. LXXVI. Ora, se nós seguíssemos a opinião do A. e prescrevessemos as sangrias geraes ou locaes só por observarmos dores pelo ventre, e ao mesmo tempo hum pulso mais forte do que era natural á constituição da doente, não a teríamos precipitado na sepultura (1)? O grande abatimento subsequente, e o bom

(1) Sendo, como he, a sangria hum remedio heroico não deve ser empregada senão quando ha razões fortes e manifestas, que

effeito dos estímulos, que se tomáram até á terminação da molestia, não provão bem que havia a combater huma debilidade real do systema nervoso, e que o pulso mais forte, maior calor, e rubor de faces, no tempo da reacção da febre, não decidem da necessidade das evacuações sanguineas, pois não indicão o verdadei-

indiquem a sua necessidade: será temerario quem prescrever hum tal remédio, fundando-se tão sómente em conjecturas, ou hypotheses pouco prováveis, e ainda peor em preocupações systemáticas. Muitos doentes tem sido victimas d'este erro; e he bem recente o seguinte caso, que o A. muito bem sabe, e de cuja historia referimos os pontos principaes, como nos forão communicados:

Certo doente queixava-se principalmente de huma dôr grande na parte posterior da cabeça; e tendo-lhe sido applicados inutilmente alguns remedios, o seu Medico persuadio-se de que a molestia era gota, e assim o asseverou ao doente. As razões, em que o Medico se fundava, ignorámos nós, e pelo que inquirimos, hum tal capitulo só podia ser deduzido de algumas dores, que o doente antecedentemente teria soffrido nas articulações, e por estar a imaginação do Medico preocupada com a gota. Formando assim o capitulo, decidiu o Medico que fosse sangrado o doente; recusou-se absolutamente a isto o Cirurgião assistente, porém chamou-se outro, e o doente foi sangrado. Infelizmente a molestia continuou, o doente, que já era de poucas forças, abateo-se mais, e finalmente apparecem *tortura oris*, e paralesia nos musculos motores dos olhos. A este tempo, senão foi antes, o doente despedio o Medico, e chamou outro.

He novamente inquirido o enfermo, são empregados diversos remedios, convoca-se huma conferencia, e todos se conformão em que a molestia procedia original e essencialmente de vicio venereo constitucional, e suppõem que alguma exostose ou gomma na parte interna do craneo he quem faz compressão no cerebro, e por tanto as paralesias: applicárão-se os remedios competentes, e o doente achou logo alguns alivios, ainda que a séde da molestia faz com muita razão temer que ella seja funesta.

Perguntaremos nós agora ao A.; não foi parto de imaginação a tal gota? Não foi huma desgraça não se lembrar de que dôres em articulações nem sempre prodedem d'aquella molestia? Não foi tempo perdido todo, o que se daptou na cura da gota? Não seriam as sangrias huma causa bem coadjuvante para a formação das paralesias? A debilidade augmentada com as evacuações sanguineas não será agora hum estorvo para o emprego das preparações mais energicas mercuriaes, que se tornão indispensaveis, até para a brevidade da cura, pois que, toda a demora, ou augmento, das compressões pôde ser terrivel para o doente?

ro grão das forças reaes? Porém d'este objecto fallaremos na Resposta 13.^a

§. LXXVII. Da observação de todos os doentes d'esta casa se infere que mesmo quando a febre epidemica não passava ao estado *ataxico* ou *adynamico* não erão percisas sangrias, pois bastavão as outras evacuações, e a moderação nos estímulos: e que só nas febres complicadas com decididas inflamações tinha lugar o methodo do A. Estes casos porém forão rarissimos (o A. observou só quatro); se fossem tão frequentes, como em Peniche, servir-nos-hiamos mais das sangrias, como fez o Dr. Mello (veja-se a pag. 406 do Vol. 2.^o do J. de C.) Todas estas idéas são as mesmas, que já tínhamos exposto nas pag. 146, 147, e 148 da nossa Analyse.

Resposta 9.^a e 10.^a

§. LXXVIII. Na Observ. 9.^a e 10.^a o A. nega e depois affirma que classificará as modificações da febre epidemica segundo Darwin. Diz elle: "*Estas (as febres) eu não classifiquei por certo segundo Darwin; porque apenas disse que a primeira modificação se podia olhar debaixo do mesmo ponto de vista que... a febre sensitiva irritativa de Darwin.*" Então em que ficámos? Classificou-as segundo Darwin, ou não as classificou?

§. LXXVIII. He de crer que a sua tenção fosse dizer que não affirmava ser cada huma das modificações da febre exactamente conforme com as descripções, que Darwin faz da febre sensitiva irritativa, etc. mas que se approximavão muito, e que por isso, tendo de as nomenclar, lhes dera aquelles nomes. Nós tambem nem fômos, nem vamos contra isso; pois bem sabemos que he mui difficiloso encontrar em dous individuos a mesma molestia exactamente conforme em todos os symptomas e circumstancias: mas nem por isso deixaremos de dar o mesmo nome ás molestias, se ellas se ajustão nos symptomas essenciaes. Com differenças accidentaes sempre se conta, quando se classifica huma molestia por qualquer Nosologia. D'aqui porém não se segue que não sejão necessarios nomes para nos escriptos e conferencias expôrmos resumidamente a idéa, que formamos da molestia, e para não repetirmos huma descripção minuciosa e longa todas as vezes que tivermos de fallar da mesma enfermidade. Eis-aqui huma das utilidades dos nomes nosologicos, que, segundo diz o A., pouco importa saber.

Resposta 11.^a

§. LXXX. A Observação 11.^a se quer dizer alguma cousa he

por não serem entendidas, e transcriptas exactamente as nossas proposições do §. 1.º pag. 145 Vol. 2.º do J. de C. Diz o A. "*Em quanto á Reflexão 11.ª digo que não posso fazer idéa do methodo curativo, com que o meu C. virá e ouvira ter-se curado hum grande número de doentes da febre epidemica; porque não explica quaes erão os diversos meios curativos! que se empregavão depois dos vomitorios, e purgantes brandos.*", Faremos a possível diligencia para que o A. *faça idéa da doutrina d'aquelle §.*

§. LXXXI. Queriamos nós provar no §. antecedente que a epidemia era de natureza *biliosa*, e no §. em questão produzimos luma prova tirada do tratamento evacuante, vomitorios e purgantes, que *geralmente*, isto he, em todas as modificações da epidemia, convinhão no principio: diziamos porém que depois, isto he, nos dias seguintes tinham lugar diversos meios curativos segundo as complicações, que tomava a febre. Tudo isto quer dizer que dos symptomas e tratamento, que erão proprios ás modificações da epidemia nos primeiros dias, he que se devia deduzir o character geral d'esta, e não do que accontecia nos dias subsequentes, em que variava a marcha geral da molestia segundo as complicações e circumstancias particulares: que d'estas he que então nascia o character especifico, ou antes o character das variedades, cada huma das quaes exigia n'esses dias seus meios curativos proprios, que não declarámos por não vir a proposito, e de nada servir para provar o character geral da epidemia, objecto de que tratavamos n'aquelle lugar. *¿ Já fará idéa o A.?*

§. LXXXII. Se o A. não ommittisse as ultimas palavras da nossa proposição = *segundo as complicações, que tomava a febre* =, tendo nós já enumerado (pag. 144 §. 2.º Vol. 2.º do J. de C.) as principaes complicações, ninguem duvidaria, nem hoje pôde duvidar, de quaes serião os meios curativos de que fallavamos pag. 145.

Resposta 12.ª

§. LXXXIII. Na Observação 12.ª queixa-se o A. da nossa pouca exacta intelligencia, porque nunca dissera que em todas as tres variedades da febre epidemica havia *inflamação decidida*. Nem tambem nós lho imputámos. As nossas palavras (§. 2.º da pag. 145 Vol. 2.º do J. de C.) são; que o A. *se persuade que tambem em todas as variedades da febre havia mais ou menos symptomas inflammatorios.*

Resposta 13.ª

§. LXXXIV. A Observação 13.ª he relativa ao que dissemos

no §. 3.º da pag. 145 Vol. 2.º do J. de C. São as nossas palavras: *Devemos porém observar que sensibilidade na região epigástrica he hum symptoma essencial das febres meningo-gástricas, e as hemorragias hum symptoma mui ordinario, entretanto que estas molestias, sendo simples, tem sido curadas ha muitos tempos, e ainda hoje, sem o uso das evacuações de sangue. -- Pulso cheio e forte no periodo do calor acontece mui ordinariamente nas ditas febres, e em algumas outras; porém, a não se darem outros signaes de diátese inflammatoria, e se na remissão do accesso o pulso não conserva, ainda que em menor gráo, os mesmos caracteres (o que o A. não declara), este symptoma não decide da necessidade de sangrias, e da contraindicação dos tónicos; aliás nunca dariamos Quina em sezões, que na occasião do paroxismo sempre apresentam signaes de reacção, e ordinariamente hum pulso mais cheio e forte: em quasi todas as outras febres accessoriaes acontece o mesmo; porém d'esta circumstancia só se deduz, para o curativo, a regra de suspender ou diminuir as doses dos tónicos ou estimulantes no tempo do accesso.*

§. LXXXV. Esta he a doutrina de bons Escriptores, e a prática de todos os Medicos: porque sensibilidade epigástrica, não chegando ao estado de dôr viva, em huma molestia, como he a febre gastrica, onde se reconhecem no canal alimentar causas, que desafião a dita sensibilidade, não exige senão o uso dos remedios capazes de eliminar aquellas causas, os quaes são vomitorios e purgantes. Embora o pulso se torne mais cheio e forte no tempo do calor, no qual ha huma preternatural reacção do systema sanguineo; porque este excesso de acção he devido mais ao poder da causa morbosa do que a huma somma real de forças do dito systema.

§. LXXXVI. Responde porém o A. "*Todas as vezes que hum doente febricitante se apresentar com o pulso cheio e forte no periodo do calor, e com sensibilidade notavel na região epigástrica, chame-se embora a febre meningo-gástrica de Pinel, ou o que o meu C. quizer, digo e sustento que hum evacuação sanguinea feita por sanguisugas na região epigástrica, e segundo o estado dos symptomas, lhe ha de ser proveitosa.*" Esta proposição, enunciada com tanta generalidade, applique-se aos casos, que figurámos no §. citado, e, recordando-se cada hum do que tem observado e aconselhado aos seus doentes n'aquellas circumstancias, facilmente conhecerá as muitas excepções que ella tem na pratica.

§. LXXXVII. O A. não só diz mas sustenta: *Com que argumentos?* Só com a sua palavra: porque no resto da Observação só pertende combater o nosso argumento de analogia tirado das febres intermittentes, dizendo que n'estas muitas vezes são uteis as evacuações sanguineas no periodo do calor. Porém o que acontece, não muitas, mas algumas vezes, quando estas fe-

bres se complicação com as inflammatorias (o que jámais negámos), destruirá por ventura o nosso argumento deduzido do que se observa nas sessões ordinarias e simples, nas quaes (aínda que haja no tempo do calor sensibilidade epigástrica, e hum pulso mais cheio e forte que na intermissão) longe de evacuações sanguíneas, todos costumão dar quina? Repare-se que nós dissemos hum pulso mais cheio e forte, comparando-o com o seu estado na intermissão. Se elle fôr excessivamente cheio e forte, também fóra do accesso conservará mais ou menos estes caracteres; e esse caso bem claramente o exceptuámos. — Para se conhecer a pouca generalidade da proposição avangada pelo A. recordêmo-nos do facto citado no §. 75, e das reflexões do §. 76.

§. LXXXVIII. O A. ultimamente refere-se á sua Dissertação = De febribus intermittentibus praecipue curandis: Edimburgi. = Não lêmos, nem-tinhamos noticia d'essa Dissertação.

(Continuarão as nossas Respostas, quando no Investigador apparecer a continuação das Observações.)

DOCUMENTOS.

Num. 1.º

Antonio d'Almeida Viveiros, Segundo Escriptorio da Contadoria Fiscal da Fazenda d'Administração Central dos Hospitaes Militares do Reino por S. A. R. que Deos guarde, etc. — Certifico que revendo os Livros de Entrada e Sahida, e combinando com os mappas diarios de rações e baixas dos Militares enfermos, que forão tratados no Hospital Militar de S. Vicente de Fóra, onde servi de-Escrivão, achei que o Movimento do dito Hospital desde a sua abertura em 25 d'Agosto do anno de 1810 até á sua terminação em 31 de Maio de 1811 foi o seguinte = Entrarão 6:812, sahirão curados 5:471; forão evacuados para differentes Hospitaes 762; mórtos 579. = Relativamente ás molestias de que fallecêrão os acima referidos, certifico que revendo o Livro d'Obitos, e confrontando com outros Documentos, achei o seguinte = De febre 142; de diarrhéas, e dysenterias 327; de varias molestias de Cirurgia 18; de venereo 8; de peripneumonia 13; de hydropesias 39; de thysica 21; de hepatites 4; de cólica 2; de bexigas 1; de apoplexia 3; e erizipela 1. = Em fé do que passei a presente em observancia da ordem, que me foi dada pelo Delegado do Physico Mór do Exercito o Dr. José Carlos Barreto. Contadoria 14 de Dezembro de 1812. — Antonio d'Almeida Viveiros.

Num. 2.^o

Nós os Medicos que servimos no Hospital Militar de S. Vicente. — Em cumprimento da ordem que V. S. nos dirigio em data de 16 de Novembro do corrente anno para respondermos aos Quesitos contidos no Aviso expedido a V. S. pela Secretaria dos Negocios da Guerra e Marinha em data de 13 de Novembro, concordámos nas seguintes respostas.

1.^o Quesito. *Que providencias se derão nos ultimos menses do anno de 1810 para evitar os incmodos, que devião experimentar os doentes por causa da humidade, e falta de reparos do Claustro do Convento de S. Vicente, que servia d' Enfermaria.*

Resposta. O Claustro d'este Convento he alguma cousa humido, mas estava tão bem reparado com vidraças que foi necessario tirar alguns vidros para haver a necessaria ventilação n'aquella parte, que não tinha janellas. Dous cobertores, que se distribuirão a cada doente, e mais, se algum o pedia, defendêrão os enfermos do rigor da estação. Todas estas circumstancias, e o bom pé direito do Claustro, o tornarão huma das melhores Enfermarias dos nossos Hospitaes Militares.

2.^o Quesito. *Se os doentes padecêrão por não existirem as camas com a devida separação.*

Resposta. As camas existião na distancia marcada pelo Regulamento; porque a entrada dos doentes era regulada pela capacidade do Hospital: e quando alguma vez, por causas accidentaes, crescia hum pouco o número dos entrados, este excesso era remediado com a sahida, que no dia immediato se verificava ou para o Deposito, ou para outros Hospitaes; e por tanto não durava mais do que hum, ou dous dias. Se esta separação he relativa ás molestias, V. S. estará muito bem lembrado de que as Enfermarias 3.^a, 4.^a, 7.^a, 11.^a, e 12.^a erão destinadas para febres; a 8.^a, e a 9.^a para diarrhéas, e dysenterias; a 5.^a para chronicos; a 6.^a para convalescentes; e a 1.^a, e 2.^a para diversas molestias: e quando houve Cirurgia, estava na 10.^a, 11.^a, e 12.^a Algumas alterações se fizerão n'esta distribuição, quando crescia ou diminuia certa classe de molestias.

3.^o Quesito. *Quaes forão as molestias, que mais geralmente grassarão no dito Hospital.*

Resposta. Diarrhéas, dysenterias, e febres, molestias que formavão a epidemia, que então grassava.

4.^o Quesito. *Se se applicarão as fumigações desinfectantes.*

Resposta. Sempre se fizerão fumigações desinfectantes. O Primeiro Medico destinava hum criado para este serviço: erão repetidas a diversas horas do dia, e feitas não só nas Enfermarias, mas

tambem nos Depósitos das roupas cujas, das lavadas, e dos fardamentos: e finalmente até havia desinfectadores, que tinham vindo do Depósito da Contadoria Fiscal.

5.º Quesito. *Se os remedios forão promptamente applicados, e com regularidade, assim como tudo mais, de que depende o bom curativo dos enfermos.*

Resposta. Nunca tivemos motivos para increpar os Enfermeiros de faltas essenciaes a este respeito. Apesar de que na abertura do Hospital muitos d'estes erão novos n'aquelle serviço, distribuiu-se para cada Enfermaria hum dos mais versados, e fazião-se as principaes recommendações ao Enfermeiro Mór, e seu Ajudante, ficando estes responsaveis pela educação e vigia dos Enfermeiros. A vigilancia e promptidão do castigo nas culpas leves evitou os erros, e formou bons Enfermeiros em pouco tempo.

A Botica sempre foi bem sortida, tinha os utensilios necessarios, porque era a mesma do Convento: e o primeiro Boticario era habil e instruido nos conhecimentos e prática da Chymica moderna. As circumstancias essenciaes para o bom trato dos doentes não faltarão, havia toda a energia e antecipação em requerer o necessario, e toda a promptidão em rejeitar os viveres, se alguma vez erão de má qualidade: a mudança de roupas fazia-se com regularidade, etc.

Eis-aqui resumidamente as providencias que se derão relativamente ao que se contém nos Quesitos referidos; e a ellas se deveo o proporcionalmente pequeno número de mortos, que houve n'aquelle Hospital, e a promptidão, com que forão tratados; devendo em abono da verdade exceptuar-se as diarrhéas e dysenterias, que quasi sempre forão funestas, e das quaes procedeo o maior número de mortos. — Lisboa 1 de Dezembro de 1812. — Ilm. Sr. Dr. José Carlos Barreto. — José Maria Soares como Primeiro Medico. — Francisco Alves da Silva 2.º Medico. — Dr. Antonio da Cruz Guerreiro 2.º Medico. — José Maria Souvan Monteiro 2.º Medico. — João Thomás de Carvalho 2.º Medico. — Joaquim Felix Barros 2.º Medico. — Antonio José de Almeida 2.º Medico. — João da Silva Soares de Menezes 2.º Medico.

Num. 3.º

Antonio d'Almeida Viveiros, etc. — Certifico que revendo o Livro de Receita e Despeza de Roupas e Utensilios do extinto Hospital Militar de S. Vicente de Fóra, d'elle consta haver no dito Hospital para uso dos enfermos militares, que ali erão tratados o seguinte: Lençoes 4:776; cobertores 1:300; havendo entre estes 842, cujo péso excedia ao dos outros hum arratel e ou-

to onças; colções 32, etc. Em fé do que passei a presente em observancia da ordem do Delegado do Physico Mór o Dr. José Carlos Barreto. Contadoria 18 de Janeiro de 1813. — *Antonio d' Almeida Viveiros.*

Num. 4.º

Antonio d'Almeida Viveiros, etc. — Certifico que examinando o Movimento diario do Hospital Militar de S. Vicente de Fóra em todos os mezes que existio, achei que a existencia media era de 680 Praças; ainda que alguns dias o número d'estas foi maior, immediatamente se diminuia nos dias proximos em consequencia da ordem do Exm. Sr. Marechal Commandante em Chefe do Exercito communicada aos Hospitales em Officio do Delegado do Physico Mór na data de 15 d' Outubro de 1810, pelo qual se determinou que se dessem Altas tres dias na semana. No mesmo Officio determinava que mesmo quando em hum Hospital estivesse preenchido o número das Praças, que o local permittia, fossem n'elle recebidos todos os doentes, que ali chegassem, e que pelas suas circumstancias não podessem ir dar entrada em outro Hospital; ficando arranjados como era possivel até que houvessem evacuações; e no caso destas se não effectuarem no dia immediato, erão commodamente removidos para aquelle Hospital, onde podessem ser tratados segundo a prática. Em fé do que passei a presente em observancia da ordem do Delegado do Physico Mór o Dr. José Carlos Barreto. Contadoria 21 de Janeiro de 1813. — *Antonio d' Almeida Viveiros.*

Num. 5.º

Antonio d'Almeida Viveiros, etc. — Certifico que em presença do Primeiro Boticario do Exercito José Pedro da Costa e Aço examinei as folhas de despeza de medicamentos do extinto Hospital Militar de S. Vicente de Fóra, e d'ellas consta o haver-se consumido em Fumigações, que diariamente se fazião o seguinte: Acido sulphurico 236 libras; oxydo de manganéz 20 libras, e muriato de soda 190 libras; o que tudo se gastou desde 4 de Setembro de 1810, em que começaram a receitar-se as Fumigações, até á extincção do Hospital em 31 de Maio de 1811. Em fé do que passei a presente em observancia da ordem do Delegado do Physico Mór o Dr. José Carlos Barreto. Contadoria 14 de Dezembro de 1812. — *Antonio d' Almeida Viveiros.* — *José Pedro da Costa e Aço, Primeiro Boticario do Exercito.*

Num. 6.^o

Antonio d'Almeida Viveiros, etc. — Certifico que revendo o Livro, que servia de Termos e Inventarios no Hospital Militar de S. Vicente de Fóra, n'elle a folh. 1. se acha o Inventario feito em 18 de Agosto de 1810 de todos os Medicamentos e Utensilios, que existião na Botica pertencente aos Conegos Regrantes de S. Agostinho, a qual passou ao Serviço do dito Hospital; servindo n'ella os mesmos Empregados, que anteriormente existião, e addindo-se-lhe os que se julgáram necessários; e sendo fornecida por esta Repartição até á extinção do Hospital em 31 de Maio de 1811, dia, em que aos ditos Conegos foi entregue sem deterioração alguma, como consta do Recibo dos mesmos. Em fé do que passei a presente em Observancia da Ordem do Delegado do Physico Mór o Dr. José Carlos Barreto. Contadoria 14 de Dezembro de 1812. — *Antonio d'Almeida Viveiros.*

Num. 7.^o

Antonio d'Almeida Viveiros, etc. — Certifico que revendo todos os Livros de Entradas e Sahidas dos Militares de Cavallaria, que forão tratados no Hospital Militar de S. Vicente de Fóra, d'elles consta terem entrado no referido Hospital só cinco Furrieis, a saber: João Maria do Num. 1, entrou em 14 d'Outubro de 1810, e sahio em 11 de Dezembro do mesmo anno: José Maria Prêgo de Num. 4, entrou em 2 de Março de 1811, e sahio em 15 de Maio do mesmo anno: Joaquim José da Silva de Num. 10, entrou em 8 de Setembro de 1810, e sahio em 23 de Outubro do mesmo anno: Luiz Francisco de Num. 10, entrou em 26 de Setembro, e sahio em 16 d'Outubro do mesmo anno de 1810; e Francisco José de Num. 10, entrou em 5 de Novembro de 1810, e sahio em 10 do mesmo mez e anno: d'onde se vê que no mez de Janeiro de 1811 não existio Furriel algum de Cavallaria no dito Hospital. Dos mesmos Livros consta que as suas molestias erão pertencentes a Cirurgia, excepto a de José Maria Prêgo, o qual padecoa huma febre. Em fé do que passei a presente em observancia da ordem do Delegado do Physico Mór do Exército o Dr. José Carlos Barreto. Contadoria 15 de Janeiro de 1813. — *Antonio d'Almeida Viveiros.*

ART. XI.—

Experiencias thermometricas (Reaumur)

DE

Jose dos Santos Dias,

Medico da Camara da Villa de Monte Alegre, e do Partido das
Caldas do Gerez, Correspondente da Instituição Vacci-
nica da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
sobre as agoas das Caldas do Gerez.

Anno de 1812.

Agosto.

Dia 13.

	grãos.		gr.
Banho do Figado . . .	26½	da Figueira com sua	
— do Borges meado . . .	31½	nascente unica . . .	28½
— Terceiro . . .	34½	do Borges cheio . . .	30
Bica onde se bebe . . .	34½	da bica . . .	32
Banho contra-forte . . .	35	— Terceiro . . .	34
— forte . . .	37	Bica onde se bebe . . .	34½
		Banho contra-forte . . .	35
		— forte . . .	36½

Dia 14.

Atmosfera ás 11 da manhã	19
Banho das 2 bicas com pou-	
ca, agoa . . .	24
— do Figado . . .	25½
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	26½

Dia 15.

Atmosfera . . .	21
Banho de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	28
— de Almas, ou 1.º . . .	28½
Bica . . .	34½

Septembro.

Dia 4.

Atmosfera . . .	16½
Banho das 2 bicas . . .	22½
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	27½
— de Figueira só com	
sua nascente . . .	29
— Borges . . .	30
Bica onde se bebe . . .	35

Dia 8.

Atmosfera . . .	15½
Bica . . .	35

Dia 8.

Atmosfera . . .	18½
Banho das 2 bicas . . .	23
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	28

Banho de Almas, ou 1. ^o	28½
— de Figueira . . .	28½
— Borges . . .	29½
— Terceiro . . .	34
— contra-forte . . .	35
Bica onde se bebe . . .	35
Banho forte . . .	37½

Dia 9.

Atmosfera nuvelada . . .	gr. 16½
Banho das 2 bicas . . .	23½
— do Figado . . .	24
— de Santo Antonio, ou 2. ^o . . .	27
— de Almas, ou 1. ^o . . .	28½
— Borges . . .	29
— Figueira . . .	29
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	36½

Dia 11.

Atmosfera . . .	gr. 17
Banho de Santo Antonio, ou 2. ^o . . .	28½
— da Figueira . . .	28½
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34½
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	37

Dia 12.

Atmosfera . . .	gr. 18½
Banho das 2 bicas . . .	23
— de Almas, ou 1. ^o . . .	28½
— de Figado . . .	25
— de Santo Antonio . . .	29
— de Figueira . . .	29½
— de Borges . . .	29½
— da bica . . .	32

— Terceiro . . .	34½
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	37

Dia 15.

Banho das 2 bicas . . .	gr. 21½
— do Figado . . .	25
— de Santo Antonio, ou 2. ^o . . .	27
— de Almas, ou 1. ^o . . .	28½
— do Borges . . .	29½
— da bica . . .	32
Bica onde se bebe . . .	35
Banho da Figueira . . .	29½
— Terceiro . . .	34½
— contra-forte . . .	35½
— forte . . .	37

Dia 16.

Banho das 2 bicas . . .	gr. 21½
— do Figado . . .	25½
— de Santo Antonio, ou 2. ^o . . .	28½
— de Almas, ou 1. ^o . . .	29
— de Figueira . . .	29½
— de Borges . . .	31
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	37½

Dia 19.

Banho das 2 bicas . . .	gr. 22
— do Figado com pouca agoa . . .	26
— de Santo Antonio, ou 2. ^o . . .	28
— de Almas, ou 1. ^o . . .	28½
— da Figueira . . .	29
— do Borges . . .	29½
— da bica . . .	32

Bica onde se bebe . . .	35	Banho, forte . . .	36½
Banho contra-forte . . .	35½		
— forte . . .	37		

Dia 20.

	gr.
Banho das 2 bicas . . .	23½
— do Fígado compou-	
ca agoa . . .	26
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	28
— de Almas, ou 1.º . . .	28½
— Borges servido . . .	28
— de Figueira . . .	29
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34½
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	36½

Dia 21.

	gr.
Banho das 2 bicas . . .	23½
— do Fígado . . .	25
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	27¾
— de Almas, ou 1.º	
servido . . .	28
— da Figueira . . .	29
— do Borges . . .	29½
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34½
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½

Dia 4.

	gr.
Banho das 2 bicas . . .	22½
— do Fígado . . .	24½
— de Almas, ou 1.º . . .	28
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	28½
— da Figueira cheio . . .	28½

Dia 26.

	gr.
Atmosfera . . .	19
Banho das 2 bicas . . .	22
— do Fígado . . .	25½
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	27½
— de Almas, ou 1.º . . .	28
— da Figueira . . .	29
— do Borges . . .	29½
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34½
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	37

Dia 27.

	gr.
Atmosfera clara . . .	19
Banho das 2 bicas . . .	22
— do Fígado . . .	25½
— de Almas, ou 1.º	
servido . . .	28½
— de Santo Antonio,	
ou 2.º . . .	29
— da Figueira . . .	29½
— do Borges . . .	30
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34½
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	37½

Outubro.

	gr.
Banho do Borges . . .	31
— da bica . . .	32
— Terceiro . . .	34½
Bica onde se bebe . . .	35
Banho contra-forte . . .	35½
— forte . . .	37

Sendo o número, nome, e temperatura dos Banhos das Cal-

das do Gerez desconhecida a muitos Professores Clinicos, principalmente d'aquelles, que habitão a grandes distancias d'estas Caldas, já por não terem aqui concorrido, já por não haver uada escripto sobre este objecto; acontece que muitos enfermos aqui enviados por elles a beber as ágoas tem repugnancia a entrar no uso de alguns banhos, quando urgentes indicações médicas os exigem; talvez porque seus Assistentes lhos não lembrarão na persuasão de serem todos superiores á temperatura da máchina animal, quando aliás estas Caldas nos offerecem banhos de differentes temperaturas, como se deixa vêr das taboas, que offereço ao Público, para que chegando á noticia de todos cooperem comigo para vencer esta obstinada repugnancia. As variações, que offerecem os differentes banhos de huns dias para os outros, são muito pouco sensíveis, como se vê das taboas, e devidas antes ao maior ou menor tempo, que tenha decorrido depois de cheios, ou a terem-se banhado n'elles, quando fazia as minhas experiencias, do que á mudança das temperaturas nas suas enchentes. He tambem muito pouco sensível a differença d'estas experiencias feitas com o Thermómetro de Haas, d'aquellas que no anno de 1811 fiz na companhia do meu amigo, sabio, e habil collega Anastácio Alexandrino Lopes Cruz, com o Thermómetro de Gaballio. No arranjo das taboas segui a ordem das temperaturas de menor para maior, por me parecer mais natural do que a de localidade.

*Relação de Antiguidades, remettida pelo mesmo
José dos Santos Dias.*

Acha-se collocada no patim da escada das casas do Lavrador Antonio Gonçalves Liberal, do lugar do Antigo do Arcos, no Conselho de Monte Alegre, Comarca de Bragança, huma columna, que ha dezoito para vinte annos descobrirão as ágoas junto da estrada, que guia de Chaves para Monte Alegre, no cume da serra denominada *Pindo*, a pequena distancia do dito lugar. Esta columna tem de diametro tres pés e meio (1), e de altura seis pés (2),

(1) Servi-me para a medição do pé Portuguez, que o Exm. Marechal Beresford fez distribuir aos Capitães Móres.

(2) Na circumferencia da base divisão-se tres semicóvas que manifestamente servirão para segurar as cunhas da marra quando se partio, o que mostra tivera maior altura.

he de huma figura perfeitamente cylindrica; na parte superior se achão inscriptas as seguintes cinco linhas:

TI. CAESAR. DIVI. AVG. F.

DIVI. IVLI. NEP. AVG. PONT.

MAX. IMP. VIII. COS. V.

IR * POT. XXXIII.

BRAC. AVG. LIX.

A_RT. XII.—

Novas Observações de Antonio de Araujo Travassos sobre a Memoria do Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo á cerca da densidade da agoa, publicada no Num. III. do Jornal de Corimbra pag. 170; sobre as observações do mesmo Travassos, publicadas no Num. VII. pag. 143; e sobre a resposta que o referido Lobo deo ás mencionadas observações, publicada no Num. XII. pag. 407.

§. I. Principia a resposta do A. *As disputas litterarias feitas de boa fé, e com o fim de apurar a verdade são uteis nas Sciencias Philosophicas; mas quando faltão estas condições, que desgraça! Quem he o objecto d'esta exclamação? Poderia eu sem ser estúpido, ou sem fingir que o sou, desentender que he contra mim que se dirige! E deveria eu soffrer calado tão injusta accusação tomada como thema da resposta? Sobre isto o Público decidirá.*

§. II. Se o A. da resposta ás minhas observações se conservasse calado até publicar novas experiencias, ou se antes d'isso se contentasse de sómente dar conta de algumas circumstancias em que fizera as que publicou, circumstancias que fui obrigado a sup-

* No lugar do asterisco provavelmente havia outra letra que foi destruida pela factura do buraco que serve de inserção ao corrimão da varanda.

pôr (por não dizer adivinhar) a fim de dar a explicação de seus extraordinarios resultados; ninguém lho poderia estranhar. Ainda que fosse tentado a repetir em seu proprio nome as mesmas razões e as mesmas desculpas que esquadrinhei para explicar por hum modo decente e plausivel os ditos extraordinarios resultados; e o que lie mais, quando ainda em cima chegasse ao excesso de, para inculcar victoria em supposta luta, tecer huma resposta que ao menos em quanto eu não a analyzasse, fizesse parecer aos pouco instruidos nas *Sciencias Philosophicas* que tambem eu o sou mui pouco, (o que não nego nem quero negar); certamente tudo isto soffreria em silencio; tão pouco amigo sou de disputas que preferiria passar ainda por mais ignorante, a ser tido e havido por disputador. Não se entenda porém que condemno a oito todas as disputas, continuadamente as estou vendo muito judiciosas, e dá-me muito gôsto o espirito e o sal de alguns dos nossos actuaes críticos; mas eu que não tenho genio nem geito para contender não posso deixar de fazer má figura entre os contendores. E para me justificar d'este labéo, note-se que sómente me move a pôr-me em risco de parecer disputador a necessidade de mostrar que ás minhas observações não compete o nome de disputa, e muito menos de *disputa de má fé*.

§. III. Defender-me d'aquella accusação he o motivo que agora me obriga a pegar na penna; na primeira das duas partes em que divido a presente tarefa exporei não sómente as provas de boa fé, mas até dos obsequiosos designios com que escrevi as minhas observações, do que forão testemunhas de vista os Senhores Redactores; e para que relativamente a isto não fique algum escrupulo, darei conta dos meus pensamentos, das minhas palavras, e das minhas obras, taes e quaes se forão succedendo a respeito da Memoria do A.: e não podendo resistir, já que pego na penna, á tentação de dizer tambem alguma cousa em minha defesa a respeito de algumas outras culpas de que directa e indirectamente sou accusado na resposta do A., será este o objecto da segunda parte.

PRIMEIRA PARTE.

§. IV. Muito me admirei quando li o primeiro paragrafo da Memoria do A. (J. de C. Num. III. pag. 170). Depois que appareceo a Memoria de Monges, que vem no *Jornal de Physica* de 1778 tom. IX. pag. 1. todos confessão que a agoa he hum fluido compressivel, mas que he pouca sensivel a sua compressibilidade e

densidade. Eu tenho achado o contrario em todas as minhas experiencias desde 1801 até ao presente. Aturdido entre a muito respeitavel authoridade de Monge, que eu á primeira vista julguei era de quem se tratava, por estar escripto Monges em lugar de Mongez, como depois vim a achar que devia ser; e entre a authoridade do A., Cathedratico d'estas materias, confesso que me envergonhei comigo mesmo da ignorancia em que me suppuz; e duvidoso se a palavra *contrário* do A. se referia á primeira parte, se á segunda da proposição, li com curiosidade as experiencias para me tirar da dũvida, e ver se o A. queria dizer que a agoa he absolutamente incompressivel, ou se queria dizer que he muito compressivel. De todo esmoreci e fiquei corrido quando vi que dizia e imaginei provava com as taes experiencias que a agoa he muito compressivel. E confiando na Sciencia do A. que deve ser grande, mais que na minha que sei he mui pequena, ainda que não estava satisfeito, pois não via declaradas todas as circumstancias em que fizera as ditas experiencias, presumi que não teria sido tão miúdo como eu desejava tivesse sido n'aquella declaração, provavelmente por ter julgado desnecessario dizer que se tinha feito tudo com aquellas attentões, que geralmente se praticão, e todos sabem se devem praticar em experiencias de que se pertende fazer alguma deducção segura, e com quanta maior razão para deduzir e estabelecer hum principio inteiramente novo e *contrário* ao que se sabia na materia! Julguei por tanto que a agoa teria sido da mais pura, distillada, privada de ar, etc., etc. conseguentemente sem me importar mais a compressibilidade da agoa, e desprezando a confusão que ha na expressão do A. *he pouco sensivel a sua compressibilidade e densidade* continuei a ler o resto do Num. III. e os seguintes, cuja leitura me fez vêr que algumas das Memorias do A. e principalmente a referida merecião tornar a ler-se com mais attentão: assim o fiz, e convencime facilmente de que as experiencias não erão sufficientes para sómente por ellas se dar por provado o que o A. affirmára n'aquelle dito primeiro paragrafo.

§. V. Communiquei de palavra aos Senhores Redactores, em Lisboa, estes pensamentos que acabo de referir no precedente paragrafo, e até lhe cheguei a propôr que os participassem ao A., porque era melhor que elle mesmo accrescentasse novas experiencias ou enfeitasse com alguns ornatos as já publicadas, antes que alguma penna mordaz intentasse denegrir os seus conhecimentos e Sciencia. Isto porém fez pouca força na opinião dos Senhores Redactores, por formarem provavelmente hum conceito mais fundado nos talentos do A. que nos meus: e ainda quando tivessem entrado em alguma dũvida sôbre o que eu lhes ponderava, comunicar isto ao A. seria excesso de franqueza op-

posto á cortezia e delicadeza dos ditos Senhores, e incompatível com a falta de familiaridade entre mim e elle. Fazendo estas considerações e animado com a pintura que me fazião das qualidades pessoas do A. a quem eu só tinha visto de longe e huma unica vez, resolvi-me a fazer eu mesmo em meu nome as ditas observações que escrevi em poucos dias, quasi á vista dos mesmos Senhores, tão respeitosas e cheias de elogios que muito lhes agradavão, que (muitas vezes lho disse) de quanto n'ellas se vê unicamente me fazia pêsso, por ser contra o meu character, tanto comprimento. Tambem lhes ponderei, e acertei na conjectura, que não era improvavel que o A. viesse a pertender atacarme (pagando-me como he mui frequente) com as proprias razões com que o melhor que me era possivel o estava defendendo.

§. VI. Ainda cansado de escrever as taes observações com a brevidade que fica dito, quiz levar a maior auge a civilidade; e a pesar de ser extenso aquelle meu papel, tirei á pressa huma cópia d'elle para que os Senhores Redactores remettessem ambos os manuscritos, hum para a Imprensa e outro para o A. a fim de que se quizesse publicar no Num. seguinte algumas novas experiencias, tivesse quanto mais tempo para o fazer depois de ter lido as minhas ditas observações, e de facto passou perto de dous mezes antes que apparecessem impressas. Tambem aproveitei a occasião de lhe fazer outro obsequio: tendo eu primeiramente entendido como devia entender, segundo a linguagem usada e exacta a expressão do A. *hum sólido de polegada e meia cubica*; e achando pelo pêsso attribuido á agoa n'aquellas experiencias, que era impossivel ter sido pura, e necessariamente o que alli se chama agoa, havia de ter sido algum liquido mais pesado que agoa, mais pesado que os acidos mineraes, e ainda mais pesado que salmoura a mais concentrada (particularidade esta fortissima para eu não poder entender as taes experiencias, e até para duvidar da sua existencia, e do que o A. com ellas dava por provado); como depois de eu ter escripto todo o meu papel me occorreo que provavelmente o A. se teria servido de hum sólido de $3\frac{3}{4}$ polegadas cubicas, e se equivocára em dizer de *polegada e meia cubica* talvez pelo motivo de ser polegada e meia a raiz de hum sólido de $3\frac{3}{4}$ polegadas cubicas: risquei quanto tinha escripto em consequencia da devida intelligencia que tinha dado á expressão do A., e em papel separado dei a razão de ir riscado o que assim se via no das observações, e fiz isto até para que para o futuro podesse adoptar a verdadeira linguagem. Vejo porém que o A. julgou que n'isto não lhe fiz serviço, pois em as notas da sua resposta continúa a usar em caso identico da sua mesma expressão *polegada e meia cubica* que talvez julga ser de *linguagem mais physica*. Passados poucos correios escreveo o A. aos Senhores Redactores agradecendo, e elo-

giando muito cordialmente de cándido e honrado o meu procedimento a seu respeito.

§. VII. Sou obrigado a ommittir aquí muitas particularidades e circumstancias que occorrerão depois, as quaes provarião ainda melhor a que ponto levei a delicadeza, a civilidade, e a franqueza relativamente aos ditos Senhores, e ao A. da Memoria. Pata isto porém basta e sobeja invocalos a testemunho do que tenho referido, e vêr o estilo amigavel e respeitoso com que se achão escriptas as minhas primeiras observações. Veja-se pelo contrario como o A. me trata na sua resposta que sómente me chega á mão depois de impressa, e note-se a differença que vai dos meus verdadeiros e claros sentimentos a seu favor, e dos que elle primeiramente expressára a meu respeito, aos que agora patentéa e desenvolve contra mim. Que mudança pois pôde ter sido esta no cabo de seis mezes em que tive o gosto de lhe fazer repetidos obsequios, e aos Senhores Redactores? Isso lie o que eu não posso adivinhar. Seja como fôr não tenho outro remedio senão contentarme de estar innocente, e de meter completamente justificado d'aquella accusação.

(Continuar-se-ha.)

ART. XIII.—

Introdução ás Contas, que alguns Médicos e Cirurgiões das Províncias derão em observancia da Portaria do Governo do Reino, publicada no Jornal de Coimbra Num. X. pag. 274.

Em observancia da Portaria de 24 d' Outubro, inserta no Jornal de Coimbra Vol. II. pag. 274, os nove Provedores abaixo nomeados tinham feito chegar á Intendencia Geral da Policia da Corte e Reino até 4 de Janeiro as competentes Relações, que se imprimirão no mesmo Vol. II. de pag. 452 em diante.

1. Francisco Barroso Pereira. — Comarca de Guimarães.
2. José Francisco de Albergaria Corte Real. — Alemquer.
3. Antonio Leite de Araujo Ferreira Bravo. — Setubal.
4. Dr. Rodrigo Ribeiro Telles da Silva — Penafiel.
5. José Francisco Homem. — Aveiro.
6. Patricio Luiz Ferreira Tavares Pereira da Silva. — Fátima.
7. Carlos Honório de Góvêa Durão. — Béja.
8. Lourenço Ribeiro de Couto. — Evora.
9. Antonio Vicente de Carvalho e Sousa. — Castello-Branco.

Até ao dia 21 de Janeiro não tinham chegado á mesma Intendencia Relações semelhantes das outras Provedorias.

Na dita Portaria ordena-se que os Médicos e Cirurgiões remetterão aos Provedores das suas respectivas Comarcas mensalmente hum relação das molestias, que grassarão nos Hospitales Cívics, Cadêas, Casas de Expostos, Communidades, e Povoações, aonde praticão a Medicina e Cirurgia, declarando as suas causas provaveis; tratamento, a que mais ordinariamente cedão; e communicando com toda a individuação quaesquer observações, que sobre esta materia lhes parecerem dignas de especial memoria.

Até 21 de Janeiro tinham chegado á Intendencia Geral da Policia relações de molestias das Comarcas de Leiria, Setubal, Evora, e Alemquer.

Os nomes dos Facultativos, que derão Conta, huns mais outros menos extensamente, são:

Comarca de Leiria.

Médicos.

Luiz Soares Barbosa: da Cidade de Leiria.

Felix José Franco: de Peniche e Atouguia.

*Comarca de Setubal.**Medicos.*

Candido da Costa Freitas : de Setubal.

José Pedro Morato : de Alcacer do Sal.

Joaquim José da Silva : dito.

Cirurgiões.

João d'Almeida : de Almada.

*Comarca d' Evora.**Medicos.*

José Joaquim da Costa Simas : de Monte Mór o Novo.

Antonio José dos Santos : dito.

José Antonio da Silva : Evora.

Mathias José d'Oliveira Galvão : Estremôz.

Sebastião Antunes Simões : dito.

Antonio d'Azevedo Corrêa Cardoso : Vianna do Alim-Têjo.

Cirurgiões.

Francisco José Vidigal da Fonseca : Villa Viçosa.

Manoel Joaquim Ferreira de Santa Anna : Lavre.

*Comarca de Alemquer.**Medicos.*

Luiz Felix da Cruz Sobral : Aldéa Galega da Merciana.

Antonio da Silva Ferreira : Caldas.

Valentim Sedano Bento de Mello : dito.

Cirurgiões.

Francisco José da Silva Rego : dito.

Eugenio Joaquim da Fonseca e Abreu : dito.

Ignacio das Neves Corrêa : Alemquer.

Joaquim da Silva Baptista : Cintra.

João José de Couto : dito.

Joaquim José Fernandes : dito.

Monoel d'Araujo Pereira : Rio de Moura.

Da Comarca de Leiria, posto não ter chegado á Intendencia até 21 de Janeiro a Relação dos Facultativos, apparecêrão com tudo as Contas de dous Medicos, como fica dito.

Segundo a mesma Portaria, ha de publicar-se no *Jornal de Coimbra* huma recopilação de todas as contas dos referidos Facultativos, nas quaes se achão noções praticas bem interessantes: declarar-se-ha o nome do Observador, quando parecer que assim convém. As contas porém dos Medicos Luiz Soares Barbosa, de Leiria; e Valentim Sedano Bento de Mello, das Caldas da Rainha, serão lançadas por inteiro, até pela noticia, que dão, das epidemias proxime passadas, cujas noções não devem ser incluídas na recopilação, que diz respeito particularmente ao mez de Dezembro proximo: mas o que ellas contem relativo a esta epocha será tambem recopilado.

N'este trabalho não apparecerá senão o que constar das Contas dos Facultativos. Trata-se de ajuntar no *Jornal de Coimbra* huma grande cópia de bem feitas, e bem referidas observações por todo o Reino; para depois se pesar cada huma d'ellas, se compararem as semelhantes, generalisar resultados, e estabelecer finalmente hum corpo de Medicina Portugueza.

Seria para desejar que previamente se fizesse a descripção topographica das Povoações, aonde tem de fazer-se as observações. Conviria muito referir o modo de vida, e costumes dos habitantes; toda a qualidade de produções do Paiz; as plantas ou outros medicamentos indigenos, que podem substituir-se aos exóticos, etc.

Para haver maior regularidade e exactidão, convem que as contas de cada hum dos Facultativos sejam relativas ás observações, que fizerem desde o primeiro até ao ultimo dia de cada mez; porque d'este modo he que se podem confrontar as observações de huma terra com as de outra, sabendo-se que humas e outras pertencem á mesma epocha; só assim se poderá conhecer, onde começa ou acaba primeiro qualquer epidemia, em que tempo foi mais universal, ou mais perniciosa, etc.: terminado por tanto qualquer mez, o Facultativo arranja a sua Conta, e pôde entregalla até ao dia 15 do mez seguinte: as observações porém d'estes 15 dias devem entrar com as do resto do mez na conta immediata. He isto o que se ordena na Portaria.

ART. XIV.—

*Conta dada por Valentim Sedano Bento de Mello, Medico do
Hospital Real da Villa das Caldas da Rainha.*

Para satisfazer ás vistas do nosso incansavel e paternal Governo sobre o estado de saude dos Póvos, e da qual pende em grande parte a felicidade do Estado, eu passo a dar idéas geraes das molestias, e ordem com que se tem succedido humas ás outras n'esta Villa das Caldas da Rainha desde o principio de 1812 até ao presente; se bem que as minhas circumstancias me tem privado de tratar com ordem clinica os doentes d'este districto.

Parece que a Providencia, compadecida dos males dos homens, quiz recompensar estes do muito, que tinham padecido nos fins do anno de 1810, e por quasi todo o anno de 1811; de maneira que desde o Outubro d'este ultimo até Agosto de 1812, não lembra gozarem estes Póvos de melhor saude, tendo sido até ahi este Paiz o mais soffredor da febre epidemica.

He digno de nota ter sido o estio de 1812 muito secco, e ao mesmo tempo irregular nos ventos, principalmente na Villa das Caldas, de fórma que muito pouco se conheceo estio, o que era bem estranho ás pessoas de Lisboa, que tinham vindo usar o remedio, que a natureza aqui liberalisa: foi n'esta época justamente que principiáráo a grassar as febres intermittentes, não só n'esta Villa, porém muito mais nos suburbios; nos quaes não era tanto de estranhar, principalmente nos campos de Alfeiceirão, e S. Martinho, muito abundantes de pantanos, como na Villa das Caldas, onde não são endemicas, e muito mais se olharmos a que atacavão pessoas bem constituidas, e isentas d'aquellas causas, que directamente enfraquecendo os órgãos digestivos, ou sendo pela sua indole capazes de produzir cruizas, dão origem á especie mais frequente, denominada intermittente gástrica.

Não he facil descobrir entre a multidão de causas capazes cada-huma de per si, e muito mais obrando em concurso, de produzir as febres intermittentes, qual seria a que as produzisse em muitos individuos; mas a natureza da estação muito secca e inconstante no gráo de calor he bem digna de attenção, qualquer que fosse o seu modo de obrar sobre a periphéria já pelas suas qualidades intrinsecas, já pelos seus principios contingentes: a ausencia das trovoadas, e o estado de equilibrio, por consequencia, do flúido elétrico por cinco mezes, não são menos dignas de attenção.

Fôrão pois as febres intermittentes, e principalmente do pe-

riodo terçanario, as que mais grassarão, e quando estas não erão bem tratadas, como muitas vezes tive occasião de notar, ellas passavão a continuas remittentes, porém faceis de debellar, e simplices pela regularidade e ordem dos seus symptomas. Algumas vezes observei tambem a existencia das remittentes logo desde o principio, e que de ordinario terminavão em intermittentes.

A natureza de todas estas febres foi sempre gástrica de maneira, que pela maior parte cedião aos emeticos, e brandos purgantes, e até mesmo não era preciso hum mui grande número de vezes lançar mão da quina, e quando era preciso, todo e qualquer preparado unido aos saes neutros, ou os cosimentos chicoráceos, e tamarindados com quina, erão sufficientes: a mesma quina em pó junta ao Tartarito acidulo de potassa e borato de soda foi a fórmula de que mais me vali principalmente para a gente pobre; e tanto, que esta minha fórmula, vistos os seus bons effeitos, andava de mão em mão pelas pessoas atacadas d'esta molestia, conforme me communicou o Boticario da Villa das Caldas.

Algumas vezes fui chamado para soccorrer doentes, em que esta febre, tratada desde a sua invasão, sem preceder muitas vezes nem hum emetico, com a quina, electuario de Madeswal, agoa de inglaterra, tinha tomado o aspecto de remittente, e até com symptomas graves; porém com uso de cosimentos chicoriáceos, e tamarindados, promovendo-se brandamente evacuações alvinas estes doentes se restabelecião. Tive dous casos, em que huma gravissima cephalalgia, que ás horas do accesso passava a delirio, me fizeram lançar mão das sanguisugas, receando mesmo hum *encephalite*.

No outono estas mesmas febres não requerião tanto os evacuates, e então a quina só, ou combinada como acima disse, logo desde o seu principio era preciosa; não notei porém bons effeitos nunca jámais da agoa ingleza pura principalmente no sexo feminino. Tem sido pelo outono, e principios do inverno que tenho notado obstrucções n'aquelles, que tem soffrido recahidas, faltando-lhes a dieta appropriada. Tambem tive occasião de observar duas perniciosas soperosas, nas quaes os estímulos externos e internos mais activos forão proficuos, e seguidos dos tonicos restabelecerão os doentes.

Desde Novembro até ao presente Janeiro, tem diminuido a epidemia das intermittentes, e tem succedido a estas as febres catarrasas, os pleurizes, e as peripneumonias: em todas estas tem sido proficuo o uso dos emeticos seguidos dos demulcentes, e poucas vezes tenho achado circumstancias para evacuações sanguineas, pois não tem atacado pessoas vigorosas, ou por idade ou por constituição, mas sim geralmente toda a classe de individuos expostos aos rigores da estação: eis as idéas relativas ao estado pathologico da Villa das Caldas, e seus suburbios.

ART. XV.—

Memoria sôbre as enfermidades que tem grassado na Cidade de Leiria, e seu termo; por Luiz Soares e Barbosa, Professor Regio Emerito de Philosophia, e Medico da Camara, e Hospital da sobredita Cidade.

*Opinionum Commenta delict dies,
Nature judicia confirmat.*

Cicero. denat. Deor.

A historia fiel das enfermidades, que grassão nos Povos, a attenta, e escrupulosa averiguação das causas, que as tem produzido, o judicioso, e imparcial discernimento dos effeitos, que segurarão os differentes soccorros empregados, formarão em todos os seculos a base mais luminosa, e a mais segura da Sciencia Medica. Não obstante a variedade de Seitas, que successivamente tem reinado desde o tempo dos Gregos até o presente; não obstante as perturbações, e obstaculos, que a Medicina tem sempre recebido das opiniões da Philosophia do tempo, cuja sorte ella tem sempre experimentado, o espirito observador tem com tudo continuamente raído ao travez das tenebrosas nuvens da variedade de opiniões, e Systemas hypotheticos; o Livro instructivo da Natureza tem sido consultado por Medicos dignos deste nome, os quaes por observações exactas a tem pintado qual ella he.

As enfermidades Epidemicas já desde os tempos remotos do famigerado Medico Grego tem merecido huma mais particular attenção dos Medicos observadores, não só pela grande quantidade de individuos por ellas ao mesmo tempo accommettidos, mas tambem pelo variavel caracter, com que ellas se apresentam, e pela grande mortandade, de que muitas vezes são acompanhadas; pois humas vezes ellas infestão huma Provincia, hum Reino inteiro; outras vezes endemicas, por causas locais, fixão permanentemente o seu domicilio em hum territorio, em huma povoação, e ainda em outro menor espaço. Humas vezes ellas se cingem ás differentes estações, ou quadras do anno; outras vezes, tornando-se estacionarias, exercitão o seu dominio por hum, ou annos successivos, as quaes em fim desaparecem para comparecerem talvez depois de hum certo número de annos.

Os principios morbificos, e as causas das epidemias são igualmente varios. Algumas vezes ellas se podem deduzir das qualidades sensiveis do ar, da variedade das estações, da qualidade nociva dos alimentos e bebidas, da posição das habitações, e outras particularidades locais, mas muitas vezes ellas dependem de alterações incognitas da atmosfera, deste Laboratorio immenso da Natureza, no qual se levantão continuamente effluvios de toda a superficie da terra, e aonde fluidos sutilissimos decompondo-se, ou recompondo-se formão agentes maleficos, miasmas morbificos, que affectão variamente os viventes do globo: outras vezes os principios morbificos, sendo formados em Regiões distantes, são transportados, e fazem invasão em hum paiz para produzirem nelle o contagio, a devastação, e a morte, até que por novas commoções, ou alterações, elles sejam afujentados, ou aniquilados.

Além disto he muito notavel o poder da constituição epidemica sobre as molestias esporadicas, que dependem de causas particulares a cada individuo. O character epidemico se imprime nestas, e em todas as enfermidades entrecurrentes; ellas tomão a sua côr, e não podem ser tratadas convenientemente sem haver hum cuidadosa attenção a este genio epidemico, que as governa: formas variadas, apparencias differentes, parecem representar doencas essencialmente distinctas, mas ellas não são ordinariamente se não formas differentes, aspectos morbosos do mesmo principio dominante, que ou as produz, ou as modifica.

Ainda que o que acabamos de dizer he principalmente applicavel ás febres, e doencas agudas, com tudo as enfermidade chronicas não ficão fóra do imperio do character epidemico reinante: este modifica o estado dos solidos, e fluidos, que constituem a organização humana, cujas modificações devem ser attendidas no plano do curativo, e de cuja attenção depende muitas vezes o bom exito.

Estas interessantes considerações movêrão em todas as idades alguns Medicos vigilantes, e incansaveis, para examina-rem, e descreverem com particular cuidado as enfermidades que grassavão nos Povos, e affligião frequentemente a humanidade; elles nos deixarão nos seus escriptos historias fieis, e advertencias importantes sobre o seu curativo: mas isto não basta. Ainda que as regras da sã Therapeutica são as mesmas para com todos os paizes, as indicações não são as mesmas em toda a parte: molestias com o mesmo aspecto, e a mesma denominação, offerecem indicações differentes em paizes differentes. Enganão-se pois aquelles, que seguem o exemplo, e os processos curativos dos escriptores de outro paiz, porque as indicações, que os exigião naquella, não se devem igualmente suppôr em hum paiz differente.

Cada Nação tem seu temperamento dominante: este procede do genero de regime politico, dos habitos, e costumes Na-

cionaes, das opiniões recebidas, da posição dos territorios, dos climas, da qualidade do ar, das aguas, dos alimentos, etc.; o que tudo modifica não só o exercicio da potencia vital, mas tambem todas as partes, que constituem a organização humana; e assim como a mesma causa morbifica produz effeitos differentemente modificados nos differentes temperamentos particulares, o mesmo acontece nos temperamentos Públicos, ou Nacionaes; e hum Nação pôde ser considerada como hum individuo a respeito de outra Nação. Pelo que pôde-se estabelecer hum classificação de Nosologia Geral, fundada nas apparencias morbosas; mas a consideração individual relativa a todas as circumstancias ponderadas admite variedades, nas quaes se devem fundar indicações indispensaveis.

Deve pois o Medico Nacional examinar o temperamento dominante da Nação, e as suas modificações nas differentes Provincias ou territorios: deve além disto notar os aspectos mais ou menos variaveis, com que se mostram as quadras do anno; sua complicação com o caracter da quadra antecedente; seu predominio; sua successão: vigiando continuamente sobre o inimigo morbifico, deve observar seus assaltos, suas transformações, suas misturas, para poder descobrir as suas causas, destruilas na sua origem, obstar aos seus progressos, reconhecer a natureza e caracter das enfermidades reinantes, e estabelecer o seu adequado curativo.

Mas este trabalho he longo, difficultoso, e complicado; he necessario que se reúnaõ forças, que concorram todos os Medicos da Nação, communicando descripções exactas, observações fieis das enfermidades, que grassão nos Povos, de cuja saude se achão encarregados. Da Collecção destes trabalhos reusltará em fim hum precioso Codigo de Medicina Nacional, preferivel a essas multiplicas compilações fastidiosas, a essas produções systematicas dictadas pela opinião, e pelo espirito de innovação, e singularidade, de baixo de cujo enorme peso géme a bibliotheca Medica. Este desejo, que eu manifestei em outro tempo (1), vejo hoje felizmente satisfeito: Hum Governo Sabio e Benefico, ao mesmo tempo que procura com incessante cuidado a segurança da Patria

(1) Quod sane institutum utinam in Lusitania nostra quoque stabiliretur: una enim omnium urbium, et locorum Medicis ad id concurrentibus, ut morbos quoscumque aut stationarios aut endemicos, aut epidemicos singulis annis evenientes, varios eorumdem exitus, et medendi rationes, aut proficuas, aut inutiles noxias ve adnotarent ac accuratissime describerent, emergeret hinc Medicinae Lusitanæ Codex pretiosissimus, etc.

Al. Suares. Barbosa, de angina ulcerosa apud Leiriam epidemice grassante Commentatio. Olisipone, an. 1789.

afflicta, que huma guerra cruel, e devastadora pertende despo-
voar, volta a sua circumspecta attenção, sobre outra causa muito
temivel de despovoação; determinando que todos os Medicos en-
viem histórias fieis, relações circunstanciadas das enfermidades que
tem grassado, das suas causas, e dos effeitos dos curativos em-
pregados. Eu vou satisfazer gostosamente ao dever, que me he im-
posto. Deos se digne patrocinar a nossa Nação innocente e aben-
çoada, concedendo-nos a segurança, e tranquillidade públicas, sem
as quaes as Sciencias uteis não podem ser nem bem cultivadas,
nem florescentes.

Escrevendo a história das enfermidades, que tem grassado em
Leiria, e seu termo, eu devo principiar pela epidemia, que accom-
panhou, e seguiu a mais feroz invasão, a qual fará sempre huma
épochá lamentavel nos annaes de Leiria. Esta epidemia pela sua
extensão, e circumstancias merece huma particular attenção; além
de que ella se acha ligada com as molestias, que se lhe seguirão,
e com as variedades que se observarão nas revoluções annuaes de
1811, e 1812.

Póde-se marcar o principio da epidemia no fim de Novem-
bro de 1810. Os habitantes tendo-se retirado para as montanhas,
e outros lugares, principiarão a experimentar os incommodos, as
inquietações, e os sustos, que o retrocesso, e a visinhança do ini-
migo lhes causava; e então o terror, e a consternação se tornou
geral. O incómodo das fugidas, a desabrida exposição ao ar hu-
mido, e frio, a penuria de alimentos, e a sua má qualidade, a
amontoação de fugitivos em casas apertadas, e baixas das aldeas,
a falta de limpeza n'ellas; a sordidez dos vestidos por falta de mu-
dança e lavagem excitarão a epidemia: a continuacão das mesmas
causas, as excreções e immundicias amontoadas, a multidão de
enfermos, as exhalacões dos mortos a propagarão, e a fizeram mais
grave, perigosa, e contagiosa.

A epidemia se tornou geral não só no paiz devastado, mas
nas outras povoações, para onde os fugitivos se tinham retirado,
fugindo das mãos ou da vista do inimigo, os quaes levavam já
consigo os germes, ou a disposição para a doença, e para a mor-
te. Milhares d'estes infelizes expatriados, que merecião a compai-
xão dos corações ainda os mais insensíveis, forão acabar a vida nas
aldeas, e hospitaes das Caldas, Peniche, e Mafra até á Capital;
e na Figueira, e mais aldeas até Coimbra.

Grande parte dos que restarão no paiz forão victimas da mi-
seria, da fome, do desamparo, e da infecção, não fallando dos
que morrerão ás mãos da tropa cruel, e deshumana. Na retirada do
exército inimigo, todos os viveres ficarão consumidos; não res-
tava aos habitantes, que permanecerão ou voltavão senão as áspe-
ras hervas do campo, pois as de cultura não existião nem as suas
raizes. Eu me lembro ainda do horroroso quadro, quando volte

para este desgraçado territorio: aldeas desertas, todo o territorio inculto, huma solidão espantosa, não apparecendo nem quadripedes nem volateis, casas incendiadas, ou derrotadas, immundicias amontoadas, hum ar desagradavel e infecto, cadaveres inseultos, vivos agonisantes, esqueletos ambulantes formavão então hum espectáculo estranho, pavoroso, e mortificante.

Ora a constituição do anno formou a molestia, e as circumstancias, que concorrêrão, a exasperarão. A febre continua, e a dysenteria ou combinadas ou separadas forão as enfermidades dominantes. A febre era constantemente continua; em alguns havia exacerbação vespertina, e pouca remissão matutina; mas não mostrava ordinariamente nem augmento, nem diminuição consideraveis: nos casos mais graves a frequência do pulso crescia depois do 6.^o dia; o estado do mesmo pulso variava, conforme o estado da força vital, e o concurso dos mais symptomas: a lingua se mostrava communmente coberta de hum mucô crasso, e adherente: em quasi todos havia propensão para delirio; nem muitos o delirio se declarava depois do 5.^o ou 7.^o dia. A erupção petechial era muito ordinaria, a qual não diminuia nem augmentava notavelmente os symptomas: o dia da erupção das pintas, como a sua côr era variavel. Esta erupção poderia fazer denominar a febre petechial, ou petechisante.

Rarissimas vezes se observavão sobresaltos nos tendões; mas alguns enfermos se fazião estupidos e supporosos; se isto acontecia mais tarde, e com surdez, era o caso ordinariamente de bom agouro; porém este estado era pessimo, quando se ajuntava com secura de pelle, e diarreia debilitante. A febre era ordinariamente acompanhada de dores em fórma rheumatica: algumas vezes se complicava com symptomas peripneumonicos, e esta complicação era pessima, e algumas vezes mortal.

A complicação da febre epidemica com a dysenteria formava sempre hum caso muito perigoso. Em alguns se observarão parotidas, as quaes se erão moderadas no volume, se a febre se moderava, ou ausentava, se ellas se resolvião, ou suppuravão promptamente, se havia evacuações do ventre, e principalmente por suor, era bom signal, e tudo se terminava felizmente: porém as parotidas muito volumosas, e dolorosas, permanecendo, ou augmentando a febre, e mais symptomas, erão pessimas.

Estes erão os mais notaveis symptomas, os quaes ainda variavão em número e gravidade conforme os temperamentos, e mais circumstancias individuaes; não devendo demorar-me em referir os symptomas communs a todas as febres. Podêmos affirmar que a febre epidemica era mais grave, mais violenta nos homens do que nas mulheres. A terminação da enfermidade, quando os symptomas erão moderados, o temperamento bom, e não havia complicação, accoteco em alguns no 7.^o dia, mas isto ordinariamente

não tinha lugar senão nos 14.^o ou 21.^o, e em alguns mais tarde; mas os que morrião, experimentavão communmente esta sorte do 9.^o até ao 21.^o dia.

Os suores erão convenientes depois do 7.^o dia; não assim antes d'este tempo: o mesmo se observava na diarrhea. Era huma excreção muito conferente, quando sobrevinhão ao mesmo tempo suor e diarrhea nos tempos adiantados da molestia. Em muitos a febre corria os seus periodos com a maior simplicidade sem symptomas graves, e extraordinarios, e somente com os que erão próprios da mesma febre, a qual se terminava então pelos suores, ou profusos ou moderados, mas continuados: estes tinham principalmente lugar nos dias 7, 9, 11, 14, ou 21, cuja promptidão dependia muito da disposição do enfermo, do vigor da potencia vital, e do tratamento.

Estes dias marcados com o nome de criticos pelos attentos observadores de toda a antiguidade não são o effeito de huma imaginação symetrica, como alguns tem pensado, mas sim huns períodos fundados na ordem constante da natureza, n'estas Leis admiraveis, com que os entes organizados, e viventes se conservão e restaurão. Todo o Universo se governa por movimentos regulados, e periodos constantes; e assim tambem a economia animal no estado ou de saúde, ou de enfermidade. Nas inflammções, febres eruptivas, e outras, observão-se estes periodos distinctos, e constantes; porque não ha de acontecer o mesmo nas febres continuas sem symptoma local, em que o heterogeneo morbifico affectando immediatamente o systema vascular excita continuamente as mais frequentes contracções do coração e arterias, e conforme a sua particular e especifica natureza requer certo tempo de trabalho, e deve ter certos periodos, em que manifesta a sua moderação, perde a sua actividade, e habilita a potencia vital para o expellir do corpo? Só a falta de attenta observação o pôde desconhecer; só huma polypharmacia mal entendida o pôde confundir.

O aspecto morboso variava nos diversos sujeitos; isto dependia das circumstancias individuaes relativas ao sexo, temperamento, idade, e ao estado, em que se achavão, quando erão accommettidos da febre: isto he commum a todos os miasmas morbificos, e estímulos febris, os quaes sendo identicos, e especificos, além dos symptomas característicos, se apresentação debaixo de varios estados morbosos, conforme os differentes estados individuaes: por isso a diathese phlogistica se mostrava principalmente nos homens moços, robustos, e com plethora sanguinea; nos fracos e desanimados se mostrava o contrário. Em muitos o systema gástrico era principalmente affectado pela saburra mucosa, biliosa, vária: mas geralmente dominava a crassidão tenaz, e acre dos humores mucosos, e lymphaticos; por estas razões não se podia

estabelecer hum methodo curativo-geral, mas devia cuidadosamente ser modificado conforme as circumstancias individuaes, e os diferentes estados morbosos.

Ordinariamente era conveniente evacuar no principio as primeiras vias pelos emeticos, ou emeto-catharticos, e ainda repetir esta evacuação, quando a plethora gástrica continuava, e posto que não remetia com isto a enfermidade, esta evacuação era indispensavel para prevenir outros symptomas graves, que huma saburra degenerada, e corrompida podia produzir. Quando este estado era acompanhado de diathese phlogistica, era mais util esta evacuação depois de emendada a diathese, e feita mais movel a materia pelos diluentes, salinos, e oxymel.

Em alguns o aparato gástrico era acompanhado de abatimento, e notavel diminuição de força vital: a febre se apresentava então com o aspecto denominado typho, ou lenta nervosa. Os evacuantes do systema gástrico erão então indispensaveis com aquella moderação, que o estado das forças vitæ exigião; e com maior razão, por que algumas vezes este abatimento era consensual, e effeito da degeneração humoral nas primeiras vias.

Se o abatimento se mostrava logo desde os primeiros dias da febre, este estado merecia então a denominação vulgar de malignidade, mas elle sobrevinha communmente mais tarde. Era necessario n'estes casos asthenicos o uso dos estimulantes externos, como sinapismos, e vesicatorios, e os internos como os volateis, e diffusivos camphorados, moschados, e as infusões de quina, serpentaria, viúho, acidos mineraes, etc. Estes estímulos devião ser graduados, de tal sorte que não exorbitasse o movimento febril, cuja moderação era necessaria para preencher o decurso regular da febre, e para esta se terminar felizmente. Erão porém nocivos os estimulantes e tonicos no caso de parotidas volumosas e doridas, porque augmentavão a inflammação local, e opprimindo o cerebro se seguia huma terminação funesta: devia-se procurar a suppuração pelos emolientes externos, e usar internamente dos acidos mineraes diluidos.

A dysenteria era sempre hum symptoma muito attendivel. O miasma epidemico tendo-se dirigido para os intestinos se tinha como alojado no muco intestinal, e estimulava continuamente a membrana nervosa. Quando apparecia logo no principio da febre, os emeticos, e purgantes tamarindados, mannados, e salinos erão necessarios, e uteis, por cujo uso ella muitas vezes se moderava, e restabelecida a excreção cutanea, tudo se terminava felizmente: mas se a diarrhea, ou dysenteria sobrevinha nos tempos adiantados da febre por causa ou de se não ter evacuado no principio a saburra gástrica, ou por superabundancia d'esta, se as forças vitæ se achavão muito abatidas, se sobrevinhão sobresaltos nos tendões, era para reccar huma putrefacção decidida no órgão intes-

tinal, e o caso era perigoso, e muitas vezes de exito funesto. Se tambem por causa de se ter abusado dos tonicos, e estimulantes, o miasma se fixava nos intestinos, e estes passavam a hum estado phlogistico, se sobrevinha meteorismo, affecto comatoso, e insensibilidade, o estado dos intestinos se tornava gangrenesciente, e a morte era certa.

Porém quando as forças se tinham conservado até aos dias 11 ou 14, e sobrevinha huma larga evacuação de ventre com abundantes suores, a enfermidade se terminava felizmente, pois que o muco morbosos dissolvido, e a sua acritude emendada pela acção vital, e pelo uso dos medicamentos apropriados, era expellido pelas excreções directas, e conferentes. Devemos com tudo notar que depois de terminada a febre, permaneceu em alguns a diarrhea, que se tornava chronica: era então difficultoso desalojar inteiramente o acre envolvido no muco intestinal: o uso dos tonicos, e opiados, reprimindo a diarrhea, reproduzia a febre; fazia-se pois necessaria alguma evacuação de ventre, conforme as forças o permittião, e então os gelatinosos, e o moderado uso dos tonicos, e opiados podião ter lugar, mas sem os diaphoreticos, e sem se estabelecer a excreção cutanea, nunca podia ser completo o bom exito.

Era sempre muito perigoso o symptoma peripneumonicos, o qual requeria o prompto curativo antiphlogistico proporcionado ás forças, e idade do enfermo: se se desprezava este, e se usava de tonicos, e estimulantes internos, ou se o symptoma sobrevinha em hum sugeito já muito abatido, ou era effeito de huma metastase, a consequencia era então a stertor, e a morte.

As erupções petechiaes não offerecião indicação alguma particular, ainda que podião algumas vezes influir no prognostico: sendo ellas humas echimoses, effeito do acre morbifico, não requerião outro curativo, senão o mesmo que exigia a natureza da febre: sendo communmente para o povo, e para os ignorantes hum symptoma pavoroso, era para o Medico sagaz, e circunspecto hum phenomeno indifferente. A prevenção, de que as pintas são effeitos da solução podre, e de malignidade tem causado damnos irreparaveis, tendo-se recorrido em consequencia d'esta falsa idéa aos chamados antisepticos, e alexipharmacos. A podridão dos humores como causa das febres he chimerica, e o uso dos antisepticos fundado n'ella he indiscreto, e incoherente: eu tenho observado as pintas tanto nas febres denominadas podres, como nas inflammatorias, intermittentes, e outras.

O delirio, sendo na febre epidemica hum symptoma muito frequente, era communmente consensual: elle seguia os tempos do decurso da febre, e com ella se moderava, cedia, e se terminava: o curativo pois d'ella era tambem o do delirio. Com tudo algumas vezes pela sua ferocidade requeria huma attenção particu-

lar, a qual devia sempre corresponder ao caracter febril. Em certos casos o emetico produziu hum bom effeito; em outros os pediluvios, os elyteres, os rubefacientes, e os vesicatorios erão convenientes. Devo notar que os vesicatorios, de que sem dúvida se tem feito hum grande abuso, erão uteis principalmente depois do 7.^o dia, attenuando a tenacidade mucosa, e tornando-se exutorios do systema cutaneo: porém no caso de grande abatimento da força vital elles erão hum miseravel soccorro, e ainda nocivos pelas evacuações, que produzião, abatendo mais as forças, que necessitavão de restauração.

Podêmos affirmar que o curativo mais geral consistia no uso dos salinos, antimoniaces, acidos mineraes, e diluentes diaphoreticos em sufficiente quantidade: com a sua continuação a febre se moderava pouco a pouco, e com ella os mais symptomas, e se terminava por suores, os quaes ordinariamente tinhão lugar nos dias 7, 9, 11, 14, e 21, e principalmente nos dias 7, e 14.

Observáron-se algumas recahidas, ou porque a causa morbifica não tinha sido completamente expellida, ou porque o systema geral não tinha sido sufficientemente restaurado, ou porque os convalescentes se expunhão muito cedo ao ar frio, e humido então dominante, ou porque usavão de alimentos mios, e indigestos: com tudo elles se restabelecião igualmente pelo mesmo methodo, se graves symptomas se não ajuntavão á grande debilidade ainda existente.

Muitos na sua longa convalescença forão atacados de erupções scabiosas, e pruriginosas, e, ainda que a scabie contagiosa reinava tambem, com tudo ellas erão o effeito do muco, e do fluido transpiravel degenerado, ou infeccionado pela acritude morbifica epidemica, e devião ser consideradas como huma depuração humoral, e signaes do restabelecimento geral.

A convalescença de muitos foi incommodada pela intumescencia edematosa das extremidades inferiores, e pela leucophlegmacia: o systema cellular enfraquecido não tinha ainda podido recuperar o seu vigor, nem o systema absorvente a sua acção propria de absorvencia: com tudo a boa dieta restaurante, o exercicio, e os tonicos procuravão, ainda que de vagar, o restabelecimento.

A mortandade foi sem dúvida grande, pois que os habitantes se acharão reduzidos a ametade. Parece-me conveniente expor as causas d'ella, quanto eu pude alcançar. Primeiramente muitos morrerão ás mãos do inimigo: depois a miseria, e a fome fez perecer muitos em hum paiz devastado, e falto de toda a especie de alimento.

O contágio tambem espalhou a epidemia, e concorreo para augmentar o número dos mortos. Ainda que em varios annos grassão enfermidades epidemicas, que não são contagiosas nem pela sua natureza, nem pelo seu effeito, e ainda que as notas caracte-

ísticas do contágio real nas febres epidêmicas são muito obscuras, com-tudo, algumas vezes o concurso de circumstancias particulares faz que ellas se tornem contagiosas, ou porque o miasma adquire maior actividade, ou porque os individuos se fazem mais susceptiveis; e tal, me parece, foi o caso da epidemia, de que presentemente fallo. A amontoação dos viventes, a multiplicidade de enfermos, as exhalações morbosas, a repressão da transpiração, a falta de agasalho, e os máos alimentos multiplicarão o miasma, e augmentarão a sua actividade: o susto, o terror, a consternação, e o canção, que acompanhavão por toda a parte os fugitivos, augmentarão a susceptibilidade nos individuos; d'aqui a extensão do contágio, e o rapido progresso da epidemia.

Concorreo muito para a mortandade a falta de soccorros, e a sua má administração. Não só os que restarão depois da retirada do inimigo, mas muitos, que se achavão fugitivos, estavam em hum total desamparo, não havendo nem remédios, nem quem lhes dirigisse: esta necessidade deu tambem occasião a que barbeiros, e Cirurgiões ignorantes se transformassem em audaciosos curandeiros, e dispozessem temerariamente da sorte dos enfermos.

Não devo esquecer que hum curativo muito estimulante e tonico foi demasiadamente generalisado por indicações mal concebidas, e por hum systema hypothetico anticipadamente adoptado: curativo, que sendo com as devidas modificações em certos casos util, tem sido em outros muito pernicioso. Huma opinião hypothetica variamente denominada tem favorecido desde tempos antigos o abuso d'este curativo: A malignidade nas febres erradamente accusada occorrião com alexipharmas, e bezoarticos; a podridão dos humores frequentemente inculcada, que procuravão combater com os chamados antisepticos, occupou depois o lugar d'aquella; a esta succedeo a debilidade frequentemente representada, que procuravão remediar com os excitantes de todas as fórmas: d'este modo se tem successivamente variado de nome, mas não de methodo.

O estado sthenico ou asthenico, phlogistico ou antiphlogistico, de inflamação ou de podridão, de reacção augmentada ou diminuida, de impeto febril exorbitante ou torpido são expressões succedaneas, que só podem realmente significar os vários grãos de actividade e energia da potencia vital. He difficilissimo, mas indispensavel calcular exactamente o grão da força vital, e principalmente quando o heterogeneo morbifico exercita a sua acção no systema vascular da segunda ordem; a febre se apresenta então muitas vezes debaixo de hum aspecto de brandura e fraqueza apparente, e pelos estimulantes fortes rompe em symptomas mais graves, que se communicão ainda ao systema sanguifero, de que se segue hum perturbação geral, e muitas vezes hum exito fatal.

A retirada vagarosa, que fiz desde Leiria pelas differentes po-

voações até Mafra, e Ericeira, me offereceo continuadas occasiões de observar e soccorrer a variedade de enfermos que por toda a parte se achavão ou dispersos ou accumulados, e de notar as diversas circumstancias, em que os encontrava, relativamente á gravidade e tempos da enfermidade, e á variedade de curativo, de que se tinha usado, e eu mesmo fui accommettido da febre dysenterica epidemica. Depois da retirada do inimigo voltei para Leiria, aonde continuei a minha observação, e o meu trabalho em hum territorio coberto de medonha assolação, acudindo aos individuos que tinham restado, ou que tinham já voltado, e que se achavão afflictos pela miseria, pela infecção, e pela enfermidade.

A epidemia tendo principiado no fim de Novembro exercitou o seu maior furor em Dezembro; e em Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, e Maio de 1811: ella se moderou em Junho, no qual, e em Julho apparecêrão ainda algumas dysenterias. No mez de Junho o tempo se tornou muito irregular pelas alternativas de humidade e seccura, de frialdade e calor, as quaes dispozerão a economia animal para nova fórma de febres.

Em Julho desapareceo inteiramente a febre contínua epidemica: as febres intermitentes occuparão o seu lugar, e a constituição morbifica se mudou totalmente. Não he já hum febre, que continúa constantemente na sua carreira por hum certo número de dias; não he já hum heterogeneo morbifico, que estimula continuamente o systema vascular, e o obriga a mais frequentes contracções, até ser amansado, ou expellido: he hum febre, que dura poucas horas, e repete por accessos inteiramente distinctos, e separados; he hum principio morbifico de outro genero, o hydrogenio paludoso talvez, que, evaporado dos charcos quasi séccos, ou desenvolvido em outros lugares, affecta especialmente o systema cutaneo, e, em consequencia d'esta affecção nociva, o obriga a contrahir-se; então os fluidos da periphéria estagnados e repellidos, e ainda por hum movimento consensual, excitão o coração, e as arterias a mais frequentes reacções até que vencida a resistencia cutanea se siga a solução do espasmo, e a relaxação. He pois hypothetico e intelligivel que a debilidade seja hum estímulo indirecto do espasmo cutaneo, ou que a debilidade de hum potencia qualquer a torne mais habil para exercitar maiores forças.

Com effeito as febres intermitentes podem ser consideradas como humas contracções, e relaxações periodicas do systema cutaneo: ellas requerem hum disposição particular n'este orgão, que o torna mais susceptivel do espasmo, ou contracção, e hum principio nocivo, que occasiona esta contracção: quanto a susceptibilidade for maior, posta a presença do principio morbifico, e a sua actividade, tanto será mais prompta a reversão do paroxys-

mo e mais breve a apyrexia ; se a relaxação for completa, será completa a apyrexia ; se incompleta aquella, incompleta será também esta : d'aqui procede a vária ordem das reversões, quotidiana, terça, quarta, etc. e o seu vário aspecto de reversões distinctas e manifestas, ou obscuras e informes, etc.

Ainda que os principios morbíficos, estes corpusculos subtilissimos, estão fóra do alcance dos nossos sentidos, e do exame chymico, com tudo a observação prôva que elles por sua natureza especifica dirigem constantemente a sua acção a órgãos, e fluidos determinados. E sem dúvida ; pois assim como o oxygenio, e o calorico desenvolvidos no bofe pela decomposição do ar inspirado sendo os agentes continuos, e indispensaveis da vitalidade, e instrumento proprio da excitabilidade, que conduzida do órgão cerebral portoda a arvore nervosa até ás ultimas ramificações, e modificada ainda nos diferentes ganglios, leva a sensibilidade, e a mobilidade a todos os órgãos para n'elles se exercitarem acções proprias, e se formarem fluidos particulares por decomposições, e recomposições, conforme as leis da chymica animal, com tudo cada órgão he particularmente destinado, e he só capaz de receber impressões, e exercitar movimentos que lhe competem e não outros, conforme a disposição, e construcção orgânica ; da mesma forma também os agentes morbíficos por sua natureza propria atacão constantemente certos órgãos, e certos fluidos ; produzem phenomenos característicos, que os distinguem, aos quaes se podem associar outros em razão da connexão, e dependencia mútua dos órgãos, de harmonia do systema geral, e da unidade da potencia vital, cujas leis, e ordem tem sido attestadas pela observação de todos os tempos.

Mas voltando á epidemia das febres intermitentes, tendo ellas apparecido no mez de Julho continuárão nos mezes seguintes até ao fim do anno ; e tem sido a enfermidade dominante. As molestias intercurrentes tem sido algumas cólicas saturninas, e cholera morbus.

Em Dezembro a temperatura fria e sêcca pareceo mudar de alguma sorte a constituição morbífica ; e com effeito a diáthese phlogistica se manifestou em algumas enfermidades. As mesmas intermitentes apparecêrão larvadas com esta diáthese, nas quaes o uso da quina produzia máos effeitos, mas remediada a diáthese, as intermitentes recuperavão a sua fórma manifesta, e ou se dissipavão igualmente, ou o uso da quina tinha então lugar.

Com tudo as intermitentes communmente recabidas perseverarão nos mezes seguintes de 1812. Na primavera alguns que tinham tido sezões no anno passado, e de que se tinham conservado livres durante o inverno, forão de novo accommettidos d'ellas. Em todo este tempo apparecêrão alguns rheumatismos : também se observavão alguns com bexigas, as quaes se não propagatão, talvez

porque a constituição do anno não era favoravel á sua propagação. Devo notar que nenhum d'aquelles, que eu tinha vaccinado, foi accommettido de bexigas até ao presente.

Em Julho as sezões recuperarão toda a actividade do seu dominio: ellas tem grassado geralmente; poucos habitantes tem escapado á sua invasão, e ellas tem continuado a reinar até ao fim do anno. D'este modo a febre intermittente tem sido stacionaria; ella tem exercitado privativamente o seu dominio; febre alguma continua não tem grassado: tão differente he a natureza e caracter d'estes dous generos de febre, que para huma tomar o dominio he preciso que a outra lhe ceda o lugar.

Quasi todas as febres intermittentes se tem mostrado com paroxysmos quotidianos, na fórma de tercãs dobradas: muitas tem sido informes com paroxysmos obscuros, e na fórma de continuas remittentes, mas que erão verdadeiras intermittentes. Tal tem sido a grande susceptibilidade do systema cutaneo, tal tem sido a abundancia e actividade do miasma morbifico. Poucas tem sido as tercãs, rariissimas as quartãs. Os paroxysmos se terminavão ordinariamente por suores, os quaes se erão abundantes, seguia-se então huma perfeita apyrexia: porém em outros casos havia somente remittencia na febre, porque o intervallo entre os paroxysmos era breve; não havia tempo sufficiente para terminar o espasmo cutaneo, e a reacção por consequencia continuava.

O aspecto morboso não era em todos igual: em alguns durante a apyrexia a ordem de todas as funcções se restituia inteiramente ao seu estado natural: podião-se reputar estas sezões como simples, não tendo mistura alguma com outro estado morboso. Em outros havia signaes decisivos de plethora gástrica, ou acumulação de humores degenerados nas primeiras vias. Em alguns se observáão claros indicios de tenacidade mucosa, ou pituitosa, principalmente nos primeiros mezes da epidemia das intermittentes, o que se devia considerar como restos da indisposição humoral, que tinha acompanhado todos os tempos da febre continua epidemica. Felizmente rariissimas forão as occasiões em que os paroxysmos forão acompanhados de symptomas perniciosos.

Geralmente fallando, as sezões cedêrão promptamente ao uso da quina: este admiravel vegetal, não tendo poder para suffocar o paroxysmo febril huma vez estabelacido, gosa da energica virtude preservativa das reversões da febre. Eu não examinei agora se ella produz este effeito emendando a susceptibilidade, ou moderando e destruindo a actividade do agente morbifico.

Nas sezões simples o uso da quina era hum seguro soccorro, mas devia ser sufficientemente continuado até se ter emendado inteiramente a susceptibilidade. A saburra gástrica exigia o uso dos emeticos, ou emeto-catharticos, conforme a turgencia, e a mobilidade regia para a evacuação ou superior qu-

inferior. Em alguns as intermittentes cedêrão aos emeticos não só em razão dos humores evacuados, mas também perturbando, e perturbando a susceptibilidade cutanea.

A tenacidade humoral pedia o uso das plantas amaricantes, saes neutros, e oxymel, cujo uso interpolado pelos evacuantes remediavão ás vezes as intermittentes; quando não, o uso da quina era então mais bem indicado, e de melhor effeito. A casca de angustura produziu em alguns bom effeito, mas este não era constante, e por consequencia a sua efficacia era inferior á da quina: o mesmo devo dizer do enxofre dourado de antimonio, posto que no caso de tenacidade mucosa o seu uso era indicado, e de bom effeito. Em certos casos de intermittentes as plantas amargas indigenas com o sal ammoniaco curarão as sezões sem ser necessario recorrer ao uso da quina.

O predominio das febres intermittentes tem continuado até ao fim do anno, pois que no mez de Dezembro alguns forão pela primeira vez accommettidos d'ellas, tendo vivido livres por todo o anno. As multiplicações recalhadas formão sempre o maior número de cazonarios: he pois conveniente entrar no exame das causas das recalhadas, e das molestias, que serão consequencias d'estas.

As causas das recalhadas tem sido várias; eu reconheço as seguintes:

1.^a O grande dominio da constituição morbifica, que augmentava a susceptibilidade; e produzia a abundancia e energia do miasma; pois se alguns erão accommettidos de novo, muito mais facilmente serião atacados aquelles que já tinham tido sezões, e se achavão assim dispostos para a recalhada.

2.^a A falta da continuação da quina pelo tempo devido, e até se emendar inteiramente a susceptibilidade, para que o systema não podesse ser affectado pelo miasma dominante. Algumas vezes a quina, por sua má qualidade, não possuia a efficacia necessaria para produzir hum completo effeito.

3.^a A falta de huma convalescença regulada, porque principalmente os pobres, e gente do campo se expunhão aos calores, e humidades, e outras alternativas, e usavão de máos alimentos.

4.^a As mesmas recalhadas facilitavão a sua continuação pelo costume e hábito; e isto procede da mesma constituição da economia animal. A repetição dos actos produz a facilidade de os renovar, a que chamámos hábito: o que tem lugar tanto no physico como no moral, tanto no estado de saúde, como no da enfermidade.

5.^a Devemos também advertir que as sezões, e todas as enfermidades periodicas são por sua natureza mesma mais sujeitas a recalhadas, mas principalmente as sezões, pois cada reversão de paroxysmo póde ser considerada como huma recalhada.

Intumescencia do epigastrio, cachexias, leucophlegmacias, icte-

ricias, hydropesias foram as consequências mais ordinarias das multiplicadas recahidas das sezões. As recahidas cansando e consumindo huma grande parte da excitabilidade cutanea diminuião a actividade da absorpção, e da exalação, os fluidos se detinham, estagnavão, e formavão intumescencias no tecido cellular universalmente distribuido por todas as partes da organização; e isto se observava mais nas idades pueril, e senil, do que na média; mais nos temperamentos laxos, e phlegmaticos, do que nos robustos, e séccos.

A quadra outonal apresentou maior número d'estes casos: esta tornando-se cada vez mais humida e fria, o oxygenio não se desenvolvia na sufficiente quantidade para exercitar a necessaria excitabilidade nos órgãos, nem havia a sufficiente quantidade de fluido calorifico para entreter a fluidez humoral, e facilitar a sua evaporação: a acção orgânica se diminuia, e os fluidos adquirião maior adherencia, e tenacidade. O que se observava geralmente no systema cellular, se manifestava mais ordinariamente na intumescencia local do epigastrio, a qual era algumas vezes acompanhada de cachexia icterica.

Era pois necessario excitar a acção organica do systema absorbente, e diminuir a adherencia dos fluidos estagnados. Os amariçantes com os saes neutros, e o oxymel, e as esfregações aromáticas produzião em muitos este effeito; mas em outros era preciso recorrer aos scilliticos, saponaceos, e gommosos, os quaes devião ser applicados gradualmente conforme o grão de excitabilidade nos enfermos. Se as excreções da transpiração, e da ourina se restabelecião, e augmentavão, a saude voltava, e se confirmava pelos tónicos restaurantes.

Os catharticos, excepto no caso de plethora gástrica, e intestinal, erão ordinariamente nocivos, debilitando os enfermos: não assim os emeticos, os quaes excitando a acção do systema cutaneo, e dos vasos absorventes augmentavão as excreções, e corrião para diminuir as intumescencias.

Estas erão ainda em alguns acompanhadas dos accessos febris das intermittentes. Se os enfermos tinham forças, era conveniente usar da mesma febre como instrumento, que conduzia a todos os órgãos a acção saudavel dos medicamentos, e assim algumas vezes se terminavão, e as intumescencias, e os accessos: porém em outros casos os accessos debilitavão progressivamente os enfermos; era então indispensavel recorrer ao uso da quina, rebater os accessos, e continuar o uso dos medicamentos indicados.

Eis-aqui em fim como dous differentes generos de febres epidemicas repartirão imperiosamente entre si o espaço de dous annos: como esta massa atmospherica, que cerca continuamente os viventes, ao mesmo tempo que subministra fluidos indispensaveis para o exercicio da vida, fórma tambem agentes morbificos,

que pela sua diversa natureza produzem perturbações diversas na economia animal, formas diversas de febres: como circumstancias accessorias tem augmentado a sua actividade, propagado a sua extensão, e dominio para produzir já o terror e a morte, já o estado da enfermidade, e da miseria, com que continuamente tem sido opprimidos os habitantes d'este territorio.

Eu não posso dar huma relação numerica de todos os individuos accommettidos das molestias que tem grassado, comtudo póde-se formar huma idéa da sua extensão pelo mappa junto dos enfermos que tem sido tratados no Hospital d'esta Cidade nos 3 mezes ultimos do anno que acabou, pois que tendo eu escolhido o seu local, dado o plano da sua construcção, e regulado a sua organização, e tendo observado as enfermidades n'elle tratadas desde o tempo da sua fundação, posso segurar que nunca n'elle houverão doenças, que de forma alguma podessem ser attribuidas, ou á sua localidade, ou á sua forma de construcção, e muito menos a febre de Hospital, com que tem sido infamados muitos d'estes Estabelecimentos pela sua má situação, e má construcção; pelo que as enfermidades, com que os enfermos entrão no Hospital, são as mesmas que grassão na Cidade, e nas Aldéas, e pelo número dos enfermos n'elle recebidos se póde calcular a extensão das enfermidades reinantes. Eu apresento no mesmo mappa não só a enumeração dos que entrãrão, mas tambem a dos que sahirão, ou são ou mortos.

De tudo isto, e da perda de ametade dos habitantes pelos effeitos da invasão, se poderá tambem formar juizo do quanto, por falta de braços, tem soffrido a Agricultura, primeiro, e indispensavel manancial das nossas subsistencias.

Leiria 4 de Janeiro de 1813.

— LXXI —

*Mapa dos enfermos que foram tratados no Hospital de Leiria
nos mezes de Agosto, Setembro, Outubro, Novembro,
e Dezembro de 1812.*

Mezes.	Sexos.	Entrarão.	Sahirão.	Restarão.
			sãos. mort.	
Agosto.	Homens.	— 357 —	215 — 5 —	137
	com 60, que restavão.			
	Mulheres.	— 465 —	286 — 2 —	177
	com 78, que restavão.			
Setembro.	Homens.	— 296 —	213 — 5 —	150
	Mulheres.	— 497 —	353 — 16 —	128
Outubro.	Homens.	— 122 —	170 — 8 —	94
	Mulheres.	— 371 —	358 — 13 —	128
Novembro.	Homens.	— 151 —	108 — 5 —	132
	Mulheres.	— 199 —	151 — 3 —	173
Dezembro.	Homens.	— 87 —	159 — 5 —	55
	Mulheres.	— 96 —	208 — 1 —	60
Totaes . . .		2:641	2:221 — 63	

ART. XVI.—

*Recopilação das contas dos Facultativos acima
mencionados pag. 73.*

Estas contas referem-se quasi todas ao mez de Dezembro, algumas porém comprehendem todo o Outono passado. As molestias epidemicas, de que fazem menção, reduzem-se a febres intermittentes, e remittentes geralmente gástricas; catarrhos; alguns rheumatismos; e affecções cutaneas. São notadas algumas outras molestias, já consecutivas d'aquellas febres, v. g. obstrucções abdominaes, hydropesias, etc., já apparecidas esporadicamente, v. g. escorbuto, cólicas, dispepsias; e mesmo alguns casos cirurgicos, do que tudo se dará huma idéa geral, tratando de cada huma das molestias separadamente, e declarando o que a respeito de cada huma se inclue nas ditas contas.

Febres intermittentes.

Esta epidemia tem sido a mais geral; existe desde o verão, continuou no Outono, e ainda dura. A sua existencia em algumas Povoações não admira por ser ali endemica esta febre, e grassar mesmo em todas as estações do anno, como refere hum dos Medicos de Alcacer do Sal, Joaquim José da Silva, o qual assim se explica: "*No longo intervallo de 40 annos, que tantos são os que eu tenho de Clinica n'esta terra, o que observei no primeiro anno, tem sido repetido em o decurso dos mais: ou seja pela aridez e asperesa do territorio no estio, ou pelos miasmas, que se elevão dos immensos pantanos, que radão esta Villa pelas grandes fábricas de arrôz proprio d'aqui, ou mesmo talvez pela localidade d'esta Povoação, que pelo Norte está coberta por huma eminencia extraordinaria, que não deixa gozar a vento Norte, he esta terra hum fonte perenne de febres intermittentes em todas as estações.*" Ha porém muitas Povoações, que geralmente fallando erão mui saudaveis; e onde as febres intermittentes raras vezes appareção, mas nem por isso os seus habitantes poderão n'estes ultimos mezes restar isentos da epidemia d'estas febres. Parece por tanto que para esta epidemia tem concorrido algumas outras causas além das que ordinariamente se dão nos paizes sezonaticos. O Professor Luiz Felix da Cruz Sobral, Médico de Aldéa Gallega da Merciana, fallando do que observou n'este districto, assim discorre: "*Este Paiz se acha situado 7 ou 8 legoas ao Norte de Lisboa; 2 ao Nascente de Torres Vedras; 1 ao Sul de Villa Verde; e na mesma distancia ao Occidente d'Alemquer. Elle he mantonhoso e ventilado, fortemente pelos ventos N. e NE. Aqui não ha pantanos, nem qualquer agoa estagnada; poucas e pequenas estrumeiras pela falta de gados... etc. Da topographia do paiz já se infere que não era a acção sedativa de gases mephiticos, a origem de tantas febres periodicas, das quaes algumas se tornavão typhoideas, e muitas vezes mortaes. Em poucos dias de observação fui obrigado a concluir, a priori, e a posteriori, que era a ultima classe do Povo, a que quasi exclusivamente soffria estas febres; e que todas erão originalmente gástricas complicadas ou seguidas de obstrucções da baixo-ventre.*" Este juizo sobre a natureza das intermittentes era confirmado pelo curativo que empregou felizmente, e que consistia no uso dos amargos com os purgantes, tendo precedido os emeticos.

Observando por tanto o dito Médico que n'este districto fallavão as causas ordinarias das sezões; que estas atacavão com particularidade os habitantes mais pobres; e combinando estas circumstancias com a natureza e tratamento mais conveniente na dita febre forinou o seguinte juizo pathologico: "*Sendo esta paiz dos*

invadidos pelo inimigo commum em 1810, seus Póvos emigrarão possuidos de hum verdadeiro terror, soffrendo o cansaço, a fome, e frio humido, causas todas debilitantes; e continuando a obrar algumas d'estas na ultima classe do Povo em todo o tempo da emigração; depois voltarão aos seus domicilios, onde experimentarão as consequencias da tristeza á vista da ruina de seus lares, da indigencia pela falta de alimentos e commodidades da vida, e até dos meios de os haver: seguiu-se hum anno esteril maxime de fructas. Posto que melhorando pouco e pouco do estado de abatimento, a que os tinha conduzido tantas, e tão poderosas causas debilitantes, chegou o esoi de 1812, o qual sendo calmoso e prolongado, produziu aquelle estado geral de asthenia indirecta, e os predispoz para que o seu ventriculo e intestinos não podessem dirigir cumulos de fructas estivaes, que nesse anno forão abundantes, e que elles famintos comerão em quantidade; o que devia tanto mais succeder assim, por isso que erão estas visceras, as que mais se debilitarão, por ser a fome de todas as causas debilitantes a que mais durou n'esta classe de Póvos invadidos (1).,

Segundo o que se collige já das causas, já do tratamento apontado n'estas contas, as intermittentes, em geral tem sido gástricas, ao menos na sua invasão apresentarão commumente esta complicação. He por isso que o methodo curativo consistio em primeiro lugar na applicação de hum emetico, e depois no uso da quina, água de Inglaterra, cosimentos amargos, addicionando alguns purgantes, quando a continuação dos symptomas gástricos assim o exigia.

A este tratamento cedião as intermittentes, porém as recedivas forão frequentes, mais nas terras proximas a pantanos, e tambem nas outras, apontando-se como principal motivo as irregularidades no regimen de vida, particularmente na dieta, e por

(1) He mui bem deduzido este raciocinio sôbre as causas das febres, que grassarão, mais ou menos frequentes, depois da emigração em 1810 até ao fim de 1812; e explica bem a maior generalidade, que tomarão as intermittentes: mas para explicar já os casos, em que as intermittentes apparecêrão desde o verão passado em Povoações saudaveis anteriormente, e d'onde se não emigrou, v. g. Azeitão; já aquelles, em que se não derão as fomes, frios, etc. nem tão pouco a exposição aos miasmas dos pantanos, parece-nos que muito principalmente se deve recorrer a huma particular constituição atmospherica propria para desenvolver immediata ou mediatamente as febres periodicas. Esta constituição pôde ser particular pelas circumstancias da atmospherica não só em cada estação considerada em si, mas tambem relativamente ás que precederão, e ás que se lhe seguirão. (Redactores.)

isso a gente pobre foi a mais sujeita a taes repetições. As intermitentes tomáráo algumas, porém raras, vezes o caracter pernicioso, como se vê pela Conta dada pelo Médico Mello das Caldas da Rainha (pag. 77).

Febres remittentes biliosas.

Estas febres tem grassado ao mesmo tempo que as intermitentes, e tem algumas vezes sido huma terminação d'estas (2). Em muitas das presentes Contas se falla n'esta febre: em Setubal, Evora, Aldeia Gallega da Merciana, Alemquer, Caldas da Rainha, Leiria, houve muitas; porém onde parece terem sido mais frequentes, até pela particular menção, que d'ellas fazem os Médicos, he na Villa de Estremôz.

Aeste respeito; e sobre as suas causas o Médico Mathias José de Oliveira Galvão pensa da maneira seguinte: "*Seudo esta Villa de Estremôz muito fria e humida pelas muitas agoas, de que abunda, e não sendo estas boas por conterem muitos saes de base calcarea, com tudo isto não he muito sujeita a epidemias, nem ainda de febres intermitentes, que costumão grassar nos lugares pantanosos. Porém ha mais de dous annos tem aqui grassado com frequencia humas febres gástrico-biliosas, por apparecerem logo com grande apparatus de cólera nas primeiras vias; principião estas muitas vezes com typos tercenarios, e passão a remittentes, e a pôdres, se se lhe não applicão logo os emeticos. Attribuo a causa aos máos alimentos, por accommetterem mais a indigencia, e á muita immundicia (3) que hoje ha n'esta terra, ainda nos lugares*

(2) Segundo a opinião dos melhores Prácticos o typo da febre não he hum caracter essencial; em o mesmo doente a febre muda a ordem dos periodos, e mesmo de intermittente passa a remittente, e vice-versa. He por isso que apesar da diversidade dos typos estas febres podem considerar-se, como fazendo parte da epidemia das intermitentes: porque os symptomas essenciaes, pelos quaes se distinguem as diferentes febres, e que no presente caso erão os gástricos, apparecião em ambas; as causas geraes parecião as mesmas, e o tratamento muito analogo. Por tanto a circumstancias accidentaes, pôsto que as não possamos assignar, se deve attribuir a variedade dos typos. (*Redactores.*)

(3) Felizes as Povoações, cuja policia sobre este ponto se conserva na maior perfeição; e ainda aquellas, em que a falta de rigorosa policia he remediada com huma descoberta exposição aos ventos, que promptamente arroião para longe os miasmas deletorios. Porém nas Povoações, que infelizmente carecem d'estes be-

de passagem pública, tudo originada das muitas tropas, que aqui tem estado de assento, e continuadamente de passagem.

neficios, difficultosamente deixará de soffrer a saúde dos Povos. Por tanto se o Médico, procurando salvar da morte a Humanidade enferma, aconselhando o regimen mais conveniente á conservação da saúde, e apontando as causas morbíficas, que se devem evitar, he hum Cidadão digno de estima, e do maior interesse para a Sociedade, o Ministro, como depositario do poder executivo, não he menos necessario para que exacta e promptamente se executem as providencias, que a respeito da saúde pública proprozer o Médico. Estas duas respeitaveis Pessoas, obrando de acôrdo, podem prestar ao Estado e aos Povos serviços tão importantes, que, bem ponderados, pôde avançar-se que d'ellas depende na maior parte a felicidade de huma Povoação. Não fallámos só da fortuna de hum Povo, cujo Ministro distribue a justiça com rectidão, desinteresse, e sem vexame, e cujo Médico presta com promptidão e zêlo os seus cuidados e assistencia na occasião da molestia: o nosso pensamento allonga-se ainda mais: trata-se dos vantajosos resultados da cooperação d'estes dous Empregados Públicos. Lembremo-nos dos muitos objectos de policia médica, e ficará bem provada esta asserção. Se com prejuizo da saúde pública se vendem alimentos de má qualidade, ainda que o Médico conheça e faça público este mal, o Povo, ordinariamente attrahido pela barateza do genero, continúa a fazer uso d'elle, em quanto hum Ministro exacto, e cuidadoso pelo bem público, não faz destruir, queimar, ou enterrar semelhantes víveres. Conhecida pelo Médico a insalubridade das agoas, de que se faz uso em huma terra, he o Ministro quem pôde mandar procurar, e conduzir outras melhores se as ha nas visinhanças. Se o Médico descobriu ou approvou alguma agoa mineral no districto onde pratica, o Povo não poderá tirar todo o partido d'este bem, se o Ministro não cuidar em estabelecer n'aquelle lugar ou huma fonte, ou casas de banhos. O corte de certas florestas, e, se he possível, de montes, que impedem a livre corrente dos ventos; a exsiccação de pantanos; a designação do melhor local para certas fábricas, e a sua extinção dentro de huma terra, etc. podem ser lembranças do Médico, que pela sua prática tenha conhecido os males provenientes d'estas causas; porém os males continuarão, se o Ministro com o seu poder não pozer em execução as providencias apontadas. Observa o Médico a indigencia de alguns doentes, e a grande repugnancia em se recolherem ao Hospital; a molestia protraída, faltando os soccorros, vai a precipitar o doente na sepultura; quantas victimas não são d'este modo todos os dias sacrificadas ao desleixo, e ao mal entendido capricho! Quantos Cidadãos não perde assim o

Outro Médico da mesma Villa, Sebastião Antunes Simões, fallando da dita febre, aponta tambem algumas d'estas causas, e nota huma circumstancia mui attendivel, e que não só estorva o poder ser observada pelo Médico a febre em todos as suas épocas, mas tambem a torna mais difficil de curar. Diz este Médico: "*He porém de notar 1.^o que os doentes apresentados ao curativo d'este Hospital quasi sempre contão 6, 8, e ás vezes muito mais de 10 dias, de padecimento da molestia, ainda aguda, que os obriga a procurar este asilo, e quizá depois de muitos remedios empiricos, e talvez nocivos (4): 2.^o que o maior número dos homens, mulheres, e rapazes, aqui recebidos, são vagabundos, mendigos, ociosos, e pôde ser viciosos (5), possuidos de debilidade, em razão da sua inacção, e carencia de são alimento.*"

Estado, os quaes podião pelo seu serviço concorrer para a harmonia social na paz, e para o augmento da força na guerra! Quantas famílias não perdem por esta desgraça a subsistencia, que hum Pai cuidadoso adquiria, e a educação, que a vigilante Mãe dava a suas filhas! Todos estes males só o Ministro poderá evitar, tomando as medidas necessarias para que diariamente lhe constem os doentes, que ha no seu districto, e fazendo conduzir para o Hospital aquelles, de cuja indigência elle deve estar informado. As Casas dos Expostos offerecem muitos objectos sobre que são necessarias providencias, que o Médico aconselha, e o Ministro executa: he verdade que a administração d'estas Casas está pela maior parte encarregada ás Misericórdias, estas Corporações porém não tem ordinariamente poder bastante para fazer executar as suas liberações, principalmente quando ellas se estendem a fóra das mesmas Casas, sem a intervenção do Ministro territorial. Se nos lembramos do que accontece na occasião de huma peste, que providencias, que medidas de precaução, não he necessario que o Médico proponha, e que sem o immediato e rigoroso poder do Ministro seriam frustradas, ficando muitas vezes reduzida huma Villa populosa e brilhante a hum ermo medonho! — Seriamos nimiamente extensos se ponderassemos todos os casos, em que a cooperação do Ministro e Médico pôde fazer a felicidade de hum Povo: grande parte d'estes casos são obvios, outros porém, como particulares a certas terras, só os podem lembrar os Médicos d'ellas. Será por tanto sempre, e mui particularmente na presente época, do maior interesse para a Nação, o conferirem muitas vezes, viverem na maior intelligencia, e estarem até mesmo ligadas com os mais estreitos vinculos da amizade estas duas tão interessantes e dignas Classes de Empregados Públicos. (*Redactores.*)

(4) Veja-se a nota 3.

(5) Eis-aqui mais hum caso, que se dá frequentemente, que

Esta febre, segundo se deduz da Conta d'este Médico, além das exacerbações quotidianas, que a constituição remittente, apresentava-se com apparato de saburrias, denotado pela lingua conspurcada, ainda que vermelha em roda, algumas vezes porém ella não tinha estes caracteres: *pêso e dôr de cabeça, enfarto mesenterico, e pelo ordinario alguma entumescencia dos extremos*; passados os primeiros dias, continuando as dores gravativas de cabeça, desenvolvião-se alguns symptomas nervosos, havia anciedades, subsultos dos tendões, e parotidas (6).

O tratamento em geral começava pelos evacuantes superior e inferiormente, ommittindo aquelles, quando não havia saburra na lingua, e passava depois aos amargos, particularmente quina, ou só ou com ruibarbo; pelo decurso da febre, e á proporção que apparecião os symptomas referidos, tinham lugar os sinapismos aos pés, os vesicantes na nuca, as misturas de camphora e almiscar, não esquecendo clysteres diários, e fricções sêccas ao ventre.

A febre nem sempre chegava ao ultimo gráo indicado na descripção, e então cedia aos primeiros d'aquelles remedios; nem tambem foi muito funesta, excepto em doentes, que por muitos dias a despresarão, e quando houve recahidas.

Catarrhos e Rheumatismos.

Depois que começaram os ventos NE. alternados, em alguns dias, com os O. e SO. a atmosphéra passando de fria e sêcca para temperada e humida, e vice-versa, deo principio á epidemia de desluxos, anginas tonsilares, peripneumonias já verdadeiras já notas, e alguns rheumatismos. O que tudo foi tratado pelos methodos ordinarios.

mesmo olhar pela parte da saude pública merece a maior vigilancia dos Ministros, e em que o Médico conhecendo a falsidade da molestia do mendigo, e o Ministro obrigando-o a trabalhar, podem ambos aliviar a sociedade de membros inuteis, pesados, e muitas vezes criminosos. (Redactores.)

(6) Por esta enumeração de symptomas vê-se que a febre passava de gástrica a atáxica, ou se complicava com esta. São da maior utilidade para a prática estas distincções, pelas quaes o Médico pôde regular mais acertadamente o curativo nas diversas variedades de huma epidemia, e nas differentes épocas da mesma molestia. (Redactores.)

Affecções cutâneas.

Em Cintra o Cirurgião Joaquim da Silva Baptista observou desde o fim de Outubro até ao fim de Dezembro de 1812 certas molestias cutâneas, que grassarão muito geralmente, e mais entre os camponezes; famílias inteiras eram atacadas d'estas enfermidades, que o Observador suspeita por isso serem contagiosas. Em huas a affecção tomava a forma de furunculos, e em outros apparecia por todo o corpo huma erupção meuda, acompanhada de grande comichão, e chamada vulgarmente brotoeja (*hydroa*), a qual muitas vezes se extinguia de repente, e voltava de novo no mesmo sujeito. Esta affecção em algumas pessoas terminou em huma sarna enfadonha. O dito Cirurgião pensa que as calmas fortes, e aturada exposição ao intenso calor do Sol no verão predispozera o corpo para esta molestia.

O tratamento consistia 1.^o em huma ou duas sangrias, segundo o gráo da molestia e temperamento do doente: 2.^o em hum cosimento de cevada, gramma, e raiz d'almeirão, a que ajuntava nitro, do qual fazia tomar meio quartilho de 6 a 6 horas: 3.^o hum purgante de agoa laxativa viennese de 6 a 6 dias; e tudo isto, junto a huma diétta de carne fresca e hervagens, continuava durante 20 dias. No fim d'estes os furunculos principalmente desaparecião; porém a affecção psórica, se continuava, exigia as applicações tópicas do unguento sulphurico, e de alderete, os banhos mórnos, e o uso interno de cosimentos de salsaparrilha e fumaria.

Obstrucções e hydropesias.

Fica recopilado o que n'estas Contas se refere relativamente a molestias, que grassarão epidemicamente. Estas molestias terminavão de ordinario felizmente, poucas vezes na morte, e as intermittentes algumas vezes em outras molestias, v. g., obstrucções abdominaes, e hydropesias. Estas doencas de sua natureza chronicas, mais duravão, e se agravavão pelo desprezo, com que erão tratadas, dando-se commumente em pessoas indigentes, a quem faltavão sufficientes meios para tratar-se. Estes casos erão geralmente funestos. Porém quando os doentes se sujeitavão a tempo ao tratamento regular, ou em suas casas ou nos Hospitaes, estas affecções forão muitas vezes curadas pelo uso das preparações de ferro, e mercurio, pelos cosimentos amargos, diureticos, e chiconiacceos.

Molestias esporádicas.

Entre estas molestias tem lugar hum escorbuto, de que faz menção José Joaquim da Costa e Simas, Médico de Monte Mór o novo. As causas forão *mãos alimentos, pouca limpeza no corpo, habitação humida, etc.* Conseguiu-se a diversa cura por meio do uso do acido nítrico: e o dito Professor faz a seguinte observação: "*A doente escorbutada, que já estava coberta de petequias, também se achava paralitica do lado esquerdo: he bem de notar que de tudo se acha restabelecida, e he provavel que se deva esta cura ao oxygenio do acido nítrico por ser excitante da absorvença venosa, como por augmentar a secção do poder sensorio.*"

São apontadas algumas outras molestias esporádicas, como forão cólicas, dyspesias, etc. porém não vem descriptas, e por isso he de presumir que n'ellas não houvesse circumstancia alguma memoravel.

Casos Cirurgicos.

O Cirurgião de Cintra Joaquim da Silva Baptista refere os seguintes casos, de que tratou:

Huma Senhora, de 30 annos, e temperamento sanguíneo, sádia, amamentava huma filha de 6 mezes. Desde 9 de Dezembro passado começou a sentir huma dor no lado externo do peito direito; a dor cresceu todos os dias; o peito inflamou-se; e havia de quando em quando arrepios de frio. O referido Cirurgião observou a doente no dia 15, achou grande inflamação, e, attendendo também ao temperamento e idade, mandou applicar sobre o tumor 9 sanguisugas, e, vedado o sangue, fazer fomentações de oleo d'amendoas com tinctura thebaica, remedio com que tem visto resolver muitos d'estes tumores. Passados 3 dias, o tumor era menor, porém estava mais duro e vermelho, e as picadas ameadavão; o que fez presumir que se encaminhava á suppuração. N'este estado fez applicar sobre o tumor huma cataplasma de farinha de linhaça. No fim de trez dias d'este remedio, a materia estava bem formada, o tumor foi aberto com o bisturi, e a chaga curada em 20 dias com terebinthina, oleo d'apicicio, e de co-paiba, etc.

E. S., de 75 annos de idade, no dia 10 de Dezembro passado, vindo a cavallo mortificou o escroto, o qual á noute estava já hum pouco inchado, e dorido. As dores crescerão, e ao amanhecer a inchação era tão grande, que o dito Cirurgião, sendo chamado, julgou que pesava mais de 5 arrates, e que seria formada por extravasão sanguinea: o tumor não tinha mudado de

côr, nem havia signal de inflammação. N'estes termos applicou-se-lhe huma cataplasma de farinha de trigo feita com infusão aromatica, e usou-se de hum suspensorio. Depois de 3 dias, o tumor diminuiu hum pouco, porém fez-se mais duro, sentindo-se sobre o testiculo algumas picadas, e tornando-se a côr mais vermelha. O Assistente persuadio-se de que a suppuração começava, e recebeu a cataplasma de linhaça. Conheceo-se materia formada na parte superior do testiculo direito; fez-se huma abertura de 4 polegadas de cima para baixo ao lado do rafe; sahio bastante materia, e pedaços de sangue coagulado: *formou-se a ferida com fios secos*, e nos dias seguintes foi curada com elles molhados em terebinthina, oleo d'apario, e copaiba. A inchação abaixou muito no lado direito, porém no esquerdo o tumor era ainda grande, e apresentava fluctuação, que parecia devida a agoa. Fez-se a punção, sahio hum quartilho d'agoa, e todo o tumor ficou igualmente diminuido. A 8 de Janeiro ainda continuava o curativo; porém o doente entrava em convalescença, e havia todas as esperanças de hum perfeito restabelecimento, pois nem o hydrocele se tinha renovado.

O mesmo Cirurgião, em 18 de Dezembro passado, foi chamado a Galames para tratar de huma doente, á qual depois de ter soffrido por muito tempo pustulas na cabeça, desapparecendo estas, sobreveio hum grande tumor no lado esquerdo do pescoço, o qual lhe tomava a espada do mesmo lado, e parte do osso occipital, impedindo tambem hum pouco a deglutição. A doente era muito fraca, cahia em frequentes desmaios, e vomitava quanto comia ou bebia. Todas estas circumstancias fazião temer grande perigo; e observando o Assistente que o tumor se encaminhava para a suppuração, applicou-lhe a cataplasma de linhaça ajuntando-lhe algum unguento basilicão, e para uso interno a mistura salina simples. No dia seguinte tinhão parado os vomitos, a lingua estava saburrosa, havia amargos de boca, e a doente tomou 4 onças de manhã e outras 4 de tarde de hum cósimento purgante. Os symptomas gástricos diminuirão; restabeleceo-se a facilidade de engolir, e no fim de 8 dias o tumor tinha materia formada. Abrio-se este, e, evacuada a materia, a chaga foi curada, como nos casos antecedentes, e a 7 de Janeiro a doente estava quasi boa.

No dia 22 de Dezembro foi este Facultativo chamado para tratar huma doente de 10 annos, a qual tinha hum grande tumor na parte superior da cabeça sobre os ossos parietaes, e que chegava até ao principio de ambos os temporaes. O tumor tinha já materia havia muito tempo, e por isso se suspeitou que haveria tambem carie. Fez-se no alto do tumor huma incisão de 4 polegadas sobre a satura longitudinal, e para mais prompta sahida da materia outras duas nos lados dos parietaes de 3 polegadas de ex-

tensão ; passarão-se por estas aberturas dous sedanhos molhados no digestivo já referido, sobre isto pozerão-se chumaços molhados em infusão de sabugueiro com aguardente, sendo tudo comprimido com hum gualapo de 6 pontas. As curas continuárão por este modo, e a 12 de Janeiro a doente estava muito melhor, havendo todas as esperanças de completa cura.

O Cirurgião João José de Couto, do partido do Hospital da Misericórdia de Cintra, entre outros Casos Cirurgicos de que faz menção, refere que tratára hum carbunculo sobre a região temporal; fazendo pequenas escarificações, e applicando topicamente hum cataplasma feita de farinha de centeio, mel, pedra hume calcinada, e gemmas d'ovos; que com este remedio parou a gangrena; e que depois fizera uso de outra cataplasma composta de farinha de pão, mel, e aguardente, depois do que a escara cahio, e a chaga foi tratada pelo methodo ordinario nas chagas simples. O remedio interno, durante a cura, foi agoa de Inglaterra.

ART. XVII.—

Provisão circular do Desembargo do Paço em observancia do Aviso do Govêrno do Reino, expedido em consequencia da Representação do Ex.^{mo} Marechal Conde de Trancoso, para se fazerem os reparos necessarios nas Cadêas arruinadas.

D. JOÃO por graça de Deos PRINCIPE REGENTE de Portugal, e dós Algarves, d'Aquem, e d'Alem Mar, em Africa de Guiné, etc.—Faço saber a vós Juiz de Fóra de . . . que havendo-Me representado o Marechal em Chefe Conde de Trancoso, a necessidade que ha de reparar as Cadêas arruinadas: Houve por bem ordenar que os Juizes de Fóra dos respectivos Districtos, e onde os não houver, os Corregedores das Comarcas mandem pelos sobejos das Cisas fazer os reparos necessarios das Cadêas arruinadas, dando-Me conta pela Meza do Meu Desembargo do Paço das Despezas, que se fizerem nos mesmos reparos, legalisadas com os documentos precisos, para se lhes mandarem abonar; ficando na intelligencia de que nas mesmas Cadêas se não aboletará Tropa alguma: o que assim executareis, e fareis executar no Districto

da vossa Jurisdição. O Principe Nosso Senhor o Mandou por especial Mandado pelos Ministros abaixo assignados, do seu Conselho, e seus Desembargadores do Paço. — Paulo José do Valle a concertou em Lisboa aos 24 de Fevereiro de 1812 annos.

Pedro Norberto de Sousa Padilha e Seixas a fez escrever.

Bernardo Carneiro Vieira de Sousa. — Antonio Gomes Ribeiro.

Por Portaria do Govêrno d'estes
Reinos de 25 de Setembro de 1811,
e Aviso de 16 de Novembro do dito
anno de 1811 (*).

ART. XVIII.—

Reflexões sôbre Periódicos.

N'esta qualidade d'Escriptos ou se extractão, e analysão as obras novas, ou se publicação Escriptos originaes pouco extensos, e cujos AA. se não querem muitas vezes declarar: vulgarisão-se em todo o caso conhecimentos sôbre muitos objectos.

Os Periódicos, que não fazem senão extractar e analysar as obras novas, são interessantes, se indicão os pontos, que nas ditas obras principalmente se tratão, e o merecimento d'ellas. Comparar ou estudar todos os Livros, que se publicação sôbre qualquer materia he impossivel, e he ás vezes perder dinheiro e tempo.

(*) As Cadêas são objecto de muita importancia, quando se trata de saude pública. Apparecem mui frequentemente n'estas lugubres moradas da desgraça molestias de muito má natureza, e que tem sido objecto de grandes Tractados de Medicina Práctica. Desoladoras epidemias tem muitas vezes devido a sua origem ás Cadêas. Grandes homens, opprimidos com a lembrança das desgraças, que pelo lado da saude se soffrem nas prizões, tem visitado estas casas; tem feito d'ellas charos objectos de penosas viagens, concorrendo quanto as suas circumstancias permitem para diminuir os seus incommodos. A Portaria do Govêrno do Reino em data de 24 de Outubro passado, e ainda a presente Provisão são concebidas em espirito de beneficencia pelo lado da saude das Cadêas.

(Redactores.)

Homens de humana applicação não interrompida, têm constantemente os Periódicos da sua Profissão, não para estudarem n'elles as materias, mas para saberem p. m. ou m., de que Livros hão de prover as suas Livrarias.

Debaixo d'este ponto de vista taes Escriptos são mui interessantes: ha porém huma difficuldade extraordinaria: 1.^o em desempenharem exactamente o seu objecto, e 2.^o em dignamente se conduzirem.

1.^o Para se extractarem e analysarem os Escriptos sobre objectos Litterarios, he necessario hum profundo conhecimento d'estes objectos, huma boa critica, muita clareza, e muita ordem: e que o Público reconheça no Periodista estas circumstancias.

2.^o Devendo ser imparcial nos seus juizos e sentenças, o Periodista tem muitas vezes occasião, tem necessidade, de combater opiniões, e de desapprovar passagens de algum Escripto: e por maior que seja a moderação e prudencia, com que esta tarefa se preencha, os AA. desgostão-se, irritão-se, e muitas vezes nas suas réplicas, rompem em improperios e insultos; nascendo d'ahi discussões desagradaveis e sem vantagem para a Sciencia.

O Periodista de objectos Litterarios deve evitar quanto possível for contestações alheas da Sciencia, e mais ainda as conduzidas com animosidade e grosseria. Por toda a parte deve reluzir o seu espirito de não offender. Se as suas expressões forem alguma vez equívocas, deve explicallas, sendo requerido.

O Periodista deve responder não pela doutrina, mas pela decencia de todo o Papel, que publicar, de outrem. Os AA. das obras, que se lhe remetterem, tem de conformar-se exactamente com elle a respeito de decencia, seja o Papel primitivo, seja impugnação, seja resposta do impugnado, etc.

Os Periódicos são interessantes, se publicão Escriptos originaes uteis, ainda que pouco extensos. Huma Observação, huma Experiencia, etc. de grande valor inclue-se ás vezes em poucas linhas: o Público ficará pela maior parte privado d'essa Observação, ou Experiencia, se não houver hum Periódico, em que ella se publique.

Hum Escripto d'esta qualidade evita aos AA. collisões, trabalhos, despesas, delongas, e podendo remetter-se as obras pelo Correio até se tira occasião de suspeitar-se quem elles são, no caso de quererem occultar-se.

Hum Periódico he ordinariamente hum Escripto pouco extenso, e assim mesmo trata de muitos objectos, repete-se de certo em certo tempo, excita a curiosidade de muitos Leitores; pelo que ha em huma pagina muitas vezes se lê todo; e assim se vulgarisão os conhecimentos.

Estas poucas reflexões parece que bastão para evidenciar que os Periódicos sobre objectos Litterarios promovem as Sciencias: e

se a experiencia não confirma esta doutrina, tambem a não contraria. Em Inglaterra, Alemanha, França, e Italia ha huma immensidade de Periódicos; e nem por isso pôde negar-se grande saber, muitas e interessantes Publicações, aos Ingлезes, Alemães, Francezes, e Italianos.

Multiplicada fórma de Escriptos satisfará a maior número de góstos differentes. He o ponto estimular o talento, e desafiar a curiosidade dos homens por muitos meios.

Em Portugal sabe-se muito; mas tambem se tem publicado poucas obras em alguma época em que não havia Periódicos. Por tanto peiorar não podêmos a este respeito com a publicação d'esta qualidade de Escriptos; ensaiemos se melhorámos.

Os Periódicos, que não tratão se não de novidades politicas e militares, são muito interessantes; tem desmascarado a todos os respeitos os nossos inimigos, tem tornado mais claros, que a luz do Sol, o patriotismo, o amor ao Soberano, etc. Creio bem que taes Escriptos tem preparado as grandes scenas politicas e militares, que n'estes ultimos tempos se tem visto, e continuão. Se se propozesse quaes no estado actual das cousas são de maior utilidade, se os Periódicos sôbre objectos Litterarios, ou os outros; talvez que não acceptassemos o advogar a causa dos primeiros: mas huns e outros são mais ou menos uteis, pôde haver de tudo, he o ponto que não tenham collisões desagradaveis.

ART. XIX.—

Com a maior violencia pegámos na penna para tratar outra vez de proposições do Investigador Portuguez em Inglaterra.

No Núm. XIX., pag. 376, lê-se o seguinte: *o demasiado fogo, com que defendemos no Núm. VI. a Religião e o Govêrno de Portugal, bem como o estado da Medicina naquelle Reino, e as Repartições Civis do Exército, tem (Núm. XII., pag. 703, 706) tanta desculpa, quanto nenhuma merece o que muito injusta e muito impoliticamente se escreveu em Lisboa contra a nossa resposta, que mereceo a approvação do Govêrno.*

Nunca será demasiado que se reprehenda o vago d'expressões, as quaes, tendo por objecto huma unica pessoa, os Leitores, ou Ouvintes podem, ou por malicia, ou falta de necessarias informações, accommodar a quem bem lhes pareça.

Nós escrevemos em Lisboa sobre a Resposta do Investigador a Halliday. Mostrámos então porque nos desagradavam algumas das suas proposições: não temos certeza de que aquelle Periódico n'esta parte falle do nosso Jornal; mas parece-nos que todos os Leitores assim o julgarão.

Escreveo-se contra hum Papel, que o Governo tinha approvado!.. Este facto, que o Investigador annuncia, he, além d'*injusto e impolitico*, horroroso aos nossos sentimentos. Nada ha mais necessario sempre, e principalmente nas actuaes circumstancias, do que huma perfeita e reciproca confiança do Governo no Povo, e do Povo no Governo. Perfeita confiança do Governo no Povo só a pôde haver quando este obedecer religiosamente ás ordens do Governo. O Povo não obedecerá de bom grado, isto he, não descangará perfeitamente sobre elle, senão quando se persuadir que o seu comportamento he o mais sabio, he o mais conducente á felicidade do mesmo Povo. Aquelle pois, que prégar opiniões contra as do Governo, mina pelo alicerce o edificio da Sociedade, a que pertence.

O Investigador confessa que analysou Halliday com *demasiado fogo*, e com alguma imprudencia; não vio n'aquella obra se não o que havia de máo contra Portugal, e (concluimos d'aquellas palavras) talvez o exagerou. Nós não occultámos este mal, mas declaramos imparcialmente as passagens, em que Halliday nos fez justiça; interpretámos pela mesma obra o seu espirito e o seu character; e os factos nos tem mostrado, que não foi máo o retrato, que d' Halliday fizemos. Não podêmos descobrir aqui nem *injustiça*, nem *impolitica*.

Não atinando nós em que opiniões, ou doutrina fomos *injustos e impoliticos*, no que escrevemos sobre a Resposta do Investigador a Halliday, esperámos que elle no-lo mostre: o objecto he demasiadamente grave e delicado para desistirmos de exigir que o Investigador ou prove o que avança, ou se retrate.

Nós tornámos agora a lêr a Resposta do Investigador a Halliday, e nem depois de lermos no §. transcripto do mesmo Investigador que o Governo de Portugal approvára aquella Resposta, nós nos persuadimos de que ao Governo agrada toda a doutrina n'ella expendida.

Confrontemos a prática do Governo com as opiniões do Investigador, para conhecermos a *justiça* e a *politica* do Investigador.

Os Medicos e Cirurgiões de Brigada não servem se não de pézo ao Erario, e de torpêço ao Exército, diz o Investigador; entre tanto que taes emprêgos forão creados pelo Governo? He aqui grande a politica do Investigador? e pôde esta parte da Resposta ser approvada pelo Governo?

Estabelecem o Governo, e o Excellentissimo Marechal Com-

mandante do Exército, e reprova o Investigador, Graduações Militares em não Combatentes ? Conformão-se? He isto mui politico.

Desagrada ao Investigador que o Physico Mór, sem trabalhar, recebesse ordenado, e mesmo ajuda de custo, como se trabalhasse; entretanto que estas erão as ordens de S. A. R. ? Póde o Investigador ser approvado pelo Govérno, etc., etc.?

He hum desgraca, he hum vergonha, que para se cumprirem as excellentes Leis, que temos sejão precisos Estrangeiros, diz o Investigador. He, se póde ser, mais que impossivel que o Govérno da Nação approvasse tal doutrina, etc.

Parece termos mostrado pela medida, que estabelecemos, que não fomos *injustos*, nem *impolíticos* no que escrevemos contra o Investigador: e se fór necessario, apresentaremos, se se nos conceder licença, próvas directas, e documentos bem authenticos, que tornem sem réplica quanto a este respeito avançamos.

Mui *injusto* a respeito de Portugal, mui *impolitico* a respeito do nosso Govérno temos nós mostrado que he o Investigador, e ainda o mostraremos mais.

O Investigador na pag. 379 do mesmo Núm. XIX. tem: *Quanto á Repartição dos Hospitaes Militares o A. pouco menos diz n'esta 2.^a edição do que disse na primeira, relativamente á multiplicidade de Hospitaes, que houve; má organisação e govérno d'elles, multiplicidade d'Empregados, excessivas despezas, etc...* Estando hum de nós em Lisboa em Julho passado, soubemos que a maior parte das proposições, que o A. avança, são verdadeiras. Nós soubemos que houve Hospital, cujo número de Empregados era quasi igual ao número d'Enfermos! Nós soubemos, por via de quem póde fallar n'esta materia, com pleno conhecimento de causa, que se gastava, pelo menos, hum terço mais do que o necessario! Nós soubemos que o Regulamento dos Hospitaes era desprezado, ou torcido, e mal interpretado!

Esta horrorosa pintura do Departamento Medico-Militar agradou extraordinariamente ao Investigador, que veio a Lisboa saber que houve Hospital, cujo número d'Empregados era quasi igual ao dos Enfermos; gastava-se hum terço de mais do necessario; o Regulamento era desprezado, torcido, e mal interpretado.

O Regulamento tem-se achado insufficiente para as nossas actuaes circumstancias, e brevemente esperámos poder dizello mais abertamente. Isso, que ao Investigador pareceo *torcido e mal interpretado*, talvez fosse necessidade de nova fôrma de serviço.

Debaixo mesmo de hum optimo Govérno d'Hospitaes Militares, póde nas nossas circumstancias, achar-se alguma vez hum Hospital com Empregados, que mal cheguem para o serviço ordinario, e não haver, outra vez, doentes no mesmo Hospital: O movimento incerto das Tropas póde dar lugar a esta e outras alternativas.

Nós não vimos ainda esta nova Obra d' Halliday ; diz o Investigador , que n'ella ha , relativamente a Hospitaes Militares , muitas pessoas nomeadas , e referidos muitos factos. Estimaremos ter para publicar cousas , que , em contraposição com o Investigador , acreditem a actual Repartição Medico-Militar Portuguesa : a taréfa he bem possivel , he bem facil , porque são Portuguezes os Medicos , os Cirurgiões , e os Officiaes de Fazenda n'ella empregados.

Não sabemos , ou antes não nos importa porque o Investigador acolhe com a maior benignidade possivel quanto se lhe refira contra a Repartição Medico Militar debaixo do actual Chefe ; chama-lhe a unica bem arranjada em Portugal , quando era governada pelo Chefe antecessor ; aconselha ao Govérno reformas. Haverá cousa mais injusta a respeito do serviço ? Haverá cousa mais *impolitica* a respeito dos Generaes e do Govérno ?

Nós lêmos o Investigador , subscrevemollo desde que a sua publicação se annunciou ; isto he , muito antes de nos resolvermos a publicar hum Periódico na nossa propria Terra. Isto basta para mostrar que o julgámos d' interesse. Por isso mesmo que o Investigador he hoje muito lido , as suas opiniões politicas devem ser , no estado actual das cousas , mui apuradas.

No Núm. XVI. , pag. 626 , ha huma *convicção* , e *persuasão* de fatalissimos resultados. "*Persuadidos e convencidos de que S. A. R. , e os seus Delegados em Portugal tem sido illudidos mais de huma vez , d'onde tem resultado premiar quem deveria ser punido , e punir quem deveria ser premiado.*"

Aquellas poucas palavras do Investigador contém trez muito más proposições ; 1.^a S. A. R. , e seus Delegados em Portugal illudem-se muitas vezes ! 2.^a tem premiado quem deveria ser punido !! 3.^a tem punido quem deveria ser premiado !!! Eis-aqui trez proposições , em que se vai de mal apêor ; eis-aqui trez proposições , cada huma das quaes torna pêor o Vassallo , que d'ella se persuadir.

Qual dos Vassallos , em circumstancias identicas , se sujeitará mais religiosamente á Lei ? aquelle que estiver *persuadido* e *convencido* de que o Legislador he muitas vezes illudido , ou o que pensar de maneira opposta ? A resposta he corrente ; eu hei-de obedecer de melhor vontade a quem supponha que se não póde illudir no que me manda : Logo o pertender persuadir os Vassallos da 1.^a Proposição he animallos á desobediencia , ou ao menos esfriallos na obediencia , que devem ao Soberano , e ás suas Leis.

He a todas as luzes máo , que alguém se chegue a persuadir de que o Vassallo inutil , e mesmo o activamente máo em vez de ser ou desprezado , ou castigado , he premiado ; aquelle , a quem agradar tão má doutrina receará menos obrar mal ; que ataquê pois á Ordem Pública não he a 2.^a Proposição !!

O vício da 3.^a Proposição, que S. A. R., e os seus Delegados em Portugal tem muitas vezes castigado a quem devia premiar. He superior a toda a reflexão.

O Governo de Portugal tem ha tempos a esta parte tida maior desvello e cuidado em nomôr pessoas capazes para os diversos empregos,, (Investigador Núm. XIX., pag. 378) ? Que quer dizer ? Que o Governo Portuguez accordou finalmente do Letargo, em que jazia ? Inda bem que tão justificados são os nossos motivos para julgarmos que só por injustiça e impolitica, de que mal pôde fazer-se idéa, tal paradoxo se avança, etc.

Oxalá que todos os homens, e escriptos Portuguezes respirem hum respeito infinito ás Determinações, e mesmo ás Palavras do Soberano: Sendo necessario que vivamos todos bem certos, que não basta dizer que o Nosso Soberano, e o Governo, que em Portugal o representa, he justo, he benefico, etc., etc.: he sobre maneira necessario, e importa ainda mais referir factos, de que aquellas Proposições sejam consequencia infallivel; he necessario não fallar da Suprema Authoridade com termos grosseiros, injustos e impoliticos. Estes são os sentimentos, estas as expressões de intima amizade, e de hum bem entendido respeito.

ART. XX.—

Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias.

Desde a publicação do Num. XI. do Jornal de Coimbra até hoje aggregárão-se como Correspondentes, á Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, os seguintes:

Medicos.

Os Srs. Jacinto Franco Leitão, Azambuja. — José Francisco de Carvalho, Lagos. — João Maria Martel, Silves. — Antonio José de Almeida, Ericeira. — João Antonio de Carvalho Chaves, Villa da Cuba. — Joaquim Antonio de Sousa, Pederneira. — Joaquim Alves de Araujo, Monforte. — João Pedro Roxo, Portalegre. — Antonio Joaquim Freire Anaia, Barcos. — Luiz Soares Barbosa, Leiria. — Manoel Thomé Bello, Guarda. — Sebastião Archanjo Paes, Portalegre.

Cirurgiões.

Os Srs. Domingos Antonio da Costa Flores, Villa do Conde. — Manoel Vicente da Silva Frazão, Villa d'Olhão da Restauração. — Domingos Armão Morence, S. Miguel das Marinhas. — Antonio José da Fonseca, Couto de Mancellos. — Joaquim da Silveira, Santa Maria de Moreira do Castello de Basto. — Ignacio José dos Santos, Viseu. — Francisco José de Moraes Seixas de Leão, Barcellos. — Manoel Coelho do Nascimento, Penedo. — José Maria da Costa, Cerva. — Manoel Joaquim Rodrigues, Braga.

A mesma Instituição continúa a acceitar, e agradecer a cooperação dos Medicos e Cirurgiões das Provincias, que se offereçam para Correspondentes: a todos remetterá immediatamente a Matéria Vaccinica, os numeros dos Opusculos da Instituição, que a Academia tem publicado; Modelo para as Contas mensaes: fará em huma palavra quanto poder para estabelecer e propagar a Vacinação, assim na Capital, como em todas as Provincias do Reino.

Toda a pessoa pôde dirigir-se até pelo Correio á Instituição Vaccinica; e pela mesma via receberá com a brevidade possível, todas as providencias, que estiverem ao seu alcance, e se lhe requererem.

ART. XXI.—

Directoria Geral dos Estudos.

Hão de provêr-se, por concurso de 60 dias que começarão a 7 de Janeiro, as Cadeiras seguintes:

Perante o Corregedor de Torres Vedras, as Escólas de Primeiras Lettras da Ribaldeira, Mafra, Cascaes, Bellas, Cadaval, Villa Verde, Sobral de Monte Agrassó, Lourinhã, S. Lourenço dos Francos, Ericeira.

Perante o Corregedor de Trancoso a de Muxagata.

Perante o Provedor da Guarda a do Termo de Gouvêa.

He sempre livre aos Concurrêntes examinar-se em Coimbra, apesar da Commissão, que se dá unicamente por commodidade dos Oppositores ao Concurso.

Em todo o anno de 1812 forão sentenciados pelo dito Tribunal

83 Concursos com Oppositores — — 114

Exames para Licenças — — — 45

Somma... 159

ART. XXII.—

No Num. XI. pag. 343 do presente Jornal começámos a publicar huma Memoria do Escultor Joaquim Machado de Castro sobre a Estatua Equestre do Senhor Rei D. José I., continuámos no Num. XII. pag. 429, e concluimos o que era immediatamente da Estatua.

Resta a 4.^a parte da mesma Memoria, em que se examinão Escriptos Estrangeiros sobre o mesmo objecto; que não he possível publicarmos no presente Num.

Devem notar-se ainda alguns erros typographicos n'aquella Memoria. Pag. 430 lin. 14 *que attenção* lêa-se *que em attenção* — pag. 434 lin. 15 *Mercio* lêa-se *Mercurio*. — Faltão algumas linhas em a nota de pag. 432, que acaba, com: *deve accrescentar-se que hum Engenheiro Portuguez, tendo diante o modêlo de gesso, que outro nosso Artifice lhe formára, combinou e preparou tantos barros, e tantos metaes...., etc.*

O A. da Memoria, explicando a nota (*) da pag. 430, diz que o Fundidor fez ou dirigio a execução das Fôrmas, que receberão depois o bronze derretido: como ellas porém forão executadas immediatamente sobre o Modêlo, que o Escultor A. havia feito, ellas não podião deixar de imprimir identicamente o que o Modêlo em si continha.

ART. XXIII.—

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Catalogo de algumas das Obras impressas na Régia Officina Typographica de Lisboa no mez de Janeiro de 1813.

Dissertação Historica Crítica e Economica sobre a refôrma dos Foraes do Reinado do Sr. D. Manoel. Parte 1.^a pelo Desembargador João Pedro Ribeiro. 4.^o pag. 94.

Carta Maritima da Costa de Portugal, construida pelo Major do Real Corpo de Engenheiros Marino Miguel Franzini: gravada em Londres pelo insigne Arowsmith. Consta de trez folhas de

papel imperial : huma contém reunidos os planos das principaes barras, e as outras duas a costa. A posição dos seus principaes pontos he determinada pelas observações astronomicas, e geodesicas feitas n'este Reino, e a sua configuração he cuidadosamente delineada, marcando-se ao mesmo tempo as sondas correspondentes, a altura dos montes, e a distancia em que são visiveis. Adornou-se a Carta com as vistas das serras, e outros pontos, que facilitão o reconhecimento da terra, e ajuntou-se-lhe hum circunstanciado Roteiro, que não só descreve a Costa com exacção, mas analysa o trabalho para que o Público instruido avalie o gráo de confiança que merece. N'esta obra de summa utilidade para a segurança da Navegação, não se poupou o Author a trabalho e despeza, a fim de que a execução correspondesse ao importante objecto, a que se destina. O preço das trez Cartas e correspondente Roteiro he 7:200 reis na fórma da Lei.

Compendio Arithmetico, ou Taboada curiosa para os Meninos, onde se explica em Dialogo os principaes fundamentos da Arithmetica, e outras cousas curiosas e necessarias. 8.º pag. 32.

Compendio Orthographico, ou Orthographia resumida, para os Meninos, etc. por hum Professor das primeiras Letras da Cidade da Bahia. 8.º pag. 20.

Sermão das Dores de Nossa Senhora, pregado de tarde na Real Capella dos Paços de Queluz, na Festividade, que mandava fazer a Serenissima Senhora Princeza do Brazil Viuva, no anno de 1803; por José Agostinho de Macedo, Presbytero, e Pregador do Principe Regente N. S. 8.º pag. 49.

Devoto em oração meditando a Paixão de Jesu Christo. Obra novamente correcta, e accrescentada com várias Meditações, Preces, Colloquios, e hum bom methodo de fazer a confissão geral, e ordinaria; por Fr. Gabriel de Basto, seu A. e Filho de S. Francisco da Soledade. 4.ª impressão. 8.º pag. 270.

Mappa da Receita e despeza do Monte Pio para o soccorro dos Enfermos pobres da Freguezia de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica desde o 1.º de Janeiro de 1812 até ao ultimo de Dezembro do dito anno.

Theatro Nacional. — Num. I. D. Quixote na cova de Montezi-nhos. Ficção Drammatica de hum Escripitor Portuguez, representada no Theatro Nacional do Salitre 8.º pag. 75.

Considerações Mansas sobre o quarto tomo das obras métricas de Manoel Boccage accrescentada com a vida do mesmo. Por José Agostinho de Macedo. 8.^o pag. 139.

Elogio ao Illm. e Exm. Senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Bispo, Conde, Reformador, Reitor, etc. Canto unico, entoado ao entrar em Portugal o mesmo Senhor, subtrahindo-se ao jugo Francez. 4.^o pag. 16.

Immortal Monumento, que ao Illm. e Exm. Sr. Arthur Wellesley, Lord Marquez de Wellington, Barão do Douro, Conde do Vimieiro, Marquez de Torres Vedras, Duque de Ciudad-Rodrigo, Cavalleiro da Nobilissima Ordem do Banho, e da Ordem Militar de S. Fernando, Gram-Cruz da antiga Ordem da Torre e Espada, Capitão General dos Exercitos das Hespanhas, Marechal General dos Exercitos Portuguezes, Commandante em Chefe dos Exercitos Alliados da Peninsula, etc. Consagra Maximiano Pedro de Araújo Ribeiro, Professor Regio de Eloquentia, e de História Universal em o Real Estabelecimento Literario do Bairro Alto da Cidade de Lisboa. 8.^o pag. 14.

Ao Invicto Wellington, Ode: por José Agostinho de Macedo. 4.^o pag. 11.

Por occasião da vinda do Exm. Marechal General Marquez de Torres Vedras a Lisboa, no mez de Janeiro, imprimirão-se muitos opusculos em verso, e alguns em prosa.

Grammatica Ingleza de Siret, traduzida e posta em nova ordem por hum methodo mais claro e facil dos que tem havido até ao presente; no qual a práctica vai a par com a theoria. Por Miguel Bourdieu (*). Lisboa, 1813. Vende-se em casa de Borel, Borel e Companhia, quasi defronte dos Martyres N. 14. Em papel 480 rs. encadernado 600 rs. 4.^o pag. 128.

Atala ou os Amantés do Deserto. 2 I J

A harmonia da Religião Christã com as scenas da Natureza, e paixões do coração humano. 8.^o pag. 157. 320 rs. encadernado. — Vende-se na mesma Loja. — Ainda que impresso em 1810 só agora se publicou.

(*) He Director de hum Collegio d'Educação presentemente estabelecido ao Largo do Soccorro, no pateo do Porsili.

Está acabando de imprimir-se, e brevemente se publicará o Dicionario da Lingua Portuguesa, composto por Antonio de Moraes e Silva, mui correcto e augmentado de huma boa 3.^a parte. 2. Vol. 4.^o

Opusculo da Bulla da Santa Cruzada, dividido em duas partes, em que se explicão todas as suas Indulgencias e Privilegios. Preço 600 rs. em papel, e encadernado 800.

Almanak da Bahia: vende-se na Loja de Antonio Manoel Polycarpo. Preço 1:200.

Periódicos de Portugal.

De todos os dias. = Gazeta de Lisboa. - Mercurio Lusitano. - Diario Lisbonense.

Duas vezes por semana. = Telegrapho Portuguez.

Huma vez por semana. = Semanario d' Instrução e Recreio. - Gazeta de Agricultura e Commércio.

Mensaes. = Theatro Nacional. - Jornal de Coimbra.

L I S B O A:

NA IMPRESSÃO REGIA.

Cem Licença.

LISTA DOS ASSIGNANTES

DO

JORNAL DE COIMBRA,

NO

1.º SEMESTRE DE 1813.

(Continuada do Num. antecedente.)

- Senhor *André Manoel Pinto Veloso Coelho e Mello* — Superintendente das Alfandegas e Tabacos da Provincia de Trás-os-Montes.
- *Agostinho José Martins Vidigal* — Médico Honorário da Camara de S. A. R.
- *Antonio de Abreu e Lima* — Coimbra.
- *Antonio de Araújo Travassos* — Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda.
- *Antonio de Brito Mello e Castro* — Deão da Cathedral de Coimbra.
- *Antonio Caetano Pereira de Lima e Sampaio* — Juiz de Fôra de Vianna do Minho.
- *Antonio da Costa Pires* — Médico do Partido da Camara da Villa de Cantanhede.
- *Antonio Elias* — Prior de Casal Comba, Bispado de Coimbra.
- *Antonio Feliciano de Albuquerque* — Corregedor de Bragança.
- *Antonio Fernando Pereira Pinto de Araújo e Azevedo* — Do Conselho de S. A. R., Abbade de Lobrigos, Inspector das Estradas da Provincia do Minho.

- Senhor *Antonio Francisco Machado* — Coronel do Regimento de Infantaria de Voluntarios Reaes do Commércio.
- *Fr. Antonio de S. Fructuoso* — Lente de Anatomia, Primeiro Médico do Hospital Militar de Chaves.
- *Antonio José de Almeida* — Médico do Partido da Camara da Ericeira.
- *Antonio José Ferreira de Carvalho* — Advogado na Villa de Chaves.
- *Antonio José Guião* — Desembargador da Meza d'Aggravos da Casa da Supplicação de Lisboa.
- *Antonio José da Silva* — Negociante, Viança do Minho.
- *Antonio Lopes de Sá Esteves* — Administrador do Correio de Coimbra.
- *Antonio Pereira Xavier* — Médico da Camara da Villa do Crato.
- *Antonio Ribeiro dos Santos* — Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; e da Academia Celtica de Paris — Lente Jubilado na Faculdade de Canones da Universidade de Coimbra — Bibliothecário Mór da Real Bibliotheca Pública — Deputado da Meza da Consciencia e Ordens.
- *Antonio Teixeira de Barros* — Fidalgo da Casa Real, Chaves.
- *Antonio Xavier da Silva* — Abbade de Santa Cruz do Douro.
- *Barão de Quintella* —
- *Fr. Bento de Nossa Senhora* — Monge Benedictino.
- *Fr. Bernardo de Vasconcellos* — Monge de S. Bernardo — Procurador Geral da Ordem.
- *Bispo de Aveiro.*
- *Bispo d'Elvas.* — Socio da Academia Real das Sciencias.
- *Bispo de Pinhel.* —
- Collegio Real dos Nobres.*
- Collegio Real da Universidade.*
- Senhor *Conde de Belmonte* — Gentil-Homem da Camara do PRINCIPE REGENTE N. S. — Deputado da Junta dos Trez Estados do Reino.
- *Conde de Palma* — Governador, e Capitão General de Minas Geraes.
- *Conde de Palmella* — Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario, em Londres.
- *Daniel José Morão* — Castello-branco.
- *Faustino José Lopes Nogueira* — Desembargador da Relação e Casa do Porto — Commissario em Chefe do Exército Portuguez.
- *Felizardo Antonio de Sá Carneiro* — Primeiro Cirurgião do Hospital Militar de Chaves.

- Senhor *Filippe Joaquim Henriques de Paiva* — Médico do Hospital Militar de Nisa.
- *Fernando Affonso Giralde's Barba de Meneses* — Desembargador Ordinario da Casa da Supplicação de Lisboa — Encarregado da Superintendencia da Barra de Aveito.
- *Fr. Fernando da Costa* — Monge de S. Bernardo.
- *Francisco Barrêso Pereira* — Provedor de Guimarães.
- *Francisco de Castro Henriques* — Inspector de Transportes da Beira-Baixa.
- *Francisco Elias Rodrigues da Silveira* — Socio da Academia Real das Sciencias — Médico em Lisboa.
- *Francisco José Gonçalves* — Cirurgião na Torre do Couto.
- *Francisco José Monteiro* — Cirurgião da Villa da Chamusca.
- *Francisco José da Silva* — Enfermeiro Mór do Hospital Militar de Chaves.
- *Francisco Manoel de Mello Sousa e Alvim* — Médico do Partido da Camara de Tentugal.
- *Hypolito Urbano Nobre* — Médico em Alcácer do Sal.
- *Jacintho Franco Leitão* — Médico do Partido da Camara d'Azambuja.
- *Jeronimo José Soares* — Negociante, Vianna do Minho.
- *João Alvares de Sá* — Lisboa.
- *João Antonio de Carvalho Chaves* — Médico do Partido da Camara da Villa da Cuba.
- *João Bell* — Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- *João Pedro Alexandrino Caminha* — Médico da Camara da Villa de Benavente, e Camora-Corrêa.
- *João Pereira de Mira* — Villa do Cano, junto a Extremoz.
- *João Thomaz de Carvalho* — Médico em Lisboa.
- *João Victorino de Sousa e Albuquerque* — Médico de Vizeu.
- *Joaquim Antonio de Sousa* — Médico do Partido da Villa da Pederneira.
- *Joaquim Barreto de Castilho* — Aguiç, Comarca de Coimbra.
- *Fr. Joaquim de S. Bernardino de Senna* — Religioso de S. Francisco de Xabregas.
- *Fr. Joaquim de S. Clara* — Monge Benedictino — Decão, e Primeiro Lente na Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra — Deputado da Real Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas d'estes Reinos, e seus Dominios — Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- *Joaquim Franco da Silva* — Oppositor na Faculdade de Philosophia — Demonstrador de Chymica — Estudante do 5.^o Anno de Medicina, da Universidade de Coimbra.

- Senhor *Joaquim Freire de Macedo* — Negociante, Coimbra.
- *Joaquim José da Costa* — Lisboa.
- *Joaquim Rodrigues dos Santos Serra* — Médico do Partido da Villa da Chamusca.
- *José de S. Anna* — Reitor d'Alcáçova.
- *José Antonio Lisboa* — Rio de Janeiro.
- *José Antonio Morão* — Médico do Partido da Camara de Almada.
- *José Antonio da Silva Barbosa* — Cirurgião em Matosinhos.
- *José da Costa e Silva* — Prior de Nogueira do Cravo.
- *José Fradesso Bello* — Lente de Anatomia e Cirurgia na Praça d'Elvas.
- *José Gomes Barbosa* — Médico do Partido da Villa de Benavente.
- *José Gomes Braque Lamy* — Primeiro Médico do Hospital Militar de Vianna do Minho.
- *José Ignacio Pereira Derramado* — Estudante do 5.º Anno de Medicina da Universidade de Coimbra.
- *José Joaquim Ferreira Caldas* — Cirurgião na Villa de Mont'alegre.
- *José Maria Bustamante* — Médico do Partido da Camara de Alvito de Além-Têjo.
- *José Pinheiro de Freitas Soares* — Socio da Academia Real das Sciencias — Médico em Lisboa.
- *José dos Santos Dias* — Médico da Camara da Villa de Mont'alegre.
- *D. José da Virgem Maria e Castro* — Da Congregação dos Conegos Regrantes de S. Agostinho.
- *Lourenço Luiz de Sousa Silveira* — Médico do Hospital Real de S. José de Lisboa.
- *Luiz Antonio de Sampaio* — Doutor na Faculdade de Philo-sophia.
- *Luiz da Costa e Almcida* — Oppositor na Faculdade de Leis — Secretário da Real Junta da Directoria Geral dos Estudos — Do Collegio Real da Universidade.
- *Luiz Cypriano Coelho de Magalhães* — Médico do Partido da Camara da Villa d'Eixo.
- *Luiz Gomes de Carvalho* — Tenente Coronel do Real Corpo dos Engenheiros — Director das Obras da Barra de Aveiro.
- *Luiz Gonzaga da Silva* — Médico de Santarém.
- *Manoel Antonio de Moraes Mendonça* — Advogado na Villa de Mont'alegre.

(Concluir-se-ha no Num. XXII. ; isto he,
no principio do Vol. IV.)

JORNAL DE COIMBRA.

FEVEREIRO DE 1813.

Num. XIV.

*Sequimur probabilia et refellere sine pertinacia, et refelli
sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

ART. I.—

Senhores Redactores.

TEndo-se em huma Conferencia Clinica feita ao Sr.
excitado a questao entre mim e o Sr. A. P. de A., se o
Opio em maiores doses era evacuante, e de que modo se
deviao entender os Medicamentos especificos, etc.; resultou d'a-
qui a correspondencia, que remetto a VV... desejando dever-lhes
o obsequio de a inserir no seu Jornal, quando a julguem digna;
certificando-lhes, se he necessario, que o Sr. A. P. d'A., pela
parte que lhe toca, convem n'esta publicacao.

Deos guarde a VV.... Lx.^a 20 de Janr.^o de 1813.

De VV....

S. e C.

F. E. R. da S.

1.^a Carta

Escripta por F. E. R. da S. a A. P. d'A.

Amigo e Collega.

A proposição de V... = que o Opio era evacuant dado em grandes doses, e que por tanto não convinha ao doente, de que se tratava, por já ter toda a disposição á soltura de ventre = me foi tão estranha, e chocou tanto o meu modo de pensar a respeito d'esta soberana droga, principalmente vendo que o nosso Amigo e Collega o Dr. J. J. dos R. a apoiava, affiançando com V... acharem-se provas em Darwin e Rollo, contra o que eu estava bem persuadido, que fez nascer em mim a avidez de rever quanto antes estes Autores, a fim de não demorar-me por mais tempo na rectificação de idéas, que tanto poderiam influir no curativo das molestias, a beneficio da humanidade enferma; por isso que, sendo verdade o que ouvia asseverar-se, tinha de mais hum novo conhecimento, para poder dar com segurança o Opio em muitos casos, em que o tinha excluido, como quando huma rebelde constipação de ventre contraindicava a sua applicação.

Porém, meu charo, nada tenho achado assás convincente, que possa fazer sujeitar-me a tal asserção; pois que só encontro provas de que o Opio he, como dizião os antigos, hum dos mais poderosos sistentes das evacuações alvinas.

He verdade que Darwin na Secç. XXIX. 4. 9. refere hum caso, que parece que pelo augmento do Opio se augmentarão as evacuações de ventre: porém pequena reflexão bastará para mostrar-se o contrario. O doente, de que falla Darwin, he hum diabético, que, quando tomava hum gr. d' Opio por dose, de quatro a quatro horas pelo dia, e que gradualmente se foi augmentando até trez gr., e á noite cinco gr. d' Opio, não teve evacuação alguma de ventre, e tão somente os suores forão copiosos; apparecendo porém as evacuações, logo que entrou no uso da resina commum, cada seis horas, de duas até cinco escrop. por dose, dando-se unicamente á noite trez gr. d' Opio. Darwin tanto estava persuadido de ser a resina commum a causa de crescerem em excesso as evacuações de ventre, que diz: *the resin either purged him, or would not stay on his stomach.* (a resina commum ou purgava, ou era rejeitada por vomito.)

Quando elle trata da constipação de ventre, não o vejo prescrever grandes doses d' opio, porém catharticos, diluentes, sabão, etc.; mas sim, nos casos de diarrhéa. Na febre à *Sphacelo* manda dar grande quantidade d' opio, o que não faria, se de semelhante applicação podesse seguir-se relaxação de ventre. Determina, he verdade, na dysenteria dar opio; porém conhecendo ali

necessidade de evacuações, não diz que as doses d' opio sejam largas, mas que se dará á noite opio com calomelanos. Tratando de molestias nervosas e febres convulsivas, em que aconselha o uso do opio, não encontro hum só caso, em que da acção d'este remédio, que então he de necessidade d'alto em largas doses, se requisessem diarrhéas, antes o contrario; de maneira que diz = que se deverá addicionar a elle, para desembaraçar o ventre, quando os casos pedirem, calomelanos, aloés, rhab., etc. = Nas cólicas de que maneira entra o opio, quando julga necessarias as evacuações? Sempre casado com purg. appropriados á natureza da enfermidade.

Na sua Matéria Médica fazendo entrar o opio como capaz de augmentar todas as secreções e absorções, jámais diz, que o opio em grandes doses seja laxante; o que não acontece, fallando de outros incitantes, como ovinho, o alcool, etc. e pois que então estes, chegando a ponto de produzir embriaguez, fazem muitas vezes não só a diarrhéa aquosa mas até a chilifera, em consequencia do movimento retrogrado dos lacteos; e quasi sempre augmento de diurese. O rhabarb. e o mesmo alumen em maiores doses são catharticos.

Rollo no seu Tractado sobre a diabétes saccharina, não dá a minima noção directa ou indirectamente de que o opio em largas doses possa ser evacuante: eu já o tinha lido ha tempos, e agora tive novamente o trabalho de o reler.

Além d'isto não acho hum só Author de Matéria Médica, ou Medicina Práctica, que apoie huma semelhante proposição; seja qual for a sua escola, e o tempo dos seus escriptos. Vejamos o que dizem os mais proximos a nós.

Carminati he d'huma opinião inteiramente contrária; e fallando do uso do opio expressamente diz: *... sudorem pellit, alvum cohibet*...; pelo que se vê, que jámais se lembrou, de que o opio em largas doses podesse ser laxante.

Rocheport no seu curso elemental de Matéria Médica se expressa até affirmando, segundo as suas idéas, que o opio podia ser olhado como hum bom adstringente, e por tanto sempre necessario para sistir evacuações, principalmente havendo dores.

Alibert segue igual trilho nos seus Elementos de Therapeutica e Matéria Médica; e de immensos factos, que aponta, a respeito de pessoas envenenadas pelo opio, não apresenta hum só, que indique terlo opio obrado como laxante.

Schwilgué diz = que o emprego do opio he ordinariamente seguido de constipação de ventre, e sendo dado em grandes doses d'huma vez, pôde determinar o vômito, a paralyisa momeñtanea do conducto alimentar, e a inflamação da membrana mucosa, produzir o narcotismo, etc. = e em toda a extensa exposição, que faz, dos effeitos do opio em semelhante caso, não apparece, que elle produza sultura de ventre.

Eu poderia apontar a V. V. passagens d'outros muitos Authores, que dizem o mesmo; mas basta de incommodallo, roubando-lhe o tempo que emprega em cousas de maior monta; porém sempre lhe digo, que se Brown e os da sua escola trazem factos a favor do que asseverou, elles nada provão: por quanto o opio nunca apparece dado isoladamente, ou então he applicado nas febres onde as evacuações são effeito de movimentos criticos e febris; e n'outros casos nunca foi seguido de relaxação de ventre, como no Tétano. Sydenhaam igualmente o assevera.

No catalogo dos Medicamentos de todas as Matérias Médicas, que tem chegado á minha noticia, seja qual for a theoria do seu Author, não lembrou a hum só, fallando de catharticos, dizer que o opio em grandes doses era laxante.

Eu tenho dado algumas vezes grandes doses d'opio a doentes com formidaveis diarrhéas, não sendo aliás nem criticas nem coliquativas, que nem só as não diminuia, mas antes parecia augmentallas: que concluir d'aqui? Que o estado tórpido do canal não pôde ser sómente removido pela simples acção sorbente do opio, ou porque os exhalantes estão n'hum incitamento morbosamente augmentado, ou porque, em consequencia da debilidade extrema, os lymphaticos intestinaes e os lacteos tem invertido o seu movimento; e tanto he assim, que se augmenta a acção sorbente do opio, ajuntando-se-lhe alumen, gomme kino, etc., então, pela maior parte, chega-se a diminuir e até mesmo a suspender a evacuação; ao menos temporariamente; em quanto o canal alimentar não torna a participar da influencia dos movimentos associados de outros systemas entorpecidos; e taes diarrhéas jámais se curão radicalmente se se não consegue corrigir a debilidade geral.

Por tanto, amigo, fico por hora na minha opinião de que = o opio, por ser hum medicamento nimamente secernente e sorbente, nunca pôde por si só, ainda em grandes doses, produzir diarrhéas. = E que quando da sua applicação ellas se sigão deve-se ha procurar fóra do opio e não n'elle a causa de semelhante effeito; são outras drógas casadas com elle, que a produzem, como no caso de Darwin, vindo então a ser a somma das forças secernentes maior que a simples sorbente do opio; e não menos a natureza das enfermidades.

Mas perguntára eu; porque sendo o opio hum dos primeiros incitantes, não produzirá em caso algum o mesmo effeito que os outros incitantes? Eis-aqui hum ponto digno de indagação médica; e se não fosse o pouco tempo que me resta dos meus trabalhos clinicos, eu teria o prazer de expor a V. V. o meu modo de pensar a este respeito, fundado nas idéas de Bichat, e do mesmo Darwin; como tambem o quanto he para mim verdadeira a theoria dos especificos, não na accepção da maior parte dos antigos, e na de Brown, quando a pertende refutar, mas sim na d'aquele

les, que fazem consistir a vida geral na vida particular de cada hum dos órgãos, sendo a vitalidade de cada systema orgânico modificada á proporção da sua organização; vindo por isto a resen-
tir-se mais de certos estímulos do que d'outros, dependendo assim do conhecimento da qualidade do estímulo a sciencia do Médico verdadeiramente práctico; pois que aliás elle não saberia de que medicamento lançasse mão, quando pertendesse emetisar, de qual, quando intentasse curar as molestias da membrana mucosa, do órgão cutâneo, do systema muscular, lymphatico, etc., bastando-lhe tão sómente possuir hum incitante maximo para tudo, tendo apenas o trabalho de apropriar as doses, dividindo-as e subdividindo-as ao infinito; e n'este caso seria mais que sufficiente o opio, porque com este remedio unicamente, podendo fazer o minimo e o maximo dos estímulos, destruiria as molestias tóxicas e as affecções gástricas, as do systema dermoides, etc. apropriando-as ás circumstancias e ás idades. Taes idéas são tão absurdas, quanto contrárias á práctica da Medicina.

Eis o que tinha a dizer a V....; resta agora, que me apon-
te, em que lugares de Darwin tem achado os fundamentos da sua proposição, que talvez hajão escapado á minha leitura e reflexão; como tambem quaes sejam os Authores, por V... e não por mim conhecidos, que produzão próvas de sobejo para convencer-me; por quanto Rollo nada prova, e nem levemente toca. Espero tenha a bondade de instruir-me em semelhante materia para convicção minha a beneficio da humanidade; ficando V.... desd'aqui na certeza, que he d'esta maneira e em lugares idóneos, que me achará prompto para tratar questões médicas, e nunca sou convocado tão somente para expor o meu parecer.

S. C. 16 de Outubro de 1812.

Sou, etc.

Resposta de A. P. d'A. a F. E. R. da S.

Amigo e Collega.

Não me tem sido possível dar huma prompta resposta á carta de V... nem ella mesmo o exigia. Sinto ter-lhe dado o incômodo de rever tantos Autores de Medicina Práctica relativamente á minha proposição, que se V... a não tivesse invertido, ter-se-hia poupado a esse trabalho.

A minha proposição foi, e ainda he = Que o opio dado em largas doses *podia algumas vezes* produzir soltura de ventre = o que eu receava acontecer-se ao Sr... que alem do seu estado paralytico, a disposição que elle já tinha a diarrhéas filhas de exaustão pelo abuso, que tinha feito de bebidas espirituosas: e por isso lhe recommendava pequenas, e repetidas doses d'opio, e não largas como V... queria. Isto supposto, como podem as provas, que V... allega na sua carta, que eu irei referindo, destruir a minha proposição? Diz que nem em Darwin, ou Rollo achára provas de que o opio em largas doses possa produzir soltura de ventre; e que pelo contrário opio era, como dizião os antigos, humi dos mais poderosos sistentes de evacuações alvinas, e por isto excluido por V... em rebelde constipação de ventre.

He verdade que Rollo nada diz tendente á minha proposição: porém quanto nie não he estranho, confessando V... ter lido Darwin, e de proximo revisto, diga que no seu systema nada encontra que favoreça a minha proposição. Acaso fica esta destruida referindo V... meramente d'este A. algumas molestias, em que aconselhando elle o uso de pequenas, ou largas doses d'opio não se siga soltura de ventre? Taes são dysenteria, diarrhéas, molestias nervosas, febre convulsiva, febre a *sphacelo*. Sendo falso que n'esta última elle manda dar grandes doses d'opio, como V... diz: as suas formaes palavras na febre a *sphacelo* são: *Opium and bark are frequently given in too great quantity, so as to induce consequent debility, and to oppress the power of digestion.* — Vol. 3.th pg. 494 the 3.th edition. (Quina e opio são dados com frequencia em tão grande quantidade, que chegam a produzir debilidade e oppressão da força digestiva.)

Que esta não he a sua opinião se deixa ver pela referencia que elle faz á febre puerperal na quantidade do opio que n'esta recommenda.

Não posso convir com V... em que o opio seja sempre excluido nas rebeldes constipações de ventre: segundo Hoffman estas são em geral devidas ou a espasmos immediatos nos intesti-

nos, ou a estes communicados por sympathia com alguma outra parte do corpo. Não pôde, segundo este A., opio ser algumas vezes dado com segurança em taes casos? Na *Colica pictorum*, aonde ha grande constipação de ventre, Darwin aconselha opio antes da exhibição dos purgantes, que pelos seus principios deveria augmentar aquella, e mais difficil seria a operação d'estes.

Murray no seu *Apparatus Medicaminum* fallando do uso do opio na *Colica pictorum* diz: *Spasmi intestinorum, qui foeces et flatus intercipiunt, solvantur, et motus peristalticus restituitur.*

No Jornal Médico e Physico Num. 86 apparece hum caso de grande constipação de ventre tratado por Dr. Cayley, que tendo resistido a purgativos de toda a especie, o doente foi alliviado immediatamente por hum gr. d'opio cada trez horas; he verdade que combinado com *digitalis*, que foi prescripta para promover a diurese: outros casos elle menciona tratados com calomelanos e opio, cujo successo se deve attribuir a este, visto que aquelles só por si e combinados com outros purgativos tinham fallado; e o mesmo A. confessa não ser nova ou extraordinaria huma tal practica.

V... refere mais alguns AA., que em nada apóiam a minha proposição: entre estes apparece Darwin outra vez, e V... diz que elle, na sua Matéria Médica jámais diz que opio em grandes doses seja laxante, o que não acontece fallando dos outros incitantes, como o vinho, o álcool, etc., etc.; pois que então estes chegando a produzir embriaguez fazem muitas vezes não só a diarrheia aquosa mas a chilifera em consequencia do movimento retrogrado dos lacteos, etc.

He pois pela theoria dos movimentos retrogados do systema lymphático, e do canal alimentar, pela associação dos diferentes ramos d'este systema, e por opio ser hum estimulo da mesma natureza (ainda que superior em gráo que álcool) que eu explico a minha proposição.

Opio, segundo Darwin, produz embriaguez, como álcool faz, tanto que elle diz na sua Matéria Médica pag. 433 edição já citada: *Opium and alcohol are the only two drugs we are much acquainted with, which intoxicate.* (Opio e álcool são as unicas duas drogas, de que temos sufficiente noção, que embriaguem). Não vejo que em parte alguma da sua obra diga: que os efeitos da embriaguez por álcool sejam diferentes da do opio: pelo contrario na secç. 21. tratando da embriaguez produzida por opio ou vinho, e fallando das differentes terminações d'esta, pag. 363 diz: *The inebriated as soon as he begins to be vertiginous, makes pale urine in great quantities and very frequently, and at length becomes sick, vomits repeatedly, or purges, &c. &c.* (Os embriagados logo que principião a estarem vertiginosos, a urina he pallida, em muita quantidade, e muitas vezes, e por fim tornão-se enjoados, tem repetidos vomitos e evacuações alvinas, etc.).

Na secç. 29 pag. 509 diz = que muitas vezes acontece, que quando grandes quantidades de vinho ou opio forem tomadas, ve-
lozmente induzem vômito, o que tem lugar pelos movimentos
invertidos do estomago; e seus lymphaticos; e como todos os ra-
mos d'este systema de vasos guardão entre si restrictas associa-
ções, os ramos mais visinhos, como os do canal intestinal terão
tambem suas acções invertidas, e então diarrhéas apparecerão ao
mesmo tempo, ou alternadamente com o vômito: e os outros
ramos mais distantes terão sua acção augmentada; como os lym-
phaticos cutâneos em cólera ou paixão iliaca, em cujas molestias
vemos ao mesmo tempo associações directas, e reversas dos diffe-
rentes ramos do systema lymphatico, e de todo o canal alimen-
tar.

O mesmo Darwin diz que os que fizerem abuso de opio se-
rão sujeitos em geral ás mesmas molestias, que sobrevem ao abu-
so do álcool, e termina a secç. 30 com o seguinte: *Alcohol is
become the bane of the Christian world, as opium of the Maho-
metan.* (O álcool he tão nocivo aos Christãos, como o opio aos
Mahometanos).

O Barão de Tott in his account of the opium-eaters in Tur-
key diz = *Opium, when taken as a luxury not as a medicine, is
as pernicious as alcohol.* (O Barão de Tott na sua relação a respeito
dos que tomão opio na Turquia diz = o opio, quando he toma-
do como objecto de luxo e não como remedio, he tão pernicioso
como o álcool).

Do que tenho exposto verá quaes são os lugares de Darwin,
em que tenho achado fundamentos para a minha proposição; e
para me persuadir igualmente que opio he hum estímulo da mes-
ma natureza (ainda que superior em grão) que o álcool.

Townsend nos seus Elementos de Therapeutica, or a Guide
to health (guia para a saude) tratando da natureza e effeitos do
opio pag. 15, 3.^a ediç. apoia ambas as minhas opiniões, e a res-
peito da que deu origem á nossa correspondencia, se explica as-
sim: *In larger doses opium nauseates and is cathartic.* (Opio
em maiores doses he nauseante e cathartico).

Alston nas suas leituras sobre Mat. Médica 1770, Londres,
leitura 73 fallando do opio, diz: *It certainly is diaphoretic, and
may be called nervine, but not purgative save accidentally.* (He
de certo diaphoretico, e poderia chamar-se nervino, mas não pur-
gativo, salvo accidentalmente).

Erastus tratando do opio: *Think that were it not for its
stupefaciens, it would always prove cathartic.* (Julga que senão
fosse estupefaciente, seria sempre cathartico).

V... diz que tem dado algumas vezes grandes doses d'opio
a doentes com formidaveis diarrhéas, não sendo aliás nem críti-
cas, nem coliquativas, que nem só as não diminuiu, mas antes

parecia augmentallas. Não apontando V... as causas, que as produzião, não posso dizer se o opio em largas doses, ou mesmo em pequenas teria lugar, ou se podião talvez ser curadas com outros sorbentes de grão inferior a opio: alem de que taes casos nada tem com a questão presente, antes sim parecem destruir a opinião de Rochefort (que cita na sua carta contra a minha proposição) dizendo "que segundo as suas idéas opio podia ser olhado como hum bom adstringente, e por tanto *sempre necessario para sistir evacuações*, principalmente havendo dores."

Diz mais que as grandes doses d'opio, que são em geral dadas em Tétano, nunca são seguidas de relaxação de ventre. He verdade que quasi sempre assim acontece, mas conversando com alguns dos nossos Collegas sobre a nossa questão, hum d'elles o Dr. F. R. A., Médico ingenuo, e dotado de toda a probidade me dirigio a seguinte carta:

"Em resposta ao quesito que V... me fez, se tinha alguma observação de terem largas doses d'opio produzido evacuações de ventre, tenho a notar o seguinte: Ha annos assisti, em companhia do Médico Calado, a Felisardo Marçal, irmão do Dr. José Ignacio da Costa, que padecia hum Tétano, e que entre outros symptomas reluzia hum grande adstricção de ventre, para que alguns Professores, que antes de mim o tinham tratado, lhe tinham applicado purgantes activos, que produzião muito pouco effeito, e fazendo em razão da molestia uso de largas doses d'opio, de seis grãos seis vezes ao dia, interpoladas com doses de moscho, no uso d'estas appareceu com remissão da molestia, liberdade de ventre com evacuações: esta he a observação mais notavel que a esse respeito tem o seu amigo, etc.,"

Mais provas poderia dar a V... da veracidade da minha proposição; mas para que he roubar o tempo a ambos, quando o podemos empregar melhor. Por tanto, meu charo, ainda presisto na minha opinião, que talvez venha a mudar, quando os seus trabalhos clinicos lhe derem lugar a mostrar o que avançou na sua carta. = Porque sendo o opio hum dos primeiros incitantes não produzirá em caso algum o mesmo effeito, que os outros incitantes? =

S. C. 17 de Novembro de 1812.

Sou, etc.

3.^a Carta

Escripta por F. E. R. da S. a A. P. d'A.

Amigo e Collega.

Com summo prazer recebi a carta de V... em resposta á minha sobre o ponto que fazia todo o objecto da nossa questão; e sinto ter de accrescentar, que os fundamentos, que apon-ta, nada fazem minorar a força da veracidade dos meus; ficando d'esta maneira a minha proposição em seu perfeito vigor; mas como lhe pareça telloz contrariado, sou obrigado a repli-car, e a cançar ainda a sua innata paciencia com algumas reflexões, que, me parece, fundamentarão mais e mais o que já lhe expuz; e me julgo tanto obrigado a semelhante tarefa, quando diz V... haver eu invertido a proposição, que quiz sustentar na Conferencia do Sr.; não sendo menor motivo a sua admiração de não ter eu achado em Darwin, tendo-o revisto de proximo, passagem alguma que comprovasse, que o opio em largas doses era evacuante.

Seja-me licito para não discorrermos vagamente, e entrarmos melhor na intelligencia de principios, e conhecer-se que eu tomei a sua proposição nos seus devidos termos, e que foi sem dúvida esta a maneira e o sentido em que V... queria fazer-me entender, que de novo lhe traga á memoria a história da molestia exposta pelo nosso Amigo e Collega o Dr. J. J. dos R., relativamente ao nosso ponto. "... que o doente ha muito abusava extraordinariamente de bebidas espirituosas, mesmo antes de soffrer o primeiro ataque torporoso, não sendo menos excessivo ao-depois; e que proximamente ainda o era; que tinha quasi sempre soltura de ventre, de sorte que, inda no seu estado de perfeita saúde, as evacuações alvinas erão ordinariamente mais copiosas e frequentes que o natural....; Tal foi a genuina exposição, que servio de fundamento para eu dar o meu parecer; á vista da qual concordei com o nosso Collega no seguinte tratamento:

Que a pesar do estado tórpido das entranhas, que parecia já affectar o cérebro, eu julgava precisa a applicação de opio ao doente, pela grande necessidade, em que o achava, de fazer uso dos sorbentes do baixo-ventre, principalmente de figado, combinados com os incitantes; pois que suppunha ser ali o primeiro anel da cadeia morbosa, e que as doses se augmentassem tanto, quanto fosse bastante, para que Calomelanos, Rhabarbaro, etc. não fizessem augmentar as evacuações alvinas, a que o doente tinha já tanta disposição; de maneira que julgando de primeira necessidade o

uso dos sorbentes, e temendo por elles diarrhéas, por serem também secernentes de bile, etc. afoutaria por isso ao doente largas doses de opio, lembrado do preceito de Pemberton; e que d'esta sorte era a minha indicação não dar opio unicamente com a simples intenção de excitar, mas sim como hum sistente, por ser muito sorbente, como abaixo direi; ou, segundo a expressão de alguns dos antigos, como hum correctivo de Calomelanos, Rhabarbaro, etc.; de sorte que, quando o doente não tivesse semelhante disposição a diarrhéas, jamais lançaria mão d'opio, ao menos que não entrasse caniphora em combinação, não obstante ser o doente dado em excesso a bebidas espirituosas: por quanto em molestias torporosas, em que o torpor, tendo o seu fóco no baixo ventre, attacava o cerebro, eu era bem circumspecto em o applicar isoladamente; no que me conformava com o parecer de muitos bons Práticos.

Tal foi o meu juizo médico, e d'elle ficará V... bem certificado, quando queira passar pelo incómodo de recordar-se do modo por que procedeo a nossa conferencia; e certamente nem podia ser outro: por quanto a maneira porque o Dr. Brown manda tratar os doentes vinosos, julgando a sua incitabilidade nimiamente exausta pelo abuso dos espirituosos, tem infinitas excepções na prática, e nem se conforma com as minhas idéas a respeito do modo por que elles a exaurem; pois que a não quero tão indivisivel, e tanto a mesma, como queria o Dr. Brown; por me persuadir, que o temperamento constitucional ou adquirido fazia com que as debilidades chamadas indirectas, nem sempre se curassem com os estímulos abaixo d'aquelles, que as produzirão; talvez por serem certos individuos, em razão d'elle, mais aptos que outros para segregarem certa quantidade ou qualidade de poder (1) sensorial; de maneira que penso, que podendo exaurir-se por certo ou certos estímulos applicados a huma dada ordem de systema, certa quantidade e qualidade de poder sensorial; n'outra poder-se-ha conservar não só inalteravel mas até ainda augmentada; e então n'este caso o doente figurado poderá estar muito insensivel a certos estímulos applicados a certos órgãos, quando aliás os mesmos estímulos n'outros produzirão grandes effeitos.

Além d'isto julgo que raras vezes poderá verificar-se, por esta mesma razão, que todos os systemas estejam igualmente n'hum estado de debilidade indirecta, pela applicação d'hum grande estímulo, ouinda de muitos menores, quando não obrem directa ou immediatamente sobre o cérebro, como acontece com o abuso do opio, electricidade, etc., cuja acção parece dirigir-se especial e

(1) Entendo aqui por poder sensorial o mesmo que a incitabilidade de Brown em quanto á sua generalidade.

privativamente sobre esta viscera, embaraçando a secreção vital, tendo exaurido ou inhabilitado a já existente, (quando o cerebro seja o unico órgão secretorio do poder sensorial, segundo me persuado): então este modo de considerar a acção dos estímulos he algum tanto, e não sei se diga, bem differente d'aquelle deduzido immediatamente dos principios de Brown; o que tanto tem custado aos seus partidarios conciliar com a prática geral, e muito mais com a especifica das molestias: e por isso, sendo estas as minhas idéas, eu jámais quereria dar opio só com vistas de curar a supposta debilidade indirecta, induzida pelos espirituosos. Porém deixemo-nos de discussões algum tanto alheas do nosso objecto; mas antes de voltarmos a elle, a fim de procedermos com algum methodo e clareza, será conveniente definir-se o que deva entender-se por humia substancia cathartica; para vermos se he igualmente applicavel ao opio e aos espirituosos a sua definição.

Não fallando no modo vago e indeterminado com que Brown procede, quando trata da acção dos medicamentos, vejamos se entre os Authores de Materia Médica ha algum, que dê humia definição de purgantes, que mais se accommode com as nossas idéas actuaes, e comprehenda hum maior número de substancias, que sejam dotadas de semelhante virtude.

Todos geralmente chamão purgante áquelle medicamento que he capaz de augmentar as evacuações alvinas, sendo introduzido pela boca. Porém não he precisa muita reflexão, para conhecer-se que esta definição he pouco clara; e por isso servindo-me das idéas d'Alibert e Darwin eu chamaria purgante = áquelle medicamento secernente, que augmentando a secreção do succo pancreático, bile, e muco intestinal conjunctiva ou separadamente, segundo as differentes partes que se affectassem da substancia purgativa, augmentasse ao mesmo tempo a contractibilidade muscular dos intestinos. =

Por tanto já por esta definição, que me parece exacta, se deixa ver, que os espirituosos poderão ser catharticos; porém veremos, pelo que se segue, se o mesmo deverá acontecer com o opio: o que verificando-se, ficará demonstrado, até evidencia, a falsidade da sua proposição = que o opio em largas doses era evacuaute = sendo esta a mesmissima que V.... avançou na Conferencia do Sr. ...; mas que teve o gosto, e a satisfação de alterar na sua resposta á minha carta, apparecendo agora não pouco disfarçada, como se vê pelas palavras = *podia* = e = *algumas vezes* = pois que d'este modo vago tudo poderá chamar-se purgante: por tanto deverá V.... entender que trata-se do opio obrando directamente; isto he, como obrão os espirituosos, quando produzem soltura de ventre, sendo tomados em doses maiores.

Isto posto, vejamos a que se reduzem os argumentos da sua carta: os quaes vem a ser todos, 1.^o mostrar por autoridades e alguns factos que o opio poderá em alguns casos ser purgante: 2.^o que o poderá ser, por isso que he embriagante, como os espirituosos. Em todas estas duas ordens d'argumentos nada encontro capaz de destruir a força das provas que expuz a V... para estabelecer a minha proposição: por quanto

Quando Hoffman julgava que as rebeldes constipações de ventre erão devidas em geral a espasmos immediatos dos intestinos, ou a estes communicados por sympathia com alguma outra parte do corpo, sem dúvida o opio poderá algumas vezes aproveitar, sem que isto venha a servir d'argumento para a sua virtude cathartica: porque no primeiro caso he sempre hum estado torporoso geral, que faz com que os espasmos se fixem nos intestinos, devido talvez isto a causas debilitantes, que ahi tenham obrado mais particularmente, ou mesmo a hum effeito constitucional, onde o opio poderá então ser o remedio indicado; e no 2.^o he claro que o opio devera ser util, huma vez que elle seja o estimulo appropriado por destruir a causa que deu origem a sympathia; e então a sua acção vem a ser como a d'hum estimulante geral. As histericas e hypocondriacos, apresentam exemplos, que verificão isto.

Murray, que V... cita, e que eu respeito muito, pelo incançavel trabalho de recopilar no seu *Apparatus medicaminum* todas as observações relativas a medicamentos do reino vegetal, feitas pelos Práticos até ao seu tempo, he hum d'aquelles que V... deveria callar, e que deixei de trazer a meu favor, para não ser demasiadamente extenso: por quanto se na *Colica Pictonum* fallando do uso do opio diz: *Spasmi intestinorum, qui foeces et flatus interceptiunt, solvantur et motus peristalticus restituitur*: não sei como se possa d'aqui concluir que o opio em largas doses seja evacuante, mas sim tão sómente, que he hum incitante geral, ou que obra como antispasmodico (seja-me permittida esta expressão), e que por tanto havendo espasmos, que obstem a desenvolução do movimento peristaltico, e andamento e expulsão das fezes, será sem dúvida hum remedio soberano; e neste caso a excreção das fezes só he devida ao opio indirectamente, o qual pela sua acção diffusiva destruiu aquelle estado geral, que sympathisava com os intestinos, e fazia com que o movimento peristaltico não tivesse lugar; muito embora este estado geral fosse primitivamente devido a qualquer causa idiopatica que obrasse no canal alimentar; como no caso apontado he o chumbo: por quanto a não ser então e em outros semelhantes, em que o opio aproveita indirectamente pela sua acção diffusiva, elle produzirá = preguiça de ventre = por ser este hum effeito proprio e inherente á sua natureza; de sorte que o mesmo Murray, que aconselha o opio

na *Colica Pictorum* para favorecer as evacuações alvínas, quando falla geralmente dos seus effeitos na pag. 126 edic. de Veneza de 1795 diz: ... *hinc et sine dubio alvi tarditas opio utentibus adeo molesta, et excretionum scrozarum.... cohibitio*; e na pag. 127 inda se expressa mais claramente, quando compara o opio com vinho, como depois se verá.

Certamente será por esta razão que V... não deixará de convir comigo em excluir o opio nas rebeldes constipações de ventre, e lançar mão d'aloés, calomelanos, jalapa, etc. quando estas forem simplesmente idiopáticas; pelo contrario se servirá d'elle, quando se tornarem sympathicas; isto he, quando ao estado torpido do canal intestinal se ligar hum estado torpido geral; e então poderão igualmente aproveitar para excitar e augmentar as evacuações alvínas, os banhos quentes geraes, os causticos, moscho, ether, etc. como apparece no caso de Tétano referido pelo nosso ill. e muito digno Collega o Dr. F. R. A., não admirando nada ter resistido aos purgantes mais activos, e cedido tão semente ao uso interpolado do opio com moscho na quantidade de seis gr., seis vezes ao dia; e tanto mais se confirmão estas idéas, quando o nosso benemerito Collega na sua carta diz com a probidade que lhe he característica: "no uso d'estas (dóses) appareceo com remissão da molestia liberdade de ventre com evacuações." E quem affirmará que em semelhantes casos banhos quentes, causticos sobre ventre, moscho, etc. devem ser julgados como catharticos? Medo e frio produzem evacuações de ventre; e por ventura medo e frio obrão como os purgantes? He necessario distinguir em Medicina hum effeito directo d'outro indirecto, por bem determinarem-se causas, que os produzirão, quando he bem sabido que muitas vezes de causas differentes apparecem effeitos semelhantes: pelo que tanto no caso de Tétano como da *Colica pictorum*, o opio não tem mais do que huma acção indirecta sobre os intestinos; porque a tem sobre toda a constituição; e assim não pôde ser aqui julgado como purgante, segundo a deffinição.

A observação, que V... aponta, do Jornal Médico e Physico N.º 86, em que o Dr. Cayley conseguiu com o opio soltar o ventre a hum doente, que tinha grande constipação, tendo resistido a purgantes de toda a especie, nem he nova nem extraordinaria; pois que assim deverá acontecer todas as vezes que houver hum estado torpido no canal alimentar, irradiado com o estado geral, e maior do que aquelle que possa ser removido pela simples acção incitante d'hum purgante, inda o mais activo; por que he então da combinação d'opio e purgante que deverá resultar hum composto capaz de produzir em tal circumstancia o effeito cathartico; pois assim como acontece, que muitas vezes não baste só opio para sistir evacuações alvínas, e outras vezes adstringentes

inda os mais fortes são inuteis, conseguindo-se tão sómente o desejado effeito pela combinação d'opio com adstringentes, por não ser em semelhantes casos a molestia unicamente idiopica dos intestinos, mas resultante ou irradiada com a influencia de movimentos associados d'outros systemas entorpecidos; da mesma sorte acontecerá quando a constipação do ventre for devida a hum estado torpido dos intestinos, e este ligado com a constituição; porque então nada poderão fazer só os purgantes, sendo aliás necessarios os incitantes geraes, como fica dito acima: e nem por isso opio deverá ser tido neste caso como cathartico, segundo a deffinição. Alem d'isto V... parece-me algum tanto excessivo em querer attribuir o caso do Dr. Cayley, em que diz ter entrado opio com digital, unicamente ao opio, quando sabe muito bem que a digital he capaz só por si de produzir soltura de ventre, muito embora o Dr. Cayley a quizesse dar unicamente com as vistas de promover a diurese.

O Barão de Tott, citado em Darwin, quando diz *Opium when taken as a luxury not as a medicine, is as pernicious as alcohol* (1) não quer dizer que o opio produz evacuações de ventre; porque para isso era necessario que o alcool fosse somente pernicioso por produzillas, e que o opio fizesse o mesmo por semelhança absoluta d'acção: por quanto huma substancia pôde ser tão nociva á constituição como outra, sem que por isso se assemelhem em todos os respeitos; v. g. cicuta sendo tomada com abuso, he tão nociva como o sublimado corrosivo, o tartaro emetico como o opio, etc. pois que por fim o resultado será sempre tristissimo; e nem por isso ninguem dirá que cicuta fará o mesmo que sublimado corrosivo, o tartaro emetico o mesmo que opio, etc., sendo a palavra = mesmo = huma expressão relativa a propriedades médicas e não physicas.

Townsend parece favoreceria mais a opinião de V..., do que realmente não acontece, quando diz *In large doses opium nauseates and is cathartic*. Seja qual for a opinião que os escriptos d'este Author tenham merecido entre os homens de melhor senso, sou obrigado a confessar que nunca poderá ser tal, que contraste a d'outros muitos, que dizem o contrário; alem de que a palavra = cathartic = não quer dizer positivamente que o opio seja hum cathartico directo, mas sim que poderá favorecer a acção dos catharticos, ou restabelecer, como outro qualquer medicamento diffusivo, o movimento intestinal, quando este se achar n'hum estado torpido particular, irradiado com o geral, e acima de poder ser removido pelo que se chama com particularidade purgan-

(1) Veão-se as traducções correspondentes na carra do Sr. A. P. d' A.

te: este he o sentido em que julgo dever-se entender semelhante expressão, para sermos coherentes com os factos.

Lembro-me agora, que servirá igualmente para prova, do que muitas vezes acontece, quando queremos emetisar hum apopleptico, e lhe damos tartarito de potassa antimonial, sulfato de zinco ou de cobre dissolvido em água, e que não apparece o vomito, inda augmentando-se muito a dose do emetico, senão quando se ajunta ether á dissolução, e se applica ao mesmo tempo causticos sobre o estomago, fricções á pelle, e de mais incitantes; de sorte que vê-se em alguns casos não apparecer o effeito do emetico; sem que primeiro os incitantes geraes tenham obrado conjunctivamente; e com tudo ninguem dirá que ether, causticos, fricções, etc. obrarão ali como emeticos: a conclusão he bem clara a respeito do opio, quando favorece o movimento intestinal.

Porém parece-me, que ouço dizer a V. . ., que esta prova apenas poderia servir para mostrar, que o opio em algumas doses não era cathartico directo, mas de nenhum modo para quando he applicado em doses maiores, sendo então a circumstancia em que tem lugar, o que diz Townsend; por isso mesmo que taes idéas são bem conformes com o modo d' obrar d'aquelles catharticos, que sendo dados em pequenas doses são sorbentes, e em maiores tornão-se secernentes; cuja reflexão para ser destruida, examinemos algum medicamento, que esteja n'este caso; e vejamos a razão porque hum medicamento passa de ser sorbente a ser secernente só pelo augmento de dose, a fim de terminarmos se o mesmo deverá applicar-se ao opio.

O Rhab. v. g., quando he applicado em pequenas doses, a sua acção limita-se á membrana mucosa dos intestinos, e particularmente ao systema absorvente; e por isso as evacuações excessivas são diminuidas, e muito mais, quando se lhe tem feito soffrer hum ligeiro gráo de torrefacção; isto he, quando se torna menos secernente; porém, sendo applicado em doses maiores, então a sua acção não se limita unicamente ao systema absorvente, mas estende-se com mais especialidade sobre órgãos secernentes, e principalmente sobre aquelles, cuja excitabilidade he mais adequada áquella quantidade de estímulo, tornando-se n'este caso os novos liquidos segregados outros tantos estímulos consocios e capazes de augmentarem a contractibilidade muscular dos intestinos. Vejamos agora o que acontece com o opio.

Quando o opio he applicado em pequenas doses, por isso que pela sua natureza he mais sorbente que secernente, he bem claro que a sua acção sorbente deverá então ser muito mais energica, do que se fosse tanto secernente quanto sorbente ou ainda mais secernente que sorbente, como acontece com o rhabarbaro; vindo por isso a seguir-se a constipação de ventre tanto mais promptamente quanto a sua acção he mais diffusiva sobre o systema

absorvente do que a do rhabarbaro; pelo que continuará ainda, sendo dado em largas doses, a ser igualmente mais sorbente que secerne; visto que a differença de doses não poderá fazer diminuir a sua acção sorbente e augmentar a secerne, como se vê no rhabarbaro: por quanto o opio pela sua natureza intrinseca não poderá deixar de ser mais sorbente que secerne; e por isso, logo que seja applicado em maiores ou menores doses, dever-se-ha resentir da sua acção mais o systema absorvente do que o secerne. Esta conclusão, que supponho immediatamente deduzida da natureza do opio, estriba-se particularmente em resultados d'observações feitas por Prácticos de primeira ordem; a pesar de que me não seja possível determinar a razão, porque deva isto assim acontecer; porém este he também hum d'aquelles phenómenos, cujo conhecimento de causa sempre será fóra do alcance humano; bem como o he determinar positivamente a razão, porque hum dissolução de tártaro emético obra fortemente sobre o estomago, e nada sobre os olhos, e paladar; o mercurio com especialidade sobre glandulas salivares; as cantharidas sobre vias urinarias, etc. E de que infinita utilidade não seria para a Medicina, se fosse possível separar-se esta força nimamente sorbente e diffusiva do opio das suas outras propriedades! Por tanto inda que Townsend diga que o opio em maiores doses he cathartico, fica sendo falsa e de nenhum péso a sua asserção, quando theorías, factos, e authoridades de grande monta o contradizem; e tanto mais quando elle a refere destacadamente, sem que apresente razões prácticas ou theoreticas porque assim deva acontecer, contentando-se unicamente com dizer que o opio se assemelhava ao vinho por isso que era embriagante, e que tinha hum virtude estimulante e sedativa.

Em quanto a Alston nas suas Leituras sobre Matéria Médica, e Erasto tratando do opio, não sei em que elles favoreção a opinião de V...: por quanto o primeiro diz expressamente, fallando dos effeitos do opio *but not purgative, save accidentally*; isto he, que não he purgativo por si em quanto opio, mas sim por circumstancias, que o acompanhem na sua applicação; como quando he dado nos casos referidos; e eu me persuado talvez bem dever-se assim entender a expressão *save accidentally*; pois que já o mesmo pensava B. Pinera na nota que faz á Matéria Médica de Cullen, Art. opio; como logo citarei. O segundo nada diz, como se conclue do modo, porque elle se expressa, como fica citado, e vem a ser: *Think that were it not for its stupefaciens, it would always prove cathartic*. Na verdade a palavra *stupefaciens*, quando se trata d'opio, nada explica; por quanto não determina nada de positivo, seja a respeito do seu modo d'obrar, ou da sua quantidade; e tão sómente refere hum effeito, que nem sempre se segue do opio, assim como a exclusão

d'este não admittirix necessariamente o outro *cathartic*. Porém concedido, que este effeito *stupefaciens* siga-se sempre da applicação do opio; como concluir-se que elle em largas doses seja evacuante, quando o mesmo Erasto só julgava attribuir-lhe esta propriedade, se elle não fosse *stupefaciens*? Não sei de que maneira possa fazer valer esta authoridade em abono da sua proposição, quando he sabido que o opio em largas doses he geralmente *stupefaciens*; e que por tanto de nenhuma sorte poderá vir a ser *cathartic*.

Vamos agora a fallar de todos os argumentos, que V... persuadio-se encontrar em Darwin, n'esse homem que não posso ler sem reflexão, e fallar sem respeito; pois que seu genio transcendente merecerá em todas as idades os votos do Médico philosopho, e espero que elles se tornem outras tantas prôvas para fundamentar a minha proposição, mostrando que Darwin reconhecia no opio o mesmo que eu assevero = que o opio em largas doses não era *cathartico*. =

Principiemos por notar o reparo, que causou a V... dizer-lhe eu na minha carta, que Darwin mandava dar na febre a *sphacelo* grande quantidade d'opio: persuado-me ser esta tacitamente a sua intenção, querendo ao mesmo tempo acautelar o abuso; e estas são as suas formaes palavras: *Opium and bark are frequently given in too great quantity, so as to induce consequent debility, and to oppress the power of digestion.*

He certo que elle aqui não manda expressamente dar grandes doses d'opio, como em outros casos, mas também não declara que deverão ser pequenas, conformando-se com o costume geral sómente reprôva o seu abuso, e principalmente porque vê-se que falla do opio e quina conjunctivamente, *opium and bark*, sendo esta em semelhantes casos sempre dada largamente; além d'isto eu julgo, que, quando Darwin se explica por semelhante maneira, dá-nos hum criterio seguro para conhecer-se até que ponto dever-se-ha augmentar quina e opio; isto he, quanto o doente possa soffrer... *so as to induce consequent debility, and to oppress the power of digestion*; e a referencia que elle faz então ao artigo *febris puerpera* he só relativamente a aytologia e não ao methodo therapeutico; porque até a faz somente quando falla da causa e natureza da febre a *sphacelo*, estando na persuasão de que a febre puerperal era devida a absorpção da sanie, como he a febre a *sphacelo*; no quenão acho bastante razão a Darwin, e hoje tem-se melhor determinado a natureza d'aquella febre, sendo somente esta especial e positivamente devida a absorpção de sanie.

Quando Darwin tratando da *Colica pictonum* (colica saturnina), em que ha constantemente grande constipação de ventre, manda principiar o tratamento por dar hum ou dous gr. d'opio,

tendo depois de estabelecer evacuações alvínas por meio de purgantes, diz V... que, segundo os meus princípios, o opio então, huma vez que tenha a propriedade de constipar o ventre, tornaria mais difficil a acção dos purgantes, em lugar de mais facil, e por tanto contrario ao tratamento. Para responder a esta objecção, basta-me enviar a V... ao mesmo artigo, em que elle trata da colica saturnina, e he ali onde bem apparece a razão por que não deverá isto assim acontecer: estas são as formaes palavras de Darwin *The stimulus of the opium, by restoring to the bowel its natural irritability in this case of painful torpor, assists the action of the cathartic*: (o estímulo do opio restituindo aos intestinos a sua irritabilidade natural n'este caso de torpor doloroso, favorece a acção dos catharticos): pelo que se conhece claramente que o opio não obra então senão como hum remedio indirecto, e capaz de corrigir aquelle estado geral, que sympathisa com os intestinos, e embarça que os purgantes possam obrar; por não estar talvez a vitalidade intestinal n'aquelle grão correspondente para poder resentir-se dos seus estímulos específicos; e a palavra *assists* de que se serve Darwin dá bem a entender ser este o seu modo de pensar; e tanto mais, quando lembra tambem causticos, e banhos quentes; por conhecer que muitas vezes não basta só opio para regular então bem a vitalidade especifica: além d'isto se Darwin não estivesse pela virtude sistente do opio, não precisava de aconselhar purgantes logo depois do opio, e esperaria tudo d'este: tomo a liberdade de chamar para aqui quanto tenho dito, fallando de Murray, relativamente a *Colica pictonam*.

O argumento deduzido de serem os effeitos da embriaguez do álcool, semelhantes e os mesmos que os do opio, e se aquelle embriagando, produzia soltura de ventre, este igualmente a deveria fazer, nada prova, como os de mais já referidos; por quanto —

Sendo o opio hum dos maximos incitantes e superior em grão ao álcool (segundo V... mesmo confessa) será por isso o maximo sorbente e secernente, e terá propriedades communs ao álcool e aos outros incitantes, porém diversificará d'estes, por produzir embriaguez, assemelhando-se n'esta parte ao álcool, unico com quem se confunde; por quanto camfora, cicuta, nicociana, etc. não podem chamar-se verdadeiramente embriagantes; porém assim como differe dos outros incitantes por esta propriedade, differe não menos do álcool pela propriedade de ser sistente das evacuações alvínas, por isso que he mais sorbente que secernente; o que tem sido bem advertido por muitos Medicos, e não menos por Darwin, esse mesmo Darwin em quem eu estribava a minha proposição; sendo estas as suas mesmíssimas palavras: *When opium has been required in larger doses to ease or prevent convulsions*

... and as opium seems to increase absorption more, and secretion less, than vinous spirit, it may in some cases be useful to exchange one for the other; as in diseases attended with too great evacuation as diarrhoea, and dysentery, opium may be preferable.... (Quando se requer opio em maiores doses por diminuir ou embaraçar convulsões, e como o opio parece augmentar a absorpção mais, e a secreção menos, do que o espirito de vinho, pôde em alguns casos ser util trocar hum por outro; porém nas enfermidades acompanhadas de mui grande evacuação como diarrheia, e dysnteria, preferir-se-ha o opio...) D'onde julgo tiradas todas as dúvidas e equivoções relativamente a este Author, que hoje tanto peso faz pela sua sublime Medicina, dando-nos na sua Matéria Médica a conhecer bem qual seja o seu parecer a respeito d'estas duas substancias, pois que he ahi onde o deveremos consultar, e não em pequenas observações destacadas sem relação exacta de factos: por tanto as passagens, que V... traz na resposta á minha carta, tiradas de Darwin, para provar que o opio deverá produzir soltura de ventre, por isso que produz embriaguez igual á do vinho, tornão-se nullas; taes como a da sua matéria médica art. 11. 2. 1. 8. quando diz: *Opium and alcohol are the only two drugs; we are much acquainted with, which intoxicate, &c.* e tambem a da Sect. XXI., 6, quando diz: *the inebriate, as soon as he begins to be vertiginous, makes pale urine... and at length becomes sick, vomits repeatedly, or purges....* principalmente porque n'esta Secção Darwin só trata de descrever em geral a embriaguez, e os seus effeitos, e não de determinar positivamente quaes sejam aquelles produzidos pelo vinho, e quaes pelo opio; e no §. citado parece fallar então particularmente da do vinho, o que melhor se conhecerá lendo-se os §§. antecedentes, 4 e 5, e principalmente o fim do mesmo §. 6, quando diz: *but the unfortunate bacchanalian does not perfectly recover...*; vindo a ser a palavra *bacchanalian* expressão propria e exclusiva dos que abusão das bebidas espirituosas, e não do opio. Porém, além de Darwin, apparecem ainda outros, que são da mesma opinião, e até

Murray, que V... citou, quando trata de comparar opio com vinho, diz expressamente: *Multo omnino momenta sunt, in quibus opium cum vino aliisque spirituosus convenient.... Nihilominus vercor ne isti inter opium et spirituosae cognationi justo plus tributum fuerit. Nam non apparet ex spirituosis ista excretiones varias suprimendi efficacia, etc.*

B. Pinera, traductor Hespanhol de Cullen, nos quiz advertir isto mesmo, fundado no que tinha lido e observado, em huma das suas notas diz: "Haller, Alston, Tralles, Ludwig, e Boerhaave, hão crido que o opio produzia effeitos analogos aos do vinho; isto he, alegria, etc., distinguindo-se sómente em que huma pe-

quena dóse d'opio era capaz de originallos, o que não póde fazer senão huma maior porção de vinho; e em que o vinho não supprimia como o opio as excreções, etc.,

A' vista do exposto, e pelo que fica ponderado nos fundamentos da minha primeira carta, não fallando em motivos de estrutura, para o que acharia bastante fundamento em Bichat, porém que tornaria esta carta nimiamente extensa, poder-se-ha determinar definitivamente a razão porque o opio, apesar de fazer, como os espirituosos, a embriaguez, e a retrogradação limfática dos sorbentes do estomago e intestinos, estabelecendo associações directas e reversas, não produzirá, como estes, soltura de ventre; vindo por isto mesmo a ser então o opio no caso da molestia do Sr. . . . hum remedio necessario, mesmo em grandes doses, quando pequenas não bastassem para obstar a acção cathartica dos calomelanos, etc., pela propriedade de ser hum maximo excitante, ao mesmo tempo que he mais sorbente que secernente, e que combinado com outros medicamentos sorbentes fará esta qualidade d'acção mais energica, reduzindo então a vitalidade intestinal a poder accomodar-se a impressão d'outros estímulos verdadeiramente secernentes, aliás precisos, sem produzir diarrhéas. He igualmente por este mesmo motivo, que nas diarrhéas, que nem são críticas nem colliquativas, e por tanto filhas unicamente d'huma debilidade geral; pois que jámais eu quereria fallar das que procedem de causas orgánicas de glandulas, etc. que tenho achado que o opio nem sempre costumava suspendellas inteiramente e constantemente, inda combinado com sorbentes especificos da membrana mucosa dos intestinos; huma vez que por outros meios não se chegava a corrigir a causa geral, que tinha já feito estabelecer series d'associações morbosas com os intestinos. Finalmente, em conclusão última, nunca deverá haver receio de dar opio, inda em largas doses, pelo medo de que haja de resultar da sua applicação soltura de ventre, devendo porém haver toda a circumspecção, quando, inda sendo indicado, existão rebeldes constipações, ou estas vindo a verificar-se, possam ser contrárias ao tratamento da enfermidade. Approveito esta occasião para significar quanto

Sou, etc.

S. C. 1.º de Janr.º de 1813.

ART. II.—

Introdução Histórico-Médica para as Observações Médicas
em a Villa de Santarém, exigidas pela Portaria
de 24 d' Outubro de 1812.

POR

Luiz Gonzaga da Silva.

A Portaria de 24 d' Outubro de 1812 vai abrir huma nova porta para a indagação da Medicina indígena, ou do methodo de curar proprio do Paiz, que habitamos com os Medicamentos, que a experiencia mostra mais adequados á constituição e natureza dos nossos Patricios, colligindo exactas, e repetidas observações das molestias, a que elles são mais frequentemente sujeitos. He innegavel, que huma mesma molestia se apresenta com differentes faces, e apparato nas diversas regiões, nas diversas Provincias, nos diversos Póvos, e nos diversos individuos; e consequentemente que o seu methodo curativo, sendo geralmente o mesmo em toda a parte, deve com tudo ser modificado, segundo as várias circunstancias do clima, alimentos, temperamentos, genero de vida, etc. Já Celso, conhecendo a importancia d'esta verdade, dizia: "*Differre pro natura locorum genera Medicinæ, et aliud opus esse Romæ, aliud in Ægypto, aliud in Galliis, et cætera.*", E quantas vezes diversificação por causas accidentaes as mesmas molestias na mesma Povoação de hum anno para o outro? Eu o tenho observado em dous annos de prática de Medicina n'esta Villa, vendo-me muitas vezes obrigado a variar o tratamento na mesma especie de molestia, que atacou novamente o mesmo individuo, e querendo no princípio da minha prática applicar á risca a doutrina dos célebres Authores que tinha lido ao tratamento das molestias dos meus doentes, encontrei obstaculos, e inconvenientes, que me ensinarão a modificalla, e a fazer as sobreditas considerações geraes, que devo ter em vista em todo o districto da minha Clinica.

Julgando pois que ellas são interessantissimas notarei, como base para as minhas observações médicas posteriores, a situação d'esta Villa, e seu Hospital, e as mais circunstancias da mesma, em quanto dizem relação ás causas das molestias, que mais ordinariamente atacão os seus habitantes.

He esta Villa situada na alta e bem conhecida montanha sobranceira ao Téjo, montanha desamparada por todos os lados. D'ella dependem duas Povoações separadas na raiz do monte, huma

ao Nascente, chamada a *Ribeira*, que nas enchentes do Têjo se inunda a maior parte, a qual tem ao Norte, e ao Nascente humma valla a que chamão *Alcorça*, na qual se estagnão, e corrompem as agoas todos os verões: tem mais acima, e na mesma direcção hum Paúl, chamado de *S. Antonio*, aonde igualmente estagnão e apodrecem as agoas todos os estios.

A outra Povoação, que fica na raiz do monte á beira do Têjo, e voltada ao Sul, se chama *Alfanje*, que tem immediatamente por diante de si humma legoa d'agoa estagnada, que o Têjo ali deixa, ha alguns invernos, por de trás de montões de areás, que, passadas as enchentes, não tem corrente livre, ficando estagnada, podre, e misturada com as agoas de despejo de humma Fábrica de curtimento de couros, que fica logo acima, e ao nascente da mesma Povoação.

Tem a Villa ao Norte, e ao Noroeste o grande paúl e valla da *Assêca*, paúl tão alagadiço, que ainda no passado estio, sendo o anno sêcco, tinha pântanos, e estagnações. A valla, ha annos, por ordem superior foi limpa, e profundada para dar prompta expedição ás agoas; mas quem executou a ordem o fez nas ardentes calmas do estio, e succedeo, que o lodo, plantas, e raizes podres, tiradas do leito da valla, lançadas nas margens, soffrendo a acção do Sol ardente, exhalassem miasmas podres, que apodrecião (por assim dizer) a atmosphera, dessem ao ar visinho hum fétido insupportavel, e consequentemente fizessem, que os habitantes dos casaes proximos padecessem febres de diversos caractêres, mas todas adynâmicas. Esta valla com as seguintes enchentes se entulhou em partes, e perdeu a expedição, que se lhe tinha dado, e agora estagnão as agoas em mil partes.

Ao Nascente, e a legoa e meia d'esta Villa está *Alpiaga*, e ao Sul, e a humma legoa da mesma *Almeirim*, duas grandes Povoações, que distão entre si humma legoa, situadas na vasta planicie, que banha a margem esquerda do Têjo, o qual nas suas enchentes a allaga em varios pontos, restando para o verão muitos pântanos, e estagnações, que não só damnificão as ditas Povoações, mas também esta Villa.

Todo o districto de Santarém para o Norte, e Noroeste he sobremaneira montanhoso, e n'elle se achão muitas Povoações, taes como *Almostér*, *Azambugeira*, *Avitureira*, *Azoia*, etc. aonde as intermittentes grassão todo o verão com grande força, e continuão pelo inverno, principalmente as quartãs, que pelo máo tratamento, administrado ordinariamente pelos Barbeiros das Aldeas, são succedidas por *Cachexias*, *Ictericias*, *Physconia Abdominalis*, e hydropesias incuraveis por lhes acudirem muito tarde, as quaes são as terminações frequentissimas da intermittentes nos habitantes das sobreditas Povoações.

Quatro legoas ao Noroeste d'esta Villa fica o grande lugar de

Rio-Maior, aonde por seis mezes pratiquei a Medicina : he elle situado n'hum planicie, rodeado de vastos e densos pinhaes, as suas agoas muito abundantes em cal, são pessimas, pois todas de póços, que por negligencia dos seus habitantes poucas vezes se alimpão. N'este lugar reinão as mesmas molestias, que nos lugares mais proximos á Villa já descriptos ; porém os Synochos são ali mais frequentes, e quasi todas as mulheres são choloroticas. Vi-me obrigado na minha prática a fazer frequente uso dos diluentes em quasi todas as molestias, que tratei, e sem elles, ou simples, ou combinados não colhia o desejado fructo do meu trabalho.

Tem Santarém no seu interior, e na sua parte alta (chamada *Maravilla*) o Hospital de J. C. (Fundação de João Affonso de Santarém do Conselho do Senhor Rei D. João o I.) Edificio não muito grande, quasi quadrado, mal construido, e situado, sem proporções para poder servir d'Hospital, e rodeado d'Edificios pelo menos d'igual altura, que lhe impedem o ser lavado de todos os ventos. Só a parte mais alta d'elle, aonde estão as trez Enfermarias dos Religiosos Arrabidos, Terceiros, e Capuchos (que todas juntas poderiam admittir 40 camas) as quaes estão quasi sempre desocupadas, he exposta, e descoberta aos ventos do Sul, e Noroeste ; o resto das Enfermarias, que vou a referir, todas são muito baixas, e sem ar livre. — N'este Edificio ha duas Enfermarias d'Invalidos com o titulo de Mercieiros de João Affonso : ha humma de mulheres, que póde admittir 20 camas ; outra d'homens, chamada a Enfermaria de Febres, que póde admittir 30 camas ; mas n'estas duas Enfermarias se trata de mistura toda a qualidade de molestias, e não devendo admittir ambas mais de 50 doentes, tem chegado a conter 90 por muito tempo, e ha dous annos a esta parte poucas vezes tem descido de 60. Entre estas duas enfermarias, que olhão para humma rua da Villa, está entallada outra, que chamão de Cirurgia, que só póde admittir 10 camas, mas que ordinariamente contém mais ; ha humma casa pouco espaçosa, aonde se recolhem, e curão os doentes de Tinha, e outras muito pequenas, aonde se recolhem, e tratão os Soldados doentes com o nome d'Enfermaria Militar : e finalmente ha humma Albergaria para os peregrinos, de modo, que n'hum Edificio não muito espaçoso se recolhe tanta gente, sem haver a nenhum respeito a devida limpeza para a conservação da saúde. A Botica, e Cozinha ficão no mesmo pavimento, e muito contiguas ás sobreditas Enfermarias. Dentro d'este Edificio ha hum grande Pateo com humma cisterna pouco limpa, cuja agoa he a que serve para bebida dos doentes, Botica, e Cozinha. Todo o despejo do Hospital se faz para humma travessa ao lado do mesmo, que está sempre muito immunda, e quasi intransitavel. Tem este Hospital humma renda exorbitante, he governado, e administrado a todos os respeitos pela Meza da

Santa Casa da Misericórdia : tem dous Medicos de Partido, que visitão juntamente os doentes de manhã, e de tarde, dous Cirurgiões, dous Enfermeiros Mores, que se revêzão todos os mezes, dous Enfermeiros, e huma Enfermeira. Aqui se recebem e tratão os doentes pobres de toda a Villa, de todos os lugares visinhos, e, depois da última invasão dos Francezes, até da distancia de 12 legoas. Por este motivo elle podia ser huma grande escola d'observações Médicas e Cirurgicas, se os Médicos podessem relativamente a objectos de saude dar-lhe aquella ordem e arranjo, que o caso exige.

Tem mais esta Villa, e Hospital em brevissima distancia, e ao Sul o Jasigo dos pobres do mesmo Hospital.

Ha n'esta Villa huma Cadêa pública, prizão pequena para tanta gente, que recebe; prizão sem commodos, sem despêjos, sem limpeza, sem nenhuma das cousas, que fazem hum ar saudavel: prizão exposta ao Norte, donde lhe fica o paúl de *S. Antonio*, acima dito, e ao Noroeste, onde lhe fica o já mencionado paúl, e valla da *Assêa*: prizão contigua aos açougues de carne e peixe: fronteira de huma Fábrica de couro e solla, e outra de agoardente: prizão immediatamente sobranceira a huma valla de todo o despêjo das agoas, e immundicias da alta Villa (chamada a valla dos *Runes*), á qual se fizeram ha annos varios diques a fim, segundo se dizia, de deter os entulhos, encher o valle, e segurar os montes visinhos, os quaes diques vierão a ser effectivamente reservatorios de immundicias, e agoas podres, que perfumão a Villa de miasmas mephíticos.

Pela descripção d'esta Cadêa se collige, que ella pôde ser hum permanente fóco de contágio, e consequentemente d'epidemias: este contágio ou se communica ao ar visinho, e por isso aos habitantes visinhos, ou aos que communica com os prezos, ou os mesmos prezos sendo atacados de molestias resultantes do contágio, são transportados para o sobredito Hospital (como succede frequentes vezes), aonde pelas circumstancias do mesmo com summa facilidade, e rapidez se propaga o mesmo contágio, podendo consequentemente por esta maneira resultar huma epidemia geral em toda esta Povoação.

Foi por este meio que se originou e propagou a epidemia de febres de mão caracter, que durou desde o 1.º de Setembro de 1797 até Julho de 1798, a qual observou e tratou com muita felicidade o Sapientissimo Dr. Costa (morto durante a ultima invasão dos Francezes). Eu a descreverei de passagem com a mesma verdade e sinceridade, com que o mesmo Dr. m'a descreveo, e segundo as idéas que desde este tempo conservo:

Os ventos, que mais soprão n'esta Villa nos mezes proximos á invasão da epidemia, forão os Nortes e Noroestes, isto he, os que nos trazem aqui os vapores do paúl, e valla de *Assêa*: os

calores erão ardentíssimos, e não tinha havido no invesso antecedente huma chéa grande, que lavasse os paúis, e vallas. Começou a epidemia nos Soldados da Cavallaria N. 10, que se achavão presos na dita Cadêa: estes a communicarão aos Quarteis; daqui á Enfermaria Militar do Hospital Civil, aonde o dito Dr. tratava não só estes Soldados, mas todos os que por aqui transitavão; d'esta ás Enfermarias dos Paisanos, e do Hospital finalmente a toda a Povoação. Os Quarteis tem proximo, e ao Noroeste o Cemeterio dos pobres do Hospital: são pouco lavados dos ventos; n'elles vivião os Soldados sem roupa de linho nas camas, sem o devido acêo nos côrpos, nas casas, e nas caldeiras, em que fazião o comer, que constava ordinariamente de legumes os mais baratos, que se achavão, e assim por diante. Estes Soldados se tinham recolhido n'aquelles mezes do acantonamento de Niza, fatigados dos trabalhos militares, marchando em dias de grande calma, e entrando logo em fadigas de exercicios fortes conforme a disciplina austera do mesmo Regimento. Accrescia a isto o nenhum acêo da Villa, aonde todo o despejo se fazia, e faz para as ruas, a introduccão de alimentos pouco sãos, que a carestia dos bons fazia comprar aos pobres habitantes como mais baratos (o que ainda succede, e depois da última invasão não he novidade, que precise referir-se) e finalmente várias outras causas phisicas, e moraes, que dispunhão, e hoje mais que nunca dispõe os habitantes a serem mais susceptiveis do contágio.

Os symptomas, que elle observava n'estas febres, erão os seguintes: Principiava a molestia por huma insigne frouxidão do corpo, frio vehemente, ou calafrios aturados, que duravão, mais ou menos, 24-36 horas; já seguindo-se ao frio grande hum calor vehemente por este tempo, já accompanhando estes calafrios huma febre grande pelo mesmo espaço, com grande dor de cabeça; e findo este espaço, diminuia a febre com hum suor grande, tendo ás vezes perfeita intermittencia. Seguia-se outro paroxysmo sem frio, e com augmento de calor notavel, em cuja remissão ficava de ordinario a pelle árida, e sêcca; posto que em outros ficava humida: a lingua, desde o principio humida e branca, no 2.^o paroxysmo apparecia flava, e no meio pardacenta com grande altura de saburra: a cabeça desde o principio gravada, e quasi sempre com dor vehemente, mais na fronte, ás vezes vertiginosa: hum enjôo, e nausea no estomago, e fastio grande; mas ordinariamente até ao dia 7.^o sem seccura, nem sede: as urinas claras, sem sedimento algum. Queixavão-se ordinariamente de ardor, e peso no estomago: alguns hum sentimento doloroso, e picadas no cardia: dores nas pernas, nos braços, nos rins, nos lombos, tanto mais, quanto mais se avisinhavão ao 7.^o dia.

N'este principiava a seccura na lingua, a sede falsa: então apparecia o pulso muito frequente e pequeno: quasi todos se co-

brão de meudas pintas lividas : os olhos affogueados e espantados : grande zunido nos ouvidos : então começavão a perturbar-se as faculdades intellectuaes : apparecia hum ar d'estupidez, e psmo : crescia a anxiedade, entumescia o estomago : a respiração era alta, e frequente, punhão-se como comatosos. Em alguns apparecia o funesto symptoma de tomareira aversão a toda a comida e bebida, que nem alimento, nem remedio querião levar, deixando frustradas todas as diligencias dos assistentes ; a estes se encovavão os olhos notavelmente, apparecendo-lhes circulos lividos ao redor dos mesmos espantados e affogueados : duravão estes symptomas ordinariamente até ao dia 11.^o, ou 14.^o, ou 17.^o, e raras vezes até ao 21.^o ; mas alguns duravão até ao fim da 4.^a semana ; e quando ás vezes se julgavão mais perdidos, então a Natureza excitava, ou huma diarrhéa, ou hum suor, ou hum fluxo copioso de urina turva, pesadissima, fétida, ordinarias terminações d'estas febres : ainda que ás vezes não terminavão sem a erupção das patoidas, ou algum outro abscesso.

N'huma grande parte dos doentes se vião apparecer no 2.^o, 3.^o, ou 4.^o dia as anginas biliosas de companhia com os mais symptomas : em outros a *Cophosis* ao 9.^o dia, e durar-lhes ainda algumas semanas depois de convalescidos : em quasi todos esquecem-se de quanto passarão na molestia desde o 5.^o, ou 7.^o dia em diante : em alguns apparecerem as convulsões e tremores dos musculos, principalmente da lingua, e labios : em muitos apparecer huma *lia* parda-escura sobre os dentes, e as gengivas lividas, destillando hum sóro fétido. Em quasi todos nas primeiras evacuações, abundancia de lombrigas roliças, grandes : hum só Soldado se vio com o symptoma de huma bexiga preta no apice da lingua no 5.^o dia, e logo hum suor frio, fétido, e insupportavel, as convulsões, a estupidez, o delirio, as manchas lividas, o descahimento de forças, e a morte ao 7.^o dia. O mesmo succedeo a hum paisano fóra do Hospital, unicos, em quem se vio este symptoma da bexiga preta na ponta da lingua ; mas no paisano appareceo ao 9.^o, e morreo ao 11.^o dia.

No decurso d'estas molestias se observou o seguinte : 1.^o Que no principio todos tinham a lingua carregada da saburra, já descrita, sem secura, nem sede. 2.^o Que estes symptomas vinhão depois das primeiras evacuações, e quanto mais cedo vinhão, tanto mais breve era a molestia. 3.^o Que aonde havia respiração mais difficil, ahi a Quina aggravava os symptomas. 4.^o Que os doentes, que perdêrão a semana primeira sem o devido tratamento, no meio da segunda padecião diarrhéas biliosas vehementes, e tinham os symptomas todos mais aggravados. 5.^o Que aquelles, que no 7.^o dia se cobrião de pintas rubro-fuscas, e lividas, tinham no 11.^o hum copioso suor viscoso, gordurento, de fedor insupportavel, e nauseante ; e no 14.^o, e ás vezes até ao 17.^o a diarrhéa,

e fluxo de urina turbida, pezada, polimocenta; depois do que principiava o allivio a crescer, o somno era tranquillo, a lingua apparecia natural, o appetite de comer vivo, e tudo o mais hia a bem.

A' vista dos symptomas observados nos primeiros dias persuadido o Dr. Costa, que elle não podia bem conduzir a natureza no progresso d'estas febres, que chamou biliosas podres, sem arrancar das primeiras vias o vicio, que elle julgava a principal causa d'ellas, tentou sempre o principio da sua cura pelo emético, promovendo o vômito nas primeiras 24 horas, e ás vezes até 3 dias, mais ou menos, conforme as circumstancias: e observou, que fôrão bem poucos os doentes, que não lançáráo multidão de lombrigas, e que tal houve, que nos primeiros vômitos lançou 25, tal, que lançou 30. Observou igualmente, que tanto mais cedo se lhe administrava o emético, tanto mais cedo terminava a molestia. Tal houve, que findou ao 7.^o, tal ao 9., ou 11., e poucos passáráo do 14., e pouquissimos do 17.

Desde o principio até ao fim da molestia fazia tomar aos doentes, como bebida ordinaria, hum cosimento de *escorioneira*, *azedas*, *agriões*, exterior de casca de *laranja*, e *cremor de tartaro*, dissolvido no cosimento coado. Passados os dias occupados com os eméticos, lhes fazia tomar, como alterante, hum cosimento *Chicoráceo* *Tamarindado* com o *Sal Polygeresto*, ou *Manná*, e ás vezes o *Tartaro Emético*. Quando os dentes apparecião cobertos da *lia* parda, e as gengivas lividas, então juntava á bebida ordinaria os succos antiscrobuticos recentes.

Por dieta tomavão os caldos tenues acidulados com çumo de laranja, ou vinagre, e as fructas acidulas do tempo, taes como laranjas, limões, limas, etc. Mandava todos os dias repetidas vezes corrigir o ar mephytico das Enfermarias, e casas com vapores de vinagre fervido, ou queimado com as plantas aromaticas: procurava, que houvesse toda a limpeza possivel, o que se fazia, senão quanto devia, ao menos quanto as circumstancias o permitião.

Quando, ordinariamente no dia 9.^o, as forças abatião muito, e todos os symptomas engravescião, então lhes fazia tomar em forma de bólos a *Quina* com *serpentaria*, *camphora* em grande dóse, e ás vezes a *flor de arnica*: e quando o estomago os não podia soffrer, lhes substituiu o *Cos. Antif. de Lewis*, continuando a usar da pthizana acidula, a que juntava ás vezes o *Julepo camphorado acetoso*, conforme a necessidade; usando, para erigir forças dos *Rubefacientes*, e *Vesicatorios*, ora nos gemellos, ora nas espádoas, e em outras partes, fazendo-lhes beber pequenas porções de generoso vinho.

Foi o Dr. Costa tão feliz com este methodo, principalmente na Enfermaria Militar, que de 376 Soldados, os quaes desde o

1.º de Setembro de 1797 até 21 de Julho de 1798, foram feridos d'este contágio, só elle morreu hum, chamado Joaquim José d'Ascensão, homem sexagenario, sordido, debóchado, e inclinado com excesso ao tabaco de fumo, que foi aquelle, emquem appareceo a bexiga preta no apice da lingua.

Nas Enfermarias dos pobres grassarão innumeraveis d'estas febres, e ainda que bem succedidas com o dito tratamento, o mesmo Dr. confessou ingenuamente, que proporcionalmente o número dos mortos foi maior, bem que pequeno absolutamente. Equaes serão os motivos d'esta differença? Os principaes parecem ser os seguintes: 1.º Porque a maior parte d'estes doentes são gentes de trabalho do campo, nutridos de pessimos alimentos, más agoas, mal vestidos, e pouco limpos: 2.º Porque entrão no Hospital, tendo já perdido 7, 8, e mais dias sem o devido tratamento. Além de que não está na mão dos Professores fazer-lhes apromptar algumas providencias opportunas, principalmente de roupas, de que ha no Hospital notavel falta, etc.

No resto da Povoação grassarão muito as mesmas febres; porém os mortos não foram muitos. Começou a diminuir consideravelmente esta epidemia desde o principio de Julho, em que sopráão quasi sempre os Nortes, e Nordestes rijos, e não durou muito mais.

A história d'esta epidemia, ainda que a inseri n'este curto papel como para exemplo dos damnos resultantes da má localidade, e arranjo de huma Cadêa pública, julgo servir tambem para nos dar huma idéa das febres, que mais geralmente costumão grassar n'este Paiz, e do apparato de symptomas, com que se apresentam, quando as referidas circumstancias, que podem ser causas de molestias, chegam a hum ponto capaz de produzillas, podendo-se talvez assim por huma séria attenção ao estado d'aquellas causas prognosticar as sobreditas epidemias, a tempo de se prevenirem, ou ao menos diminuir-se a sua actividade, empregando-se promptas providencias.

Consistem estas providencias em evitar, ou ao menos diminuir tantas causas d'insalubridade: 1.º como as vallas do Campo de Santarém não são limpas ha muito tempo, e consequentemente pouca chuva as faz extravasar, e formar pântanos, desentulhando-as perfeitamente; porque d'este modo dando-se prompta expedição ás agoas, he mais difficil formarem-se pântanos, apodrecerem as agoas, e demorarem-se as chéas sobre o campo. Esta providencia utiliza á saude pública, e á Agricultura; porque pela falta d'ella muitas fazendas se tem arruinado, a lavoura se faz tarde, e a producção he cada vez menor. O mesmo se deve entender da Valla d'Assêca; mas esta limpeza deve fazer-se antes dos calores ardentes. 2.º Tendo o maior cuidado na limpeza das ruas, cuja immundicia deve ser lançada promptamente em grande dis-

tancia da Povoação. 3.º Removendo o Hospital Civil para outro local mais próprio; ou, quando isto não possa ter lugar pela ruina dos outros Edifícios, conservando no mesmo o devido acção a todos os respeitos, e collocando o cemeterio dos pobres em distancia conveniente, e ao norte da povoação. 4.º Como não possa effectuar-se a remoção da cadeia pública para outro edificio, haja ao menos n'ella a maior vigilancia na limpeza, e tenha casas de reserva para onde se mudem os presos de quando em quando, empregando-se os meios proprios para corrigir o ar da prisão, e desenvolver a precisa quantidade d' oxygenio, o que póde conseguir-se por meio dos desinfectadores, com que ha poucos annos o sapientissimo Dr. Thomé Rodrigues Sobral, Lente de Chymica da Universidade de Coimbra, se oppóz ao progresso da Epidemia, que reinou n'aquella Cidade, e tendo outro sim o mesmo cuidado no acção dos açougues proximos. 5.º Examinando-se attentamente, e sem interrupção por pessoas intelligentes, todos os víveres, que entrão para esta Villa; porque muitas vezes são incapazes, e n'este caso devem ser enterrados, ou melhor, queimados, e punidos rigorosamente os vendedores, para se não venderem ao Povo, que a elles recorre sempre como mais baratos. — Pelo que pertence a Rio-Maior parece-me, que tirariamos huma causa das molestias, que reinão neste lugar, se nelle se construísse huma nova fonte (para o que tem optimas proporções) evitando assim, que o Povo continue a beber água de pódos. —

Bem se ve pois, como as réferidas circumstancias podem induzir n'esta atmosphaera hum estado de combinação capaz de originar molestias terribes; ou porque os vapores mephyticos, que os ventos nos trazem aqui das vallas, e paúis visinhos, alterando a atmosphaera, e consequentemente o ar, que respirámos, decompõem os nossos humores, e alterão a nossa economia animal de hum modo, que nós ignorámos, vindo a ser o funesto germe dos nossos males; ou porque estes myasmas tem sobre os nossos sólidos huma força deletéria, resultando secundariamente a ruina dos humores, e as enfermidades.

O vento, que mais sópra n'esta Povoação, he o Noroeste, que poucas tardes deixa de soprar, e ás vezes semanas inteiras ponteiro, e rijo. Observa-se, que desde o tempo, em que se limpou a valla da Assêca, logo que o Noroeste atura mais, crescem as molestias. Observa-se, que as mais vulgares são as peripneumonias podres, as intermittentes de todos os generos, escarlatinas, anginas biliosas, e febres biliosas. Observa-se, que soprando os Noroestes rijos padecem mais os moradores dos Edifícios da Villa mais expostos a este vento, em quanto a Povoação da Ribeira, que ao abrigo da montanha não soffre os impulsos do dito vento, fica sádia. Observa-se, que apenas as agoas do inverno principião a lavar esta valla, e paúl, as molestias se diminuem, e

extinguem nos casaes visinhos, e nos Edificios da Villa, que ficão expostos ao Noroeste. Observa-se, quando sopráo, e atturão os Nordeste, que levão os vapores á parte opposta, principião as molestias do mesmo genero nos casaes, a que chamámos de *Além do Paúl*, e que pelo contrário, voltando os Noroestes, ahí diminuem, e se augmentão nos casaes d'aquem do paúl, como aqui nos explicámos.

As melhores agoas ficão distantes da Povoação, e os habitantes pela maior parte usão da agoa de cisternas, ordinariamente pouco limpas.

Os habitantes, dotados, geralmente fallando, de hum temperamento colerico-sanguineo, são pela maior parte dados ao trabalho campestre, e por consequencia expostos frequentemente ás alternativas de calores, e frios excessivos em campinas, em que sempre se encontrão muitas agoas estagnadas, a que muitas vezes reccorrem sequiosos. Elles usão muito alimentar-se de vegetaes, maxime de legumes indigestos, e no tempo das fructas, estas fórmão ainda não sasonadas o seu principal sustento.

Em quanto ao methodo curativo repetidas observações me tem mostrado, que elles não soffrem os emeticos violentos, e consequentemente devem ser applicados com muita doçura, e attenção. Os purgantes devem ser combinados com os diluentes, para se evitarem as sédes excessivas, dores d'hypochondrios, nauseas, vigílias, calores internos urentes, etc. Difficilmente soffrem os medicamentos summamente activos e espirituosos, sem que sintão afecções nervosas, grande incommodo de cabeça, e outros. Os remedios heroicos em substância, maxime nas molestias agudas, se não são combinados com os diluentes, trazem aqui terriveis consequencias: eu o observei desde Junho até Novembro de 1811, quando comecei a praticar a Medicina n'esta Povoação, tempo, em que n'ella, e seus redores grassou huma epidemia de febres typhoideas, estando então os seus habitantes privados da maior parte das cousas necessarias á vida, e reduzidos a grande miseria pela perda de seus bens e parentes.

Os Medicamentos, que até ao presente sei, produz este paiz, são os seguintes: *Almeirão, Labaga, Bardana, Grama, Aipo, Funcho, Gilbarbeira, Aspargo, Légacão, Cicuta, Fumária, Centaurea menor, Marcella, Sabugo, Agrimônia, Saponária, Taraxaco, Dedaleira, Avenca, Althéa, Viola, Sargacinha, Doiradinha, Salva, Manjarona, Poêjos, Ouregãos, Espinha cervina, Verónica, Coroa de Rei, Ipina, Rosmaninho, Murta, Alecrim, Herva crina, Cidreira, Terrestre, Marroios brancos, Hypericão, Camedrios, e Salgueiro branco.* Com este ultimo em substancia, e em cosimento tenho curado algumas vezes as intermittentes nos habitantes dos redores d'esta Villa, que não podião chegar ao preço da Quina.

Taes são as circumstancias d'esta Villa relativamente á sua situação, connexões com os lugares visinhos, limpeza, temperatura, agoa, modo de vida de seus habitantes, seu temperamento, alimentos, etc. em quanto ellas podem ser causas das molestias, a que são mais frequentemente sujeitos, e influir sôbre o melhor conhecimento do methodo curativo proprio a este paiz, as quaes considero como bases das Observações Medicas, de que estou encarregado.

ART. III.—

Resposta dos Redactores do Jornal de Coimbra ás Observações á cêrca do Exame Crítico da Memoria sôbre a Fébre epidemica contagiosa publicado n'este Jornal Vol. II. pag. 63 e 140, feitas por Henrique Xavier Baeta, e insertas no Investigador Portuguez em Inglaterra N.º XX. pag. 553.

Prosperè gerendæ rei facultatem ommittere, maxima dementia est: et in angustias utique pugnandi compulsus abstinere se prælio pestiferum ignaviæ adfert exitium: eorum quæ, qui ista committunt, alter beneficio fortunæ uti, alter injuriæ nescit resistere.

Val. Maximo.

(Continuada da pag. 59.)

Resposta 14.^a

§. LXXXIX. Dissemos nós (Vol. 2.º do J. de C. pag. 145 §. 3.º no fim) que hum dos symptomas, que apparecia ás vezes nas febres ataxicas, era os olhos incendiados: que este symptoma tambem pertencia ás inflammatorias, mas que era curado naquellas com remedios oppostos aos d'estas: que nisto não havia contradicção, porque o phenomeno dependia em cada humia d'ellas de sua causa diversa. Tudo isto não he nosso: he o que se acha nos escriptos dos diversos Práticos, quando descrevem o typho, ou febre ataxica, ou nervosa, etc., e quando depois referem o tratamento, que convem a tal molestia. Por tanto, quem diz o con-

trário d'isto, quer fazer valer a sua opinião contra a dos bons Prácticos, para quem appellámos.

§. XC. Argumenta porém o A. dizendo: "*que nas febres atáxicas, em que os olhos estão incendiados, ha sempre já no cerebro, já em suas membranas, se não inflammção, pelo menos hum estado análogo a esta, como se pôde inferir das muitas disseccções feitas por diversos Prácticos em casos semelhantes. . . .*"

§. XCI. Em primeiro lugar desejámos saber o que he *estado análogo* á inflammção. ¿He inflammção, ou outra cousa, que o parece, mas que não he? Que vago modo de explicar-se! Se nos lembrarmos do que o A. diz no fim dos Art. 3.^o e 9.^o da Secç. 4.^a, e o confrontarmos com a sua Observação 12.^a (porque em todos estes lugares falla da 3.^a variedade da febre epid.) parece que entende por *estado análogo* á inflammção *irritação*. Se he assim, respondemos que as simples irritações, principalmente em febres *atáxicas* e lentas nervosas não se curão com sangrias.

§. XCII. Porém vamos a examinar a prova tirada das disseccções. Como poderá o A. só pela observação do cadaver concluir que houve inflammção no cerebro ou membranas? Será possível achar nos cadaveres todos os signaes de inflammção? Achará elle a dôr, o calor, e a pulsação? Quando muito só o tumor e rubor he que apparecem. ¿Como se ha de provar, só pela disseccção, que este cumulo de sangue achado teve lugar por acção augmentada dos vasos, e não por acção diminuida? He necessario por tanto que o A. saiba que semelhantes próvas não decidem, senão combinando-se com os symptomas observados no tempo da molestia: por consequencia nas febres *atáxicas* o pulso, sendo pequeno, molle, frequente, indica ser aquella congestão procedida de acção diminuida, e não de augmentada. Por tanto não he com as sangrias que deve ser tratado aquelle symptoma; e o argumento do A. nada prova contra a nossa proposição = que as febres *atáxicas* se curão com os maiores estímulos apesar de apresentarem ás vezes os olhos incendiados. =

§. XCIII. Conclue o A. esta Observação querendo provar a sua supposta inflammção de cerebro nas *atáxicas*, com o alivio, que em taes febres se segue ás evacuações, que espontaneamente apparecem. Eis-aqui o A. confundido com a crise das febres; e, se de tal se lembrou, inculca-nos sobre crises huma theoria, que ninguem ja admite, pois toma por causa o que he effeito. As evacuações criticas, quando tem lugar, são hum effeito do restabelecimento, que os sólidos tem adquirido pelo uso dos remedios applicados, ou por algum outro motivo, e não são a causa do dito restabelecimento.

§. XCIV. De mais, se o enfarte dos vasos do cerebro, e da conjunctiva he naquellas febres hum symptoma de acção augmentada, e precisa por isso de evacuações para ser curado, havendo

nas mesmas febres tantos outros symptomas de innegavel e real abatimento e prostração de forças, e apparecendo estes curados tambem depois das evacuações críticas, seguir-se-hia que as evacuações erão ao mesmo tempo hum remedio para diminuir e excitar forças: e nas febres atáxicas, cujas crises se fazem muitas vezes por dejecções, seria o melhor remedio hum continuado uso de purgantes até os symptomas cedarem: o que ninguém fará.

Resposta 15.^a

§. XCV. Na Observação 15.^a diz o A. que *não mudou* a sua opinião sobre a natureza da febre *sómente* por ter achado o caso referido no Art. 5.^o Secç. 4.^a da sua Mem. Nós tambem tal não dissemos nem *asseverámos*. As nossas palavras a esse respeito são: *que o A. se decidio a mudar a sua opinião... e a reformar o curativo... por ter achado huma vez a febre epidemica complicada com inflamação do figado* (pag. 146 Vol. 2.^o do J. de C.) O verbo *decidio* indica huma positiva deliberação, que fôra precedida de certa perplexidade ou dúbida: e eis-aqui o que de facto acconteceo, e o que o A. confessa nos Art. 3.^o 4.^o e 5.^o, onde mostra a sua dúbida sobre o verdadeiro curativo, que devia adoptar; no Art. 6.^o onde se decide a reformar a opinião antecedente; e nos artigos seguintes, onde mais amplamente expõe o tratamento, que d'ahi em diante julgou mais conveniente a cada huma das modificações da febre. Logo o A. *não mudou* a sua opinião *sómente* por causa do facto referido, mas *decidio-se* a mudar pelo dito motivo, como dissemos na Analyse. Triste cousa he precisar de inverter o sentido, e mudar as palayras, das proposições, que se querem combater!

Resposta 16.^a 18.^a e 20.^a

§. XCVI. Na Observação 16.^a 18.^a e 20.^a irrita-se o A. desmedidamente, suppondo calúmnias as proposições, que avançámos nos dous §§. da pag. 146 e no 1.^o §. da pag. 147 Vol. 2. do J. de C. Dissemos nós: 1.^o que o A. *sem que nos diga se este augmento* (de symptomas) *era só em intensidade ou se em número*, e n'este caso *quaes erão os novos symptomas*, ou que *nova face tomava a molestia*, *prescrevia em todos os casos os etimulantes para uso interno e clysteres*. — 2.^o Que por isso, (vista a maior irritabilidade das membranas do canal alimentar) *não admira que corresponderem mal aos desejos do A. os cosimentos de quina*, angus-

tura;... etc. — 3.º Que se a nova forma que a febre tomava, passados os primeiros dias, era a complicação *meningo-gástrica-inflamatoria* (o que não pensávamos apesar do A. o não declarar) necessariamente se exacerbaria a molestia. Eis-aqui as nossas tres proposições. Não se lhes attribua arbitrariamente mais força do que ellas encerrão; combinem-se com os Art. 1.º 2.º 3.º e 4.º da Secq. 4.ª da Mem.; e quem fôr imparcial conhecerá que ellas justamente se deduzem d'aquelles Artigos: o que vamos demonstrar.

§. XCVII. O A. no Art. 3.º pag. 58 diz sómente que algumas febres, depois das primeiras evacuações, começavam a ceder, e davão indícios de terminar do 7.º até ao 14.º dia; mas que em outras os *symptomas augmentavão*, mostrando a sua vehemencia. D'esta vaga descripção não se póde collegir se o augmento dos *symptomas* era em intensidade ou em número, e eis-aqui o nosso reparo (*parte da propos. 1.ª*), que deve ser tanto maior, quanto ao 7.º dia, pouco mais ou menos, he quando a febre de principio *gástrica* passava muitas vezes a tomar hum outro caracter, e a desenvolver novos *symptomas*, segundo se complicava ou com a *atáxica*, ou com a *adynâmica*, ou com inflamações parciaes. Nos §§. immediatos não aclara mais as suas idéas, e só falla muito em debilidades, o que era bem necessario dizer para desculpar os seus remedios desde Num. 6 até 10, e muito mais confessando ingenuamente, no principio das pag. 60 e 61, o máo effeito que produzirão sempre os ditos remedios. — De mais, o A. divide a Secq. 4.ª em duas partes: na 1.ª aponta os remedios de que fez uso no principio da epidemia (principio, que se extendeo até Março de 1811, como se collige do Art. 5.º): em toda esta 1.ª parte não faz ainda distincção alguma no tratamento relativamente a cada hum das variedades da febre; d'onde se deve concluir que, ou em todo este tempo não se lhe apresentarão todas as 3 variedades (o que não he provavel, visto sêr aquelle tempo a maior parte da época da epidemia), ou, se pelo contrario, que em todas lhe pareceo conveniente o mesmo tratamento. (*Propos. 1.ª*)

§. XCVIII. Enganou-se o A. nos seus receios de grande debilidade geral, e na escolha que fez de remedios, como a experiencia mesmo lhe mostrou: este engano não era tão pequeno, que para evitar o máo resultado bastasse o mudar para tónicos e estimulantes menos energicos, expediente, que o A. tomou passando a usar dos remedios Num. 11. e 13.: foi necessario, para atectar, escolher remedios oppostos, como são as evacuações sanguineas, que fazem a mudança mais essencial do seu tratamento reformado. Logo de tudo isto que outra cousa podíamos nós concluir, senão que nas febres tratadas pelo A. não havia tanta debilidade, ou tão geral, como elle inculca; que pelo contrario pre-

dominava certa irritação (que suppozemos na membrana interna do systema gástrico (pag. 146 Vol. 2.^o do J. de C.)); e que os seus estimulantes (aliás não pequenos, pois são quina, angustura, laudano liq. de Syd., ether sulphurico, assaetida, mistura de camphora e de almiscar (vejão-se as fórmulas Num. 6. 7. 9. 10.)) ainda dados naquella dóso e distancias erão contraindicados, e devião corresponder mal aos desejos do A. (*Propos. 2.^a*)

§. XCIX. Como o A. até ao Art. 4.^o Secç. 4.^a não distingue variedades da febre, fica livre o concluir-se que tambem applicára o seu primeiro tratamento a alguma febre pertencente a 1.^a modificação, a qual segundo a descripção dada pelo A. suppozemos huma complicação com febre inflammatoria: por isso dissemos que, se tal accoiteceo, a molestia se exacerbaria: porém no parentese procurámos fazer a possível justiça ao A., dirigindo-se a nossa reflexão principalmente a notar o defeito de não distinguir melhor os casos, em que empregára o seu primeiro methodo therapeutic. (*Propos. 3.^a*)

§. C. ? Ainda o A. terá razão para irritar-se e queixar-se ? ? Ainda poderá chamar calúmnias a proposições, que tão evidentemente se deduzem dos primeiros Artigos da Secç. 4.^a ? He melhor que se queixe do pouco methodo, e da obscuridade e confusão, com que expôz as suas idéas n'aquella parte da Memoria: e, se de proposito por este modo quiz encobrir as irregularidades e defeitos do seu primeiro tratamento, reduzisse tudo aquillo a hum pequeno Artigo, onde muito em geral, e sem apresentar fórmulas, dissesse o que tinha feito n'aquelle tempo. Pouca foi portanto a agudeza do A., e menor ainda, quando inadvertidamente teve a sinceridade de notar o mez, em que começou a reformar o seu tratamento; d'onde se podem deduzir algumas reflexões, que na Analyse ommittimos querendo poupar o A., e que agora para rebater as suas calúmnias, sem perder o decôro, que devemos aos nossos Leitores somos obrigados a apresentar.

§. CI. A epidemia em Lisboa teve principio em Outubro de 1810 (Art. 3.^o Secç. 1.^a); começou a abrandar em Maio de 1811 (Art. 14.), e, se nos regularmos pelo Hospital de S. Vicente, ja em Abril estava muito diminuida; o caso, que acabou de decidir o A. a mudar o seu primeiro tratamento, accoiteceo nos principios de Março de 1811; contando 7 dias que esta febre durou (Art. 5.^o Secç. 4.^a), deduz-se que o A. não começou a pôr geralmente em prática o tratamento reformado, senão do meio de Março em diante; logo por cálculo exacto tirámos os seguintes corollarios. — 1.^o Que durando a epidemia 7 ou 8 mezes, exceptuadas as febres mais simples (Art. 3. pag. 58), o A. foi infeliz no tratamento de todas as outras no espaço de cinco mezes e meio, isto he, na maior parte do tempo, e durante a maior força da epidemia. — 2.^o que precisou de todo este tempo para se

decidir sobre o verdadeiro methodo de curar a febre. — 3.º Que o seu novo methodo só pôde ser util durante mez e meio, ou dous mezes e meio, além de alguns poucos casos, em que ainda o podesse pôr em prática até ao mez de Julho (segundo o Art. 14. Secç. 1.ª) — 4.º Que na maior parte do tempo, que durou a epidemia, sempre lhe fez mais pêso, e deveo maior attenção nas febres, a debilidade, do que os estados inflammatorios ou analogos a estes. — 5.º Que a cura por meio de evacuações sanguineas só foi estabelecida e verificada com factos, quando teve menos casos para observar. — 6.º Que, se o A. julgou do character da febre epidemica em geral, e do bom ou máo exito, que ella teve debaixo do tratamento dos outros Médicos, pelo que elle observou na maior parte do tempo da epidemia, com toda a razão reputou esta febre *tão destruidora e tão funesta*. — 7.º Que por todas estas razões o A. não estava habilitado, nem em estado de escrever sobre esta epidemia, e muito menos querendo consideralla debaixo de hum ponto de vista, que se affasta do modo de pensar dos outros Medicos. — 8.º e finalmente, que

.... *sitantis amor scribendi te rapit, aude
Caesaris invicti res dicere, multa laborum
Proemia laturus.*

Hor. Lib. II. Sat. 1.ª

*Os criticos eu vi que alheios nomes,
Por dar lugar ao seu, riscavão promptos,
Cujo nome tambem soffrendo estragos,*

(Epigraphe do A.)

Resposta 17.ª e 19.ª

§. CII. Querendo o A. achar alguma contradicção nas idéas da nossa Analyse, imputa-nos huma forjada com duas proposições nossas, que destacou do resto da doutrina dos §§., em que ellas se achão, a qual dá toda a clareza, restricção e uniformidade ás nossas idéas. O A. transcreve as proposições da maneira seguinte: 1.ª "*nas febres meningo-gástricas, de cuja natureza era a febre epidemica, os estímulos erão nocivos*," 2.ª "*pelo tratamento incitante se curarão muitos doentes, que padecião essa molestia.*" Com effeito, lidas estas proposições, ninguem poderá negar a contradicção. Vejamos agora, como ellas se achão na nossa Analyse: 1.ª = "*nas febres meningo-gástricas.... os estímulos, principalmente obrando sobre estomago e intestinos, são nocivos*" (pag. 146

Vol. 2. do J. de C.). 2.^a = dissemos não se conformar a idéa de indole em geral inflammatoria (supposta pelo A. n'esta epidemia) com o tratamento incitante, ainda que moderado, com o qual foram tratados tantos doentes d'esta epidemia = (pag. 147 dito) ? Aonde estará agora aqui a contradicção pueril?

§. CIII. Na proposição 1.^a fallavamos das meningo-gástricas simplesmente, e mesmo n'essas admittimos o uso dos estímulos não sendo tomados pela bôca ou em clysteres; circumstancia, que o A. houve por bem de occultar para dar mais generalidade á proposição. Na 2.^a tratavamos do caso da epidemia, em que a febre meningo-gástrica era complicada com a atáxica ou adynâmica, e por isso dissemos tantos doentes e não todos os doentes, dissemos tantos doentes d'esta epidemia e não d'essa molestia; comprehendendo a palavra epidemia todas as formas da febre, isto he, as meningo-gástricas simples, e as complicadas, nós não fallavamos de todas e por isso dizíamos tantos e não todos os doentes; porém substituindo o A. em lugar de epidemia = essa molestia =, e não se tratando na proposição 1.^a d'outra molestia senão da febre meningo-gástrica simples, eis-ahi formada a contradicção. Além d'isto na proposição 2.^a restringimos a força do tratamento incitante dizendo = ainda que moderado = o que o A. encobrio: esta restricção he quanto basta para mostrar a uniformidade das nossas idéas nos dous §§, e para se conhecer a que febres diz respeito a proposição 2.^a, porque na pag. 146 ja tínhamos dito que nas febres meningo-gástricas complicadas com atáxicas ou adynâmicas os estímulos não são absolutamente contraindicados, porém que, sendo mais poderosos ou em maior (1) dóse, e logo desde o apparecimento dos symptomas de abatimento, não são muito proprios. Eis-aqui por tanto a restricção com que admittimos o tratamento incitante, e as febres de que fallavamos. Está por consequencia patente o artificio, com que o A. julgou bem armada a contradicção, sem se lembrar de que bastava ler os §§ citados da Analyse para ficar derribada a superficialidade e malicia do argumento, e mostrado o fundamento nullo de tantas admirações.

*Ne cures ea, quae stulte miraris, et optas,
Dicere et audire, et meliori credere non vis.*

Hor. Liv. I. Ep. 1.^a

(1) A palavra menor, que está na pag. 146 lin. 35, foi erro typographico, deve ler-se maior.

§. CIV. Na Observação 21.^a quer o A. provar que o uso do opio não deve ser taxado de haver diminuído ou suspenso as dejecções na febre epidémica, e por isso alterado a marcha da moléstia fazendo apparecer inflammções. As suas razões são: 1.^a Que na sua Mem. não faz menção de que por tal causa se tivessem diminuído ou suspenso as dejecções, declarando agora que nunca tal observára. — 2.^a Que 5 ou 6 gotas de laudano 4 ou 5 vezes no dia não são capazes de produzir esse effeito em huma doença, em que ha irritação de canal intestinal. — 3.^a Que o laudano com os cosimentos de quina não podia produzir n'aquellas febres as inflammções referidas; e que ao contrario era indicado nas circumstancias, em que elle o ordenava. — 4.^a As Authoridades de Morton, Donaldson Monro, e Trotter para apoiar a sua opinião.

§. CV. Em quanto á 1.^a razão, não admira que na Mem. se não faça menção de se haverem diminuído as dejecções, vista a obscuridade, que reina na primeira parte da Secç. 4.^a, onde o A. nem menciona todos os symptomas e circumstancias das febres, quando começava a prescrever-lhe os estimulos, nem declara com especificação a qualidade de incommodos, que sobrevinhão ao uso d'estes remedios; contentando-se com fallar vagamente, ali em debilidade e augmento de symptomas, e aqui em exacerbação de muitos ou quasi todos os symptomas. (Art. 3.^o pag. 58 e 60 da Mem.). A declaração, que o A. faz agora, vem já muito tarde, e não he admissivel, mas antes contrariada com a seguinte reflexão deduzida da mesma doutrina da Secç. 4.^a da Mem.

§. CVI. Ainda que as idéas dos primeiros Artigos da Secç. 4.^a estejam pouco claras, com tudo combinando-se o tratamento exposto no Art. 3. com o do Art. 4., he de notar que n'aquelle apparecem os estimulos sós; e n'este (onde o A. quer começar a reforma do seu curativo, visto o máo resultado do antecedente) não só se diminue a força dos estimulos, mas determina-se a continuação diaria do purgante Num. 5. (pag. 62 da Mem.). D'onde se deduz que hum dos incommodos causados pelos remedios Num. 6. 7. 8. 9. e 10. era de natureza tal, que para se remediar exigia a continuação ou repetição dos purgantes; por tanto era a falta de evacuações alvinas; o que fica evidente ainda que o A. o não declarasse então, e o negue agora. De todas as drogas, que entravão n'aquellas composições, o laudano liquido de Sydenham era a que mais poderia concorrer para este effeito.

§. CVII. Contra a 2.^a razão, além do que fica dito, accrescentámos que, se o A. julga muito pequena aquella dóse de laudano liquido de Syd. (remedio Num. 6. e 7.), ella não o he tanto, que as 36 gotas do Num. 7. não continhão cinco grãos d'opio, como se acha calculando sobre a fórmula d'esta preparação na *Phar-*

macia de Baumé, e segundo expressamente o diz Murray: "*Formula (laudani liquidi Syd.) eadem plane illuc inserta est, quam auctor suppeditat... et quae conflatur ex opio... et ea quantitate vini Hispanici, ut ejus drachma una opii grana decem... contineat.* (App. Méd. Tom. 2. pag. 154). A' vista d'isto, ainda que se queira dizer que o vinho não extrahе todo o opio, e que parte d'este não entra na infusão, e fica no filtro, sempre devemos concluir que n'esta composição entra muito opio, e por tanto 36 got. não he pequena dose.

§. CVIII. Por haver irritação no canal alimentar nem por isso o opio deixa de suspender, ao menos por algum tempo as evacuações alvínas. Veja-se a opinião dos Prácticos a este respeito fallando da dysenteria. Murray (Obra e T. cit. pag. 144) diz: *Etenim intempestive datum (opium) alvum coercendo acrimoniam vellicantem, quae ipsius morbi causa est, retinet, quae accumulata redit, inflammatque intestina...* Hinc etiam si inducias blandae ejus ope concilientur, fallaces haec maxime sunt, suppressus enim fluxus vel tanto copiosius redit vel inflammatione correpti aegri pereunt. São da mesma opinião Degner, Pringle, Zimmermann, cujas obras cita o mesmo Murray. Poder-se-hião referir muitas outras autoridades; e de todas ellas se conclue não só que mesmo havendo irritação de intestinos o opio diminue as dejectões, mas tambem que nas febres, quando (bem como nas dysenterias biliosas) he necessaria a liberdade do ventre, o opio he contraindicado.

§. CLX. Porém dirá o A. que tendo elle applicado primeiro os purgantes o opio não era dado *intempestive*. A citação de Murray, respondemos, serve para contrariar a 2.^a razão do A., e mostrar que nas dysenterias, mesmo no estado de maior irritação dos intestinos, e antes d'esta ter sido diminuida pelas evacuações competentes (pois esta he a interpretação da palavra *intempestive* de Murray), mesmo então o opio pôde diminuir as evacuações alvínas, alterar a marcha da molestia, e d'ahi resultarem inflamações. Estas sobrevirão não só por causa do estímulo do opio, mas tambem pela fluxão, que em outro órgão se poderá estabelecer pela suppressão d'aquellas evacuações. Se os doentes estavam ou não sufficientemente purgados, quando o A. lhes começava a dar opio, já o dissemos no §. 106.

§. CX. A 3.^a razão fica contrariada com a doutrina dos §§ antecedentes: só accrescentaremos que se repare no máo resultado, que o A. confessa ter sempre observado depois da applicação de taes remedios (pag. 60 da Mem.); 2.^a a vista de tão sincera confissão poderá ainda avançar que elles *erão bem indicados* nas circumstancias, em que os ordenava? Pois assim o diz agora o Observ. 21.^a (Invest. Num. XX. pag. 555) sem ter medo de tão manifesta contradicção!

§. CXI. Contra as autoridades, que fazem a 4.^a razão do A., parece-nos que bastarão as que citámos no §. 108: porém sempre achámos convenientes algumas reflexões, pelas quaes se prova que as autoridades citadas pelo A. pouco ou nada abonão a sua opinião.

§. CXII. Segundo a exposição, que o A. faz da observação de Morton, este Práctico tirou partido da quina com o opio em febres, que apresentarão symptomas de irritação de estomago, e dejecções biliosas, mucosas, e ensanguentadas; porém o mesmo Morton declara que semelhantes remedios só convinhão depois do uso das evacuações. Por tanto, tendo nós mostrado (§. 106) que os doentes do A. não estavam sufficientemente purgados, quando elle lhes prescrevia a quina e opio, segue-se que a sua prática não foi conforme com a de Morton, e que os resultados não seriam os mesmos. De mais na febre epidemica de Londres havia como symptoma característico dejecções biliosas, mucosas, e ensanguentadas, e por isso o opio (extincta a *stenia* por meio das evacuações) era como o específico para sistir aquellas dejecções symptomaticas: porém na febre epidemica de Lisboa não havia aquelle symptoma constante, antes era mui raro; havia sim dejecções biliosas, porém estas tinham lugar, quando erão promovidas pelos purgantes, ou quando se fazia a crise da febre; por tanto não erão symptomaticas, mas sim criticas, e em tal caso pela mesma razão que Morton usava do opio, o A. devia fugir d'elle, porque evacuações criticas não se devem suspender a não serem excessivas. Do que se conclue que o uso da quina com o opio não devia ser tão geral, como o A. o inculca na primeira parte da Secç. 4.^a da sua Mem., mas só teria lugar em algum d'esses casos, raros em Lisboa, em que a febre coexistio com a dysenteria, e mesmo então só quando o estado stenico do canal alimentar estivesse sufficientemente diminuido com as evacuações de ventre.

§. CXIII. A citada prática de Donald Monro só poderia defender a do A. senão houvesse senão huma especie de dysenteria. Monro porém falla bem claro, e diz que a dysenteria era complicada com febre maligna. Na dysenteria maligna convém, he verdade, a quina com o opio, porque a natureza da febre, e da mesma dysenteria assim o exige: porém a febre e dysenteria, de que tratámos, foi de natureza *gástrica* ou *biliosa*, e o tratamento d'esta não deve ser confundido com o d'aquella. Zimmermann (pag. 357) pondera bem as funestas consequencias, que resultão de semelhantes confusões. Poderá dizer-se que nós já confessámos que a febre epidemica tambem passava, ou se complicava com a *atáxica* ou *maligna*; este caso seria o que á primeira vista pareceria semelhante á epidemia tratada por Monro: porém não o he, porque na epidemia de Lisboa a febre e a dysenteria não coexistião quasi nunca, porém substituíam-se mutuamente, e por tanto

quando se desenvolvia a febre atáxica a quina seria indicada, porém o opio não, visto que a crise d'esta febre se fazia ordinariamente por dejectões; porque apesar de atáxica não perdia o seu primitivo caracter de *meningo-gástrica*. Logo só em alguns poucos casos particulares poderia convir a quina com o opio, e, fallando-se da epidemia em geral, como o A. falla na primeira parte da Secç. 4.^a da sua Mem., o opio não só deixava de ser indicado, mas até podia ser nocivo.

§. CXIV. O que fica dito he bastante para se conhecer a applicação, que se podia fazer da opinião de Trotter, para a epidemia de Lisboa.

§. CXV. Parece-nos por tanto ter dado á pergunta, que o A. nos faz no fim d'esta Observação, a resposta sufficiente, a qual em summa vem a ser: a irritação das membranas do systema gástrico na dysenteria e febre gástricas não he da mesma natureza, que na dysenteria maligna, com quem o A. a compára: o opio nas doses, em que o A. o applicava, podia diminuir as dejectões, não era por tanto apropriado na febre senão quando em algum caso estas fossem excessivas; os purgantes antes do opio não foram dados pelo A. tanto quanto convinha, como se deduz da sua mesma Mem. (§. 106).

Resposta 22.^a

§. CXVI. Na Observação 22.^a quer o A. defender a utilidade da applicação, que fez, do purgante composto de 4 gr. de calomelanos, de 12 (*) de jalappa, e 12 de tartaro solúvel. Tinhamos nós dito na Analyse, que suspeitavamos que em alguns casos a jalappa e os calomelanos fossem a causa da maior irritação ou mesmo inflammação, que ás vezes sobrevinha do 5.^o até ao 9.^o dia da febre epidemica; e abonámos a nossa suspeita com a opinião e prática de Burserio, Pinel, e outros, que preferem os brandos purgantes nos casos, em que ha maior irritabilidade de canal alimentar. Já se vê por tanto que não asseverámos que necessariamente aquelles effeitos se havião de seguir ao uso dos calomelanos e jalappa, porém suspeitámos, e pareceo-nos pouco prudente semelhante prática.

(*) O A. na sua Mem. disse que no purgante Num. 14 entrava 8 grãos de jalappa, e sobre esta mesma dose fizemos a reflexão, que se acha na Analyse: agora diz que o purgante era composto de 12 grãos de jalappa, etc.: quanto mais augmentar a dose maior razão haverá para abonar a nossa opinião.

§. CXVII. Impugna o A. dizendo que nunca observára seguir-se ao uso d'aquelles purgantes *indicio algum de irritação*, e que pelo contrário muitas vezes se dissiparão os *symptomas de tensão*, e *sensibilidade de ventre*, pela sua applicação. Eis-aqui hum evidente contradicção do A.; porque na sua Memoria pag. 67 diz o seguinte: "*Nos primeiros dias da febre são sempre uteis o vomitorio Num. 1. e depois d'este ou hum dose do purgativo Num. 5. (ruibarbo, calomelanos, e alkali vegetal vitriolado), ou o purgante Num. 14. (he o da questão). E logo que o ventre se havia movido 3 ou 4 vezes, costumava eu empregar com vantagem os remedios Num. 2. (pós antimoníaes e calomelanos), e 3. (cosimento de chicórea com espirito de Minderer),... Algumas vezes, por estes unicos meios, terminava a febre sem se desenvolver o foco inflammatorio; outras porém vinha este a manifestar-se do 5.º até ao 9.º dia.* „ Logo, se, dado o purgante Num. 14. nos primeiros dias (que necessariamente havia de ser no 2.º 3.º ou 4.º se não fosse mais tarde, porque o Médico de ordinario não he chamado no 1.º e mesmo no 2.º dia da febre), ao 5.º se manifestava ás vezes o foco inflammatorio, como diz agora o A. "*nunca notei seguir-se ao uso do purgante..... indicio algum de irritação?* „ He necessario estar mui esquecido do que escreveu, e mui vacillante no que observou, para agora negar o que affirmou na Mem.

§. CXVIII. Continúa o A., querendo provar com a authoridade de Lind e outros, que o uso dos calomelanos com ruibarbo, jalappa, e opio, he vantajoso mesmo nas dysenterias e enterites. O A. não cita a obra e pagina, onde Lind approva semelhante tratamento: pareceo-nos que no seu = Ensaio sobre as molestias dos Europeos nos Paizes quentes = seria, onde naturalmente elle trataria d'esta matéria: consultámos esta Obra; porém com bastante admiração nada achámos a favor do A., pois, quando Lind refere o tratamento da dysenteria, nem hum só vez falla em calomelanos ou jalappa; os purgantes, que aconselha, são o sulphato de magnesia, o manná, o senne, etc.; e unicamente em hum nota do Traductor Francez se falla em calomelanos, mas só para os casos, em que a dysenteria for complicada com vermes. Por tanto Lind longe de confirmar a opinião do A. comprova mais a nossa. Lendo algumas outras secções d'esta Obra para ver se encontravamos alguma passagem em abôno da doutrina do A., pelo contrario achámos as seguintes:

§. CXIX. Diz Lind, tratando da febre, que segundo a descripção he *biliosa*: "*il est bon d'évacuer l'estomac et les intestins par un vomitif, un purgatif composé de manne et de tincture de senne...* „ (Tom. 2. pag. 3 Traducção Franceza de 1785). — O mesmo Lind convém com a opinião de Bruce, Médico nascido na Barbada, e que ahi praticou muito tempo, o qual, descrevendo a febre amarella, diz: "*ventribulus enim inflammatus vel*

summe irritabilis soepe lenissima aegrè fert medicamina . . . praeterea morbi fomes in intestinis, sive in hepate ad ductus biliaris inhaerescens, multo magis feliciter cathartici lenioribus educitur. Ager, si adstringatur alvus, quod in principio saepe fit, eccoproptica statim adeat, qualia sunt decoctum tamarindorum et crystallata tartari. (Obra e Tom. cit. pag. 22). — Ha só hum lugar, onde Lind falla do uso dos calomelanos na dita febre, mas he tambem no caso de haver complicação com vermes, e mesmo então lembra este remedio, quando a molestia tem já passado do seu primeiro periodo de irritação, pois falla n'elle, quando trata tambem do uso do moscho. — Por tanto Lind, não só na dysenteria, mas tambem na febre, o que he mais a proposito para a nossa questão, escolhia os purgantes brandos, e excluia os calomelanos, jalapa, etc. Logo em quanto o A. não mostrar os lugares, onde Lind segue o seu partido ficaremos persuadidos de que citou de falso.

§. CXX. A doutrina, que temos seguido, he tambem confirmada com a opinião de Weikard (Elementos de Medicina Práctica), o qual na enterite aconselha os mucilaginosos e oleosos para uso interno. — Buchan, na mesma molestia, prescrevia hum purgante de sulphato de magnesia, e só quando os vomitos impossibilitavão o uso d'este remedio, e que era necessario usar de pilulas, he que lembra a jalappa. — Monro, na dysenteria, servia-se do mesmo sulphato de magnesia unido ao manná e oleo. — Huck, e Thion de la Chaume seguião huma practica semelhante.

§. CXXI. A' vista d'estas authoridades, persuadidos da falsa citação de Lind, e lembrados da pouca distincção, que o A. faz das circumstancias das molestias, quando chama em sua defeza a authoridade dos Práticos (como fizemos ver nos §§. 32, 35, 111, e 112), julgámos desnecessario consultar os de mais Autores, que cita; e muito mais reconhecendo as preparações mercuriaes e a jalapa por estimulantes, e não se conformando com a razão o applicar-se estimulantes immediatamente sobre partes irritadas. Não duvidámos porém que alguns Autores nos seus tratados da enterite fallem em taes purgantes, mas semelhante practica só deverá ter lugar, quando o estado inflammatorio tiver cedido ás evacuações convenientes: e então ainda que chamem á molestia enterite, todo o Médico conhece que ou tal não deve ser chamada, ou, quando o seja, he bem diversa do primeiro estado, e portanto nenhuma analogia tem com o periodo da febre, em que o A. (pag. 67 da Mem.) applicava os ditos purgantes.

§. CXXII. Se o que o A. acaba de allegar não apoia a sua opinião sobre a escolha de purgantes, menos ou nada a defende a practica de Hamilton, que depois cita. Chega a ser fóra de todo o proposito semelhante citação! Que identidade, ou ao menos analogia, tem o typho brando e grave, tratados por Hamilton,

com a febre epidemica de Lisboa, principalmente *nos primeiros dias*, quando o A. dava os calomelanos, etc. ? Seria necessario persuadir-nos de que Hamilton não soube capitular e nomenciar a febre, para accreditarmos que era a mesma, que o A. tratou e descreveo. No typho pôde haver tensão e sensibilidade no ventre, porém todo o Médico reconhece que n'esta molestia figura essencialmente hum estado de debilidade, de que não são isentos os intestinos, e por isso, se he necessario promover evacuações alvinas, podem ser escolhidos os purgantes drásticos: porém na febre epidemica de Lisboa, que mui particularmente *nos primeiros dias*, era huma febre *meningo-gástrica*, e não apresentava ainda symptomas de typho, como se collige pela mesma descrição dada pelo A. (Art. 2.^o Secq. 2.^a da Mem.), a tensão e sensibilidade do ventre não coexistia com hum estado de debilidade dos intestinos, porém pelo contrario estes estavam sujeitos a passar ao estado de acção augmentada, ou de inflamação, como o A. mesmo o assevera (pag. 50 e 60 da Mem.); e n'estas circumstancias deve mover-se o ventre com os eccoproticos. — O mesmo podêmos dizer da observação de Mr. Price sobre a peste do Egypto.

§. CXXIII. Por tanto não nos admirariamos se o A. usasse dos calomelanos e jalappa depois dos primeiros 7 dias da febre, e quando esta se complicasse com a *atáxica*. Então mesmo nós sempre conseguimos a liberdade do ventre com o sulphato de soda ou de potassa, porém tal seria o torpor, em que cahissem os intestinos, ainda mesmo havendo inflamação em alguma outra parte do-ventre v.g. fígado, que fosse indispensavel lançar mão de purgantes drásticos: porém logo *nos primeiros dias* da febre julgámos temeraria semelhante prática, ainda que alguma vez, por circumstancias particulares ao individuo ou o gráo da molestia, deixassem de sobrevir máos resultados. Esta he a força da nossa reflexão (Vol. 2. pag. 147 do J. de C.), que o A. pretendeo impugnar.

§. CXXIV. Remata o A. esta Observação 22.^a perguntandonos que mais próvas podêmos desejar para nos convencermos *não só da innocencia, mas tambem da utilidade dos calomelanos, etc. na febre epidemica*. Respondemos-lhe que todas, porque até agora nada tem provado, pois só produziu em seu abôno 1.^o huma contradicção (§. 117.), 2.^o huma citação, que por ora julgámos falsa (§. 118.), e que nos deo occasião para com o mesmo Lind destruímos a sua opinião (§. 119.), e 3.^o factos, que não têm analogia com os da nossa questão (§. 122, e 123).

Resposta 23.^a

§. CXXV. Diz o A. na Observação 23.^a que sustenta ainda, que as evacuações sanguíneas forão sempre de manifesta e prompta utilidade na 1.^a e 2.^a e em alguns casos da 3.^a variedade da febre epidemica; porém não produz huma só prova directa e convincente para sustentar isso, que diz.

§. CXXVI. Argumenta dizendo que nós não empregámos as ditas evacuações, e que por tanto não podêmos decidir da sua utilidade. Já respondemos a este argumento nos §. 63 e seg. Porém supponhamos que nem de tal nos tínhamos lembrado, e seguia-se d'ahi que ellas erão convenientes?

§. CXXVII. Continúa o A. a argumentar dizendo que nada vale a autoridade de J. P. Frank, que citámos pag. 148 Vol. 2. do J. de C. He a primeira vez que ouvimos tratar tão mal este Práctico geralmente respeitado! Concordámos em que J. P. Frank lêo o systema de Brown. Porém examinando-se as Obras de Frank, e quem não conhece que elle segue huma opinião bem diversa de seu filho J. Frank, que foi hum crédulo apologista e sectário da doutrina Browniana? Lêa-se o Prefacio que o Pai fez á Obra do Filho (*Ratio medendi*), e ver-se-ha que a longa experiencia do velho Práctico, insensível aos lisonjeiros impulsos da novidade, não accredita e antes combate muitas proposições do novo systema; e só louva e admite aquellas, que se conformão com a sua observação. — Além d'isto e quem não conhece que o *Epitome de curandis hominum morbis* he huma obra despidida, quanto he possível, de systemas theoricos, e formada de huma continua e methodica serie de observações e perceitos práticos? O Tomo I. principalmente parece ser feito antes de Frank ter lido Brown; pois na Introdução nada falla n'este systema, tendo enumerado os anteriores. — Para provar de huma vez a imputação que o A. lhe faz dizendo que Frank "*não admittia incitamento excessivo em huma parte qualquer do systema animal, quando no resto se apresentavão symptomas de debilidade*," basta ler o seu tratado da febre nervosa (T. I. cit.), onde elle se explica do modo seguinte: "*cum inflammatoriæ quidem febris symptomatibus nervosarum causae variis combinantur; sed cum inflammatione locali conjungi, minime raram est.*" (§. 90 Obra cit.). E quando falla da cura d'esta complicação diz: "*Morbus interim venæsectione, atque methodo huic ipsi correspondente ad simplicem nervosam reductus, eodem, ac hæc ipsa, modo, sumpto interim ad prægressam complicationem respectu, pertractatur; nec cortici (Peruvianæ) hinc tam mature, quam illinc, locus sine damno conceditur.*" (§. 95 pag. 135). e Poderá por ventura ser provada mais evidentemente a injustiça do A. quando diz que J. P. Frank não admit-

tia incitamento excessivo em huma parte qualquer do systema animal, quando no resto se apresentavão symptomas de debilidade?

§. CXXVIII. Ultimamente quer o A. provar a utilidade das sangrias na febre epidemica com o beneficio, que ellas prestarão á dysenteria na mesma epidemia. Eis-nos mettidos em hum circulo vicioso: na Observ. 2.^a disse o A. que as sangrias convinhão na dysenteria, porque tinham sido uteis na febre; e agora diz que convinhão na febre, porque tinham sido uteis na dysenteria. Além do sophisma do argumento, não o admittimos tambem, porque nenhuma das proposições he sufficientemente provada com razões convincentes, como mostrámos na resposta 2.^a e agora n'esta.

Resposta 24.^a

§. CXXIX. Affirma o A. na Observação 24 ser vaga, e atacar de certo modo os conhecimentos dos Medicos d'esta Capital, a nossa asserção = que a febre epidemica *não tinha hum caracter pernicioso, e que, á excepção de alguns casos raros, todos os mais erão curaveis*. = Não he vaga a nossa asserção, 1.^o porque he o resultado do que tínhamos observado no Hospital, em que servimos, e fóra d'elle: e 2.^o porque estas são as informações, que nos derão muitos Medicos, e até o que tínhamos visto escripto pelos do Hospital Civil de S. José. Agora porém para mais authenticamente o provarmos reportámo-nos aos Docum. Num. 1. e 2., e ao §. 18, onde se vê o proporcionalmente pequeno número de mortos da febre, e a opinião de muitos Facultativos, que tratarão da epidemia. A' vista d'isto não fizemos ataque algum aos Medicos da Capital, e o A. perde o tempo, quando pensa que nos compromette com elles.

§. CXXX. He verdade que houve n'essa época em Lisboa muitas mortes, porém a população, e o número dos doentes tambem era então muito grande, e nem todas as mortes forão causadas pela febre. No Hospital de S. José se verificou esta verdade, como mostrámos no §. 18 ficando por elle destruido o argumento, que o A. d'ahi quer tirar.

§. CXXXI. Igualmente nada próva a favor do A. o seu ultimo argumento deduzido dos muitos Medicos, *que adoeçerão e forão victimas da febre epidemica*; porque he falso na segunda parte. Adoeçerão, he verdade, quasi todos os Medicos, que estavam em Lisboa, porém entre tantos não nos recordámos de que morressem senão 2 ou 3; e ainda que se haja de apontar mais algum, veja-se quão pequeno foi o número dos mortos em comparação dos muitos, que se contagiárão. Finalmente a febre, quando se contrahia por contágio, foi ordinariamente mais grave, e

quasi sempre desde o seu principio se desenvolvia como o typho; circumstancia, que a tornava mais pernicioso nos habitantes de Lisboa, Facultativos, Enfermeiros, etc., o que bem demos a conhecer na nossa Analyse (pag. 144 nota).

Resposta 25.^a

§. CXXXII. A Observação 25.^a versa sobre trez pontos. No 1.^o diz o A. ser falso que elle, fallando (*Advertencia da Mem.*) dos estragos da febre, alludisse só aos Hospitales Militares; e que a sua proposição dizia respeito a todo o Reino. Concedemos a primeira, mas negámos a segunda; porque o A. em toda a Mem. limita as suas idéas á Epidemia, que grassou em Lisboa; e o titulo bem claro falla.

§. CXXXIII. No 2.^o duvida da exactidão do cálculo, que demos, dos doentes entrados, sahidos, e mortos no Hospital Militar de S. Vicente: acha muito pequeno o número dos mortos, pois não chegou á decima parte: e muito mais duvida, quando faz a comparação com a entrada, sahida, e mortes, que no mesmo tempo houve no Hospital Civil de S. José. Esta razão com effeito he fortissima! (1) Faz-nos lembrar a passagem de Horacio

Persius exponit causam, ridetur ab omni

Conventu....

Lib. I. Sat. 7.^a

Arrastado por tanto o A. pela sua opinião anticipada contra os Hospitales Militares, e julgando que todas as circumstancias n'estes erão menos favoraveis aos doentes, do que no Hospital de S. José, teve por melhor expediente duvidar da exactidão do nosso cálculo.

(1) Os motivos verdadeiros, d'onde nasceo o maior número de mortos no Hospital de S. José, achão-se na qualidade de doentes, que entrão para esta casa. Velhos, crianças, pobres mal vestidos, e mal nutridos, cujas molestias ordinariamente já estão adiantadas em consequencia da repugnancia e terror pânico, que os tolhe de recorrer aos Hospitales, são os doentes, que de ordinario ali chegão. Pelo contrário os doentes militares são de hum idade mais florente, e não podem subtrahir-se tanto a recolher-se aos Hospitales. Eis-aqui o que o A. devia saber e ponderar, quando compara a mortandade de hum Hospital Militar com a de hum Civil. Porém escapou á sua agudeza.

§. CXXXIV. Seja por tanto o A. mesmo quem faça o elogio ao Hospital Militar de S. Vicente: veja-se o Docum. 1., por onde mostrámos que o número dos mortos foi tal, qual o tínhamos publicado; e á vista de tão pequena mortandade, quem d'ella se admirou, tacitamente fez o elogio á boa ordem, commodidades, tratamento, etc. que os doentes encontráráo n'aquelle Hospital. Pois saiba mais o A. que nos outros Hospitaes Militares, segundo as informações, que temos, succedeo o mesmo. Logo o A., querendo detrahir o Hospital Militar de S. Vicente, elogiou-o; o que he mui ordinario acontecer a quem falla com superficialidade, e sobre cousas de que não tem idéas. — Devemos advertir que no Docum. Num. 1. ha trez praças entradas e sahidas, que não démos no nosso cálculo. Não foi erro: o Documento dá a abertura do Hospital em 25 de Agosto de 1810, e nós calculámos desde 27, porque então he que fomos encarregados da sua direcção.

§. CXXXV. No 3.^o ponto despreza o A., como arbitraria, a supposição — que a 5.^a parte dos mortos fôra da febre, e 4 partes de diarrhéas, dysenterias, e diversas outras molestias. Já respondemos a isto no §. 23: e de mais consulte o Docum. Num. 1. e verá que a nossa supposição não está muito longe da verdade.

§. CXXXVI. O A. termina as suas Observações com huma conclusão, em que além de outras cousas diz: *“que me não parece cousa tão difficil, como ao meu C., o fazer marchar regularmente em todos os ramos hum Hospital grande.”* Em prova d'isto cita o Hospital Civil d'Edimburgo, e o de S. Thomaz em Londres. Esta Observação do A. he relativa ao que dissemos na pag. 72 Vol. 2. do J. de C. ? Que valor quer o A. que se dê a esta comparação? Fallavamos de Hospitaes abertos de novo; com Empregados, que quasi todos ignoravão as obrigações do novo lugar, em que entravão a servir; e recebendo os ditos Hospitaes de repente hum grande numero de praças. E o A. quer comparallos com 2 Hospitaes, que trabalhão ha muitos annos, providos de Empregados já instruidos, etc. ! Ora deixemos desparates.

Conclusão.

§. CXXXVII. Taes são as Observações com que o A. houve por bem responder ás reflexões, que fizemos á sua Memoria. Parece-nos haver respondido a todos os argumentos que elle allegou em sua defeza e contra nós; e ter desempenhado os deveres da probidade de Escriptor, mostrando o justo fundamento, boa fé,

e moderação, com que analysámos a Memoria sobre a Febre Epid. Cont. O Público será o Juiz, e, depois da leitura das nossas respostas, julgámos que concluirá, como nós, que as Observações do A. são em geral arbitrárias, e faltas de sufficientes provas; que as citações de Autores são vagas, e tem mui pouca força, por não se declararem as circumstancias dos factos; que as increpações do A. são injustas, pois nos argüe de cousas, que não dissemos, e não allega sufficientes razões para se defender do que justamente lhe censurámos; que para fazer assento a alguma critica sobre as nossas reflexões, e dar mais força aos seus argumentos até lançou mão do baixo-subterfugio de alterar as palavras da nossa Analyse, quando as transcreve; e finalmente que em algumas das Observações ha calúmnias contra diversas pessoas a respeito de factos, de que o A. não tinha tomado prévio e maduro conhecimento, e cuja falsidade mostrámos com Documentos.

Du mensonge toujours le vrai demeure maître.

Boileau Sat. XI.

§. CXXXVIII. Concluirá tambem que a Memoria sobre a Febre Epid. Cont. tem muitos defeitos principalmente na Secç. 1.^a e 4.^a, nas quaes o A. avança muitas proposições para que não tinha fundamentos, 1.^o por ter da epidemia pouco mais idéas do que as subministradas pela observação só dos doentes, que tratou nas casas particulares, o que não era bastante para escrever sobre a epidemia em geral; 2.^o por não ter frequentado ou examinado os Hospitaes; 3.^o e finalmente por ter estabelecido a sua opinião sobre o character e tratamento da epidemia, só no fim d'esta, quando lhe restavão poucos casos para observar, e poder verificar a verdade da sua persuasão. Por tanto o A., tomando hum objecto, cuja extensão passava avante da sua práctica e informações, emprehendeo huma tarefa superior ás suas forças, e transgredio o preceito de Horacio

*Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam
Viribus, et versate diu, quid ferre recusent
Quid valeant humeri.*

N. B. Os Documentos citados forão impressos no Nam. XIII.
pag. 59, e seg.

ART. IV.—

*Introdução ás Contas mensaes dos Medicos, e Cirurgiões
Civís e Militares.*

Além das Relações nominaes dos Facultativos, remettidas á Intendencia Geral da Policia da Corte e Reino, e impressas no Vol. II. do J. de C. pag. 452, tinham chegado, até ao dia 12 de Fevereiro, á dita Intendencia mais as seguintes Relações das Comarcas de Moncorvo, Vizeu, e Coimbra, cujas datas vão declaradas.

Provedoria de Moncorvo — 8 de Janeiro.

Medicos.

Manoel Albano de Moraes: de Moncorvo. — Filipe José de Aguiar: de Freixo d'Espada á Cinta. — João Nepomeceno de Moraes: d'Alfandega da Fé. — Antonio Corrêa de Magalhães: de Villa Flor. — Balthazar Joaquim Lopes: de Murça. — Manoel Ignacio Salazar: de Mirandella.

Cirurgiões.

Antonio Manoel Garcia: de Moncorvo. — José Antonio Lopes: de Mirandella.

Provedoria de Vizeu — 18 de Janeiro.

Medicos.

João Coelho de Campos. — João Victorino de Sousa e Albuquerque. — Antonio Cardoso de Mesquita. — todos da Cidade de Vizeu. — Joaquim Baptista: de Vouzella. — Antonio Corrêa de Lacerda: de S. Pedro do Sul. — Antonio de Mello: de Tondella. — Joaquim Thomaz Valladares: de Trancoso.

Cirurgiões.

Ignacio José dos Santos. — João Rodrigues d'Oliveira: ambos de Vizeu. — Manoel Joaquim Marques de Carvalho: de Vouzella. — Manoel d'Almeida e Cunha: de Tondella. — Antonio da Costa. — Jacintho Antonio Ferreira: ambos de Trancoso. — José

Pedro Gomes: de S. Miguel do Outeiro. — Luiz José de Figueiredo: de Fataunços. — Manoel Lopes Corrêa: do Tojal.

Provedoria de Coimbra — 30 de Janeiro.

Medicos.

Antonio Joaquim Nogueira: de Almalaguez. — José Joaquim de Castro: de Condeixa e Sarnache. — João de Figueiredo: de Condeixa. — Joaquim José Collasso, e Antonio Ribeiro do Amaral: ambos d' Ancã. — Francisco José Mendes Lima: d' Anciã. — Felício Ribeiro da Silva: d' Arganil. — Antonio Xavier da Silva Pereira: do Botão. — Francisco Antonio Jordão: de Buarcos. — João da Silva Soares de Menezes: da Figueira. — Pedro de Jesus: de Gões. — Manoel Francisco de Passos: de Miranda do Corvo. — João Peres d' Almeida: de Penella. — Guilherme Newton, e Francisco Ferreira: ambos de Pereira. — José Joaquim Rodrigues da Silva: de Quiaios. — Francisco Manoel de Mello Alvim: de Tentugal. — Luiz Antonio Travassos: da Vaccariça. — Francisco José Pessoa: de Pena Cova. — Francisco Xavier Bezerra de Lima: d' Eiras. — Manoel José Fernandes: de Maiorca.

Cirurgiões.

Manoel José Flora de Lemos: de Coimbra. — Francisco Pereira Baptista: d' Ancã. — Miguel Joaquim d' Almeida: d' Arganil. — Francisco José da Silva: de Botão. — Manoel Antonio Mascarenhas: da Figueira. — Manoel Cabral de Jesus: da Lousã. — José da Costa Delgado, e Simão Soares: ambos de Pereira. — Manoel Marques da Cunha: de Quiaios. — José Rodrigues: do Couto de Semide. — Ambrosio José d' Almeida: d' Eiras. — Antonio Pinto de Sousa: de Maiorca.

São dos Médicos e Cirurgiões, cujos nomes se seguem, as Contas, que (depois das mencionadas no J. de C. Vol. III. pag. 73, 74) tinham chegado á Intendencia Geral da Policia até 12 de Fevereiro.

Provedoria de Setubal.

Medicos.

Rafael Mendes do Valle: de Cezimbra.

Cirurgiões.

José Tiburcio d' Almeida: dito. — Francisco de Paula Athas: de Palmella.

*Provedoria d' Évora.**Medicos.*

Bartholomeu Lucio Gonçalves: do Vimieiro. — Manoel Bernardo de Sales: de Bórba.

Cirurgiões.

João Barreiros da Silva: de Souzel. — José Francisco de Mendonça: do Lavre. — Luiz José Ferreira Souto e Sourê: d' Estremôz. — Joaquim Antonio Saramágo: do Livramento. — Valerio Vidigal: de Monte mór o novo. — Filippe Neri Bello: de Villa Viçosa. — Francisco Pires d'Ataide: de Bórba.

*Provedoria de Leiria.**Medicos.*

Antonio Justiniano Cardoso: de Leiria. — Aniceto Manoel Lopes Salgueiro: de Pôrto de Elôz.

Cirurgiões.

Jacinto José d' Almeida: de Leiria. — Manoel d' Oliveira Simões: dito. — José Pereira da Silva: de Pôrto de Móz. — Fernando Antonio Cardoso: de Peniche.

*Provedoria de Coimbra.**Medicos.*

Antonio Joaquim Nogueira: d' Almalaguez, e Castello Viegas. — João de Figueiredo: de Condeixa. — Felicio Ribeiro da Silva: d' Arganil. — Antonio Xavier da Silva Pereira: de Botão. — Francisco Antonio Jordão: de Buarcos. — João da Silva Soares de Menezes: da Figueira. — Manoel Francisco de Passos: de Miranda do Côrvo. — João Peres d' Almeida Freire: de Penella. — Luiz Antonio Travassos: da Vaccariça. — Francisco José Mendes Lima: d' Ancião. — Francisco Xavier Bezerra de Lima: d' Eiras. — Francisco José Pessoa: de Penacóva. — Manoel José Fernandes: de Maiorca.

Cirurgiões.

Manoel José Flora de Lemos: de Coimbra. — José Rodrigues: do Couto de Semide. — Antonio José d' Almeida: d' Eiras.

Provedoria de Vizeu — 18 de Janeiro.

N. B. O Provedor da Comarca de Vizeu na Conta, que em da-

ta de 18 de Janeiro último dirigida á Intendencia Geral da Policia, declara; que muitos dos Juizes lhe tem participado não haverem Medicos nem Cirurgiões de Partido em seus Julgados; que alguns não tem dado resposta aos seus Officios sobre este particular; e que de Medico nenhum tem recebido as observações sobre as molestias, que tem tratado, e dos Cirurgiões somente de

Manoel Lopes Corrêa, do Lugar do Tojal.

Provedoria de Guimarães.

Medicos.

Antonio José de Sousa Basto: de Guimarães. — Francisco Manoel de Barros Silva: do Concelho de Filgueiras.

Cirurgiões.

Antonio José Ribeiro Gaspar: de Guimarães. — Miguel Antonio Soares: de Monte Longo.

Pelo Aviso Regio expedido pela Secretaria dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e Marinha em data do 1.º de Dezembro do anno passado, impresso no *Jornal de Coimbra* Num. XI. pag. 376, ordena-se que se remetta á dita Secretaria huma Lista de todos os Medicos e Cirurgiões ao presente empregados nos Hospitaes Militares; e que d'estes se remettão todos os mezes relações das molestias reinantes; bem como está ordenado na Portaria de 24 de Outubro passado a respeito dos Hospitaes Civis, Cadêas, etc.

Até ao dia 26 de Fevereiro tinham chegado á dita Secretaria as Contas dos Hospitaes Militares das Povoações abaixo declaradas, assignadas pelos Facultativos que se nomeão.

Chaves. — Fr. Antonio de S. Fructuoso: 1.º Medico. — Paulo de Moraes Leite Velho: 2.º Medico.

Valença do Minho. — José Soares de Freitas: 1.º M.

Vianna do Minho. — José Gomes Braque Lamy: 1.º M.

Almeida. — Caetano Antonio de Sousa Pinto: 1.º M. — José Ferreira Xavier: 2.º M. — Paulo Patricio do Couto: 1.º Cirurgião.

Lamego. — Francisco Saraiva Couraça: 1.º M. — José Bernardino de Sequeira Pimenta: 2.º M. — Jeronimo de Macedo Tavares: 1.º C.

Elvas. — José Antonio Banazol: 1.º M.

Evora Cidade. — Manoel Profirio de Sousa: 1.º M. — Antonio Pereira da Silva: C.

Monte Mór o novo. — Antonio José dos Santos: M.

Niza. — Filippe Joaquim Henriques de Paiva: M.

Salvaterra de Magos. — João Antonio de Leão: 1.º M.

Peniche. — Felix José Franco: 1.º M. — Fernando Antonio Cardoso: 2.º C.

Mafra. — George Morse: Director. — Joaquim José Veloso: M.

S. Clara de Lisboa. — Ignacio Xavier da Silva: 1.º M.

Beato Antonio de Lisboa. — José Maria Soares: 2.º

Aquelles são os Facultativos tanto Civis, como Militares, de cujas contas he feita a recopilação, que se publica em o Num. do *Jornal de Coimbra* pertencente ao mez de Fevereiro.

O Medico d'Ancião Francisco José Mendes Lima remetteo huma Memoria, na qual faz a descripção das epidemias proxime passadas, dirivando d'ahi parte das causas das molestias actuaes.

Luiz Antonio Travassos, Medico da Camara da Villa da Vacca-riça, e annexas, justamente expõe, para servir de base ás suas futuras contas mensaes, a topographia d'aquelle Territorio, em que ha 12 annos pratica a Medicina; a cultura do Paiz, a constituição geral das estações, a salubridade ou insalubridade de cada huma d'ellas; o alimento, vestido, e exercicio dos habitantes; seu character physico, suas enfermidades, hereditarias, endemicas, etc. (1).

(1) Os objectos d'estes dous Papeis, e d'aquelle de Luiz Gonsaga da Silva (pag. 138) são de tal interesse que a Academia Real das Sciencias de Lisboa "propõe Premios fixos para todos os

Semelhantes descripções, sendo exactas, são do maior interesse em geral e muito em particular para o progresso da Medicina Práctica: e sendo feitas por diversos Facultativos, e em diferentes terras, accresce a vantagem de se podêr combinar os votos d'aquelles, e a influencia d'estas em huma mesma epidemia: do que tudo se poderá deduzir hum juizo mais acertado sobre aquella epidemia, e uteis noções para o tratamento d'outras. Por estes motivos serão impressos á parte extractos das referidas Memorias, nos quaes se exponhão as observações sobre as epidemias e circumstancias anteriores, reservando-se para a recopilação tudo o que diz respeito á época presente.

Serão tambem publicadas as taboas nosológicas, que forão remettidas d'alguns Hospitaes Militares, e que em hum ponto de vista mostrão o número de doentes, genero de molestias, e sua terminação. Se as Contas de todos os Hospitaes tanto Civis como Militares fossem feitas na fôrma de algumas das seguintes Taboas, ou Mappas, facilmente se poderião reduzir a huma só, onde resumidamente se veria pouco mais ou menos o estado de saude do Povo, e exactamente o do Exercito; o que, além de util, seria mui curioso.

annos. I. A descripção physica de alguma Comarca, ou Territorio consideravel do Reino, ou Dominios Ultramarinos, que comprehenda a História dos trez Reinos da Natureza do Paiz descripto. II. A descripção economica de alguma Comarca, ou Territorio consideravel do Reino, ou Dominios Ultramarinos feita conforme o Plano adoptado pela Academia para a visita, que mandou fazer da Comarca de Setubal, e que se publicou no 3. Tomo das suas Memorias Economicas. „ (Redactores.)

ART. V.—

*Extracto da Memoria de Francisco José Mendes Lima,
Medico do Partido da Villa de Ancião.*

15 de Janeiro de 1813.

Parecendo-me que muitas das molestias que ainda grassão, como varias intermittentes, tem sido motivadas, ou ao menos entretidas, por debilidade, e outras mais causas nascidas das molestias contagiosas, que começaram, quando os Francezes evacuáram esta Provincia, por isso principio a dar huma breve relação d'estas mesmas molestias, das suas causas, tratamento, e de tudo o mais que me parece adequado a este objecto, niencionando depois as doenças, que se tem seguido até ao tempo presente. Não pretendo explicar os phenomenos das ditas molestias segundo os muitos systemas de Boherave, Cullen, Darwin, Brown, etc. não só por evitar extensão, mas também porque penso que o espirito da Portaria, justa e bem fundada, a este respeito não he outro, senão que desternadamente se contem os factos das molestias, suas causas, tratamento, e o bom ou mau exito d'este; e que se descreva algum caso particular, que mereça attenção.

Invadindo os Francezes esta Provincia (nos principios de Outubro de 1810), foi este Paiz por elles occupado por muitos mezes, roubando, assassinando, e maltratando os Povos; d'estes huns se retiráram para os desertos, expondo-se aos rigores da estação humida e fria; e a maior parte para o Norte do Mondego, onde vivião em diversos lugares, como em montões. Passado algum tempo appareceo n'esses mesmos lugares, depois em toda a Provincia, e por consequencia n'este Paiz, huma terrivel epidemia, que fez succumbir immensa gente, não só pela gravidade da molestia, mas também por falta de soccorros.

Esta epidemia era de febres, e pela maior parte typhos mais ou menos graves. Os mais graves apparecião geralmente fallando com os seguintes symptomas: grande prostração de forças; forte dor de cabeça, principalmente nas orbitas; horripilações; dores vagas; olhos avermelhados; lingua humida e com alguma sabura branca; fastio grande; respiração desigual; pulso molle, hum pouco cheio (affectando pléthora), e pouco frequente: assim continuáram por trez dias p. m. ou m. Depois a dor de cabeça augmentava; havia maior prostração de forças; o pulso mais molle e pequeno; calor de pelle hum pouco activo; as funcções animaes em desarranjo grande. N'este estado continuáram até ao 5.^o ou 7.^o

dia, e então as funcções animaes passavão a hum tal estado de desarranjo, que os doentes se reduzião a hum estado de estupidez; pulso abatidissimo, irregular; movimentos convulsivos; o ventre meteorizado; ourinas, e dejecções involuntarias; e todos os mais symptomas demonstrativos de hum grande abatimento em todo o systema organico.

Outras febres, com dôr de cabeça ao principio pequena; sêde; lingua sêcca, pouca saburra; muito fastio; o ventre elevado; pulso pequeno, muito frequente, regular; muito grande calor de pelle; horripilações; todos estes symptomas augmentavão, accrescendo delirio, e outras desordens nas funcções animaes, até que por fim apparecião pelas nádegas, virilhas, e outras partes, vários pontos negros, que se augmentavão, formando-se rapidamente gangrenas e esphácelos, de que resultavão úlceras extensas, profundas, e de máo character; em outros apparecião sómente petéquias, e a febre não se elevava a tão alto ponto.

Apresentavão-se outras febres com os caracteres de lentas nervosas: o systema nervoso apparecia abatidissimo, e mais atacado do que o systema sanguineo. Estas duravão muitos dias; entraquecião-se as forças cada vez mais; sobrevinha hum delirio manso; a lingua estava trémula, e humida com huma crusta branca; queixo inferior convulso; a face hypocratica; os braços trémulos; subsultos dos tendões; o pulso muito abatido, e quasi sempre imperceptivel, irregular, e pouco frequente; respiração anhelosa; pelle pouco quente; ourinas e dejecções involuntarias; suores frios; finalmente huma prostração de forças summa, jazendo de costas, não dando attenção aos circunstantes, sómente rosnando, etc.

Havia tambem outras febres muito menos graves do que as sobreditas, com o character das remittentes ordinarias, e que cedião facilmente aos remedios e regimen sabido.

Observei poucas crises; apparecião parótidas de ordinario symptomaticas; e no fim d'estas febres formavão-se algumas vezes abscessos nas côxas e peito, dos quaes resultavão chagas fistulosas impertinentes.

Creio que podemos considerar que dos Exercitos, que occupavão esta Provincia, e dos montões de gente apinhada em casas, e lugares apertados, se desenvolveria hum miasma, o qual na presença da debilidade, que então era commum a todos pela falta de alimento, de agasalho, e pelo abatimento d'Espirito, tudo motivado pela invasão dos Francezes, fomentaria a epidemia. Este miasma parece que se communicava mais facilmente pela inspiração; porque o toque na superficie dos enfermos, nos vestidos, e roupa, não era bastante para se contagiarem os enfermeiros. Eu tratei immensidade de doentes contagiados, tocando-os, apalpando-lhes os braços, pulsos, baixo-ventre, e todas as mais partes, que era preciso tocar; sentava-me sobre as camas por espaço con-

sideravel de tempo; e não soffri com tudo isso o contágio; tendo sómente a cautella de não inspirar os effluvios emanados da expiração dos doentes: os Parochos, que tinham a mesma cautella, não vi que fossem contagiados. Haverá onze annos grassou entre estes Povos, porém não tão geralmente, huma epidemia de febres contagiosas, de abatimento, e algumas bastantemente graves; usava eu da mesma precaução, nada soffri do contágio: mas casualmente querendo examinar as fauces de hum doente attacado de hum typho grave, recebi fortes golpes de effluvios da sua expiração; não mediou o espaço de quatro ou cinco horas, que eu não fosse attacado de huma febre activa, que me durou dias, sem que eu tivesse alguma outra causa a que a attribuisse. — He de supôr que o dito miasma attacava a todos os predispostos, porque alguns individuos, apesar de não entrarem nas cameras dos febricitantes, nem ao menos chegarem á sua porta da rua, e de usarem de todas as precauções possiveis forão contagiados, e padecerão as mencionadas febres.

O tratamento, geralmente fallando, consistia no uso dos tónicos combinados com os diffusivos, applicados interna e externamente, sendo graduados á proporção do abatimento das forças: erão por tanto preenchidas as indicações com a quina, genciana, centaurea menor, etc., serpentaria, valeriana, raiz d'angelica, amarello de laranja, etc. com as tincturas espirituosas d'estas plantas, com os ácidos mineraes particularmente o sulphúrico, com a camphora, móscho, opio, etc. com os sinapismos, vesicatorios, fricções ao dórso, ventre, etc. ou séccas, ou com as ditas tincturas. Raras vezes usava de evacuantes decisivos superior ou inferiormente: o vicio gástrico desaparecia de ordinario com o uso dos tónicos; forão com tudo algumas vezes necessarios evacuantes, porém dados com a devida attenção á debilidade dos doentes, e ás que elles produzem.

Attendendo particularmente a alguns symptomas, no delirio e desarranjo de funcções animaes foi muito proveitoso o caustico na nuca, e pernas, e mesmo levado á suppuração não sendo esta excessiva. — A camphora e principalmente o móscho produzirão os mais decisivos beneficios nas convulsões, subsultos tendinosos, e em geral nas desordens das funcções animaes. Eu vi hum Sargento Miliciano, attacado de huma das sobre-ditas febres, o qual se pôz em hum estado de extase, não attendia a objecto algum, a vida de relação parecia aniquilada; e só com o uso do móscho, e tinctura de valeriana volatil dada por força ás colheres, sahio instantaneamente d'este estado. He porém de notar que taes medicamentos sempre aproveitarão mais sendo dados em doses moderadas, e á proporção das forças do doente: pelo contrario em grandes doses forão muitas vezes funestos. Sendo convocado para vér hum Ecclesiastico, bem constituido, que padecia

humas das mencionadas febres, e que tinha feito uso do móscho, e particularmente da camphora em largas e repetidas doses, achei-o em hum estado soporoso, e de estupidez; olhos avermelhados, grande rubor de faces, pulso elevado, respiração opprimida, suores frios, trémulo, e com signaes, que mostravão hum grande determinação de liquidos para o cérebro; este doente passadas poucas horas morreo, como apoplectico. Em alguns outros casos observei o quanto erão nocivas as doses muito consideraveis dos ditos remedios. — Poucas vezes usei do opio internamente; mas externamente combinado com as tincturas de camphora, succino, etc. era util para minorar os symptomas nervosos. O opio applicado, em doses moderadas, sôbre a testa e fontes nos delirios por debilidade aproveitava muito, conciliando o somno, e apacando as desordens das funcções animaes. — Nos meteorismos, que provinhão de debilidade do canal intestinal, por cuja causa havia desenvolvimento de gases, espasmos intestinaes, dores, e outros symptomas, erão mui convenientes os clysteres, epitemas, e cataplasmas das substancias tónicas e estimulantes. — Apparecião alguns enfartes de visceras abdominaes, acompanhados de dureza, e muita sensibilidade, ao que igualmente convinha a applicação dos medicamentos referidos, pois estas inflammagões locaes erão asthenicas. — Algumas vezes havia ataque pulmonar, o qual cedia ao caustico posto entre as espadoas. Tive occasião de observar alguns d'estes doentes typhoicos, que por ignorancia tinhão sido sangrados, sendo alguns de hum constituição robusta: porém depois de semelhantes evacuações seguia-se humã tão consideravel prostração, que me não foi possivel remedialla, e os doentes fallecerão, excepto humã rapariga, que á força de robustez, que lhe era natural, escapou, mas ficando depois por muitos tempos em grande abatimento.

A dieta, que eu prescrevia, erão caldos de gallinha, de miolo de pão, etc. vinho, e outros alimentos apropriados ás circumstancias da molestia, tendo cuidado de não carregar o estomago com viandas. Observei dous typhoicos, que depois de terem entrado em convalescença recahirão, e morrerão por causa de indigestões. — O ar livre, a limpeza, animo alegre, e depois hum regimen de vida accautellado, era muito conveniente.

Haverá anno e meio a esta parte que tem apacado esta epidemia; tem com tudo apparecido ainda alguns typhos, e o mais grave foi em hum Official do Estado-Maior do Exm. Marechal Conde de Trancoso, J. L. T. Valdez, que chegou aqui vindo de Salamanca. Este doente foi tratado pelo methodo acima apontado, e aos vinte dias teve hum copioso suor, que foi conferente, e depois restabeleceo-se perfeitamente. Alguns outros typhos tiveram humã crise semelhante aos 11, 14, e 20 dias.

(O A. continúa descrevendo as febres intermitentes que ali grassavão ha anno e meio; e por último dá conta das molestias que reinárão no mez de Dezembro passado, e que em geral forão de natureza inflammatoria v. g. rheumatismos, catharros, peripneumonias, etc. O que o A. diz sobre estas molestias entrará na recopilação. = Redactores. =)

ART. VI.—

*Movimento do Hospital Militar de Chaves
no anno de 1812.*

Mezes.	Existião.	Entrarão.	Sahirão curados.	Morrerão.	Existem.
Janeiro. —	76	121	75	5	117
Fevereiro. —	117	111	105	5	118
Março. —	118	34	56	3	93
Abril. —	93	34	47	1	79
Maio. —	79	85	115	3	46
Junho. —	46	80	59	„	67
Julho. —	67	106	84	1	88
Agosto. —	88	78	101	1	64
Septembro. —	64	125	82	4	103
Outubro. —	103	104	111	4	92
Novembro. —	92	110	70	„	132
Dezembro. —	132	130	121	5	136
Total....	1:075	1:118	1:026	32	1:135

*Tabela Nosológica do dito Hospital de Chaves no bimestre
de Novembro e Dezembro de 1812.*

Febres intermittentes.

Novembro. Dezembro. Fallecidos.

Quotidiana	—	—	—	—	—	12	—	28
Terça	—	—	—	—	—	13	—	21
Quartã	—	—	—	—	—	4	—	9
Irregular	—	—	—	—	—	22	—	2

F. continuas.

Typho	—	—	—	—	—	1	—	3
Remittente simples	—	—	—	—	—	3	—	6
Gástrica	—	—	—	—	—	4	—	3
Catharrosa	—	—	—	—	—	22	—	11
Inflamatoria	—	—	—	—	—	2	—	1

Flegmasias.

Peripneumonia	{ verdadeira	—	—	—	—	3	—	5	—	1
	{ falsa	—	—	—	—	22	—	2	—	
Rheumatismo-chronico	—	—	—	—	—	1	—	22	—	

Molestias várias.

Bexigas-confluentes	—	—	—	—	—	1	—	22	—	
Hemóptise	—	—	—	—	—	22	—	1	—	
Virus Venereo	—	—	—	—	—	10	—	13	—	
Ferida	—	—	—	—	—	14	—	7	—	
Sarna	—	—	—	—	—	22	—	2	—	
Cachexia	—	—	—	—	—	2	—	2	—	1
Dysúria	—	—	—	—	—	22	—	2	—	
Ictericia	—	—	—	—	—	22	—	1	—	
Hydropesia	{ Anasarca	—	—	—	—	22	—	1	—	
	{ Ascite	—	—	—	—	22	—	1	—	
Dysenteria	—	—	—	—	—	22	—	2	—	2
Obstrucção do baço	—	—	—	—	—	22	—	1	—	
Epilepsia	—	—	—	—	—	22	—	1	—	

Total.... 70 — 125

1 — (*)

126 — 5

(*) Fallecido huma hora depois d' entrar no Hospital.

Observações.

Esta Taboa principiada por curiosidade, para minha propria instrucção, não foi desde o seu começo trabalhada com aquelle desvello, que mereceria, para ser exposta á censura do Público. Todavia a Portaria de 24 de Outubro tornou aquella curiosidade em percisão; e a subsequente Ordem dirigida com o mesmo objecto aos Hospitaes Militares, fez d'este trabalho hum dever essencial.

Sempre estive mui convencido da preciosa vantagem das taboas nosológicas: destituído porém dos necesarios instrumentos, para a determinação das differentes qualidades da atmosphaera, he impossivel deduzir d'aquellas a mais importante utilidade; e vem a ser o conhecimento da *constituição médica*, que deveria resultar da comparação das molestias reinantes com o resultado das observações meteorológicas.

Pela Taboa precedente dos dous mezes (Novembro e Dezembro) vê-se, que a ordem das febres foi a mais frequente. A feliz terminação d'estas molestias, e pelos meios ordinarios, como logo se dirá, deixa vêr, que a sua indole não era funesta, nem seu caracter proveniente d'alguma das muitas causas menos communs, que por muito tempo infelizmente se escondem algumas vezes ao genio perspicaz do Medico o mais instruido. Fallando pois das causas d'estas molestias, considerallas-hei relativamente aos individuos, e estação. A maior parte dos doentes curados durante esta época erão Soldados do Regimento 12 de Cavallaria; e he bem sabido que este Corpo participou de todos os trabalhos da última campanha: hum exercicio pois constante e excessivo, huma nutrição já escassa, já sufficiente, mas algumas vezes menos salubre; o uso irregular das bebidas; a transição súbita de hum calor ardente, o qual no verão se expetimenta nas planícies da Castella, para o frio extraordinario das noutes; as continuadas vigílias; e a contracção finalmente de espirito inherente a Soldados valentes e honrados, quando destacados se confia a seu vigilante cuidado a segurança do Exercito, são causas, homogeneas pelo seu effeito, que ainda não reunidas erão mais que suficientes, para produzir grande diminuição das forças vitaes, e debilidade, da qual por certo se originarão as molestias, de que se trata. A verdade d'este juizo adquire ainda mais força examinando a Taboa, pela qual se vê, que no mez de Novembro houve unicamente dous doentes de remittente inflammatoria, e em Dezembro hum. A estação não deixou de acrescentar a intensidade destas causas. Desde o meio d' Outubro até quasi aos fins de Dezembro cahirão com bem pouca interrupção copiosas chuvas: a atmosphaera, sendo humida, era ao mesmo tempo quente (relativamente á estação), e

he bem sabida a acção enervante d'esta causa nas funcções da periphéria, e da consequente influencia sympathica d'esta com os órgãos digestivos. Tudo pois induz a crer a existencia da debilidade n'estes doentes. Porém que a estação fazia tomar a muitas d'estas molestias hum genio peculiar, se prova com evidencia pelo successo do tratamento.

Muitas d'estas febres cedião facilmente á propinação de hum emetico: quando este, como he ordinario, além das costumadas evacuações, diaforisava, os accessos paravão algumas vezes; mas se a diaforese não apparecia com o emetico, ou este se não julgava indicado, o uso de huma bebida sudorifica composta d'infusão de flor de sabugueiro com vinagre ammoniacal produzia com frequencia o desejado effeito.

Outra prova não menos evidente da influencia da estação offerece a comparação das molestias nos dous mezes; pois que no segundo se notão muitas affecções pulmonares, que, como he sabido, são mais frequentes no inverno.

Faz ainda mais activa esta última causa a localidade ou situação topographica d'esta Praça banhada por hum rio, fundada n'huma planicie cercada de montanhas, e escurecida por densos nevoeiros a maior parte do dia em quasi todo o inverno.

Todas as outras febres cedião ao tratamento tónico, quando, sendo necessario, erão reduzidas ao estado de simplicidade, fazendo desvanecer alguma complicação, que nem a todos acompanhava.

Número dos doentes do sobredito Hospital de Chaves.

Janeiro de 1813.

Ficarão no Hospital no último de Dezembro	136
Entrarão em todo o mez de Janeiro	116
	252
Sahirão no decurso do mez	{ curados — 92
	{ fallecidos — 4
	96
Ficão no Hospital de Janeiro para Fevereiro	156

*Taboa Nosológica do sobredito mez de Janeiro,
e Hospital de Chaves.*

Febres —	{ Intermittentes	Quotidiana —	11	
		Terçã —	9	
		Quartã —	4	
				24
	{ Contínuas	Simple (†) —	4	
Gástrica —		4		
Catarrhosa —		3		
Inflammatoria —		2		
			13	
Flegmasías —	{ Pneumonia	Pleuriz —	3	
		Peripneumonia —	1	
				4
	{ Rheumatismo	Agudo —	4	
			4	
Exanthémas	Bexigas —	Confluentes —	1	
			1	
Hemorrhagías	Hemorrhoidas	Externas —	1	
			1	
Proflúvios —	Catarrho —			13
	Dysenteria (*) —			4
			13	
			4	
Várias —	Syphilis —			15
	Feridas —			6
	Diarrhéa —			1
	Dispepsia —			1
	Escróphulas —			1
	Obstrucções —			2
	Sarna —			2
Atrophia —			4	
			32	
Somma				96

(†) N. B. — Morreo hum de febre contínua simples.

(*) — dos quatro doentes de dysenteria só hum escapou.

Forão em consequencia 4 os fallecidos no Hospital em
todo o mez de Janeiro.

Conferindo a Taboa do presente mez com a do antecedente he facil de conhecer huma grande conformidade na indole das molestias reinantes, em cujas causas supponho a mesma semelhança; e por isso nos referiremos sobre este ponto ao exposto na Taboa nosológica de Novembro e Dezembro; e unicamente accrescentaremos, que a influencia da estação se mostrou por extremo energica, pois que as affecções pulmonares forão tão ordinarias, que fazem mais da terça parte das molestias agudas curadas n'este mez. Forão com tudo de huma natureza tão benigna, que facilmente cedião ao uso dos diaphoréticos, e expectorantes.

Não aconteceu porém o mesmo com a dysenteria, que illudiu toda a efficacia dos medicamentos, e o mais zeloso cuidado dos assistentes, de que unicamente resultou o evitar a propagação d'este terrivel flagello pelas Enfermarias. Tanto os que n'este mez, como os que em Dezembro forão victimas d'esta molestia, erão Soldados pertencentes á Divisão Hespanholla, que transitou por esta Praça. A história dos trabalhos, privações, e soffrimentos do Exercito no principio d'este inverno, he bem sabida: e se a isto se accrescenta a circumstancia de serem todos invadidos d'este padecer na marcha de Salamanca para Ciudad-Rodrigo, d'onde forão conduzidos com pouca commodidade, sempre expostos ao rigor do frio e da chuva; alimentados ou escassaemente, ou com alimentos pouco sadios; far-se-hia idéa do estado deploravel em que estes desgraçados entráram no Hospital. Alguns d'elles morrerão até ao terceiro dia; e os quatro restantes da mesma molestia, mostrando passados alguns dias hum apparente estado de melhora depois do uso dos eméticos, e mucilaginosos simplesmente, ou associados com opio, tornárão a ser atacados de dores de ventre as mais atrozes, dejecções raras mas fetidissimas, tenésmo insupportavel, fastio, sede ardente, pulso pouco frequente, mas quasi imperceptivel, prostração, soluços, e tympanite. A morte pôz termo a esta scena aterradora, depois de se terem inutilmente applicado o tratamento já exposto, os tónicos adstringentes combinados com preparações opiadas, os semicupios, clisteres opiados, fomentações, e o vesicatorio. O effeito d'estes medicamentos successivamente applicados foi sempre pequeno e momentaneo. Note-se porém que hum Soldado Portuguez principiado a tratar d'esta molestia ao terceiro dia da invasão, felizmente foi curado por hum methodo análogo em dez dias; successo, que a meu ver depende principalmente do estado de maior vigor em que se achava, pois que o marasmo nos Hespanhoes era o mais completo.

Paulo de Moraes Leite Velho.

Movimento do Hospital Militar de Mafra no mez de Dezembro de 1812, por George Morse, Director.

Molestias.	Existião	Entrão	Sahirão			Existem
			Curados	Para outros Hospitales.	Mortos	
<i>Medicina</i>						
Febre Remittente	78	106	49	„	„	135
— Intermittente	32	28	41	„	„	19
— Contínua	4	5	5	„	1	3
— Bexigas	2	3	2	„	„	3
— Sarampão	„	1	1	„	„	„
Peripneumonia	2	19	8	2	4	7
Thísica pulmonar	3	19	14	„	1	7
Outras affecções pulmonares	47	68	88	„	3	24
Diarrhéa	18	27	18	„	11	16
Ascite	„	1	„	„	1	„
Asthma	„	1	1	„	„	„
Rheumatismo	3	4	2	3	„	2
Convalescentes	103	„	21	„	„	82
<i>Cirurgia</i>						
U'lcéras	51	108	101	1	„	57
Syphilis	12	19	20	„	„	11
Sarna	12	113	116	„	„	9
Escorbuto (1)	22	43	29	„	„	36
Somma	389	565	516	6	21	411

(1) He notavel o grande número d'Escorbúticos no Hospital de Mafra, não havendo, ou havendo mui pouco d'esta molestia em todos os outros Hospitaes Militares! He notavel a facilidade com que n'este Hospital se cura o Escorbuto, porque de 65 soldados, que ali se tratãrão no mez de Dezembro passado, não morreo hum só, e sahirão curados 29, alguns entrados no mesmo mez! He igualmente notavel a opinião de Joaquim José Velloso, Medico d'aquelle Hospital "Geralmente esta affecção só se limita ás gengivas, produzindo algumas hemorragias e úlceras na parte interna da face", que se lê na sua Conta de 6 de Fevereiro.

Com tantas occasiões he d'esperar que nas ultteriores Contas de Mafra se achem cousas mui interessantes a respeito de *escorbuto*.

Mapa dos doentes, que existião no 1.º de Janeiro de 1813, dos que entrãrão (::), sahirão em todo o mez, e dos que ficarão para Fevereiro, nas Enfermarias de José Maria Soares, Segundo Medico do Hospital Militar do Beato Antonio em Lisboa.

Molestias.	Existião	Entrãrão	Sahirão			Ficarão		
			Curados	Para outras Enfermarias	Mortos	Em cura	Em convalescença	Total
Febres intermittentes	3	8	8	"	"	1	2	3
Febres meningó-gástricas	"	21	14	"	"	3	4	7
Febres atáxicas	"	2	"	"	"	3	"	3
Catarrhos	1	14	8	1	"	3	3	6
Anginas	"	1	1	"	"	"	"	"
Peripneumonias verdadeiras	1	"	(†)	"	"	"	"	"
Hepatites	"	1	"	"	"	"	1	1
Dysenterias	1	4	3	"	"	1	1	2
Cólicas	"	1	1	"	"	"	"	"
Thisicas no 1.º grão	2	7	4	"	"	3	2	5
Thisicas no 2.º grão	5	3	"	"	2	6	"	6
Dysurias	"	1	"	"	"	1	"	1
Ascites	1	1	"	"	"	1	1	2
Obstrucções	"	1	"	"	"	1	"	1
Hemorrhoidas	"	1	1	"	"	"	"	"
Epilepsias	1	1	1	"	"	1	"	1
Rheumatismos chronicos	13	6 (*)	3	"	"	14	1	15
Rheumatismos venéreos	4	18	6	"	"	6	11	17
Escorbutos	2	1	"	"	2	1	"	1
Escrófulas	2	"	1	"	"	"	1	1
Sarnas	"	40	38	"	"	2	"	2
Psychrias	1	"	"	"	"	"	1	1
Convalescentes	11	"	11	"	"	"	"	"
Somma....	48	132	100	1	4	47	28	75

(::) Na columna dos entrados são comprehendidos os que foram recebidos de outras Enfermarias.

Observações.

Fallarei só d'aquellas molestias, que forão mais frequentes, e em que houve alguma cousa notavel.

Das febres *intermittentes* mencionadas forão quotidianas 4, terças 4, quartãs 2, erraticas 1. As suas causas parece não terem sido só os miasmas dos pântanos; porque alguns dos doentes não se havião exposto a esta causa: nem tão pouco indisposições gástricas; pois não apparecerão em alguns doentes: parece portanto que huma particular constituição da quadra generalisou mais estas febres, cujas recahidas erão devidas ou a hum estado particular dos nervos, que por ligeiras causas se tornavão propensos, e como habituados para os accessos periódicos, ou a affecções abdominaes v.g. obstrucções, que, sendo effeitos da febre, vinhão a ser concausas das recahidas.—Estas *intermittentes* forão benignas, não apresentarão em si nada de extraordinario, e cedêrão ao seguinte tratamento.—Hum emético, se havia vício gástrico; e depois huma onça, por dia no intervallo dos paroxysmos, de electuario de Madeswal (1) feito com a quina do Rio de Janeiro em lugar da Peruviana. Este remedio suspendeo os paroxysmos dentro de 3 até 7 dias do seu uso. Em dous casos, em que havia obstrucções abdominaes, o electuario foi dado em hum cosimento de taráxaco com algum tartarito acidulo de potássá (*cremor de tartaro*), e borató de sódá (*Borax*), e a acção d'estes remedios foi auxiliada em hum com as fricções feitas com o unguento de briónia e arthanita: as obstrucções tornárão-se imperceptiveis. Na *intermittente* errática, que era acompanhada de obstrucções de baço hum pouco sensiveis, conseguiu-se a cura com hum cosimento da quina do Rio de Janeiro, em que era dissolvido algum tartarito acidulo de potássá (*cremor de tartaro*): continuado este

(†) Este doente, depois de curado da peripneumonia, passou a ser tratado de rheumatismo venereo, onde por isso está huma praça de mais nos ficados.

(*) Falta aqui hum doente, que foi durante o mez atacado de febre atáxica, e por isso no Mappa dá-se ficado na casa d'estas febres.

(1) A fórmula d'este electuario he a seguinte:—De quina huma onça, de carbonato de potassa (*sal de tartaro*) huma oitava, de tartarito de potassa antimoniado (*tartaro emético*) dezoito gr., de muriato de ammoniaco (*sal ammoniaco*) meia oitava: dissolvão-se os saes; ajunte-se a quina; e com q.b. de xarope de losna faça-se electuario.

remedio, e posto hum vesicatorio sobre o baço, no fim de 14 dias a obstrucção estava mui pequena, e tinha perdido a sensibilidade morbosa. Em huma intermittente terça houve constipação de ventre tão consideravel que foi necessario alternar com o electuario dito não só algumas doses de ruibarbo, mas por huma vez huma onça de oleo de mamôna, além de clisteres, que forão inuteis. Em huma quotidiana, depois de se ter usado por algum tempo o dito electuario, prescrevi o mesmo, porém feito com a quina Peruviana: ao fim de 4 dias faltarão os paroxysmos, e, continuando o remedio por mais 10 dias, porém em menor dose, foi tambem curada huma obstrucção, que havia no baço (2). Hum doente, que tinha soffrido sezões durante 5 mezes, e que padecia de peito em consequencia de lhe ter cahido sobre este huma grande pedra, depois do que começou a padecer hemoptise, a respiração mui frequente e curta, cansaço, e difficuldade de deitar-se horizontalmente, o que tudo pela sua natureza e diuturnidade tinha produzido huma debilidade geral, e mais particular nas entranhas de ventre, que em parte estavam obstruidas, e nos vasos absorventes da cellular, do que procedia algum edema; este doente pois, recaindo novamente com intermittentes terças, foi curado d'estas com o dito electuario feito com a quina Peruviana; curadas as intermittentes, passou ao uso de hum cosimento de musgo Islandico, e angustura com tinctura espirituosa de dedaleira, e no fim de Janeiro ficava quasi convalescente.

As febres meningô-gástricas não apresentarão cousa alguma memoravel, tanto a respeito de causas, como de symptomas e tratamento. Existio de diversas fórmas desde simples *embaraços gástricos* (d'estes foi a maior parte dos casos) até febre meningô-gástrica já remittente, já intermittente, como forão algumas das referidas no §. antecedente, já complicadas, ou passando a atáxicas, como forão as seguintes.

As trez febres atáxicas nos primeiros dias apparecerão com os symptomas da febre gástrica, e n'esse periodo forão tratadas com hum emético, e cosimento de taraxaco, em que se infundia folhas de senne, e dissolvia tartarito acídulo de potassa (*cremôr de tartaro*), e boráto de sôda (*borax*); addicionando-se por fim alguma quina; e pondo-se nos pés cataplasmas de mostarda. Porém depois dos primeiros 7 dias desenvolverão-se os symptomas nervosos, delirio, convulsões de extremidades, somnolencia, surdez; o pulso tornava-se mui pequeno e frequente; os olhos espantados, e a albúginea injectada; a língua sêcca e denegrida, os

(2) Fiz algum reparo na brevidade com que as referidas obstrucções se diminuião: tambem não asseguro que ficassem inteiramente extinctas; porém, quanto se pôde conhecer pelo tacto, ellas se tornavão imperceptiveis.

dentes cobertos de hum verniz escuro ; etc. N'este estado pozerão-se em uso os cosimentos de quina compostos ; diversos diffusivos ; os vesicatorios sobre os jemellos e nuca ; as fomentações e fricções estimulantes ao ventre, e dórso ; etc. No fim de Janeiro hum d'estes doentes começava a melhorar, outro estava ainda na maior força da molestia, e o outro em muito perigo. — O doente que foi accommettido d'este febre dentro do Hospital existia, na invasão da molestia, em huma Enfermaria bem arejada, e onde não havia senão molestias crónicas.

Os Nordeste fortes derão muitos *catarrhos*, e a maior parte d'estes forão em recrutas de huma conducta embarcada no Porto, e que teve huma longa viagem por causa de temporal. Além dos 15 doentes *catarrhosos*, que se mencionão no Mappa, muitos dos que tiverão outras molestias, padecêrão tambem esta. — Os *catarrhos* forão benignos, e cedêrão aos mucilaginosos e sudoríficos.

As *dysenterias* forão gástricas : erão de poucos dias quando entrário no Hospital ; e em poucos tambem forão curadas com hum emético, e depois limonada solutiva. Huma porém d'estas *dysenterias* era crónica, e o doente muito escrophuloso : n'esta empregou-se o referido tratamento, e algumas doses d'opio, com o que terminário as dôres de ventre, o tenésmo, as dejeccões ensanguentadas, e algum movimento febril, que havia ; continuário as dejeccões aquosas, borborinhos, e grande debilidade geral : prescrevi então huma infusão de calumba, e huma pilula de meio grão de opio para á noute : porém, passados 4 dias renovando-se as dôres de ventre, e as dejeccões ensanguentadas, foi suspenso aquelle remedio, e substituido por hum cosimento de cevada com ácido sulphúrico, e duas das referidas pilulas : no dia seguinte estava melhor d'aquelles symptomas ; porém depois appareceo alguma infiltração na cellular, e renovou-se o tenésmo : he n'este estado que o doente se achava no fim do mez.

Hum dos que veio a fallecer da *thisica*, padecia desde Junho passado frequentes hemoptises : foi tratado com os mucilaginosos, e dedaleira com opio em substancia e em tinctura espirituosa, ao que se juntou alguma vez a scilla. A hemoptise cedia a estes remedios, porém renovava-se depois ; a respiração de ordinario era apressada e difficil, o pulso pequeno e frequente, a pelle hum pouco mais quente, as faces rosadas, etc. Alguns d'estes symptomas tinhão já diminuido, o doente jazia e dormia já mais tranquillamente, quando na tarde do dia 24 de Janeiro falleceo quasi repentinamente. Aberto o cadaver, encontrei o pulmão esquerdo muito vermelho e duro, tendo sahido da sua face interna algum sangue, que estava derramado na cavidade ; o pericardio achava-se mui volumoso, e continha mais de meia canada d'agoa.

Hum dos *Ascíticos* tinha padecido dôres veneréas : éstas po-

rêm no 1.º de Janeiro erão quasi nullas. Pela história do doente não me foi manifesta a causa da *ascite*. Prescrevi meia oitava de folhas de dedaleira infundida em huma libra d'agoa para tomar duas onças cinco vezes no dia. A diurése augmentou ao principio: porém estando o ventre constipado, foi necessario tomar algumas doses de ruibarbo em pó, do que sortio o effeito necessario. No dia 9 a diurése era menor, e a *ascite* fazia mui pequena differença dos primeiros dias: determinei por tanto que na libra da infusão entrasse huma oitava das folhas da dedaleira, e que as doses fossem as mesmas. No dia 10 o doente tinha muitas nauseas, amargos de bôca, algumas tonturas de cabeça, e o pulso mais lento: em lugar das cinco doses da infusão passou a tomar só trez por dia. A 11 continuava do mesmo modo, e a diurése pouco augmentava: suspendi a infusão dita, e receitei huma simplesmente de quassia, da qual tomasse huma libra por dia. Nos dias seguintes os symptomas forão diminuindo até que nas noutes de 15 e 16 suou muito, e desde então he que a *ascite* diminuiu mais sensivelmente de maneira, que no dia 31 de Janeiro estava em perfeita convalescença.

Os *rheumatismos venéreos* forão tratados felizmente com as fricções da pomada mercurial, precedendo hum purgante de infusão de senne tartarisada. — Houve hum doente, cujo *rheumatismo venéreo* era antigo, e cujas dôres agora estavam mais vivas, causando huma continua vigilia; além d'isto havia huma erupção herpética venérea por todo o corpo, e mais na cara. O doente tinha tomado por diversas occasiões várias preparações mercuriaes, e pela diurnidade e grão da molestia estava defecado, e impossibilitado de poder levantar-se da cama. Quando o recebi estava no uso do cosimento de lenhos, e pilulas de precipitado *per se* com opio. Fiz continuar este tratamento, e, passados alguns dias, teimando os symptomas referidos, e além d'estes sobrevindo huma ophthalmia tambem veneréa (segundo pensei), prescrevi huma dissolução de muriato de mercúrio corrosivo (*sublimado corrosivo*), da qual tomou trez colheres por dia, contendo cada huma $\frac{1}{12}$ de grão do muriato. Passados dous dias, o doente estava no mesmo estado, e as vigalias fatigavão-no immenso: fiz-lhe tomar por dia seis colheres do remedio, e á noute hum grão d'opio. Logo n'essa noute dormio, e d'ahi em diante começou a melhorar a todos os respeitos de maneira, que, tendo principiado o uso d'aquella dissolução no dia 14, no último de Janeiro estava quasi bom das dôres, já passeava, e a erupção cutânea estava muito diminuida.

Dos trez *escorbóticos* dous estavam já no último grão, e até com grandes infiltrações por toda a cellular, e diarrhéas colliquativas: estes fallecerão. O outro estava menos grave, porém tinha grandes echimoses, e rheumatismo symptomatico, além dos mais

symptomas ordinarios. Foi tratado com a limonada nítrica, vinho de quina do Rio de Janeiro, e fricções sobre as nodoas com o espirito de vinho camphorado. Passados 14 dias, as nodoas estavam mais diminuidas, e no fim do mez o doente achava-se melhor de todos os symptomas, e quasi convalescente.

Hospital Militar do Beato Antonio

15 de Fevereiro de 1813.

José Maria Soares

Segundo Medico.

≡ Não he possivel lançar no presente Num. do nosso Jornal o Extracto da Memoria de Luiz Antonio Travassos, e a Recopilação das Contas mensaes dos Medicos e Cirurgiões das Provincias, de que se fez menção a pag. 171 do presente Num. Huma e outra cousa porém farão o principio do Num. XV. ≡

ART. VII.—

Novas Observações de Antonio de Araujo Travassos sobre a Memoria do Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo á cerca da densidade da agoa, publicada no Num. III. do Jornal de Coimbra pag. 170; sobre as observações do mesmo Travassos, publicadas no Num. VII. pag. 143; e sobre a resposta que o referido Lobo deo ás mencionadas observações, publicada no Num. XII. pag. 407.

(Continuação da pag. 72.)

SEGUNDA PARTE.

§. VIII. São de dous generos as provas que na primeira parte tenho dado a respeito da boa fé, com que fiz e publiquei as minhas primeiras observações: humas são unicamente para quem tem algumas luzes d'estas materias; as outras, que facilmente se distinguem, são tão claras e independentes de conhecimentos scientificos, que são perfeitamente convincentes para toda a qualidade.

de pessoas, motivo porque ainda mais as prézo. Nesta segunda parte em que vou defender-me de outras culpas ou erros de doutrina, de que me accusa o A., não me será tão facil achar provas d'este ultimo genero; mas ainda bem pouca attenção será precisa aos Leitores, para conhecerem a pouca força dos argumentos que contra mim emprega; e até as pessoas inteiramente alheias d'esta especie de estudos, despertadas pela minha innocencia já comprovadissima pelo que toca á primeira imputação, e ajudadas pelas exposições que farei com a maior clareza que poder para encaminhar seus raciocinios, facilmente perceberão que o A. tão pouco justo foi no que me argúe em vários lugares da sua resposta, como no que faz entender contra mim logo no primeiro paragrafo.

Seria preciso ser ainda muito mais extenso e enfadonho para analysar todos os 51 §§. da resposta do A.; por este motivo, e para dar huma idéa sensivel do fim e do modo porque o A. argumenta, bastará examinar consecutivamente os primeiros 10 §§. que lhe servem de preliminar, e em que á primeira vista parece fundar as suas principaes razões: do referido exame, que farei no seguinte paragrafo, se verá que depois de me fazer aquella imputação, ora me desculpa, ora para se desculpar se aproveita das razões que dei em seu favor, ora confessa que foi muito geral a sua proposição que eu impugnei, ora finalmente diz que estamos de accôrdo, e que está acabada a questão. Espero que não se entenda que tenho o ridiculo desvanecimento de me parecer que nas minhas observações não se encontrem muitos defeitos, eu mesmo tenho reconhecido alguns, nem pertendo occultallos; mas he mui notavel que não exista nem se quer hum dos que o A. intenta criminar-me, e que pelo contrario certa proposição das minhas ditas observações, da qual diligentemente se prevalece, e com que allega, he a que eu confesso ser mais defeituosa, e de que pedirei perdão e darei desculpa.

§. IX. Fazendo entender o A. no 1.º §. da sua resposta que as minhas observações forão disputa inutil, e de má fé, no 2.º §. disfarça aquella odiosa suspeita, e adoça a sua amarga impressão fazendo-me a honra de attribuir proposições muito sensatas, e que talvez se possam deduzir de algumas de minhas observações; mas que todavia, por mais que as tenho lido e tornado a ler, ainda alli não encontrei: e provavelmente com o mesmo intuito se queixa de terem sido pouco exactos em suas experiencias os Academicos Florentinos; do que resultou passar a incompressibilidade da agoa como hum dogma Physico, do qual o mesmo A. não duvidou em quanto não lêo a Memoria de Mongez.

No 3.º §. admira-se de que hoje em dia haja Physicos como Haüy que se atrevão a dizer que a agoa he hum fluido sensivel-

mente incompressivel. Eu confesso que não desiro, ou desiro muito pouco, da opinião d'este célebre Physico, e de outros os mais acreditados de que tenho noticia. Gehler diz quasi o mesmo; e Fischer diz que a agoa sómente tem em grão muito fraco a propriedade de ser compressivel, e que n'ella os effeitos da compressibilidade chegam a fazer-se sensiveis unicamente com a applicação de muito grandes forças; da Memoria do Conego Regular Mongez, com que o A. allega (posto que não de tanto nome como os referidos), colhe-se pouco mais, ou com pouco differença a mesma cousa; elle apenas intenta provar a compressibilidade da agoa como huma deducção da elasticidade, ao que principalmente dirige seus argumentos. O A. he (segundo me consta) o primeiro que hoje em dia avança contra os maiores Physicos a proposição de que a agoa he muito compressivel: mas observe-se bem este ponto, nem entrémos em novas questões; eu não affirmei nem neguei, nem quero affirmar nem negar, se a agoa he ou não he pouco ou muito compressivel; apenas disse e digo que as experiencias do A. não são sufficientes para comprovarem aquella proposição expendida no primeiro paragrafo da sua Memoria; este foi o objecto das minhas Observações, e convidar o A. a que fizesse e publicasse outras experiencias mais capazes de destruir as idéas geralmente estabelecidas, por que sómente assim lhes poderia substituir a sua nova proposição; o que vejo não faz em sua resposta.

Antes pelo contrário no 4.º §. diz que talvez a generalidade d'aquella sua proposição fosse a causa de eu fazer as minhas Observações: certamente foi excessiva e muito geral a sua proposição, mas se o conhece e confessa, para que diz isto em dúvida, mostrando que ainda me faz o favor de desculpar a inutilidade de minhas ditas Observações!

No 5.º §. faz a distincção de agoa pura e impura, e em constante ou variavel pressão e temperatura da atmosphera; distincção que eu fui obrigado a fazer nas minhas Observações, já que o A. na sua Memoria não a tinha feito, nem dito cousa alguma a respeito, nem da pureza ou impureza da agoa de que se servio.

No 6.º §. confessa formalmente que *não sustenta a verdade da sua proposição, considerando a agoa no estado da sua maior pureza, porque absolutamente pura não existe*; e diz que não deve decidir por conjecturas: n'isto diz muito bem, mas então para que affirmou excessiva e indistinctamente que a agoa he muito compressivel?

No 7.º §. diz que a agoa he muito compressivel *assim como ella mais communmente se encontra na natureza, contando com todo e qualquer estado de combinação, etc.* e allega com as seguintes palavras do meu XIX. §., *são com tudo importantes as ditas experiencias porque mostram que a agoa no estado em que se acha na natureza e em circumstancias analogas áquellas em que foram*

*feitas, he susceptivel de grande augmento de densidade ainda em pequenas profundidades: eis-aqui o que pareceo muito bem ao A. da resposta, e eu confesso ingenuamente que devia ter omitido as palavras no estado em que se acha na natureza, ou quando muito ter posto em lugar d'estas as seguintes: em certo grão de impureza em que he possivel achar-se, etc. porque de facto eu não sabia, nem o A. tinha dado conta da qualidade da agoa de que se servio, nem eu tinha certeza que fosse da que vulgarmente se chama pura, o que se costuma entender quando se diz no estado em que se acha na natureza; antes pelo contrario eu suppoz, e devia suppor, pelos extraordinarios resultados das experiencias que publicou, ainda sem fazer caso da referida expressão *pollegada e meia cubica*, que a agoa era impura; o que até confessa o A. no 34.º §. da sua resposta, dizendo que *algumas vezes a agoa era mais impura, tendo servido nas experiencias de Hydrotatica*. Peço pois que se perdoe aquella falta de exacção no modo porque me expremi; e a desculpa que dou de ter usado da expressão pouco exacta, he que sómente assim seria algum tanto favoravel ao A. da Memoria; motivo porque (torno a dizer) affrouxei n'aquelle lugar do rigor de linguagem que convem usar em materias scientificas: e tambem os Srs. Redactores são testemunhas de que lhes fiz observar isto mesmo, quando escrevi a referida expressão e outras mais; mas tudo era preciso para desculpar o A. e obsequiar os ditos Srs., sem o que não me teria resolvido a escrever as taes Observações: devendo com tudo notar-se que ainda quando a expressão fosse verdadeira e exacta, serviria apenas para attribuir hum fim util ás experiencias do A., sem que por isto justificasse a proposição geral exposta no primeiro §. da sua Memoria.*

No 8.º §. da resposta diz o A.: *se o A. diz que as minhas experiencias não são normaes porque não mostram que a agoa no estado da sua maior pureza, em constante temperatura, e livre de toda a combinação, seja mui compressivel; então nada tenho que impugnar: certamente disse e digo que as experiencias do A. não são normaes, e tambem disse e digo que não mostram que a agoa no estado da sua maior pureza, etc. seja mui compressivel*: note-se porém que não expuz esta segunda proposição com o fundamento da primeira, o que o A. faz parecer. Por experiencias normaes costumão entender-se as que se fazem com certa authenticidade, e principalmente com tanto cuidado e individuação de todas as circumstancias e particularidades que possam servir de norma para se repetirem muitas vezes no mesmo e em diversos lugares e tempos, dando sempre, e não podendo deixar de dar sempre, os mesmos resultados, á excepção de insignificantissimas differenças: ora não se vendo particularizadas todas as ditas circumstancias que era necessario particularizar para se poderem repetir e obter

os mesmos resultados; e observando-se de mais a mais, serem extraordinariamente inesperados, irregulares, e contrarios ás idéas estabelecidas, ha todo o direito não somente de dizer, como disse, que as taes experiencias não mostram ser a agoa compressivel no estado da sua maior pureza, etc. mas até que nada mostram senão que a agoa ou o líquido de que se servio o A. e nas circunstancias em que fez as experiencias, de que não deo a necessaria e individual conta, teve as variações de densidade que elle diz, sem que d'ellas se possa deduzir alguma nova proposição; e por modo nenhum a que tinha expellido no referido 1.º §. da sua Memoria. A expressão do A. *então nada tenho que impugnar*, he sem contradicção huma das mais exactas de que se serve em toda a sua resposta.

No 9.º §. diz que a agoa por mais pura que seja contém sempre *tudo quanto pôde dissolver*; não estou por isto; provavelmente quer dizer que juntamente com qualquer agoa está tambem além do que he agoa, tudo o que effectivamente tem dissolvido; isso certamente, nem façamos d'aqui nova questão; mas agoa pura digo eu que não contém mais do que aquillo que he pura e unicamente agoa, e que constitue a sua essencia: em varios outros lugares da sua resposta quer o A. fazer entender que agoa pura he cousa quimerica, e que só *methaphisicamente* se pôde conceber a sua existencia: a isto respondo (e he bem claro) que ninguém podia exigir que se tivesse servido de huma tal agoa, isto he, de huma agoa que, pelo que diz, não he possível existir cá n'este Globo: o mesmo digo a respeito de temperatura constante, etc.; ninguém pôde pertender que em cousa alguma se oppoer com huma perfeição superior aos nossos sentidos, aos nossos meios, e aos nossos actuaes conhecimentos; mas sim que as experiencias se fação com aquella perfeição que he possível, que de facto confessa não praticou, e que dá esperanças de praticar para o futuro.

No 10.º §. quer acabar de conciliar a sua opinião com a minha, e mostrar que estamos de accôrdo: estimo muito; sendo assim he isto evidente signal de que tive razão no ponto essencial das minhas observações; mas se o A. está pelo que eu disse contra o que elle tinha dito, e *senão havia mais verdades a apurar*, para que deo resposta ao que a não precisava? E para que proseguio? Faltava-lhe ainda accusar-me de outras faltas mais, de que me defenderei nos seguintes paragrafos.

§. X. Nos dez paragrafos desde 11 a 20 contidos no que chama *resposta á primeira parte das observações* expõe principios geraes; dá noticia de algumas circunstancias em que fez as suas experiencias *de primeira sorte*, isto he, d'aquellas em que a agoa continha sal ou espirito de vinho; e diz algumas outras cousas que

he desnecessario analysar, visto não terem o fim de impugnar as minhas observações.

No que chama *resposta á segunda parte das minhas observações* diz que para as suas experiencias nunca fez escolha da agoa, a qual humas vezes era de cisterna, outras vezes era já de huma já de outra fonte sem fazer attenção á sua qualidade, razão porque não affirma se os resultados seriam os mesmos estando a agoa no maior gráo de pureza possivel e em temperatura constante: n'esta declaração implicitamente justifica as minhas Observações, isto he, que foi com fundamento que duvidei da sua proposição *que a agoa he muito compressivel*, e de que fosse sufficientemente comprovada com taes experiencias. Diz que contou com muito cuidado os quilates, *mas que pôde muito bem ser que nos resultados das experiencias hajão quilates de mais ou quilates de menos*, e que *d'estes enganos sómente se admira quem não sabe o que são Sciencias Práticas*: não faz ao caso que eu saiba ou não saiba o que são *Sciencias Práticas*, sómente digo que experiencias em que o A. acha muito possivel que houvesse esses enganos (dos quaes observe-se nem me admirei, nem a este respeito proferi palavra), não são sufficientes para estabelecer principios novos, nem para destruir o que o mesmo A. diz passava por hum *dogma Physico*: e parece-me que teria feito melhor em não publicar as taes experiencias, sem as ter repetido muitas vezes em circumstancias identicas, sem ter obtido sempre os mesmos ou quasi os mesmos resultados, e sem poder affirmar que effectivamente não houve *quilates de mais ou quilates de menos*; mas quando as publicasse, torno a dizer, não o devia fazer com o fim de querer provar sómente com ellas que a agoa he muito compressivel. Tambem diz que nada d'isto destrua *os factos constantes* das suas experiencias, a saber que o sólido perdeu sempre mais nas maiores profundidades do que nas menores: respondo a isto que, ainda que esses factos tivessem sido constantes, sendo as experiencias tão imperfeitas como mostrei, e o A. confessa, não seriam capazes de provar a sua referida proposição; mas, o que he mais, já nas primeiras Observações fiz ver que he falso terem os factos sido constantes; pois em algumas experiencias o sólido perdeu muito do seu peso, em outras perdeu muito pouco, e em alguma nada perdeu; relativamente ao que tinha perdido em huma profundidade dez polegadas acima. Depois do referido diz que não duvida que *seja melhor fazer as experiencias com agoa a mais pura que houver, etc. o que fará se lhe fór possivel*: n'isto novamente justifica as minhas Observações.

No 26. §. da sua resposta accusa-me o A. de que *não tendo outro fim as minhas Observações senão mostrar que as suas experiencias não são sufficientes para provar a sua proposição, considerando a agoa no estado da sua maior pureza, em constante tem-*

peratura, e livre de toda a combinação, impugno huma questão que se pôde dizer *methaphysica*, e muito differente da que se propõe sustentar, porque huma agoa com todas as circumstancias que eu imagino não existe no Mundo Physico. Diz com tudo por fim que he verdade que na sua Memoria se explica de hum modo geral, mas que pelos factos que expôz bem conheci eu, e até confessei quaes forão os seus fins. Este 26. §. he huma especie de resumo dos 10 primeiros que já analysei da resposta do A., mas pôsto que no mesmo espirito, he escripto com tanto artificio, que merece lhe responde novamente. O fim das minhas Observações foi mostrar que as experiencias do A. não erão sufficientes para provar a asserção do 1.º §. da sua Memoria, que a agoa he muito compressivel; e he bem claro que consegui o meu intento, pois o mesmo A. agora depois das minhas ditas Observações confessa que a sua referida proposição foi muito geral, e que a não sustenta. Eu disse no XIX. §. e he verdade que as referidas experiencias não provão que a agoa seja muito compressivel no estado da sua maior pureza; mas isto não he dizer que provão que a agoa em todo e qualquer outro estado he mui compressivel; e se de facto eu disse e fui pouco exacto em dizer que as experiencias do A. mostrão que a agoa no estado em que se acha na natureza e em circumstancias análogas áquellas em que forão feitas, he susceptivel de grande augmento de densidade ainda em pequenas profundidades; o motivo d'esta falta de rigor de linguagem que já confessei no precedente §. deve-me grangear hum perdão espontaneo: mas ainda suppondo que eu dissesse, ou que se entendesse do que eu disse, que as experiencias sómente deixão de provar que a agoa no estado da sua maior pureza, em constante temperatura e livre de toda a combinação seja muito compressivel, está bem claro que isto não seria impugnar huma questão *methaphysica*, pois tambem já ponderei no precedente §. que a maior pureza da agoa e a constancia de pressão e temperatura não se deve entender no grão que o A. se compraz de imaginar que eu imaginei; nem a minha, proposição, ainda quando excluísse todas as outras circumstancias que acabo de fazer vêr não excluio, jámais se podia entender relativa a huma agoa tal que fosse impossivel existir: e grande injustiça me faz o A. em pensar, ou, para melhor dizer, em fazer entender que eu referi a minha supposta proposição a huma agoa quimerica e a circumstancias igualmente quimericas. Não menos injusto he contra mim o A. no fim do mesmo §., dizendo que eu bem conheci os seus fins, e fazendo com isto de novo suspeitar que as minhas Observações forão faltas de boa fé, ou sem o fim de apurar a verdade: a isto respondo com o que já disse na primeira parte, e accrescento que certamente depois de alguma meditação e exame sobre as experiencias do A. e seus fins, cheguei a formar idéa d'ellas, e a en-

tendellos, mas parece-me que foi conveniente fazer as minhas Observações para que também os outros os entendessem e com menos trabalho.

§. XI. Passa depois o A. a responder a cinco inconvenientes que diz eu notei nas suas experiencias. Assim chama o A. ás razões com que provei que as suas experiencias não são sufficientes para d'ellas deduzir que a agoa he muito compressivel: 1.^o *Não ha lei ou proporção alguma na variação da densidade da agoa nas suas experiencias: confessa o facto, mas dá por desculpa que as experiencias d'este genero ainda agora começam; e que he preciso que sejam repetidas, variadas, e feitas em maiores profundidades:* muito bem, esta he huma razão porque taes experiencias não são capazes de provar que a agoa he muito compressivel; nem também são capazes (o que já tenho assás provado) para d'ellas se concluir, o que o A. torna a dizer, que a agoa tal e qual se encontra na natureza não tem huma densidade uniforme em toda a altura das columnas; o que até eu mesmo commetti o descuido de dizer, e de que já dei desculpa; mas ainda concedendo esta conclusão por evitar novas questões, ella he muito differente da proposição do 1.^o §. da sua Memoria; nem se segue que a agoa seja compressivel, por ter tido differente densidade em differentes profundidades a agoa ou o líquido de que se servio o A., nem ainda a agoa considerada em geral. Compressibilidade he a qualidade de poder ter variação na densidade, procedida de maior ou menor compressão; e para se conhecer qual foi o augmento de densidade devido ao peso da columna superior, era necessario apartar quanto fosse possivel as outras causas de augmento de densidade; o que o A. confessa não fez. He inutil responder ao que diz relativamente á lei da densidade do ar; quando as experiencias do A. sobre a densidade da agoa forem tão perfeitas como as que se tem feito sobre a do ar, então deduzirá d'ellas o que fór justo deduzir; antes disso, longe de me admirar (como dá a entender) de que não achasse a lei da densidade da agoa, pelo contrario me admiro de que quizesse provar com ellas compressibilidade e grande compressibilidade da agoa.

2.^o *No mesmo vaso, no mesmo dia, na mesma profundidade, na mesma agoa, perdeu o mesmo sólido já 356 quilates já 362.* A isto responde o A. aproveitando se da lembrança, que eu proprio lhe subministrei, de que talvez fosse erro de imprensa; diz que em lugar de repetir segunda vez a altura de 50 polegadas deve ser 60. Sem contradizer o A., observo que lhe era melhor não fallar n'este erro de imprensa, porque talvez haja quem o crimine de o não ter corrigido antes de eu o advertir, sendo tão notavel e tão visivel. He certo porém que o mesmo A. logo que se lhe deo parte d'este ponto, respondeo que devia ser 60 polegadas em lugar de 50:

mas o peor he que o vaso em que fez as experiencias (segundo o declara a pag. 172 lin. 12) tinha sómente 57 polegadas de altura ! Ainda ha hum remedio, he examinar se as taes 57 polegadas seria tambem erro de imprensa ; felizmente diz o A. que sim ; e que deve tambem ser 60 em lugar de 57 ; e foi a estas emendas feitas no Num. VIII. do J. de C. pag. 151 que então limitou a sua resposta. Ha tambem huma particularidade célebre na tal emenda. Como póde haver 60 polegadas de agoa em cima de hum sólido mergulhado dentro de hum vaso de 60 polegadas de altura ! Em summa parece forçoso suppôr que na emenda do primeiro e segundo erro de imprensa houve ainda novo erro. Diz o A. *Ainda que assim fosse, não era este hum facto tão extraordinario que não tivesse causas que o produzisse.* Eu nunca suppuz nem disse que a tal variação de densidade (real ou apparente) não teve causa, isto seria dizer que foi hum *prodigio* ; e se a attribui a erro de imprensa, foi porque logo se via não resultar de ser differente a profundidade, mas sim de outra ou outras causas ; sem que esta variação me parecesse mais extraordinaria que as outras : nem me admiraria, se até em alguma profundidade maior dissesse que tinha achado menor densidade ; pois tendo sido na mesma differença de dez polegadas de altura, ora muito grande, ora muito pequeno, ora nullo o augmento de densidade, tambem não seria *prodigio* que em alguma experiencia fosse negativo, isto he, houvesse diminuição de densidade ; o que certamente se tivesse acontecido eu attribuiria ás mesmas causas das outras irregularidades.

3.º *O augmento de densidade ora he grande, ora pequeno, ora nullo.* Isto reduz-se ao que já está dito em o chamado 1.º *inconveniente*, e as razões que o A. dá em resposta são as mesmas que já deo ao 1.º e 2.º que tambem já analysei. Diz mais *que augmento de densidade absolutamente nullo não existe nas suas experiencias*, porque desde a altura de 10 polegadas a 40 perdeu o sólido 16 quilates do seu peso : certamente ahí houve augmento de densidade, quem o nega ? Mas se confessa que a perda do sólido foi igual na profundidade de 30 e na de 40 polegadas, que mais claro o quer que n'estas duas differentes profundidades na mesma serie de experiencias, não houve augmento nem differença de densidade !

4.º *Ha variações tão consideraveis nas suas experiencias que mostram que a compressibilidade da agoa he maior que a do ar atmosphérico ; o que he absurdo.* O modo porque o A. responde a isto he muito notavel. Suppõe que chamo *absurdas as suas experiencias* ; não entro nesta questão ; está bem declarado o que eu chamo *absurdo*. Diz *que ellas tem causas naturaes* ; tambem a isto não tenho mais que dizer. *Que a agoa pesa 800 vezes mais que o ar*, nada d'isto faz ao caso. *Julga que me parece absurdo que*

hum dado volume de agoa em iguaes pressões receba hum maior augmento de densidade que outro de ar: sem dúvida, assim me parece; principalmente sendo a agoa e o ar os mesmos antes e depois da menor ou maior pressão, e com tanto que no meio das experiencias não se mudem de proposito ou muito consideravelmente as outras circumstancias. Diz que isto he o mesmo que dizer que he absurdo que hum dado volume de agoa possa receber maior augmento de massa, do que outro igual de ar, e até faz a exclamação *será isto absurdo!* Não he necessario responder se isto he ou não absurdo, basta observar que não he o mesmo, principalmente se abstraher a circumstancia de igual pressão; e ainda menos he o mesmo, se no meio das experiencias muda de liquido, ou se mistura e dissolve na agoa alguma cousa de novo; porque então já não se poderia tratar de examinar a compressibilidade da agoa, mas sim quando muito a sua força dissolvente, o que não he o nosso actual objecto. Tambem diz *julga talvez o A. que a densidade da agoa procede sómente da compressibilidade?* Influe tambem muito a entrada dos corpos heterogeneos que n'ella se introduzem sem lhe augmentar o volume, os quaes ou ficão dissolvidos ou sustentados. A esta derradeira proposição vale mais não responder, ou basta fazer-lhe a applicação do que ha pouco expuz: á antecedente pergunta respondo que não ha motivo para me imputar semelhante equivocação. Logo no primeiro paragrafo e em outros das minhas primeiras Observações fiz ver que sei distinguir compressibilidade e densidade, e que dou aquelle nome á variação de densidade que unicamente procede de mudança de pressão. Pelo contrario o A. logo no primeiro §. da sua Memoria, e ainda em alguns lugares da sua resposta usa da expressão *compressibilidade e densidade* em occasiões que não he propria; e já na primeira parte d'estas Observações notei que era confuso este modo de se enunciar; pois he bem claro que ninguem jámais duvidou que a agoa seja densa: nem eu entendi, nem devia entender, que para este fim de mostrar densidade na agoa he que publicou as suas experiencias, nem mesmo para mostrar simplesmente que em diferentes alturas tem differente densidade; mas sim para provar com isto que a agoa he muito compressivel, o que positivamente havia enunciado no dito 1.º §.; e achando eu que nas taes experiencias ha augmentos de densidade maiores que os que podem ter iguaes volumes de ar por effeito de igual pressão, referi o que se colhe de taes experiencias, e disse que era *absurdo* aquillo que o A. não pôde deixar de conhecer que he absurdo, nem qualquer outra pessoa ainda que muitos menos conhecimentos tivesse n'esta materia: e longe de entender que a densidade da agoa proceda sómente da compressibilidade; pretendi descobrir as causas de taes variações de densidade, já que o A. não o tinha feito, nem sequer tinha relatado as circumstancias que as acompanháão, fazendo

do-as assim (elle e não eu) suppôr dependentes unicamente da compressibilidade ou da differença de profundidade. Diz tambem o A. que tendo mostrado (pelo modo que fica dito) que as suas experiencias não tem variações absurdas, he desnecessaria a applicação das minhas taboadas: ora não sendo as taes pequenas taboadas mais do que hum resumo breve e claro dos resultados das suas proprias experiencias, e da lei da compressibilidade do ar, vem a ser isto o mesmo que se dissesse que tendo mostrado que não são absurdas as suas experiencias, he desnecessario examinar os seus resultados e o que d'ellas se pôde colligir. Chama ás taes taboadas applicação mathematica e queixa-se de que inutilmente se applique esta Sciencia ás Sciencias Philosophicas Práticas: a isto não respondo. Suppõe mais o A. que eu direi que fiz a minha impugnação em circumstancias mui diversas, a saber considerando a agoa no estado de maior pureza, fazendo abstracção de todas as causas que fazem variar a sua densidade, e que então ainda a julga mais desnecessaria: respondo que não tenho necessidade de fazer a distincção que o A. imagina; eu não sabia em que circumstancias o A. tinha feito as experiencias, pois elle não as tinha declarado; apenas conjecturei que a agoa não tinha sido pura, etc., e acertei na conjectura, segundo o A. o declara na sua resposta; logo ainda quando as minhas Observações não tivessem tido outro fim, já não eram inuteis: mas em todo o caso quer a agoa tivesse sido pura ou não, quer tivesse havido ou não outra ou outras causas de variar a densidade; observando eu como observei que a tal variação da densidade da agoa nas suas experiencias chegou a ser maior que a que pôde experimentar, em igual pressão, igual volume de ar, indubitavelmente mostrei, que nenhuma confiança se pôde fazer em taes experiencias para d'ellas concluir o que o A. tinha enunciado: o que d'ellas indubitavelmente se pôde concluir, he que forão imperfeitas, no que concorda o mesmo A.

5.^o Diz o A. que eu dissê que as suas experiencias mostram augmentos de densidade apparente. Eu não usei d'esta expressão, talvez porém usára d'ella se me fosse preciso, assim como usei de apparente augmento de densidade e de resultados apparentes. Mas vejamos o que o A. responde. Principia esta resposta perguntando com ar faceto se pela minha expressão resultados apparentes quererei dizer densidades apparentes? E acaba o comprimento dizendo não he aquella a linguagem Physica, ha sim grandezas apparentes. Não sei se admite em Physica algumas outras cousas apparentes que não sejam grandezas, parece que não; pelo menos massa corporea apparente diz que não pôde ser; mas não questionêmos sobre esta expressão que nem he minha, nem he necessario tratar d'ella. Falla depois com o mesmo tom em 4 onças e oito onças apparentes, e diz outras cousas em que he melhor não fallar: como isto não he essencial ao objecto

entre mãos; sómente devo explicar o que eu quiz dizer, e o que se deve entender do que disse. *Apparente* julgava eu, e ainda julgo, quer dizer *que parece ou apparece*, e he claro que qualquer coisa que parece ou apparece póde ser real e verdadeira, ou não ser o que parece; e mais geralmente costuma applicar-se esta palavra ás cousas que não são reaes, nem exactas, nem verdadeiras. *Resultado* he aquillo *que resultou*: de sorte que por *apparente resultado* quiz fazer entender *que parece ter resultado*. E applicando isto ás experiencias do A., com que elle quiz provar que a agoa he muito compressivel, e em algumas das quaes o augmento da densidade da agoa pareceo tão grande e maior do que póde ser o augmento da densidade do ar por effeito de igual augmento de pressão (o que he absurdo ou impossivel), póde entender-se pela tal expressão *resultados apparentes das experiencias do A.* que a grande compressibilidade da agoa que ao A. pareceo comprovada pelas suas experiencias, realmente o não foi. Tambem se póde entender que o grande augmento e irregulares differenças na variação da densidade da agoa as quaes parecem devidas á differente profundidade, ou á pressão das camadas superiores, não forão devidas a esta causa mas sim a outras.

§. XII. No que o A. chama *resposta á terceira parte das Observações* diz que *não he necessario imaginar hypotheses da variação da densidade*, ella tem causas geraes e conhecidas a saber a pressão da atmosphera, a sua temperatura, e os corpos heterogeneos dissolvidos ou sustentados nas differentes camadas: e accrescenta que nas suas experiencias julga tiverão grande influencia os corpusculos que a agoa continha, os quaes talvez influão mais que as camadas superiores sobre as inferiores. Acha fundada a minha conjectura de ter podido ser diversa a temperatura em diversas profundidades da agoa nas suas experiencias; mas para não me deixar nem o tenue merecimento d'esta lembrança ou applicação, diz que a idéa he de Peron. Não nega que a agoa contém ar atmosphérico e outros gazes, mas dizendo, e dizendo muito bem, que esta mistura produz diminuição e não augmento de densidade, effeito que diz geralmente se deve seguir de todas as minhas hypotheses, faz isto de modo que se póde entender que produzi argumentos contra o que eu queria provar. Entre as minhas hypotheses pareceo-lhe mais notavel a seguinte *a especie de teima com que o ar atmosphérico se une a alguns corpos e em quasi todos fórma huma certa capa ou delgadissima camada, etc.*: diz que hum sólido debaixo de agoa embrulhado em huma capa de ar he phenomeno que não se explica por principios Physicos e Chymicos: entre várias cousas curiosas pergunta com o mesmo estilo já referido, *Em que taboa de affinidades vem esta grande attracção? Que experiencias lembro em favor d'esta minha proposição? E a final*

diz que de proposito a sua Memoria não contém mais do que as experiencias que fez e os corollarios que d'ellas se seguem, por não incomodar os Leitores com explicações theoricas; que ainda he cedo para theorisar com tão pequeno numero de factos, etc.

Respondo 1.^o As causas geraes da variação de densidade em que o A. agora falla, já por mim tinham sido enunciadas mais de huma vez nas minhas Observações; elle sómente n'este lugar substitue á minha expressão *combinação a sua corpos heterogeneos dissolvidos e sustentados, ou corpusculos*; de boa vontade lhe concedo os taes corpusculos em agoa impura, e quanto mais suja ou enlodada fór, tanto maior poderá n'ella ser o effeito d'elles. Eu não só digo talvez como diz o A., atrevo-me a dizer de certo e indubitavelmente, que na grande differença apparente da densidade da agoa nas suas experiencias influio mais a impureza d'ella ou outras causas, do que o péso das camadas superiores; pois he geralmente sabido que este péso ou compressão por si só não pôde produzir effeito muito attendivel em pequenas differenças de profundidade, e no mesmo ar atmosferico essencialmente muito compressivel, o não pôde fazer maior nem tão grande (segundo mostrei nas minhas primeiras Observações) como o que apparentemente houve na agoa em algumas das experiencias do A.: d'onde; suppondo que em algumas das experiencias do A., (o qual queira permittir-me ainda esta pequena applicação Mathematica), o apparente augmento de densidade na agoa foi igual ao effeito que produz no ar huma igual compressão, pôde-se concluir que todas as outras causas quaesquer que fossem, isto he, *impureza ou os taes corpusculos, mudança de temperatura, quilates de mais ou quilates de menos, etc.* estiverão para a outra causa a verdadeira compressibilidade da agoa, na mesma razão, em que a grande compressibilidade do ar menos a pequena compressibilidade da agoa, está para esta dita pequena compressibilidade da agoa. E basta suppormos que a compressibilidade do ar seja sómente 1000 vezes maior do que a da agoa para podermos concluir que n'aquellas experiencias do A. todas as outras causas de real ou apparente augmento de densidade, não contando a pressão ou péso das camadas superiores, estiverão para a verdadeira compressibilidade da agoa como 999 para 1.

2.^o Eu nunca disse que o ar atmosferico ou os outros gazes misturados ou dissolvidos na agoa a fazem mais densa, o que o A. parece attribuir-me; pelo contrario eu disse a este respeito o que o A. repete, que os taes gazes fazem menos densa a agoa em que estão misturados; e esta mesma circumstancia he a que faz parecer mais densa a agoa nas camadas inferiores, nas quaes provavelmente não existe tanta quantidade de ar ou gazes: nem sei, e escuso, dizer isto mais claramente do que o disse nos §§. XXVII., XXVIII., e XXIX. das minhas primeiras Observações, os quaes

parece impossivel que o A. não lêsse, ou não lhes desse attenção, e deixar ver que os não lêo, ou lhes não deo attenção, parecerá não menos extraordinario. Em quanto a ter eu apresentado como hypothèses algumas causas que devem influir na densidade da agoa por hum modo contrário ao referido, isto he, que por effeito d'ellas deve a densidade ser algum tanto menor nas camadas inferiores do que seria sem as referidas causas, pôsto que não geralmente todas as hypothèses como diz o A., he facil de ver que algumas d'ellas servem para explicar parte das anomalias ou irregularidades que se virão nas variedades dos augmentos da densidade da agoa nas experiencias do A.: e isto claramente se acha enunciado no §. XXVI. pelas minhas seguintes palavras, *circunstancia esta assim como algumas das antecedentes, que longe de ter produzido maior augmento apparente de densidade, pelo contrario deve ter produzido diminuição, etc.*

3.º Pelo que toca ao *embrulho* da capa de ar, *affinidade* com os metaes, etc. respondo que julguei gasto superfluo de palavras citar Authores para comprovar factos, que eu só apontei como conjecturas, e factos, além d'esta razão ha tanto tempo publicados que até me pareceo que o A. muitas vezes teria tido occasião de fazer menção d'elles ou para os comprovar, ou para os refutar, ou ao menos para os noticiar: bastará pois dizer, já que a isto me obriga, que na *Encyclopedia Methodica* parte de *Physica* Artigo *Ar*, a pag. 120 se acha que *rarefazendo-se o ar por meio da Máquina Pneumática sobre hum vaso cheio de agoa em que esteja mergulhada huma chapa de metal, apparece esta coberta de pequenas bolhas de ar que lhe estava adherente, e que se vai despegando pouco a pouco.* No mesmo artigo e no da palavra *Adherencia* achão-se outras experiencias d'este genero, taes como *huma agulha de aço, e huma chapa ou folha delgada de metal, sustidas em cima da agoa em virtude do ar de que estão envoltas.* Tambem me parece que haverá poucas pessoas que não tenham visto muitas vezes globulos de ar debaixo de agoa junto ás paredes dos côpos, ou outros vasos, tanques, ou lagos que se conservão com agoa; e não sei como isto tenha escapado aos olhos do A.

Observe-se porém que ainda quando o A. provasse que alguma ou todas as minhas hypothèses erão desacertadas, o mais que faria com isto seria mostrar que tambem eu não sube explicar as causas dos resultados das suas experiencias, mas nem por isto teria respondido ao ponto fundamental das minhas Observações.

4.º Diz o A. que a sua Memoria não contém mais do que as suas experiencias por não querer *theorizar*, etc.: já observei por mais de huma vez que pelo contrario logo no 1.º §. disse que achou em todas as suas experiencias que a agoa he muito compressivel, o

que de facto não provou. O A. foi escasso e omisso não em theorisar, mas sim na conta e explicação das particularidades e circumstancias em que tinha feito as experiencias.

§. XIII. No que o A. chama *resposta á 4.^a parte das Observações* accusa-me de que os modos que lembrei de fazer as experiencias são complicados e de difficil execução. Ainda outra vez faz entender que não sei fazer differença entre *densidade e compressibilidade*, e diz *os corpos extremamente duros sendo, pôde-se dizer, incompressiveis, são huns mais densos, outros menos.* Faz a apologia do principio em que se fundão as suas experiencias. E finalmente depois de dizer que por meio de certo instrumento que indiquei para se medir a compressibilidade da agoa, não se pôde conhecer a sua densidade em diferentes alturas, conclue dizendo que *julga mais util determinar a differente densidade em differentes alturas, do que ainda mesmo a compressibilidade sómente.*

Respondo 1.^o Que não lembrando o A. outros meios com que se possa obter o fim que se obtem com os que eu lembrei, he injusta a accusação. He bom segundo diz *que qualquer projecto seja simples e facil de executar*, certamente; mas toda a simplicidade he tão inutil como o projecto, se d'elle não pôde seguir-se o fim para que se propõe.

2.^o Seria importunação tratar novamente de fazer ver, que sei distinguir compressibilidade e densidade; e que o A. foi quem confusamente usou d'esta expressão, a qual agora com tudo parece querer ensinar-me a entender; mas he superflua a lição, e só poderia ser propria para quem não soubesse que densidade he qualidade essencial de todos os corpos, e compressibilidade he insensivel e quasi nulla em alguns.

3.^o Embora seja muito bom o principio em que fundou o modo de fazer as suas experiencias, faça quantas mais tanto melhor segundo o dito principio ou segundo outros, collija d'ellas qual he a densidade, a compressibilidade, ou o que quizer, em diversas alturas; todas essas experiencias, e em geral toda a especie de experiencias, fazendo-se a declaração de todas as circumstancias ou faltas que haja na sua execução, sempre tem alguma serventia, e quando não tenham outra mais que a de encaminhar a repetillas com melhor direcção, já isso he de grande vantagem.

4.^o Disse eu por acaso que os meios, instrumentos, ou máquinas de que dei idéa para medir a compressibilidade erão tambem para medir a densidade? Não, certamente. Excluiu por ventura o A. do objecto da sua Memoria a compressibilidade? Pelo contrario não foi este o ponto principal de que muito claramente logo no 1.^o §. se propôz tratar? Seria bom conseguir com hum unico aparelho, com hum unica experiencia muitas vantagens diversas, e quantas se possam desejar; mas he isso possivel?

E se he, e o A. conhece hum tal aparelho, queira ter a bondade de o publicar.

Seja-me licito para minha defensão fallar francamente. Ainda que todos os defeitos que o A. acha no que eu disse, na minha *linguagem* pouco *Physica*, nos instrumentos e máquinas que propuz, ainda que todas as suas repetições, novas questões, confusão real ou *apparente* de compressibilidade e densidade, etc. verdadeiramente não nascessem de determinado designio de querer confundir e escurecer qual he a questão de que se trata, certamente tudo isto não está livre de, com justiça, se lhe poder dizer que *parece* ter este unico fim.

Devo concluir estas minhas novas Observações, ou para melhor dizer esta minha defensão, pedindo perdão de ter sido tão extenso; quando para eu ficar perfeitamente justificado bastaria que fossem lidas com attenção a Memoria do A., as minhas primeiras Observações, e a sua resposta; mas como são poucas as pessoas que costumão ler esta especie de escriptos com a paciência necessaria e com os principios competentes para os entender logo de huma ligeira leitura, fui obrigado a escrever estas novas Observações, e a fazellas tão extensas.

ART. VIII.—

Collecção d' Estatutos, Leis, e Alvarás, relativos a Medicina, Cirurgia, etc. remetida por Antonio d' Almeida, Medico de Penafiel.

(Continuada do Num. X. pag. 268.)

DOCUMENTO NUM. 9.º

Concordia d' El-Rei D. João I. com os Prelados do Reino do anno de 1427; Art. 65.

Item, ao que dizem que consente, e trazem em sua casa Judeos Fisicos, e Solorgiões, e lhes dá Cartas que usem dos ditos Officios. A esto responde el Rey, que assi o fazem em Corte de Roma, como elles bem sabem: e o Papa deu dello Letra aos Judeus, da qual mostram aqui o treslado, porque o possão ser, á qual el Rey em muitas outras cousas não quiz dar favor, por o entender ser serviço de Deos, e bem de sua terra.

Impresso em Gabr. Pereira, de Man. Reg.
Tom. 1.º pag. 395, Ed. de Leão.

DOCUMENTO NUM. 1.º

Lei, prohibindo a todo o homem, ou mulher usar de Fyzica sem Carta do Mestre Martinho, Fyzico d' El-Rey, e Sellada com o Sello Real.

Dom Joham pella Graça de Deos Rey de Portugal; e do Algarve a quantos esta Carta virem fazemos saber que a nos he dito que algumas pessoas do nosso Senhorio asy Christaos como Judeos, e Mouros, se trabalham d' huzar de Fyzica nom sabendo tanto dello per que o devam fazer; e que porem perecem muitos, de que se segue mui gram dano, e por quanto esto sempre foi recusado em tempo dos outros Reis que ante nós foram, e nossa merce, e vontade hé que nenhuma pessoa nom uze dello salvo seendo examinado, e aprovado por aquelles que mais sabem pera o poderem fa-

zer como devem; E porem mandamos, e defendemos, que nom seja nenhum tão ousado homem, nem molher, Christaão, nem Mouro, nem Judeu que use nem obre daqui em diante de Fizica no nosso Senhorio ate que primeiramente nom seja examinado e aprovado per Mestre Martinho nosso Fizico, a que desto damos encargo, e que aja nossa Carta asinada per o dito Mestre Martinho, e Seellada do nosso Sello per que use dello, e mandamos a todolos Juizes, e Justicas dos nossos Reinos que esta Carta virem que o fação asy agardar, e logo apregoar per todas as Cidades, Villas, e logares do nosso Senhorio, e façam Registrar esta Carta no Livro da Vereaçom, e como se publica, e apregoa, e se depois do dito pregom, e publicaçom algum acharem que desto husa, sem seendo examinado, e aprovado, e avendo a dita Carta como dito he, que o prendam logo, e o nom soltem sem nosso mandado, e lhi tomem todolos bees que ouver pera nos, unde al nom façades em Testemunho desto lhe mandamos esta nossa Carta em Coimbra vinte e oito dias de Junho. El Rey o mandou Gonçalo Caldeira a fez era de mil quatro centos trinta annos. EL REY.

Livro 1.º das Vereações da Camara do Porto fol. 70.

ART. IX.—

*Real Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas
d'estes Reinos e seus Dominios.*

Hão de prover-se por concurso de 60 dias, que começarão em

3 de Fevereiro: perante o Provedor de Setubal; as Escolas de Primeiras Letras de, Azeitão, Alcacer, Cezimbra, Coia, Alcocheite, Camara-Corrêa, Torrão, Almada.

Perante o Provedor de Santarém; as Escolas de Primeiras Letras de, Santarém, Almostér, Golegã, Lamarosa, Val de Figueira, Pontével, Chamusca, Valada, Erra, S. Pedro d'Arrifana com exercicio em Manique do Intendente, Alcoentre, Mugem, Asentiz, Aveiras de Cima, Virtudes.

Perante o Corregedor da Comarca d'Alemquer; as Escolas de Primeiras Letras de, Alemquer, Villa nova da Rainha, Carnota.

Perante o Corregedor de Ribatéjo; as Escolas de Primeiras Letras de, Alhandra, Alvércia, e Arruda.

3 dito: perante o Commissario da Corte; duas Cadeiras de Grego dos Estabelecimentos de Lisboa, huma de Philosophia em Portofegre, outra de Retórica em Lamego, outra de Latim em

Castello-branco, e as das Primeiras Letras de, *Quéluz*, *S. Quintino*, *Bucélas*, *Póvoa de D. Martinho*, *Milharado*, *Lumiar*, *São João da Talha*, *Santa Iria*, *Marvilla*.

10 dito: perante o Provedor de *Moncôrvo*, as Escólas de Primeiras Letras de, *Val de telhas*, *Abombres*.

15 dito: perante o Corregedor de *Braga*, e Provedor de *Miranda*, a Cadeira de Latim de *Melgaço*.

Perante o Provedor de *Castello-branco*, as Escólas de Primeiras Letras de, *Sobugal*, *Villa velha*, *Penamacôr*, *Atalaia*, *Salvaterra do Extremo*, *Sarzedas*, *Alcains*.

Perante o Provedor de *Lamego*; a Cadeira de Latim de *Freixo d'Espada á Cinta*; e a Escóla de Primeiras Letras de *Valdigem*.

22 dito: perante o Provedor de *Penafiel* a Escóla de Primeiras Letras de *Honra de Meinedo*.

4 de Março: perante o Juiz de Fôra; a Escóla de Primeiras Letras da *Castanhêira-de-Riba-Têjo*.

4 dito: perante o Provedor de *Vianna*; a Escóla de Primeiras Letras d'Entre Homem e Cãvado.

8 dito: perante o Provedor de *Leiria*; as Escólas de Primeiras Letras de *Pombal*, *Alpedriz*, *Aluorninha*, *Attouguia*, *Pederneira*, *Aljubarrota*.

18 dito: perante o Provedor de *Vizeu*, e o Commissario de *Lisboa*; a Cadeira de Latim de *Pinhel*.

Convidando que se publiquem quanto antes semelhantes Concursos, e não se achando concluido ainda, 18 de Março, de Imprensa o presente Num. de Fevereiro, publicámos nelle aquella Relação.

ART. X.—

Estudantes da Universidade de Coimbra.

Todos os annos, desde 1800 para cá, se imprime na Universidade de Coimbra hum Indice Alfabetico dos Estudantes da mesma Universidade: nós apresentamos o seguinte Mappa dos que frequentão no presente anno de 1812 para 1813.

Provincias.	Provedorias.		T.
Além-Têjo.	Béja	{ Em Humanidades . . . 4 — Sciencias Naturaes } 3 — Positivas 8 }	15
	Elvas	{ Em Hum. 1 }	1
	Evora	{ Em Humi. 2 — Scienc. Natur. . . 3 — Positiv. 3 }	8
	Ourique	{ Em Hum. 3 — Scienc. Positiv. . . 1 }	4
	Portalegre	{ Em Hum. 2 — Scienc. Natur. . . 1 — Positiv. 5 }	8
Algarve	Algarve	{ Em Scienc. Positiv. . . 7 }	7
Beira	Aveiro	{ Em Hum. 20 — Scienc. Natur. . . 1 — Positiv. 21 }	42
	Catello-branco	{ Em Hum. 7 — Scienc. Natur. . . 3 — Positiv. 16 }	26
	Coimbra	{ Em Hum. 102 — Scienc. Natur. . . 51 — Positiv. 58 }	211
	Guarda	{ Em Hum. 25 — Scienc. Positiv. . . 33 }	58

Provincias.	Provedorias.	T.
Beira	Lamego	{ Em Hum. 34 — Scienc. Natur. 5 — Positiv. 21 } 60
	Vizeu	{ Em Hum. 46 — Scienc. Natur. 7 — Positiv. 41 } 94
		491
	Leiria	{ Em Hum. 3 — Scienc. Posit. 2 } 5
Extremadura	Lisboa	{ Em Hum. 2 — Scienc. Natur. 6 — Positiv. 10 } 18
	Santarém	{ Em Scienc. Positiv. 11 } 11
	Setubal	{ Em Scienc. Natur. 3 — Positiv. 1 } 4
	Thomár	{ Em Hum. 2 — Scienc. Natur. 3 — Positiv. 5 } 10
	Torres Védras	{ Em Hum. 3 — Scienc. Natur. 5 — Positiv. 3 } 11
		59
Minho	Guimarães	{ Em Hum. 34 — Scienc. Natur. 5 — Positiv. 10 } 49
	Penafiel	{ Em Hum. 7 — Scienc. Natur. 5 — Positiv. 10 } 22
	Porto	{ Em Hum. 8 — Scienc. Natur. 7 — Positiv. 17 } 32
	Vianna	{ Em Hum. 17 — Scienc. Natur. 2 — Positiv. 24 } 43
		1461

Provincias.	Provedorias.	T.
Trás os Montes	Miranda . . { Em Hum. 6 } { — Scienc. Positiv. . . 2 }	8
	Moncorvo . . { Em Hum. 3 } { — Scienc. Positiv. . . 4 }	7
		15
Brazil	Bahia { Em Scienc. Natur. . . 1 } { — Positiv. 2 }	3
	Minas Geraes Em Scienc. Natur. . . 1	1
	Pará Em Scienc. Positiv. . 1	1
	Pernambuco Em Hum. 3	3
	Rio { Em Hum. 1 } { — Scienc. Natur. . . 1 } { — Positiv. 5 }	7
Ilhas		15
	Faial { Em Scienc. Natur. . . 1 } { — Positiv. 1 }	2
	Madeira . . Em Scienc. Positiv. . 1	1
Extremadura Hespanhola . .	S. Miguel . . { Em Scienc. Natur. . . 1 } { — Positiv. 1 }	2
		5
Alcantara . .	{ Em Hum. 2 } { — Scienc. Positiv. . . 1 }	3
		3
Somma total		777

Número d'Estudantes em todos e em cada hum dos Annos das seis Faculdades, e dos Preparatorios, da mesma Universidade de Coimbra no dito anno, que começou em Outubro de 1812, e ha de acabar em Agosto de 1813.

1. ^o Anno	THEOLOGIA.	2. ^o	3
		3. ^o	3
		4. ^o	2

5. ^o —————	9	5. ^o —————	19
6. ^o —————	2	6. ^o —————	1
Somma... 23		Somma... 68	

DIREITO.

1. ^o Anno —————	91
2. ^o —————	58
Somma... 149	

CANONES.

3. ^o Anno —————	15
4. ^o —————	11
5. ^o —————	30
Somma... 56	

LEIS.

3. ^o Anno —————	33
4. ^o —————	28
5. ^o —————	36
6. ^o —————	3
Somma... 100	

Somma total das duas
Faculdades Juridicas.... 305

MEDICINA.

1. ^o Anno —————	11
2. ^o —————	7
3. ^o —————	18
4. ^o —————	12

MATHEMATICA.

1. ^o Anno —————	24
2. ^o —————	13
3. ^o —————	6
4. ^o —————	2

Somma... 45

PHILOSOPHIA.

1. ^o Anno —————	25
2. ^o —————	10
3. ^o —————	8
4. ^o —————	1

Somma... 44

LATIM.

1. ^a Aula —————	18
2. ^a —————	6
3. ^a —————	51

Somma... 75

Grego —————	7
Rétorica —————	149
Philosophia Racional e Mor. 109	

Somma dos Estudantes matriculados nas 6 Faculdades,
e Preparatorios ————— 825
Pelo Mappa antecedente vio-se que elles erão ————— 777
Frequentão ao mesmo tempo differentes Faculdades ————— 48

ART. XI.—

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Catalogo de algumas das Obras impressas na Régia Officina Typographica de Lisboa, e outras, no mez de Fevereiro de 1813.

Caminho do Ceo, ou Meditações sôbre as Maximas eternas, e Sagrados Misterios da Paixão de N. S. Jesus Christo para cada dia do mez: com a prática da Oração Mental, e orações devotas para a Confissão e Communhão: Traduzidas do Italiano, e impressas de mandado do Exm. e Rm. Sr. Bispo do Algarve, com huma sua Pastoral aos seus Diocesanos. Quarta Impressão. Em 12.^o 287 p.

Ode Pindárica ao Illm. e Exm. Sr. Marechal General, Marquez de Wellington, e Torres Vedras, Duque de Cidade-Rodrigo, etc.; por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Em 4.^o 14 p.

Elogio ao Illm. e Exm. Sr. Lord Marquez de Wellington, e Torres Vedras: por D. M. S. Em 4.^o 11 p.

Ao Grande Marquez de Wellington, e de Torres Vedras. Ode Pindárica. Por Joaquim José Pedro Lopes. Em 8.^o 7 p.

Ode Pindárica ao Illm. e Exm. Sr. Marquez de Torres Vedras; composta por Antonio Soares de Azevedo, Bacharel Formado em Canones pela Universidade de Coimbra. Preço 200 rs.

Elogio ao Illm. e Exm. Sr. Marquez de Torres Vedras..... por D. Joanna Margarida Mancia Ribeira da Silva.

Lista Geral do Exército, ou Almanak Militar de Portugal para Janeiro de 1813. Preço 330 rs.

Direcções para a continencia de General, e Marcha em Revista, com duas Estampas. Preço 300 rs.

Testamento, que fez o D. Queixote da Franca antes de partir para a sonhada Conquista da Russia: por José Daniel Rodrigues da Costa. 4.^o 20 pag.

Periódicos de Portugal.

De todos os dias. = Gazeta de Lisboa. — Mercurio Lusitano. — Diário Lisbonense.

Duas vezes por semana. = Telegrapho Portuguez. — Gazeta de Agricultura e Commércio.

Huma vez por semana. = Semanario d'Instrucção e Recreio.

Mensaes. = Jornal de Coimbra. — Theatro Nacional?

LISTA DOS ASSIGNANTES

DO

JORNAL DE COIMBRA,

NO

1.º SEMESTRE DE 1813.

(Continuada do Num. antecedente.)

- Senhor Antonio de Almeida — Medico do Partido da Camara de Penafiel, Socio d'Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- Antonio José Ferreira de Carvalho — Medico do Partido de Castello-branco.
- Antonio José Gomes de Araujo — Vinha da Rainha, Comarca de Coimbra.
- Antonio de Lemos Pereira de Lacerda — Marechal de Campo, Secretario Militar.
- Antonio de Seabra da Mota e Silva — Corregedor da Torre de Moncorvo.
- Bispo de Lamego.
- Carlos Newman — Lisboa.
- Felix Manoel de Mattos Pinto Teixeira — Estudante do 5.º Anno de Medicina da Universidade de Coimbra.

Senhor *Francisco Antonio Duarte da Fonseca Montanha Oliveira e Silva* — Conego Doutral na Sé de Coimbra, Deputado do Santo Officio, Desembargador dos Aggravos na Casa da Supplicação, Lente Jubilado na Cadeira de Prima da Faculdade de Leis, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra.

— *Francisco Antonio Maciel Monteiro* — Desembargador da Relação, e Casa do Porto, Corregedor do Bairro de Alfama.

— *Francisco Clamopim Durand* — Boticario na Cidade do Porto.

— *Francisco Saraiva* — Primeiro Medico do Hospital Militar de Lamego.

— *Francisco Xavier de Almeida Pimenta* — Medico do Hospital Militar de Abrantes, Socio d'Academia Real das Sciencias de Lisboa.

— *Guilherme Newton* — Medico do Partido da Camara da Villa de Pereira.

— *Jeronimo Tavares* — Cirurgião Mór do Hospital Militar de Lamego.

— *João Baptista Antunes* — Medico do Partido da Camara da Villa da Mouta.

— *João Baptista de Barros* — Estudante do 5.^o Anno de Medicina da Universidade de Coimbra.

— *Joaquim de Castro* — Lamego.

— *José do Amaral Castello-branco* — Lamego.

— *José Banasol* — Medico do Partido da Camara, e Primeiro do Hospital Militar da Praça de Elvas.

— *José Bernardino de Sousa Pimenta* — Medico do Hospital Militar de Lamego.

— *José Carlos de Almeida* — Lisboa.

— *José de Macedo Ribeiro* — Lamego.

— *José Maria de Almeida* — Negociante, Coimbra.

— *José Monteiro da Rocha* — Conego Magistral de Leiria, Lente de Prima Jubilado, Decano, e Director perpetuo

da Faculdade de Mathematica, e do Observatorio Astronómico, e Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, Socio, e Director da Classe das Sciencias Exactas, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Mestre do Serenissimo Principe da Beira, e Senhores Infantes.

Laboratorio Chymico da Casa da Moeda de Lisboa.

— *Senhor Luiz Bernardo Pinto de Mendonça e Figueiredo* — Desembargador, Ceia.

— *Luiz Manoel de Evora Macedo* — Juiz de Fora da Cidade de Evora.

— *Manoel de Brito Mosinho* — Brigadeiro, Ajudante General do Exercito.

— *Manoel Gomes Cerveira Valente* — Desembargador da Relação e Casa do Porto, Corregedor de Santarem.

— *Manoel Jacintho Nogueira da Gama* — Coronel do Real Corpo dos Engenheiros, Escrivão da Thesouraria Mór do Real Erario, e da Directoria Geral dos Diamantes do Rio de Janeiro, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

— *Manoel Pacheco de Rezende* — Conego Magistral na Sé de Evora, Deputado do Santo Officio, Lente mais antiga na Faculdade de Theologia, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra.

— *Marechal Beresford* — Marquez de Campo maior, Conselheiro de Guerra, Commandante em Chefe do Exercito Portuguez.

— *Matheus Corrêa Barbosa* — Cirurgião do Hospital Militar de Chaves.

— *Miguel Osorio Cabral* — Coronel do Exercito.

Real Mosteiro dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra.

Senhor Nuno Infante de Sequeira Corrêa da Silva de Carvalho — Tenente Coronel de Cavallaria, Governador da Praça de Cezimbra.

Senhor *Paulo de Moraes Leite Velho* — Medico do Hospital Militar de Chaves.

— *Pedro José Gonçalves* — Coadjutor da Freguezia de Nossa Senhora da Encarnação de Lisboa.

— *Pedro de Mendonça e Moura* — Vice-Almirante, do Conselho do Almirantado.

— *Pedro Rodrigues Lima* — Negociante de Vianna do Minho.

— *Principal Castro* — Commissario Geral da Bulla da S. Cruzada, Socio d'Academla Real das Sciencias de Lisboa.

— *Provisor do Bispado de Lamego.*

Quartel General Britanico.

Senhor *Rafael Mendes do Valle* — Medico do Partido da Camara de Cezimbra.

— *Ricardo José da Cunha* — Lisboa.

— *Rodrigo Cardoso* — Medico na Cidade de Lamego.

— *Romão José Nunes* — Medico do Hospital Real de S. José de Lisboa.

— *Sebastião Archanjo Paes* — Medico do Partido da Camara de Alemquer.

Secretaria do Ministro de Sua Magestade Britanica.

Seminario Episcopal de Coimbra.

Senhor *Serafim José de Castilho* — Doutor na Faculdade de Theologia, Prior Arcipreste de Arazede, e no Bispado de Coimbra.

— *Thomé Rodrigues Sobral* — Lente de Chymica na Universidade de Coimbra, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

— *Valentim Sedano Bento de Mella* — Medico do Hospital Real da Villa das Caldas da Rainha.

Universidade de Coimbra.

(Continuar-se-ha.)

JORNAL DE COIMBRA.

MARÇO DE 1813.

Num. XV.

*Sequimur probabilia..... et refellere sine pertinacia, et refelli
sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

Conclusão das Contas mensaes dos Medicos e Cirurgiões,
começadas no nosso Num. antecedente; promettidas na
pag. 189.

ART. I.—

Extracto da Memória de Luiz Antonio Travassos,

Medico da Camara da Villa da Vacariça e annexas.

12 de Janeiro de 1813.

TEm este territorio sua origem pelo Nascente na eminencia
do Bussaco, célebre pelo memoravel Combate de 1810, e res-
peitavel pela Santidade d'aquelle Deserto; em cujo interior,
e no centro de hum antigo, espesso, e extenso bosque cercado de
hum alto muro habitão os exemplares Cenobitas da Ordem dos Car-
melitas delcalços, em huma actual, edificante, e rigorosa disciplina:

aonde também se vêm, além d'outras maravilhas, huma grande parte dos Misterios da nossa Sancta Religião representados muito ao natural: esta eminencia continúa extensamente para o Norte, Nascente, e Sul, com huma cadêa de outras hum pouco inferiores: os seus cumes, parte do inverno, conservão gélo, que os raios do Sol não são capazes de derreter totalmente.

De vários pontos da dita eminencia, e principalmente da sua raiz, brotão fontes d'agoa, que junta fórma como hum rio, que vem banhar as planicies intercortadas por pequenos montes, que se continuão á dita eminencia para o Poente, fazendo n'este tránsito mover muitos moinhos, e lagares de azeite; na raiz da dita eminencia brôta em pequena distancia huma grande fonte d'agoa fria, outra relativamente muito mais pequena, constantemente fresca, medicinal em fórma de banho: da raiz das eminencias visinhas, e por todo o território nasce infinidade de pequenas fontes d'agoa pura (termo vulgar, não Chymico) e cristalina (á excepção de hum pequeno contórno, em que apparecem algumas de impura, grossa, e salôbra) o que faz o paiz delicioso no verão pela frescura e verdura das planicies, e muitos outeiros, que são regados com as ditas agoas, todas correntes, sem formar charcos, á excepção de pequenas vallas, e poucos lugares pantanosos, em que, por negligencia dos donos ou do povo, se demorão, e chegam a adquirir alguma corrupção.

O terreno abunda principalmente de terras areosa e calcarea; também nas ribeiras ha bastante terra humosa, e ainda mais do que esta se encontra a argilla de ordinario em mistura com as antecedentes, principalmente com a calcarea: abunda de pedra muito própria para edificios, quasi toda da natureza calcarea.

Estende-se o território, como disse, do Bussaco para o Poente, e se comprehende, com pouco erro, dentro de hum círculo, cujos diametros são de duas legoas d'extensão; o seu centro sendo o lugar da Mealhada, trez legoas ao Norte de Coimbra, e huma das maiores Povoações do districto, pela qual atravessa a estrada, que conduz ás Cidades principaes, Lisboa, Coimbra, Porto, etc.; por isso assiduamente frequentada por passageiros; sendo igualmente estrada militar para as ditas Cidades, e Praça d'Almeida; dando por isso repetida e frequente passagem ás Tropas das trez Nações Alliadas, suas bagagens, etc. tendo também supportado o peso da invasão do Exercito de Massena em 1810.

O Oceano lhe fica pelo Occidente em distancia de cinco a seis legoas.

Este Terreno he bastante povoado; todo admite cultura e com effeito a maior parte está cultivado: não ha lugar aonde não vegetem plantas d'alguma especie: a sua principal cultura he vinho (que he excellente), azeite (que he bom, e podia ser me-

lhor, se tão mal se não fizesse a sua colheita e fabrico), milho, trigo, centeio, feijões, e mais legumes, menos cevada e batatas, e muito menos arrôz. Ha immensa variedade de frutas, como figo, pera, maçã, laranja, etc. mas podia haver muito mais: também se cultivão, e produzem bem hortaliças; melão, melancia, pepino, tomate, cebola, alho, e outros condimentos, e de tudo huma prodigiosa variedade: ha optimo mel; ha muitos arbustos silvestres, e arvores, principalmente pinheiros, carvalhos, sobreiros, etc. Entre as plantas silvestres e incultas ha huma grande quantidade das medicinaes; ha com effeito n'este territorio com que satisfazer talvez a todas as indicações médicas: ha muitos amargos, adstringentes, aromaticos, diluentes, emollientes, resolventes, peitoraes, expectorantes, purgantes, diureticos, sudorificos, etc. etc. Ha muito pouco gado, agora principalmente depois da invasão dos Francezes; mesmo antes podia e devia haver mais.

As estações succedem-se na ordem regular, com tudo sempre em qualquer d'ellas ha alguma irregularidade, com effeito sempre no inverno, principalmente no mez de Fevereiro, vem alguns dias d' excessiva calma: no verão ha muitos dias de bastante frio; nas estações intermedias ainda são mais frequentes as alternativas de frio e calor; de fôrma que a temperatura accommodada, ou o calor temperado, que he proprio, e constitue estas estações, he de muito pouca duração: occupando as estações do inverno e verão quasi todo o anno; sendo o primeiro ainda mais extenso que o segundo.

O vento mais constante he o Norte; he frio e secco; também muitas vezes sópra o do Nascente, que vulgarmente chamão soão, de ordinario com hum ímpeto insupportavel; traz sempre a seccura, no inverno grande frio, no verão excessivo calor. Os ventos do Sul e Poente também sóprão muitas vezes em todas as estações, excepto o verão, em que são raros, e só por occasião de alguma trovoadá, trazem consigo chuva, tempo humido e quente. Ha bastante chuva no inverno, e ainda na Primavera e Outono; no estio porém só por occasião de alguma trovoadá; mas geralmente em todo o anno predomina a seccura e o frio. Poucas trovoadas se formão; mas aqui são attrahidas das differentes partes, principalmente do Sul e do Poente pelas elevadas e pontagudas eminencias do Eussaco, e visinhas, d'onde vem a este territorio a communicação do fluido eléctrico pelas chuvas, saraiva, e immensos raios, o que he humas vezes util, outras nocivo á vegetação.

Quanto á salubridade, he constantemente o inverno mais sadio, o verão pelo contrario; as estações intermedias occupão também n'esta relação o meio termo; o Outono com tudo he mais doentio que a Primavera. Em todo o tempo predominão molestias

de debilidade, de verão as da indirecta, nas mais estações as da directa: com tudo também em todas ellas apparecem d'ambos os generos; assim como as de vigor ou inflammatorias; o que especialmente succede no inverno e Primavera; para os velhos, e cachéticos; assim como para a maior parte das molestias chronicas; são pessimas as duas estações outono e inverno.

O alimento, que se pôde dizer mais geral, dos habitantes, he pão de milho; chamado vulgarmente *boroa*; feijões, couves, nabos, cebolas, sardinha, bacalhao, azeite, carne de porco, frutas.

A camiza he ordinariamente de pano de linho; o vestido, pela maior parte de lã; a cabeça coberta com chapéo; as mulheres, além d'isso, também usão de lenço de linho ou algodão, grande parte descalças. A maior parte, ou quasi todos trazem, d'inverno, sapatos; e mais geralmente tamancos; reduz-se a pequeno número o d'aquelles, que vestem e calção completamente.

O exercicio dos homens he cultivar a terra; os que preparão os instrumentos para a cultura, e se occupão em officios mechanicos, são poucos, e d'estes mesmos a maior parte se entrega também á cultura das terras. He pequeno o número dos Ecclesiasticos, Empregados Civis ou Militares: as mulheres occupão-se, pela maior parte, em criar os filhos, fiar, cozinhar; trabalham na colheita dos frutos; em algumas partes também sachão os milhos, e os regão; este costume se vai estendendo mais por este territorio: em alguns lugares já vão cavando as vinhas.

Quanto ao caracter physico, são os homens de mediana estatura, bem conformados, e proporcionaes em todas as suas partes: as feições do rosto são agradaveis, seu sólido firme, cor trigueira: nas mulheres ha os mesmos caracteres com a modificação, que a natureza do sexo naturalmente induz relativamente á robustez do sólido, e menos exercicio.

N'este territorio (que eu conheça) não ha molestias de constituição hereditaria mais que a Elephantias, e a Tisica pulmonar, e alguns Herpes ou Impigens; qualquer d'estas em muito pequeno número de familias; e n'estas mesmas não se desenvolvendo a ponto de se chamar doença em muitas pessoas.

Pôde dizer-se, que n'este territorio não ha enfermidades endémicas; por quanto as febres intermitentes, molestia, que mais frequentemente grassa, não merecem aquella denominação; porque ou apparecem epidémicas, como em todo este anno passado, e esta epidemia he muito geral, ou são esporadicas, e filhas de causas accidentaes: e finalmente em muitas occasiões se me tem asseverado, que em outras partes reinão febres intermitentes, não apparecendo n'este territorio senão muito poucas: menos a merecem as mais enfermidades: ha com effeito muita febre contínua nervosa ou Típho, que de ordinario grassa epidemicamente, e so

multiplica pelo contágio: ha muitas affecções catarrhosas, bastantes hydropesias de todas as especies; rheumatismos, principalmente chronicos, diarrhéas, dysenterias; erisipelas, flegmões, furunculos; tambem apparecem carbunculos; ha epilepsias, hemiplebias; tambem tenho visto a apoplexia; o tétano e opostotoño, o *trismus maxillae*, a convulsão universal continua: ha peripneumonias, anginas, ophthalmias, otites: apparecem febres eruptivas, como bexigas, e sarampão, escarlatina, e a multiforme miliar; muitas e inclassificaveis cutâneas apyréticas; ha muita affecção psórica e verminosa, e muitas outras molestias, que por brevidade omitto, e de que mais circunstanciadamente poderei fazer menção nas Relações seguintes.

ART. II.—

Recopilação das Contas dos Facultativos

mentionados pag. 167.

A maior parte d'estas Contas refere-se ainda a observações feitas no mez de Dezembro passado; algumas porém dizem respeito a Janeiro de 1813. As epidemias de que fazem menção mais ou menos circunstanciadamente são: de febres intermitentes, typhos, catharros, peripneumonias, pleurizes, rheumatismos, dysenterias, diarrhéas, bexigas, sarampão, escarlatinas. Forão frequentes em alguns Hospitaes Militares as gangrenas por frio. Finalmente são apontadas n'estas Contas algumas molestias esporádicas, das quaes se referirá o que fór mais notavel, não se omittingo nos lugares mais accommodados o que houver de topographia, e algumas notas sobre Expostos, ou sobre algum ponto de policia médica civil, ou militar.

Febres intermitentes.

Esta epidemia foi tão universal, que em todas as Contas se faz menção d'ella, apesar da diversidade das circunstancias topographicas: porém já em Dezembro, e mais em Janeiro, esta epidemia começava a diminuir.

Sobre as causas cada hum dos Medicos parece dar mais peso áquellas, que erão mais óbvias no seu paiz, e que, confrontando-as com a natureza da molestia, se fazião mais provaveis, até por ter diminuido a epidemia quando ellas tambem ou cessarão ou minorarão.

Nas terras invadidas pelo inimigo em 1810 e 1811, cujos Póvos, depois de abandonarem suas casas e bens, privados das commodidades da vida, e até da subsistencia necessaria, soffrêrão as molestias epidémicas d'aquella época, e por último, voltando a seus lares, encontráráo só as ruínas, e os effeitos da mais terrivel devastação, males que apóz si trouxerão huma colheita menor, e falta de gados, no anno de 1812; n'estas terras, digo, alguns Medicos dão estas causas, como bastantes para produzirem hum estado de debilidade em toda a constituição, e d'ahi tirão a origem das muitas febres intermitentes, e suas frequentes recaídas. O Medico de Ancião, *Francisco José Mendes Lima*, e o de Porto de Móz *Aniceto Manoel Lopes Salgueiro* são d'esta opinião; allegando aquelle mais huma próva deduzida não só da diminuição da epidemia desde que n'estes ultimos tempos ha mais carne, vinho, etc. mas tambem da continuação d'ella entre a gente pobre, que pelas suas circumstancias não tem ainda podido gosar d'esta qualidade de alimento.

Outros Medicos recorrem á constituição atmosphérica, como causa mais geral, e a que estavam expostas aquellas mesmas povoações, em que não se derão as causas acima apontadas, e onde com tudo grassáráo tambem as intermitentes. A opinião do Medico da Figueira, *João da Silva Soares de Menezes*, he expressa da maneira seguinte: "Esta epidemia teve o seu começo, ou antes renovação, pelo meado da primavera: digo renovação, porque já no outono de 1811 tinha havido muitas sezões, que cessáráo durante o inverno, e primavera seguintes: depois esta renovação foi mais geral e mais activa. Tem-me parecido ser causa d'ella hum estio summamente secco e quente, depois de hum inverno e primavera excessivamente frio; porque bastava qualquer sol, qualquer falta de cautella com o suor, ainda n'aquellas pessoas mais acostumadas ás intemperanças da atmosphera, para apparecerem, ou para repetirem as sezões nos individuos, que as tinham já padecido. Pensei depois que, abatendo os grandes calores do estio, diminuiria esta epidemia; mas como se seguiu hum outono por extremo quente e humido recresceo novamente esta. O inverno tem começado tempestuoso, chuvoso e muito frio; e só desde então he que ella entrou a desaparecer, e agora em Janeiro pôde reputar-se extincta. D'onde presumo que a epidemia de intermitentes, que tem grassado n'esta Villa, suas visinhanças, e talvez em toda a Comarca, ou pôde ser em toda a Provincia (segundo as informações que tenho tido) se acha reduzida, ou como supitada no presente inverno, da mesma fôrma que o esteve no inverno passado: e pôde prognosticar-se que, se o fim da primavera seguinte fôr caloroso, da mesma fôrma que o foi no anno passado, tornarão a apparecer sem dúvida as sezões. Tenho apontado este termo da epidemia das sezões no começo do presente inverno, ou mez de De-

zembro de 1812, em que principiárão as nossas observações clinicas obrigatorias; tanto pela relação, que tem com outro semelhante termo da mesma epidemia no começo do inverno passado, para corroborar o meu juizo sobre a causa d'ella; como porque, tendo sido tão geraes as sezões por estes districtos ha tantos tempos, poderia ser olhada por alguns como endémica na Figueira, quando a prática de 12 annos me tem mostrado ser huma das terras mais sãs do nosso Reino. „

O Medico da Villa de Cezimbra Rafael Mendes do Valle, attribuindo tambem á estação a causa da epidemia de febres intermitentes, diz o seguinte: "Grande parte da primavera antecedente e quasi todo o estio foi secco: durante estes tempos as doenças forão poucas, e tambem de pouca consideração: sobrevierão dias continuados muito nebulosos, muito humidos, e até mesmo frios; esta mudança repentina produziu, em quanto a mim, as febres accessoriaes, que aqui tem grassado em numero, simples terçãs, e algumas remittentes; porém não acompanhadas de symptomas graves, e facéis em ceder depois do emético, e do uso da quina, e suas preparações. „

Segundo o que se acaba de referir, he de notar que a epidemia de febres intermitentes começou em Cezimbra muito mais tarde do que na maior parte das outras terras, inclusivamente aquellas, que, como a Figueira, se lhe assemelhão em algumas circumstancias topographicas; não parecendo tambem ser causa provavel d'este accoentimento a constituição do Povo de Cezimbra, em que pelo contrario ha muita predisposição para molestias de debilidade, como o declara o Cirurgião d'esta Villa, José Tiburcio d'Almeida, o qual começa a sua Conta com a seguinte breve descripção: "Cezimbra he situada á borda d'agua sobre a costa do mar: a maior parte dos seus habitantes são pescadores; sua propagação numerosa; muito pobres; sua constituição frouxa, a maior parte do sustento quotidiano he peixe, e este o de peor qualidade, como toda a qualidade de peixe de pelle, fresco, secco, e salgado. As casas, em que vivem, pequenas para numerosas familias: a maior parte das ditas casas são immundas por falta de acção, fétidas por causa dos cheiros das diversas qualidades de tintas das rêdes, e differentes especies de peixes secos e salgados, que costumão guardar. Estas são as causas provaveis de ser a maior parte dos habitantes atacados de escorbuto, rebeldes molestias cutâneas, e de tenderem todas as mais doenças para debilidade e frouxidão. „

Sobre os symptomas e marcha d'estas febres intermitentes pouco houve fóra do ordinario.

A este respeito diz o Medico Soares da Villa da Figueira: "O que teve de singular esta epidemia de sezões, foi a facilidade com que cedião a poucas doses de quina, ou de hum diffusivo tomado proximo ao paroxysmo, e tambem a facilidade com que repetião,

debaixo do mesmo ou diverso typo, passada a primeira lunção. Eu tive particular occasião de fazer estas observações, além dos outros, em mim proprio, e em quasi todos os individuos, ainda mesmo na presença do uso da quina, por qualquer erro imperceptivel de alguma das 6 cousas não naturaes.,,

Tendo sido de ordinario benignas estas intermittentes, tem cedido com facilidade ao tratamento conhecido.

Diz o Medico Lima, de Ancião: "*O tratamento, que experimentava aproveitar mais, era passar logo ao uso dos tónicos combinados com os estimulantes; ás vezes usava dos emeticos, ou purgantes, havendo urgencias consideraveis; mas pelo ordinario pouco effeito via do seu uso, só sim no outono, pois a debilidade das primeiras vias fazia hum apparatus vicioso.,* A este mesmo respeito a opinião do Medico de Buarcos, Francisco Antonio Jordão he a seguinte: "*Em todas as intermittentes, que tratei, que não forão poucas e de differentes especies, sômente a trez doentes prescrevi emeticos por apparecerem signaes decisivos de engorrigação de primeiras vias: em todos os mais o laudano liquido de Sydenham, dado nas horas proximas ao accesso de quarto a quarto de hora em qualquer agoa aromatica, e hum papel de quina de hora em hora, produzião prompto effeito: d'esta maneira jámais vi apparecer os accessos.*

O Medico Soares da Villa da Figueira he da mesma opinião sobre o uso dos evacuates.

Intermittentes perniciosas.

Forão poucas as terras, onde apparecêrão estas febres; em Ancião porém forão mais frequentes, como refere o Medico Lima: diz este Professor: "*Tem apparecido muitas perniciosas, atacando a cabeça logo ao segundo paroxysmo, e fazendo chegar o doente a hum estado soporoso absoluto... e no caso de não serem soccorridos immediatamente, os doentes morrião ao terceiro paroxysmo. Achei muitas das mencionadas intermittentes com varios symptomas, que apparecião no acto do paroxysmo, já hum a dor activa sobre o estomago formando huma cardialgia symptomatica, já hum grande pontada do thorax formando hum pleuriz symptomatico; igualmente encontrei algumas ictericas, que acompanhavão symptomaticamente as ditas febres, e que se desvanecião, curadas estas.,,*

Em quanto ao tratamento o referido Medico lançava mão promptamente dos maiores estímulos permanentes e diffusivos, para uso interno, e externo: e tirava a mais prompta vantagem dos rubefacientes applicados sobre o sítio das dores symptomaticas; e dos vesicatorios sobre a nuca, e extremidades inferiores, nas inter-

mittentes soporosas. D'entre os muitos casos, que observou refere o seguinte: — Hum doente de constituição robusta, e idade florente, depois de ter soffrido hum typho grave, ficou varios tempos abatido e frouxo, até que sendo atacado de intermitente perniciosa, logo ao segundo paroxysmo ficou com a cabeça perturbadissima, não arranjando idéas algumas sem muito grande difficuldade; trémulo; com a maxilla inferior cahida; a lingua trémula e sem força para sahir fóra da bôca; os braços e pernas convulsos; e muito abatimento. Ao terceiro paroxysmo cahio em hum perfeito estado comatoso. Injectarão-se-lhe logo varios clysteres preparados com estimulantes, como macella, pyrétro, tabaco de fumo, assafetida, etc. fizeram-se fricções ao dorso, e sôbre a região do estomago, e do coração, com algumas tincturas estimulantes; irritando-se tambem a membrana pituitaria com o espirito de sal ammoniaco, e tinctura d'eufórbio: introduzirão-se á força pela bôca algumas colheres de tinctura de valeriana volatil, julepo moschado, e espirito de canella: e pozerão-se causticos sôbre a nuca, e extremidades inferiores; e sinapismos volantes. Com estes remedios o doente acordou do lethargo, e appareceu hum copioso suor geral quente. Começarão então a applicar-se os quinados internamente e em clysteres, ajuntando-se ás preparações liquidas a quina em substancia. Com estes meios se evitou novo paroxysmo: o doente achou-se melhor, ficando-lhe porém debilidade, huma febrícula, e enfarte no baço e parte do figado; o que tudo com a quina, canella, e ferro, e algum remedio externo apropriado, acompanhado de huma dieta e regimen refocillante, restabeleceu perfeitamente o doente. — As intermittentes, em que havia ictericia symptomatica, cedião ao uso do emetico, e depois quina com alguns saes neutros.

Na Villa da Figueira observou-se huma unica febre intermitente perniciosa. O doente era hum pescador, de 34 annos, summamente magro, e de constituição debil. Esta febre veio depois do segundo accesso, e matou o doente dentro de 20 minutos depois do começo do frio.

Typhos.

No mez de Janeiro grassarão alguns typhos, porém mais em doentes militares; pois nas Contas destes Hospitaes he que se faz menção d'esta molestia, e particularmente nas de Almeida, Lamago, Vianna do Minho, e Elvas. O Primeiro Medico deste ultimo Hospital formalisa as suas Contas de 15 de Dezembro a 15 de Janeiro, e de 15 deste a 15 de Fevereiro. Seria bom que as Contas fossem do que aconteceu desde o 1.º até ao ultimo dia de

cada mês, e que se explicasse o que s'entende por *número medio das molestias*, que se lê em ambas aquellas Contas.

As causas, a que são attribuidos estes typhos, forão o excessivo frio e humidade, marchas violentas, e privações, que a tropa soffreu nas ultimas operações: e por isso nos Hospitaes das Fronteiras, onde primeiro se recolhêrão os doentes, he que apparecerão mais estas doenças. No de Vianna do Minho era outra a classe dos doentes, erão recrutas; estas porém padecerão não só pelo rigor da estação nas marchas até ao Deposito, mas também pela mudança no genero de vida, saudades do seu lugar natalicio, etc.

Não se mencionão particularidades relativamente aos symptomas, marcha e tratamento dos typhos. Elles forão ou simples, mais ou menos graves, ou complicados com catarrhos como accoteco em Vianna do Minho, ou com diarrhéas como se observou em Lamego, e Almeida, e algum com ictericia. O tratamento consistio no uso dos estimulos permanentes e diffusivos, variando estes, e addicionando o mais que convinha nos casos complicados. Na complicação do typho com diarrhéa os Facultativos do Hospital Militar de Lamego acharão mui proveitosos os ditos remedios, particularmente o opio, e os largos rubefacientes, e fricções estimulantes sôbre o ventre.

Gangrenas.

A circumstancia mais notavel n'esta epidemia de typhos foi a terminação de muitos em gangrenas das extremidades inferiores, como referem os Medicos Militares de Almeida, que assim se explicão: "*Todas aquellas febres, que vierão a desenvolver-se como typhos, tem terminado quasi sempre pela gangrena das extremidades inferiores; sendo as causas ordinarias d'estas terminações, assim como da desenvolução das mesmas febres, não só o estado de abatimento a que os doentes estavam reduzidos pelas causas acima apontadas, mas muito mais pelo excessivo grão de frio; a que tem sido expostos, principalmente em hum paiz, em que o grão de frio n'esta estação he activissimo: estas mesmas causas tem concorrido para que alguns dos feridos tenham passado ao estado gangrenoso.*"

Os Facultativos do Hospital Militar de Lamego participão que ali se apresentarão muitos doentes com gangrenas sêccas por causa do frio, e, apesar de não ser declarado, he provavel que esta molestia em muitos fosse terminação de typhos, como se observou em Almeida, visto que os doentes erão da mesma classe, e tinham-se exposto ás mesmas causas. Os Medicos de Lamego pozêrão em practica o methodo de Pott (*), obtiverão o effeito dese-

(*) O methodo de Pott na cura das gangrenas em geral he o

jado: fazem porém a seguinte observação: "*Como n'este mez de Janeiro apparecêrão muitos doentes com gangrenas sêccas, sem que se podesse decidir se erão críticas, por virem os doentes no deploravel estado de não poderem mesmo articular palavra, he de notar*

mesmo seguido pelos outros Prácticos, isto he, o uso da quina, e dos diversos diffusivos applicados interna e externamente. Ha porém huma especie particular de gangrena sêcca, que se distingue de todas as outras, e que exige hum tratamento proprio, pois resiste aos remedios acima ditos. Pott foi talvez o primeiro que particularizou esta gangrena, e declarou o methodo therapeutico, que, segundo a sua observação, lhe era mais conveniente. Este methodo consistia em repetidas doses de opio, dando-se 3 ou 4 grãos d'este remedio em cada 24 horas, usando-se dos clysteres necesarios para conservar a liberdade do ventre, e applicando-se externamente sobre a parte gangrenada cataplasmas e fomentos oleosos, e mucilaginosos, v. g. de leite. Pott conhecia bem que este tratamento era bem diverso do adoptado geralmente nas gangrenas; porém o máo resultado que sempre observou depois do uso da quina, e diversos outros estimulantes, n'esta especie particular, e o feliz exito que vio seguir-se ao seu novo methodo, o obrigou a inculcallo, como o proprio para esta especie. Callisen no seu *Systema Chirurgiae hodiernae* — faz menção d'esta particular gangrena, e no Vol. I. d'este Jornal foi referido hum d'estes casos. He porém de notar que segundo se collige de Pott e Callisen esta gangrena não he muito vulgar, e, segundo Pott, he mui diversa da que costuma produzir o frio sendo intenso: e por tanto, ainda que não seja impossivel, he todavia para admirar que occorressem ao mesmo tempo no Hospital de Lamego tantos dos referidos casos da especie de Pott, como se conclue lendo-se que o methodo d'este Práctico fôra o geralmente ali adoptado; quando aliás attendendo-se ao grande frio, a que aquelles doentes se expozêrão, era muito provavel que as gangrenas sêccas fossem d'aquella especie que costuma produzir o frio. Com tudo o perfeito conhecimento, que os Facultativos d'aquelle Hospital mostram ter da opinião e methodo de Pott, nos faz persuadir de que a moléstia fôra exactamente classificada; e só he para desejar que aquelles Facultativos, visto que tiverão occasião de observar hum numero de casos maior do que ordinariamente occorre, communicuem algumas particularidades d'esta especie de gangrena, pelas quaes se possa melhor vir no conhecimento das suas causas remotas e proxima, sobre o que Pott não dá idéas muito claras e precisas. Observando e discordando os Prácticos, illustrando-se huns com as observações dos outros, eis-aqui o modo porque a Medicina tem formado e verificado os seus preceitos, e regras. (Redactores.)

que todas aquellas gangrenas que se julgáram criticas, não obstante terem o character de verdadeiras gangrenas secas não foram tratadas pelo methodo de Pott em todo o rigor, pois que cedião com muita facilidade ao uso interno da quina com o opio, e ao uso externo dos estimulantes, com especialidade das infusões das plantas aromaticas combinadas com a camphora.,,

No Hospital Militar de Chaves houve hum caso de gangrena secça, observada pelo Primeiro Médico, Fr. Antonio de S. Fructuoso, o qual remetteo a seguinte historia:

Luiz Miguel, Soldado do Regimento de Cavallaria Num. 12, Companhia 5.^a, depois de soffrer muita fadiga, e muito frio nas marchas, que fez a pé na retirada do Exercito, chegou a Moncorvo sem outra molestia, que dores nos pés, e estes hum pouco inchados: no dia em que a sua Brigada partio para Mirandella, veio elle dormir a S. Paio; e em todo este dia soffreo hum frio intensissimo nos pés, por cujo motivo, logo que chegou, se pôz ao lume, aonde esteve por bastante tempo, e d'onde não pôde já retirar-se, nem tão pouco ter-se mais em pé: demorou-se aqui mais alguns dias por falta de cavalgadura, que o transportasse a Mirandella, para onde foi conduzido, e aqui entrou no Hospital da Brigada, aonde não sei o que lhe applicarão, nem o tempo que esteve.

Ao 11 de Janeiro foi conduzido este doente ao Hospital Militar de Chaves, aonde entrou com os symptomas seguintes: ambos os pés quasi secos, com huma côr roxa denegrida; a pelle quasi toda despegada e muito secça, sem calor, nem sensibilidade alguma: de ambas as pernas nos maleolos havia hum círculo perfeito, que denotava claramente que a gangrena se tinha fixado n'aquelle ponto, e que a natureza queria separar n'aquelle parte o vivo do morto por meio da suppuração; o pulso subia acima de 130 pulsações por minuto; intermittia muitas vezes, e apenas se percebia por pequeno: o seu aspecto era cadaverico; despido que foi, mettêrão-o na cama, e n'este dia e noute fizeram-se-lhe algumas fricções com huma escova em todo o corpo, e deu-se-lhe de duas em duas horas hum caldo, e pequenas porções de vinho, por toda a noute.

No dia 12 o pulso tinha tomado vigor, mas estava ainda muito ligeiro; o doente estava muito mais animado, e então examináram-se os pés com toda a miudeza e cuidado, e se observou estarem no estado dito. Debalde se procurou encontrar n'elles alguma sensibilidade por meio das escarificações profundas; e mais debalde foi querer fazer reviver n'estas partes a vitalidade perdida por espaço de 20 dias, com cosimentos das plantas amargas animadas de muita camphora, e tinturas espirituosas, e internamente com bastante quina em substancia; estas partes estavam perfeitamente mortas. Nos dias 30 e 31 do mesmo mez a natureza fez o

seu dever separando o vivo do morto pela articulação da Tibia com o Astragalo em ambos os membros, sem ser preciso que a arte fizesse mais do que cortar os tendões dos musculos tibial anterior, e dos extensores longos dos dedos dos pés.

Alguns exemplos temos visto, e presentemente ha hum Soldado n'este Hospital, camarada e companheiro nos trabalhos d'este desgraçado, a quem, pela mesma causa tem cahido as ultimas phalanges de alguns dedos dos pés, mas não temos noticia de que no nosso paiz haja hum exemplo de que esta especie de gangrena tenha feito estragos tamanhos, ainda em invernos os mais rigorosos.

Phlegmasias.

Depois que a atmosphera tem sido mais fria, a epidemia das febres intermitentes tem sido substituida pelas phlegmasias: catarrhos, anginas, peripneumonias, pleurizes, hepatites, reumatismos, etc. Esta epidemia tem sido a mais universal desde o meado de Dezembro, e em todo o Janeiro; e faz-se menção d'ella em quasi todas as Contas, a que pertence esta recopilação.

O Primeiro Médico do Hospital Militar de Chaves faz a seguinte descripção dos catharos que ali grassarão em Dezembro: "De 130 doentes, que entrarão n'este Hospital no mez de Dezembro passado, exceptuando poucos sarnosos, alguns ulcerados, venereos, e com intermitentes, o resto, e com especialidade os pertencentes á primeira Linha, apparecião todos com symptomas catarrhosos. Todos febris; o pulso frequente, pequeno, e hum pouco duro, e na maior parte pequenos accessos pela tarde; tosse sêcca, dores, ou antes ardor, e sensação de calor em toda a região thoracica, e difficuldade na inspiração. As faces com hum cor rubro-rôxa, os olhos scintillantes e lacrimosos, espirros, e dores por todo o corpo maiormente extremidades. Appetite não faltava em todos, nem havia apparatus de primeiras vias: os symptomas geraes diversificando só em gráo. Segundo elles confessavão, a pouca limpeza a todo o corpo por falta de roupas para as mudarem, quando se molhavam, más camas, frios, e todos os mais incommodos inseparaveis dos Soldados em Campanha activa, recaindo já sobre sujeitos fatigados, mal vestidos, e algumas vezes com privações do necessario alimento, forão as causas remotas, que motivarão a falta de transpiração, e promoverão o catarrho, o que a experiencia confirmou; pois que, exceptuando hum a quem julguei conveniente duas sangrias, todos os mais vão muito bem simplesmente com o agasalho, limpeza, bebidas aquozas quentes, e sem outro remedio mais do que ás 9 horas da noite 18 grãos de pôs de Doyer em hum copo de agoa quente."

Os catarrhos, segundo o gráo de força das causas excitantes e predisponentes; as partes da membrana mucosa, que affecta-vão, assim erão ou simples defluxos sem ou com alguma febre; ou peripneumonias nothas. As causas forão transpiração cutânea diminuída; e o tratamento mucilaginosos, diaphoreticos, vesicatorios, etc.; e os tónicos proprios, quando a molestia inculcava asthenia.

Em Mafra, cujo clima he bastantemente frio e humido, parece ser, onde os catarrhos forão mais frequentes, e resistirão aos medicamentos applicados, resultando d'elles thisicas pulmonares, como refere o Director do Hospital Militar, George Morse. Hum ar frio e puro, contendo grande quantidade de gaz oxygenio, deve ser mui prejudicial a alguns thisicos, ser-lhe-hia mais vantajoso o passarem a ser tratados em outra terra, cuja atmospherá fosse mais impura. A observação de muitos Medicos confirma esta prática; e o seguinte caso referido pelo Medico da Villa do Botão, Antonio Xavier da Sylva Pereira vem a proposito sobre esta opinião.

Thisica.

M. M. do lugar de Souzaellas, de 48 annos, obeso, e de sólido frouxo, sendo observado pelo referido Medico em Setembro de 1807, achava-se então emaciado; com tosse; expectoração abundante de materia purulenta, e de tão máo cheiro, que incommodava sobre-maneira os assistentes; suores matutinos parciaes no peito, pescoço, e cabeça; copiosas dejecções alvínas; pulso ligeiro, pequeno, e frequente; symptomas a que tinham precedido repetidos ataques de hemoptise. N'estes termos o Medico capitulou huma thisica pulmonar, e ficou logo persuadido da sua incurabilidade. Todavia receitou-lhe hum cosimento de malvaisco, tanxagem, musgo de Islandia, e quina; e além d'este remedio 15 gotas de balsamo de S. Thomé para ser dado em assucar de manhã, e outro tanto á noute. Este doente estava em huma adéga, onde havia muitas vasilhas com mosto em fermentação, e o Medico ordenou que conservassem o doente n'aquella casa, tendo o cuidado de ter sempre a porta aberta. — Passados 30 dias encontrou-se casualmente o Medico com hum sujeito, que transportado de prazer o abraçou, dando-lhe mil demonstrações de agradecimento pelo ter curado; e depois de alguma reflexão e perguntas veio a conhecer que o dito sujeito era o doente referido, o qual se achava perfeitamente restabelecido, sem que tivesse usado de nenhum outro remedio mais do que os mencionados. — Esta cura attribue o dito Medico á atmospherá da adéga carregada de gaz acido carbónico desenvolvido da fermentação alcoolica.

Dysenterias e diarrhéas.

Não se referindo n'estas Contas circumstancia alguma memoravel relativamente ás peripneumonias verdadeiras, pleurizes, hepaticas, rheumatismos agudos ou chronicos, que grassarão n'aquella epocha, segue-se tratar da dysenteria e diarrhéa, que reinou principalmente entre a tropa. — O muito frio, humidade, fadigas, e algumas privações, a que ella se tinha exposto nas ultimas operações, forão as causas geraes d'estas molestias juntamente com as predisposições de cada hum dos individuos em particular. Nos Hospitales Militares de Elvas, Evora, Niza, Almeida, e Lamego forão mais frequentes por serem dos Hospitales, onde primeiro se recolheu a tropa depois da exposição ás ditas causas. — Estas dysenterias e diarrhéas, apresentavão-se já com o character bilioso, já typhoico, já chronico. — As duas primeiras especies forão tratadas e algumas vezes com feliz exito pelos remedios sabidos: dos Hospitales de Almeida e Lamego he d'onde se faz particular menção das diarrhéas typhoicas, e forão tratadas, como se disse fallando dos typhos. — Porém apezar de alguns felizes resultados todos considerão estas molestias e principalmente a especie chronica, como as mais rebeldes, e funestas d'esta quadra. O Medico do Hospital de Niza, Philippe Joaquim Henriques de Paiva, depois de ter exposto, nas suas Contas de Dezembro e Janeiro, o tratamento e successo d'estas molestias, diz: "*Tenho por tanto motivos para acreditar que toda a diarrhéa em doente de constituição fraca, sendo antiga, he incuravel, e excede as forças da Sciencia Medica.*"

Exanthêmas febris.

Além das epidemias de febres intermitentes; de catarrhos e diversas outras phlegmasias, que grassarão por todo Reino na epocha das presentes Contas; e de typhos, de dysenterias e diarrhéas, que forão mais privativas ao Exercito, como fica dito; tem começado, e existe, em Lisboa, e algumas terras das Provincias, a epidemia de exanthêmas febris; bexigas, sarampão, e escarlatinas.

Huma das terras, onde as bexigas tem sido de peor character, he o Conselho de Filgueiras, cujo Medico, Francisco Manoel de Barros Silva, diz que quasi sempre ali são confluentes, e grassão em todas as estações do anno. A frequencia, e carnagem d'esta terrivel enfermidade n'aquelle Conselho, obrigou o dito Medico a fazer todas as diligencias pela vaccina, logo que em 1805 leu pela primeira vez hum Folheto sobre este prodigioso preservativo: e apenas conseguiu a materia vaccinica elle, vencidas as pri-

meiras difficuldades nascidas da repugnancia do Povo, propagou este bem por toda a Provincia, e por fim era tal o concurso dos vaccinandos, que foi necessario que sua mulher o ajudasse n'este importante serviço; muitas outras a imitárão, até que a invasão do Exercito de Soult com outros males trouxe mais o da perda da materia vaccinica. Este Facultativo he hum grande apologista da vaccina, pelos felizes resultados, que tem observado.

O sarampão, (diz o Medico Soares, da Figueira) *que tem grassado por todo o mez de Dezembro, e ainda hoje existe, posto que em muito menor quantidade, começou de apparecer logo no principio do outono, e quasi no fim de huma epidemia de bexigas, que levou bastantes crianças: tem sido universalmente benigno em todos os periodos; e só muito poucos individuos, que o padecerão, conheço eu, que lhes sobreviessem alguns dos incommodos, que são consequencias das molestias exanthematicas, mas sempre aquelles, que não tiveram as devidas cautellas por zombarem da benignidade da molestia; entre os quaes he huma menina de 9 annos, d'antes muito sadia, que soffreo o sarampão sempre de pé sem deixar os brincos proprios da sua idade, a qual oito dias depois do apparecimento do sarampão entrou de sentir inflammções e suppurações nos bôrdos das palpebras do olho direito, humas após outras, e cessando a ultima, que foi vinte e quatro dias depois do principio do sarampão, saltou a inflammção das palpebras para o alvo do olho; e dentro de vinte e quatro horas fez apparecer sobre a cornea transparente huma nevoa, que dentro de trez dias estava tão opaca que a criança apenas podia distinguir a luz das trevas; e tem resistido, ou antes obedecido muito pouco ao methodo curativo, de sorte que depois de mais de quinze dias tem apresentado hum muito pequena melhora.,*

Das escarlatinas sómente se faz menção na Conta do Hospital Militar de Vianna do Minho, onde se declara que tem sido benignas.

Estas são as principaes epidemias que grassavão na epocha a que se refere esta recopilção. Além d'estas molestias houve muitas outras esporadicas, mas de que se não contão particularidades memoraveis. He porém digna de nota a reflexão que faz o Medico da Villa do Vimieiro, Bartholomeu Lucio Gonçalves, o qual tem observado que n'aquella terra apparecem mui frequentemente obstrucções, estrangurias, calculos, hydropesias, cólicas, ictericias, e cloroses, que elle attribue ao uso, ou antes abuso do alimento vegetal, e ás agoas que são muito carregadas de saes calcaeos, como se conhece por deixarem sedimento nas vasilhas, cozerem mal os legumes, e não dissolverem bem o sabão. Este Medico tem observado que as pessoas, que fazem uso d'agoas ferreas que mandão vir d'ahi a 6 legoas, se tem d'este modo livrado das sobreditas molestias: e, tendo elle descoberto, a hum legoa

do Vineiro, hum manancial d'agoa ferrea, julga que huma fonte n'aquelle lugar, separando da agoa de hum ribeiro visinho a que he puramente ferrea, seria hum grande bem para aquella Povoação. (*)

Carbunculo.

Entre as molestias chirurgicas a mais notavel, que se refere, he hum carbunculo na palpebra superior do olho direito em hum menino de anno e meio, cujo alimento pela maior parte era ainda o leite de sua mãe. O Cirurgião da Villa de Palmella, Francisco de Paula Athas, foi o assistente deste doente, e quando foi chamado, achou a côstra muito negra e huma grande inflammação, que comprehendia cabeça e peito. Não se pôde suspeitar outra causa mais do que o máo alimento e leite, pois a mãe era pobre. Recommendeu-se a esta o uso de melhor alimento: e fizeram-se algumas escarificações na pustula, sobre a qual, applicarão fios embebidos em hum digestivo, em que entrava espirito de terbinthina, e em cima a cataplasma americana (†), banhando-se toda a parte inflammada com infusão aromatica a que se ajuntou alguma camphora, e sal ammoniaco. Com este tratamento em poucos dias se estabeleceu a suppuração, cahio a escara, e, tratada depois a chaga simples, o menino ficou perfeitamente curado.

Expostos.

Em poucas Contas se falla d'este objecto, aliás tão importante, e que he hum dos principaes pontos recommendados na Portaria de 24 de Outubro passado. Todavia o Medico de Cezimbra Rafael Mendes do Valle faz a este respeito bem importantes e fundamentadas reflexões, que se publicarão hum dia, se continuar a ordem de cousas, que lhes deu lugar: sendo de esperar que não continuae, visto que em consequencia da dita Portaria forão já chamadas as Amas para apresentarem em Camara os Expostos, etc.

(*) Veja-se a nota 3 pag. 97 d'este Vol.

(†) A fórmula da cataplasma americana he a seguinte: — De vinho branco huma libra, de farinha de pão, e mel — aa — duas onças.

Por esta occasião publicámos a seguinte Carta e Portaria.

Senhores Redactores do J. de C.

Averiguando as Providencias que ha á cêrca dos nossos innocentes Engeitados, com muito trabalho descobri a Portaria circular de 24 de Maio de 1793, que de ordem da Rainha N. S. expedio o Conselheiro zeloso, e bem intencionado, Intendente Geral da Policia, Diogo Ignacio de Pina Manique.

Rogo a VV. . . , parecendo-lhes, a publiquem no seu util Journal, para que ella saia do pó do esquecimento, 10 de Janeiro de 1813.

Portaria.

Sendo o augmento da População hum dos objectos mais interessantes, e proprios de huma bem regulada Policia por-consistirem as forças, e riqueza de hum Estado na multidão dos habitantes: se acha este tão esquecido n'este Reino, que em algumas terras d'elle se vem inteiramente fechadas, e sem gente huma grande parte de Casas, sem haver quem as habite (1); e sendo a origem, entre outras, de huma tão sensivel diminuição os reite-rados infanticidios (2), que estão acontecendo todos os dias, e em todas as terras em que não ha Rodas, ou berços para os Engeitados, que sendo expostos de noute ás portas dos particulares, a quem faltão, ou os meios, ou a vontade para os mandar criar; são sacrificados como innocentes victimas da indolencia com que os Póvos vem perecer tantos Cidadãos, que poderião ser uteis ao Estado, e gloria para a Nação. Faz-se pois indispensavel o dar a este respeito aquellas providencias que forem opportunas para a conservação da vida de tantos Vassallos recém-nascidos, estabelecendo pelo modo mais facil Rodas, em que elles sejam expostos, e criados á custa das Camaras, e dos Póvos que lhes derão o ser, e isto até á idade de sete annos, em que elles já livres de emin-

(1) O que desgraçadamente vemos por outras razões depois da fatal e destruidora invasão de 1811, do que não nos podemos lembrar sem horror.

(2) Presentemente ou não ha Infanticidios alguns, ou são tão raros que não constão.

tes perigos, que até a este tempo os cercão, e entrando em idade capaz de algum trabalho, possam por meio d'elle ganhar o seu diario sustento, e vestuario, para cujo effeito Vossa mercê logo que esta receber praticará o seguinte = Irá pessoalmente a todas as terras da sua Comarca, e em cada huma das Villas d'ella estabelecerá huma Casa, em que haja hum lugar em que se possam expôr as crianças sem que se conheça quem as leva, destinando huma pessoa com o mesmo salario que se costuma dar ás das Albergarias para a toda a hora do dia e noite receber os Engeitados, que ali se forem expôr, a qual será obrigada logo que entrar alguma criança a dar parte ao Magistrado da terra, seja Juiz Ordinario, ou de Fóra, ou quem seu lugar servir, para este a fazer logo baptizar, e mandar criar por huma das amas que deve ter já destinadas, e justas para este effeito pelo preço communmente na terra estabelecido, o que tudo será satisfeito pelos rendimentos applicados nas Camaras, para semelhante fim, ou pelo Cabeção das Sizas n'aquellas terras onde não houver aquelles rendimentos, para o que Vossa mercê quando tomar as contas dos Concelhos as tomará tambem de todas as despesas que se fizerem com as criações dos Engeitados, até a idade de sete annos, findos os quaes se irão distribuindo pelas herdades, quintas, e fazendas das circumvisinhanças, e havendo n'esta parte o mesmo Regimento, que se pratica com os Orfãos. Procederá a prisão contra os Juizes Ordinarios, que no tempo que servirem deixem de satisfazer as obrigações que por esta forma lhes são impostas, e intimará aos Juizes de Fóra que sendo caso não cumprão o que até aqui vai declarado, lhes não mandarei passar Certidão de residencia, antes farei presente a S. Magestade o pouco zelo com que se empregão no Real Serviço = Passará Vossa mercê revista geral a todos os Engeitados, e em todas as vezes que for em Correição para averiguar se são bem tratados, ou se tem morrido por ommissão, ou descuido das pessoas encarregadas da sua criação; no fim de cada hum anno Vossa mercê remetterá á Secretaria d'esta Intendencia hum Mappa dos Engeitados que se expozerem em cada huma das terras da sua Comarca, das que morrerão, e das que existem vivas, declarando se os Juizes de Fóra, e Ordinarios cumprem com zelo que lhes he encarregado, a respeito da sua criação, e para que não aconteça o concorrerem todos os Expostos a huma só terra por ignorarem os Póvos que esta Ordem e Providencia he generica para todo o Reino. Vossa mercê mandará pôr Editaes por todas as terras da sua Comarca, em que declare aquellas em que ha Casas de Expostos, o nome da rua, e sitio onde ellas são situadas, para que cada hum se dirija á Casa que lhe ficar mais visinha, e se evite o incómodo de se levarem os Expostos de hum a outro termo como até agora se praticava com prejuizo eminente: e como os termos de algumas Villas são dilatados, e poderá

acconter que ainda sem embargo d'esta Providencia se engeitem algumas crianças ás portas dos Particulares: só por não terem o incommodo de os levarem duas ou trez legoas á Casa de Expostos da Villa, ou Cidade respectiva. Vossa mercê ordenará aos Juizes, e Officiaes das vintenas de todas as terras da sua Comarca, que sendo caso que no districto de cada hum d'elles appareça alguma criança exposta, a mandem logo conduzir á Casa de Expostos da Villa, ou Cidade de seu districto, e não tendo, á mais vizinha, por alguns homens, ou mulheres que tenham leite, e alimento pelo caminho, os quaes conductores serão pagos em continente cada hum de seu jornal conforme o preço costumado na terra onde apresentarem a criança, para o que o Juiz Ordinario, ou de Fóra lhe mandará satisfazer sem demora pelo Procurador do Concelho, perguntando Vossa mercê devassamente em Correição se os Juizes, e Officiaes das vintenas satisfazem ao que lhes he encarregado, para proceder contra elles, no caso de serem ommissos, e para que se haja de praticar esta Providencia em todo o Reino ao mesmo tempo. Vossa mercê executará pelo que respeita á sua Comarca no termo de dous mezes, fazendo registrar esta Ordem em todas as Camaras d'ella, de que remettermá Certidão á Secretaria d'esta Intendencia de assim se ter executado, declarando os nomes das terras onde se estabelecerão as ditas Casas de Expostos, para que findos os ditos dous mezes eu possa fazer presente a S. Magestade, que se achão estabelecidas todas as Providencias necessarias para a conservação da vida de tantos innocentes Vassallos, no que se desvêla com o maior cuidado, e paternal clemencia a mesma Senhora. = Deos guarde a Vossa mercê. Lisboa 24 de Maio de 1783. = Diogo Ignacio de Pina Manique. =

Senhor Provedor da Comarca de.....

ART. III.—

Inscrições e Epigrammas d' Antonio Pereira
de Figueiredo.

No Catalogo das Obras impressas e manuscritas de Antonio Pereira de Figueiredo, impresso em Lisboa em 1800 a pag. 34 e seguintes vem o Indice dos Epigrammas e Inscrições Latinas que elle compôz, e ahi mesmo se nota quaes se gravarão, quaes se imprimirão, quaes existem manuscritas. Julgámos por tanto fazer hum serviço aos amadores d'este genero de Literatura, e aos que conservão o respeito devido á memoria d'aquelle eminente Varão, offerecendo-lhes n'este Jornal huma Collecção das referidas Inscrições e Epigrammas, que nos foi communicada por pessoa que pôz muito trabalho em a ajuntar, e escrever correctamente.

I.

Para se gravar no Frontespicio do R. Theatro de S. Carlos.

CARLOTAE
BRASILIAE. PRINCIPI
HISPANO-PARMENSI
QVOD
PARTV. PVLCHERRIMAE. FILIOLAE
LVSITANVM. SCEPTVM
ERIGANTINAE. STIRPI
ADSERVIT
TRIPVDIANTES. PRAE. GAUDIO
DEDICARVNT
CIVES. OLISIPONENSES
ANNO. MDCCXCIII.

II.

Gravada no Frontespicio do Seminario do Crato.

IOANNES. BRASILIAE. PRINCEPS. MARIAE. I. ET. PETRI. III.
PORTVGALLIAE. ET. ALGARBIORVM. REGVM. FILIVS
IDEMQVE. TERRITORII. CRATENSIS. MAGNVS. ANTISTES
PRO. SINGVLARI. SVA. IN. DEVM. PIETATE. IN. ECCLESIAM

DEVOTIONE. IN. SVEDITOS. BENEFICENCIA. SEMINARIVM
HOCCE. INFORMANDIS. AD. HVMANITATEM. ET
HONESTATEM. ADOLESCENTVLIS. GRANDI. IMPENSA
EXTRVI. IVSSIT. ANNO. A. VIRGINIS. PARTV. MDCCXCI.
CVRANTE. EMMANVELE. IOACHIMO. SILVIO. ARCHIEPISCOPO
HADRIANOPOLITANO. EIVSDEM. MAGNI. ANTISTITIS
PROVISORE. ET. VICARIO. GENERALI

III.

Para o Tumulo do Serenissimo Senhor D. José,
Príncipe do Brazil.

D. O. M.
IOSEPHVS. BRASILLIAE. PRINCEPS
MARIAE. I. ET. PETRI. III.
FILIVS. PRIMOGENITVS
NVLLIS. EX. CONIVGE. ET. MATERTERA
MARIA. BENEDICTA
SVSCEPTIS. LIBERIS
MAXIMOQVE. PROINDE. SVI. DESIDERIO
RELICTO

DIRO. VARIOLARVM. MORBO. CONSVMPTVS
INTERIIT. III. IDVS. SEPT. ANNI. MDCCCLXXXVIII.
CYM. VIXISSET. ANNOS. XXVII. ET. DIES. XXII.

IV.

Para o Tumulo nas Exequias de Paulo de Carvalho e Mendoga,
Irmão do Marquez de Pombal. Em 1769.

PAVLO. CARVALIO. DE. MENDOCIA
MAGNI. SEBASTIANI. FRATRI
OET. VIRTVTVM. AEMVLO
QVI. PRIMARIIS. DVM. VIVERET. FVNCTVS. HONORIEVS
VT. OSTENDERET. TAMEN. VILESCERE. SIBI
TEMPORALIA. OMNIA
SOLAQVE. AETERNA. CVRARI
INSCIVS. FACTVS. EST. CARDINALIS
ET. VBI. FACTVS. EST. EVOLAVIT
AD. SVPEROS
PVRPVrato. DESIDERATISSIMO

III. IRI. TATRATA. MATER. ECCLESIA
PORTVGALLIAE. LGENS. PARENTAT.
ET. VT. PARENTETVR. AB. OMNIEVS
ROGAT

Para a Sepultura do Marquez d'Angeja. Em 1789.

PETRO. IOSEPHO. DE. NORONIA. ANTONII. FILIO. PETRI.
NEPOTI. ALTERIVS. ANTONII. ABNEPOTI. PER. EOSQVE
HEROES. A. DVOBVS. REGIBVS. HENRICO. CASTELLAE. ET
FERDINANDO. PORTVGALLIAE. VIRILEM. ORIGINEM
TRAHENTI. VILLAE. VIRIDIS. COMITI. IV. ANEGIAE.
MARCHIONI. III. IOSEPHI. I. A. CVBICVLO. MARIAE. I. A
CVBICVLO. ET. A. SECRETIORI. CONSISTORIO. PETRO
ETIAM. III. MARIAE. PATRVO. ET. CONIVGLOB. SINGVLAREM
IN. PRINCIPES. FIDEM. EXIMIAM. RERV. PRVDENTIAM
CONSILIORVM. SAGACITATEM. ET. SANCTITATEM
ACCEPTESSIMO. MAXIMOQVE. IN. HONORE. HABITO
AERARII. VICE. SACRA. INSPECTORI. GENERALI. REI
NAVALIS. OPERVMQVE. PVBLICORVM. SVMMO. PRAEFECTO
MAGISTRO. MILITVM. A. CONSILIIS. REI. BELLICAE
REGIARVM. CLASSIV. IMPERATORI. ARCIS. BETHLEMICAE
GVBERNATORI. SACRARVM. MILITARVM. CHRISTI
DOMINI. ET. DIVI. IACOBI. COMMENDATORI. VIRO
DENIQVE. VT. POLITICIS. ET. MILITARIBVS. DISCIPLINIS
OMNIBVS. EGREGIE. INSTRVCTO. ITA. OMNIA. FERE. QVAE
PRIMA. MORTALES. DVCVNT. HONORIS. ORNAMENTA
ADSECVTO. IOSEPHVS. FILIORVM. QVIDEM. NATV
SECVNDVS. SED. CAELIE. PRAEMORTVO. ANTONIO
MAIORE. FRATRE. PATERNORVM. TITVLORVM. EFFECTVS
HERES. AC. PROPTEREA. VILLAE. VIRIDIS. COMES. VI.
ANEGIAE. MARCHIO. IV. MARIAE. I. ETIAM. ET
IPSE. A. CVBICVLO.

PARENTI. AMANTISSIMO. AC. DESIDERATISSIMO
H. M. P. C.

OBIIT. OLISIPONE. V. EIDVS. MARTIAS. ANNO
MDCCLXXXVIII. AETATIS. LXXII. VERTENTE

VI.

Para hum Retrato do mesmo Marquez.

VIRO. ETIAM. IN. PARVIS. MAGNO. PETRO. DE. NORONIA
MARCHIONI. ANEGIENSI. QVOD. PRIMVS. APVD
LYSITANOS. INTER. PVBLICAS. CVRAS. ET
ADMINISTRATIONES. COLLIGENDIS. CONTEMPLANDISQVE
RARIS. NATVRAE. PRAECLARE. FVERIT. OTIATVS
PARENTI. BENEMERENTISSIMO. DIDACVS. FILIVS. REGIVS
MATRITI. LEGATVS. DICAVIT. ANNO. MDCCXC.

VII.

Para debaixo do desenho d' huma Estampa, que fez Gaspar de Froes Machado para celebrar o Nascimento da Serenissima Senhora Princeza da Beira D. Maria Thereza.

SERENISSIMIS. CONIVGIEVS. LVSITANIAE. DELICHS. IOANNI ET. CARLOTAE. BRASILIAE. PRINCIPIEVS. QVATENVS OPTATA. PROLE. A. SVPREMO. REGNORVM. PROVISORE AVCTI. LVSITANIAE. IPSI. BONORVM. OMNIYM. SPEM FACIUNT. DEVOTVS NVMINI. MAIESTATIQUE. EORVM DEDICAT. ET. CONSECRAT. GASPAR. FROIVS. MAXADVS ANNO. A. PARTV. VIRGINIS. MDCCXCV.

Distico para debaixo da Pintura da mesma Estampa.

*En quanta una ex Prole tibi bona Lysia cedant:
Copia, Pax, Meritum, Gloria, tuta Quies.*

VIII.

Para o Retrato do Padre Joaquim Alvares, da Congregação do Oratorio de Vizeu.

JOACHIMVS. ALVARESIVS. CONGREGATIONIS. ORATORII VISENSIS. PRESBYTER. PATRIA. TABOACENSIS. OB SINGVLAREM. VITAE. SANCTIMONIAM. DIGNVS. QVEM OMNES. ET. VIVVM. ET. MORTVVM. SANCTI. VIRI APPELLATIONE. ET. VENERATIONE. PROSEQVERENTVR. OBIIT. IV. IDVS. APRILIS. MDCCCLIX.

IX.

Na Função funebre da Trasladação do Corpo da Serenissima Senhora D. Maria Victoria, Rainha de Portugal, para o Mausoléo erigido na Igreja de S. Francisco de Paula. Em 1783.

Por cima do Arco Cruzeiro.

PRIMOGENITO. MORTVORVM. SACRVM PRO. MARIANNA. VICTORIA LVSITANORVM. REGINA. FIDELISSIMA CVIVS. CORPVS HVC ANTE. ANNOS. FERE. DVOS

POMPA. PLANE. REGIA. JOSEPH. ELATVM. HODIERNO. DIE. IN. MARMOREVM. SEPVLCRM
 EGREGII. OPERIS. RECONDI. IVSSIT. AVGVSTA. EIVS. FILIA. AMAB. REGEM. DOMINVM. SEVE. CARIS. MARIA. MONVMENTO. HOC. SINGVLAREM. SVAM. IN. MATREM
 INCOMPARABLEM. OESERVANTIAM. TESTATVRA. ET. IVSTIS. CHRISTIANO. RITV
 ITERVM. PERSOLVTIS. INSIGNES. EIVSDEM. VIRTVTES. CONSECRATVRA. III. IDVS. DECEMERIS. ANNO. CIOCCCLXXXIII.

No Frontespicio da Rua. REGIAE. MATRI. DESIDERATISSIMAE. DIGNVM. VTRAQVE. SEPVLCRM. PARAT. REGINA. FILIA. MOESTISSIMA
 HVC. ADEST. OMNES. QVIBVS. GRAVIS. MORI. EXTREMVM. VIX. PIETAS. CORDI. EST. COMMVNEM. PARENTEM. ALTERAM. DEFLETVRIV. ALTERAM. CONSOLATVRIV.

Para a Porta da Igreja.

AVGVSTAE. MATRI. SEPVLRO. FILIA. REGINA. LACRIMIS. ITERVM. PARENTANT. SVEDITI

Para os trez Altares do lado do Evangelho.

VOTI. REA. PRO. SVSCIPIENDA. PROLE. EA. VERO. SVSCEPTA. COMPOS. FACTA. TEMPLVM. HOC. BEATO. FRANCISCO. DE. PAVLA. GRANDI. IMPENSA. DEDICAVIT

FELIX. IOSEPHO. REGE. CONIVGE. FELICIOR. PARTVBVS
IN. QVATVOR. QVAS. ENIXA. EST. FILIIS. TOTIDEM
EXIMIARVM. VIRTVTVM. SVARVM. IMAGINES. EDIDIT

REGEM. AMABAT. VT. SPONSVM. VEREBATVR. VT
DOMINVM. SIVE. CVRIS. ANXIVM. SIVE. CALAMITATIBVS
OPPVGNATVM. VEL. SOLA. PRAESENTIA. MIRIFICE
RECREABAT. ERIGEBATQVE

Para os trez do lado da Epistola.

LVSITANI. POPVLI. AMANTISSIMA. MAIOREM. SE. CREDENS
BENEFICENCIA. QVAM. IMPERIO. SVEDITORVM. SE. MAGIS
GAVDEBAT. APPELLARI. MATREM. QVAM. REGINAM

QVA. ERAT. IN. PAVPERES. BENEVOLENTIA. ET. CARITATE
REGIAM. MANVM. EXTRA. PALATIVM. LVBENTIVS
PORRIGEBAT. SORDIDO. MENDICORVM. CONTACTV
INQVIRENDAM. QVAM. IN. PALATIO. AMBITIOSIS
ADORANDAM. OSCVLIS. AVLICORVM

GRAVIS. MORBI. ANGORES. DIV. PERPESSA. AD
EXTREMVM. VIX. ANNOS. QVATVOR. MARITO. REGI
SVPERSTES. INTER. FILIORVM. SINGVLTVS. PISSIME
OBIIT. LAETA. VVLTV. ANIMO. PLACIDA. QVOD. MARIAM
FILIAM. REGINAM. RELINQVEBAT. PIETATE. SIBI. PAREM
IVSTITIA. PATRI. NON. DISSIMILEM

X.

Na Função funebre da Trasladação do Corpo da Senhora D. Ma-
rianna d' Austria, Rainha de Portugal, para o Mausoléo
erigido na Igreja de S. João Nepomuceno. Em 1780.

Para a Porta da Igreja.

OSSA. MARIANNAE. AVSTRIACAE
ANTE. ANNOS. XXVI. HEIC. CONDITA
IN. NOVVM. MAVSOLEVM
TANTA. REGINA. DIGNVM
IVSTIS. A. FERDINANDO. OLISIPONENSI
ANTISTITE. RITE. FACTIS

TRANSFERRI. IVSSERVNT

PETRVS. III. FILIVS

MARIA. I. NEPTIS

V. KAL. AVG. ANNO. MDCCLXXX.

Para o lado direito.

CONSCIENſTIAE. MACVLAS. CREBRO
ATQVE. SACERDOTEM. DEFLENDO. ELVIT
SACRAMENTVM. CORPORIS. CHRISTI
ADORATVRA. PRO. TEMPLIS
VREEM. PERPETVO. OBIT

Para o lado esquerdo.

BEATAM. MARIAM. DEI. GENTRICEM
SINGVLARI. ADFFECTV. PROSEQVITVR
AVITAE. RELIGIONIS. DVCTV
BEATO. IOANNI. NEPOMVCENO
TEMPLVM. CONDIT
EIVSQVE. STATVAM. MARMOREAM
SVBVRBANO. PONTI. IMPONIT

REGE. MARITO. DIV. AEGROTANTE
INTEGERRIME. IVS. DICT. POPVLIS

REGE. MARITO. VITA. FVNCTO
TOTAM. SE. CHRISTO. DEDICAT

Gravada n'hum Obelisco que se erigio na Quinta do Marquez de Bellas, então Conde de Pombeyro, em Bellas.

Em 1795.

IOANNI. BRASILIAE. PRINCIPI. MARIAE. PRIMAE. ET PETRI. TERTII. FILIO. IOSEPHI. PRIMI. NEPOTI. IOANNIS QVINTI. PRONEPOTI. PRINCIPI. INQVAM. ADMIRANDIS VIRTVTIBVS. ET. INCOMPARABILI. GLORIA. CVIVS SCILICET. EA. IN. MATREM. REVERENTIA. ET. PIETAS FVIT. VT. ILLA. HEV. GRAVITER. AEGROTANTE INVITVS. CLAVVM. REGNI. SVSCEPERIT. ET. DOLENS QVARTVM. IAM. ANNVM. RETINEAT. EA. IN. CHRISTI VICARIVM. ROMANVM. PONTIFICEM. OBSERVANTIA ET. VENERATIO. VT. ANTONIO. NATO. FILIOLO DESIDERATISSIMO. FIDEI. EIVS. IN. BAPTISMO. SPONSOREM PIVM. SEXTVM. DELEGERIT. PVELLOQVE. PH. COGNOMEN INDIDERIT. EA. DENIQVE. FELICITAS. VT. EX. CARLOTA LECTISSIMA. CONIVGE. DVOBVS. AVCTVS. LIBERIS. PRIMVM MARIA. DEIN. ANTONIO. AETERNO. IMPERIO. DESTINATAM OSTENDERIT. INCLITAM. STIRPEM. ERIGANTINAM TANTAS. HAS. DOTES. CONTEMPLATVS. ET. MERITA IOSEPHVS. VASCONCELLIVS. SOVSA. IOSEPHI. MARCHIONIS CASTELLI. MELIORIS. FILIVS. SECVNDO. GENITVS PRAEFECTVS. PRAETORIO. MARIAE. PRIMAE. ET MAGNAE. CRVCIS. VT. VOCANT. APVD. EQVITES. SANCTI IACOBI. DIGNITATE. PRAEVLGENS. IDEM. VERO VXORIS. MARIAE. IVRE. COMES. ETIAM. POMBERIENSIS REGIORVMQVE. SATELLITVM. DVCTOR. ET. BELLARVM DOMINVS. IVVENI. CELSISSIMI. ANIMI. ET. INVICTI PECTORIS. INSIGNEM. PYRAMIDEM. MARMOREAM ERIGENDAM. CVRAVIT. ATQVE. HOC. MONVMENTO SVBVRBANVM. PALATIO. SANE. ET. LVCO. PRIDEM NOBILE. ET. OLIM. ETIAM. REGIVM. MVLTO. NVNC SACRATIVS. ET. MAGNIFICENTIVS. REDDIDIT. ANNO A. PARTV. VIRGINIS. MDCCXCV.

XII.

Gravada no Obelisco levantado no Jardim do Tenente Coronel Governador do Forte de Villa Viçosa Manoel Antonio Viegas.

MARIAE. I. ET. PETRO. III.
PORTVG. ET. ALGARB.

REGIBVS PHISSIMIS
 QVOD. PRIDIE. ID. MAIAS. AN. MDCCCLXXXV.
 ANIMI. LEVANDI. ERGO
 CVM. INFANTE. IOANNE. FILIO
 HOS. HORTOS. INVISERINT
 ITA. AMOENITATE. ATQVE. EORVM. ELEGANTIA
 DELECTATI. SINT
 VT. IPSOS. VISENDI. STVDIO. CONVENERINT
 ALTERO. SANE. DIE. INFANS. CARLOTA
 IOANNIS. INFANTIS. NOVA. NVPTA
 OCTAVO. AVTEM. POST. DIE
 IOSEPHVS. BRASILIAE. PRINCEPS
 DESIDERATISSIMVS
 OPTIMORVM. PRINCIPVM
 NOMINI. MAIESTATIQUE
 MONVMENTVM. HOC. DEVOTI
 P. P. D. D.
 TRES. FRATRES
 EMMANVEL. ANTONIVS. VIEGAS. LVPVS. A. PONTE
 ANTONIVS. VIEGAS. LVPVS. A. PONTE
 IOSEPHVS. FRANCISCVS. VIEGAS. LVPVS. A. PONTE

XIII.

IVLIO. FRANCISCO. AB. OLIVA
 VISENSIVM. ANTISTITI. MAGNIFICENTISSIMO
 POST. ABSOLVTVM. CONGREGATIONIS. ORATORII
 TEMPLVM. PVLCHERRIMVM
 PVELICI. VALETVDINARII. FVNDAMENTA. IACIENTI

EPIGRAMMA.

Condiderit cum Templi Deo, turremque superbam
 Julius, aegrotis mox parat ipse domum.
 Non capit immensum pectus domus una; secundus
 Ostentat Templo maius et arce locus.

II.

Quam bene conveniant claris tua nomina factis,
 Ostendit duplex, quod fabricaris, Opus.
 Sublimem struxisse arcem ut convenit Iulo,
 Sic blandos animos dulcis Oliva decet:

Utque fuit Julii Templum fundasse, liquore
Sic fovet aegrotos pinguis Oliva suo.

CONGREGATIONI. VISENSI
ABSOLVTAM. TEMPLI. FABRICAM
DE. NOCTE. LVMINIBVS. CELEBRANTI

III.

Egregium Sancti Templum, turremque Philippi
Illustrant radiis lumina clara suis.
Nempe vel in tenebris manifesto in lumine ponit
Filius, *os certe lampadis* esse Patrem.

IV.

Sideris aspectu Julii cuncta renident:
Nox trepidat: coelo tristis et umbra fugit.
Impatiens umbrae est illustre Opus: ergo tenebrae
Diffugiunt, Juli mox ubi Tempia patent.

V.

Non eget externo Delubrum hoc lumine: namque
Illustre ex sese, quo videatur, habet.
Nobilitat suus auctor Opus: nam Julius idem,
Qui dedit, ut starent Tempia, micare dedit.

Pangebatur Antonius Pereria

*De Congregatione Oratorii Olisiponensis IX. Kalendas Januarias
Anno MDCCLVIII.*

XIV.

CIVILIS. APOTHEOSIS
AVGVSTI. REGIS
IOSEPHI. PRIMI
STATVA. EQVESTRI. POSITA
CIVILIS. APOTHEOSIS
MAXIMI. ADMINISTRI
STATVA. REGI. SVPOSITA

EPIGRAMMA.

Relligio in Divos vetuit quia sancta referre;
HEROI Pietas Signa dicare jubet.
Deerit Ara quidem REGI; at non deerit audax,
Quae referat vultus aere, potensque Manus.

Deerit et thuris vapor; at non deerit unquam
 Aeternus cultus, CLARE SEBASTE, tuus.
 Quàm magnum ostentat REGEM vastissima Moles!
 Quàm Tu maiorem, MAGNE SEBASTE, facis!
 Immeusum REGIS meritum supereminet, alto
 Dum superimponunt nobile pondus Equo.
 TE Virtus REGI sociat, dum proxima REGI
 Dat loca; conjungit, dum locat illa Throno.

Non magis decorum est Statuam in Foro habere, quam ponere.

Plin. Lib. I. Epist. 17.

A. P. F.

XV.

BARTHOLOMAEO. COSTIO
 FVSO. EX. AERE. REGE
 STATVARIO. CELEBERRIMO

EPIGRAMMA. (*)

Expressit postquam fuso simul aere Monarcham,
 Imposuitque gravi Bartholomaeus Equo;
 Amplius haud debet celebrari Daedalus, aut Te
 Improbis, Alcides, nobilitare labor.
 Daedaleum ingenium Ingenio, Herculeosque lacertos,
 Inclite, Tu superas, Bartholomaeae, tuo.

A. P. F.

(*) Este Epigramma acha-se impresso na pag. 431 do 11. Vol. d'este Jornal. Repetio-se a fim de apresentar completa a collec-
 são.

XVI.

ILLVSTRISSIMO. AC. EXCELLENTISSIMO

DOMINO

SEBASTIANO. IOSEPHO. CARVALIO. MELLO

OËRIENSI. COMITI

REGIS. FIDELISSIMI. PRIMARIO. ADMINISTRO

OLISIPONENSES. MVSA

SVA. PRAESENTIA. ET. ATTENTIONE. DIGNATO

EPIGRAMMA.

Laudabunt alii, Comes-Illustrissime, nomen,
 Ingenium, mores, factaque clara tua.
 Sed mihi de cunctis tua laus est maxima, nostris
 Quod te laudari vocibus ipse sinas.
 Quantum igitur nobis gaudes Humanus adesse,
 Tantum Divinus, quo videre, facis.

*Pangebat Antonius Pereria**De Congregatione Oratorii Olisiponensi.*

ART. IV.—

POESIAS INEDITAS

DE

ELPINO DURIENSE.

IN FUNERE

ANTONII PERERII FIGUEIREDII

MASSANENSIS

EPITAPHIA.

I.

Hoc jacet in tumulo tandem Pererius ingens,
 Occiduae Sacrum Depositum Lysiae.
 Hic omnes coluit praestantes Palladis Artes,
 Et potuit magnas condere mentis opes.
 Et linguam veteris Latii, charitesque polivit,
 Fundere Romanos visus ab ore sonos.
 Transtulit in Lusam Divina oracula Linguam,
 Ut facili possent cuique patere via.
 Veridica a falsis discernens Dogmata, puram
 Doctrinam scriptis tradidit ille suis;
 Fortis et adseruit vindex Regalia jura,
 Sacrorum adseruit jura verenda Patrum.
 Sic Lysiae sparsit rutilantia lumina coelo,
 Et tenebras radiis dispulit ille suis.
 Heu Musae, Romana Fides, Sceptrumque! heu quantum
 Hoc uno vobis deficit auxilium!

II.

Tot scriptis clarus toto Pererius orbe
 Funereo hoc tandem conditur in tumulo.
 Ille Sacerdotum praescriptos noscere fines,
 Ille etiam Regum noscere jura dedit:
 Integer haec tenuit: permulta pericla, minaeque
 Vincere constantem non potuere virum.

III.

Lusiadum sublime decus, Pereria doctus
 Tutatur scriptis Regia jura suis;
 Sacratosque Patres, Mitrae et decora alta tuetur,
 Et Fidei et Morum dogmata pura docet:
 Ast gens Jesuadum multo conamine surgit,
 Tentat et in tantum mittere tela virum;
 Invisam censuram addit, damnatque libellos,
 Et tonat horrendum dira superstitio.
 Improba quin etiam affligit fortuna senectam,
 Mille minas jactat, mille pericla parat:
 Tu ne cede malis, virtus clamavit ab alto:
 Audit, et incepta sustinet ire via:
 Ille minas spernit, spernitque pericula justus,
 Propositique tenax vivit, et emoritur.

IV.

Heu jam vitales linguens Pererius auras
 Occidit, heu! cineri solvite justa pio;
 Et tumulo memorem Lysiae testantia mentem,
 Scribite, quae legat, haec carmina, Posteritas:
 Hic jacet in toto clarus Pererius orbe,
 Maxima cura hominum, maxima cura Deum:
 Ille ubi firmavit scriptis sublimia Regum
 Jura, et Sacrorum Dogmata Sancta Patrum,
 Quod sibi commisit Coelum, jam munere functus,
 Coelo animam justus reddidit, ossa solo.

V.

Hic jacet heu! nostri Lumen Pererius aevi!
 Heu jacet aeternum magnus honos Lysiae!
 Stat circa cineres ardentem Lampada quassans
 Religio, tantum perdere moesta virum.
 Stat prope Librorum moles operosa refulgens,
 Queis Fidei et Morum Dogmata sacra nitent,
 Stat viridi cingens tumultum Constantia Lauro,
 Invidiaeque premens colla superba pede.
 Haec ubi Posteritas oculis lustraverit, illum
 Cognoscet priscis Patribus esse patem.

Ao Excellentíssimo e Reverendíssimo D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, remettendo-lhe o A. os versos, que havia publicado sem nome na morte do P. Antonio Pereira de Figueiredo, e que S. Ex.^a julgou não serem seus.

EPIGRAMMA.

Quae nuper, Francisce, meum foetum esse negabas,
Coelata in tumulo carmina Pereriae,
Hâc tibi nunc mitto per me conscripta tabellâ,
Ne dubites versus amplius esse meos;
Quin illos nosces, etiam sine nomine scriptos,
Si non obstaret, qui premit ora, dolor;
Namque erat his facies deformi squalida luctu,
Agnosci que oculis non potuere tuis.

Ao mesmo.

Por haver entendido, que Elpino não fôra Author dos versos que apparecêrão sem nome na morte do P. Pereira com o fundamento de que lhos não mostrará nem fallára d'elles, tendo n'esses dias mostrado a S. Ex.^a algumas novas Poesias de sua composição.

Qui modo Pereriae resonant funere versus,
Hos aliquis partus adserit esse meos:
Tu, Francisce, negas: justa et tibi causa negandi;
Ostendi siquidem carmina nulla tibi.
Ne tamen incuses, justo sed parce dolori;
Nil equidem curat, quem movet ipse dolor;
Quin tacitus volui moestos sine nomine versus
Vulgari, et tanti funera flere viri.
Qui magis arte dolet, questus inculcat acerbos;
Ille dolet vere, qui sine teste dolet.

Ao mesmo.

Havendo entendido que Elpino não fôra Author d'aquelles versos com outro fundamento de que apparecêrão logo que fôrão feitos, quando elle costumava demorar sempre as suas obras, para as polir, por muito tempo.

I.

Quos mea Pereriae cecinit sub funere versus,
 Extemplo in lucem prodere Musa jubet.
 Nec premit in nonum, quod suadet Horatius, annum
 Carmina, ut in reliquis, quae canit illa, solet.
 Nec tu mireris; nullâ, Francisce, liturâ,
 Nullâ equidem limâ flebile carmen eget.
 Namque ubi suspirat moerens Elegeia, versus
 Ornari cultu non sinit ipse dolor.
 Scilicet incompotos ut fundit pectore questus,
 Incompotos Elegos sic jubet ire suos.

II.

Haec modo, quae cecini tristis modulamine vocis,
 Debita Pereriae carmina funeribus,
 Debueram servare diu, capsisque morari,
 Posset ut hos versus lima polire meos.
 Sed vetuit, Francisce, dolor; jubet ille querelas
 Prodere, suppressas nec sinit esse diu.

III.

Pereriae ad tumulum misi sine nomine versus,
 Atque Elegos cineri, sed sine teste dedi;
 Si quaeris causam, erubuit mea Musa canendo,
 Par equidem tauto non erat illa viro.

DE EIUSDEM OBITU

AD

ANTONIUM ALVARESIUM

Congregationis Oratorii Sacerdotem.

Heu! tuus, Antoni, cecidit Pererius: Eheu!

Gloria Sacrați praesidiumque Chori.

Quam gravis est moeror, quantum tibi funus acerbum!

Quam Cari Capitis triste desiderium!

Quando erit, ut rursus magno sudata labore

Huic similem valeant reddere soecla virum?

Quando erit, ut Pietas, Virtus, Sapientia, Candor,

Sacra Fides alium possit habere parem?

Omnibus ille fuit toto bene cognitus orbe,

At tibi prae reliquis cognitus ipse fuit.

Multis ergo bonis heu flebilis occidit ille!

Sed merito nulli, quam tibi, flebilior.

A' CONSTANCIA

DO

P. ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO,

Solicitação na hora da sua morte para retratar o seu Livro
da Tentativa Theologica.

S O N E T O

N'esses fataes momentos, em que a morte
Traz diante de si remorso e susto,
Assalta o fanatismo ao varão justo
Com temor de futura infeliz sorte.

Brada que arrependido o espirito forte
Retrate os dogmas seus a todo o custo;
E que esses Livros, que escreveo injusto,
Condemne á maldição, e mortal corte.

Não cede o Grão Pereira á voz horrenda:
Não temo, disse firme, oh Monstro impuro,
Que me venças n'esta hora tão tremenda.

Ensinei a verdade e o dogma puro:
Nada escrevi que as Santas Leis offenda,
Por esta alma, que sóbe aos Ceos, o juro.

Sobre a falta de contemplação pela memoria do mesmo.

SONETO

Sem honroso epitáfio jaz Pereira,
Confundida com a terra a cinza fria,
Que hum vaso de alabastro só devia
Em mausoléu guardar sagrada e inteira!

Até lhe nega a honra derradeira
Do público elogio, que merecia,
A Patria, que seus Louros recolhia,
A elle ingrata, a outros lisongeira.

Oppõe-se a este officio pio e terno
Inveja e fanatismo furibundo,
Hórridos filhos do feroz Avérno.

Porém que monta, se por todo o Mundo
Soando vai com hum respeito eterno
Seu alto Nome e seu saber profundo.

Ao descobrimento da America

POR

C. O L O N.

O D E.

Era segredo eterno hum novo Mundo
 Ao travez de montões de immensas águas;
 Envolto em trévas do medonho Occaso
 A nós jazia ignoto.

Neptuno e Thetis e Protheo guardavão
 Esse rico Thesouro além dos mares,
 Recatando-nos longe as marayilhas
 Que ali creou Natura.

Mas o Génio Maritimo nascendo
 Nos Lusos Argonautas, que de Atlante
 Com não vistas façanhas conquistarão
 Undoso Senhorio,

Inspirou a Colon fragosa Empreza
 De descobrir os fins d'este Universo;
 Empreza ainda maior que a força humana,
 Que o fez igual aos Deoses.

Pensou hum dia, que esse vasto Oceano
 Devia lá no ultimo Occidente
 Barreiras ter oppostas, que encontrassem
 O balanço das ondas:

Este só pensamento luminoso
 O espr'ito accende do Varão sublime:
 Eis já se lhe afigura na alta mente
 Outro Hemisferio, e Globo:

Forçando audaz o lenho, a véla, o remo;
Abalanga-se o Heróe por entre abismos,
Desde a origem do Mundo não surcados,
Dos mais profundos pégos:

Dos Euros e das Ondas vence as iras,
Vence as syrtes inhóspitas frementes;
Tudo sujeita a seu potente imperio
Novo Senhor dos mares.

Tu, Fortuna, aspiraste a seus desejos;
Tu o levaste, cheio de alta glória,
A's últimas balisas do Occidente,
Que não sabia Europa.

Assim da noute de hum silencio escuro
De mil e mil centenas d'êvos tira
A luz d'este Universo hum novo Mundo,
Melhor do que o primeiro

Do mar Océano
A noute das tempestades
Ao paydo Eu
Em torno do primeiro

Do mar Océano
A noute das tempestades
Ao paydo Eu
Em torno do primeiro

Do mar Océano
A noute das tempestades
Ao paydo Eu
Em torno do primeiro

(C) Foi opinião muito geral entre os antigos não admitir a circumferencia maritima de Africa, e a junção dos dois mares Atlantico e Oriental, ou Indico.

Ao descobrimento da Navegação e Commercio da India.

VASCO DA GAMA

O DE
Que não sabia Europa.

O mar Oriental, tão encoberto,
A' notícia dos homens, era medo
Ao pávido Europeo, que não ousava,
Em torno discorrendo

D' Africa's Costas, c' o baixel nadante,
Ir commetter os pélagos da Aurora,
E trazer-nos d' ali pelo Oceano.
Os Velocinos d' A'sia.

Porém com força Hercúlea superando
As bravas Ondas, os terriveis Euros,
As ponteagudas Rochas, abre o Gama
Insólito caminho.

Em vão, por lhe afastar a altiva Empreza,
Corria antiga fama, que o Oceano
Com o Índico mar se não juntava:
Que terras entrepostas,

Quaes muralhas, que ergueo ali Natufa,
Hum e outro em divorcio separavão,
Eterno estôrvo opondo, a que passasse
Occidua prôa avante. (*)

(*) Foi opinião muito geral entre os antigos não admittir a circumferencia maritima de Africa, e a junção dos dous mares Atlantico e Oriental, ou Índico.

As cégas vozes tórvo fomentava
 Alto padraсто d'essa azul campina,
 Feroz Adamastôr, que ali guardava
 O tormentoso passo.

Mas que peito não tinha o excelsos Gama,
 Que, sem dobrar a medos, arrojando
 No vasto golfo os Lenhos se arremeça
 Aos términos vedados!

Com que nobre ardimento não trespassa
 As fabulosas métas! Seu Tridente,
 Vencedor de Neptuno, as ondas rasga
 D'esse Hemisfério opposto.
 Então de Atlante e do Oriente os mares,
 Sempre até ali insociáveis, une,
 E com hum trato social enlaça
 Os trez Antigos Mundos.

Que opulento Comércio as véas abre!
 Os thesouros, que o Sol nascente cria
 Nas gemmíferas plagas d'Indo e Ganges,
 Mudada a antiga rota,

Não já pelas ávaras terras correm
 Dos Egypcios Soldões, que enriquecião,
 Mas pelas ondas do Oceano vultão
 A' feliz Ulysséa.

Assim assim, toda a caudal riqueza
 De mil Reinos da Aurora Soberanos,
 Vem ajuntar-se n'hum só Cidade,
 Na Nova Alexandria.

A VASCO DA GAMA

SONETO

Os encantos do mar, té ali cerrado,
Quebrou alfim o destemido Gama
Com glória tal, que inda hoje o louva a Fama.
Dando d'elle no Orbe eterno brado.

Depois de ter os pélagos domado,
E o féro Adamastor, que inda ora brama,
Foi nas praias surgir, onde a rósea cama
A Aurora tem, e nasce o Sol dourado.

D'ali a nova róta está mostrando,
Qu'abrio a toda a Europa o seu Tridente,
E ao mais rico Commércio, está chamando.

Dous Hemisferios une ; e hum Continente
Faz de dous Mundos, entre si juntando
Os Póvos Europeós, e os do Oriente.

Ao mesmo.

SONETO

Deixado, ó Gama Invicto, o patrio Ninho
 Pelo Atlantico mar atravessando,
 Vais os pégos d'Aurora avassalando
 C' o a bronzea prôa do nadante Pinho.

Aferras Calecut no mar visinho
 Ao Arabio Golfo memorando;
 Da rude Europa aos filhos ensinando
 Do Téjo ao Indo insolito caminho.

Tu foste o mais feliz da Lusa Gente,
 Que teu Feito inda sóbe mais acima
 Na voz do Vate, que o cantou, potente.

Nem sei qual honra te he de mais estima,
 Se teres descoberto o rico Oriente,
 Se teres quem te cante em alta rima.

ART. V.—

ODE PINDARICA

AO

ILLM. E EXM. SR. MARQUEZ DE WELLINGTON, DUQUE DA VICTORIA, MARECHAL GENERAL DOS EXERCITOS ALLIADOS
DAS TREZ NAÇÕES, etc., etc., etc.

POE
JOSÉ PINTO REBELLO DE CARVALHO.

Estudante na Universidade de Coimbra.

O D E.

ESTRÓPHE 1.^a

Quando pulso do harmónico instrumento
As atri-finas cordas,
Com que o Douro suspendo sobre as bordas,
Amanso a furia do ruidoso vento:
Eu do Thebano a lira igualo, ou venço;
E a, que sempre celebro, alta virtude,
Não do soberbo pindo cisne rude,
Elevo ao, que o Sol corre, espaço immenso.

E P O D O 1.^o

Jacte-se embora a Grecia no seu seio
Ter mil vates creado;
Que o ebúrneo plectro meu, de que me arreio,
O' Duriades bellas,
Fará mais afamado
Do que Alpheo, do que Asopo, do que Ismeno,
(Sem reccar dos Evos cruel damno)
O nome Soberano
Do vosso Rio ameno.

ANTI-STROPHE 1.^a

Quando ao Sacro Helicon seu vôo altêa
 Meu grande Genio alado,
 Não canta em veloz carro Heroe sentado,
 Que pertende cingir a palma Elêa;
 Nem para engrandecer a heroicidade
 Do Varão, de quem faço a fama eterna,
 Eu finjo-ôz monstros da sonhada Lerna...
 Meu canto só pregoa alta verdade.

ESTROPHE 2.^a

Ella he sómente o Norte luminoso
 De minhas brancas vélas;
 Por elle as regerei d'empresas bellas
 No golfão, que hoje sulco, portentoso:
 Que se a calúnnia der maligno assalto
 Contra o pincel, que move, Arthur triunfante,
 Não gritará o monstro fulminante
 Que os quadros teus de falsa tinta esmalto.

EPODO 2.^o

Illustre Portugal, Patria gloriosa,
 Que nos braços de Astrêa
 Tinhas da negra guerra sanguinosa
 Para longe apartado
 A tórva imagem feia;
 Oh! Quanto deves do Varão sublime
 A' mente portentosa, ao forte braço,
 Que rompe o bruto laço,
 Que barbaço te opprime!

ANTI-STROPHE 2.^a

Da insolente Carthago a tyrannia,
 De Trinácia famosa
 Não d'outra sorte perfida, orgulhosa,
 O côlo com cadêas opprimia;
 Quando da Gram Corinthe o Heroe valente,
 Qual raio em seu soccorro armado vóa...
 Aporta a Syracusa... a guerra sóa...
 E doma a furia da Africana gente.

ESTROPHE 3.^a

Outro Timoleon foste, Arthur guerreiro,
Quando, chovendo mortes
De França sobre as horridas cohortes,
Avermelhaste os campos do Vimeiro;
A, que de Julio a par no Elisio avulta,
Do bravo Nelson magestosa sombra,
Vendo o seu vingador, que o Gallo assombra,
Crê seu gôso maior, sorri-se, exulta!!!

EPODO 3.^o

Mas que nova carreira á tua glória
Não abre a voraz guerra,
Quando marchando ao lado da victoria
O feroz Soutt arroja
Da Lusitana terra?
As carnívoras Águias espantadas
Ao ver o audaz Leopardo, e as Lusas Quinas,
A's Ibéricas campinas
De horror fogem cortadas.

ANTI-STROPHE 3.^a

Qual Leão, que vibrando a garra feroz
Contra o servo, que segue,
Que, se lhe escapa aqui, lá o consegue,
Foi o pasmoso Heroe em Talavera;
De tanto sangue não fartou a morte
O antigo vencedor da bruta Gallia,
Quando nos crueis campos da Pharsalia
Da triste Roma decidio a sorte.

ESTROPHE 4.^a

Porém que novos Louros lhe destina
O revoltoso Sena!
Quando no genio do cruel Massena
Sua vingança pôe, e nossa ruína!
Qual Elysia inundou horror, e estrago,
Não vio a Italia lacerar seu seio,
Quando nella feroz vagou sem freio
A sanguinosa furia de Carliago.

E' P O D O 4.^o

O magnanimo Heroe, valente, e Sabio,
 Faz que só seja claro,
 Quando se lhe assemelha o grande Fábio,
 Na inclita campanha,
 Que alça seu genio raro,
 Em que vingando ao Capitolio a injuria,
 Vence em demoras o furor insano
 D'Anibal inhumano,
 E salva a senil cúria.

ANTI-STROPHE 4.^a

Mas quanto mais que aquelle ousado, e forte
 Wellington se abalisa!
 Quando em Bussaco as impias Aguias piza,
 Cobre o Gallo cruel de sangue e morte!
 Ah! Onde voas, atrevida Lyra,
 Em qual vás engolfar-te largo Oceano?
 Mas se queres cantar do Heroe Sob'rano,
 Solta as vélas, que Zéfiro respira.

ESTROPHE 5.^a

Canta como, abatendo o Gallo insano,
 Ao Téjo se retira,
 Onde (nem se enganou) seu Genio aspira
 Desenvolver o grande, e vasto Plano;
 Assim o bravo Heroe de Salamina,
 Salvando ao ferro os poucos seus guerreiros,
 Prostra da Persia Exercitos inteiros,
 A Grecia salva de total ruina.

E' P O D O 5.^o

Eu vejo, eu vejo lá raivando iroso
 A Massena abatido,
 E da fuga o caminho vergonhoso
 Buscar precipitado
 D'opprobrio denegrido...
 Na turba então das Gallicanas cohortes,
 Quaes entre pombas lança agôr terrivel,
 Era Lord invencivel
 Vibrando immensas mortes.

ANTI-STROPHE 5.^a

Mas para que pertendes da aurea fonte,
 Oh Cythara Divina,
 Esgotar a corrente crystalina,
 Colher mais flores no Apolíneo monte?
 Se do Invicto, que c'róas d'alto-Louro,
 Monumentos serão d'eterna glória
 Os, que o virão nos braços da Victoria,
 Indo, Guadiana, Téjo, Tormes, Douro?

N. B. Esta Ode foi composta nos principios de Julho do anno de 1812, quando tive a noticia da Conquista de Salamanca, a que diz respeito a palavra *Tormes*. He a mesma, a que alludo no meu pequeno Poema, intitulado *Wellington*, que acaba de sahir á Luz. —

J. P. R. de C.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — *A explicação do Mappa irá no fim.*

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Céo.
			Pol.	linh.	4. tos de lin.	gr.	4. tos de gr.	gr.	4. tos de gr.		
1	m. 8		27	11		13	2	91		SE.	s. n.
	t. 2		27	11	1	15		85	2		
2	m. 8		27	11		13	2	91		E.	
	t. 4		27	10	3	15	3	84			
3	m. 8		27	11		13	3	88			
	t. 3		27	11	2	15	1	81			
	9	30	27	11	3	14	1	86	2	SE.	
4	m. 8		27	11	3	13	3	88			
	t. 4		27	11	3	15	1	83	2		a. n.
	9	30	27	11	2	14	2	88			s. n.
5	m. 10		27	10		14	2	87			m. n.
	t. 4		27	9	1	15		87			c.
	9	30	27	9		14	2	91		E.	m. n.
6	m. 7	30	27	8	2	14	2	92		S.	c.
	11		27	8	2	15	3	88	2		
	t. 9	30	27	8	2	14	3	92		E.	
7	m. 8		27	8		14	3	93		SE.	c.
	12		27	7	2	15	2	90			m. n.
	t. 9	30	27	6	3	15		94		S.	
8	m. 10		27	6	3	15		94		SO.	ch.
	t. 5		27	8	3	15		95			c.
	9	30	27	9	1	15		95			m. n.
9	m. 8		27	9	2	15		95	2		c.
	t. 3		27	11	2	16	2	91		S.	p. n.
	9	30	27			15	1	95	2		
10	m. 8		28		2	15		94		SSO.	m. n.
	12		28		2	16	2	91			p. n.
	t. 9	30	28		2	15	2	98		NO.	c. nev.
11	m. 10		28		1	15	3	92	2		a. n.
	t. 4		27	11	2	16		89	2	NE.	s. n.

Dias do mez.	Hor.	Min	Barómetro.			Thermo- metro.		Hygró- metro.		Anemó- metro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh	4. ^{to} de lin.	gr.	4. ^{to} de gr.	gr.	4. ^{tos} de gr.		
12	9	30	27	11	2	14	3	96		NE.	c. nev.
	m.8		27	11	1	14	2	95		ESE.	a. nev.
	12		27	11		16	2	89			s. n.
13	t. 4		27	10	2	16	1	87	2	S.	
	m.8		27	11		14	2	91		SE.	c. nev.
	t. 3		27	11	2	16		88		SO.	m. n.
14	9	30	27	11	2	14	3	93		S.	
	m.11		27	11	2	15	3	94		SE.	c.
	t. 5		27	11	2	14	3	92		SO.	
15	9	30	27	11		14	2	93		S.	
	m.10		27	11		14	3	92		SSO.	m. n.
	11		27	11		15		90			
16	t. 9	30	27	9	2	14		91	2	OSO.	ch. v.
	m.10		27	9	2	14		92		NO.	v. ch.
	12		27	9	1	14		92	2		ch.
17	t. 5		27	9		13	2	91			c.
	9	30	27	9		13	1	91		E.	
	m.9		27	9	2	13		92	2		ch.
18	t. 2		27	9		13	3	95	2	SO.	ch. v.
	4		27	8	2	13	1	94			
	m.8		27	9	1	13	1	93	2	NO.	c.
19	12		27	9	3	14		89			ch.
	t. 3		27	9	3	13		87		N.	
	9	30	27	10		12	2	91			m. n.
20	m.9		27	7	2	12	2	92		ENE.	a. nev.
	12		27	7	3	13		89	2		a. n.
	t. 3		27	8		12	3	81	2		a. n. v.
21	9	30	27	8		12		90		E.	p. n.
	m.10		27	8	1	12	1	90			c.
	12		27	8		13	2	89			m. n.
22	t. 7		27	6	3	12	2	91		S.	ch.
	m.12		27		2	13		93			
	t. 3		27		2	13		92	2	SSE.	c.
23	10		27	2		11	2	95			p. n.
	m.10		27	5	2	11	3	90		S.	
	11		27	5	2	12		88			m. n.
24	t.10		27	7	1	9	2	76	2		a. n. v.
	m.8		27	8	1	10		79		E.	s. n. v.
	t. 1	30	27	8	3	10		76	2		

Dia do mês.	Hor.	Min	Barômetro.			Thermo- metro.		Hygro- metro.		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	4 ^{tos} de lin.	gr.	4 ^{to} de gr.	gr.	4 ^{tos} de gr.		
24	t. 5		27	8	3	10	1	79	3	E.	s. n. v.
	m. 8		27	10		9		77			
	t. 1	30	27	10		10		70			s. n.
25	m. 8		27	9		9	2	78		SSE.	a. nev.
	12		27	8	3	10	1	78			a. n.
26	t. 5		27	8	2	10		79	2		s. n.
	m. 8		27	8	2	9	2	82		E.	a. n. v.
27	t. 4		27	8	2	10	3	78		O.	a. n.
	m. 8		27	9	1	9	3	81		E.	c.
28	11		27	9	2	11		79	3	SSE.	
	t. 6	30	27	9	2	11		83		SE.	m. n.
	m. 8		27	8	3	10	3	83		S.	c. ch. v.
29	t. 3		27	9	2	12	1	86		SE.	a. n.
	m. 11		27	10		12	1	87			m. n.
	12		27	10		12	2	88			p. n.
30	t. 4		27	10		12		89		SSE.	a. n.
	m. 11		27	9	3	12	1	87	2	SE.	p. n.
	t. 9	30	27	10		12		89	1		a. n.

N. B. Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

Anemómetro.

N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste. — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este, etc. — N'esta columna qualquer letra indica o vento dominante até á letra immediatamente inferior.

Estado do Ceo.

a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relâmpagos.

t. = trovada. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o substantivo seguinte.

Corollarios, e Notas.

I. *Barómetro.* A maxima pressão da atmosphera neste mez foi de 28. pol. $\frac{1}{2}$ lin. no dia 10 ás 8, a 12 hor. da manhã, e ás 9, e 30 min. da noute, então vento NO. ; e ás 8 da manhã SSO. A minima de 27 pol. $\frac{1}{2}$ lin. no dia 21 ao meio dia, e 3 hor. da tarde, a esta hor. vento SSE.

II. Esteve constante o Barómetro no dia 6 em 27 pol. 8 $\frac{1}{2}$ lin.; no dia 10 em 28 pol. $\frac{1}{2}$ lin.; nos dias 24, e 29 em 27 pol. 10 lin.; no dia 26 em 27 pol. 8 $\frac{1}{2}$ lin.: tambem não variou desde as 3 da tarde do dia 13 até ás 5 da tarde do dia 14, estando em todo este tempo constantemente em 27 pol. 11 $\frac{1}{2}$ lin.: não houve pois variação alguma em todos estes dias; nos mais variou sempre este instrumento, ora mais, ora menos.

III. *Thermómetro.* A maxima temperatura da atmosphera foi de 16 $\frac{1}{2}$ gr. no dia 9 ás 3 hor. da tarde, e nos dias 10, e 12 ao meio dia: a esta hor. vento ESE. no dia 12, e naquella S. no dia 9. A minima de 9 gr. no dia 24 ás 8 hor. da manhã. Vento E.

IV. No dia 8 sómente se observou sempre o Thermómetro em 15 gr. Sem variação alguma, phenomeno este, que he a primeira vez, que apparece em todo o anno de 1812. Em todos os outros dias variou este instrumento, ora mais, ora menos.

V. Fizerão-se observações com o Thermómetro ao Sol em todos os dias, em que elle esteve descoberto. Foi então a maxima temperatura de 24 gr., e a minima de 20, esta no dia 28, e aquella no dia 4 ás 10 hor. da manhã.

VI. A maxima temperatura ao Sol no mez de Novembro foi menor, que a da Sombra no mez de Julho; porque esta foi de 26, e aquella de 24 gr.

VII. *Hygrometro.* A maxima humidade da atmosphera foi neste mez de 98 gr. no dia 10 ás 9 hor. e 30 min. da noute. Vento NO. A minima de 70 gr. no dia 24 á huma hor. da tarde. Vento E. Em todos os dias variou este instrumento; humas vezes mais, outras menos.

VIII. O *Hygrometro* he muito mais variavel que o *Thermómetro*, e este mais que o *Barómetro*.

IX. Forão muitos os dias chuvosos neste mez, mas em huns foi maior a quantidade da chuva, do que em outros. No dia 5 cahirão algumas gotas d'agoa, mas em mui pequena quantidade. No dia 6 ás 8, e 11 da manhã cahio chuva meuda, como também ás 2 hor. da tarde: e de noute foi em maior quantidade.

No dia 7 começou a chover ás 8 $\frac{1}{2}$ hor. da noute: cahio então a chuva por 4 ou 5 min.: passado algum tempo continuou em quantidade, que foi determinada pelo Pluvímetro.

Choveo no dia 8 ás 7 $\frac{1}{2}$, 9 $\frac{1}{2}$, e 12 hor. da manhã, sendo as gotas mais grossas nesta hor. do que nas antecedentes. Tornou a cahir chuva meuda ás 2 hor. da tarde, depois engrossarão as gotas, e durou a sua descida 15 min. De noute também cahio chuva grossa pouco depois das 8 hor., que durou $\frac{1}{2}$ de hor.

Algumas gotas de chuva meuda cahirão no dia 9 á 11 hor. da tarde; mas em mui pequena quantidade.

No dia 10 ás 11 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã, e 23 da tarde houve hum chuva grossa; porém ás 9 da noute hum grande nevoeiro se observou junto á superficie da terra, estando então o Ceo claro.

No dia 11 nevoa cerrada até ás 7 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã: o mesmo aconteceu nos dias 12, e 13, neste até ás 10 $\frac{1}{2}$ hor. do dia, e naquelle até ás 8 $\frac{1}{2}$.

No dia 14 cahio chuva meuda depois das 8 hor., que durou 12 min., e tornou a chover de noute.

Cahio no dia 15 de manhã chuva miuda, que engrossou ao meio dia. Continuou desde as 3 hor. da tarde até ás 8 da noute com alguns intervallos.

No dia 16 cahio chuva meuda em grande quantidade desde as 6 da manhã até ás 7 $\frac{3}{4}$, e depois desde as 11 até ao meio dia.

Choveo no dia 17 de manhã, e de tarde com alguns intervallos: a chuva que cahio ora era grossa, ora meuda.

No dia 18 cahio chuva grossa ás 7 $\frac{1}{2}$ da manhã, depois das 9 hor., e ao meio dia.

Choveo no dia 19 depois das 11 hor. até quasi ao meio dia; porém foi meuda a chuva, que então cahio: de tarde também cahirão algumas gotas por pouco mais de tres min.

Nos dias 20, 21, choveo de manhã, de tarde, e de noute com alguns intervallos: as gotas que cahirão ora erão maiores ora menores.

No dia 28 cahio chuva em gotas grossas ás 8 $\frac{1}{2}$ da manhã, que durou 11 min. Observarão-se cahir algumas pequenas gotas d'agoa no dia 30 ás 6 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã, que continuarão por mais de 8 min. (*).

(*) O Mappa sómente mostra a chuva, que cahio naquellas horas do dia, que elle indica, e o Corollario 9.^o faz menção não só desta, mas de toda aquella, que cahio em outras diferentes horas do dia, e da noute.

X. *Anemómetro.* Nos dias 1, 4, soprou de manhã, e de tarde o vento SE; no dia 8 SO. Nos dias 23, e 24 reinou também de manhã, e de tarde o vento E, e no dia 30 SE.

XI. *Pluviômetro.* A quantidade de chuva, que se pôde determinar neste mez, foi de 10 pol., 9 $\frac{1}{2}$ lin.

XII. *Evaporação.* Foi neste mez á sombra de 17 lin.

Observações Thermometricas, feitas em Rendufe

Dezembro de 1812.

Dias	Hor.	gr.	4. tos de gr.	Dias	Hor.	gr.	4. tos de gr.	Dias	Hor.	gr.	4. tos de gr.
1	m. 8	13		9	m. 7	13			t. 11	12	2
	t. 10	13			m. 12	14		14	m. 7	11	1
2	m. 8	12			t. 3	14			m. 12	13	
	t. 8	13			t. 7	14			t. 2	13	
3	m. 8	12		10	m. 7	14			t. 4	12	
	t. 8	12			m. 11	13	2		t. 7	11	3
4	m. 11	12			t. 2	13	2		t. 11	11	
	t. 10	12			t. 7	13	2	15	m. 8	11	
5	m. 8	12			t. 11	14			t. 8	12	
	t. 10	13		11	m. 7	13	2		t. 10	12	
6	m. 8	12			m. 10	13		16	m. 8	11	3
	m. 10	13			t. 2	13	1		m. 11	11	3
	m. 12	14			t. 7	13			t. 3	12	
	t. 3	14			t. 10	13			t. 7	11	2
7	m. 8	13		12	m. 8	12	3		t. 10	11	3
	m. 11	13			m. 10	13	2	17	m. 8	10	3
	t. 7	13	1		m. 12	13	2		m. 10	10	3
	10	14			t. 3	13			m. 12	11	
8	m. 7	13	2		t. 6	13			t. 3	10	3
	m. 11	13	2		t. 10	12	3		t. 10	10	3
	t. 3	13	2	13	m. 8	12	1	18	m. 8	10	2
	t. 7	13			m. 11	12	1		t. 2	10	2
	t. 10	13			t. 3	12	3		t. 4	10	

Dia	Hor.	gr.	4. ^{to} de gr.	Dias	Hor.	gr.	4. ^{to} de gr.	Dias	Hor.	gr.	4. ^{tos} de gr.
19	t. 7	9	3		t. 4	9			t. 11	7	
	t. 10	9	3		t. 7	8	1	28	m. 8	7	1
	m. 8	9	1		t. 10	8			m. 11	8	
	n. 12	9	1	24	m. 8	7	3		t. 2	10	1
	t. 2	9	1		m. 12	9			t. 5	9	
	t. 8	9	1		t. 3	9	1		t. 9	8	1
	t. 10	9	2		t. 6	8	1	29	m. 8	7	1
20	m. 7	9			t. 10	7			m. 11	9	
	n. 11	10		25	m. 3	6	3		t. 3	10	1
	n. 12	10			m. 7	6	3		t. 7	8	2
	t. 2	10	1		m. 12	7			t. 9	8	
	t. 7	9	1		t. 4	7	1	30	m. 8	7	
	t. 10	9	1		t. 8	7	1		m. 11	10	2
21	m. 8	8	1		t. 10	7	1		t. 2	10	3
	m. 12	10		26	m. 7	6	3		t. 6	9	
	t. 2	10			m. 11	9			t. 9	8	3
	t. 8	9	2		t. 1	8	3	31	m. 8	8	
	t. 10	9			t. 7	8			m. 10	8	1
22	m. 8	8	3		t. 10	7			t. 2	9	1
	t. 3	9		27	m. 8	6	1		t. 8	8	2
	t. 8	8	3		m. 12	8			t. 11	8	2
23	m. 7	8			t. 3	9					
	t. 2	8	3		t. 8	7	3				

DEZEMBRO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS
feitas na Villa de Monte-Alegre (as do Thermómetro,
e Anemómetro) em todo o mez.

Dia do mez.	Hor.	Min.	Thermó- metro.		Anemó- metro.	Estado do Céu.
			gr.	4. tos de gr.		
1	m.9		8			c. n.
	t. 6		7			c. n. ch.
2	m.10	20	6	4	E.	c. n. a. nev.
3	m.10	5	4			
	t.11	55	2	3		c. n. v.
4	t. 5	5	4	2		c. n. nev. ch.
5	m.10	5	5	1		
	t. 5	12	7			c. nev. m. ch.
6	m.10	30	2	2		c. nev.
7	t. 1	45	3			a. nev. ch. v.
		10	35	7		a. nev. v.
8	m.10	20	8	1	SO.	c. n. a. nev. m. ch. v.
	t. 5	20	7	2		c. n. a. nev.
9	m.10	35	8			c. n. a. nev. a. ch.
	t. 5	15	7	2		c. n. a. nev. v. ch.
10	m.10	40	8	3	O.	c. n. a. nev. m. ch.
	t.10	30	7			c. n. a. nev.
11	t.11	5	7	3	SO.	c. n. a. nev. m. ch.
12	t.11	30	8	2	SE.	c. n. a. nev. ch.
13	m.9	50	5	3		c. nev.
14	t.10	15	4	3	NO.	c. n. a. nev.
15	m.9	20	3	2	SE.	c. n. a. nev. m. ch.
	t.10	35	8		SO.	c. n. m. ch. m. v.
16	m.8	5	5	2		c. n. ch. m. v.
	t. 4	35	6	2		c. n. m. ch.
17	m.8	30	6		NN.	a. n. a. nev.
	t. 6	4	3	1		a. nev. a. neve.
18	m.8	35	4	3		c. nev. m. neve.
	t.10	35	3	1		n. a. nev.
19	m.10	25	2		ES.	c. n. m. v. a. nev.
	t. 6	27	2	2		c. n. m. v. a. ch.

Dias do mez.	Hor.	Min	Thermô- metro.		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			gr.	4. de gr.		
20	m.8	50	3	1	N.	a. n. s.
	t. 5	35	2			a. n. a. nev. m. v.
21	m.9	45	1	2	NNO.	s. n. s.
	t. 6	30	4	2		a. n.
	11	30	0	-1		s. n. m. geada.
25	m.11	10	1	3	NE.	c. n. grande neve.
26	m.10	30	1	3		a. n.
	t.10	50	0	2		c. n. caramelos grand.
27	m.11	5	-1	-2		s. n. geada.
28	m.9	10	0			a. n. v. m.
	t.10	45	0	-2		a. n. m. v.
29	m.10	10	1	2		s. n.
	t.10	40	1			s. n. v.
30	t. 4	45	1	2		a. n. m. v.
31	m.11	30	1	2		e. n. a. neve.
	t. 5	15	1	3	E.	c. n. a. nev. humidade

Todos estes dias se tem conservado a grande camada de neve, de pé e meio de altura.

Dizendo que me sirvo das abbreviaturas adoptadas nos Mapas Meteorológicos, feitos no Gabinete de Physica da Universidade, inseridos no J. de C., julgo superfluo demorar-me na explicação deste.

DEZEMBRO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — *A explicação do Mappa irá no fim.*

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermo- metro.		H. gto metro.		Anemó- metro.	Estado do Cco.
			Pol.	linh.	4. tos de lin.	gr.	4. tos de gr.	gr.	4. tos de gr.		
1	m. 10		27	11		12	3	89		SE.	p. n.
	12		27	11		13	1	90			m. n.
	t. 5		27	10	3	13		80	2		s. n.
2	m. 8		27	10	2	12		88	2		
	t. 4		27	10	1	12	2	85			m. n.
	5		27	10		12	2	84	2	ESE.	
3	m. 7	30	27	9	3	11	2	88			
	12		27	9	3	12	2	82	2		c.
	t. 5		27	9	1	12		85			m. n.
4	m. 8		27	9		11	3	85		E.	c.
	t. 1		27	9	1	13	2	86			m. n.
	5		27	9	1	13		87	2		
5	m. 8		27	10		12		87	2	S.	c.
	10		27	10	1	13	2	85	2	SE.	m. n.
	t. 5		27	10		13	2	89	2	S.	c.
6	m. 8		27	9	3	13		89	2	SE.	m. n.
	t. 5		27	9	1	13	3	89	3		p. n.
	5	30	27	9	1	13	2	89	3		
7	m. 8		27	9	1	13	2	89		SSE.	c.
	t. 5		27	8	1	14	2	89	2	SE.	
8	m. 12		27	7	3	14	3	89	2	S.	c. ch.
	t. 4		27	7	3	14	2	89	3		c.
	5		27	8	2	14	1	90		SO.	
9	m. 7	30	27	9	2	13	2	90	2	SE.	c. ch.
	t. 5	30	27	10		14	2	92			c.
10	m. 12		27	9	2	14	3	93	2		
	t. 5		27	9		14	1	94		S.	c. ch.
11	m. 8		27	8		14		93	2	SE.	c.
	t. 3		27	5		13	3	92	2		
	5		27	4	2	13		93			

Dia do mez	Hor.	Min	Barômetro.			Thermômetro.		Hygrômetro.		Anemômetro.	Estado do Ceo.
			1. to de Pol.	2. to de lin.	4. to de lin.	gr.	4. to de gr.	gr.	4. to de gr.		
12	m. 8		27	3		13		93		O.	ch.
	12		27	3	2	13	2	92	2		
	t. 5		27	4		13	2	93			m. n.
13	m. 8		27	4		13		93		SE.	c. ch.
	12		27	2	2	13		93	2		
	t. 2		27	2		13		93		SO.	
	5		27	3	1	12	3	92			c.
14	m. 8		27	4		12		92		N.	m. n.
	t. 4		27	4	3	12	2	90			c. ch.
	4	30	27	4	3	12	3	90			c.
	5		27	5		12	2	91			m. n.
15	m. 8		27	4		12		91	2	SE.	c. ch.
	t. 4		27	3	2	12	3	95	2		
16	m. 8		27	1	2	12	1	95		SO.	
	t. 1	30	27	2		12	3	92			m. n. v.
	5		27	2		13		93			m. n.
17	m. 8		27	3	2	11	2	93		SE.	c. ch.
	10		27	3	1	11	2	92	2		
	t. 4		27	2	3	11	3	91			
18	m. 8		27	4	1	11	1	92			m. n.
	12		27	5		11	3	91			a. n.
	t. 5		27	6	3	11	2	94			m. n. v.
19	m. 8		27	1	2	10	2	92			
	12		26	11	2	11	1	90			
	t. 5		26	9	1	11	1	93		O.	c. ch.
20	m. 8		27	5	3	10	2	93		S.	p. n.
	t. 1	30	27	6	3	11	2	92	2		a. n.
	5		27	7	3	10	2	91			
21	m. 10		27	8	3	10		92			s. n.
	t. 5	30	27	10	1	9	3	93		SSE.	
22	m. 10		27	10	3	9	1	92			c.
	t. 5		27	10	3	9	3	93			
23	m. 8		27	10	1	9	3	93		E.	c. ch.
	12		27	10		10		92	2		m. n.
	t. 5		27	10		9	2	94	2	N.	c. ch.
24	m. 8		27	11	3	9		93		E.	c. nev.
	10		28	1		8	3	93			a. nev.
	12		28	1		9		90			s. n.
	t. 4		28	1		9	2	90			

Dia do mez	Hor.	Min	Barômetro.			Thermo- metro.		Hygro- metro.		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			Bar. na Pol. inh.	4. tos de lin.	4. tos de gr.	4. tos de gr.	4. tos de gr.	4. tos de gr.	4. tos de gr.		
25	m. 10		27	11	2	9		92		S.	m. n. ch.
	t. 4		27	11	2	9	2	92	2	NO.	m. n.
	5		27	11	3	9		92	2		
26	m. 8		27	11	3	9	2	92	2	SE.	s. n.
	t. 5		27	11	3	9		90	2		
27	m. 8		27	11	3	8	3	90		S.	
	t. 2	30	27	11		7	2	86	1		m. n.
28	m. 8		27	11	2	6	3	89	2	NE.	p. n.
	t. 3		27	11	1	8		87			a. n.
	5		27	11	1	8	1	88	2		
29	m. 8		27	11		8		85	2		
	t. 5		27	11		8	2	84	2		s. n.
30	m. 8		27	11		8		82		N.	
	12		27	11		8		77			s. n. v.
	t. 3	30	27	10	3	8	2	79		E.	
	5		27	10	3	7	3	82			s. n.
31	m. 8		27	9	3	7	2	83			c.
	t. 5	30	27	8		8	1	87			

N. B. Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

Anemometro.

N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste. — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este, etc. — Nesta columna qualquer letra indica o vento dominante até á letra immediatamente inferior.

Estado do Ceo.

a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relampagos. —

t. = trovoadas. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o substantivo seguinte.

Corollarios, e Notas.

I. *Barómetro.* — A maxima pressão da atmosphera neste mez foi de 28 pol. 1 lin. no dia 24 desde as 10 horas da manhã, até ás 4 da tarde. A minima de 26 $\frac{9}{16}$ lin. no dia 19 ás 5 hor. da tarde. Vento O.

II. No dia 22 não variou o Barómetro, esteve sempre em 27 pol. $\frac{10}{16}$ lin.: no dia 26 em 27 pol. $\frac{11}{16}$ lin.: no dia 29 em 27 pol. 1 lin.; e assim se conservou até ás 12 hor. da manhã do dia 30. Nos mais dias variou humas vezes mais outras menos.

III. *Thermómetro.* — A maxima temperatura da atmosphera neste mez foi de 14 $\frac{3}{4}$ gr. nos dias 8, e 10 ao meio dia. Vento a esta hor. S. no dia 8. A minima de 6 $\frac{3}{4}$ gr. no dia 28 ás 8 hor. da manhã. Vento NE. Em todos os outros dias variou, ora mais, ora menos.

IV. Fizerão-se observações com o Thermómetro ao Sol todos os dias, em que elle esteve descoberto, e constantemente ás 10 hor. da manhã. O maximo calórico thermometrico da atmosphera foi então de 21 $\frac{1}{4}$ gr. no dia 2, e o minimo de 19 gr. no dia 29.

V. Os dias, em que sómente se poderão fazer estas observações thermometricas neste mez forão 2, 5, 6, 9, 21, 24, 26, 27, 28, 29, 30.

VI. *Hygrómetro.* — A maxima humidade foi de 95 $\frac{1}{4}$ gr. no dia 15 ás 4 hor. da tarde. A minima de 77 gr. no dia 30 ao meio dia. Em todos os dias variou este instrumento humas vezes mais, outras menos.

VII. Choveu em quasi todo este mez; a saber nos dias 3, 4, 7, 8 sómente de manhã em gotas grossas com alguns intervallos, ora maiores, ora menores.

No dia 9 choveu de manhã: começou ás 7 $\frac{1}{2}$ hor., e durou até 10 $\frac{1}{2}$ cahindo em gotas humas vezes maiores outras menores. De tarde tornou a chover desde as 2 $\frac{1}{2}$ até depois das 3 hor.

No dia 10 cahio muita chuya sómente de tarde, desde a 1 $\frac{1}{2}$ hor. até ás 7 da noute.

Nos dias 11, 12, 13 choveu muito de manhã, de tarde, e de noute com poucos, e pequenos intervallos.

No dia 14 choveu tambem de manhã e de tarde; porem em menos quantidade, do que no dia antecedente; porque cahio alguma chuva ás 6 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã, que durou cousa de 5 m', tornou a vir ás 7 descendo em gotas grossas; mas por pouco tempo, voltou finalmente ás 11 $\frac{1}{2}$ mas em pequena quantidade, o mesmo acco- teceo ás 5 $\frac{1}{2}$ da tarde.

No dia 16 começou a chover ás 7 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã; durou até ás 8 $\frac{1}{2}$; neste espaço de tempo houve tambem huma grande tro- voadá, que tornou ainda maior, e acompanhada de granizo ás 10 hor., continuou cousa de 8 m'. pouco mais ou menos.

Nos dias 17, 18 choveu de manhã, de tarde com alguns pe- quenos intervallos, e de noute em grande quantidade, sendo então a chuva acompanhada de muito vento.

Nada choveu em toda a manhã do dia 19; mas houve muito ven- to. De tarde choveu ás 3 $\frac{1}{2}$, 4, 5, 6 hor. mas de cada vez chu- va miuda, e pouca.

No dia 20 sómente choveu de manhã ás 9 $\frac{1}{2}$ hor., 11 $\frac{3}{4}$, e 5 $\frac{1}{2}$: em cada vez não durou muito a chuva; mas em todas ellas cahio em gotas grossas.

Choveu no dia 22 de manhã ás 7 $\frac{3}{4}$; mas a chuva que então ca- hio durou pouco: de tarde cahio em maior quantidade. ás 2 hor. parou passados alguns m'; porem voltou ás 3, e 5 chuva miuda.

Foi quasi aturada a chuva em todo o dia 23 até ás 5 hor. da tar- de: e pequenos forão então os intervallos, em que deixou de cho- ver. A's 3 hor. da tarde cahio granizo acompanhado com chuva, que durou alguns m'.

No dia 25 choveu ás 8 $\frac{1}{2}$, e 10 hor. da manhã, porem de cada vez pouco tempo. De tarde chuva grossa ás 3 $\frac{1}{2}$ h., e miuda ás 5 $\frac{3}{4}$ por mais de 5 m'.

VIII. *Anemómetro.* — Reinou o vento SE. nos dias 1, 6, 9, 11, 15, 17, 18, 26. Soprário no dia 14 o vento N.; no dia 27 o vento S., e no dia 29 o vento NE.

IX. *Pluviómetro.* — A chuva que pôde ser determinada por es- te instrumento foi de 26 $\frac{1}{4}$ pol.

X. *Evaporação.* — Foi em todo este mez de 6 lin. á sombra.

ART. VII.—

Collecção d'Estatutos, Leis, e Alvarás, relativos a Medicina, Cirurgia, etc. remetida por Antonio d'Almeida, Medico de Penafiel.

(Continuada do Num. XIV. pag. 206.)

DOCUMENTO NUM. II.

*Carta Regia para que o Cirurgião Mor possa examinar, e dar
Cartas de Cirurgia aos que achar aptos com pena aos que
as não tiverem.*

D. Affonso, etc. Aos quantos esta virem, fazemos saber, que os Reis, que ante Nos forão em estes nossos Reinos, vendo que muitas pessoas assim Christãos, como Judeos, e Mouros, se lançarão a uzar das artes da Fizica, e Cirurgia, não sendo alguns delles para ello pertencentes; e como se dello seguia perda, e dano a seus naturaes; e querendo sobre isto prover por serviço de Deos, e seu bem, e proveito de sua terra, ordenarão, e mandarão, que pessoa alguma em estes Reinos, não podesse uzar das ditas sciencias sob certa pena, sem primeiro para ello haverem sua authoridade, e serem examinados per aquelles Fizicos, ou Cirurgiões, que seu poder tivessem de os examinar; e por quanto nossa vontade he de se a dita ordenança assim guardar e manter, como pelos ditos Reis foi ordenado, e mandado, confiando da bondade, e discrição de Manoel Gil, Nosso Criado, e Cirurgião, por quanto entendemos que elle he tal, que fará bem, e como cumpre a nosso serviço, e proveito de nosso povo, temos por bem fazello nosso Cirurgião Mor dos nossos Reinos, e Senhoriaes; ao qual damos poder e authoridade, que possa examinar, e dar cartas áquelles, que achar aptos, e pertencentes para a dita arte de Cirurgia, que serão em nosso Nome assignadas por elle, que livremente por ellas possam uzar a dita arte. E por esta mandamos ao nosso Chancellet Mór, ou outro qualquer que seu cargo tiver, que as selle sem outro imenta; e qualquer que da dita arte usar, sem nossa carta assignada pelo dito nosso Cirurgião Mór, mandamos que cada vez que della uzar, ou lhe for provado, seja prezo, e da cadeia pague dous marcos de prata, hum para o dito Cirurgião Mor, e o outro para quem o accuzar. E mandamos a todos os Corregedores,

Alcaides e Meirinhos, Juizes e Justiças de nossos Reinos, e outros quaesquer Officiaes, e pessoas, a que isto pertencer, que prendão quaesquer pessoas, que da dita arte usarem sem nossas cartas, cada vez, que pelo dito Gil, nosso Cirurgião Mor, ou da sua parte forem requeridos, e os não soltem sem seu mandado; e outro sim damos Licença, e lugar ao nosso Cirurgião Mor, que possa trazer tres homens com suas armas, tantas quantas, e quaes lhe aprouver de noite, e de dia, por onde elle quizer, para servirem o officio, e prenderem os que o uzarem sem nosa Carta de Licença; e mandamos a todas as nossas Justiças, que lhas não coutem, nem tomem, nem consintão coutar, nem tomar a outra alguma pessoa, sem embargo da Ordenação, e defeza sobre ello: por esta outro sim damos puder ao nosso Cirurgião Mor, que possa constringer quaesquer pessoas que da dita arte de Cirurgia uzarem, que lhe vanhão mostrar cartas para ver se as tem, e uzão como devem; e se lhas mostrar não quizerem, mandamos que sejam prezos, e paguem a pena sobredita, e al não façais; e esta Carta lhe não guardeis se sellada não for. Dada em Lisboa a 25 de Outubro. Pedro Gil a fez no anno do Nascimento de N. S. Jesus Christo de 1448: o qual Mestre Gil jurou em nossa Chancellaria aos Santos Evangelhos de bem e verdadeiramente, e como deve, obrar e usar do dito Officio, e guardar em ello nosso serviço e proveito do nosso Povo.

DOCUMENTO NÚM. 12.

Defesa jeeerall que nenhuã físsico, nem Cellorgiam faça meezinhas em cazas pera vender.

Dom affonso, etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que a nós foi feita emformação, que em allguumas Cidades, Villas, e Luguares dos nossos regnos os Cellorgiaães, e físsicos, que em elles moram, ou alguũs tem tempos estão fazem as meezinhas em suas casas pera os doentes de que curam, e compram muitas vezes as meezinhas dos boticairos pera hos doentes por os preços acustumados, e dan nas por outros preços moores em modo que o povoo he enganado no preço das dictas meezinhas, e os boticairos nom podem viver per seus officios por os físsicos fazerem as meezinhas em suas casas; e asi se esquivam de as comprar que antes muitos se leixam morrer que se curar donde se sege os boticairos nom poderem teer, nem manter suas buticas, nem teerem as meezinhas, que necessarias sam pera boã provissão da gente quando quer que adoecem: E que esso mesmo os buticairos se entremetem muitas vezes a querer aconsellar nos casos da físsica, e cellorgia, e asi sem conselho de físsico, ou cele

lorgiam despacham muitas meesinhas, e como nom sabem conhe-
 ceer as meesinhas pera as doemças, nem teem disso conhecimen-
 to soo pera despacharem suas meesinhas empecem a muitos ho-
 mees, e así fazem perjuizo aos fisicos, e dano ao povoo: E que
 outro si muitos marceeiros, e espicieiros vemdem meesinhas al-
 lguuãs compostas ao povoo nom sabendo a compossiçam dellas, mas
 fazem-as trazer de castella, e d' araguam nas quaes sse cometem
 muitos erros de que ao povoo vem grande dapno, e perda; e
 querendo nós ácerca dello proveer com alguu remedio: E vemdo
 o que nos así requeriam, e conhecendo seer obra meritoria, e ser-
 viço de Deos: Temos por bem, e queremos que nenhuu fissimo,
 nem cellorgiam nom façam meesinhas em suas casas pera vender
 ao povoo homde quer que buticairo estiver assentado com sua bu-
 tica, nem eso mesmo alguu buticairo seja ousado aconselhar ne-
 nhuu doemte, que se cure com nenhuã meesinha, e que nenhuu
 outra pessoa possa vender meesinhas compostas ao povoo pollo
 meudo de quallquer estado, e comdição que seja, salvo buticairos
 homde quer que os ouver, e todos dias continuadamente teve-
 rem suas buticas: E pero aos buticairos possão ser vendidas, e el-
 les comprar dos que as de fóra do regno trouverem: E eso mees-
 mo que nenhuu triagueiro nom possa vender triaga em estes nos-
 sos regnos, sem primeiro ser eixaminada sua tiriaga se he bõa,
 a quall eixaminação será feito per quallquer fissimo chrisptaaõ, que
 ouver na cidade, ou luguar homde se a dita tiriagua vender, ou
 secho hi nom ouver no lugar, que for mais cerca daquelle; e o ti-
 riageiro levará certidom do fisico, que a examinou; e esto avemos
 así por bem que se faça porque nom leve dinheiro por o que pou-
 co, ou nada aproveita. E quallquer que o contraio destas fezer
 queremos que pague mill rreaes, quinhentos pera os cativos, e os
 outros quinhentos pera quem os acusar, e esto por cada vez que
 em esto cayrem. E poremandamos a todollos corregedores, Jui-
 zes, e Justiças de nossos regnos, e a outras quaesquer pessoas a
 que esto pertemcer que cada huu em seu lugar dem, e fação dar
 á eixecuçam todo os comtheudo em esta nossa Carta, e cumpram,
 e guardem, e façam cumprir, e guardar segundo em ella he com-
 theudo, nom lhe hymdo, nem comsymtindo hyr contra ella em
 maneira allguuã por que así he nossa mercee; dada em ha nossa
 Cidade d' evora vinte e tres dias d' abril, dieguo fernandes a ffez
 annõ de nosso senhor Jesu Christo de mill quatrocentos sessenta e
 hum.

No R. Archivo Liv. d' Extras fol. 59 v. on o
 sup. 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

DOCUMENTO NUM. 13.

Cap. 101. dos Místicos.

Senhor, outro grande erro sentimos ácerca desto, tanto que o Vosso Físico, e Solorgiam Moor sabe que alguma velha cura com ervas, e palavras santas, ou alguns outros homees, que curam pelo amor de Deus, e fazem muito proveito ao Povo em leves curas, tanto que o sabe o dito Físico Moor loguo os manda premder, e diz que lhe amde levar quorenta Coroas, segundo sua Ordenaçam, e senam pode aver quoremta leva trinta e sinco, como melhor pode, e emtam lhe asina termo a que venha tirar Carta, pera levar o marco de prata, e dobra: pedimos-vos Senhor por mercee, que as taees molheres e homeens, que curam com ervas e boas palavras semelhantes curas, que o dito Vosso Físico Moor nam tenha dever com eles, e que nenhum de semelhantes nam de Carta pera curar, salvo achandoo no exame por sofeciente no offiço, e lhe nam leve marco de prata e dobra, como em cima fas memçam, no que nos farees justiça e merce.

Responde El-Rey, que ha por bem que seu Físico, e Solorgiam mores nam façam couza alguma per autoridade de seus Offiços, nam devida, nem de que se a seu Povo sygua dano, nem oppressam alguua, e os amuestará que mais estreita maneira, e modo tenham daqui em diante no dar das Cartas para alguns poderem curar, e se ajam com mayor deligemçia no examinar das Pessoas, a que as dar quizerem.

Cortes de Coimbra e Evora de 1472., e 1473.

DOCUMENTO NUM. 14.

Ao Celorgiam moor, Sentença per que foi determinado que premdam quaaesquer pessoas que elle Requerer por usarem sem licença da arte de Celorgia.

Dom Joham, etc. A quantos esta nossa Carta virem; fazemos saber que o doutor mestre antonio cavaleiro de nosa Casa, e nosso Celorgiam moor nos disse em como o nós tinhamos tomado por nosso Celorgiam moor per nossa carta patente per que lhe tinhamos outorgadas as liberdades, e franquezas, privilegios, e poderes que tinham, e avião os outros celorgiaes moores seus antecessores assy como os tinha, e avya mestre gill, e o doutor mestre fernando, segundo todo mais compridamente era contheu-

do na dita carta, que perante nós apresentou, ante os quaes poderes, e liberdades, que os sobreditos tinham assy era que nehuu nom podia hussar da dita arte de celorgia sem primeiro serem examinados per elles; e que as Justicas que achassem as semelhantes pessoas da dita arte, huzando sem licença, os prendessem, e nom fossem soltos atee pagarem a penna ao dito Celorgião moor contheuda em huã Carta, que o dito doutor mestre fernando tynha que he dous marcos de prata ameeidade pera o dito Celorgião moor, e a outra metade pera quem os acusase, e amorando-se, e nom sendo achados fesessem fazer penhora, e eixecuom com hui taballiam em tantos dos beens moves, e de Raiz dos sobreditos per que se ouvesse a dita penna, e as pessoas que assy fossem culpadas em assy husarem da dita arte sem carta sellada, e assynada per o dito Celorgião moor fossem presas per as ditas Justicas cada vez que per o dito Celorgião moor, ou de sua parte fossem Requeridos, e os nom soltassem sem seu mandado: E que outro sy o dito Celorgião moor podesse trazer tres homões com suas armas quantas, e quaaesquer que lhe aprouuer de nocte, e de dia per onde elle quizesse pera servirem ho Officio, e prenderem os que hussassem sem carta de licença e assy podesse constringer o dito Celorgião moor quaaesquer pessoas que da dita arte de Celorgia husasse que lhe viessem mostrar suas cartas pera veer se as tinham, e husavão como devião; e se lhas mostrar nom quisessem fossem pressos, e pagassem a pena sobredita, segundo que todo esto melhor, e mais compridamente veer poderião per cartas, e alvaraes, que o dito doutor mestre fernando tynha: Das quaes verbas, claussulas, e poderes sussoditos apresentou perante nós o teor inserto em dous estormentos em publica forma tirados do proprio original na forma sussodita, e que sem embargo dos ditos poderes, e liberdades, assy serem dadas, e outorgadas aos ditos nossos Cellorgiaes moores, e elle doutor gozar, e gouvir de todo por lhe seer per nós dado, e outorgado o dito officio com todas as franquezas, e liberdades sussoditas de que os antecessores seus husaram, e lhas não querião guardar, nem cumprir, nem dellas usar; antes o torvavão, e vexavão em isso quanto podiam, e que o doutor Joham d'elvas do nosso Comselho, e Corregedor de nossa Corte defendera, e defendia ao meyrinho de nossa Corte e seus homões, e assy a outros officiaes que per seu mandado nom prendessem pessoa alguã que elle mandase que a seu officio pertencesse. Pedindo-nos por mercee que a ello lhe ouvessemos alguu Remedio com dereito, e mandássemos que lhe guardassem todo o susso contheudo, e que lhe em a Carta que de nós tem outorgado téemos, e que per seu mandado premedessem, e fizessem todo ho em esta contheudo, segundo a seu Officio pertencia. E visto per nós seu Requerimento em Rellação com os do nosso desembargo: Acor-

damos ouvido o dito nosso Corregedor, e vista a sustancia do dito alvará, e carta aqui contheudos que o dito doutor mestre antonio Sopicante he agravado pello dito Corregedor em mandar ao meirinho, e seus homens, etc., que nom prendessem pessoa que elle Requeresse seer pressa por husarem sem licença da arte de cellorgia, visto em como assy per o dito alvará he mandado que os taaes que per cellorgião moor nom forem examinados, e sua carta nom tiverem curando, possão seer pressos, e da cadéa paguem a dita penna; e em a carta se conthem que a Requerimento do Cellorgião moor seião pressos per os ditos officiaes, e nom soltos sem mandado do dito Cellorgião moor; e elle possa teer homens pera prenderem os que assy forem achados curar sem licença, e carta. E porém mandamos ao dito Corregedor que nom deé mais pejo, nem torva ao dito mestre antonio hussar, e devey de hussar do em a dita carta contheudo, e lha guardem em todo posto que ao doutor mestre fernando fosse outorgada visto como a ouve, como cellorgião móor; e elle doutor mestre antonio tem per sua carta do officio aquelles mesmos poderes, e privilegios, e perrogativaz em o dito officio que o dito mestre fernando tyha, o que lhe todo guardem, e cumpram sem myngua-mento alguu. Comprindo todo assy huús, como os outros sem nhuua duvida, nem embargo que a isso huús, e outros ponhão porque nossa mercee, e vontade he que todo assy seja comprido, e guardado, como aqui per nós he acordado, e mandado; e em testemunho dello lhe mandamos dar esta nossa carta sellada do nosso sello pemdemte: dada em a nossa villa de santarem a dezasete dias do mez de março: El Rey o mandou per o doutor João teixeira do seu Conselho, e seu chaceller moor; diogo velho a ffez anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mill e quatrocentos oitenta e seis mil e seiscentos e seis.

R. Archivo Liv. d'Extras fol. 80 v.

DOCUMENTO NUM. 15.

Nós El Rey fazemos ssaber a quantos este nosso alvarra vyrrerem que por parte do doutor mestre Rodrigo fysyquo moor nos foy apresentado huú alvara d'el Rey meu Senhor cuja alma deos aja ssendo principe Regedor e governador destes Reynos ausencya d'el Rey dom affonso sseu paay cuja alma deos aja de que ho theór he este. Nos ho o principe Regedor e governador destes Reynos por El Rey meu Senhor em sua aussencya fazemos ssaber a todollos corregedores, juizes e justicas a que este alvarra for mostrado que o doutor mestre Rodrigo fysyquo moor do dito Senhor e nos-

so nos mostrou huma carta de sua ssenhoria asygnada per elle e ssellada com ho ssello pendente per que mandava que qualquer pessoa que sse metesse a curar e hussar de fysyqua ssem sseer examinado pollo sseu fysyquo moor e aveer sua lycença pagasse da cada trynta dobras de banda pera o dito fysyquo moor e asy nos mostrou huū alvarra asynado pello dito Sephor porque mandava a todallas justças que prendessem qualquer pessoa que lhe pello dito fysyquo moor requirido fosse pydindo-nos o dito mestre Rodrigo que lhe mandasse-nos conprir e excutar os ditos mandados e nos vysto seu requirimento avemos por bem e vos mandamos que quando quer que o dito doutor e de sua parte for rrequirido que prendayees algũaas pessoas das ssobređitas vos conto da delyencya as prendayees e mandes prender e as nom ssoltes nem mandes ssoltar ssem mandado do dito fysyquo moor por quanto por bem de sseu oficyo elle he Juiz dos ssobređitos e ssem sseu lyvramento nom devem de sseer ssoltos o que vos asy todos e cada huū de vos conprir e faze asy conprir ssem outra duvida que a ello ponhaes por que asy he nossa merce E querremos que este alvarra lhe sseja guardado como sse fosse carta assellada e passada pella chancellaria ssem embargo de quaesquer ordenaçoees que hy aja en contrayro feito em lixboa a quinze dias de Junho crystovão de bayros a fez de mill e quatrocentos settenta e seis pydindo-nos o dito doutor mestre Rodrigo que lhe confirmassemos o dito nosso alvarra e nos vysto sseu justo pedyr praz nos de o asy confirmarmos e mandamos aos ssobređitos que lhe façaes conprir e guardar este alvarra como nelle he contheudo por que asy nossa merce feito em ssétubal a dezanove dias de Junho Nuno Rebello o fez de mill e quatrocentos noventa e seis.

No R. Archivo Corpo Chronologico Parte 1.^a Maço 10
Documento 110. N. Suc. 1148.

ART. VIII.—

Das Taboas Chronologicas que nos remetteo Antonio de Almeida, Medico do Real Partido de Penafiel, publicamos a primeira em o Num. XI. pag. 334, segue-se

SEGUNDA TABOA CRONOLOGICA;

DO

SEculo XIX,

A qual comprehende os principaes successos

do anno de 1802.

Janeiro.

Dia 1.^o Da data d'este dia manda o Eleitor de Baviera cumprir exactamente a Bulla de Clemente XIV. dada em 16 de Maio de 1772 pela qual supprimia varios dias Santos, e de festa; impondo o Eleitor penas pecuniarias aos Chefes de familia que não obrigarem aos trabalhos seus filhos, e obreiros.

N. B. — Este Eleitor declarando que a Religião Catholica Apostolica Romana não era ponto fundamental da Constituição Politica da Baviera deu assás a conhecer os seus sentimentos religiosos, e fez prever as muitas suppressões de Conventos que fez n'este anno.

Dia 3. Approva a Consulta extraordinaria da Republica Cesalpina hum Decreto por onde os seus Membros se dividem em cinco Juntas para cada huma tratar, e propôr os meios mais adequados para se determinar, publicar, e observar a Constituição.

Dia 10. Agradece o Papa Pio VII. a alguns Bispos Francezes a renúncia que fizeram das suas Mitras a favor da tranquillidade da Religião Catholica na França.

Dia 20. Incorpora Carlos IV. Rei de Hespanha á sua Coroa as linguas, e assembléas da Ordem de Malta, pertencentes á Hespanha, declarando-se por Grão Mestre d'ella nos seus Estados.

Dia 21. Convoca-se em Lauffenburgo hum assembléa dos habitantes do Frickthal pelo agente do Ministro Francez, para lhe fazer saber que tomava posse do dito Paiz para fazer hum Cantão da Republica Helvetica.

N. B. — Era pertencente á Suabia Austriaca, e situado na margem esquerda do Rhin.

Dia 23. Assigna-se a paz da França com o Dey de Tunes.
 — Toma o Senado Helvético novos arranjos Constitucio-
 naes em consequencia da conta dada pelo primeiro Landaman Re-
 ding chegado de Paris a fim de obter o reconhecimento Diploma-
 tico da Republica Helvetica.

N. B. — E quem não descobre já a grande influencia
 da França na Suissa?

Dia 26. Aceita Buonaparte o titulo de Presidente da Republica
 Italiana, que lhe foi offerecido no dia 25 pela Deputação da Con-
 sulta Cisalpina, e da-se principio á nova Constituição Italiana, re-
 conhecendo a Consulta a sua incompetencia para administrar o Go-
 verno sem o apoio de hum Primeiro Magistrado estrangeiro, e po-
 deroso.

N. B. — A Republica Cisalpina foi erecta em 1797, e
 confirmada pelos tratados de Campo Formio, e pelo de Lu-
 neville.

Fevereiro.

Dia 4. Desembarção os Francezes em la Maloniere (na Ilha de
 S. Domingos) apezar de alguma opposição dos negros, os quaes
 queimão a Cidade do Cabo.

Dia 6. Entrão os Inglezes em Corfú para evitarem as desordens
 da Republica das Sete Ilhas em quanto de accordo com a Turquia,
 e Russia se não estabelece ali hum Governo Regular.

Dia 14. Instala o General Murat o novo Governo da Republica
 Italiana em Milam.

Dia 17. Entrão em Roma as cinzas do veneravel Papa Pio VI.
 de saudosa memoria, e depositão-se na Basilica do Vaticano.

N. B. — Este Pontifice foi creado Papa em 14 de Fe-
 vereiro de 1775 e morreo em Valença de França em 29 de
 Agosto de 1789 para onde tinha sido conduzido prezo pelos
 Francezes. O seu Pontificado hum dos mais longos que offe-
 ce a historia da Igreja será memoravel na mesma historia.
 He digno de reparo que nas professias attribuidas a Malaquias
 venha este designado = *Peregrinus Apostolicus*. =

Dia 21. Intima-se á Republica das Sete Ilhas hum Firman do
 Grão Senhor, em que se lhe prohibe as mudanças na sua Consti-
 tuição, por ser isto contrario ao espirito das Potencias, que affian-
 çarão a existencia da mesma Republica.

Dia 23. Assigna-se o tratado de paz entre a Republica France-
 za, e a Regencia de Argel.

— Destroga o General Rochambeau a Toussaint Chefe
 dos Negros no sitio de Ravine a coleuvre da Ilha de S. Domin-
 gos.

Dia 25. Apresenta-se ao Primeiro Consul Buonaparte o Princi-

pe hereditário de Nassau na Cidade de Paris, e lhe manifesta aquelle grande satisfação por ter seu Pai escripto aos Hollandezes para livremente poderem tomar os lugares públicos na nova fórma do Governo d'esta Nação.

N. B. — Oh quanto he magestosa a conducta dos Bourbon's á vista d'este acontecimento!!!

Março.

Dia 2. Assigna-se entre a Austria, e a Porta Ottomana huma Convenção pela qual esta garante áquella não lhe serem apprehendidas pelas Potencias Berberescas as suas embarcações indo munidas com o Firmam do Grão Senhor.

Dia 4. Ordena o Rei de Prussia ao Consistorio Prussiano para fazer baptisar dentro de seis semanas os filhos de pais christãos, dizendo = o uso dos baptismos praticado de tempo immemorial da Igreja Christã está tão estritamente ligado com a Constituição do Estado, que d'elle dependem todos os direitos, e relações civis. =

Dia 25. Assigna-se em Amiens o tratado de paz entre a Republica Franceza, e Batava, e o Rei de Hespanha por huma parte, e a Gran Bretanha pela outra, bazado sobre o tratado de preliminares de Londres.

Dia 27. As duas Republicas Franceza e Batava, fazem huma Convenção aurea do artigo 18.º do tratado de Amiens, e por ella se decide que as indemnidades estipuladas a favor da Casa de Nassau não serão de modo algum de peso á Republica Batava.

Dia 30. Finalmente accede a Suecia em Petresburgo á Convenção de 17 de Junho de 1801 com a Inglaterra.

Abril.

Dia 12. Declara o Eleitor de Baviera, que pelo Tratado feito com o Imperador da Russia fica o Grão Priorado da Baviera da Ordem de Malta sendo huma parte constitutiva do Fidei-comisso da Casa Bavora Palatina, servindo de patrimonio perpetuo aos Principes segundos da Casa Eleitoral.

Dia 18. Publica-se em Paris a Lei relativa á Concordata Religiosa com a Corte de Roma, e vão as autoridades civis assistir na Igreja Metropolitana aos Offícios Divinos.

Dia 20. Decreta o Conselho pequeno na Suissa que ficão suspensas todas medidas tomadas sobre a Constituição, devendo convocar-se todos os Cidadãos em Berna para deliberarem sobre a Constituição de 29 de Maio de 1801.

N. B. — He digna de reparo a vacillancia dos Suissos.

sobre o seu systema constitucional depois que se constituirão em 1797 em Republica Helvetica á Franceza.

Dia 24. Prestão os Georgianos juramento de fidelidade ao Imperador da Russia, que tinha annexado este territorio a fazer parte do seu Imperio em 12 de Setembro de 1801.

Maio.

Dia 8. O Senado Conservador da Republica Franceza reelege ao primeiro Consul Buonaparte por mais dez annos sobre os da primeira eleição.

N. B. — He facil deduzir d'esta nomeação que Buonaparte se encaminha gradualmente ao Governo Supremo e absoluto.

— Participa o General le Clere estarem terminadas as perturbações da Ilha de S. Domingos, pela prisão e entrega dos cabeças de partido.

Dia 10. Decretão os dous Consules Francezes consultar-se a Nação Franceza sobre a questão = Será Consul durante a sua vida Napoleão Buonaparte? =

Dia 19. Assigna-se em Paris com o beneplacito do Imperador da Russia hum Tratado entre a Republica Franceza, e o Duque de Wurtemberg, cedendo este os seus territorios na margem esquerda do Rhin, e affiançando aquella indemnidades na Alemanha.

— Adopta-se em França por huma Lei manter-se nas Colonias o Commercio da escravatura como antigamente.

N. B. — Ah Philosophos inconsequentes! Que fim levou a liberdade dos negros?

Dia 23. Assigna-se em Paris hum tratado entre a Republica Franceza, e o Rei de Prussia, pelo que este cede alguns districtos á Republica Batava.

Dia 24. Assigna-se em Paris hum tratado entre a Republica Franceza, e o Principe de Orange, e El-Rei de Prussia, pelo qual o Principe de Orange cede o Estadhouderato das Provincias Unidas, ficando sómente desfructando na mesma Republica os rendimentos pessoaes, devendo receber em indemnisação na Alemanha o Bispado e Abbadia de Fulda, de Corvey, de Weingarten, e outros districtos em propriedade para si, e seus herdeiros.

Dia 29. Annuncia-se ao Povo da Republica das Sete Ilhas que o Imperador da Russia manda ali entrar as suas tropas, e residir hum seu Commissario para se terminarem as desordens, e perturbações da mesma Republica.

Junho.

Dia 4. Carlos Manoel IV. Rei de Sardenha abdica a Coroa em

Roma a favor de seu irmão o Duque de Aost, conservando sempre o titulo de Rei. O novo Rei toma o nome de Victor Manoel IV.

Dia 10. Encontrão-se em Memel o Imperador Alexandre, e o Rei de Prussia.

Assigna-se em Paris huma Convenção entre a Republica Franceza, e a Liguriana, pela qual cede aquella a esta os paizes de Serravalle, e Carosio.

Dia 18. Acabão as conferencias de Memel retirando-se os dous Monarcas.

Dia 23. Assigna-se em Paris o Tratado de indemnisação e cessação entre a Republica Franceza, e El-Rei de Prussia.

Dia 25. Assigna-se em Paris o Tratado de paz com a Turquia, renovando-se n'este os antigos tratados, afiançando-se mutuamente as suas possessões, e alcançando a França a permissão de navegar no mar negro.

Dia 29. Proclama-se em Genova vinda de Paris a nova Constituição Liguriana.

N. B. — Assim vai a França dictando a Lei a toda a Europa, sendo Paris o centro das negociações politicas, e constitucionaes de alguns dos Estados d'ella.

Julho.

Dia 2. Proclama-se em a Republica Helvetica a nova Constituição vinda de Paris.

Dia 23. Convoca o Imperador do Imperio Germanico huma Deputação Extraordinaria destinada para finalizar a obra da paz de Amiens.

N. B. — Parece que esta convocação he só de formalidade, pois vimos já que em Paris se tem assignado tratados sobre indemnidades, que deverião ser discutidas n'esta assembléa, sem nisto mesmo ter intervindo o Chefe do Imperio. Ah Potencias d'Alemanha quanto vos enganaes!!!

Agosto.

Dia 3. Buonaparte he proclamado Consul perpetuo da Republica Franceza durante a sua vida por hum Decreto do Senado Conservador, e se lhe dedica huma Estatua de paz.

Em Konigsberg levanta-se huma Estatua a Frederico I. Rei de Prussia.

Começão as tropas Prussianas a occupar o terreno que lhe foi adjudicado por indemnisação na Alemanha.

Dia 10. Acaba em Genova o Governo provisional e toma posse do Governo o Doge.

— Sahe inesperadamente de Lisboa o General Lannes Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario da Republica Franceza em Portugal, sem causa, nem motivo de ruptura entre as duas Cortes.

Dia 17. Occupão as tropas Austriacas a Cidade e Bispado de Passau em ambas as margens do Rio Inn.

Dia 18. Manifestão-se na Helvecia novas revoltas, e opposições á Constituição.

Dia 19. Entrão as tropas Austriacas a occupar a Saltzburg, e os mais territorios pertencentes por indemnidade ao Grão Duque de Toscana.

Dia 24. Começa a Deputação extraordinaria do Imperio as suas Sessões sobre o grande negocio das indemnidades.

N. B. — Ainda vai a tempo!!!

Dia 26. Entrão as tropas Bavaras a passar o Rio Lech para occupar os paizes da indemnisação.

Setembro.

Dia 1.º Estabelece-se em Corfú hum Governo provisional até á consolidação da nova Constituição debaixo da protecção e armas da Russia.

Dia 2. Entrão as tropas do Landgrave de Hesse-Dramstadt a occupar os territorios, que lhe devem ser adjudicados.

Dia 4. Decreta o Senado da Republica Helvetica que o Conselho Executivo sollicite os bons officios da Republica Franceza para apasiguar as perturbações suscitadas por motivo da nova Constituição.

Dia 5. Assigna-se em Paris hum Tratado entre a França, Prussia, e Baviera sobre as indemnidades desta ultima, affiançando-lhe Passau occupado já pelas armas Austriacas contra as protestações dos Ministros d'aquellas Potencias.

— Instala-se o Governo da nova Republica do Valais separada da Helvecia debaixo da protecção das Republicas Franceza, Helvetica, e Italiana; ficando livre ás tropas Francezas a passagem pelo territorio da nova Republica para a Italia.

N. B. — A que fim a garantia de tanta Republica, quando só huma he que manda!

Dia 8. He approvedo pela Deputação extraordinaria do Imperio o Plano de indemnidades proposto pela França e Russia, com a reserva de algumas modificações, que justas reclamações tornarem necessarias.

N. B. — E que remedio tem a Deputação senão approvar aquillo, que não póde reprovar?

Dia 11. Fica o Piemonte incorporado ao territorio Francez por hum Senatus-Consulto Organico.

Dia 13. Começão os Commissarios do Principe de Orange a tomar posse dos territorios, que forão adjudicados ao dito Principe.

Dia 16. Elegem o Papa para Grão Mestre da Ordem de Malta dentre os Candidatos, propostos pelo Capitulo Geral da Ordem celebrado em Roma, João Balio Principe de Ruspoli, e lhe intima a necessidade da sua prompta vinda para Malta.

Dia 18. Por estarem em insurreição, e hostilidades parte dos Cantões da Helvecia sahe o Governo de Berna para Lauzane mediante huma Convenção feita com os chefes da insurreição.

N. B. — Eis-aqui os fructos das novas Constituições. Que seculos de serenidade não passou esta Potencia com os seus velhos Governos!

Dia 27. Abre-se em Schuitz a Dieta para onde concorrem os Póvos dos Cantões Helveticos sublevados contra a nova Constituição.

Dia 30. Proclama Buonaparte aos habitantes da Helvecia para que apaziguem as suas contestações, e se congregue o Senado em Berna, interpondo-se por Medianeiro de hum modo efficaz, e respeitavel.

Outubro.

Dia 2. Assigna-se hum tratado de paz entre a Regencia de Tripoli, e o Rei de Suecia pelo qual fica este pagando áquella oito mil patacas annuaes, além da somma de 500 dentro de seis mezes.

N. B. — Difficulta-se tanto reconhecer a superioridade maritima da Inglaterra, e paga-se tributo a Tripoli!!! Que politica!

Dia 4. O Ajudante General Francez Rapp intima a Bachman General dos insurgentes Suissos a Proclamação de Buonaparte, e elle pede tempo para informar a Dieta convocada em Schuitz.

Dia 8. Responde a Dieta conforme a proclamação, e procede a nomear Deputados para irem a París conferenciar com o Primeiro Consul.

Dia 11. As tropas de Nassau Usigen, e as de Baden occupão varios territorios.

Dia 18. Tornão a entrar em Berna o Conselho Executivo, e a maior parte dos Senadores.

Dia 20. Responde Reding ao General Rapp que visto não poder convocar logo a Dieta não podia deferir a intimação que se lhe fazia de a dissolver.

— Entrão a Russia e Inglaterra em novos arranjos sobre a Convenção de 17 de Junho.

Dia 21. Adopta a Deputação Extraordinaria do Imperio hum

Conclusum admittindo hum novo plano de indemnidades reformado sobre o primeiro.

Dia 23. Declara a França por devoluto ao seu poder o Ducado de Parma conformemente á Convenção de 21 de Março de 1801.

— Entra Ney em Berna com todo o poder diplomatico e militar da França.

Dia 25. Decreta o Senado Suisso a nomeação de huma Deputação, que deve ir a Paris.

Dia 26. Declara o Plenipotenciario Austriaco na Deputação do Imperio ter o Imperador d' Alemanha accettato a garantia da Republica Franceza sobre as indemnidades do Grão Duque da Toscana.

Novembro.

Dia 4. Manda o Rei de Inglaterra tomar posse do Bispado de Osnabruck por lhe ser adjudicado no plano de indemnidades, pedindo aos povos o juramento de fidelidade.

Dia 14. Assigna-se em Berlin huma Convenção entre esta Corte e a Republica Helvetica pela qual esta adquire por cessão d'aquella os paizes de Sevenaer, Huissen e Malburgo conformemente á Convenção já feita em Paris entre a Prussia, e a Republica Franceza.

Dia 18. Prendem-se os principaes motores da insurreição Helvetica, e soltos passando alguns dias debaixo da vigilancia da policia.

Dezembro.

Dia 1.º Completa-se a Constituição da Republica Liguriana por meio de hum Leí organica do Governo.

— Tomão os Francezes o forte Delfim na ilha de S. Domingos aos negros insurgidos, evitando-se o incendio de algumas casas.

Dia 10. Ajuntão-se pela primeira vez em Sessão na Cidade de Paris os Deputados Helveticos juntamente com quatro Senadores Francezes, e ali lhes foi lida hum carta do Primeiro Consul sobre a necessidade, e qualidade da Constituição Helvetica, e se lhes declara que = As Republicas Franceza, e Italiana nunca jámais hão de permittir que se restabeleça na Suissa hum Constituição, que possa ser opposta mediata, ou immediatamente aos interesses da França. =

N. B. — Oh Suisso, para onde fugio a vossa coragem.

Dia 12. Apresenta hum Deputação da Republica Valeziana em Paris a primeira Lei da Republica, e declara a Buonaparte por Restaurador da mesma Republica.

Dia 26. Ajusta-se em Paris hum'a Convenção entre o Imperador de Alemanha, e a Republica Franceza, a que accedeo o Enviado da Russia, pela qual se põe termo ás duvidas sobre as indemnidades do Duque de Modena, Grão Duque da Toscana, e Casa d' Austria.

ART. IX.

Observações medicas em consequencia da Portaria do Governo do Reino de 24 de Outubro; e do Aviso expedido pela Secretaria d' Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra e Marinha, em 1.º de Dezembro do anno passado.

Em observancia da Portaria, publicada no Num. X., pag. 274, do *Jornal de Coimbra*, remetteo-se a seguinte Relação nominal dos Medicos e Cirurgiões da

Provedoria de Santarem.

Medicos.

Luiz Gonzaga da Silva: José Felix Baima: do Hospital Civil.
— João Gervasio de Carvalho: do Partido da Camara do Cartaxo.
— Antonio Joaquim Soares: do P. de Torres Novas. — Custodio Manoel Garcia: do P. da Golegã. — Jacintho Franco Leitão: do P. da Azambuja. — Antonio José de Castro: do P. de Almeirim. — João dos Santos Basto: do P. de Coruche.

Cirurgiões.

Sebastião da Costa Monteiro: do Partido da Camara do Cartaxo. — Martinho Pereira da Silva: do P. da Cam. de Rio Maior. — Manoel Felix da Mata: do P. da C. de Pontével. — Braz Joaquim de Santa Anna: de Alcanhões. — Joaquim Marques: da Carregueira, e Pinheiro. — Leonardo José Diniz, e João Antonio: de Torres Novas. — Joaquim Antonio de Oliveira: da Golegã. — Alberto Gonçalves Lima: d' Azambuja. — Antonio do Carmo e Oliveira: do P. de Muge. — Manoel Vidigal Salgado: do P. de Coruche. — Joaquim Antonio da Rosa: do P. da Erra. — Antonio de Oliveira Amaral Jordão: de Mont' argil.

Declara-se na Relação que na propria Villa de Santarem não ha Medico de Partido de Camara; e que Aveiras de cima, Avei-

ras de baixo, Manique, Alcoentre, Paialvo, Pérnes, Alcanède, não tem Medicos, nem Cirurgiões. Ou nestas Povoações não ha Partidos, ou estão vagos.

Não se declarando de Camara os Partidos da maior parte dos Medicos e Cirurgiões constantes d'aquella Relação, talvez elles serão de Cadêas, Communidades, ou outros Estabelecimentos publicos, o que tambem na Portaria se ordena.

Entendem-se de Partido aquellos, em que esta circumstancia se não declara.

Se algum nome se achar com erro: ou alguém fóra do lugar da sua residencia, etc. será bom que se declare, como alguns Medicos e Cirurgiões tem já praticado.

Em o Num. XIV., e no princípio d'este, fez-se menção das Contas recebidas na Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino desde 21 de Janeiro até 12 de Fevereiro.

As Contas, que na dita Secretaria d'Estado se recebêrão desde 12 de Fevereiro até 4 de Março, são das seguintes Provedorias e Facultativos.

Junto ao nome da Provedoria acha-se a data do competente Officio do Provedor: e junto ao nome do Facultativo a data da sua Conta.

Santarem — 15 de Fevereiro.

Medicos.

José Felix Baima, e Luiz Gonzaga da Silva. Santarem, 4 de Fevereiro. — Custodio Manoel Garcia. Golegã, 8 dito. — Antonio Joaquim Soares. Torres Novas, 20 de Janeiro. — Antonio José de Castro. Almeirim. — João dos Santos Basto. Coruche, 8 de Janeiro. — João Gervasio de Carvalho. Cartaxo, 5 de Fevereiro.

Cirurgiões.

Leonardo José Dias. Torres Novas, 14 de Janeiro. — Joaquim Antonio de Oliveira. Golegã, 13 de Janeiro. — João Antonio de Mattos. Torres Novas, 13 de Janeiro. — Sebastião da Costa Monteiro. Cartaxo, 14 de Janeiro. — Manoel Felix de Mattos. Pontével, 12 de Dezembro. — Antonio Duarte Fragoso. Vargia, 15 de Janeiro. — Joaquim José Gomes Henriques. Cazaes de S. Braz da Romeira, 12 de Janeiro. — Martinho Pereira da Silva. Rio Maior, 15 de Janeiro. — José Malaquias de Oliveira, 13 de Janeiro. — Joaquim Marques. Pinheiro, 15 de Janeiro. — Antonio do Carmo e Carvalho. Muge, 10 de Janeiro. — Manoel Vidigal Salgado. Coruche, 8 de Fevereiro. — Antonio Vieira do Amaral Jordão. Montargil, 29 de Janeiro.

Alemquer — 21 de Fevereiro.

Medicos.

José Garcia do Amaral. Do Partido da Camara de O'bidos, 1 de Fev. — Sebastião Archanjo Paes. Do P. da C. de Alemquer, 13 de Fev. — Luiz Felix da Cruz Sobral. Do P. da C. d'Aldêa Galega da Merciana, 12 de Fev.

Cirurgiões.

Francisco Henriques Gonçalves: do P. da C., e Santa Casa da Misericordia de O'bidos, 3 de Fev. — Ignacio das Neves Corrêa: do P. da C., do R. Convento de S. Francisco, e do Hospital da Caridade d'Alemquer, 14 de Fev. — Francisco de Paula Ataíde Seixas: de hum dos Partidos de Alemquer, 13 de Fev. — Joaquim da Silva Baptista. Cintra, 17 de Fev. — João Evangelista de Contereiras. Chamusca, 13 de Fev. — José Duarte. Pero Pinheiro, 14 Jan. — Joaquim José Cardoso. Sabugo, 16 de Janeiro. — Thomaz do Nascimento e Lima. S. João dos Campos, Termo de Cintra, 15 de Janeiro.

Penafiel — 15 de Fevereiro.

Medicos.

Antonio de Almeida: do Real Partido. Penafiel, 10 de Fev. — Caetano da Cunha Coutinho: do P. do Conselho da Santa Cruz, 22 de Jan. — José de Sequeira Barbedo Vieira: que foi do Partido de Thuias, 8 de Fev.

Cirurgiões.

Francisco Xavier Ribeiro. Gouvêa, 12 de Fev. — Antonio Mendes Azevedo: do P. Real. Penafiel, Jan.

Castello-branco — 13 de Fevereiro.

Medicos.

João Antunes Peleção. Castello-branco, 14 de Fev. — Ermenegildo Antonio de Almeida: do P. da C. de Idanha a nova, 1 de Fev.

O Provedor desta Comarca declara no seu Officio á Intendencia Geral da Policia da Corte e Reino, que o Partido da Camara de Castello-branco se acha vago, por se haver despedido o Medico que o occupava. He de desejar que todos os Provedores fação semelhantes participações logo que os Partidos vaguem.

Dito Castello-branco — 21 de Fevereiro.

Medicos.

Antonio José Ferreira de Carvalho. Castello-branco, 15 de Fev.

Cirurgiões.

Manoel Mendes de Abreu: do P. de Castello-branco, 18 de Fev.

Setubal — 15 de Fevereiro.

Medicos.

Antonio José da Costa. Alcochete, 31 de Janeiro.

Cirurgiões.

Francisco José dos Reis: do P. de Alcochete, 31 de Jan.

Evora — 28 de Fevereiro.

Medicos.

Manoel Profirio de Sousa, 1.º Medico do Hospital Militar de Evora Cidade, dá Conta das molestias nos Conventos das Religiosas de S. Bento, de Santa Clara, e dos Religiosos da Cartuxa, e Carmelitas Descalços, 8 de Fev. — Joaquim Aleixo Paes da Costa e Pêgas. Evora, 13 de Fev. — Antonio Francisco Rivára: do P. da C. de Arrayolos, 12 de Fev. — Mathias José de Oliveira Galvão Fonseca: do P. da C., e Corporações d'Extremoz, 15 de Fev. — Manoel Cardoso Gloria: do P. do Hospital da Misericórdia do Redondo, 12 de Fev. — Manoel Bernardo de Sales. Borba, 15 de Fev. — João Bernardo de Sequeira: da Cam. do Principe Regente N. S.; da Real Casa de Bragança; do Hospital Real e Civil; de todos os Conventos. Villa Viçosa, 29 de Jan. — Bartholomeu Lucio Gonçalves: do P. do Vimieiro, 1 de Fev.

Cirurgiões.

João Pereira de Meira: do P. da Villa do Cano, 15 de Fev. — José Francisco da Gama. Arrayolos, 13 de Fev. — Luiz Euzébio Pereira da Silva Pacheco: Partidista do Hospital Civil d'Extremoz, 15 de Fev. — Luiz José Ferreira Souto e Soure: Partidista do Hospital Civil, da Camara, etc. Estremoz, 15 de Fev. — Joaquim Ignacio da Silva. Redondo, 2 de Fev. — Francisco José Vídgal da Fonseca: dos Expostos, Villa Viçosa, 14 de Fev. — Filipe Neri Bello: da Real Casa de Bragança; e do Hospital Civil, Villa Viçosa, 15 de Fev. — João Barreiros da Silva. Souzel, 5 de Fev. — José Francisco de Mendoça. Lavre, 14 de Fev. — Manoel Joaquim Ferreira de Santa Anna. Lavre, 12 de Fev. — Valerio Vídgal. Monte mór o novo, 6 de Fev.

Elvas — 9 de Fevereiro.

Medicos.

José Antonio Banasol: do P. d'Elvas, 16 de Jan. — Luiz Ni-

colão Faria: do P. de Mourão, 17 de Jan. — José Antonio Gutierrez. Alandroal, 30 de Jan. — Balthazar Rodrigues Portuquez: dos PP. da C., e do Hospital da Misericórdia. Campo maior, 12 de Jan.

Cirurgiões.

Luiz Nicoláo Faria: do P. de Mourão, (*dá huma Conta como Medico, outra como Cirurgião*), 15 de Jan. — Francisco Marcelino Barreiros. Cirurgião Mór Reformado. Campo maior, 15 de Jan. — Francisco Antonio Pires: do Hospital da Misericórdia. Campo maior, 14 de Jan. — Joaquim José de Santa Anna. Terena, 15 de Jan. — Joaquim Affonso de Andrade. Partidista da Camara, 15 de Jan.

Leiria — 18 de Fevereiro.

Medicos.

João Francisco Crespo: do P. de Alcobaça, e do Hospital da mesma Villa, 12 de Fev. — Aniceto Manoel Lopes Salgueiro. Porto de Moz, 15 de Fev. — Felix José Franco: Partidista na Villa de Peniche, e Atouguia, 2 de Fev. — Antonio Anastacio de Sousa: do P. da Villa de Pombal, 12 de Jan. — Manoel Caetano da Silva: do P. da C. de Soure, 11 de Fev. — Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa: dos PP. das CC. de Soure, e Ega.

Cirurgiões.

José Pereira da Silva: do P. da Villa de Porto de Moz, 15 de Fev. — Domingos Ignacio da Costa. Pombal. —

Coimbra — 27 de Fevereiro.

Medicos.

Luiz Antonio Travassos: do P. da C. da Villa da Vaccariça, e annexas, 9 de Fev. — Antonio Joaquim Nogueira: do P. d'Almalaguez, Castello Viégas, 10 de Fev. — João de Figueiredo: do P. de Condeixa, 14 de Fev. — Felicio Ribeiro da Silva: da Villa e Concelho d'Arganil, 11 de Fev. — Antonio Ribeiro do Amaral: de hum dos PP. da Villa de Ançã. — Antonio da Costa Pires: do P. de Catanhede, 14 de Fev. — João da Silva Soares de Menezes: do P. da Figueira, 11 de Fev. — Guilherme Newton: Pereira. — Francisco Xavier Bezerra de Lima: do P. da Villa d'Eiras. — Francisco Antonio Jordão: do P. e Guarnição da Villa de Buarcos, 14 de Fev. — Antonino Fernandes da Silva Villas-boas. Figueira, 10 de Fev.

Cirurgiões.

Ambrosio José de Almeida: do P. da Villa d'Eiras, 15 de Fev. — Bento Soares: do Real Partido da C. da Villa de Petreia,

14 de Fev. — José da Costa Delgado: o mesmo. — Manoel Antonio Mascarenhas: do P. da C. da Villa da Figueira da Foz, 11 de Fev.

Dos Hospitais Militares devem remetter-se, por via do Delegado do Physico Mór do Exercito, á Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e Marinha, *huma Lista de todos os Medicos e Cirurgiões ao presente empregados nas mesmos Hospitais*, e Contas mensaes semelhantes ás que se ordenão pela Portaria de 24 de Outubro: tudo em observancia do Aviso Regio publicado no *Jornal de Coimbra* Vol. II. pag. 376.

Em observancia d'aquelle Regio Aviso chegarão á dita Secretaria d'Estado desde 26 de Fevereiro (Num. XIV. pag. 170) até 27 de Março algumas Contas mensaes.

*Relação dos Medicos e Cirurgiões dos Hospitais Militares,
que derão as ditas Contas.*

João Antonio de Leão: 1.º Medico do Hospital Militar de Salvaterra de Magos. — Francisco Xavier de Almeida Pimenta: 2.º Med. do Hosp. Mil. de Abrantes. — Dr. Antonio de Almeida Caldas: 1.º Med. Director do H. M. de Coimbra. — José Gomes Brague Lamy: 1.º Med. do H. M. de Vianna do Minho. — Felix José Franco: 1.º Med. do H. M. de ? — Francisco Saraiva Couraça: 1.º Med. = José Bernardino de Sequeira Pimenta: 2.º Med. = Antonio Joaquim Freire Anaia, 2.º Med. = Jeronimo de Macedo Tavares: 1.º Cirurgião = todos do H. M. de Lamego. — José Soares de Freitas: 1.º Med. do H. M. da Praça de Valença do Minho. — Caetano Antonio da Silva Pinto: 1.º Med. = José Ferreira Xavier: outro Med. = Paulo Patricio do Couto: 1.º Cirurgião. = Antonio Corrêa de Paiva, Cirurgião Militar. = todos do H. M. de Almeida. — Manoel Profirio de Sousa: 1.º Med. = Antonio Pereira da Silva: Cirurgião. = ambos do H. M. d'Evora Cidade. — Filippe Joaquim Henriques de Paiva: Med. do H. M. da Villa de Niza. — Joaquim José Velloso: Med. do H. M. de Mafra.

Hão de publicar-se por inteiro algumas das Contas, outras em extracto, e far-se-ha de muitas huma recopilação.

Contar-se-hão com a necessaria meudeza os factos, que nas mesmas Contas se encontrarem: de raciocínios só algum mui sólido se referirá. Por ora trata-se de colligir bons documentos para hum systema de Medicina Nacional, de que em tempo competente se tratará.

Ainda que no *Jornal* se não toquem alguns pontos importantes das Contas, os quaes precisão providencias, nem por isso se pense, que elles se desatenderão. Exponhão-se sempre com clareza e fundamento os pontos do serviço público, que faz o objecto da Portaria e Aviso, quando admittão melhoramento; proponha-se este com igual clareza, e quanto poder ser verificado ou corregido na prática.

Felizmente huma grande parte dos Medicos e Cirurgiões Portuguezes tem mostrado pelas suas Contas, que sempre estiverão intimamente persuadidos de que o passo dado pelo Góverno d'estes Reinos na Portaria e Aviso he o unico em que pôde firmar-se hum systema de Medicina verdadeiramente solido e util. De huma Classe de homens em geral tão instruida, e cujos sentimentos são o próprio espirito da Portaria e Aviso, grande he o serviço, que se deve esperar.

A este respeito copiámos as proprias palavras de João Pereira de Meira, Cirurgião do Partido da Villa do Câno, Próvedoria d'Ezora, da sua Conta datada em 15 de Fevereiro.

"Para outra Conta reservo algumas observações, que tenho adquirido em 30 annos de prática. Agora só me resta banhado de alegria, e prostrado nos pés do Throno, engrandecer, louvar, e exaltar as Santas, Sábias, e Louváveis Providencias da Régia Portaria de Vossa Alteza Real de 24 de Outubro de 1812 em beneficio da Humanidade, em huma epocha, em que os Medicos mais abalisados pelos seus vastos e grandes conhecimentos devem desenvolver as suas idéas para novas tentativas e progressos da Medicina; e os Facultativos menos instruidos vêr-se-hão na necessidade de estudar pelo receio de serem punidos, ou excluidos, e substituidos por outros, que pelos seus talentos possam desempenhar os seus deveres e obrigações em beneficio da Humanidade, e por Bem Público."

"A sempre memoravel e Régia Portaria de V. A. R. de 24 de Outubro de 1812, fará epocha nos tempos mais remotos: nes-

tes vai V. A. R. apresentar a Medicina no seu maior esplendor e gloria,,

“Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.

..... redeunt Saturnica regna;

..... ac toto Surget gens aurea mundo.,,

Virg. Egl. 4.^a

Respondendo agora a algumas perguntas, que alguns Facultativos fazem em suas Contas;

Se algum Facultativo se referir a Conta antecedente, seja sempre repetindo o que n'esta tiver dito; menos no caso de se ter já publicado essa passagem, a que se refere; porque então basta referir as paginas do Jornal, que se devem consultar.

Na Conta mensal he bom que haja o numero de doentes, e nome de molestias (declarando-se a Nosologia, que se adopta), que ficarão do mez antecedente; adoecerão, sararão, e morrerão no decurso do mez, a que a Conta pertence; e do que fica para o mez seguinte. Em reflexões a esta taboa numerica e nosologica, e pela ordem, que mais agradar ao A., podem referir-se as causas, que mais provavelmente produzirão cada huma d'aquellas molestias; o tratamento, a que mais ordinariamente cedêrão, e satisfazer-se a tudo o que requerem as palavras, e o espirito da Portaria e Aviso.

Todo o Facultativo comprehendido nas disposições da Portaria e Aviso deve até 15 de cada mez dar parte dos seus trabalhos no decurso do mez antecedente; estes trabalhos porém sejam dirigidos, como melhor lhe agradar, ou elles se devidão pelas Estações do anno, como alguns lembrão, ou pelas epidemias, como outros querem, etc. Todos os mezes deve ou apresentar-se trabalho, ou participar-se em que se trabalha, e quando pouco mais ou menos se concluirá. A Portaria e Aviso tem em vista que se trabalhe constantemente; cada hum porém regule o seu serviço; e he de crer que apresente cousas dignas.

(Continuar-se-ha este Art. no Num. seguinte.)

ART. X.—

Reflexões dos Redactores sobre hum Escripto de Bernardino
 Antonio Gomes, publicado no Iuvestigador Portuguez
 em Inglaterra, Num. XXII. pag. 207.

Bernardino Antonio Gomes julgando que o Dr. Duncan tinha feito a descoberta de hum principio vegetal, existente na casca Peruviana, o qual por isso chamou cinchonino; mas que não tendo sido estremado d'outros principios vegetaes por este Professor, propoz-se este ultimo trabalho: e julgou tello conseguido por hum experiencia, descripta em hum Memoria, publicada entre as da Academia Real das Sciencias de Lisboa (pag. 205 cap. 3.) e no Jorn. de Edimb.; depois de o ter obtido, segundo elle pensa, por hum processo differente do empregado pelo Dr. Duncan. Eis-aqui pois a proposição, em que B. A. G. estabelece a sua boa causa. *“Existe na casca Peruviana hum principio vegetal, desconhecida antes da experiencia do Dr. Duncan: purificado e estremado d'outros principios pelo meu processo.”*

Nós examinando hum manuscrito, publicado no nosso Jornal (N. 8.º V. 2.º pag. 90), em que se pertende inculcar geralmente o uso da Quina Braziliense, com preferencia mesmo á Peruviana officinal; pelo fundamento de experiencias chymicas e observações medicas, feitas em Coimbra no Hospital Militar de S. Bento, com o fim unicamente de nos oppormos a esta substituição por as ditas observações não serem conformes com as nossas no Hospital Real da Universidade sobre hum casca amarga a quem se dava o mesmo nome; e achando no mesmo Ms. hum historia muito succinta dos trabalhos chymicos sobre a quina, extranhámos não se fazer ali menção dos de B. A. G. já publicados não só em Portugal, mas tambem em Inglaterra; e como além destes conservavamos a Memoria e tinhamos em nosso poder outros do mesmo A. o annunciamos por ser hum Escriptor Nacional sobre esta materia. Mas qualquer que fosse o nosso pensar a este respeito, nada nos podia ceagar a admittir a existencia do cinchonino, como hum principio vegetal novamente descoberto, que se não seguia nem da experiencia nem da theoria de B. A. G. Eis-aqui por tanto a proposição que serve de base á nossa má causa.

“Nós não estamos ainda resolvidos a admittir a existencia do cinchonino: porque as experiencias em que B. A. G. a pertende estabelecer, não tem o caracter da evidencia; nem a sua theoria justifica a pratica do processo (J. de C. N. 8.º V. 2.º pag. 91 e 92).”

Esta proposição deixa evidentemente ver, que estavamos na resolução de admitir a existencia do novo principio vegetal, quando experiencias bem transparentes á luz da evidencia a estabelecessem: incumbia por tanto a B. A. G. ou demonstrar que a retina do nosso entendimento não era affectada pelos raios de luz, que se diffundião das suas experiencias, ou produzir outras dotadas desta propriedade. Nós vamos fazer notar as provas de que elle não satisfizes a nenhum d'estes deveres, e que em tudo o que nesta contestação tem apparecido de desagradavel e mesmo injurioso, nós não temos sido os aggressores.

Diz B. A. G. (J. de C. N. 10. V. 2.º pag. 291) "*Não deixei de estimar ver impugnada a existencia do cinchonino.*", Começa por tanto o A. a sua resposta, mostrando não ter entendido o que a este respeito escrevemos.

Nós simplesmente impugnámos, que se seguisse das suas experiencias a existencia do cinchonino: isto lhe dissemos nós mais de huma vez, e para entender era bastante, que lesse com mais attenção o que elle chama nossa impugnação da existencia do cinchonino (J. de C. N. 8.º V. 2.º pag. 91 e 92): mas como as nossas asserções a este respeito são tão claras, que, para serem entendidas, nada mais he necessario que a leitura, temos sido obrigados a reflectir sobre: Qual será a causa d'esta contumacia com que B. A. G. insiste em que nós impugnámos a existencia do cinchonino? E não podêmos achar outra senão a que inculca a conclusão do seguinte raciocinio, que suppomos na sua cabeça: = *Unicamente pelas experiencias do Dr. Duncan, e pelas minhas he demonstravel a existencia do cinchonino: logo os RR. do J. de C., impugnando o legitimo resultado das nossas experiencias, impugnaõ a existencia do cinchonino.* =

Que attentado nos JJ. de C.!

Na mesma pag. (291 - J. de C. N. 10. V. 2.º) depois de nos comprimentar com o sarcasmo do *ipse dixit*, principia a refutar as bases theoricas da nossa impugnação á consequencia, que elle deduz das suas experiencias (J. de C. N. 8.º V. 2.º pag. 91), e continúa na seguinte (292 id. N. 10. V. 2.º): no fim d'esta (depois de ter reflectido contra nós, que o cinchonino existindo em huma parte da Quina, tambem existe em toda), e na seguinte até lin. 22 refuta ou antes pretende refutar a nossa objecção fundada na composição do reagente, caracterisando-a de *especiosa*. A huma e outra refutação respondemos no N. 11. do J. de C. pag. 370 e seg. V. 2.º, fazendo-lhe notar 1.º que tinha alterado consideravelmente o sentido das nossas proposições, substituindo outras ás nossas proprias. = 2.º Que não obstante apparecer o seu pretendido novo principio em huma parte da Quina a beneficio do reagente, podendo elle ser hum resultado das operações, não se seguia que existisse na Quina. = 3.º Que levando á evidencia o péso das nos-

sas objecções á existencia do cinchonino, derivada das suas experiencias, a nossa proposição, da qual B. A. G. disse lhe parecia manifestamente falsa, usando ainda de huma affectada decencia (J. de C. N. 10. V. 2.^o pag. 293), era manifesta e evidentemente hum axioma chymico.

No fim da pag. 293 (J. de C. N. 10. V. 2.^o) começa, e continúa na seguinte, huma recapitulação dos argumentos, com que nos tínhamos opposto á conclusão, que tira das suas experiencias; apresentando-os, diz elle, em huma fórma mais concisa: com effeito, esta recapitulação occupa menos cinco linhas do que os nossos argumentos, e depois entra na refutação d'estes, o que lhe absorve o resto do seu escripto, semeando-a de expressões menos decentes, que não tinham sido provocadas, e d'alguns principios de Pharmacia velha que davão lugar a outras tantas questões diferentes da principal. A's primeiras nós muito de proposito não quizemos oppôr mais que as obsequiosas expressões da pag. 372 (J. de C. Num. 11. V. 2.^o) contidas em quatro linhas desde 22 até 25 inclusivamente: e a respeito de Pharmacia rançosa, que occasionava questões diferentes, indicámos-lhe as nossas idéas, e claramente lhe dissemos que não entravamos em taes questões, excepto se segunda vez fôssemos provocados: a este respeito o nosso adversario houve por bem calar-se; e em correspondencia ao modo obsequioso porque o tratámos, sendo as suas expressões mais que sufficientes para despertar o fleuma de quem não estivesse bem seguro na maxima da nossa epigraphe, apresentando-nos na sua *segunda e ultima replica*, que tivemos a magnanimidade de inserir no nosso Jornal (N. 12. V. 2. pag. 447), que tinha perdido a *esperança de vêr terminada a controversia de huma fórma digna de verdadeiros homens de letras*, observando na resposta que lhe damos *subtilezas evasivas, e huma equivocação extraordinaria*.

Não se pense que nós chamámos Pharmacia velha também á divergente questão em que pertendia metter-nos o nosso adversario, sobre a composição das resinas (a que nós succintamente lhe respondemos, e elle teve a condescendencia de calar-se com esta resposta sem ter a ingenuidade de confessar a errada intelligencia que tinha dado ás nossas reflexões): queremos unicamente applicar aquella expressão ao que he relativo á potencia, que em commum, segundo elle, possuem a agoa, e o álcool na dissolubilidade de certos principios vegetaes.

Achamo-nos actualmente chegados á mais offensiva pedra de escandalo que da nossa mão cahio sobre a cabeça de B. A. G., cujo choque deo occasião a sahirem da sua boca as expressões mais insultantes aos RR. do J. de C.: queremos dizer, o erro typográfico da lin. 3.^a pag. 373 N. 11. do J. de C., na qual falta hum *não* antes do *podia*, erro que o nosso adversario diz *não he crível que houvesse* (Investig. Port. N. 22 pag. 208).

He notavel que B. A. G., lendo aquella passagem depois de impressa, pois diz que não *vira nem podia ver o authographo* (Invest. Port. *ibid.*) (cuja expressão são também notaveis pela nullidade de influencia que tem na questão assim scientifica como moral a nosso respeito), não notasse que, tratando-se ali de enunciar pensamentos seus, se não faria tal alteração nas palavras, que se alterasse em consequencia o sentido das mesmas, senão por pouco cuidado: trocar palavras para alterar o sentido he muito máo: supprimir huma ou introduzir outra, que essencialmente produza sentido contrário ao da sentença, he superior a toda a perversidade de neste género de immoralidades.

Se nós insistissemos em reflexões analogas ás precedentes, indicariamos que tinhamos grande empenho em demonstrar que fora typographico o erro de que se trata: mas pertendendo demonstrar que só por cegueira de entendimento he que B. A. G. não poderia conhecer esta verdade, e em abôno de que conheciamos que nem todo o extracto aquoso do extracto alcoólico podia ser devido á acção da pouca agoa do alcool das experiencias, ao que temos dito (J. de C. N. 11. V. 2.^o pag. 373) accrescentaremos o seguinte: O alcool de 35.^o e de 36.^o de que B. A. G. diz usára nas suas experiencias, e que tanto nas suas diferentes peças, que, a respeito da presente questão scientifica, tem introduzido no nosso J., como no seu *Ensaio sobre o cinchonino* (pag. 205 Cap. 3.^o) chama o melhor, pouco mais se póde elevar por concentração pelo meio ordinario da destillação, principalmente não sendo o apparelho distillatorio da construcção mais vantajosa, a qual se não póde conciliar com a das retortas; por isso para se obter mais elevado, se deve ajuntar na destillação huma substancia hygrometrica e indissolvel no alcool.

Do que fica dito vê-se, que o alcool de 35.^o e de 36.^o tem ainda huma quantidade d'agoa consideravel: reflexão que he, no caso presente, ulteriormente corroborada pelo silencio do A. do *Ensaio sobre o cinchonino* a respeito das quantidades de quina, de alcool, e d'agoa empregadas nas suas experiencias. Ora nós dissemos (J. de C. N. 11. V. 2.^o pag. 373) que para ser verdadeira a proposição do nosso adversario, era mister demonstrar, que o alcool, empregado flegmatico, senão dirigia purissimo sobre os principios da quina, que nelle são exclusivamente dissoluveis, ficando livre da sua combinação (ou aggregação) a agoa, e em estado por consequente de poder dirigir a sua acção sobre os principios da quina (por exemplo, o mucoso) que nella o são também exclusivamente. De mais em consequencia de huma lei das affinidades o alcool, pela sua acção dissolvente, apoderando-se dos principios da quina, susceptiveis de a soffrer, deve arrebatá também huma pequena parte dos que são dissoluveis em agoa; circumstancia que menos lugar tem a respeito da agoa; por ser o alcool o

dominante : isto he, porque neste caso principia a pôr-se em liberdade de huma parte a agoa, e da outra os principios da quina dissolueis nella. Logo a quantidade do extracto aquoso do extracto alcoolico tem neste caso duas origens 1.^a a acção immediata da agoa; 2.^a a contumacia que tem as ultimas particulas dos corpos da natureza a conservarem a sua aggregação heterogenea ou a sua combinação homogenea.

Eis-aqui o que tínhamos de acrescentar ao que se acha exposto (J. de C. N. 11. V. 2.^o pag. 373) : *sem demonstração* dirá o nosso adversario : e pois elle pertende, que nós lhe expliquemos os principios elementares de Chymica, principalmente leis de affinidades? Não lhe temos feito pouco em lhos ter indicado; como as suas occupaões clinicas não lhe tem deixado pôr os seus conhecimentos chymicos a par dos progressos, que esta Sciencia tem feito recentemente (V. 2.^o pag. 293.); será bom que leia, estude, medite, e sobre esta lição, estudo, e meditação trabalhe em hum Laboratorio, e então saberá se tem aptidão para a Chymica.

Passando a fazer ver de mais perto a allucinação de B. A. G., não podêmos deixar de convidar a attenção dos Leitores sobre o que continuámos a dizer (J. de C. N. 11. V. 2.^o pag. 373. até a lin. 14), e que transcrevemos para sua commodidade "*que sendo (o alcool) de 35.^o e de 36.^o não podia conter tanta agoa, que dissolvesse do principio mucoso huma quantidade tão consideravel, como he o extracto aquoso do extracto alcoolico da quina, e isto em razão da maior affinidade com o alcool. Convi-mos no principio; mas negámos a applicação ao caso presente: para ser valida a conclusão era necessario provar, que o alcool obrando sobre os principios, em que exclusivamente a sua acção se emprega, senão separa da agoa; isto he, que o alcool empregado flegmatico senão dirige purissimo sobre os principios em que a sua acção he decisiva.*" Como podíamos nós convir em huma proposição antithese da sua propria, e posta na sua boca, e não abraçar a applicação da mesma, que era em tal caso ainda mais vantajosa a nosso respeito? Como se conformariam os raciocinios, que aqui fazemos com huma proposição tão opposta á que podia dar-lhes origem?

A' vista do que acabámos de expôr insistimos em que o erro typographico, de que se trata, fôra conhecido como tal por B. A. G. : e que o seu intento na pressa que quiz dar á publicação da sua segunda e ultima replica não era o que elle expunha na sua carta ao Dr. Castilho, da qual aqui copiamos o que he relativo á questão presente. "*Em quanto á minha réplica aos . . . Redactores, desejo muito e rogo, que ella appareça no Num. XII. creio que tenho a isto algum direito porque a apresentei dentro do prazo que V. . . me deo para isso. Se V. . . me houvesse communi-*

cado o papel do meu antagonista logo que veio ou depois de impresso (porque desde V... me disse na Academia que o Num. XI. estava impresso até que correio passou mais de huma semana) dando-me o mesmo prazo; eu teria entregue a minha réplica a tempo não só de hir a Coimbra mas mais longe. Não me tendo porém V... feito isto, não pôde V..., sem violar a sua palavra (que se encerra no prazo que me assignou), deixar para outro Num. que não seja o XII., o meu papel, o qual pela sua insignificancia viria muito tarde; ou seria insupportavel a não sahir logo. Em lugar de V... acusar a recepção do meu papel, e deixallo para o Num. XIII., parece-me melhor fazello apparecer com a nota de que no Num. seguinte se lhe responde como se tem praticado; porque tem de hir a Coimbra, como se vê da data da resposta que vem no Num. XI. Se V..., ou adopte este parecer ou outro, não faz apparecer no Num. XI. (1) o meu papel, fique então sabendo que eu, antes de sahir o Num. XII., o faço apparecer impresso. Eu não sou Sabio, mas não quero parecer menos do que sou; e este seria o resultado da demora do meu papel. — S. C. 2 de Janeiro. —

Se elle não queria parecer menos Sabio pela insignificancia do papel a não sahir no Num. 12. ¿quem o impedia de fazer o seu papel muito importante para o Num. 13.? É então, em lugar de quatro dias que se lhe derão, segundo elle diz, teria ao menos hum mez. He por tanto mais crível que o interesse em publicar o seu papel no Num. 12, fosse o que lhe exprobrámos (J. de C. V. 2.^o N. 12. pag. 450 desde lin. 19 até 22), ou outro motivo analogo, do qual tira a manifestação da dor mais pungente, blasfemando contra os Redactores.

Grande importancia dá o nosso adversario á resposta que lhe demos á sua segunda e ultima réplica (J. de C. V. 2.^o N. 12. pag. 449)! Importancia que elle, sem querer, manifesta pela impugnação, que pertende fazer á promptidão com que lha demos (Investig. Port. N. 12. pag. 209): pois devia reflectir que neste seu papel estando mais confluentes as expressões injuriosas e as calumnias, do que as bexigas no rosto de huma criança, era facillimo responder-lhe a quem não fosse hum odre de fleuma. Talvez nós deveriamos responder mais severamente: muito embora pertencesse á nossa resposta a Epigraphe

Et si Musa vetat, facit indignatio...

Em quanto á parte scientifica d'este papel, como elle não continha senão 4 theses offerecidas a huma mais sisuda consideração

(1) Julgão os RR. que Num. XI. he erro no authographo.

dos Redactores, era tambem muito facil dar-lhe humha resposta, que com effeito lhe demos como ellas mereciaõ (J. de C. V. 2.^o N. 12. pag. 451 desde lin. 12 até ao fim). Nós não sabemos como esta resposta foi julgada pelo A. das theses; talvez a tivesse em vista, quando no principio da sua proclamação aos Leitores do J. de C. (Investig. Port. Num. 22 pag. 206) diz, que a não faz para refutar as nossas asserções, porque não são apoiadas de provas: provavelmente pertendia, que lhe demonstrassemos, que a 1.^a these era hum grosseiro erro de Chymica: era necessario, que lhe estivessemos ensinando humha grande parte dos principios mais elementares de Chymica: ora nós não nos julgamos dignos d'hum discipulo já Author do *Ensaio sobre o cinchonina*.

ART. XI.—

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Catalogo de algumas das Obras impressas na Régia Officina Typographica de Lisboa, e outras, no mez de Março de 1813.

Sentença proferida na casinha da almotaceria pelo Supremo Juizo da Inconfidencia Litteraria na Sessão XI. sobre o quarto tomo das Obras Poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Em 4.^o pp. 15.

Relação dos factos praticados pela Commissão dos Commerçiantes de Vinhos em Londres, Correspondentes da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, no Porto: em consequencia da Petição apresentada á Camara dos Communs em 12 de Julho de 1812, por certas pessoas, que se intitulão Membros da extincta Feitoria. Offerecida aos Senhores Neiva, e Sá, Agentes da Companhia em Londres. Com hum Appendix, que contém Documentos, Explicações, e Illustrações. Traslada da do Original Inglez por J. J. P. L. Em 4.^o pp. 171.

As principaes Victorias de Lord Wellington na Peninsula, Odes: por M. X. D. S. Em 8.^o pp. 32. Preço 160 rs.

A Sua Magestade Imperial Alexandre I. o Triunfador. Ode, por José Agostinho de Macedo. Em 4.^o pp. 15.

Ladainha de Nossa Senhora, traduzida em verso vulgar. Dividida em quadras, cujo contexto se estabelece em cada hum dos Atributos de Maria Santissima, contheudos na mesma Ladainha, que (para mais fervor dos Fieis) organisou, e compoz Francisco Cardoso da Silva Leitão. Em 8.^o pp. 14.

A Voz da Verdade, e Gratidão, ou Elogio Gratulatorio ao Immortal Heroe da nossa Idade o Illm. e Exm. Sir Arthur Wellesley, etc. pelo Dr. Fr. Joaquim Rodrigues, Eremita de S. Agostinho, Socio Correspondente da Real Academia das Sciencias de Lisboa. Em 8.^o pp. 38.

Acaba de publicar-se para crédito do insigne Poeta Bocage huma Obra Litteraria sobre o quarto tomo das Rimas, que ha pouco falsamente se lhe attribuiu com grave detrimento da sua fama.

Ode Pindarica, dedicada ao Illm. e Exm. Sr. Marquez Wellesley, composta pelo Dr. Antonio Soares de Azevedo. Preço 160 rs.

Profecias do Bispo de Arles, no anno de 1610, extrahidas em 1775 de hum Livro da Bibliotheca Real de Paris; agora traduzidas do Inglez; e muito analogas aos acontecimentos de nossos dias. Em 8.^o p. 7.

Retrato em corpo inteiro, e a cavallo, do Exm. General Silveira. Nelle são exactamente delineadas a figura, feições, e talhe do corpo; no baixo da Estampa se vem por accessorios a Villa e Ponte de Amarante, guarnecidas de Cavallaria, e Artilharia: alludindo á brilhante defesa, que elle ali fez em 1809. Preço 720 rs.

Grande Mappa do Reino de Portugal, e do Theatro da Guerra activa da Hespanha: este Mappa se faz muito interessante para o conhecimento das operações militares, pois acharão nelle todas as Cidades, Villas, Lugares, e Pontes que ficão nas estradas, e fóra dellas, e todas as Serras, Rios, e Montanhas: a exactidão d'este Mappa, o ter marcado com algarismos as legoas, e horas que se gastão em as andar: o ter petipés exactos em legoas Portuguezas, Hespanholas, e Geographicas, e o ser este Mappa o maior de quantos tem apparecido em Portugal; pois têm mais de seis palmos de comprimento, e perto de cinco de largura, tem-no feito digno da estimação das pes-

soas intelligentes. Vende-se dobrado em caixa, muito commoda nas marchas, por 3:600 rs.

Periódicos de Portugal.

De todos os dias. = Gazeta de Lisboa. — Mercurio Lusitano. — Diario Lisbonense.

Duas vezes por semana. = Telegrapho Portuguez. — Gazeta de Agricultura e Commércio.

Huma vez por semana. = Semanario d'Instrucção e Recreio.

Mensaes. = Jornal de Coimbra. — Theatro Nacional?

Coimbra, Freguezia de S. João de Almedina.

“Rosa Violante, filha de Hilario Francisco, Carpinteiro, foi baptizada em 29 de Julho de 1736. Faleceo em 8 de Dezembro de 1804.

Morreo de 68 annos, depois de ter feito 60 annos soffreo, estando *hydropica*, a operação da paracentese 39 vezes. Cyrurgião João Antonio da Cruz, do Hospital Real da Universidade.”

Nota. = Esta doente, apesar da felicidade, que tinha experimentado na operação por tantas vezes, costumava antes despedirse das suas amigas. Depois da ultima operação, que foi tão bem succedida como as outras, soffreo huma indigestão causada por alimento pouco proprio ás suas circumstancias; ao que sobreveio huma febre, que foi a principal causa da sua morte, e não a *hydropesia*.

L I S B O A:

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença,

JORNAL DE COIMBRA.

VOLUME III.



1813.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença.

JORNAL DE COIMBRA.

VOLUME III.



1818.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com licença.

JORNAL DE COIMBRA.

ABRIL DE 1813.

Num. XVI.

Sequitur probabilia..... et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus.

CICERO.

ART. I.—

Oração que recitou Vasco Fernandes de Lucena na Embaixada de Obediência que o Senhor Rei D. João II. mandou ao Santo Padre Innocencio VIII. por occasião da sua exaltação ao Pontificado, no anno de 1485.

Foi Vasco Fernandes Castelhana de origem, mas tendo vindo com seus irmãos para Portugal no tempo do Senhor Rei D. Duarte, aqui permaneceu até o fim da sua longa vida, que alcançou parte do breve Reinado d'aquelle Principe, os do Senhor D. Affonso V. e D. João II. e principio do do Senhor D. Manoel.

Em todo este tempo teve aquelle grande Varão empregos muito importantes, porque não só foi do Conselho d'El Rei D. João II. mas também Chanceller da Casa do Civel, Chronista Mór do Reino, Guarda Mór da Torre do Tombo, e Conde Palatino: os seus grandes estudos e natural eloquencia lhe grangearão huma tal reputa-

ção, que foi sempre escolhido para orar em público nas funções mais sollemnes que houve em seu tempo; quaes forão a Embaixada que o Senhor D. Duarte mandou ao Concilio da Basilea no anno de 1435, na qual o nosso Lucena recitou huma elegante Oração de Obediencia perante o Papa Eugenio IV. que então se achava em Bolonha; as Côrtes de Torres Novas de 1438, em que foi jurado o Senhor D. Affonso V.; a Embaixada, que este Rei mandou a Roma ao Papa Nicoláo V. em 1450; as Côrtes d' Evora de 1481, em que foi jurado o Senhor D. João II.; finalmente a Embaixada que o mesmo Rei mandou dar ao Papa Innocencio VIII. em 1485, por occasião da sua exaltação ao Pontificado, sendo Embaixador D. Pedro de Noronha.

De todas estas Orações, e de seu Author, se acha bastante noticia na Bibliotheca de Barbosa, e em varias Obras de Antonio Pereira de Figueiredo. (Vej. *Novos Testemunhos da milagrosa appareição de Christo*, etc. pag. 11 e seg. *Portuguezes nos Concilios geraes*, etc. pag. 50 e seg.) Porém o tempo consumindo as primeiras quatro Orações, apenas nos conservou a quinta e ultima, a qual agora se imprime, por ser hum documento não só de grande raridade, mas de não vulgar merecimento pela sua elegancia e polidez. Por certo que antes do tempo mais florecente da nossa antiga Litteratura, qual foi o seculo dos Senhores Reis D. Manoel e D. João III. já ella merecia o apreço e a estimação de Portuguezes e Estrangeiros, que lhe havião adquirido os Escriptos do nosso Lucena, e os de alguns outros, contemporaneos dos grandes Principes filhos do Senhor Rei D. João I.

Em quanto á raridade da Oração que hoje existe, he de notar, que tendo ella antigamente sido impressa, o erudito Abbade Barbosa mostrou ignorar isto inteiramente, e Antonio Pereira de Figueiredo, Escripitor benemerito e diligentissimo indagador das nossas cousas, apenas vio hum Exemplar d'aquella antiga impressão, o qual não designava o lugar e anno em que havia sido feita, nem tão pouco o nome do Impressor. D'este Exemplar extrahio elle huma copia no anno de 1749, no fim da qual pôz a seguinte Nota.

Hanc Orationem è pervetusto gothicis characteribus impresso libello, qui in Bibliotheca V. Cl. Nicolai Francisci Xaverii Sylvii asservatur, summa fide transcripsi: notatis ad oram Typographiae erratis, et interpunctionis eodem fideliter servato ordine: anno a Virginis partu MDCCLXIX. Mense Martio: Antonius Pereria Congr. Orat. In eo autem impresso Nicolai codice erat in extremo ipsius manu:

"Orão habita Romae coram P. Innoc. VIII. et Cardinalium coetu anno MCDLXXXV. Resendius in vita Jo-

hannis Secundi Port. Regis cap. 57. hanc vocat orationem
multo elegante, h. est, valde elegantem; mihi que
 videtur potius Augusti Saeculo, quam barbaro illo scrip-
 tam fuisse.,

Dr. N. F. X. Sylvius.

Esta copia original feita por Antonio Pereira ainda existia no
 anno de 1785, e então se tirarão outras duas copias, huma das
 quaes foi dada pelo mesmo Pereira para a Livraria de S. Francisco
 da Cidade (onde parece que já hoje não existe); e a outra servio para
 a presente Edição. Ambas estas copias posteriores foram feitas por
 pessoa intelligente, que conservou as emendas marginaes de Pe-
 reira, e a Nota acima transcrita.

Porém ao tempo em que esta Oração se começava a imprin-
 mir, tivemos noticia d'outro Exemplar d'ella impresso, que se con-
 serva na Livraria do Desembargador Luiz Dias Pereira, o qual con-
 ferimos com a nossa copia; e resultou d'esta comparação o co-
 nhecimento de que este Exemplar he não só diverso d'aquelle que
 vio Pereira, mas de Edição tambem diversa; pois que aliás não
 era possivel que differisse tanto não só na pontuação, mas na li-
 ção, como se conhece das Notas que accrescentámos, escritas em
 Portuguez, para se differencarem das Notas Latinas de Pereira que
 tambem conservámos.

Assim podêmos concluir que da Oração de Vasco Fernandes
 houve antigamente duas diversas Edições, feitas ambas quanto pa-
 rece fora de Portugal, e nos primeiros tempos da Arte da Impres-
 são; impressas em quarto, em character Gothico, e sem que se
 apontasse em alguma d'ellas o lugar e anno da impressão, ou o
 nome do Impressor.

Resta advertir que na presente Edição conservámos a divisão
 de paragrafos que achámos no Exemplar impresso; não tivemos
 porém dâvida de corrigir a viciosa orthographia e pontuação que
 nelle se encontra, pois que o contrario offereceria humaligão mui-
 to incommoda e desagradavel.

Valasci Ferdinandi utriusque juris consulti, Illustrissimi Regis Portugalliae Oratoris, ad Innocentium octavum, Pontificem Maximum, de Obedientia Oratio.

Et si non sim nescius, Pater Beatissime, Pontifex Maxime, ovium Christi Jesu Pastor, Beati Petri dignissimi Successor, et Dei Nostri generalis Vicarie, quanta doctrina et quantis laudibus praestare debeat is, qui coram conspectu Vestrae Beatitudinis, et praestantissimorum horum Patrum verba facturus, aut Orationem habiturus sit: Et si me quoque non lateat, quam grandem provinciam, et quam impar humeris meis munus celebrandum susceperim, qui et dicendi consuetudine, eloquentiae copia, ingenii acumine, et omni prorsus doctrina destitutus sum: cum praeterea loci dignissimi ac ornatissimi amplitudinem et maiestatem intueor, qui non nisi a peritissimis et gravissimis viris occupari solet: cum denique tremendum et gloriosum Vestrae Beatitudinis, et sacri huius Senatus conspectum, et rei de qua agendum est magnitudinem, et splendorem hinc considero; inde Serenissimi ac Illustrissimi Principis Joannis Secundi, Regis Portugalliae et Algarbiorum citra et ultra mare in Africa et Domini Guineae, Vestrae Beatitudinis obsequentissimi Filii, qui nos ad eandem Sanctitatem legatos misit in hanc Sanctam et Apostolicam Sedem, devotionem, fidem, et observantiam: Insolens profecto, et velut amens et temerarius horreo totus; fractus et enervatus tota mente ac artibus contremisco totus, et vox faucibus haeret, et dicere cum Hicremia cogor: A, a, a, Domine Deus; ecce nescio loqui, quia puer ego sum. Quippe ad declarandam Christianae Religionis Signifero, qui cum vices Dei in terris gerat, non dedignatur sese servum servorum Dei appellare, tanti Regis devotionem et obedientiam; et ad tantae legationis munus absolvendum, ex litteratorum Lusitanorum corona erat quispiam alius accommodatior me, quem nulla eruditionis ornamenta illustrant, nec huius doctrinae studia decorant; a quibus quantum absum, tantum ab hoc dicendi munere me abesse fateor. Parere tamen et jussa capessere Illustrissimi Regis, qui onus injunxit, fas fuit: cui non obsequi et non obedire scelus et nefas fuisset. Ferat igitur quo animo (1) Vestra Beatitudo pro sua sapientia, aequitate, et solita in omnes

(1) Parece dever-se ler aequo animo, mas na copia de Pereira, e no nosso impresso lê-se quo.

clementia; audire jejunam hanc, exilem, et obscuram Orationem; nullis salibus conditam; nulla sententiarum gravitate magnificam, nulla verborum vi ac pondere luculentam et expolitam.

De Obedientia igitur, Beatissime Pater, ad quam Vestrae Beatitudini praestandam (1) de ultimis ulterioris Hispaniae finibus, longo terrestri itinere fracti, devotione tamen et animis integri, ab Illustrissimo Joanne Secundo, Portugallensium optimo Rege, missi sumus, antequam dicam; Vestram Sanctitatem supplex veneranter oro, pauca prius de praeclaris Lusitaniae domus (2) meritis, et de virtute ac religione dicti Regis summatim audiat; quo ejus in Catholicam fidem amor, et in hanc Sanctam et Apostolicam Ecclesiam observantia, magis magisque in aperto sit.

Cum olim, Beatissime Pater, proditioe Juliani Comititis, urbi Septae in Africa, quae supra tractum eminet, praepositi; et Roderici utriusque tum (3) Hiberiae Regis Gothorum ultimi culpa ac inertia, hostes Christianae Religionis acerbissimi omnem fere (4) Hispaniam armis occupassent; et annis plurimis foedo et tetro servitutis jugo submisissent: Alfonsus primus Portugallensium Princeps, non sine divino numine in ea natus est aetate. Is tunc minori totius Lusitaniae Provinciae solum imperat (5), quae inter Durium et Minium steteri (6) et infelici gleba ea tempestate protendebatur: Portugalliam a Colle, Agaiae portu in faucibus Durii sitae, vocavere; quae postmodum toti etiam regno nomen indidit. Scilicet (7) vir divini animi et consilii plurimas à Mauris occupatas urbes aggressus, variisque et incredibilibus victoriis potitus, partim vi, partim astu expugnat: in quibus inter Durium et Tagum Leria (8), Sanetrena, et nobilissima omnium Olisippo Civium Romanorum quondam municipium, cum innumeris pene aliis munitissimis arcibus et oppidis: quibus non contentus, trajecto Tago, regionem totam intra illum et Annam flumen porrectam, non minus ubertate soli, quam viris et armis felicem, cum Eborā, regia, magnifica, et veteris Latii gloriosa urbe, et armis perdomuit, et victoriis illustravit. Plerasque non sine Christi Jesu clarissimo auxilio, et noto omnibus miraculo con-

(1) Assim se lê no impresso de que usamos, e não praestantiam, como leo Pereira, o qual manda ler praestandam.

(2) Legendum forte: Lusitanae domus.

(3) No nosso impresso lê-se tunc.

(4) No mesmo impresso lê-se ferme.

(5) O nosso impresso tem praecerat.

(6) Lege: sterili.

(7) O nosso impresso tem Sed, e não Scilicet.

(8) Assim se lê no impresso, e não tetra sanetrena, como parece que escreveo Pereira.

secutus est. Cizimbriam (1) ac Palmellam, duo vel situ, vel operibus inexpugnabilia oppida, ab infidelium manibus eripuit, et in suam potestatem redegit: et cum paucis admodum equitibus Maurorum infinita millia fudit, fugavitque. Et rursus (2) apud Euriquias campos (3), apud eum locum, quem nunc (4) capita regum vulgus appellat, exigua et parva manu, cum quinque potentissimis regibus victor certavit: in qua pugna egregie plusquam fortem pugnando decebat (5), quinque illius sinistrae aptata scuta Barbarorum tela in ea intorta perfringere. Ex qua singulari et inclita victoria Lusitanorum Regum signa et arma scutis quinque, quinquorū denariorum numero sparsis distinxit, cum ad eam tempestatem unum tantum, et id totum nummis passim resparsum fuisse satis constet. Quinque igitur scuta in Sanctissimae Crucis figuram locata, et quini denarii similiter ad modum Crucis aspersi; quid aliud nobis indicant, nisi triginta argenteos pretium Sanguinis Christi Jesu, quibus ab immanissimo Juda Judaeis traditus fuit? Is antequam signum militibus daret, flexis ad terram genibus orans; Salvatorem in Cruce pendentem conspexit: fuit Regii animi ea fiducia, ea cordi insculpta fides; ut tam stupendo miraculo non territus, haec addere verba ausus sit: non oportere sese Christum Jesum homini firmissime credenti ostendere: haereticis et ab ejus fide aberrantibus et aversis illius modi ostento opus esse. Quibus rebus et pluribus aliis, quas brevitatis causa praetereo, hac luce apertius Vestra Beatitudo intelliget; qua animi constantia, quo virtutis ardore, quibus artibus, quibus gradibus et successibus ad culmen Regium ascenderit; et angusta Regni primordia vir tam religiosus, tam fortis, et tam pius, a deterrimo (6) servitutis iugo liberaverit regnum, et auxerit: et quam merito Regium nomen, auxiliante populo, adjuvante hac Sancta Romana Ecclesia, clarissimo nutu, et aeternae Maiestatis optimo auspicio, sibi jure optinuo acceperit, et posteris in futurum reliquerit: hoc caeteris Principibus felicior, quorum (7) multi populorum favore, nonnulli armatorum satellitum metu; pauci vero, quos aequus amavit Jupiter, qui vera virtutis via ad Regios titulos aspiraverint. Quo mihi minus admirabile videri solet, si tali, tanto, et tam forti au-

(1) Cizimbriam tem o impresso.

(2) Rursum tem o impresso.

(3) In autographo forte erat: Euriquios campos.

(4) Esta palavra no impresso vem depois de vulgus.

(5) Locus difficilis, pro quo malim ita legi: in qua pugna egregie et plusquam fortiter pugnante decebat.

(6) No nosso impresso lê-se tétérismo.

(7) Assim leo Pereira: no nosso impresso vem quoniam: talvez fosse mais elegante escrever quod.

ctore partum regnum ejus gloriosa progenies eisdem artibus auxerit: nam ejus successores ea Lusitaniae parte, quae a Septemtrione montium jugis, a meridie Oceano, ab Oriente Annae fluvii (1) ostio, ab Occidente Sacro promontorio continetur, quam Algarbii Regnum Punica etiam nunc lingua vulgus appellat, Mauros multis ac munitissimis urbibus expugnatis brevi pepulerunt: quos (2) ita universa Lusitania recuperata, hostes Christiano nomini infestissimos victos fugatosque in Africam, unde utranque Hispaniam dominaturi traiecerant, pauci admodum Lusitanorum Reges rejecerunt: quod utinam pari studio et contentione a reliquis Hispaniarum principibus factum fuisset; ut minus aetate nostra negotii et laboris a pellendo ab Hispania hoste superesset. Sed partum inclitis Lusitaniae Regibus pro animi ac virtutis magnitudine visum est sua recuperare, nisi etiam aliena scrutarentur: tametsi alienum nihil unquam arbitrati sunt, quod vel ad defensionem, vel ad propagationem Christianae Religionis pertinet (3). Alfonso quartus, invadentibus iterum Africanis Regibus Hispaniam, quibus Rex Belamerim cum infinita pene procerum et militum multitudine praecerat, arcissimo trajectu Gaditani freti copias validissimas ab urbe Septa ad Gibaltaris portum transvehentibus, et jam Tarifam Hispaniae oppidum obsidentibus: ab Alfonso item Castellae Rege sexto, ejus genero, in auxilium extremi discriminis (4) accitus; cum firmissimo exercitu propere celerique in Baeticam contendit; ubi communi consilio, communi periculo, tantam hostium molem aggressi, apud Salatum fluvium, qui in fretum ipsum proprie oppidum influit, unico praelio quadraginta et quinquaginta Maurorum milia occiderunt: ac ita periturae denuo Hispaniae succurrentes, pestem illata nefariam a Christiani populi cervicibus propulsarunt. Non commemorato bella plurima cum finitimis gesta, nec victorias clarissimas pro Patriae et Regni libertate tutanda paratas: non enim laudare Lusitaniae Reges, sed summatim eorum merita et officia in Christianam fidem, et in hanc Sacrosanctam Sedem recensere institui: quippe et virtute, et gloria rerum gestarum inter se omnes pares sunt. Ob eamque (5) jam ad illud inclitum et orbi universo monitissimum (6) Joannis primi, proavi

(1) Assim no nosso impresso e na emenda marginal de Pereira, o qual no seu Exemplar tinha lido amne fluvii.

(2) Quod, e não quos denota a abbreviatura do impresso.

(3) Pertineit vem por erro no nosso impresso, o que faz conjecturar que no Original do Author estaria pertineat.

(4) Assim emenda Pereira o extremi criminis, que leo no impresso: mas o Exemplar de que nos serviuas, tem discriminis.

(5) Addendum videtur causam, et legendum: ob eamque causam.

(6) Lege notissimum.

Joannis Fidelissimi, Vestrae Beatitudinis Filii, facinus egregium transeo: qui a propulsando ad inferendum Africae bellum, tanquam Scipio alter, animum transtulit. Quippe enavigato cum (1) maxima classe Oceano per Gadinati freti ostia ingressus, urbem illam Septam, situ portuque, aedificiis, munimentis, haud minus quam magnitudine et opulentia claram, obsedit et vi cepit. Qua in Christianorum potestatem redacta, virus omne Punicae saevitiae, velut atrico (2) venenosissimi serpentis capite, ita omnino perdomuit et extinxit; ut qui antea de Hiberiae finibus occupandis continue agitabant, de suis jam tutandis solliciti redderentur. Evenitque, ut caedes, fuga, incendium, et vastitas, caeteraeque bellorum pestes in Africam Imperatorum nostrorum solertia translatae, sensum illis immanissimis feris a persequendo (3) Hispaniense bellum averterent. Sed non defuere tantae rerum opportunitati reliqui Lusitanorum Reges ejus Successores: quinimo Eduardus Joannis commemorati filius, et Joannis nostri avus, paternae gloriae aemulus, tametsi quinquennium regnando non expleverit; non putavit sese intra Lusitani regni limites honeste continere posse, nisi pro Christiana Religione amplianda facinus dignum aliquod ederet. Eoque animo non Septam modo viriliter tutari contra barbarorum impetus coactus est; verum etiam Tingim, antiquissimam et munitissimam urbem, legato Henrico et Ferdinando fratribus exercitu obsedione est adoratus (4): quae, incredibili pene Maurorum multitudine subsidio occurrente, et Ferdinando regio fratre ex ducibus altero, viro proculdubio sanctissimo, sese pro voluntario obside, imo sacrificio et victima offerente, soluta tandem infelicitate fuit: et eo ita in Barbarorum potestatem dato his (5) conditionibus, ut non alio quam tradendae urbis Septae pretio redimeretur, Mauri rursus, ementita fide, obsessa jam nostrorum castra die noctuque aggressi, non prius oppugnare desistunt, quam Henricus dux alter, Reginus item frater, vir belli et pacis artibus insignis, translatis sensim munimentis et castris ad littus a quo toto perquam magnae urbis spatio aberat, castrametatus est: atque inde sese (6) cum exercitu in naves recepit. Ut Vestra Beatitudo intelligat, propter (7) laborem, impensam, et continua militum ac ducum pericula, calamitates ipsas in hoc tam glorioso pro fide Catholica bello in regia domo et in sanguine ipso non defuisse.

(1) *Percira leo: evaginato ea.*

(2) *Lege: attrito.*

(3) *No nosso impresso lê-se proseguendo.*

(4) *Lege: adortus.*

(5) *Iis lê-se no impresso.*

(6) *O Impresso tem: Atque inde se cum &c.*

(7) *Deve ler-se praeter, como se acha no impresso de que nos servimos.*

Dicerem multa, Pater Beatissime (1), de Alfonso Rege V. (2) Eduardi filio, et patre hujus Sacratissimi thronus (3) devotissimi filii Joannis, qui superioribus diebus naturae concessit; nisi videretur Vestrae Beatitudini et sacro huic venerando coetui, quod descendimus e Lusitania laudaturi Lusitanos Reges et Regna, et non praestaturi eidem devotam obedientiam. In summa tamen rerum ab eo gestarum exuberantia faciam quod Crispus Salustius de Carthagine faciendum censuit, si hoc verum (4) non tacuero: ter diversis temporibus cum maxima et instructissima classe in Africam trajecit: ter exercitum paratissimum in importuoso et hostili littore exposuit: tres inexpugnabiles pene urbes vi et armis cepit: quod nescio an alicui unquam Romanorum ducum, aut priscorum Regum contigerit. Mihi certe diutius mecum volutanti nemo (5) ex veteribus quidem occurrit. Iis autem victoriis cum totum Atlanticum fretum, et partem interioris Mauritaniae subegisset; cum terras et maria ditioni suae parere coegisset; cum continentem assiduus excursionibus, et maria ac portus classibus infestasset: ita penitus Maurorum vires et potentiam attrivit; ut Granatae regnum in Baeticae visceribus a Christi inimicis occupatum, quod occulto Dei mysterio ad gravius aliquod judicium reservatum esse mortalibus videbatur, et mihi semper videbitur; jam nunc campi (6) et ejus oppida vi et armis occupari omnino a Christianis posse appareat. Non desunt, Beatissime Pater, quamplura alia ejus in Christi Jesu fidem, et Romanam Ecclesiam merita; quae si sigillatim recensere velim, longius quam par esset progredider: sed duo tantum brevissime perstringam. Primum quod eo regnante, Henrici patris ejus, de quo supra meminimus, industria coepta navigari Aethiopia est: alterum vero sit, quod eodem tempore in Oceano Atlantico decem insulae vix ipsis Orbis descriptoribus cognitae, a nostris inventae sunt; et in omnes Lusitaniae coloniae deductae. In quibus, jam mira incolarum frequentia habitatis, Christiana fides haud minore caeremonia quam inter nos colitur. Ita ut mihi vere Alfonsus Rex gloriosus ad Christianam Religionem sacratissimam colendam non contentus maiorum suorum finibus videatur, nisi etiam novas provincias, nova regna, novas insulas, et quasi novos et incognitos orbes Christi nomini, et Romanae Ecclesiae, et vobis tandem, Pater Beatissime, et successoribus vestris, in posterum addiceret.

(1) Beatissime Pater lê-se no nosso Exemplar impresso.

(2) O nosso Exemplar tem: de Alfonso clarissimo Rege V.

(3) Lege throni.

(4) O impresso tem unum em lugar de verum.

(5) Nemo ne tem o impresso.

(6) Legendum capi.

Cursim res maximas et incredibilia merita superiorum Regum pertranseo (1), et infinita pene tacitus obmitto (2), ut ad ipsius Joannis Secundi, qui nunc divino consilio in Lusitania regnat, praeclara in Christianam Rempubicam et (3) Apostolicam Sedem officia descendam: qui vix pubere aetate in Africam cum Alfonso patre trajiciens, in Arzillae magni et egregii oppidi obsidione, non militaribus tantum, sed imperatoriis etiam muneribus functus, Christo Jesu et ejus Sanctissimae Fidei sese devovit: ubi militaria ornamenta, quae merito a Patre assumpsit, per eum decorata sunt. Et cum Hydruntum Turci, acerrimi Christianae Religionis hostes, superioribus annis occupassent; et ejus calamitas ruinam Urbi, imo toti Italiae indicaret: surrexit enim aliquis (4), Beatissime Pater, ex Christianis Principibus, quos nondum metus invasisset, roganti saepius et efflagitanti Sixto quarto, qui Ecclesiae Dei ea tempestate praeerat, antecessore vestro dignissimo, nisi unicus Lusitaniae Rex Alfonsus, qui opem ferre Ecclesiae Dei semper consuevit; et signo Crucis jam dudum parante se ad bellum contra Turcos Callixto tertio antecessore vestro se armavit; qui se ducem Christianae classis Sixto offerebat, si facinus dignum aliquod pro amplianda Christianae Religionis libertate, aut pro vindicanda Christo nostro illata injuria aggredi vellet? Testis est Reverendissimus Cardinalis Portugallensis, qui adest, et ego cujus manu litterae id continentēs exarati (5) fuere: quod officiorum genus inter merita Joannis Regis clarissimi commemorandum in primis censeo: cum nemo sit qui ignoret, dictis temporibus Joannem unicum filium non successore modo, verum etiam participem gubernandi regni et rerum omnium fuisse. Non recensebo qua impensa, qua diligentia, et quam difficili tempore bellum illud Mauritanicum semper gesserit, et modo administret: sed ad illud praeclarissimum ejus in Christi fidem, et in omnes, qui hoc nomen profitentur, initium me convertam; qui Aethiopiam illam patris temporibus inventam, ea solertia investigaverit; ut Regno Portugalliae ejus quadriennio, mensibus tribus, et diebus tredecim, plura in ea re beneficia Christiano populo contulerit, quam annis duobus et quadraginta proximis, quibus navigari illud mare coepit, collata sint. Inter medios enim Aethiopes ultra aequinoctialem plagam in proximo aurifodinis litore castellum munitissimum, antemuralibus et propugnaculis, vallo et fossa septum, ma-

(1) *Assim se lê no nosso impresso, e assim manda lêr Percira, o qual no seu Exemplar achou pertransio.*

(2) *Deve-se lêr omitto.*

(3) *Et in tem o impresso.*

(4) *Forte legendum: surrexit ne aliquis.*

(5) *Lege: exaratae.*

ximo labore et impensa, calce et quadrato lapide, e Lusitania navibus importato, construxit. Quo tam sanctum, tam certum, tam magnum cum illis gentibus commercium instituit; ut Salvatoris nomen nunquam ne fama quidem in ea auditum, ita nunc hominum nostrorum frequentia in populorum illorum auribus increbuerit; ut fera jam et barbara gens, luxui et ignaviae dedita, caritatis expers, et pecudum more viventes, nitescere Religione incipiant. Datur praeterea Christianus populus non solum inaudita auri et pretiosarum mercium inde allatarum multitudine; verum etiam omnia Numidarum, Penarum (1), Maurusiorum, caeterarumque gentium nomini Christiano infensarum, commercia cum Aethiopibus habita cessavere; unde magnum pondus magnaue vis auri ex commutatione mercium terrestri itinere importata, Africam omnem adversus Christianos armare et munire solebat. Accedit tandem iis omnibus haud dubia spes Arabici sinus perscrutandi; ubi Asiam incolentium regna et nationes, vix apud nos obscurissima fama cognitae, Sanctissimam Salvatoris fidem religiosissime colunt: a quibus jam, si modo vera probatissimi Geographi tradunt, paucorum dierum itinere Lusitanorum navigatio abest. Quippe cum emerso (2) jam multo maximo Africae ambitu prope Prassum promontorium, unde Arabicus incipit sinus, superiori anno nostri appulerunt; flumina, littora, portusque omnes perscrutati (3), quae ab Olisippone supra quinquies quadragies (4) centena passuum millia certissima maris terrarumque (5) ac siderum observatione numerantur: qua regione detecta et explorata (6), videre jam videor quot quantique et fortunarum, et cultus, et gloriae cumuli, tum populo omni Christiano, tum maxime vobis, Pater Beatissime, et successoribus vestris, ac huic Sedi Petri sacratissimae accedent. Ea vero omnia, Regis unius industria tam brevi tempore excogitata et administrata, quis non jure miretur (7)! praesertim cum maiora procul dubio sint, quam ut a multis et maximis Principibus diuturnis temporibus, et variis aetatibus aut soleant, aut posse fieri videantur.

Praetereo consulto multas admirandas incliti animi et corporis dotes; proceritatem, et (8) formam insignem, animi magnitudi-

-
- (1) Deve-se ler Poenorum.
 (2) Suspicor scripsisse Vilascum pro emerso, emenso.
 (3) Esta palavra falta na cópia de Pereira.
 (4) Et quadragies tem o Exemplar impresso.
 (5) Terrarum ac siderum, lê-se no impresso.
 (6) O impresso tem qua regione explorata.
 (7) Assim no impresso, e na emenda marginal de Pereira, o qual no texto tinha lido meretur.
 (8) O et ommitte-se no impresso.

nem, liberalitatem, integritatem vitam, moderationem, fidem, constantiam, in re militari virtutem, in administrando regno iustitiam (1), et in omni genere prudentiam, in Deum religionem, in regnum et in subditos pietatem: praetereo virtutis et industriae laudes: praetereo gloriae et victoriarum monumenta: praetereo quo astu, quo consilio, qua prudentia, qua animi fortitudine, propalatas divino nutu duorum ducum factiones dissimulat, et factiones castigat.

Quae autem, Beatissime Pater, attigi, non aliam ob rem dicta a Vestra Beatitudine accipi velim, quam ut sciat, quod etsi omnes Christiani Reges aut Principes cari Beatitudini Vestrae, et huic Sacro Senatui merito sint; nemo erit profecto qui vel suapte virtute, vel maiorum suorum meritis, carior esse uno Joanne, inclito Lusitaniae (2) Rege, jure optimo debeat. Quippe cum ea sit vel ejus vel progenitorum suorum rerum gestarum gloria, pro Christi Jesu fide, at ea (3) in hanc Sanctam et Apostolicam Sedem observantia, ut aequari, et id quidem vix possit, vinci certe non possit.

Jam multis moror, Beatissime Pater (4): plura forte dixi, quam loco et tempori expediant: stomachabitur jam Vestra Sanctitas alienas audire laudes: praecipue cum de vestris praeclaris (5) decantandis magnus sit cumulus et splendor, et latissimus dicendorum campus et copia. Sed cum apud Vestram Beatitudinem Orationes (6) habeo, quam admirari potius quam laudari (7) praestabit, quippe indignus sum qui vestras amplissimas laudes propalare sciam, et brevi oratione complecti; cum Crispo Salustio censui sanctius omnino silere, quam de Vestra Beatitudine pauca loqui: quare Regis mandata jam aggrediar. Nullus unquam gratior nuntius contingere potius (8) inclito Joanni Lusitanorum Regi, quam cum dea nuptia (9) ad eum fama tulit hanc salutarem et pene divinam creationem Vestram, et Vestram Beatitudinem erectam (10) esse ad Sanctissimum hoc Sacerdotium, et constitutam juxta Aposto-

(1) *As oito palavras antecedentes, faltavão na Cópia de Pereira.*

(2) Lusitanorum lê-se no impresso.

(3) Atque eam tem o impresso.

(4) Pastor e não Pater tem o impresso.

(5) Videtur deesse vocem: meritis.

(6) Orationem tem o impresso.

(7) L. pro laudari, laudare; quod verborum ordo postulat.

(8) L. potuit. No nosso impresso lê-se erradamente potuis, e não potuit, nem potius.

(9) Suspicio legendum: vera nuntia.

(10) Evectam tem o impresso.

lum super omnem principatum et potestatem; et omne quod nominatur, sive in hoc seculo, sive in futuro: incredibile (1) prae se fert laetitiam ob hoc divinum donum et amplissimum Christi fidelibus collatum munus: faustum eidem et felicem illuxisse illum diem certe scio, quo intellexit Vestram Sanctitatem de gravissimo et integerrimo Cardinali effectum esse totius Christiani populi Universalem Pontificem. Non cessat continue iuges, sempiternas et immortales Deo Immortali agere gratias, quod de tali Pastore, de tam religioso Pontifice, de tam solerti Vicario, de tam digno Piscatoris successore, suae sanctae et Universali Ecclesiae, huic sacro Cardinalium coetui, et fidelium Christianorum prosperitati et saluti consulerit. Gratulatur Ecclesiae (2) quod Pastorem tam gravem, tam prudentem, tam nobilem, tam doctum, tam praestantem omni genere virtutis sortita est. Gaudet sibi, quod divina bonitas praestantissimorum Cardinalium animos Spiritus Sancti flagrantissimo ardore inflammaverit, ut crearent Pontificem, qui primum Ecclesia (3), mox Christiano populo, demum Hispaniae, et praecipue reipublicae Lusitanae sit salutaris. Suscipe (4) jam, Beatissime Pater, Vestrae maximae virtutes in hoc Vestrae Beatitudinis decreto omnium dignitatum apice condigna praemia. Credidit Vestrae Beatitudini summi Pastoris officium, quod suum erat, sacer hic Senatus, cui gratias agere et referre in tempore jubet Rex Illustrissimus: qui Innocentium Octavum, vere innocentem, summo Sacerdotio decorastis; et lumen et solem mundo dedistis. Et qui juxta Valentinianum Imperatorem (5) in Pontificali sede constitutere procurastis, cui omnes sincere capita submittant, libenter ejus monita audiant, et a quo delinquentes medicamenta suscipiant, et ad cor reversi indulgentiam consequantur: quo gaudet Ecclesia, Christianus populus exultat, Religio plaudet (6), numeri et innumeri laetantur. Ad vos igitur clavigerum regni caelorum, Universalis Ecclesiae venerandum Antistitem, de ultimis Hispaniarum finibus, et sub longinquo, ut ita dicam, sole nati, laetabundi missi legati venimus; laetitiae et gratulationis onusti, devotionis, observantiae, et caritatis pleni, exposituri Joannis excellentissimi Lusitanorum Regis humilem ac (7) devotam obedientiam et mandata fidelia; adoraturi suo nomine Vestram Sanctitatem,

(1) Incredibilem *acha-se no impresso*. — *Hac se non impresso* (1)

(2) Assim *no impresso*, e na emenda marginal de *Pereira*, o qual tinha lido Ecclesia. — *Assim no impresso* (2)

(3) Lege Ecclesiae. — *Lege Ecclesiae* (3)

(4) Susceperam *tem o impresso*, e assim se deve ler. — *Susceperam tem o impresso* (4)

(5) Talem accrescenta-se *no impresso*. — *Talem accrescenta-se no impresso* (5)

(6) L. plaudit. — *L. plaudit* (6)

(7) No nosso impresso *le-se et*. — *No nosso impresso le-se et* (7)

pedes ejus Sanctissimos deosculaturi, gloriosam Vestram Beatitudinem veneraturi. Meminit Celsitudo regia innumera et immortalia beneficia ab hac Sancta Sede et a praedecessoribus vestris in eum et suos antecessores non avara manu collata; et summos favores, quibus haec alma Ecclesia (1) omnes Lusitanos Reges, et res ab eis commendatas hactenus persecuta (2) est. Fatetur Serenissimus ac Illustrissimus Princeps Joannes Secundus, Rex Portugalliae et Algarbiorum, citra et ultra mare in Africa et Dominus Guineae, Vestram Beatitudinem velut sidus quoddam illustre et micans e caelo humano generi missum esse: quo remige, imo duce, vaga per universum orbem navicula Petri tuta non flueret. Fatetur vos verum Pontificem, fatetur hanc Sanctam Sedem, et hanc Sacerdotalem et Regiam Urbem, in qua gens sancta et populus electus, verum totius Orbis caput; velut is qui (3) in lacte suxit, et qui a maioribus suis hoc glorioso ornamento insignitus est: qui inter multas scismatum factiones, quot superiora tempora fuere, nunquam a Romano et vero Pontifice desciverunt: quo (4) nescio an alii imperatoriae et regiae domui unquam contigerit. Fatetur vos verum successorem ejus, de quo Isaias: Recordatus est Dominus dierum seculi, qui suscitavit de terra pastores ovium (5). Fatetur gravissimus Rex, Romanae Ecclesiae observantissimi (6) et Christiani cultus ampliator, coram quo Reges Aethiopum procidunt, et cui singulos annos munera offerunt; Vestram Beatitudinem (7) vices ejus in terris gerere, de quo David in Psalmo LXXI. Et dominabitur a mari usque ad mare; et a flumine usque ad terminos orbis terrarum. Coram illo procident Aethiopes, et inimici ejus terram lingent. Reges Tharsis et insulae munera offerent: reges Arabum et Saba dona adducent: et adorabunt eum omnes Reges: et omnes gentes servient ei. Pollicetur se omnia quae ad obsequium, quae ad honorem, quae ad dignitatem Vestrae Beatitudinis, et Sacri hujus Senatus pertinebunt, etiam cum capitis discrimine, sanguinis effusione, et fortunarum omnium erogatione, facturum: pro cuius salute et amplitudine ejus opera, gratia, et fides nullo loco, et nullo tempore deerit: quicquid imperio valet, opibus praestat, fortuna pollet, Vestrae Beatitudini liberalissime offert. Obsecrat, obtestatur pientissimus Rex per Christi Jesu

(1) Haec alma mater ecclesia le-se no impresso. (1)

(2) O mesmo impresso tem prosecuta. (2)

(3) Qui id tem o impresso. (3)

(4) Quod tem o impresso. (4)

(5) Pastorem tem o impresso. Parece que Lucena allude ao lugar de Isaias cap. 63. v. 17. (5)

(6) Dever-se-hia ler observantissimus. (6)

(7) Vere accrescenta o impresso. (7)

effossum latus, quo Ecclesiam hanc consecravit; et per ejus nomen et (1) vices, quas in terris Vestra Beatitudo gerit; ut cum res exegerit, regno, civitatibus, oppidis, arcibus, classibus, insulis, et postremo omnium, quod carius est, se ipso ac suis utatur: omnia, periculo et experientia teste, ante pedes Vestrae Beatitudinis ponit: quam Omnipotens et misericors Dominus felicem et incolumem multos annos tueatur. Caetera, Beatissime Pater, aliud tempus expostulant: quae remotis arbitris, cum Vestra Beatitudine (2) jusserit, explicabimus. Dixi.

LAUS DEO.

(1) O impresso tem ac.

(2) L. Beatitudo. Esta emenda marginal de Pereira acabou de nos persuadir que o Exemplar impresso de que elle se servia, he de Edição diversa do que nós temos á vista, no qual estas duas palavras se achão escritas com a seguinte abbreviatura V. B.

ART. II.—

Senhores Redactores do J. de C.

Os elogios, com que VV... tem honrado as cinzas de meu pai o Senhor Dr. Manoel Antonio de Mendonça Moraes, Primeiro Medico, que foi, do Hospital Real Militar da Praça de Chaves; e de meu Irmão José Maria de Mendonça Moraes, Estudante do 2.º Anno Medico na Universidade de Coimbra, em o Num. VII. pag. 60 e 61 do seu Jornal.... me constituem no dever de gratidão para com VV....

A inclusa Memoria, que envio a VV.... para ser publicada, quando a achem digna de tamanha honra, he hume pequena demonstração do meu reconhecimento; pois conheço nada contém de novidade, ou admiração. Formado em Leis, advogado em Mont'Alegre, e distraído sempre em domesticos, e alheos negocios, me não resta tempo para estudos de outra natureza.

Sou, etc.

Mont'Alegre 10 de
Fevereiro de 1813.

Manoel Antonio de Moraes Mendonça.

Memoria, que contém, huma breve descripção do Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso(*), sua população, causas, que a diminuem, character de seus habitantes, produções do Paiz, quanto podem augmentar-se, seu Commercio, gados, e manufacturas. Escripita por Manoel Antonio de Moraes Mendonça, Bacharel Formado em Leis na Universidade de Coimbra.

Janeiro de 1813.

*Hoc opus, hoc studium parvi properemus et ampli,
Si patrias volumus, si nobis vivere cari*

Horat., Epist. II. Liv. I.

ARTIGO I.

Breve descripção do Concelho, e seu clima.

§. I. O Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso está situado na Provincia de Traz-os-Montes a 41 gr., e $\frac{2}{3}$ de latitude, e a 10 de longitude; confina com o Reino de Galliza pelo lado do Norte, pelo Nascente com o Concelho da Villa de Chaves, e pelo Sul, e Poente com o Concelho da Villa de Ruivaes na Provincia d'Entre Douro e Minho. Tem por Capital a Villa de Mont'Alegre, onde antigamente havia huma bem construida Fortificação, hoje bastante arruinada, e indefensavel (†). Tem Juiz

(*) O Concelho de Mont'Alegre tambem he conhecido por Terra de Barroso, e quando pelo decurso d'esta Memoria se falla no Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso, se deve entender o mesmo. Já no tempo dos SS. R.R. D. Diniz, D. Affonso IV., e D. Manoel, que derão Foraes á Villa de Mont'Alegre, o Concelho era denominado, Terra de Barroso.

(†) Não ha memoria da edificação d'esta Fortaleza, nem a posso descobrir, ella parece ter sido reformada no Reinado do Senhor D. Affonso IV., como se vê de huma inscripção, que se lê em

de Fôra com jurisdição Cível e Crime, Juiz de Orfãos, e da Alfandega; pertence á Comarca de Bragança, Provedoria de Guimarães, e Arcebispado de Braga.

§. II. Tem na sua maior largura seis legoas e meia, principiando no meio da Serra denominada Pindo, onde finda o Concelho de Chaves, até á Ponte da Mizarella, e lugar da Villa Nova de Cidros, onde parte com o Concelho de Ruivães na direcção de Nascente a Poente. Tem no seu maior comprimento sete legoas, com pouca differença, principiando no alto da Serra de Toninha, que divide o Concelho do de Cabeceiras de Basto, até os Confins da Raya de Galiza na direcção de N. a S. He atravessado pelas altas montanhas de S. Domingos de Morgade, e pela das Alturas, superiores a todas as outras, que formando successivos escalões, vão descendo pelo lado do occidente até o Concelho de Ruivães, e Faldas da notavel serrania do Gerez, e pelo lado Oriental até os fertéis campos de Chaves, e toda a Margem do Rio Tâmega, até o Concelho de Ribeira de Pena.

§. III. Por entre estas Montanhas se encontrão agradaveis Campos, e grandes prados, atravessados por abundantes regatos, origem de varios Rios. O mais notavel he o Cávado, tem este a sua origem nas faldas da Serra de Larouco, situada a N. E. da Villa de Mont'Alegre na distancia de huma legoa, que divide o Concelho do Reino de Galiza por aquelle ponto, sua corrente se engrossa por pequenos riachos, que nascem nos montes, e vales superiores, e lateraes ao mesmo rio, e correndo na direcção de N. E. a S. O., passa proximo a Villa de Mont'Alegre, e vai banhando parte do Concelho até entrar na Provincia do Minho, e desembocar no Mar Oceano entre Esposende, e Villa de Conde. O Rio Bêça merece o segundo lugar entre os Rios, que banhão o territorio de Barroso, elle tem a sua origem d'entro do Concelho entre as povoações de Pedrario, e Sarraquinhos, e juntando-se-lhe varios Ribeiros atravessa parte do Concelho na direcção de N. a S. até desembocar no Rio Tâmega, junto aos lugares d'Aivoens, e Cunhas no Concelho de Cabeceiras de Basto. O Rio Terra banha todo o Valle deste nome, trazendo a sua origem acima do lugar de Ardãos, termo de Chaves, desembocando tambem no Rio Tâmega com a mesma direcção (*). O Rio da Villa da Ponte, tambem he hum dos que fertilizão parte do

huma de suas Torres n'esta fôrma — R. ALF. 4.^o AN. 1331 —; e em 1580, como se vê da seguinte — Reformou o L.^{do} Manoel. Antunes. de Viana. Año 1580.

(*) Todas as direcções indicadas são pelo Norte da Agulha.

Concelho de Barroso com sua corrente, tem a sua origem acima do lugar de Negroens, e descrevendo hum quasi semicirculo, vai desembocar no Rio Cávado, abaixo da Ponte da Mizarella (*).

§. IV. O Alto Barroso se estende por todos os lugares, e terrenos mais Superiores ao Baixo Barroso, seus lemites podem fixar-se pela parte do Norte nas Serras de Pitoens, onde começa a Serra do Geres, na de Arandella, que corre na direcção de E. para O., e na de Larouco, situada, como já disse, a E. N.; pela parte do Nascente, nas Serras do Pindo, Nogueira, Leiranco, Boticas, e Seixa, pela parte do Sul e Poente no alto da Serra de Toninha, e Nogueira até o lugar de Paradella e Serra da Ponteira, ficando interpoladas no meio de todas estas as Serras de Barreiros, Avelar, S. Domingos de Morgade, Alturas de Barroso, assim chamadas por ficar no lugar mais elevado. Todo o Alto Barroso, que na direcção de N. a S. tem sete legoas de comprido, e na de Oriente a Occidente trez legoas de largura até quatro, he sujeito a hum frio muito violento, e o Inverno ahi he tão continuado, que as geadas começam no principio d'Outubro, e gradativamente augmentar, e diminuem até o fim de Maio, os regatos se gellão nos trez mezes do Inverno, e no mesmo tempo as neves, chegam a impedir o transito dos habitantes, estando por muitos dias privados de vêr a fasce da tetra (†).

§. V. Se estações tão rigorosas tem suas incommodidades, não deixão tambem de ter suas vantagens, porque a constancia do frio faz o Alto Barroso menos sujeito ás intemperies, que reinão nos paizes calidos, e seus habitantes são fortes e robustos, porque sua saude he mais firme, e menos sujeita ás enfermidades epidemicas.

§. VI. O Baixo Barroso comprehende todas as terras, e Povoações, que estão menos sujeitas ao rigor das estações, como são o Valle chamado de Villar de Perdizes, e povoações inferiores á serra de Larouco, o Valle de Sapiaos, e povoações inferiores ás serras do Pindo, Nogueira, e Leiraneo: todo o Valle por onde passa o Rio Terra inferior á serra das Boticas, o Valle de Covas abaixo da eminencia do Lacanho (α) o Valle de Canedo inferior á

(*) Todos estes Rios abundão em famosos peixes, como Escallos, Bogas, algumas Enguias, e sobre tudo em Trutas. Tem apparecido algumas, que excedem o pezo de seis arrateis.

(†) José dos Santos Dias, habil Medico do Partido da Camara de Mont'Alegre, e meu amigo, me tem communicado, que o frio tem chegado a 3. gr. a baixo de O., segundo as suas observações Thermométricas.

(α) No cume d'esta eminencia se achárão duas Estatuas Lapi-

serra de Santa Comba, toda a margem do Rio Tamega, e lugares proximos, e finalmente todas as povoações desde o lugar de Paradella até á Ponte da Mizarella, comprehendendo-se tambem os lugares, que estão nas Faldas da Serra do Gerez.

ARTIGO II.

Sua população, e causas que a diminuem.

§. VII. Segundo as melhores relações, que tenho conseguido pelos livros das Sizas, e declarações, que fizeram os Juizes das Vintenas ao Ministro territorial, contem o Alto, e Baixo Barroso 133 lugares, 3498 fôgos, e 17581 habitantes d'ambos os sexos, e de todas as idades, número certamente, que não he em proporção com a grandeza do Concelho, e com o que pôde produzir.

§. VIII. Esta falta de população procede de varias causas, e carece de providencias, que evitem a sua decadencia, e augmentem os seus progressos, o que pôde reduzir-se aos principios seguintes.

§. IX. A cultura das terras he para os homens huma manufactura immensa, por consequencia todo o Paiz, que tiver menos terras cultivadas, ha de forçosamente ser menos povoado, porque não se occupando os homens no trabalho, e nas suas terras, emigrão para Concelhos e Provincias differentes, desamparando as da sua naturalidade.

§. X. Em todo o territorio de Barroso se nota todos os annos desde Setembro até Março a emigração de mais de 400 homens, que vão occupar-se no Alem-Têjo, e mais Provincias do Reino na factura do azeite: pôde segurar-se, que não ha hum só homem de 14 annos para cima, que não tenha viajado, e sahido do Concelho a procurar, em que trabalhe.

§. XI. Igualmente se nota, que muitos pais e chefes de familias, mandão seus filhos e parentes para terras remotas, e d'Ultramar, com a ambição de adquirirem fóra aquillo que na sua Patria poderião achar trabalhando, sendo muitas vezes o producto de suas viagens, e fadigas, mais a ruina, do que o proveito nas suas

deas, que hoje me dizem estão no Real Jardim Botânico de Belém aos lados da porta da entrada para o mesmo, as quaes mandou remetter Miguel Pereira de Barroso no tempo em que foi Juiz de Fóra no Concelho. Não ficou disso memoria alguma.

casas, e bens, que ficão sem cultores, e entregues a velhos e mulheres, que não podendo cuidar da cultura atrazão os interesses de suas casas, e familias, arruinão-nas, o que não aconteceria, se seus filhos, e parentes vigiassem de perto no que lhes interessa.

§. XII. Eis-aqui huma das principaes causas, que muito concorrem para diminuir a população de Barroso, e os seus progressos, a que póde tambem juntar-se a falta de Manufacturas apropriadas á situação do territorio, e suas producções naturaes, as quaes exporemos mais abaixo.

§. XIII. He do interesse das casas e familias, que os filhos legitimos sigão a condição de seus pais, quanto he compativel: não he seguido porém este principio, nem adoptado no territorio de Barroso: os pais sempre attentos na vivacidade, ou esperanças de conhecimentos de seus filhos (fallo dos que podem) os que não mandão para fóra do Paiz, os destinão logo para Ecclesiasticos, deixando para Lavrador o mais inerte, beneficião aquelle, e se não lembrão d'este, mais do que para os trabalhos ruraes, suas legítimas ficão diminutas, casão pobres, se he que casão, segue-se a indigencia, faltão braços para o trabalho, desertão, e as povoações se diminuem.

§. XIV. Se os pais de familias fossem attentos para a conservação, e augmento de suas casas, empregarião mais filhos na lavoura, far-se-hião maiores Proprietarios, e a Agricultura, e oppulencia crescerião em summo gráo em todas as casas e familias (*).

§. XV. Já disse acima, que o territorio de Barroso não era sujeito a molestias epidemicas, assim mesmo vejo e ouço, que todos os annos morrem muitas pessoas d'ambos os sexos e de todas as idades, de molestias, de cuja natureza me não toca decidir, e procurando huma das causas, acho que he a repugnancia, que os rusticos Lavradores tem em consultarem aos Professores de Medicina, querendo antes sujeitar se a remedios domesticos, e arbitrarios, e a decisões de charlatães, que de ordinario os lanção na

(*) Não he da minha intenção o dizer, que não deve haver Sacerdotes para a celebração do Culto, noto sómente os muitos, que havia, e ha ainda em Barroso, pois ha lugares de 30 fôgos, que tem 12 e mais Sacerdotes. A paixão dominante dos habitantes de Barroso, he ordenarem hum filho, ainda que seja unico: nisto consiste o cume da sua felicidade, e são rarissimos os que destinão para apprenderem as Sciencias, e as Artes.

sepultura, desacreditando os Medicos (*), se he que por acaso se tem consultado; ou tornando os malles, que a principio poderião facilmente curar-se, de difficultoso, e muitas vezes invencivel curativo.

§. XVI. Em todo o territorio de Barroso, e Concelhos vizinhos não ha hum Hospital, ou outro estabelecimento Pio onde os enfermos e mendigos possam recolher-se, e curar-se com commodidade: em todas as povoações de Barroso, se recolhem os enfermos mendigos nos fórnos publicos de cozer o pão; ahi concorrem muitas pessoas; as molestias se communicão; os pobres morrem desamparados; e os habitantes ignorantes dos males, que os atacam, motrem junto aos seus lares, se a natureza os não cura.

§. XVII. Todas estas causas privão a sociedade, annualmente, de muitos membros, que lhe poderião ser uteis, e são tambem hum dos motivos, que faz diminuir a população de Barroso (†). Seria para desejar que a Casa da Misericordia da Villa de Mont'alegre, Capital do Concelho, fosse dotada com rendas proporcionadas para edificação e conservação de hum Hospital.

§. XVIII. Estas são as principaes causas, que obstem á propagação da especie humana, não fallo na guerra, na prostituição, nos prejuizos, que tem os pais de familias, a respeito do casamento de seus filhos, e finalmente no util estabelecimento de Casas d'Expostos para prevenir os infanticidios, etc. (¶).

(*) Ha em todo o Conselho de Mont'alegre hum Medico do Partido da Camara residente na Villa, e 14 Cirurgiões por todo o Concelho.

(†) A maior parte das epidemias, que tem apparecido em Barroso, tem sido communicadas pelos pobres pedintes, que se acolhem nos fórnos publicos das povoações, e que ahi se demoram até que morrem sem curativo algum, ou mais soccorro do que pão e agoa, que algum lhes ministra, movido de caridade.

(¶) "No anno de 1805, por ordem da Intendencia Geral da Policia da Corte e Reino, se mandou estabelecer em Mont'alegre hum Casa d'Expostos, que não havia, cujas despesas sahem do producto das sizas das compras, e vendas: carece muito de huma reforma em tudo."

ARTIGO III.

Caracter dos habitantes.

§. XIX. Os habitantes de Barroso, geralmente fallando, são pouco civilizados, polidos, etc. e ao que naturalmente he obstinado custa muito fazer deixar-lhe seus antigos usos, que seguem machinalmente, a exemplo de seus vizinhos, e antepassados. Como são bem constituídos, e nascidos em hum clima aspero, achão seus prazeres em tudo o que pôde agitallos, e pôr seus espiritos em movimento, como he a caça, as viagens, o vinho, etc.

§. XX. Facilmente perdoão as injurias, que se lhes commettam, tem poucos estímulos, porque a natureza os tem dotado de huma imaginação pouco viva; são soffredores de trabalhos, amantes de sua Patria, e tanto, que tendo alguns sido bem favorecidos da fortuna, em terras estranhas, e paizes remotos, vem acabar seus dias nos lugares onde nascêrão, sem que se lembrem do preterito, cogitando sómente de desfructarem os seus cabedaes, apartados da sociedade, e até muitas vezes esquecidos de seus proprios vizinhos.

§. XXI. Bem se conhece pelo que fica exposto, que o Povo de Barroso necessita ser civilizado (*), seus costumes se farão mais doces, serão mais facéis de governar, a industria mãi das bellas Artes, das Sciencias, das Artes Mecanicas, e do Commercio os fará felizes. Hum Povo polido he preferido a hum Povo rustico, Montesquieu, e outros Illustres Escriptores da Europa moderna enghenhosamente o tem demonstrado.

ARTIGO IV.

Produções de Barroso, e quanto podem augmentar-se.

§. XXII. As produções do Alto Barroso são centeio, batatas nabos, pastos, e matas: as do Baixo Barroso, além do exposto

(*) Os habitantes de Barroso são tão pouco amantes das Letras, que ha povoações inteiras, onde muito poucos homens sabem ler, e escrever. Em todo o Concelho só ha duas Cadeiras de Primeiras Letras com Provisão da Real Junta da Directoria Geral dos Estudos d'estes Reinos e seus Dominios, huma na Capital do Concelho, e outra nos Arrabaldes da Villa, por onde querem estender de legoa a dentro. Ha tambem na Villa de Mont'alegre huma Cadeira de Grammatica, e Lingua Latina, que se acha vaga ha cinco para seis annos, por não haver quem a requeira.

são milho, vinho, legumes, castanhas, algum azeite, e outros fructos, que pessoas curiosas tem começado a semear, como he trigo, sevada, milho painço, e ha lugares tão abrigados, e amparados, por todos os lados, de serras, que lhes ficão sobranceiras, em que limões e laranjas se crião com perfeição.

§. XXIII. Póde dizer-se, que todo o Barroso he a terra propria para a producção do centeio, e talvez fosse o lugar aonde primeiro se principiasse a semear em Portugal. Os Lavradores depois de sulcada a terra trez vezes, isto he, humna na Primavera, e duas nos fins do Estio e Outono, depois de lhe lançarem os estrumes (*), que julgão necessarios, semeão o centeio de maneira, que vem a estar na terra nove para dez mezes. No inverno lhe encaminhão agoas, a fim de matarem os animaes, que roem suas raizes, e em alguns lugares, no tempo da Primavera, levemente o tornão a lavar pelo meio dos sulcos, para lhe arrancarem as ervas, isto he, humna especie de sacha a que chamão desregar.

§. XXIV. Os mesmos Lavradores, julgando-se assáz instruidos na cultura, que devem dar ás suas terras, fazem as sementeiras alternativamente, isto he, hum anno sim e outro não; pensão, que com este systema evitão a sua esterilisação, e julgão, que muitos terrenos hoje estereis, e semelhantes aos da Arabia Petrêa, nada produzem, por terem sido continuados annos cultivados, e semeados. Tal he o estado d'agricultura em Barroso, e taes são os prejuizos, com que os agricultores são criados, attribuindo a fertilidade da terra, mais ao repouso, do que aos estrumes, com que sem fructo a pertendem engordar (†).

(*) Os Lavradores usão para estrumar as suas terras de mato, que lanção nos córtes de seus gados, e nas ruas das suas povoações, onde se conserva todo o inverno: huns logo na Primavera o lanção nas terras, e outros hum mez ou mais antes das sementeiras, ficando ali depositado em pequenos montes, de maneira que quando chegão a envolverlo com a terra, já nada póde aproveitar por estar inteiramente exausto das substancias, que podem reparar a esterilidade. Semelhante uso deveria ser inteiramente banido.

(†) Não posso escusar-me de trancrever neste lugar, o que diz hum Escriptor Anonymo nas suas reflexões sobre o estado da agricultura, impresso em Paris no anno de 1780. Diz elle o seguinte: "*Hum dos mais illustres agricultores de nossos dias (Mr. Dhumel), julga o anno de repouso das terras indispensavel para applicar-lhes os trabalhos, que lhes são necessarios, para as dividir, e para fazer perecer as más ervas. Mas nós temos já observado, que ha outros meios mais efficazes, e menos dispendiosos para op-*

§. XXV. Ha Lavradores em Barroso, que não tendo terras suficientes, para semear, cavão montados maninhos, pelo espaço do

perarem perfeitamente esta divisão, e purgarem nossos campos das más ervas de maneira, que se o objecto do anno de repouso se limita somente a este fim, bem longe de ser necessario, parece totalmente inutil, e até perigoso. Entretanto a opinião dos antigos, he a que parece ainda reinar entre nossos agricultores, cujo maior numero olha ainda o uso da sementeira alternativa, como hum descanso para as terras fatigadas. „

Não se póde comprehender, como esta opinião se tem estabelecido no tempo antigo entre gentes cercadas de bosques, cuja vista devia convencellos do contrario. Não ha terreno cuja face seja mais coberta de vegetaes, que produza, e nutra maior numero de plantas; apezar porém d'esta producção continua, o terreno he sempre muito fertil. Isto devia mostrar, que não he por meio do repouso que se chega a fecundar a terra, mas fazendo-lhe nutrir o maior numero possível de vegetaes. He de suppôr que os antigos conhecêrão esta verdade, pois que julgavão como nós, que não havia terra mais fertil, que a que por muito tempo, produz grande numero de vegetaes. Apezar d'isto os repousos forão geralmente recebidos, e o peor he que ainda hoje se conserva este uso, e sem fructo se sacrifica a metade ou o terço do producto real, que se poderia tirar da terra, a huma opinião mal fundada, e á vã esperança de augmentar a colheita no anno seguinte.

Os Chinezes olhão, com razão, o uso do repouso das terras, como hum abuso nocivo á abundancia e á população, que são principalmente os objectos da Agricultura. Hum Lavrador Chinez se riria, se se lhe dissesse que a terra necessita de descanso em certos tempos; diria certamente, que estavamos longe do fim; se elle podesse ler nossos tratados antigos e modernos, nossas especulações maravilhosas sobre Agricultura. As terras Chinezas, em geral, não são de melhor qualidade, que as nossas, ellas são, como entre nós, boas, mediocres, más, terras fortes, e ligeiras, terras argilosas, e terras, onde a arêa e as pedras dominão. Todas as terras produzem, ainda nas Provincias do Norte, huma e mais vezes no anno; e muitas cinco vezes em dous annos nas Provincias Meridionaes, sem repousarem milhares d'annos.

Temos á vista o exemplo de muitas Provincias, que não deixão descansar as terras, e que não somente lhe tirão todos os annos, com pouca differença, o mesmo producto, mas que por este meio tem conseguido mudar terrenos estereis em campos agradaveis e ferteis.

Alguns habitantes das charnecas entre Loire, e Garone, se tem entregado á cultura de suas más terras, e semeando-as todos os annos por necessidade, em pouco tempo as tem mudado para me-

anno, e em Agosto e Setembro lanção fogo aos torrões, que estão séccos, e já para isso dispostos: nestes terrenos he onde se colhe o melhor centeio, e podem semear-se até dous, e mais annos continuadamente sem outros estrumes mais do que as cinzas. Seria para desejar, que os Lavradores, fazendo carretos de mato e torrões para as suas terras, lhes lançassem fogo, pois seria hum dos melhores meios de as fazerem fecundas, e de dobrada producção (*).

lhores; e causa admiração a abundancia de centeio, e mais grãos miudos, que produzem annualmente, ainda que o cultivador as não deixe descansar. Aquellas, a que se não podem lançar estrumes, produzem ao menos hum vez cada anno, ou centeio, ou outros grãos. As outras, estrumadas sufficientemente ao tempo das sementeiras do centeio, dão duas colheitas, hum de centeio, outra de trigo de Hespanha, ou de milho painço, e algumas produzem trez vezes no anno, isto he, centeio no mez de Junho, favas no meio de Setembro, e trigo ou milho miudo no fim do mesmo mez, ou principio d'Outubro. Estas terras originariamente estereis e magras, bem longe de acabarem, como era de presumir, por esta cultura immensa, tem mudado totalmente de natureza, e se tem feito ferteis em extremo. Mas hum exemplo, ainda mais tocante que este, nos offerecem os habitantes do Tirol, que por sua industria, por hum cultura bem entendida, chegam a povoar de plan-tas os rochedos mais escarpados: e ainda que seu terreno pareça ser ingrato naturalmente, e o clima pouco favoravel á vegetação, se desconhece o repouso entre elles; fazem-se trez ou quatro colheitas de differentes fructos todos os annos, e isto, longe de esterelisar a terra, a fertilisa. Já vi hum terreno entre Roveredo, e Marco, que em outro tempo foi comparado por Dante á estrada do Inferno, e presentemente só deveria ser comparado, ou ao mais delicioso jardim do Universo, ou ao Paraíso Terreal.

A experiencia, e os successos em materia d'Agricultura devem ter mais autoridade, e mais peso, que todos os Livros que tem apparecido desde Heziodo até hoje. Seria pois importantissimo, renunciar hum systema hypothetico, fundado sobre palavras, e idéas pouco verosimeis, para seguir hum, cuja utilidade he confirmada pela experiencia de muitas Provincias.

He claro que o repouso das terras he inutil relativamente ao objecto a que nós o temos destinado, elle he evidentemente nocivo ao interesse particular d'Agricultura, e do Estado, porque não só tira hum porção consideravel do fructo, que a terra deveria produzir, mas contribue para a sua decadencia.

(*) "*Transpadanis Cineris usus adeo placet, ut anteponant fimo jumentorum*", (Plin. Liv. 17.^o Cap. 9.^o). *Si è provato, che*

§. XXVI. A ceifa dos centeios se faz em Julho, e Agosto; quando as Primaveras são rigorosas alguns annos, he tollido pelas geadas o grão que está a formar-se, e então os Lavradores, fazem menor colheita (*). Nada offende porém as hervas dos centeios as neves ou geadas do inverno, antes a experiencia mostra que são uteis (†).

§. XXVII. A colheita das batatas, em todo o Barroso, excede a 100:000 alqueires; o terreno he muito proprio para a sua producção, e cultura, e não ha pessoa que tendo hum palmo de terra, para assim dizer, as não semeie: ha das mesmas várias qualidades, como são brancas de maior producção, vermelhas compridas, e redondas de menor: fazem estas raizes huma grande parte do sustento dos Lavradores, e gados, mas não se tem applicado a fazer pão de mistura com as mesmas, ou reduzillas a farinha. Seria para desejar, que pessoas peritas se mandassem a ensinar algumas pessoas, e d'aqui se tirariam grandes vantagens para a Economia Domestica. Ha Lavradores, que annualmente colhem 700, e 800 alqueires, e estes poderião ser os instruidos primeiramente, como mais interessados, pois por lhes não poderem dar consumo util, deixão apodrecer muitas, desperdiçando outras.

§. XXVIII. Os nabos se agricultão e produzem bem, e no tempo da sua colheita os Lavradores ficam bem pagos do seu trabalho; da mesma fôrma se poderião semear, e cultivar plantas semelhantes, como rabãos, etc. mas os Lavradores contentando-se com os fructos, que conhecem, não procurão as sementes, que ha em outros territorios. Huma Ordem Superior, que os obrigasse a fazerem tambem esta sementeira, seria de grande utilidade para seu sustento, em quanto os nabos hião tambem fazer o dos animaes.

d' elle terre incolote le quali non producevano che tignamiche, e ginestre; governate com cenere hanno prodoto bellissimo grano per sei anni continovi. (Ranconi, Dict. d' Agricult.)

(*) Por Lei antiga, que me não he possível encontrar no Cartorio da Camara, estava determinado, que cada Proprietario de terras nos mezes de Maio, e Junho, antes de nascer o Sol, fizessem correr com huma corda todas as espigas a fim de lançarem fóra das mesmas todo o orvalho nellas introduzido.

(†) Dizem os naturaes de Barroso "Anno de muita neve, anno de muito pão,, "Alioquin vota arborum frugumque communia sunt, nives diutinas sedere. Causa non solum quia animam terrae evanescentem exhalatione includunt et comprimunt, retroque agunt in vires frugum atque radicis... Tellus quoque illo modo fermentescit, et succi plena ac lactescentibus satis non effusa, cum tempus aperit, tepidis arridet horis etc., (Plin. Liv. 17.^o Cap. 11.^o)

§. XXIX. Tanto o alto, como o baixo Barroso, pelas muitas encostadas que tem, e agoas, que o cruzão por todos os lados, contêm em si muitos lameiros, e lamas públicas, que pelo sustento, que em pastagens e fenos dão aos gados, fornão huma parte da riqueza do Concelho. Podião ser a meu ver estes lameiros ainda mais uteis, se os Lavradores os semeassem com sementes de hervas bem nutritivas vindas d'outros paizes; mas elles não o fazem, a terra produz as hervas, e vegetaes, que a natureza faz espontaneamente nascer, e essas mesmas hervas, e vegetaes se reproduzem sem melhoramento; ellas não são da melhor qualidade, e o gado vaccum por isso não he o mais vigoroso, e abundante de leites. Deverião pois todos os proprietarios de lameiros ser obrigados a semear melhores sementes, mandando-se-lhes ministrar pelas Authoridades constituídas, e dando-se-lhes para isso as normas necessarias.

§. XXX. Abunda Barroso em grandes matas de carvalhos e outras arvores, bastante espessas, mas estas pelo seu grande consumo, e incendios, irregularidade nos seus côrtes, e outros motivos semelhantes, em breves tempos diminuirão. Já se nota esta falta no Concelho visinho de Chaves: nesta Praça ha grande consumo de lenhas para os particulares, para as fabricas de louça e telha, para os fôrnos da tropa, Hospitaes Militares, etc., já ahi não ha lenhas, e se vem buscar a Barroso. He para sentir que se não execute tambem nesta Provincia o determinado na providente Lei de 27 de Novembro de 1804 sobre o côrte regular dos bosques, e outras Sabias Providencias do Governo.

§. XXXI. A cultura do milho (*), vinho, e legumes muito se tem augmentado, não assim a do trigo e cevada; a cultura d'aquelle vai-se introduzindo, mas não ha quem a promova, e a d'esta muito pouco, e só algum curioso principia a experimentalla no seu terreno; eu a tenho visto e he bem criada, e tão boa, como a que se colhe em terrenos mais temperados: as sementes do trigo do Norte seriam bem proprias para Barroso, e se deverião ministrar aos Lavradores, vigiando sobre a sua cultura, e obrigando-se a dar conta da sua producção.

§. XXXII. Nas ribeiras do Baixo Barroso ha sitios tão amenos, que em tudo são semelhantes aos do Minho e Beira; a cul-

(*) O augmento da cultura do milho deve-se ao Dr. Francisco Fortunato d'Oliveira de Carvalho, pois que este habil sujeito nos trez annos, que foi Juiz de Fóra, incansavelmente cuidou em fazer extrahir, levadas de nascentes d'agoas, e rios, e até para isso concorria com a sua presença e despezas.

tura das oliveiras seria de grande vantagem, e se os Lavradores as tivessem plantado, podião não só colher azeite para si, mas até para o consumo de todos os habitantes do Concelho: por toda a extensão da ribeira chamada de Terva a maior parte das propriedades podião estar cercadas d'oliveiras; mas na extensão de duas, e mais legoas apenas se encontra meia duzia d'ellas. Em todos os lugares, que ficão nas covas proximas á serra do Gerez, podia haver muitas mais do que ha; grande parte de terreno proprio para isso se vê cheio de mato: he de admirar que homens, costumados todos os annos a ir á factura do azeite por todas as terras do Reino, se não tenham estimulado, e não tenham cuidado no que lhes interessa; mas os seus prejuizos, e o viverem segundo os costumes de seus antepassados obstão a tudo isto, assim como tambem o não lhe serem concedidos muitos terrenos com obrigação de fazerem taes plantações.

§. XXXIII. O mesmo se póde dizer a respeito dos castanheiros; estes por todo o Concelho se podião, e devião plantar; muitos lugares ha, principalmente subindo para o Alto Barroso, que podião produzir excellente castanha, o que ainda acontece em terrenos mais agrestes, e quando não tivessem utilidade no fructo, a tinham na madeira, de que o Concelho não he abundante apesar de ter muitas matas.

§. XXXIV. A cultura d'estas arvores, tão proveitosas pelos dous fins para que se destinão, deveria ser promovida, assim como a sua plantação, com todo o escrupulo e fiscalisação, assim como a dos pinheiros, sobreiros, carvalhos, e vidos; em Barroso se faz particularmente necessaria, e resultarião daqui muitas vantagens, porque o terreno he proprio, principalmente nos lugares mais abrigados; eu tenho visto pinheiros bastante antigos, e bem formados, sem que as injúrias dos tempos os tenham offendido, mas são raros, e os habitantes se não movem a plantallos, nem se servem daquelles exemplos.

§. XXXV. Alguns Povos deste Concelho forão obrigados a cultivar o arrôz nos paúes dos seus districtos; estes trabalhos porém forão inuteis, porque nem a producção os compensava, nem havia os braços necessarios, que exige a sua cultura: felizmente tem esquecido este projecto, que algumas pessoas quizerão pôr em prática. Todos os Póvos, sendo obrigados a trabalhos, de que não tirão fructo, se desgostão, murmurão, e até se tornão indispostos, quando se querem empregar em trabalhos uteis, que lhes são desconhecidos.

§. XXXVI. A opulencia he a origem de todas as vantagens,

que fazem hum Povo feliz, e por isso se devem pôr em prática todos os meios para a conseguir, procurando que o mesmo terreno forneça não só o necessário para a vida, mas também o sobejo para quem lhe falta. Os habitantes de Barroso podendo colher pão para si, e para remediar as necessidades alheas, não tem essa fortuna, e muitos se vem na necessidade de o comprar aos Gallegos, que concorrem aos mercados publicos, que se fazem em Mont'alegre semanalmente e mensalmente, levando para fóra o numerario, que podia girar no Concelho com grande proveito dos naturaes, e do Estado.

§. XXXVII. Toda a colheita, e producção do Alto e Baixo Barroso em trigo, milho, e centeo, anda annualmente, segundo as informações mais veridicas, que tenho tomado, por 346:200 alqueires; quantidade, que não chega para o consumo ordinario, pois sendo o número dos habitantes d'ambos os sexos e de todas as idades 17:581, e dando a cada hum d'elles 25 alqueires annualmente, vem ainda a faltar 93:323 alqueires (*): o que não accoiteceria se fossem concedidos ás pessoas mais necessitadas os muitos terrenos incultos, que ainda ha por quasi todos os termos das povoações (†); certamente por todos elles podia o total da colheita augmentar metade, e então os habitantes poderiam exportar 79:775 alqueires.

ARTIGO V.

Commercio, Manufacturas, Gados.

§. XXXVIII. Os habitantes de todo o territorio de Barroso não tirão todo o possivel partido das producções naturaes do seu

(*) As castanhas, batatas e legumes poderão supprir esta falta por dous mezes.

(†) Esta partilha de terras deveria ser feita com circumspecção, e segundo a regra geral, que todo o paiz não deve ter em bosques e montados menos que $\frac{1}{5}$, nem mais que hum $\frac{1}{3}$. (Inst. Polit. de M. Baron de Bielfeld. tom. 1.^o pag. 326. §. 44). Aos novos cultores se deveria prohibir a alienação, ao menos por certos tempos, dos terrenos que se lhes concedessem, pois tem mostrado a experiencia em muitas terras, onde semelhantes partilhas se tem feito, que os pobres venderão aos ricos, e podendo ficar remediados, se reduzirão á maior miseria, não conservando hum palmo de terra, para assim dizer, em que podessem plantar huma couve. Assim accoiteceo na Villa de Mirandella ha poucos annos.

paiz. Todo o seu Commercio he de importação, sómente exportação gados de criação; e tudo o mais, que lhes he necessario, he importado de territorios visinhos, e do Reino de Galliza, o que faz diminuir a circulação interior do numerario adquirido, e torna os habitantes inhabeis para emprehenderem negociação alguma; mas tudo isto, que faz a desigualdade total da balança do commercio entre Barroso e terras de fóra, podia melhorar-se em parte, como vai a expôr-se nos seguintes §§.; e então o commercio d'exportação, quando não fosse igual ao de importação, ao menos evitaria o *deficit* do numerario, quanto fosse possível, em quanto as circunstancias não permittissem outra cousa.

§. XXXIX. Já disse acima, que pela partilha das terras incultas, e sua nova cultura, podião sobejar a Barroso 79:775 alqueires, que podião exportar, mas longe de o poderem fazer com vantagem, permuttão grande número d'alqueires de centeio por outros tantos de sal, que annualmente trazem ás portas de seus selheiros os Lavradores da Provincia do Minho, visinhos das salinas, d'onde elle se extrahê: he verdade que, sendo o sal huma cousa da primeira necessidade, se não pôde dispensar; mas os Lavradores de Barroso podião sortir-se d'elle mais commodamente, sem ficarem privados e faltos de centeio, ainda mais necessario.

§. XL. Todos os Lavradores, que não entrão na classe dos pobres, tem sua egoa, juntas de vaccas, carros, etc., e a mesma conducção de sal, que vem á porta de suas casas, feita pelos estranhos, a podião elles mesmos fazer com grande vantagem, pois levando que comer, e comprando o sal na sua origem por 60, e 80 rs. o alqueire, e muitas vezes menos, se recolhião sem gastos de consideração, e sem lhes ser necessario fazer a desvantajosa permutação do seu centeio. Prohibindo-se pois a importação do sal por semelhante modo, os Lavradores o hirião buscar, e continuarião a fazello logo, que conhecessem a vantagem (*).

§. XLI. O pão de trigo fórnua hum ramo de commercio de importação em Barroso: em toda a sua extensão não ha mais do que hum moinho proprio para a moagem d'este grão. Os Lavradores mais oppulentos deverião ser obrigados, feito hum calculo do que se gasta, a construírem, e edificarem moinhos para esta moagem, elles receberião utilidade, e os habitantes terião este precioso pão

(*) Todos os annos em Setembro e Outubro se permuttão mais de 6:000 alqueires de centeio por outros tantos de sal: e o mais he que muitos, fazem estas permutações para negociarem no mesmo sal, sendo-lhes depois necessario comprar centeio, para acabarem de passar o anno.

por preços mais commodos, tanto em suas proprias casas, como nos mercados, e praças públicas.

§. XLII. Os gados fazem o ramo mais importante do commercio d'exportação de Barroso: toda a Provincia do Minho prefere os novilhos de Barroso aos criados em outro qualquer terreno: igualmente se crião soffríveis machos e mullas, mas sobre as qualidades e criação d'estes animaes ha muito a providenciar. Muitos Lavradores tem égoas, mas égoas de má qualidade, não procurão pais de boa raça, e a sua prole de ordinario he defeituosa. Se sobre este objecto se providenciasse, resultarião grandes vantagens para os naturaes, e para o Estado.

§. XLIII. Hum objecto digno de toda a attenção do Govérno he a manipulação dos queijos e manteigas dos leites das vaccas de Barroso. Os Lavradores não sabem fazer huma, e outra cousa, com a perfeição, consistencia, e duração, com que vemos as manteigas, e queijos, que formão hum ramo de commercio consideravel na Hollanda, na Irlanda, e Holstein: elles fazem huma manteiga, e queijos doces sujeitos a corrupção em poucos tempos, incapazes de transportar-se para partes remotas; inconvenientes, que não acontecerião, se fossem instruidos no modo de se fazerem, mandando-lhes executar as normas, que se lhes ministrassem com regras seguras, bem reflectidas, bem fundadas na experiencia, e bem convenientes ao clima e terreno: elles fazem a manteiga e queijos, segundo a primeira receita, que alcançárão ou por arbitrio ou por experiencia, e em huma e outra cousa imitão pouco aos queijos da serra da Estrella e Alem-Téjo; e até póde dizer-se seguramente, que lhes falta muito para terem esse grão de perfeição.

§. XLIV. Perdem pois os naturaes, e a Nação grandes interesses por esta falta, que se não existisse veríamos girar por todo o Reino queijos e manteigas nelle fabricadas, com diminuição em parte do commercio d'estas producções exteriores, e tornando-nos d'este modo mais independentes. Ha gados, ha muitos pastos, e promovida a criação d'aquelles, e a melhoria d'estes com o trevo de Hollanda, da Hespanha, com a ruta capraria, com a luzerna, e outras muitas hervas bem nutritivas, então se conheceria a vantagem.

§. XLV. Não ha animal doméstico, que enriqueça mais a seu dono, do que he o porco. Todo o territorio de Barroso podia criar muitos mais porcos do que presentemente cria; augmentando-se a producção das castanhas, coutando-se matas de carvalhos, que produzissem bolotas, com as muitas batatas, e mais fructos, que formão a mais saudavel nutrição d'estes animaes, Barroso poderia

mandar para fóra, e expôr á venda muitos porcos em pé, e salgados, e escusavão muitos de os irem buscar a Galliza e feiras remotas (*).

§. XLVI. As manufacturas, esta arte de dar fôrma ás produções naturaes, he desconhecida em Barroso, e não ha quem se applique a ella, ainda nas cousas de que poderia haver proveitoso resultado, segundo a localidade, e materias brutas produzidas no Concelho, independentes de grandes dispendios para se manufacturarem.

§. XLVII. Huma fábrika de cortumes faria a Barroso huma grande utilidade; as muitas matas de carvalhos poderião fornecer grande quantidade de casca; o çumagre até aqui desconhecido no territorio podia facilmente produzir e com commodidade cultivar-se, e todos os couros das rezes tanto grossas, como miudas, que continuamente se matão nos côrtes publicos, e particularmente, podião formar a occupação dos empregados nesta fábrika, sem que os naturaes se vissem obrigados a comprar curtidos os couros que primeiro vendêrão ainda verdes.

§. XLVIII. Todo o Barroso pôde criar e cria muitas cabras e bódes; todos os Lavradores matão muitas para o consumo e sustento de suas familias, e homens de trabalho; humas pelles se perdem, outras se vendem nos mercados, simplesmente salgadas, a quem de fóra as vem procurar, e tudo isto são perdas para o commercio, que Barroso podia fazer, curtindo-se no Concelho, e compondo-se para os usos a que se destinão: e podendo por estes e outros motivos ser hum Concelho rico, pelo contrario está precario, e dependente de todos os de fóra.

§. XLIX. Para a louça das cosinhas, huma cousa de que tanto necessita Barroso, se não tem procurado meio algum, apenas ha dous lugares, onde se faz alguma telha, sem que avance mais esta fábrika, tão necessaria para a cobertura e abrigo dos edificios. A mesma louça do uso commum he importada, e comprada aos de fóra por altos preços, principalmente em tempos de inverno, em que os caminhos se fazem intransitaveis pelas agoas, e pelos gellos (†). Nesta parte ha huma grande incuria porque ha lugares bastante proprios para isso, e até se pôde fabricar de huma arvore

(*) Das sedas dos porcos tambem se podem fazer escovas, e cordas.

(†) O habil Ministro de quem fallei na nota ao §. 31, cuidou muito em estradas e pontes, mas ainda resta muito.

chamada vido bem semelhante á faia ou alemo branco, nativa em Barroso.

§. L. Todos os annos, nos mezes do estio e outomno, apparecem Artistas Torneiros comprando aos Lavradores os troncos dos vidos, que se tem criado nos seus lameiros e terras; d'estes formão pratos, vasilhas, e mais utensis para o serviço das casas, tornando-os a vender depois de manufacturados, e por fim desaparecem; levando o dinheiro, que com usura tirarão aos particulares. Tudo isto não aconteceria, se se promovesse o plantio d'estas arvores, utilissimas até para forros de casas, para Marcenaria, e outros fins.

Estes são os pontos principaes, em que julguei a proposito tocar para se formar idéa de Barroso; e do melhoramento de que são susceptiveis os interesses d'este Concelho.

ART. XI.—

Continuação das Observações Médicas, que fazem o Art.

IX. do Num. antecedente; pag. 299.

Conta das molestias, que grassarão no lugar do Cartaxo, e suas visinhanças, na Provedoria de Santarem, durante o mez de Janeiro do presente anno; por João Gervasio de Carvalho, Médico do Partido d'aquelle Cabeção.

No principio do mez de Janeiro de 1813 gosava esta terra e seus arredores do maior grão de saude usual nesta estação do anno; encontrando-se apenas algumas intermitentes (pela maior parte recahidas do outomno); algumas repetições de rheumatismo; e catarrhos proprios da estação. Bem poucos dias porém erão passados, quando começáão a apparecer febres de contágio, a que os Medicos chamão typhos, ou febres de abatimento. Estas febres tem vindo pela maior parte accompanhadas de pleurezias, peripneumonias, catarrhos fortes; accommettem facilmente, e com mais força, as mulheres, que estão de parto; contagião as pessoas da mesma familia, e assistentes.

A causa provavel d'estas febres parece ser hum vapôr contagioso, em todo o tempo considerado pelos Medicos como causa remota das mesmas; para cuja desenvolução e actividade concorrem todas as circumstancias actuaes. Taes são em geral o estado de miseria e privação, em que ficarão estes Póvos pela invasão do inimigo; e posteriormente a falta de alimentos bons, de roupas; e por consequencia de limpeza do corpo, e das habitações; a presença do frio, e as alternativas d'este, e do calor, frequentes nesta estação; e o estado de oppressão e abatimento de espirito consecutivo ás causas referidas: o que tudo parece comprovado por huma longa observação; por quanto todas as epidemias de contágio, que tenho tratado nestes sitios ha quinze annos, tem começado na força do inverno, e durado até ao meio do verão.

Estas febres não grassão ainda em grande número, e o seu resultado por hora tem sido feliz. Ellas tem cedido até agora ao tratamento seguinte: — Emeticos no seu começo; bebidas mucilaginosas nos primeiros seis, oito dias, acompanhadas de substancias proprias a promover a expectoração, e a obstar ás congestões pulmonares; o que quasi sempre tenho conseguido infundindo a ipecacuanha nos cosimentos das substancias mucilaginosas; a applicação prompta dos vesicatorios, já sobre os musculos gemellos, já sobre o thorax, segundo o maior, ou menor ataque pulmonar. D'esta epocha em diante tem tido lugar a applicação das substancias amargas, estimulantes, e mesmo diffusivas, segundo o maior ou menor grão de abatimento até á total extinctão da febre. O uso da raiz de valerianna tem aproveitado muito em moderar o estado convulsivo em geral, e particularmente a dyspnœa, que quasi sempre acompanha estas febres, quasi do seu principio.

Estas são as molestias mais notaveis, que tenho observado nestes sitios durante o referido mez; e o tratamento, a que tem cedido em geral; sobre as quaes nenhuma outra observação tenho a fazer em particular.

Conta de Bento Soares, Cirurgião do Partido da Camara da Villa de Pereira, com a qual exactamente se confôrma, até quasi em palavras, José da Costa Delgado, Cirurgião tambem do Partido da Camara da mesma Villa.

Tem grassado muito nesta Villa sarna, que me parece ser a crise da grande e mortifera epidemia de febres malignas, que atacou quasi todas as pessoas. Esta molestia facilmente se dissipa por meio de uncções sulfureas, e remedios depurantes.

Tem apparecido tambem em muitas pessoas herpes ; os remedios tópicos , e adstringentes os destroem facilmente.

Depois d'estas enfermidades cutaneas sobrevierão a muitas pessoas vários abscessos, dos quaes huns se resolverão , e outros suppurarão.

Tem havido tumores carbuncullosos , e furuncullosos , que passando progressivamente a estado gangrenoso se atalhão por meio de remedios antisepticos , e separação da substancia pôdre , que se faz por incisões, quando a natureza por si a não vence.

São os habitantes d'este paiz sujeitos a estas enfermidades , e a febres malignas , o que se attribue aos máos e salgados alimentos ; e aos muitos pântanos e charcos , que estão proximos á Villa.

Tem havido parótidas , que me parecem ser tumores críticos das febres malignas , os quaes se curão á força de remedios suppurativos e antisepticos.

Pereira 14 de Fevereiro de 1813.

Conta de José Antonio Banasol, Médico do Partido da Cidade de Elvas, datada em 16 de Janeiro de 1813.

Elvas tem apenas hum Edifício Civil, onde se tratão enfermos em commum, e que he o Hospital da Mizericórdia: ali he onde se tratão tambem os prezos Civis.

Os Expósitos tem cada hum d'elles sua Ama particular; he mais huma pessoa da familia, a que pertence a dita Ama.

Os Conventos são tão pouco povoados, que pôde considerar-se cada hum d'elles huma familia particular; portanto tratarei das molestias mais vulgares no sobredito Hospital, e pelo tracto do Povo.

Depois que a malfazeja guerra tem vulgarisado as molestias da periphéria; e que a falta de meios, e afflicção d'espírito tem debilitado os habitantes, tem feito huma differença assás consideravel a ordem de molestias em cada huma das epochas do anno.

De 15 de Dezembro até 15 de Janeiro, antes de 1808, era geralmente tempo de saude: á reserva d'alguns chronicos, que ou por engravecidos, ou por falta de commodidades da vida soffrião mais insultos; e de hum ou outro, que expondo-se demasiadamente ao frio, ou á alternativa d'este com o calor, padecião affecções pulmonares; apparecião tambem alguns enfermos, que por complicação ou disposição orgânica de vísceras abdominaes não tinham convalescido de febres, ordinariamente intermitentes, apparecidas

no estio proximo: hoje porém as affecções febris essenciaes são de todas as epochas. Ha sempre número consideravel de intermittentes, remittentes, typhoideas, typhos, diarrhéas, e dysenterias.

Em o Hospital dito, o número medio d'enfermos no mez de-corrido monta a cincoenta e nove.

Intermittentes	—	—	—	—	—	—	8
Remittentes	—	—	—	—	—	—	10
Typhoideas	—	—	—	—	—	—	10
Typhos	—	—	—	—	—	—	4
Diarrhéas	—	—	—	—	—	—	8
Dysenterias	—	—	—	—	—	—	2
Rheumatismos agudos	—	—	—	—	—	—	2
Affecções pulmonares	—	—	—	—	—	—	5
Anasarcas	—	—	—	—	—	—	2
Úlceras por causas exteriores	—	—	—	—	—	—	6
Tumores lymphaticos suppurados	—	—	—	—	—	—	2

Somma.... 59

As causas predisponentes e excitantes das ditas molestias, são sem dúvida filhas da situação actual. — Não tenho conhecido condição alguma da atmosphera, a que possa attribuir semelhante effeito. — Não posso notar o calor, pêsso, humidade, e mesmo os ventos, por falta de instrumentos, o que deveria preceder para a descripção médica do local; alimentos; condições ambientes; quantidade, e qualidade d'agoas; plantas indigenas, de que se faz uso economico, ou medicinal.

Em quanto ao tratamento tem sido conforme ás circumstancias geraes das molestias, e particulares dos doentes. — O que fica dito do referido Hospital, he igualmente o que se observa no Povo.

Bem digno de memoria se faz, que seis Asphyxiados se apresentarão no sobredito Hospital em 25 de Dezembro proximo preterito, pelas 9 horas da manhã: dous meninos, hum de 6, outro de 13 annos absolutamente mortos: huma menina de 8 annos, conservando apenas huma laboriosa respiração, e a esta, por mais esforços praticados, nunca pôde restituir-se a vida; porque huma affecção febril lha terminou na manhã do dia 26, notando-se-lhe huma gangrena sobre a espada direita: trez maiores, huma mulher de 53 annos, que passadas trez horas d'applicação dos soccorros, começou a restabelecer-se; huma outra de 27 annos depois de cinco, e hum homem de 33 passados onze. — Estas pessoas fechadas em duas casas altas, para onde evaporou, através de huma rotura praticada no pavimento, gaz ácido carbónico de trez casas baixas cheias de carvão de lenha, que começou a arder pelas no-

ve ou dez horas da noute, sentirão o effeito pelas doze ou huma da mesma. — Asphyxiarão-se primeiramente os meninos de 6, e 10 annos; depois a menina de 8; o homem de 33; a mulher de 27; e ultimamente a de 53 annos; de modo que forão huys vendo o que acontecia aos outros, e cahindo successivamente, sem gritar por soccorro algum, por ignorancia do que lhe succedia; n'este estado se conservarão até ás 9 horas do seguinte dia, quando o Povo lhe accudio por observar o fogo.

O estado d'asphyxia sendo mais grave na razão do Sexo demandou soccorros: além dos mais ordinarios não bastou a exposição ao ar; a inflação de bofes; e a irritação na pituitaria; foi todavia necessario facilitar a circulação pela periferia, e excitar o fundo das forças a beneficio de fricções sêccas fortes, e applicação d'agoa quasi fervendo: o estímulo constante da mostarda, das cantaridas, do almiscar, da camphora, do ether, e dos nauseantes; as repetidas e grandes doses pouco a pouco fizerão restabelecer a circulação geral, e uso dos sentidos internos e externos, sendo de notar o trismo, que todos apresentarão, fazendo mais grave o mórbo, porque difficultava a deglutição. — Hoje todos trez estão perfeitamente restabelecidos.

Conta de José Maria Bustamante, Medico do Partido da Camara de Alvito de Alem-Têjo.

O Governo d'estes Reinos animado pelos sentimentos, que lhe inspira hum Príncipe qual o nosso, tendo desenvolvido na crize das mais terriveis circumstancias (o que servirá de admiração á Posteridade) os meios mais energicos para repellir a injusta e atrocissima aggressão do vil usurpador, que em vão pertendêo impôr-nos seu abominavel jugo, e derribar do seu Throno o nosso legitimo Soberano, não se esqueceo ao mesmo tempo de dár as mais sábias providencias para a prosperidade e conservação da saude dos Vassallos do mais amavel dos Principes: he, entre outras muitas, huma distincta próva, do que acabo de dizer, a respeitavel Portaria de 24 de Outubro de 1812, que inclue objectos da maior importancia, e interesse para a saude dos Póvos, e conservação da vida d'aquelles infelizes, que a deshumanidade dos Pais tem cruelmente desamparado.

Outro ponto de vista nos offerece ainda a considerar grande a utilidade d'esta Portaria, pois obrigando a notar-se as observações que a Clinica diariamente apresenta, temos toda a razão de esperar progressos para a nossa Sciencia.

Antes de principiar as nossas observações, faremos huma brevíssima descripção do lugar e costumes dos seus habitantes, para entrarmos melhor no conhecimento da origem das suas enfermidades.

“São as variações e mudanças dos tempos as que principalmente fazem variar a natureza; depois d'estas a região, em que cada hum he nutrido, e ultimamente as agoas.” Hippocrat. De Aer. Aq. et Loc. §. 57.

Fica a Villa d'Alvito em 38 grãos, e 15 min. de Latitude boreal, e 10 gr. e 11 min. de Longitude a Léste do Meridiano do Ferro. Acha-se collocada sobre hum cabeço, ou pequena eminencia, que não obstante se póde considerar como falda do Monte, que da parte do Poente extendendo-se para o Norté lhe fica sobranceiro, e que sendo reservatorio de muitas agoas faz com que o local da Villa seja bastantemente humido; da banda do Sul fica bastantemente descoberta até ao Poente, deixando-se ver hum extenso horizonte; d'aqui se vê que ella fica voltada para o Sul. O seu assento he sobre hum terreno calcareo-humoso e em algumas partes arenaceo. As casas são em grande parte terreas, e cobertas de telha vã, fornecidas de grandes chaminés, aonde os moradores se repáão dos grandes frios, que o Inverno aqui faz experimentar, porém muito pouco acautelados em expôr-se as vicissitudes da temperatura no resto dos alojamentos das suas casas, d'onde resulta hum grande número de molestias de que são atacados. Sendo a maior parte gente pobre, a sua principal occupação he o trabalho jornaleiro na Agricultura, empregando-se indistinctamente homens e mulheres na vindima, e apanhos de azeitona.

Pão de trigo; leguminózos em abundancia; sardinhas ordinariamente salgadas; carnes de chibato, e de pórco; ainda mesmo as carnes d'estes animaes mortos de molestias; hortaliças; e fructas são o seu principal sustento.

Abunda muito em agoas nativas; porém a principal, e de que o Povo faz uso, he hum manancial abundante, que nasce de huma rocha calcarea; he crýstalina e agradável, e não tenho observado que produza molestias algumas.

O vinho he bebida muito commum, chegando a ser em abuso pelos trabalhadores.

O vento Léste costuma aqui reinar com muita continuação, sendo muito quente de verão, e frigidissimo de inverno. Os ventos do Norte, que trazem ordinariamente tempo sereno, e o do Oeste, chamado communmente da Barra, acompanhado de chuva e nevoeiros, tambem se observão. O vento Sul he muito frequente. Ha tambem outras especies de ventos, compostos dos quatro cardinaes ditos, e que participão das qualidades de seus componentes, fazendo padecer muitas mudanças á atmosphaera.

Janeiro.

No mez de Janeiro do presente anno andou o Barómetro entre 28 poll. e 29, 67. O Thermómetro desceo a 45 gr. entre o qual e 58 se conservou sempre. No principio do mez houve chuva miuda, e o Hygrómetro caminhou para o lado da humidade até 18 gr. Os ventos Léste, e Norte, e nos ultimos dias o Sul muito forte, forão os que reinarão.

Passo agora a descrever a molestia, que no presente mez aqui tem grassado, e que tem merecido o meu maior cuidado por isso que ella tem atacado hum grande número de individuos de ambos os Sexos, e que epidemicamente começou a apparecer desde o meiado de Novembro proximo passado: he pois desde esta epocha, que eu comêço a recopilar os symptomas essenciaes e caracteristicos, que diversamente me offerecêrão a observar os differentes individuos por ella atacados: analysando pois suas differentes historias do estado febril de que erão invadidos, e reduzindo a sua descripção observei os symptomas seguintes, com differentes grãos e variedades.

Tensão dolorosa na região epigástrica com augmento nas exacerbações da febre, e diminuição nas remissões. Cephalalgia com especialidade na região frontal e sobre as orbitas, e insupportavel nas pessoas d' huma constituição nervosa e irritavel. Amargor de boca, lingua coberta de huma saburra viscosa e amarellada. Anorexia. Calor acre e urente de pelle. Pulso ordinariamente frequente e duro.

A febre que accompanhou o estado, que acabo de mencionar, foi de natureza contínua, e por isto a capitulei *febre continua meningogástrica*, cujo capitulo mais me confirmarão os symptomas, que os Nosographistas chamão accessorios, que se manifestarão, ainda que não em todos, em muitos dos meus doentes, como:

Nauseas, vômitos, séde, apetencia para as limonadas, dores intestinaes, constipação em alguns, diarrhéa em outros, dejecções liquidas amarelladas ou verdes muito fétidas; delirios passageiros, somnolencias.

Recopilando a historia dos enfermos atacados d'esta molestia observei quasi constantemente, que tendo-se elles empregado em trabalhos penosos na estação ardente do verão, e continuado no outomno soffrendo as variações, que n'este tempo padeceo a atmosphera, usando de alimentos de difficultosa digestão, já havia muito tempo, antes de pedirem o meu soccorro, experimentavão incommodos gástricos em maior ou menor grão, que chegavão ao maior auge pelo desprezo, e faltas de cautella em se sujeitarem á cura a tempo, em que com facilidade pelos meios opportunos se terião desvanecido os referidos incommodos: assim succedeo a algumas mulheres de que conservo os diários, que continuando no apanho da azeitona expondo-se a frios, molhando-se frequentemente;

humidades de pés, mãos alimentos, etc. quando já sentião dores vagas nos membros, quebrantamento de corpo, náuseas, anorexia, amargor de boca, epigastrio sensível, dor de cabeça mais ou menos activa.

De tudo o que acabo de referir se deduz clarissimamente a etiologia da febre meningo-gástrica, que desde o meiado do mez de Novembro aqui tem grassado, e continuado por todo o mez de Janeiro; que precedendo o estado saburroso de primeiras vias, este se devia considerar como huma predisposição para a febre, a qual era determinada pelas causas excitantes já mencionadas no precedente paragrapho, induzindo a irritação morbifica dos órgãos gástricos; que d'aqui devemos deduzir a explicação dos phenomenos que acompanhão esta molestia, se reflectirmos na sensibilidade exquisita de que gozão os ditos órgãos, e nas suas relações sympathicas com os outros órgãos de funcções vitais. A Escolha de Stal nos offerece factos muito dignos de observação, que dão incontestavelmente a conhecer as connexões sympathicas dos órgãos epigástricos com toda a economia: he digna de lêr-se a este respeito a Dissertação de Heyneken: *De morbis nervosis praecipue et abdomine nascentibus*.

No tratamento d'esta febre, por achar deduzida das indicações que offerecião a tirar seus symptomas característicos, eu segui a marcha de Práticos de grande nome. O célebre Tissot ácerca do tratamento da constituição epidemica biliosa de Lausanna em 1755 me servio de modello, accommodando-me com circunspecção ás circumstancias dos differentes individuos atacados por esta febre.

A primeira indicação, que se me offereceo a tirar, foi a evacuação das impurezas de primeiras vias pelo vômito, não apparecendo obstaculos, como enterocele, gravidação em mulheres fauceis a abortar, etc. Usei por tanto do tartrito de potassa antimoniado, repetindo-o segundo a necessidade. N'aquelles em que a febre se não tinha manifestado ainda de hum modo decidido, bastou este remedio para desvanecer os symptomas gástricos; mas n'aquelles, em que a febre já se tinha desenvolvido de huma fórma regular, a pezar de que o emetico produzia alivios, com tudo a febre continuava seu curso, ficando porém mais facil a debellar-se pelos meios conducentes; devendo concluir-se d'aqui, que o emetico sempre se fez necessario, não havendo obstaculo.

Continuando a irritação febril, eu tive o maior cuidado em moderar a sua força depois do uso do emetico, coadjuvando os esforços da natureza prescrevendo bebidas aciduladas com os ácidos vegetaes, e mucilaginosos, observando que por ellas se mitigava o fervor da febre diminuindo o calor e irritabilidade do systema circulatorio, favorecendo juntamente a evacuação inferior de algumas impurezas, conforme a necessidade, com a decocção dos tamarindos, e algumas oitavas de tartrito acidulo de potassa.

Da utilidade d'este methodo me convenceo a terminação feliz, e convalescença dos doentes, em que a febre vinha acompanhada de symptomas aterradores; porém devo notar, que em dous doentes do Hospital me foi necessario hum methodo activo, e em que a Medicina expectante teria sido funesta tendo apparecido no setimo dia da invasão da febre a prostração subita de forças, debilidade, frequencia e irregularidade de pulso, desarranjo das funcções sensoriaes, lingua coberta de hum muco negro, etc. annunciando-se por este modo a degeneração da febre meningo-gástrica em adynâmica. Os cosimentos de quina unida á serpentaria, e julepos camphorados, vesicatorios nos braços e tibias, e synapismos levantarão estes enfermos da bórda da sepultura.

A convalescença em alguns foi rápida, e em outros mais vagarosa, devido ás diferentes idiosyncrasias, e differente vigor da febre com que forão atacados: em alguns para o fim da enfermidade, e mesmo na convalescença, o ventre appareceo tympanitico e tenso; por julgar este phenomeno devido á atonia empreguei tanto exterior, como interiormente os roborantes: do 1.º genero, as fomentações das plantas aromaticas infundidas em vinho, emplastros de mica-panis, bagas de louro, melioto, etc.: do 2.º genero, espirito de nitro doce, extractos de quina, flores de chamomilla, arnica, aromaticos, etc.

O alimento, que eu concedi aos meus doentes, foi tenuissimo no estado do maior vigor da febre: sei que alguns Prácticos prohibem então todo o alimento, porém a experiencia me tem mostrado, que nem todos podem soffrer a privação absoluta de alimento, em razão da quotidiana excreção, e abatimento de forças: n'este caso podem-se permittir os caldos de frango, em que se tenham cozido juntamente azedas ou alguns fructos subacidos; os sorros de leite feitos com o çumo de cidra, ou cremor de tartaro; cremor de aveia; panatellas, etc. sempre observei com toda a cautela offerecer o alimento com mais parcimonia, e menos frequencia na exacerbação da febre, que na sua remissão, ou declinação.

Pelo que pertence á bebida eu concedi a agoa fria, limonadas de cidra, e de laranja adoçadas com assucar. No seu lugar julgo poder-se substituir as tisanas da raiz de gramma, de cevada, e folhas de azedas.

Pelo que pertence ao ar e limpeza devo observar, que tive muita cautela fazendo-o renovar, e conservando-o na melhor temperatura, fazendo mudar as roupas, e não consentindo a demora das excreções alvínas nos aposentos dos doentes.

Muitos forão os doentes atacados d'esta febre, que eu tenho tratado n'esta Villa d'Alvito, Villa Nova de Baronia, e suas immedições, e só quatro casos tem sido funestos, e passo a dar as razões que concorrêrão, ao meu vér, para a sua desgraça.

Hum d'elles enervado pelo continuo uso do vinho, padecendo

a febre meningo-gástrica, não quiz ser docil, repugnando a todos os remedios, cahio por fim na febre adynâmica, de cujos funestos effeitos não foi possível salvar-se a pesar dos mais poderosos meios.

Os outros trez, depois de sangrados indevidamente sem authoridade médica, forão recolhidos do campo para o Hospital, e em todos elles depois da sangria seguio-se humatal prostração de forças, de que não foi possível levantалlos.

He huma observação digna de memoria que por esta occasião eu devo notar; alguns doentes atacados d'esta febre se me apresentáão com huma dôr activa sôbre o hypocondrio direito, e não obstante o pulso duro, e faces incendiadas, que acompanhavão esta dôr, nunca me deliberei a practicar a sangria, porque sempre receei o estado consecutivo, que n'este genero de febres he sempre muito de temer, como infelizmente me prováão os casos acima apontados; e porque tambem me lembrava de que este phenomeno era devido á irritação gástrica, e com effeito a beneficio do emético eu via mitigar-se a dôr, e desvanecer-se pouco a pouco pelo methodo indicado. Nos casos acima apontados a dôr se augmentou depois da sangria.

Conclue-se d'esta observação a grande precipitação, com que alguns Práticos tem aconselhado as sangrias nas febres chamadas por elles biliosas, a grande circunspecção que necessita o uso d'este remedio, os funestos effeitos que lhe podem sobrevir, e que a dôr inda mesmo acompanhada de pulso duro nem sempre indica inflammação, e que por isso se faça necessaria a sangria.

Alvito 13 de Fevereiro de 1813.

Conta de João da Silva Soares de Menezes, Médico do Partido da Camara da Figueira.

Durante o mez de Janeiro não se tem apresentado nos moradores desta Villa enfermos, nem tem chegado ao meu conhecimento alguma attendivel circumstancia morbosa. O estado da atmospherá tem sido muito frio, e sêcco; porque os ventos tem soprado constantemente do N., e do N. E. Na minha precedente Relação disse eu, que nos fins de Dezembro durava ainda hum resto de Epidemia de Sarampão benigno: este resto desapareceo inteiramente sem deixar funestas consequencias para tractar, como acontece muito frequentemente. Disse mais na mesma Relação, que depois que a Estação se tornou fria, e sêcca, cessou a Epidemia de Febres Intermittentes, e entráão de apparecer alguns

Catarrhos : agora só tenho de acrescentar que estes tem sido de hum caracter benigno, e muito facéis de curar : unicamente se nota naquellas pessoas, que padecerão Sezões ou no verão, ou no outono antecedentes, que sendo accommettidas de Catarrho em alguma força, faz apparecer huma Febre, que passados dous ou trez dias toma o caracter de Intermittente; a qual cede com facilidade a poucas doses de Quina que se exhibão, continuando por varios dias depois do desaparecimento das Sezões os symptomas do Catarrho. N'aquelles individuos, em os quaes por contemplação com os symptomas de Catarrho se não tem exhibido logo a Quina, ou na competente dose, as Sezões se tem tornado mais longas, e mais activas, exigindo huma immediata exhibição de grandes doses de Quina.

Daqui deduzo eu o hábito depravado, que a Epidemia passada tem deixado impresso na Economia animal, ou constituição do systema, que ainda depois do accommettimento de huma molestia diametralmente opposta faz reviver a antiga fórma morbosa. Este estado depravado reputo eu residente nas visceras abdominaes, que revive por sympathia com a pelle, posta em acto pelas causas excitantes do Catarrho; em razão de não terem podido recobrar ainda o seu robur, e elasticidade naturaes: e me faz presumir que, se tivermos huma Primavera humida, e quente, renovarão as Sezões para o fim della, ou principios do verão. No entanto a marcha regular destas molestias, e a sua benignidade faz com que não haja reflexão prática, ou noticia digna de communicar-se ao Público. — Figueira 11 de Fevereiro de 1813.

Conta das enfermidades que tem grassado na Villa de Pombal em Dezembro do anno de 1812, até 15 de Janeiro de 1813; por Antonio Anastacio de Sousa, Medico do Partido da dita Villa.

§. I. Tendo esta Villa soffrido os maiores prejuizos, por motivo da invasão do Inimigo Commum, immediatamente que os poucos habitantes se recolherão aos seus Lares, destituídos de tudo que he proprio para a conservação da existencia, principiário a padecer typhos, que conservarão por muito tempo o caracter epidemico, procedidos sem dúvida pela fome, e por privações de toda a qualidade.

§. II. Não teriamos a satisfação de vér extincta semelhante enfermidade, que devastou familias inteiras, senão fossem as energicas e promptas providencias, que forão dadas pelo Sábio Gover-

no que temos a fortuna de conservar, como tambem pelos socorros da Generosa Nação Britanica.

§. III. Aproximando-se porém o Outono do anno de 1811, tempo em que tinha cedido a epidemia dos typhos, declarou-se a das intermittentes de toda a qualidade, sem perdoar a sexo nem idade, a qual tem continuado até ao presente, diminuindo sempre pelo frio, e augmentando-se pelo calor, o que assim devia acontecer, porque sendo necessario para o interesse Commum, que os povos se entregassem com todo o cuidado á agricultura, expondo-se ao calor demasiado, praticando grandes trabalhos, passando hum dia inteiro quasi sem alimento, não tendo com que recuperar as perdas diarias, produzidas pela acção reiterada de tantas causas debilitantes, lhes resultou serem accommettidos das febres intermittentes, e mesmo de outras originadas pelo abatimento das forças, que achando semelhante disposição em quasi todos os habitantes, se fizerão assaz perigosas; o que me tem confirmado a experiencia d'este paiz, porque sempre o calor favorecia as intermittentes, e muito principalmente na classe dos indigentes, assim como d'aquelles que vivião com irregularidade.

§. IV. Fazendo-se porém muito rebelde esta epidemia de intermittentes, patenteando-se terriveis effeitos pela sua duração, tratei de indagar quaes erão as causas deste morbo a fim de obstar ao seu progresso; e reflectindo a respeito do modo de viver destes povos, e de todas as causas que os cercavão, achei que as intermittentes erão produzidas pelo pouco e máo alimento, uso continuado de vegetaes, calor excessivo, trabalhos demasiados, falta de vinho, e de medicamentos, pelas affecções de espirito, impureza do ar, grande frio, e finalmente pelas humidades, assim como pelo uso excessivo de frutas sem estarem perfeitamente maduras, ou ainda mesmo que cheguem ao estado de perfeição.

§. V. Conhecidas porém as causas que acabo de referir, era do meu dever diligenciar para que não existissem a fim de extinguir o flagello das intermittentes: porém que dura obrigação me acompanhava n'huma época tão desgraçada, em que não havião medicamentos, nem alimentos, e finalmente tudo o que era necessario para tratar huma epidemia! Como porém esta povoação fosse soccorrida, tratei de combater estas enfermidades pela maneira seguinte.

§. VI. Como já disse que as febres reinantes erão intermittentes bem caracterizadas, julgo desnecessario descrever symptomas, por ser hum morbo tão conhecido por todos os Práticos; por cuja razão declarada que fosse a enfermidade, como pelo conhecimento das causas (§. IV.) me persuadi que a sua acção era inteiramente debilitante, decidi que o tratamento tonico era o mais adequado, sendo combinado com os bons alimentos: em

consequencia do que fiz grande uso da quina, e conforme as circumstancias a misturava com a valeriana sylvestre, serpentaria virginiana, muriato ammoniacal, carbonato de potassa, diferentes preparações do ferro, rhabarbaro, camphora, opio, de cujos medicamentos se seguirão optimos effeitos, e seguramente se todos os enfermos tivessem soccorros constantes, e usassem das cautelas que lhes recommendava, não seriam tão prolongadas as intermittentes.

§. VII. De todos os symptomas que observei serem mais terribéis n'estas enfermidades, era o vômito bilioso, porque a alguns doentes, que não foram soccorridos, sobrevierão novos paroxysmos, que os conduzirão á sepultura, entrando nesta classe mulheres que se achavão em sexto ou septimo mez de gravidação. Tendo portanto conhecimento deste symptoma cruel, que augmentava muito o grão de debilidade, immediatamente prescrevia o Citrato de potassa continuado, o opio em fórmula pilular, e externamente hum vesicatorio sobre o estomago, e por esta fórma tranquillizavão os enfermos.

§. VIII. Quando porém os enfermos conservavão forças, o que era difficil, lhes concedia a Ipecacuanha em pó com o tartrato de potassa antimoniado, com cuja combinação expulsavão grande abundancia de Vermes, e he por esta razão, porque a complicação verminosa foi sempre constante, que fiz muito uso do rhabarbaro com o muriato de mercurio sublimado. De muitos casos que podia narrar a este respeito, lembra-me de hum enfermo desta Villa, de idade de 25 annos, que padecia intermittentes ha muito tempo, tendo usado de muita quina, não tendo o cuidado de me consultar, se achou com grande incómodo de estomago, a respeito de digestão, alguns vômitos, o ventre tumido, fastio, a lingua branca, vigílias, conservando ainda pequenos paroxysmos. Resolvendo-se porém a pedir-me soccorro, e observando que haviam symptomas Verminosos, lhe prescrevi a fórmula do rhabarbaro com o muriato de mercurio sublimado, com que se livrou dos incommodos que padecia, e se restabeleceo, continuando depois com alguns amargos, e ferro.

§. IX. Temos por tanto ainda n'este mez de Janeiro algumas intermittentes, mas em menor número, e mais benignas, e certamente se todos geralmente tivessem com que se tratar, e que se não expozessem ás mesmas causas, teriamos extinto este flagello, porém a pezar das minhas diligencias não he possivel, razão porque aquelles, que tem soffrido intermittentes muito prolongadas, padecem agora obstrucções, hydropezias, principalmente abdominaes, indigestões continuadas, tudo originado, segundo penso, pelo grande abatimento das funções da digestão.

§. X. Considerando portanto as hydropesias desta natureza filhas de fraqueza das visçera abdominaes, o seu tratamento consistia

em corroborar aquelles órgãos, a fim de equilibrar todas as secreções e excreções, e evitar toda a evacuação. Por tanto os medicamentos, que observei serem proficuos em semelhantes enfermidades, forão a quina, a genciana rubra, a canella, e tartrito acidulo de potassa, o rhabarbaro, o muriato de ferro ammoniacal, de cujos medicamentos formava hum electuario que os enfermos usavão com o cosimento das raizes apperientes, recommendando a boa dieta, o vinho, os passeios a cavallo. Tambem fiz uso das pilulas scilliticas, e das fricções feitas sobre as obstrucções com o unguento de brionia, e artanitha, assim como do unguento feito com as folhas de nicociana. Desta maneira conseguí livrar muitos enfermos, e alguns que morrerão, foi por não alcançarem soccorros.

§. XI. Tem apparecido desde o mez de Dezembro do anno passado, e vão continuando neste mez de Janeiro algumas peripneumonias falsas, pleurizes, febres catarrhosas. As peripneumonias tem cedido ao uso dos peitoraes, sendo necessario algumas vezes combinar a quina com os mesmos, e os expectorantes taes como a gomma ammoniaco, o oxymel scillitico, a ipecacuanha, e acamphora; tambem forão precisos os vesicatorios: por este methodo se tem salvado os enfermos. Em quanto ás febres catarrhosas, que são como as outras nascidas do grande frio, e humidades, tem cedido aos peitoraes, dieta, evitando-se novas causas. Pelo que pertence aos pleurizes, tambem observo que se curão pelo methodo estabelecido pelos Práticos; e só no mez de Dezembro morrerão dois enfermos, porque além de grandes causas, tiverão falta de tratamento.

§. XII. Eis-aqui as observações que tenho feito nesta Villa e seu termo, e para as relações futuras direi o que se me offerecer. Nada posso dizer de Hospitaes, porque os não temos, o que seria de grande utilidade para esta Villa em razão da pobreza dos povos; nem de outras grandes casas, porque não tenho cousa digna de memoria.

Conta do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico da Camara das Villas de Soure e Ega.

Tendo de fazer relações mensaes das molestias, que possão cahir debaixo da minha observação nos districtos de Soure e Ega, aonde exercito a minha profissão em classe de Medico, conforme o determinado na Ordem do Governo de 24 de Outubro de 1812, parece-me indispensavel apontar as variações geraes, que possão acontecer nas qualidades physicas do ar, por estar na idéa que

taes variações influem principalmente no nascimento, e particularmente na continuação das molestias, que mais ordinariamente são epidemicas por estes sitios, e por poder assim melhor satisfazer a Ordem do Governo na parte, aonde quer se declarem as causas provaveis das molestias, que grassarão cada mez: cada relação irá pois precedida das variações geraes de atmospherica; digo geraes, por isso que hei de fiar-me no testemunho dos sentidos por falta de instrumentos appropriados.

O primeiro de Janeiro de 1813 esteve frio, vento Noroeste; de 2 a 7 limpo, geoso, frio, vento Norte; a 7 de tarde mudou o vento para Noroeste; chuevo a 8; continuou Noroeste, frio sem geada até 10; chuevo n'este dia e até 13, vento Sul quasi; de 14 até 28 bom tempo, frio, geoso, vento primeiro Noroeste, depois para o Norte; 22 e 23 nublosos, frios, vento Nordeste; de 24 a 27 bom tempo, frio, vento ora Poente, ora Norte; 27 e 28 Norte, frio moderado sem geada, sol quente bastante; de 29 a 31 frio grande, geada, vento Norte e rijo a 30, bom tempo.

Este mez, que geralmente he saudavel por estes sitios, teve nos primeiros dias algumas das pessoas, que forão atacadas de intermitentes o anno passado, recalhadas com esta febre; e para o fim, depois que os grandes frios forão interrompidos por dias de sol muito quente, e de novo seguidos de grande frio, teve catarros, que abrangirão a muitos de todas as idades, e que não chegarão contudo a estabelecer epidemia extensa. Esta segunda molestia, que propriamente foi filha da actual constituição atmospherica, o que na presente conjunctura foi de pouca consideração, merece aqui notar-se, e por ser este o seu lugar e pela observação com que acaba este paragrafo: ella foi geralmente estênica leve, e cedeo por isso com muita facilidade aos chamados diluentes, e á dieta branda privada de vinho e de condimentos: a alternativa do calor e frio acontecida, como observei, no fim do mez foi a causa incitante d'esta molestia, á que devem unir-se os meios usados para entreter quente o corpo n'estes dias de tanto frio. Em algumas crianças de mama o peito foi de tal fórma atacado, que fazia temer suffocação; semelhante ataque cedeo bellamente a hum lambedor incitante, a fomentações sobre o thorax, e a cataplasma de mostarda sobre a mesma dita região: parece pelo methodo curativo, que este último ataque fora levemente asténico, e que o frio só foi a causa incitante desta segunda fórma de catarro. Atéqui as molestias, que strictamente pertencem a esta relação.

A febre intermitente, que notei nos principios deste mez, foi rara, foi recalhida da febre do anno passado, e com ella tem essencial ligação; he propriamente continuação, e não febre nova, que devesse o seu nascimento á apparição de novas causas,

pois que todos, que agora serão atacados, acabavam de padecer da mesma febre, e não estavam ainda convalescidos. N'esta idéa (para não separar cousas, que não admittem divisão) remontarei mais alto para dizer que em Agosto de 1811, estando já extincta a terrível febre continua epidemica d'aquelle anno, grassarão intermitentes tão epidemicamente, que quasi não houve individuo, que se restabelescesse do terrível flagello d'então, que de novo não fosse victima da epidemia intermitente, que facilmente cedia á quina, e facilmente voltava. Novamente em Março de 1812 voltou febre intermitente, que para os fins de Maio se fez epidemica, e continuou assim já em fórma intermitente, já em fórma remittente até aos principios de Dezembro: por este tempo não se notava novo ataque de febre, mas só sim alguma recachida, que nos principios d'este Janeiro era bem rara.

Não he minha intenção assignar aqui as causas provaveis da febre intermitente; eu terei oportunidade de o fazer por isso que tal enfermidade he endemica n'estes districtos: cumpre porém notar aqui, que para a frequente repetição da febre intermitente dos fins de 1811, e da maior parte do anno de 1812 até ao presente, repetição que talvez nunca foi tão excessiva como n'esta desgraçada época, muito tem concorrido, entre outros motivos, o espantoso preço do remedio, a que a febre tão promptamente cedia. Para complemento de infelicidade subirão os remedios n'aquella época desastrosa a hum preço sem medida; e desde então até hoje a quina, que desde logo desceo na primeira mão até chegar a vender-se por menos de 800 rs. o arratel, conserva-se, não obstante nas boticas por preço dobrado daquelle, que racionalmente deveria arbitrar-se; d'aqui veio, que os enfermos, ainda espantados do preço dos remedios no tempo da febre continua, se tem recusado a tomallos cedo, e por falta de meios deixarão de os tomar tanto tempo, quanto convinha.

O Dr. Antonio de Almeida Caldes, Primeiro Médico Director dos Hospitaes Militares de Coimbra, remetteo hum mui miudo, e mui trabalhado *Mappa diario das molestias que grassarão n'aquelles Hospitaes no mez de Janeiro de 1813 com o resumo das Observações Meteorologicas, feitas no Gabinete de Physica Experimental da Universidade de Coimbra no dito mez.*

Por aquelle Mappa vê-se distinctamente ao lado de cada hum dos dias do mez 1.º o numero dos doentes, que existião, entrá-rão, sahirão, morrêrão, e ficarão: 2.º o número e nome das mo-

lestias que ali se tratãrão; e 3.º as observações sobre o peso, temperatura, humidade, e direcção no movimento, da atmosphera.

*Movimento dos Hospitaes Militares de Coimbra
no mez de Janeiro de 1813.*

Existião	—	—	—	589	} — 785
Entrarão	—	—	—	196	
Sahirão	—	—	—	249	} — 306
Morrêrão	—	—	—	57	
Ficárão existindo	—	—	—	—	479

Merecia toda a extensão possível o 2.º, 3.º, e 4.º pontos do Mappa, se se podessem avaliar as relações entre doentes e tropa, a que elles pertencem; entre huns e outros doentes; entre as diferentes circumstancias do mesmo doente; se podesse assignar-se, ainda que em conjectura, a influencia das qualidades da atmosphera nos doentes; mas a natureza dos Hospitaes de Coimbra torna impraticaveis observações sobre aquelles importantes objectos, como consta da seguinte Nota; que acompanhava o Mappa.

“Em quanto ás causas das molestias não se podem notar se não as geraes, cooperando com ellas o genio da estação neste local, marcado neste mesmo Mappa; porque sendo estes Hospitaes de 3.ª linha, e quasi todos os doentes, que existirão no dito mez, tendo vindo evacuados dos da 1.ª e 2.ª. Só os Facultativos d'estes Hospitaes, ou aquelles, que acompanhão o Exército, he que podem bem conhecer, e apreciar as causas mais particulares das mesmas molestias.”

“Pelo que diz respeito ao tratamento, nada occorreo de novo nem de particular, que seja digno d'espetial memoria.”

Examinando todavia cada hum dos dias do Mappa nós damos o número maior, e o menor, e os falecimentos de cada hum das molestias, constantes do mesmo Mappa.

		Maior.	Menor.	Mort.
Febres.	Meningó-gástrica	Intermit. quotidiana	— 19 —	7 — 0
		— terçã —	— 9 —	2 — 0
		— quartã —	— 14 —	1 — 0
	Adéno-meningéa	Remittente	— 74 —	38 — 0
		Remittente	— 5 —	0 — 0
	Meningó-gástrica	Contínua	— 16 —	6 — 0
Febres.	Adynâmica	Contínua	— 20 —	13 — 9
	Atáxica	Contínua	— 3 —	0 — 4

	Maior. Menor. Mort.		
Anasarca	3	2	2
Hydrothorax	2	1	1
Ascite	7	1	1
Obstrucção	30	17	0
Escorbuto	11	7	1
Escrophulas	6	6	0
Marasmo	3	1	2
Timpanite	2	11	1
Dispepsia	2	1	0
Catarrho agudo	20	9	1
crônico	32	8	0
Hemoptise	7	1	0
Peripneumonia	1	0	0
Phtysica	21	18	2
Rheumatismo agudo	7	2	0
crônico	49	41	0
Diarrhœa crônica	16	9	10
Dysenteria	7	5	10
Hemiplegia	1	0	0
Paralysis	1	0	0
Ictericia	1	0	0
Hematúria	1	0	0

Mappa, em que se classificão, segundo a Nosologia de Cullen, as moléstias, que grossarão na Villa de Pereira, no decurso da mez de Janeiro de 1813: suas causas prováveis, os remedios, a que mais ordinariamente cedêrão, etc.

Por Guilherme Newton, Medico do Partido da Camara da dita Villa.

Por Gualthero Newton, Medico da Camara da Vila Rica.					Existião	Adocção	Sariação	Morrção	Existem
Classes.	Ordens.	Generos.	Especies.	Variedades.					
1. ^a Pyrexias -	1. ^a Febres intermitentes	1. ^o Terçã — —	1. ^a {	Legitima — —	2	4	6		
				Espuria — —	1	2	3		
			2. ^a {	Carótica — —	2	1	2	1	
				Biliqsa — —	1			1	
	2. ^a Phlegmasias — — —	8. ^o Ophthalmia —	1. ^a De membranas —	Verminosa — —	2	2			
				1. ^a Tonsillar — —	4	2		2	
				1. ^a Catarrhal — —	3	3			
				Arthrodinia — —	1	2	3		1
				1. ^a Do frio — —	1				1
				1. ^a Espasmódica — —	2	4	5		
3. ^a Cachexias	2. ^a Intumescencias aquos.	59. ^o Cólica — —	3. ^a Mucosa — —	1	1				
			5. ^a Dos debels — —	1			1		
4. ^a Locaes —	6. ^a Tumores — — —	75. ^o Anasarca — —	Parótida — —	1				1	
			133. ^o Bubão — —	1				1	
		134. ^o Sarcoma — —	Polypo — —						
Somma - - -					12	25	28	3	6

Causas das molestias constantes d'este Mappa.

Na Villa de Pereira, situada de modo, que não longe ao Nascente está hum paúl chamado d' Arzilla, ao Poente outro paúl chamado de Formozelha, ao Norte o rio Mondego e o campo que o mesmo rio inunda nas suas enchentes, deixando depois em muitas partes agoas estagnadas, ao Sul o campo chamado de Figueiró, que tambem se inunda; na Villa de Pereira, digo, em consequencia do exposto são mui frequentes na Primavera e Outono as febres intermitentes, e nesta estação principalmente as febres remittentes gástricas, e biliosas, as febres podres, e petechiaes.

Quanto ás outras enfermidades, que pela maior parte são affecções das membranas mucosas, julgo serem effeito da grande alternativa na temperatura, pois estando as serranias cobertas de neve nos dias, em que sopráão ventos orientaes, era notavel o frio, e grande a differença nos outros dias, em que ou não sopravão ventos, ou sopravão em differente direcção d'aquella das serranias.

Observações sobre aquellas causas.

He de notar, que os effeitos produzidos pelos miasmas, de que se acha contaminada a atmospherá humida pela situação topographica, são augmentados pela falta de aceia, pela qualidade dos alimentos, que pela maior parte consistem em pão de milho, e vegetaes; pelas habitações, que são ordinariamente terreas e sem sôlho; e sobre tudo pela falta de observancia das saudaveis Leis da Policia; pois que não só em algumas ruas d'esta Villa, mas tambem e com particularidade nos lugares de Formozelha, Sámverão, e outros circumvisinhos se formão estrumaes nas ruas, aonde existem sempre charcos de immundicies, e substancias animaes e vegetaes em putrefacção; o que não pôde deixar de ter perniciosá influencia na saude dos Póvos.

Medicamentos que se applicarão ás molestias constantes do mesmo Mappa.

Terça legitima. Foi tratada com vomitorio.

Num. 1.º

Ipecacuanha ————— hum escrop.
Antimónio tartarizado ————— hum grão

Reduza-se a pó fino. Misture-se. Dividida-se em trez partes iguaes.

Cosimento de raiz de almeirão, fel da terra, e marcella.

Num. 2.º

Casca peruviana	_____	_____	_____	_____	humas onças
Cascarrilha	_____	_____	_____	_____	} aa - duas outavas
Raiz de valeriana sylvestre	_____	_____	_____	_____	
Ruibarbo	_____	_____	_____	_____	} aa - humas outavas
Sal ammoniaco	_____	_____	_____	_____	

Tudo em pó fino se misture; e com q.

b. de xarope de casca de laranja se formem 24 bolos.

Terça espuria. Vomitorio Num. 1.º — bôlos do Num. 2.º

Num. 3.º

Raiz de calumba	_____	_____	_____	_____	duas outavas
Casca peruviana	_____	_____	_____	_____	seis _____
Reduzidas a pó grosso, a raiz e casca, faça-se cosimento em q. b. de agoa para libra e meia, em que se infunda					
Cascarrilha em pó	_____	_____	_____	_____	duas outavas
Raiz de valeriana sylvestre em pó	_____	_____	_____	_____	trez _____
Cõe-se depois de frio.					

Terça carótica. Cosimento do Num. 3.º — tinctura de quina composta e espirito de canella — sinapismos — cataplasma de cantharidas — fricções de espirito de vinho alcanforado e tinctura de quina composta — ditas na nuca e espinhaço com tinctura de valeriana volatil, e tinctura de cantharidas.

Terça biliosa. Mistura salina composta.

Num. 4.º

Raiz de chicorea	_____	_____	_____	_____	humas onças
Tamarindos bem limpos	_____	_____	_____	_____	onça e meia
Cremor de tártaro	_____	_____	_____	_____	duas outavas
Bórax	_____	_____	_____	_____	meia outava

Contusa a raiz, ferva-se tudo em q. b. de agoa para ficar em libra e meia. Cõe-se ainda fervendo.

Cosimento do Num. 3.º — acido vitriolico alcoolisado — tinctura de quina composta e espirito de canella.

Terça verminosa. Vomitorio do Num. 1.º

Num. 5.º

Quina	duas outavas
Raiz de valeriana sylvestre	} aa - huma outava
Semente de Alexandria	
Alcali vegetal vitriolado	
Ruibarbo	meia outava

Tudo em pó finissimo se misture, e com q. b. de xarope d'hortelã forme-se electuario molle.

Cosimento do Num. 3.º — tintura de quina composta e espirito de canella.

Ophthalmia das membranas. Polpa de mães candezas — colyrio de meia libra de agoa de flor de sabugueiro com huma outava de pós de alvaiade compostos — cosimento de raiz de malvaisco, em que se infundio flor de sabugueiro, e a que se ajuntou oxymel simples.

Cynanche tonsillar. Vomitorio do Num. 1.º — o mesmo cosimento de malvaisco que na ophtalmia — gargarejos de cosimento de cevada, em que se infundio flor de sabugueiro, e a que se ajuntou arrôbe de amoras.

Catarrhal. Mistura salina composta

Num. 6.º

Cosimento de malvaisco	libra e meia
Em que se ferva juntamente	
Raiz de sênega cortada e contusa	meia onça
Coe-se fervendo, e ajunte-se	
Mel puro	huma onça

Quatro onças de xarope d'herba terrestre com 5 grãos d'ipecacuanha — cosimento do Num. 3.º — cataplasma de cantharidas — tintura de quina composta, e espirito de canella

Num. 7.º

Leite d'ammoníaco	meia libra
Vinho squillitico	onça e meia
Xarope d'erysimo	} aa - huma onça
d'hera terrestre	

Misture-se.

Rheumatismo. Pós de Dover em dóse de 6 grãos — vinagre alcanforado — agoa hepatisada.

Num. 8.º

Linimento volatil feito em oleo de baga

del louro — — — — — trez onças

Alcanfor dissolvido em q. b. de licor ano-

dino mineral — — — — — huma outava

Misture-se.

Catarrho de frio. Mistura salina simples com arrôbe de sabugueiro — cosimento de raiz de malvaesco, em que se infundio flor de sabugueiro, e a que se ajuntou oxymel simples — mistura salina composta.

Cólica espasmódica. Linimento de sabão com opio — cataplasma de mostarda.

Num. 9.º

Infusão de semente d'herva doce — — — — — huma libra

Depois de frio ajunte

Espirito d'herva cidreira composto — — — — — meia onça

Licor anodino mineral — — — — — duas outavas

Misture-se.

Diarrhéa mucosa. Ipecacuanha em doses de 8 grãos.

Num. 10.º

Ipecacuanha em pó — — — — — outava e meia

Agoa fervente — — — — — meia libra

Digira-se por 4 horas. Filtre-se. Depois de frio ajunte-se

Licor anodino mineral — — — — — duas outavas

Mel puro — — — — — huma onça

Anasarea dos debeis.

Num. 11.º

Raiz d'abútua cortada e contusa — — — — — meia onça

de rábão rustico miudamente parti-

do — — — — — trez outavas

Quina em pó grosso — — — — — seis

Bagas de zimbro machucadas — — — — — duas

Vinho branco generoso — — — — — duas libras

Infunda-se por 48 horas, vascolejando a miúdo, em vaso de vidro. Cõe-se, e ajunte-se

Potassa — — — — — huma outava
Vinho esquillitico — — — — — } 5ã - duas onças
Espirito de canella — — — — — }

Fricções de linimento volátil, feito em óleo de baga de zimbro.

Sentimos não saber as circumstancias das molestias, em que os remedios se applicarão; e tambem não podermos individuar as circumstancias, e resultado immediato da applicação.

Extracto da Conta das molestias—da Villa da Golegã no mez de Janeiro; por Custodio Manoel Garcia, Médico do Partido

Antes de dizer, que molestias grassarão no mez de Janeiro, julgo necessario não só expôr a situação d'esta Villa; mas o tempo que decorreo n'aquelle mez.

A Villa da Golegã está situada em huma planície, á margem de hum campo assáz grande, e em pequena distancia do Têjo, que nas suas enchentes vai inundallo, e pelas repetidas vezes, que ali corre, tem formado muitas *alvéreas*, que são outras tantas lagoas, ou depósitos d'agoas estagnadas, e que o calor do Estio torna corruptas; tem muitos fogos, mas de gente pobre, occupada nos trabalhos rusticos e cultura do dito campo; gente cujos alimentos são ordinariamente poucos, e máos.

A maior parte das ruas da Golegã não he calçada : o continuo trãnsito dos carros as tem feito rebaixar de maneira, que no inverno se tornão quasi invadiaveis a pé ; fazendo-as a falta da sahida das agoas outros tantos lagos de immundicies e lamas.

Ha hum Hospital, que para maior infelicidade e desgraça se acha fechado desde a invasão do inimigo em 1810.

Começou o mez de Janeiro por hum frio assáz grande e secco, com vento E.: seguirão-se pelo meiado do mez algumas chuvas, mas igualmente frias.

Houve algumas febres de abatimento, pleurizes, peripneumonias, reumatismos, anginas catarrhosas, etc. as molestias, em que o tratamento e exito forão ordinarios.

Breves reflexões de A. J. Soares, M. da Villa de Torres-nova.

“... Ha 10 annos que resido n'esta Villa. Tenho observado constantemente as mesmas molestias, que se encontrão em qualquer Provincia d'este Reino; podendo considerar-se, como endemias ou proprias d'este paiz, as febres remittentes, e intermittentes, dysenterias, e diarrheas principalmente no tempo do verão: e de inverno as affecções pulmonares, como os catarrhos, os pleurizes, e as peripneumonias. As causas particulares, que sem dúbida mais concorrem para se desenvolverem as mencionadas molestias, são o ar humido, impregnado de miasmas pútridos, consequencia immediata do Local d'esta Villa, e do rio *Almonda*, que gira em tórno d'ella, cuja corrente he mui pequena, servindo de receptáculo a todas as immundicias da mesma Villa; por cujos motivos se deve reputar o dito rio como hum pântano...”

Recopilação das de mais Contas, na qual serão dispostos os objectos por ordem alfabética.

Anasarca. M. B. de Sales, M. da Villa de Borba, tratou no Hospital d'aquella Villa hum doente, ainda moço mas frouxo, de *Anasarca*, procedida de febre intermittente quotidiana. Aplicados inutilmente os tónicos, os diuréticos, etc., empregou o *Tartaro emético* em doses pequenas (5.^a parte de hum grão) tomadas 3, 4, 5 vezes por dia: sem mais remedio augmentou pouco a pouco a diurése, estabeleceu-se hum leve transpiração; o doente desinchou, e sarou.

Bexigas. J. A. P. da C. e Pegas, M. na Cidade d'Evora, diz “*Tratei cinco crianças de Bexigas, que se curarão; cuja molestia tinha apparecido n'esta Cidade haverá quatro mezes, mas em muito poucas pessoas relativamente á população, não se tendo desenvolvido ha annos.*”

Boticas. L. A. Travassos, M. do P. de Vacariça na Comarca de Coimbra, diz que no districto da sua clinica ha seis Boticas, e mais de outras seis nos visinhos. Elle deriva da multiplicidade das Boticas a inferioridade dos medicamentos. A Botica, que trabalha pouco, prouve-se mal; os medicamentos estragão-se, o Bo-

ticario, se não sahe da Botica, perde o tempo; porque dias se passarão, em que nem huma receita appareça; se se emprega em outra cousa, serve-se mal a Potica. Seria melhor obviar prudentemente a multiplicidade de Boticas.

Cadêas. Os doentes de consideração da Cadêa de Torres-novas curão-se no Hospital da mesma Villa; diz L. J. Diniz, C. — Bom era, que este uso fosse adoptado em outras Povoações, donde os doentes prêsos são tratados na mesma Cadêa, com falta das necessarias commodidades para o tratamento d'estes, e com risco dos sãos.

Carbunculos. L. J. Diniz, C. de Torres-novas, diz que n'esta Villa ha muitos principalmente no Estio. Elle tem tratado esta molestia com felicidade ha mais de 30 annos, e curado d'ella a mais de 200 pessoas, de que talvez nem trez lhe tenham morrido, na Cidade de Tavira, na Villa de Santarém, e na de Torres-novas, assistindo nesta ha 29 annos.

Tratamento. — Quando o carbunculo não he de muito má qualidade, basta huma cataplasma composta de farinha de centeio, mel, gema d'ovo, pedra hume, e theriaga. Nos carbunculos de muito má qualidade faz algumas pequenas sarjas, a que permite alguma evacuação, sobre as quaes applica pós celestes, fios secos, e sobre tudo a cataplasma dita: passadas 24 horas tira os appositos, e a escara, e renova a cataplasma. Se ha grande inflamação e dureza, applica á circumferencia algumas sanguisugas, banhos de cosimento de raiz de malvas e escabiôsa. Quando o doente he de boa idade e robusto, e tem o pulso duro, sangra. Applicar algumas vezes internamente cosimento de quina, alguma theriaga, etc.

J. A. de Oliveira, C. ha 18 annos dos PP. da Golegã, falla sómente de carbunculos, e pustulas malignas, de que ha ali muito, principalmente no Estio e Outomno. No anno de 1812 tratou 12 doentes d'esta molestia pelo methodo de Mr. Enaux, e Chaussier, e só dous morrerão.

J. A. de Mattos, C. da Camara da mesma Villa de Torres-novas, escreve a este respeito o seguinte: "*Depois que pratico a Cirurgia neste Paiz, tenho visto apparecer todos os annos, mais ou menos, huma molestia assás mortifera, a que chamão carbunculo maligno, ou antraz, e pustula maligna; a qual, pela descripção que nos dão d'ella, e seu tratamento, acho ser a mesma molestia com differentes grãos d'intensidade, e que, segundo o que tenho observado, se pôde dividir em duas especies, que vem a ser: 1.^a pustula maligna, que apparece representando huma queimadura em hum pequeno ponto, com hum circulo escuro, tanto mais benigna, quanto maior he o ponto, que apparece; esta he menos temível. 2.^a carbunculo ou antraz, que apparece com huma peque-*

na elevação como a cabeça de hum alfinete, com o mesmo círculo, porém em menor grão, e he tanto mais maligna, quanto menos sensível he o ponto, que apparece; de fôrma que custa a distinguir pela vista nas primeiras visitas, e he mais temível: ambas com hum forte tensão inflammatoria em toda a sua circumferencia; e he por esta distincção que tenho tirado o meu prognóstico.

Tendo os Antigos, pelo menos os Livros que me tem vindo á mão, tratado esta molestia de hum modo pouco conciso, classificando-a na classe de inflamações, tratando-a com diaphoréticos, e cataplasmas emolientes, e até com sangrias, mas com pouca confiança; ainda que alguns fallão em causticos, porém depois de ter esgotado, por assim dizer, os outros meios; nos meus primeiros annos de prática tive a oportunidade de tratar algumas d'estas molestias; usei d'esta fôrma de tratamento, que tinha lido; e, hum a vez que a molestia era grave, sempre via frustrado o meu intento; até que, vindo-me ás mãos a Nosographia de Richerand, vi que classificava esta molestia nas inflamações gangrenosas, dependente de debilidade, e resultado do defeito d'harmonia entre o estado geral das forças, e aquelle da parte affecta; e achei a causa em hum principio deletério qualquer que fosse applicado externa, ou internamente: e como isto me parecesse mais conforme, mudei o tratamento, que até ali tinha usado, na primeira occasião que se me offereceo, applicando logo que o doente se me apresentava a manteiga de antimónio (murinto de antimónio fumante) sobre a parte, que se me representava ser o foco da molestia; sobre o qual applicava hum pouco de unguento de estoráque; e na inflamação, que circumdava, panos molhados em agua ardente camphorada, ou em espirito de vinho camphorado, segundo a força da molestia: internamente hum cosimento quinado mais ou menos forte, para soster a reacção geral do systema. No 2.º dia tirava a escara produzida pelo cáustico com a ponta do bisturi, sem que ferisse a parte viva, e repetia o mesmo cáustico, e isto tantas vezes, quantas julgava necessario. O cosimento o fazia mais ou menos forte segundo a falta de reacção, que julgava maior ou menor no concurso das forças geraes, ajuntando-lhe as tinturas espirituosas, e mesmo a camphora; e quando julgava o foco destruido, lhe applicava cataplasmas emolientes, e tratava a úlcera como simplex. Desde que estabeleci este methodo, tenho sido sempre feliz excepto em hum caso, em o qual o doente estava no 6.º dia de molestia, e tinha sido tratado até então por outro methodo: e me lixongeo de ter achado hum methodo feliz de tratar huma molestia tão mortifera.

He preciso advertir que nos casos mais graves, hum a vez que o cáustico não seja applicado nos primeiras 12 horas da apparição da doença, ha maior difficuldade em a remediar; e toda a vez que haja a pedra cáustica (potassa fundida) a prefiro, por ser mais

prompta em seus effeitos, pois he no cáustico applicado a tempo, que eu confio o tratamento, e olho os outros remedios como meios auxiliares.

Não pertendo dizer, que este seja hum methodo infallivel de curar esta molestia, todas as vezes que ella se apresente; só sim que he o melhor, mais certo e seguro, que atéqui tenho praticado, e visto praticar; e desejarei que em outras mãos tenha o mesmo resultado para beneficio do genero humano. „

Catarrhaes. Houve muitas em Condeixa: ás vezes com dores fortes de cabeça, e de todas as articulações, canção extraordinario, tosse frequente. — J. de Figueiredo, dos muitos que tratou d'esta molestia, só hum perdeu; e observou que ao dia 6.^o ella se convertia algumas vezes em intermittente quotidiana, continuando tosse, dôr de peito e cabeça, principalmente no accesso; outras vezes em febre continua. Elle tem curado facilmente estas intermittentes, e continuas com quina: e a propriamente catarrhal, com os mucilaginosos; e quando havia dôr, vesicatorio, ou pelo menos huma esponja embebida em agoa quente.

Diarrhéas. Antigas forão das doenças mais funestas no Hospital Militar d'Abrantes.

S. A. Paes, Alemquer, tratou huma diarrhéa com o uso regular de xarope de limão azedo, e de diacodio.

Em Lamego, dizem os Medicos, e o Cirurgião: "Muitos doentes, que existião no principio d'este mez com diarrhéas typhoicas, escapáráo; sendo muito raros os que tem morrido.

Dysenterías. Antigas forão das doenças mais funestas no Hospital Militar d'Abrantes.

Epilepsia. Efeito da sarna repercutida, como se verá no artigo sarna.

Gangrena. J. de S. B. Vieira, M. em Thuyas, Provedoria de Penafiel, de 75 annos de idade e 45 de Práctica, conta que a 12 de Novembro de 1772 fôra chamado para D. Josefa, do lugar do Assento, Freguezia e Concelho de Soalhães: tinha ella hum tumor em huma virilha, que foi crescendo, e atormentando horrosamente a doente, atéque gangrenou ao 7.^o dia; rompeo-se, e sahirão d'elle muitas canadas de fezes quasi liquidas, e alguns vermes; das tripas nada sahia senão por aquella abertura; clysteres, que se lhe lançavão, por ella sahiao tambem. Applicarão-se-lhe antissepticos externa e internamente; curou-se a chaga dentro de quatro mezes; restando-lhe apenas naquella lugar huma pequena fistula, de que sahia hum sóro fétido; de tudo o mais perfeitamente boa.

O mesmo Médico conta, que Maria Nogueira do lugar d'Ambras, Freguezia e Concelho de Thuyas, teve, haverá 4 annos, huma inflammação em hum pé, que gangrenou, e cahio; continuou a gangrena pela perna até ao joelho, pelo qual a perna se despegou da côxa: terminou a gangrena, a chiaga curou-se, e a mulher viveo.

Cota. J. A. P. da C. e Pegas, M. em Evora: "Tratei alguns gotosos, e cedêrão os ataques com o uso da quina.,,

Hemorrhoidas. A. J. de Castro, M. d'Almeirim, reputou com boas razões esta molestia crise de huma febre rebelde, em que por 15 dias se tinha feito uso d'agoa d'Inglaterra e quina em substancia.

Hydropesia. L. N. de Faria, M. da Villa de Mourão, Provedoria d'Elvas, ajuntava ás vezes para a cura da hydropesia ás bagas de zimbro, etc., semente de mostarda, fazendo inusão de tudo.

Intermittentes. J. G. do Amaral (Obidos), depois de mencionar as causas provaveis das intermittentes, no que se conforma com os bons Prácticos, diz em substancia, relativamente ao tratamento de taes molestias: "Se eu observava nos enfermos signaes de vício de primeiras vias, pelo máo hálito, arrotos fétidos, saburra amarellada, accusando ao mesmo tempo sentimento de dór na região epigástrica, emetisava-os logo, e a molestia terminava muitas vezes. Se os accessos continuavão, e reluzião signaes de debilidade principalmente em primeiras vias, prescrevia hum tratamento tónico, quina com angustura, pequenas doses de rui-barbo e sal ammoniaco; a molestia cedia. Se observava signaes manifestos de vício ou embaraço, principalmente intestinal pelos symptomas de quebrantamento de corpo, flatos, rugidos, e tensão no abdomen, dores vagas pelas extremidades inferiores, sobre tudo nos joelhos, principiava a cura por hum brando purgante, o qual excitando a contractilidade muscular do canal intestinal, promovendo sufficientemente as evacuações alvínas, minorava a intensidade dos accessos, e passando depois ao tratamento tónico acima exposto acabava a molestia. Quando porém observava que as intermittentes erão entretidas por obstrucção notavel d'alguuma das vísceras do baixo-ventre, prescrevia o tratamento tónico com alguma preparação de ferro, como carbonato de ferro, alguns saes neutros, como tartrito acídulo de potassa, ou carbonato de sôda, e ás vezes algumas doses de calomelanos; as agoas thermaes; com o que a molestia cedia. Se a molestia porém se manifestava sem symptomas de embaraço gástrico ou intestinal, e sem complica-

ção com vísceras abdominaes, mas era entretida por frouxidão ou debilidade geral sómente, ainda que esta reluzisse n'as em alguma parte do systema secretório, o tratamento era meramente tónico e estimulante, composto de quina com alguma preparação d'opio.

“Como as intermittentes (diz S. A. Paes, M. d'Alemquer) grassarão tão geralmente nos fins do Estio, todo o Outomno, e continuão neste inverno, precisamente houve hum principio geral, que as produziu em pessoas, que ficão fóra da esphera da acção das causas locais, e de outras particulares a certos modos de vida, e á falta de meios tanto dietéticos, como curativos. Este principio existe na constituição annual, ou ella influa immediatamente em nós, ou nos alimentos, de que nós nutrimos, ou no ar, em que vivemos, ou etc.”

Alem d'esta, ha outras causas menos geraes, e algumas particulares, como são os miasmas dos pântanos, a que estão próximos alguns Povos d'este termo: pântanos que são prejudiciaes não só á saúde d'aquelles habitantes, mas tambem ao interesse publico, por estarem inundados terrenos da mais abundante producção, etc.”

Na Therapeutica d'estas molestias conformão-se em substancia os dous Medicos, d'Obidos, e d'Alemquer, dizendo este: “Por isso que apparecião signaes de existencia de vicio gástrico bilioso nos órgãos digestivos, forão muito geralmente empregados os eméticos, e foi evidentemente feliz a applicação. Logo entravão os doentes no uso ou de quina em substancia só, e raras vezes combinada, ou de agoa Inglesa com decoção chicoreacéa; methodo feliz em todos os casos. Algumas vezes principiava-se pelos estímulos, e tónicos, por não haver embaraço gástrico, ou por attenção ao abatimento de forças; o que mais teve lugar nas recahidas: para evitallas, fazia usar de quina nas semanas paroxysticas por trez ou quatro dias, e nos intervallos, pilulas de limalha de ferro, quina, marcella, e canella.”

F. A. Jordão curava-as em Euarcos com huma mistura de quina, ruibarbo, limagem de ferro, e opio.

A. F. Rivara, M. do P. da C. d'Arraiolos, diz, que he raro atacarem nesta estação pela primeira vez as sezões; ha-as, mas são recahidas das do outomno.

O mesmo lamenta o grande prejuizo, que ha contra a quina nos habitantes do campo; só recorrem a ella depois de soffrermos por muito tempo as sezões, e ás vezes depois de estragados por ellas; attribuindo então os estragos não á molestia, mas ao remedio quina; crescendo assim de dia em dia o prejuizo. He raro que se padeça sezões por muito tempo, que não fiquem obstrucções, hydropesias, e mil outras molestias terriveis; a quina, ao mesmo tempo que cura as sezões, he hum soberano remedio, geralmente fallando, para prevenir e curar obstrucções, hydropesias, etc.

J. P. de Mira, C. da Villa de Canno, Provedoria d'Evora, diz que febre intermitente he a molestia, que mais tem grassado naquella Villa de pouco menos de 300 vizinhos. Este Facultativo fallando da therapeutica d'esta molestia diz assim: "*Estas febres grassão desde Julho atégora com symptomas de grande oppressão do estomago, máo sabor de boca, falta d'appetite, lingua carregada de hum limo espesso, vertigeas produzidas pela soborra das primeiras vias, inchação dos hypochondrios. O emético só, administrado a taes doentes huma vez, ou os curava, ou ao menos diminuía os seus symptomas; não se principiando por estes remedios, os outros são ordinariamente inefficazes.... Vou a demonstrar o effeito, que o emético produz; elle encaminha os humores para a superficie do corpo; huma das principaes vantagens; evacúa as materias contidas no estomago, espreme a bile e o succo pancreático dos canaes proprios; limpa o duodeno, produz huma agitação em todas as entranhas do abdomen, e nellas facilita a circulação, e suas differentes secreções; obra da mesma maneira sobre o thorax, onde sacode as entranhas, commoção que o emético produz sobre as fibras musculares do estomago, e em toda a máchina; reanima a acção das arterias minimas da superficie do corpo, dissipando a sua atonia e espasmo. Os antimonias e a ipecacuanha são hoje os eméticos da maior reputação; o uso d'esta raiz parece mais seguro.*"

B. L. Gonçalves, M. dos PP. do Vimieiro, curava as febres intermitentes com a quina combinada com azevre e ruibarbo.

J. dos S. Basto, M. na Villa de Coruche diz: "*Intermittentes de varios typos. Molestia endemica, que abrange a maior parte dos habitantes d'este paiz no tempo do Estio, Outómno, e parte do inverno.... O conhecimento topographico do paiz patentêa com evidencia as causas d'esta molestia: a immensidade de lagos, charcos, e pântanos, que existem nas immedições d'esta Villa e Termo, etc.*"

A. J. F. de Carvalho, M. de Castello-branco, tem observado que as sezões, principalmente quartãs, cedem com promptidão, e não voltão com facilidade, ao seguinte electuario:

Quina	— — — — —	huma onça
Raiz de valeriana sylvestre	— — — — —	} são — — — — — huma outava
Pós antimonias	— — — — —	

Reduzidas a pó fino a raiz e a casca, misture-se, e faça-se electuario com oximel simples.

Tome-se huma colher de meza de cada vez desfeito em vinho, trez ou quatro vezes por dia.

As intermittentes vão a menos por todas as partes, mas he agora que se vão sentindo mais os seus effeitos, em quem as pa-

deceio por muito tempo: são elles obstrucções abdominaes, inflamações chronicas de fígado, tumores aquosos, etc.

Paralysis. J. das N. Corrêa, C. d'Alemquer, refere que Maria Benedicta, mulher de Manoel Vicente, assistente no Casal do Roque, junto ao Carregado, Comarca d'Alemquer, tendo padecido por mais de hum anno *tortura oris*, enfiou-se de peito com hum grande dor no lado direito; ao 5.^o dia todos os incommodos se tinham quasi dissipado com medicamentos peitoraes internamente, e com hum cáustico sobre o lugar da dor: então e pelas nove horas da noite levanta-se da cama, salta hum janel-la baixa para a rua, corre, e precipita-se em hum poço de 10 palmos de altura raso d'agua: o marido seguindo-a chegou ao poço a tão pequeno intervallo da mulher, que a tirou immediatamente pelos cabellos; levou-a para casa, e carregou-a de roupa. A doente entrou em hum copioso suor, delirando hum pouco; pôz-se-lhe hum vesicatorio na nuca; continuou com os remedios que usava antes do banho, e ao onzeno se achava restabelecida da catar-rial molestia moderna, e da *tortura oris*, molestia antiga.

Pleuriz. J. A. P. da C. e Pegas, Médico na Cidade d'Evo-ra, diz: "Encontrei hum unico pleuriz verdadeiro, que se curou com sangria e mais remedios analogos; molestia que não encontrava havia annos."

J. B. de Sequeira, M. de Villa Viçosa, diz: "Em todo o anno passado só me lembro de dous enfermos, em que achei diathese phlogistica, que fiz sangrar, etc."

Prognosticos.—"No mez de Março e Abril teremos provavelmente mais doentes na Guarnição d'esta Praça (Abrantes)...." He provavel que se levantem os motivos, que se apontão para este prognóstico, e que elle em consequencia se não verifique. De grande utilidade são estas representações feitas a tempo!

Sarna. F. A. Jordão, M. do P. e Guarnição de Buarcos, tratou de sarna inveterada hum mulher prenhe: que depois de parir, mãe e filha, sem novo contágio, se cobrirão de sarna, que foi tratada com certo unguento, que a mãe fez. Pouco tempo depois a filhinha foi atacada de accidentes epilépticos, que o dito Facultativo attribuiu á sarna repercutida: applicou-lhe em consequencia banhos quentes, e nada mais: ao 6.^o banho a sarna reapareceu; continuou-se com o mesmo banho, ao 12.^o a mesma erupção tinha-se extinguido, e nunca mais houve o ataque epiléptico.

Dous Cirurgiões de Torres Novas fallão uniformemente em muita sarna, que ali tem reinado depois da sahida dos Francezes. J. A. de Matos, diz: "Tenho distinguido duas especies como Darwin,

humana que apparece entre os dedos, flexuras dos braços, curvas das pernas, virilhas, etc., outra que raras vezes apparece nestes sitios, mas sim por todas as outras partes do corpo; e não he tão contagiosa, nem em alguns tão incômoda; porém resiste muito mais aos remedios ordinaarios. No tratamento tenho usado internamente dos cosimentos de raizes d'almeirão, chicorea, e escabiôsa, fazendo-lhe juntar cremor de târtaro (tartrito acidulo de potassa): externamente d'unguento d'enxofre só ou combinado com o unguento rosado composto, ou com pomada oxigenada, usando contemporaneamente de alguns purgantes, pois que não se usando d'estes, ainda que a erupção cedesse, em breve se via reproduzir com a mesma força, excepto se era muito benigna. Em os casos mais pertinazes fiz uso das pilulas de calomelanos antimonialaes, em doses, que excitassem nausea, em dias alternados; e nos intervallos o cosimento amargo; e em alguns sem uso de remedios externos se tratáráo: porém como este methado he algum tanto incômodo, principalmente aos sujeitos de hum estomago delicado, poucos o querião seguir; porém estou persuadido ser de muito proveito em semelhantes casos; e em todas as molestias cutâneas pôde-se experimentar o tartaro emetico até excitar a nausea. Em alguns casos mais benignos usei de lavar a erupção com sabão e água todos os dias, e o mesmo tratamento interno, com o que vi curar não poucos. Em conclusão de tudo, tenho assentado serem os purgantes remedios indispensaveis no tratamento d'estas molestias, excepto em os casos muito benignos; seja pela sympathia da cute com a membrana mucosa do canal intestinal, ou qual seja a razão deixo a outros discursos; porém o facto he certo, e muitas vezes tenho visto, que por falta d'este coadjuvante (purgante) supprime a erupção com os remedios externos, se tem formado varios tumores por todo o corpo, fleumôes, etc. em que era preciso usar de purgantes; e até em hum sujeito vi formar hum grande enfarte em hum braço do character erysipelatoso, que durou bastante em se discutir, supurando em varias partes: e o mais raro foi, que huma vez são o braço, novamente appareceo a erupção sarnosa, que se tratou pela fórma ja dita.,

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro), e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — A explicação do Mappa irá no fim.

Dia do mez.	Hor.	lin.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Céo.
			pol.	inh.	tos de lin.	gr.	tos de gr.	gr.	tos de gr.		
1	m. 8		27	8		8	2	87	2	S.	c.
	t. 4		27	8		9		91	2		c. ch. v.
2	m. 8		27	9	3	8	3	90		SSE.	s. n.
	12		27	10	2	8	2	90			
	t. 3		27	10	2	9		89		SE.	
	5		27	10	2	8	3	90	2		
3	m. 8		27	10	3	9		90		E.	a. n.
	t. 3		27	11	3	9	2	86			s. n.
	5		27	11	3	8	3	87		SE.	
	m. 8		27	11		7		89	2		
4	t. 4		27	11		8	2	88		NO.	c. ch.
	m. 8		27	11	2	6	3	88	2		m. n.
5	12		27	11	3	8		88		NNO.	c. ch. v.
	t. 4		27	11	3	8		88	2		a. nev.
6	m. 12		27	11	3	8	2	88	3	ENE.	a. n.
	t. 5		27	11	3	7	2	88			a. nev.
7	m. 8		28			6	3	90		SE.	a. n.
	12		28			7	3	89			c. ch.
	t. 4		28			7	2	89		NNO.	m. n.
	m. 8		27	10	2	8	1	92			c. ch. v.
8	12		27	11		9	3	95		O.	a. nev.
	t. 4		27	10	3	8	3	95			a. n.
9	m. 8		28	1		7	2	95		ENE.	a. nev.
	t. 5		28	1	1	8		92			a. n.
10	m. 8		28	2		6	2	93	2	SE.	p. n.
	12		28	1		8		92			c.
	t. 4		28		3	7	3	92		N.	m. n.
	m. 8		27	11		7	3	94	2		c. v.
11	9		27	10	1	8		94	2		
	12		27	10	3	9	2	90	2		

Dias do mês	Hor.	Min	Barometro			Thermô- metro.		Hygrô- metro.		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	4. ^{to} de lin.	gr.	4. ^{to} de gr.	gr.	4. ^{tos} de gr.		
12	t. 4		27	10	3	8		89		N.	a. n. v.
	m. 8		27	10	2	7		94		E.	a. n.
	12		27	10	2	7	3	92			
13	t. 5		27	10	2	8	1	92	2		
	m. 12		27	8	1	7	3	96	2		m. n.
	t. 4		27	8	1	8	3	92	2		
14	m. 8		27	9	1	7		95			c. nev.
	t. 1	30	27	9	1	8	1	91	2		a. n.
	5		27	9	1	7	3	90		N.	s. n.
15	m. 8		27	9	2	6	3	94		SE.	a. n.
	t. 4		27	9	3	8		91			
	m. 8		27	11		6	2	93		E.	s. n.
16	t. 4		27	11	2	7	3	90			m. n.
	m. 8		27	11		7		94		NE.	c.
	t. 3		27	11		7	3	95		N.	m. n.
18	m. 10		28			7		93	2	ESE.	c.
	12		28		1	7	2	94			
	t. 5		28			7	2	97	2	SE.	c. a. nev.
19	m. 8		28		1	6	2	96	2		a. nev.
	t. 3		28		1	8	2	88	2	NE.	a. n. v.
	5		28		1	8	1	86	2		
20	m. 8		27	11	3	6	1	94		E.	s. n.
	t. 1		27	11	1	7	3	91			
	4		27	11		7	2	91	2		
21	m. 8		27	10		6		94		SE.	
	t. 3		27	9	3	7	3	87			a. n.
22	m. 11	30	27	9	2	7		87			c.
	t. 1	30	27	9	2	7	1	89			
	5	30	27	9	1	6	2	91			
23	m. 8		27	8	1	6	1	90	2	ESE.	c. v.
	11		27	8	2	7	1	90			m. n. v.
	t. 5		27	7		8	1	89	2	SE.	c. v.
24	m. 12		27	7		8	3	92			c.
	t. 5		27	8		7	3	90			m. n.
25	m. 8		27	10	3	7	1	92		E.	c.
	t. 4	15	27	11		8	1	90		N.	a. n.
26	m. 8	15	27	11		7		93	2	SSE.	m. n.
	12		27	11		7	3	94			c.
	t. 5		27	11		7	2	95			c. ch.

Dia do mês	Hor.	Min	Barómetro.			Thermo- metro.		Hygro- metro.		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			Pol	inh	tos de lin.	gr.	tos de gr.	gr.	tos de gr.		
27	m. 8		27	11		7		94		E.	a. n.
	12		27	11	2	7	3	88			s. n.
	t. 4	15	27	11	1	8	1	85		ESE.	
28	m. 9		27	11	1	7	3	91			
	t. 3		27	10	3	8	3	82	2	NE.	
	5	30	27	10	3	7	3	80			s. n. v.
29	m. 8		27	10	2	6	3	88	2	E.	s. n.
	12		27	11		7	3	77			s. n. v.
	t. 4	15	27	10	3	8	1	71			s. n. v.
	5		27	10	3	7	2	68	2		
30	m. 8		27	10	1	6	1	82			
	t. 4		27	11		7	1	73	2	NE.	
	5		27	10	3	7		73			
31	m. 8		28			5	2	80	2	E.	
	12		28		2	6	2	76			
	t. 3		28		2	7	1	76	2		

Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

Anemómetro.

N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste. — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este, etc. — Nesta columna qualquer letra indica o vento dominante até á letra immediatamente inferior.

Estado do Ceo.

a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relampagos. —

t. = trovada. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou número, em que estiver o substantivo seguinte.

Corollarios, e Notas.

Barómetro. — A maxima subida do Parómetro neste mez foi de 28 pol. 2 lin. no dia 10 ás 8 hor. da manhã. Vento SE. A minima de 27 pol. 7 lin. nos dias 23 e 24, neste ao meio dia, naquelle ás 5 hor. da tarde. Vento SE.

Thermómetro. — A maxima temperatura da atmospherá neste mez foi de $9\frac{3}{4}$ gr. no dia 8 ao meio dia. A minima de $5\frac{1}{2}$ gr. no dia 31 ás 8 ho. da manhã. Vento E.

Hygrometro. — A maxima humidade foi de 97 $\frac{1}{2}$ gr. no dia 18 ás 3 hor. da tarde, SE., e a minima de 73 gr. no dia 30 ás 5 hor. da tarde.

Anemómetro. — Os ventos que mais reinarão neste mez forão E., S., SE., SSE., ESE.: no dia 11 soprou de manhã e de tarde o vento N.

Fizerão-se Observações ao Sol em todos os dias em que elle esteve descoberto. Foi a maxima temperatura de $19\frac{1}{2}$ gr. no dia 2 ás 10 hor. da manhã e a minima de 15 gr. no dia 31 ás mesmas hor.

Evaporação á sombra foi de $5\frac{1}{2}$ lin.

Pluvimetro. — A quantidade da chuva em todo o mez foi de 4 pol. 2 $\frac{1}{2}$ lin.

JANEIRO, 1813.

Dias do Observações Geraes em todo o mez.
mez.

- 1.^o — Chuva, vento, ás 2 hor. da tard. muito miuda por espaço de 5 para 6 m'. ás $3\frac{3}{4}$ o mesmo até ás 4 $\frac{1}{2}$.
7 } — Chuva de noute, que foi indicada no Pluvim. ás 7 $\frac{1}{2}$ hor. da
8 } manhã. Chuva miuda por esp. de 8 para 9 m'. mais ás

- $3\frac{3}{4}$ da tard. (e vento), e continuou até ás $4\frac{1}{2}$ ora mais, ora menos.
- 9 — Huma grande névoa, que durou até ás 9 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã: ás $5\frac{3}{4}$ da tard. chuva miuda; ás 10 da tard. o mesmo ora mais, ora menos.
- 11 — Chuva de noute, ás 10 hor., que durou por esp. de 45 m'. (a qual foi indicada no Pluvim. no dia 12).
- 12 — Pelas $3\frac{1}{2}$ da tarde humas gotas de chuva por esp. de 4 para 5 m'. : pelas 7 $\frac{1}{2}$ o mesmo ora mais, ora menos.
- 13 — Chuva de noute (a qual foi indicada no Pluvim. no mesmo dia 13).
- 14 — Houve névoa até ás 9 $\frac{3}{4}$ hor. da manhã.
- 15 — Houve névoa, que durou até ás 6 $\frac{3}{4}$ hor. da manhã; no mesmo dia de tarde pelas 7 hor. começou a haver uma névoa na superficie da terra, que se estendeo pela noute adiante.
- 16 } — Chuva de noute, mas em muito pouca quantidade (foi indicada no Pluvim. no mesmo dia 17) á 1 $\frac{3}{4}$ da tarde chuva miuda, e depois veio hum grande pancada.
- 17 }
- 18 — Chuva de noute: ás 9 $\frac{3}{4}$ hor. da manhã humas gotas miudas; ás $3\frac{1}{2}$ da tarde houve névoa, e continuou pela tarde adiante.
- 19 — Houve névoa até ás 8 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã.
- 22 — Chuva em gotas ás 7 $\frac{1}{2}$ hor. da manhã por espaço de 5 para 6 m'. : ás $3\frac{1}{2}$ da tarde o mesmo por espaço de 10 para 11 m'. , com pouca differença: ás 4 $\frac{1}{2}$ chuva por espaço de 45 m'.
- 24 — Houve chuva ás 7 $\frac{1}{2}$ da manhã, miuda, e continuou até ás 8 $\frac{1}{2}$: ás 9 $\frac{1}{2}$ veio em maior quantidade, que durou até ás 11 da manhã.
- 26 — Chuva ás 11 $\frac{1}{2}$ da manhã em gotas miudas por espaço de 5 a 6 m'. : ás 3 da tarde o mesmo, com pouca differença: ás 3 $\frac{3}{4}$ o mesmo, até ás 4 $\frac{3}{4}$: ás 5 o mesmo, que durou até ás 6 $\frac{3}{4}$ da tarde.

JANEIRO DE 1813.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS
feitas na Villa de Monte-Alegre (as do Thermómetro,
e Anemómetro) em todo o mez.

Dia do mez	Hor.	Min.	Thermo- metro.		Anemó- metro.	Estado do Céo.
			gr.	de 81.		
1	m. 11	55	3	1	E.	c. n. atmosphaera humida.
	t. 11	30	1			s. n. geada.
2	m. 10	30	3			
	t. 10	45	0	2		a. n. codos. ainda existe neve
3	m. 10	45	2	2		a. n. nos montes.
	t. 11	5	0	-1		s. n. geadas.
4	m. 8	32	0	-1		— grandes.
	t. 11	5	1			—
5	m. 9	35	0	-2	EN.	a. nev. s.
	t. 10	5	0	-1		s. n.
6	m. 10	15	2			s.
	t. 10	6	0	2		s. n. s.
7	m. 10	30	3	2	SO.	nevoa fechada.
	t. 8	45	4	3		c. n. a. nev. humidade.
8	m. 11	40	4		ONO.	c. n. a. nev. a. ch.
	t. 10	5	0	2		s. n. geada.
9	t. 9	35	1	1		a. n. nevescada.
10	t. 5	4	2		N.	a. n. geada.
11	m. 11	45	3	1	SO.	c. n. a. ch. v.
	t. 6	2			ONO.	c. n. v.
12	m. 8	30	1		N.	a. n. v. geada grande.
	t. 5	45	2	2		a. nev. a. n. v.
13	t. 5	36	2			a. n. v.
14	m. 11	45	3			a. n.
	t. 5	35	1	2		
15	t. 10	15	1	3		s. n. geada.
16	m. 8	45	0	-1	SE.	s. n. a. nev. geada.
	t. 9	40	1		NE.	c. n. a. nev.
17	m. 9	55	2	2	N.	a. n. nev. v. forte.
	t. 9	45	1		NE.	c. n. a. nev.
19	m. 11	45	1	3		c. n. nevescada.

Dia do mez	Hor.	Min	Thermómetro.		Anemómetro.	Estado do Céo.
			gr.	for. de gr.		
20	m. 11	40	2	3	NE.	a. n. nevescada. s.
	t. 5	5		2		s. n. geada grande.
21	m. 9	45	1	2		a. n. geada. sol.
	t. 5	40	1	3		s. n.
22	m. 11	45		3	EN.	c. n. geada grande.
	t. 11	10		2		a. n.
23	m. 9	34		2		c. n. geada.
24	m. 10	35	1	2		a. n.
25	m. 11	25	3			
28	m. 10	35	0	-1		s. n. geada.
29	t. 11	40	0	-1		s. n. geadas grandes.
30	10	30	0			s. n. sol. geadas.
31	m. 11	10		2		s. n. v. tempestuoso.
	t. 10	15	0	-3		

Observações Thermométricas, feitas em Rendufe.

Janeiro de 1813.

Dias	Hor.	gr.	tos de gr.	Dias	Hor.	gr.	tos de gr.	Dias	Hor.	gr.	tos de gr.
1	m.8	9	1	7	m.7	6	3		t. 7	7	3
	t. 1	9			10	6	3		11	6	3
	3	9	1		t. 3	7	1	15	m.7	5	
	7	9	1		11	7	3		t. 2	8	
	11	8		8	m.7	8			8	7	
2	m.8	6	1		12	9			11	6	1
	11	9	1		t. 3	9	1	16	m.7	4	1
	t. 3	10	3		7	8	1		12	6	3
	7	9	1		11	7	3		t. 7	6	1
	11	8	1	9	m.8	6	2		10	6	3
3	m.8	7			12	8		17	m.7	6	3
	12	10			t. 3	9			12	8	1
	t. 1	10	3		7	7	3		t. 3	8	3
	6	9	1		10	7			8	7	1
	11	8	1	10	m.7	5			10	7	
4	m.7	6	1		t. 3	7	2	18	m.10	6	3
	11	9			7	7			t. 1	6	3
	t. 3	10	1		10	7			3	6	3
	9	7	3	11	m.9	7	3		11	7	3
	12	6	3		11	8		19	m.7	6	2
5	m.7	4	3		t. 3	8	1		12	8	3
	10	6			7	7	3		t. 3	9	1
	1	8	1		11	7			7	8	
	6	7	2	12	m.8	6			11	7	2
	8	7	1		t. 3	7	3	20	m.7	6	2
	11	6			11	8			12	9	
6	m.7	4	1	13	m.7	7	3		t. 3	9	3
	8	4			12	9			6	8	2
	11	6	3		t. 3	9	2		10	7	2
	t. 1	7	2		6	8	3		11	7	1
	3	7	3		11	8	1	21	m.7	5	1
	6	7		14	m.7	6	3		10	6	
	11	6	3		t. 2	9			12	7	3

Dia	Hor.	gr.	4. ^{tos} de gr.	Dia	Hor.	gr.	4. ^{tos} de gr.	Dia	Hor.	gr.	4. ^{tos} de gr.
	t. 3	8	3		t. 11	3			t. 1	9	2
	8	7		25	m. 6	7			7	8	1
	11	7			10	7			12	7	2
22	m. 6	6	2		t. 1	9		29	m. 7	7	
	10	6	3		3	9			12	10	
	12	7			8	8	1		t. 6	10	
	t. 3	7			11	7	2		8	9	
	6	7		26	m. 8	6			10	8	
	10	7			11	7		30	m. 7	5	
23	m. 7	6	1		t. 1	7	3		11	8	
	10	7	3		8	8			t. 3	9	3
	12	8	3		10	7	3		7	8	
	t. 3	9	2	27	m. 7	6	3		10	7	3
	7	8			12	9	1	31	m. 7	5	1
	10	8			t. 3	10			12	8	1
24	m. 7	7	2		7	8			t. 3	9	3
	12	8			11	7	3		5	9	2
	t. 3	8		28	m. 6	6	1		7	8	1
	9	8			11	8			12	7	2

ART. V.—

Huma Carta, que se nos dirigio do Rio de Janeiro, dattada em 25 de Novembro passado, depois d'expressões muito obrigantes para nós em particular, relativamente a Portugal tem o seguinte =... para merecer-nos hum nome mais distincto nos Paizes estranhos tem já concorrido em França, com muita honra nossa, as Memórias de José Monteiro da Rocha, traduzidas em Francez por Manoel Pedro de Mello (1): o Supplemento á Geometria

(1) Estas Memórias são as que o A. publicou nos Vol. III., IV., e V. das Ephemerides do Observatorio Real da Universidade de Coimbra.

O Traductor fez d'aquellas Memorias huma Collecção com o titulo: "Memoires sur l'Astronomie Pratique par Mr. J. M. da Rocha, Commandeur de l'Ordre du Christ; du Conseil de S. A. R. le Prince Régent de Portugal, Maitre du Prince de Beira, et des

de Peyrard, por João Manoel de Abreu (2): a Traducção da

Infans de Portugal, Directeur de l'Observatoire Royal de l'Université de Coimbra, etc. Traduits du Portugais. Paris, 1808. =

Esta Collecção compõe-se das seguintes Memorias: —

Traduzidas do Vol. III.

Memoires sur l'usage du Réticule Rhomboide. — Memoire sur l'usage de l'Instrument des Passages.

Traduzida do Vol. IV.

Nouvelle methode sur le calcul des Eclipses sujettes aux effets des parallaxes.

Traduzida do Vol. V.

Exposition des methodes particulières employées dans les calculs des Ephemerides de Coimbra.

— O Traductor, como elle mesmo diz no seu *Avertissement*, corresponde-se com o A., em quanto as circumstancias permitirão, que elle o consultasse sobre os objectos d'aquellas Memorias; e em notas, no fim da Collecção, ha addições do A., e outras do Traductor.

Tem-se publicado já até ao Vol. X. (para o anno de 1814) das Ephemerides Astronómicas do Observatorio Real da Universidade de Coimbra.

Além das Memorias traduzidas n'aquella Collecção ha nas ditas Ephemerides, e do mesmo A.

No Vol. I. { *Calculo das Longitudes.*
 Calculo dos Eclipses.
 Taboas de Marte.

— VIII. Additamento ao Calculo dos Eclipses, proposto no I. Volume, e demonstrado e ampliado no IV.

— IX. Aviso aos Astrónomos sobre o uso da Aberração do Sol no Calculo dos Planetas.

Sendo tantas as Ephemerides Astronómicas, que debaixo de varios nomes, e em diferentes partes se publicão; constando, que Mr. Delambre em várias Sessões do Instituto Nacional, apresentando as Ephemerides de Coimbra, as elogiára como huma das melhores Obras d'este genero; e constando igualmente que muitos outros respeitaveis Astrónomos lhe tem feito iguaes elogios; pareceo a proposito dar huma idéa das Ephemerides Astronómicas da Universidade de Coimbra.

Nas Ephemerides de Coimbra se encontram todos os Elementos, de que se precisa para os usos da Navegação, e Astronomia; o que pouco mais ou menos se acha tambem nas outras Ephemerides. Apartou-se porém o A. do uso geralmente introduzido de se referirem os cálculos ao tempo verdadeiro; empregando em lugar

Obras de José Anastácio da Cunha (3): o Opusculo sobre a gôttia

d'elle o tempo medio. He o que elle adverte no §. 2.^o da Explicação do Vol. I. nos seguintes termos.

“Nas Ephemerides até agora publicadas tem-se feito a redução necessaria de todos os cálculos para corresponderem ao tempo verdadeiro, por-se mais usual, e se haver immediatamente pelas observações. Nestas porém tudo vai correspondente ao tempo medio, pelo qual se regulão as pendulas nos observatorios fixos, e se deverião regular todos os relogios do uso civil, sendo mui facil de acertar por meio das observações, como adiante se mostrará.”

Os methodos particulares, que o A. empregou no cálculo d'estas Ephemerides, de que deo conta no Vol. V., diversos dos seguidos pelos calculadores das outras até agora conhecidas, são causa de serem tambem diversas, e novas as regras, que se dão na sua Explicação, para o uso, e emprêgo d'ellas.

Os lugares da Lua, que v.g. no Conhecimento dos Tempos se encontrão calculados de 12 em 12 hor., se obtêm para outro qualquer tempo pelas partes proporcionaes, applicando-se-lhes a correcção das segundas differenças, cuja taboa, e explicação se acha nos Vol. para 1771, e 1788. Nas Ephemerides de Coimbra porém, em que igualmente se encontrão calculados de 12 em 12 horas, são seguidos de duas columnas marcadas com os num. subsidiarios A e B, os quaes servem para se obterem com exactidão para qualquer tempo intermedio; ou reciprocamente para se achar o tempo correspondente a qualquer lugar intermedio dado.

Pelo mesmo artificio as distancias lunares, ainda que marcadas nas Ephem. de Coimbra sómente de 12 em 12 horas, se calculão com bastante exactidão para qualquer instante intermedio por meio dos seus respectivos num. subsidiarios A e B: ao mesmo tempo que no conhecimento dos tempos, ou qualquer das Ephemerides conhecidas, não obstante estarem marcadas as distancias lunares de 3 em 3 horas, não se obtêm com sufficiente exactidão para outro instante pelas simples partes proporcionaes: precisa-se ainda de lhes applicar a correcção das segundas differenças.

As Ephemerides de Paris, ou o *Connaissance des tems*, ou des *mouvements célestes*, a *l'usage des Astronomes et des Navigateurs*, Obra dos maiores Astrónomos Francezes, tem (anno de 1809, desde pag. 459 até pag. 483) huma como analyse do IV. Volume das Ephemerides de Coimbra; de que he a proposito copiar algumas passagens.

Ce quatrième Volume d'une Ephéméride très-bien faite, est semblable aux précédens pour la disposition et la forme des calculs. Nous avons rendu compte, en annonçant les trois premiers Volumes (Connaissances des tems 1808, page 454), des innovations

de Francisco Tavares, que além de hum Extracto, que se fez em hum Jornal Francez, a inserio por inteiro Le Roi no seu Tratado de molestias gottosas, etc. =

plus ou moins avantageuses imaginées par l'auteur Mr. Monteiro da Rocha.... Mais ce qui fait la partie la plus généralement intéressante de ce Volume, c'est un grand Memoire, dans le quel Mr. Monteiro démontre et étend les méthodes analytiques, qu'il avait indiquées dans le premier Volume pour la solution de tous les problèmes, aux quels donnent lieu les éclipses de tout genre et les passages de Mercure ou de Vénus sur le disque du soleil..... En partant des ascensions droites et des déclinaisons, Mr. Monteiro (comparado com Mr. Duséjour) obtient en effet des formules plus expéditives.... Mr. Duséjour regardait comme insoluble directement le problème qui détermine le lieu pour lequel l'éclipse commence au lever du soleil, et finit au coucher, ou réciproquement... Mr. Monteiro... parvient à une solution directe qui lui donne les mêmes nombres aux quels Mr. Duséjour n'était arrivé que par tâtonnement.... si.... on voulait une précision plus grande, on pourrait se servir, avec avantage, des formules de Mr. Monteiro, etc.

Tratando da irradiação no eclipse dos astros, diz José Monteiro da Rocha no Vol. IV. pag. lxxvi das Ephemerides de Coimbra = senão fosse a grande facilidade com que se recebem e adoptão quaesquer novidades sem maior exame, era bem facil de advertir, que vai muita differença do astro que eclipsa ao eclipsado.... = Os AA. do Connaissance des tems, no Volume, de que fallámos, pag. 479, traduzem em Francez aquella passagem = sans la grande facilité avec laquelle on adopte des nouveautés sans examen... = ressentindo-se de que se diga que se adoptão novidades sem exame, quando o que se disse he que se adoptão sem maior exame, o que faz huma grande differença.

(2) Supplément à la traduction de la Géométrie d'Euclide, de Mr. Peyrard, publiée en 1804; et à la Géométrie de Mr. Le Gendre; suivi d'un Essai sur la vraie théorie des Paralleles: par J. M. d'Abreu — à Agen, 1809.

(3) Principes Mathématiques de feu Joseph-Anastase da Cunha, traduits Littéralement du Portugais par J. M. d'Abreu — à Bordeaux, 1811.

ART. VI. —

Prosperidade de Aveiro, e alguns obvios resultados
da sua nova Barra. Por * * *

Crescem de dia em dia os benefícios e vantagens, com que o Principe Regente de Portugal, Nosso Amabilissimo Soberano, procura sollicito reanimar a Cidade de Aveiro até agora em decadencia, facilitando o seu iniciante Commercio, e os precipuos interesses de seus Habitantes; cuja sensivel gratidão, permanecendo gravada nos seus corações com indeleveis caracteres, deve fazer que suppliquem ao Ceo incessantemente longevidade próspera para hum Imperante tão Benéfico, que, ainda no meio das mais horri-
veis convulsões politicas, nunca se esqueceo dos interesses de seus Vassallos em geral, e de Aveiro em particular.

O Illuminado Governo, que n'estes Reinos representa a S. A. R., tem espontaneamente produzido grandes projectos e ordens tendentes á felicidade pública de Aveiro; e tem ouvido sempre attento, e providente as Representações dos Funcçionarios publicos da mesma Cidade.

Effectuado o major dos Projectos, que se tem emprehendido; isto he, praticada a abertura da Barra de Aveiro, que tantos e tão acreditados sábios reputarão impossivel; e que com pasmoso assombro existe realizada, franca, e permanente; são dignos de particular menção os seguintes beneficios.

A Portaria de 13 de Outubro de 1812 declarou, em beneficio de Lavoura e Commercio, e para facilitar a exportação dos Vinhos principalmente da Extremadura e Beira, que aliviava estes do Direito adicional de 60 réis em pipa, que se exportasse para fóra d'estes Reinos, como podendo menos com o dito imposto estabelecido pela Portaria de 15 de Março de 1811; e designou sómente para a dita exportação ás Barras de Lisboa e Figueira.

Representando-se ao Governo o prejuizo, que resultava para a Barra de Aveiro por não ser comprehendida na sobredita Graça, sendo aliás a mais adequada e propria para a consideravel exportação dos Vinhos da Bairrada, e de algumas outras partes da Provincia da Beira, attendendo o Governo a tão justa supplica, e para augmentar o crédito deste novo Porto, pela Portaria do 1.º de Dezembro de 1812 Mandou, ampliando a disposição da de 13 de Outubro, que ficassem gozando do mesmo beneficio os vinhos exportados, segundo a primeira Portaria, pela Barra de Aveiro; cuja execução o Concelho da Fazenda declarou pela sua Pro-

visão de 27 de Abril de 1813; começando o effeito da sobredita Graça do 1.º de Novembro de 1812 em diante.

Logo apos esta seguio-se outra de proveito não menos relevante, que foi a Determinação da Portaria de 27 de Janeiro de 1813, a qual authorisou ao Superintendente das Obras da Barra o Desembargador da Supplicação, Fernando Affonso Giraldes, para de acôrdo com o Tenente-Coronel Director das mesmas Obras, Luiz Gomes de Carvalho, pelo Cofre respectivo mandar apromptar duas Catraias novas das que se usão na Barra da Cidade do Porto, viradores, e anchorotês, e servir-se dos mais aprestes pertencentes ás Obras da Barra, com faculdade de poder acceitar quaesquer donativos, que para o serviço d'ella voluntariamente alguns Negociantes d'esta Cidade offerecessem; determinando outrossim que do Porto se mandasse vir hum dos melhores e mais praticos Pilotos, que ali houvesse, para o prompto e effectivo serviço d'esta Barra, e ensino da sua Pilotagem, pago pelo mesmo Cofre.

Aquella Portaria foi immediatamente executada; e por Aviso Regio expedido pela Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e Marinha de 31 de Março do mesmo anno, foi confirmada e aprovada a escolha do habil Piloto supra numerario da Foz do Douro, Manoel Cardoso de Meireles, para exercer durante o tempo da sua Escripção as funções de Piloto Mór da mesma Barra: a qual bem servida presentemente, e provida de todos os precisos aprestes, offerece a mais segura e commoda sahida e entrada a todas as Embarcações, que a demandão, dissipados todos os antigos obstaculos e faltas, que desviavão até agora a maior concorrência d'ellas para esta Barra.

E porque durante o tempo da desgraça de Aveiro pelo entupimento da sua antiga Barra o fabrico do seu sal, gradualmente diminuindo, chegasse ao ponto de nullidade absoluta; á sombra d'esta fatalidade, e talvez pelo desleixo e desanimação dos seus habitantes, a especial e antiga Graça da isenção dos direitos do sal, fabricado nas suas marinhas, que se exportasse d'aqui para os diversos Pórtos d'este Reino, concedida e expressa no Cap. 289 §. 8.º do Regimento da Alfandega do Porto, se poz em quasi absoluto esquecimento, e in-observancia; privados d'este modo os Proprietarios de hum interesse de tanto momento e consideração.

Providentemente porém o vigilantissimo Góvêrno d'estes Reinos, incançavel em promover a prosperidade Pública e os interesses de Aveiro, occorreo ao sobredito mal, e conformando-se com o Parecer do Concelho da Fazenda em Consulta de 26 de Fevereiro de 1813 sobre a Representação, que lhe fizerão Proprietarios das marinhas d'esta Cidade, lhes deferio ratificando o antigo privilegio da isenção de Direitos, e determinando pelo Real Aviso de 13 de Abril do mesmo anno a exacta observancia da disposição

do citado Cap. 89 §. 3.º do Regimento da Alfandega do Porto, como foi declarado na Provisão do Concelho da Fazenda de 24 de Maio ao Superintendente da Alfandega do Porto.

D'estas Providencias e de tão singulares Graças não podem deixar de resultar as solidas vantagens, que o Governo attende, e que previo antes da sua concessão. Os Navios Commerçiantes procurarão agora sem receio este bem servido Porto; e pela sua concorrência augmentando os lucros da Alfandega repartirão também suas riquezas por toda a extensão d'este fertil e ameno paiz. A cultura dos preciosos vinhos da Bairrada, tão conceituados nos Portos do Brazil, e em muitos do Norte, prosperará muito, e tanto mais sendo melhorada a Navegação do Vouga, e estendida até visinhanças de S. Pedro do Sul, bem como a do Cértima e Lezíria até Mogófores na proximidade da Villa de Anadia: projectos estes, que o Governo bem conhece, e a favor dos quaes tem ordenado já algumas Providencias.

Ultimamente a cultura do sal, além do seu infallivel augmento de quantidade, ha de ser notavelmente melhorada em qualidade; atrahirá a concorrência de exportadores para os Portos do Norte, que n'outro tempo d'aqui se provião: a Pescaria abundante d'esta Costa se tornará mais florescente; e voltarão talvez os dias felizes tocados levemente no *Jornal de Coimbra* Num. VII. pag. 22.

A Pesca d'esta Costa pôde ser mui extensa e de grandes vantagens. Os pescadores porém são gente pobre; a despeza, que elles fazem na compra e conservação dos appparelhos necessarios para a Pesca, etc., etc. he excessiva, e todos os dias cresce. A salga e escalado do peixe grosso pôde ser em Aveiro hum objecto de grande importancia; bem merecé promover-se e generalisar-se. Sahe nesta Costa ás vezes lanços tão copiosos, que tem chegado a perder-se muita parte nas praias por isso que tem sómente em fresco o seu consumo: e d'este modo talvez se conseguisse diminuir a necessidade da importação immensa de peixe secco, que vem de fóra.

Sobre os melhoramentos da Navegação dos Rios propostos, he tambem do maior interesse a multiplicação de esteiros e canaes navegaveis; para o que a situação d'este Paiz he propria e adequada: com elles se restituirão á cultura consideraveis terrenos incultos até agora por alagados; sendo actualmente tanto mais preciosos os ditos canaes e esteiros, quanta he a falta de braços e de animaes de transporte, que ha.

As communicações por agoa constituem os transportes e conducções menos dispendiosas; permittem moverem-se grandes massas com maior facilidade; sendo além d'isto importantes já pelo facil aprovisionamento dos Póvos, por onde correm, já mesmo pela circulação das materias primas, cujo peso ou volume torna

diffíceis os transportes por terra; sendo a fóra d'isto interessantes pela animação e vida, que dão ás estradas interiores, com que confinão, ligando com estas os diversos Pórtos do Paiz.

He de esperar que ás calamidades públicas, que a Nação tem soffrido, succedão agora vantagens, e que muitos objectos lucrosos e de proveito, que, no seu antigo estado de pacífico esplendor escapavão á attenção de seus habitantes, a necessidade e urgência actual os faça aproveitar: e d'este modo se verão em breve espaço com usura resarcidos os males passados.

Número total das Embarcações, que entrárão na Barra de Aveiro desde o primeiro de Janeiro até 31 de Maio, (em que o presente Num. apesar de pertencer a Abril não está ainda concluído) ————— 21

— salúirão da dita Barra no mesmo tempo ————— 21

D'estas forão carregadas de sal para Pórtos nossos e estrangeiros ————— 14

ART. VII.—

Relações Nominaes dos Medicos e Cirurgiões de Partido, remettidas por Provedores das Comarcas á Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, as quaes se recebêrão na Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino desde 4 de Março até 3 de Abril do anno corrente.

Por brevidade escrever-se-ha P. em vez do Partido — C. = da Comarca — R. = Residente. Quando se não declara residencia, he na terra que dá o nome ao Partido.

Relação remettida pelo Provedor do Reino do Algarve com officio datado em 8 de Março.

Medicos. Daniel Pessoa e Cunha, João Nunes Gago: ambos P. C. de Tavira. Francisco Romeiro, P. C. de Castro Marim. Manoel Antonio Vieira, P. C. de Loulé. Nicolão Moral, José Francisco de Carvalho, Francisco Gomes da Motta: todos trez P. C. de Lagos. José Nunes Chaves, P. C. de Villa Nova de Portimão. Manoel Gascon, P. C. de Monchique. Miguel Rodrigues Sousa da Piedade, P. C. d'Albofeira.

Cirurgiões. Antonio Pereira Calado, Antonio Geraldo: ambos P. C. de Távira. Pedro Amaro, P. C. de Castro Marim. João Manoel Reves, P. C. de Loulé. Damaso José Pimentel, P. C. de Villa Nova de Portimão. Francisco Mendes, P. C. d'Alvôr. Antonio Baptista da Gama, P. C. d'Albofeira.

Não tem Médico nem Cirurgião Alcoutim, e Villa Real.

Provedoria de Braga, remetida pelo Juiz de Fora do Cível,
que serve de Provedor com officio datado no 1.º de Março.

Medicos. João Vicente Corrêa de Campos: dos Pobres da Cidade e Termo, pela Camara; das Cadêas da Cidade; da Mitra; da Congregação do Oratorio; do Convento do Carmo; e Expósitos. Manoel José da Motta: dos Conventos do Carmo; Penha; Populo; S. Fructuoso; e dos Pobres, pago pela Mitra. João José da Costa: dos Conventos dos Remedios, e Salvador; e segundo dos pobres, pela Mitra. José Carlos da Silva Pacheco: do Hospital; dos Conventos dos Remedios, Salvador, Ursulinas, e Carmo. José Manoel d'Araujo: do Hospital.

Cirurgiões. Manoel José Pereira: do Hospital; Remedios; Salvador; Ursulinas; e Carmo. José Antonio Pereira de Lacerda: do Hospital. Pedro Thomaz Coelho de Azevedo: do dito. Antonio de Oliveira: C. da Mitra; das Cadêas; do Seminario de S. Caetano; do Populo; do Seminario de S. Pedro; da Penha; Orphãs; e Recolhidas da Fama. Caetano José d'Oliveira; das Cadêas e Pobres, pela Mitra. Manoel Luiz da Silva: do Hospital; e Recolhimento de S. Maria Magdalena. Antonio José Pinto de Andrade, Cirurgião Mór do Regimento de Milicias de Braga. José Carneiro de Magalhães; P. C. do Couto de Tibães. Domingos José Barbosa de Vasconcellos: do Convento do Couto de Tibães da Ordem de S. Bento. João Antonio Pereira: dos Pobres, e corpos de delicto do Couto de Arentim.

Relação remetida pelo Provedor de Torres Vedras
com officio datado em 10 de Março.

Medicos. Manoel Tavares de Macedo: José Joaquim Durão: P. C. de Torres Vedras. Jacintho da Costa Pinheiro: P. C. do Cadaval. Nicoláo José Balça: P. C. da Lourinhã. Antonio Maria Ribeiro: P. C. da Arruda. Antonio Jacintho Vidal: P. C. de Villa Franca de Xira; Póvos; Castanheira; e das Religiosas do Mosteiro de N. S. de Suberra da Ordem de S. Francisco: R. em Villa Franca de Xira. Antonio da Silva Rosado: P. C. da Alhandra e Alverca. Antonio José d'Almeida: P. C. da Ericeira. José Jacintho Leitão da Matta: P. C. de Cascaes.

Cirurgiões. João Victorino Pereira da Costa: Manoel José do Nascimento: ambos residentes em Torres Vedras. Luiz da Silva

Franco: R. em Runa. Manoel Monteiro de Seixas: R. na Rebaldeira, Manoel de Figueiredo: R. no Trucifal. Antonio de Miranda: R. na Labagueira: todos 6 P. C. de Torres Vedras. José dos Reis Vieira: P. C. do Cadaval. Manoel Antonio Rodrigues: Balthazar José Rafael: ambos P. C. da Lourinhã. Ignacio José Pereira: P. C. da Arruda. Bernardo José d' Oliveira: P. C. da Castanheira. Domingos Joaquim d' Oliveira: P. C. de Villa Franca de Xira, e Póvos: R. em Villa Franca de Xira. Manoel Coelho do Nascimento: P. C. de Colares: R. no Penedo. Francisco José Corrêa: P. C. de Cascaes.

Não tem Médico nem Cirurgião, Villa Verde, Sobral, Reguengo da Carvoeira, Bellas, Cheleiros, Mafra, Reguengo do Gradil, Enchara dos Cavalleiros.

*Relação remettida pelo Provedor de Vianna
com officio datado em 10 de Março.*

Medicos. Francisco José da Cruz: Onorio Maria Coelho: RR. em Vianna. José Soares de Freitas: R. em Valença. Manoel Antonio Monteiro da Villa de Monção: ausente, no Exército. Lourenço José Barroso: R. na Barca. Pedro José Lopes: Antonio Joaquim de Carvalho: RR. em Ponte de Lima. Manoel José Gomes: R. em Barcellos.

Cirurgiões. Manoel José d' Almeida: José Luiz Pinto: ambos RR. em Vianna. Caetano Manoel de Lima e Mattos: R. em Caminha. Francisco Bento Pereira de Brito: R. em Villa Nova de Cerveira. João Alvares Lagoa: primeiro Cirurgião Militar de Valença. Manoel José Pinheiro: R. em Valença. José Manoel Osorio Coutinho: R. em Monção. Domingos do Rego: Antonio Ferreira: RR. em Ponte de Lima. Manoel Lopes da Silva: Francisco Lopes da Silva: RR. em Cortilhão. Francisco Manoel: de S. Estevão da Faxe: R. em Feitosa. Francisco José de Moraes Seixas de Leão: Antonio José de Barros: Bernardo Alvares Pereira: todos trez RR. em Barcellos. Roque Ferraz Ponce de Leão: R. em Fragosó. João Lopes: R. em Carvoeiro. Francisco Coelho da Cunha: R. em Arêas de Villar. José Lucas da Silva: de Landim: R. em Arêas.

Não se remetterão ao Provedor Relações de Sam Fins, Arcos, Albergaria, Amares.

Além dos Medicos e Cirurgiões da Provedoria de Santarém, constantes da Relação nominal, impressa em o Num. XV. pag. 292 do *Jornal de Coimbra*, ha os seguintes:

José Antonio Marcelino Franco, Médico dos Partidos das Religiosas de S. Clara, e de S. Domingos. — João Ferreira da Cruz

Barroso, e Francisco Henriques de Magalhães, ambos Cirurgiões de Partido do Hospital Civil da Villa de Santarém.

O Provedor da Comarca de Aveiro, José Francisco Homem, participou em data de 26 de Fevereiro, que (além dos Medicos e Cirurgiões de Partido da Comarca de Aveiro, constantes da Relação geral, publicada em o Num. XV. pag. 292 do *Jornal de Coimbra*) ha Vicente Ferreira Vidal, Medico do Partido da Camara da Bemposta, Manoel Sautiaes de Lima, Cirurgião do Partido da mesma Camara, mas residente na Freguezia do Pinheiro da Bemposta: os quaes por falta da competente Relação o mesmo Ministro não tinha comprehendido na dita Relação geral, que remetteo em 18 de Dezembro de 1812.

ART. VIII.—

Relação dos Medicos e Cirurgiões, cujas Contas chegarão, por via dos Provedores das Comarcas, á Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, e subirão á Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, desde 4 de Março até 3 de Abril passados.

Provedoria do Algarve.

Medicos. Daniel Pessoa e Cunha. Francisco Gomes da Motta. Francisco João Nunes Gago. Francisco Romeiro. José Francisco de Carvalho. José Nunes Chaves. Manoel Antonio Vieira. Manoel Gascon. Miguel Rodrigues Sousa da Piedade. Nicoláo Moral.

Cirurgiões. Antonio Baptista da Gama. Antonio Pereira Calado. Francisco Mendes. Pedro Amaro.

Aveiro.

Medicos. Antonio Clemente Freire d' Andrade e Pinto. João de Mello Leite da Fonseca e Carvalho. José Pereira da Cunha. Luiz Cipriano Coelho. Pedro José Corrêa Ribeiro. Theotónio Pinto da Cunha. Vicente Ferreira Vidal.

Cirurgiões. Antonio Joaquim José da Silva. Antonio José da Motta. Antonio Ribeiro Leite. Antonio Vicente Rodrigues da Silva Nogueira. Francisco Ignacio de Carvalho. João Baptista. Joaquim d'Oliveira Gomes. José d'Almeida. José Antonio da Mota. José Maria de Moraes Sarmiento. José dos Santos Madail. Manoel José d'Ascensão. Manoel José d'Oliveira Dias. Manoel Lopes da Silva.

Manoel de S. Thiago Freitas. Manoel Sante Luiz de Lima. Pedro José Pereira d'Andrade. Vicente José de Pina.

Béja.

Medicos. Amador Antonio Moniz. Gaspar Lopes da Trindade. João Anacleto Xavier Pereira. João Antonio de Carvalho Chaves. José Antonio da Costa e Sousa. José Maria Bustamante. José Pedro Craveiro d'Almeida e Reis. Leonardo Mergu.

Cirurgiões. Antonio José Severiano Fortuna. João d'Almeida Tojeiro. Joaquim Pereira de Sousa. Joaquim de Sousa Franco. José da Cruz. José Francisco da Costa Herrera.

Braga.

Medicos. João José da Costa. José Carlos da Silva Pacheco. José Maria d'Araujo. Manoel José da Motta.

Cirurgiões. Antonio d'Oliveira. Caetano José d'Oliveira. José Antonio Pereira de Lacerda. Manoel José Pereira. Manoel Luiz da Silva. Pedro Thomaz Ferreira d'Azevedo.

Coimbra.

Medicos. Antonio da Costa Pires. Antonio Ribeiro do Amaral. Antonio Xavier da Silva Pereira. Felício Ribeiro da Silva. Francisco José Mendes. Francisco José Pessoa. Francisco Xavier Bezerra. Joaquim Edaço Brandão. João da Silva Soares de Menezes. Luiz Antonio Travassos.

Cirurgiões. Bento Soares. Francisco Pereira Baptista. José da Costa Delgado.

Elvas.

Medicos. Balthazar Rodrigues Portuguese. Joaquim José da Silva Aires. José Antonio Banásol. José Antonio Gutierrez. Luiz Nicoláo Faria.

Cirurgiões. Antonio José da Silva Amaral. Francisco Antonio Pires. Francisco Marcelino Barreiros. Joaquim Affonso de Andrade.

Evora.

Medicos. Bartholomeu Lucio Gonçalves. Joaquim Aleixo Paes. Manoel Bernardo de Salles. Manoel Profridio de Sousa.

Cirurgiões. Filippe Neri Bello. Francisco José Vidigal. João Barreiros da Silva. João Jacintho de Mira Vidigal. José Francisco da Gama. José Francisco de Mendonça. José Joaquim da Costa. Luiz Euzebio Pereira da Silva Pacheco. Luiz José Ferreira Souto e Soure. Manoel Joaquim Ferreira de S. Anna. Sebastião Antonio Simões. Valerio Vidigal.

Leiria.

Medico. Antonio Anastacio de Sousa.

Cirurgiões. Manoel d'Oliveira Simões. Paulino da Rocha.

Moncorvo.

Medicos. Balthazar Joaquim Lopes. Manoel Ignacio de Carvalho Salazar.

Penafiel.

Medicos. Antonio d'Almeida, Caetano da Cunha Coutinho, Francisco Xavier Ribeiro.

Cirurgiões. Antonio Mendes Azedo.

Santarém.

Medicos. Antonio Joaquim Soares, Jacintho Franco Leitão, João Antonio de Leal, João Gervasio de Carvalho, José Felix Baima, Luiz Gonzaga da Silva.

Cirurgiões. Francisco Henriques de Magalhães, João Antonio de Mattos, João Ferreira da Cruz, Leonardo José Diniz, Martinho Pereira da Silva.

Setúbal.

Medicos. Agostinho José Teixeira e Sousa, Francisco Marques dos Santos, Francisco de Paula Pinuela, Hipolito Urbano Nobre, José Gomes Barbosa, José Joaquim da Silva, José Pedro Alexandrino Caminha, José Pedro Morato, Rafael Mendes do Valle.

Cirurgiões. José Tiburcio d'Almeida, Manoel Joaquim de Figueiredo, Manoel José Guedes, Valentim Ignacio Rosa Limpo.

Torres Vedras.

Medicos. Antonio Jacintho Vidal, Antonio José d'Almeida, Antonio Maria Ribeiro, Antonio da Silva Rosado de Mendonça, João Victorino Pereira da Costa, José Joaquim Durão, Manoel Tavares de Macedo, Nicoláo José Balça.

Cirurgiões. Balthazar José Rafael, Bernardo José d'Oliveira, Domingos Joaquim d'Oliveira, Ignacio José Pereira, Manoel Antonio Rodrigues, Manoel Coelho do Nascimento.

Vianna.

Medicos. Antonio Joaquim de Carvalho, Antonio Sebastião de Faria Vieira, Custodio José da Fonseca, Francisco José da Cruz e Sousa, Honorio Manoel Coelho, José Soares de Freitas, Lourenço José Barroso Fajardo, Manoel José Gomes d'Araujo, Pedro José Lopes.

Cirurgiões. Antonio Ferreira, Antonio José de Barros, Antonio José do Couto e Brito, Bernardo Alves Pereira, Bernardo José Barbosa, Diogo Antonio Marrocos, Domingos Armão Merenci, Domingos do Rego, Francisco Bento Pedroso de Brito, Francisco Coelho da Cunha, Francisco José de Moraes Seixas, Ignacio Leite d'Almeida, José Antonio d'Oliveira, José Bento da Costa Peixoto, Leonardo José da Silva, Manoel Barbosa Coutinho, Manoel José d'Almeida, Manoel José Lopes Pereira da Silva, Manoel José Pinheiro, Manoel Lopes da Silva, Roque Ferrás, Roque Ferrás Ponce de Leão, Ventura Fernandes.

ART. IX.—

Em o Num. XV. pag. 297 do J. de C. publicou-se a Relação dos Medicos e Cirurgiões dos Hospitales Militares, cujas Contas chegarão á Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, e Marinha desde 26 de Fevereiro até 27 de Março.

Segue-se a Relação dos Medicos e Cirurgiões, cujas Contas chegarão, por via do Delegado do Physico Mór do Exército, á dita Secretaria d' Estado desde 27 de Março até 20 de Abril.

Fevereiro.

Medico. José Antonio Banasol, 1.º d' Elvas.

Março.

Medicos. Manoel Profririo de Sousa, 1.º d' Evora. — Caetano Antonio da Silva, 1.º, José Ferreira Xavier, 2.º d' Almeida. — José Antonio Banasol. — Felix Joaquim Henriques de Paiva, de Niza. — João Antonio de Leão, de Salvaterra de Magos. — José Soares de Freitas, 1.º de Valença do Minho. — Felix José Franco, 1.º de Peniche. — Matheus José Gomes, 2.º de Vianna do Minho. — Joaquim José Veloso, de Mafra. — Francisco Saraiva Couraça, 1.º, José Bernardino de Sequeira Pimenta, 2.º, Joaquim Moreira, 2.º, todos trez de Lamego.

Cirurgiões. Paulino da Rocha, de Peniche. — Paulo Patricio de Couto, 1.º, Antonio Corrêa de Paiva, 2.º, ambos d' Almeida. — Jeronimo de Macedo Tavares, 1.º de Lamego. — Antonio Pereira da Silva, d' Evora.

Em o Num. seguinte publicar-se-hão algumas das Contas, por inteiro, extracto, ou em recopilação.

ART. X.—

Respostas a algumas representações de Medicos, e Cirurgiões.

Muitos Facultativos pedem em suas Contas Vaccina — Devem para isso dirigir-se immediatamente, e em Carta do Real Serviço immediato á Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa; e serão, se o desejarem, e sem mais formalidades, accetos para Correspondentes da mesma Instituição; serão providos, huma e todas as vezes que o carecerem, de boa Vaccina; receberão gratuitamente todos os opusculos da Instituição, que a Academia tiver publicado, etc.

Muitos Facultativos se queixão de que muitos sujeitos indelicadamente, e em crassa ignorancia, receitam, e se encarregão do tratamento de doentes, em gravissimo prejuizo da Saude Pública. Muitos representam contra o máo serviço das Boticas. Huns e outros pedem providencias. — Sobre estes dous bem importantes objectos temos Leis mui saudaveis, e providentes: não ha mais que fazellas observar; não se carecem novas providencias. Se alguém delinquir contra taes Leis de Saude, deve recorrer-se ao competente Juiz Commissario do districto; e no caso não esperado de ommissão ou agravo aos Delegados do Physico Mór do Reino (1)

(1) Os Delegados do Physico Mór do Reino são, na Córte e Provincias do Sul José Pereira da Cruz, Medico da Real Camara, residente em Lisboa: e nas Provincias do Norte Custodio Luiz de Miranda, residente no Porto.

O Physico Mór do Reino, a quem igualmente se póde recorrer no caso, não esperado, dos seus Subalternos não cumprirem suas obrigações, he Manoel Vieira da Silva, Primeiro Medico da Real Camara, Provedor Mór da Saude na Córte do Rio de Janeiro, e mais Pórtos da America, do Conselho de S. A. R., Fidalgo da Sua Real Casa, Commendador das Ordens de Christo, e Torre e Espada, etc. residente na Córte do Rio de Janeiro.

ou aos do Cirurgião Mór do Reino (2), conforme o districto a que o objecto pertencer. Ao Governo do Reino pôde em todo o caso recorrer-se ; he porém indispensavel, que se declare o delinquente e o delicto, que se apontem todos os meios porque este se examine e prôve ; participando ao mesmo tempo as providencias, que em vão se tiverem ordinariamente solicitado. As Representações, assim instruidas podem annexar-se ás Contas mensaes, que, pelas estações estabelecidas pela Portaria de 24 de Outubro passado, sobem até S. A. R. ; a quem igualmente se pôde propôr todo o melhoramento de que este importante Ramo de Serviço Público for susceptivel.

Hum dos Medicos da Provincia do Minho, na sua Conta dada em 9 de Abril passado, participa ter trabalhado muito sobre a conservação da vida e saude dos Expósitos : traduzio para o seu uso o Regulamento da saude dos meninos d' Estevão Tourtelle, fazendo-lhe, depois de ler as melhores obras sobre a matéria, consideravel augmento. Este Philantropo offerece na sua dita Conta huma cópia d'aquelle seu Ms. ; e promette remettella com brevidade, ensinuando-se-lhe a quem. — Aceita-se a offerta, e tal obra pôde annexar-se a alguma das Contas, que tão zeloso Facultativo entregar ao seu Provedor.

(2) Os Delegados do Cirurgião Mór do Reino são, na Côte e Provincias do Sul Antonio Pedro da Silva, residente em Lisboa: e nas Provincias do Norte Joaquim José Rodrigues, residente no Porto.

O Cirurgião Mór do Reino e seus Domínios he o Dr. José Corrêa Picango ; Medico da Real Camara, Primeiro Cirurgião da mesma ; Lente Jubilado na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, do Conselho de S. A. R., Fidalgo da Sua Real Casa, Commendador na Ordem de Christo, Cavalleiro da Ordem da Torre e Espada, etc. residente no Rio de Janeiro.

sup a constituição e o clima do Reino (2), conforme o districto a que o objecto pertence. Ao descrever os objectos pôde em todo o caso reconhecer-se; he porém indispensavel, que se declare o bello e o bello, que se apontem todos os meios por que este

As observações são a base da Sciencia Médica, mas para isso ellas devem ser completas, methodicas, e pôder comparar-se entre si: devem ser escriptas em estilo quanto mais laconico, evitar o superfluo, e fugir de tudo, que he producto d'imaginação.

Hum Médico, ou hum Cirurgião, que visita muitos doentes, tem occasião de observar simultanea, ou successivamente symptomas mais ou menos graves, dos quaes huns são devidos ao caracter particular e específico das molestias, outros ás disposições individuaes, outros aos locaes, outros á influencia das estações, da atmosphera, etc.

Convém pois que as Contas, que se derem mensal, trimestralmente, ou etc. (Jornal de Coimbra Num. XV. pag. 299) sejam huma vez precedidas de huma revista sobre o *sólo*, *agoas*, *atmosphera*, *plantas*, *animaes*, e o *homem*, do paiz, de que tem de dar-se Conta.

Nesta descripção prévia deve declarar-se a respeito de

Sólo. — A sua natureza, não só na superficie, mas nas camadas em differente profundidade: latitude, e longitude do lugar: exposição: altura relativamente ao nivel do mar: se he baixo ou elevado: se he montanhoso, ou planície: se he entrecortado de rios; qual he a direcção d'estes; se tem enchentes; se são rápidos ou lentos em seu movimento; se são profundos; se tem asgudes, peixes, etc.; se o terreno he coberto de bosques; se ha pântanos, que sequeem no verão; e d'onde saião exhalacões putridas.

Agoas. — Deve examinar-se qual he a qualidade das agoas, que se empregão para o uso economico; se ellas são de fontes, pócõs, ou rios; se o seu leito he arenoso, calcáreo, argiloso, etc.; quaes são seu cheiro, sabor, grão de transparencia, temperatura comparada com a do ar; seu peso; se espontaneamente fórma deposito; se com facilidade aquecem e esfrião; se ha agoas mineraes, qual he a sua especie, uso, e crédito: ellas devem, quanto possa ser, analysar-se chymicamente.

Atmosphera. — O estado habitual da temperatura, do peso, e do grão d'humidade: se as variações são raras ou frequentes, repentinas ou lentas; consideraveis ou ligeiras: se o Ceo he ordinariamente claro, coberto de nuvens, ou carregado de nevoa: se as tempestades são frequentes, as chuvas abundantes, regulares, e qual a sua relação com os outros meteoros: quaes são os ventos dominantes, etc.

Plantas. — Que plantas vegetão espontaneamente ou por cul-

turn; quaes servem de alimento, quaes a usos médicos, ou outros: se he grande a força da vegetação. As plantas devem designar-se pelos nomes vulgares, e pelos do systema de Linnéu.

Animas. — Que especies de animas habitão o paiz, decorrendo pelos mmaes, aves, peixes, insectos, vermes, etc.

Homem. — Proporção dos sexos: qualidades physicas dos habitantes; temperamentos; profissões; habitos; grão d'actividade e de intelligência; prejuizos; costumes; molestias; construção dos edificios; modo de vestir; aceio; comida; bebida; grão de longevidade; proporção de nascimentos, e obitos: fazendo-se, quando convier separação pelos sexos, idades, temperamentos, estado de celibato, ou de matrimonio; profissões, etc.

As Contas mensaes, trimestraes, ou etc. devem ser huma noticia das variações, que tenha havido em qualquer d'aquelles objectos; huma descripção das molestias particulares; deve traçar-se a constituição médica, descrever-se as epidemias, as endemias, etc.; declarando, quando possão assignar-se, as relações, que entre si tem os diferentes phenomenos da natureza.

A R T. XI. — Communicação:

Pela Directoria Geral dos Estudos e Escolas d'estes Reinos, e seus Senhorios, estão a Concurso de 60 dias, que começarão nos que vão declarados, as seguintes Cadeiras.

Perante o Commissario da Corte e Provincia da Estremadura. Dia 10 de Junho de 1813. As Cadeiras de, Philosophia em Portalegre; Rhetorica em Guimarães, Latim em Camarate, Lumiar, Marvilla, Palmella, Santarem, Lourinhã, Sobral de Mont'agrago, Cadaval, Alemquer, Arruda, Olhalvo, Castanheira, Alhandea, Aldea-galega da Merciana, Bellas. — 24 de Maio. As Cadeiras de Primarias Letras de, Bucellas, Povo de D. Martinho, S. Quintino, Milharado, S. João da Talha, Marvilla, Rebaldeira, Sobral de Mont'agrago, Villa Verde, Cadaval, Ericeira, Mafra, Cascaes, Bellas.

Perante o Commissario no Alem-Téjo, e Algarves. 21 de Junho. As Cadeiras de Latim em, Alvyto, Mourão, Arraiolos, Vianna d'Alem-Téjo, Avis, Vimieiro, Souzel, Villa Viçosa, Extremoz, S. Thiago de Cacém, Castello de Vide, Amieira, Altér do Chão, Grato, Portalegre.

Perante o Provedor do Algarve. 14 de Maio. As Escolas de

Primeiras Letras de, Silves. — 14 de Junho. Cacella, Padérne, S. Braz, Sagres.

Perante o Provedor de Aveiro. 10 de Junho. A Escola de S. Vicente de Louredo.

Perante o Provedor de Béja. 14 de Junho. As Escolas de, Sérpa, Albergaria dos Fusos, Villa Ruiva.

Perante o Provedor de Castello-branco. 28 de Maio. As Escolas de, Sabugal, Penamacôr, Atalaia, Salvaterra do Extremo, Alcains.

Perante o Provedor da Guarda. 10 de Junho. As Cadeiras de Latim de, Monsanto, Salvaterra do Extremo, Penamacôr, Sarzedas. — 14 de Junho. Manteigas, Covilhã. — 10 de Junho. As Cadeiras de Primeiras Letras de, Loriga, Sandomil, Caegás, Percelada, Termo de Gouvêa, Seixo d'Ervedal.

Perante o Corregedor de Braga. 10 de Junho. As Cadeiras de, Latim em Mont'alegre. — 22 de Junho. Primeiras Letras em Honra de Frazão.

Perante o Provedor de Lamego. 10 de Junho. As Cadeiras de Latim em, Favaio, Cedavim, Villar maior, Penédono. — 14 de Maio. P. L. em, Souto de Penédono, Britiande. — 22 de Junho. Villa do Castello.

Perante o Provedor de Leiria. 10 de Junho. As Cadeiras de Latim em, Obidos, Soure, Pombal, Caldas da Rainha, Porto de mós, Punhete, Ourém, Tancos, Mação. — 24 de Maio. P. L. em, Villa de S. Catharina. — 10 de Junho. Torquel, Pederneira.

Perante o Provedor de Miranda. 10 de Junho. A Cadeira de Latim em Algoso.

Perante o Provedor de Moncorvo. 10 de Junho. As Cadeiras de Latim em, Monforte, Villarinho da Castanheira.

Perante o Provedor de Portalegre. 14 de Junho. As Escolas de, Alter do Chão, Amieira, Arronches, Assumar, Crato, Gavião, Gáfete.

Perante o Provedor de Penafiel. 21 de Maio. A Escola do Concelho de Gestaço.

Perante o Commissaria nas Províncias do Norte. 14 de Maio. A Escola de Rates.

Perante o Provedor de Setubal. 28 de Maio. As Escolas de, Azeitão, Alcacer, Alcochete, Cezimbra, Coia, Camôra, Torão.

Perante o Juiz de Fóra da Castanheira e Póvos. 22 de Junho. A Escola da Castanheira de Ribatêjo.

Perante o Corregedor de Ribatêjo. 10 de Junho. As Escolas de, Alhandra, Alvércia.

Perante o Corregedor de Torres Vedras. 24 de Maio. As Escolas de, Rebaldeira, Sobral de Mont'agrazo, Villa Verde, Cada-val, Ericeira, Mafra, Cascaes, Bellas.

Perante o Provedor de Viseu. 14 de Junho. A Cadeira de Latim em Tondella.

Perante o Corregedor de Trancoso. 14 de Junho. As Escólas de Muxagata, Castello-mendo.

Perante o Juiz de Fóra de Tondella. 14 de Maio. A Escola de S. Combadão.

Como o presente Num., não obstante pertencer a Abril, não está concluido em Junho, publicámos nelle a Relação antecedente, que em o Num. seguinte hia já fóra de tempo.

ART. XII.—

Additamentos para melhor intelligencia da Resposta dos Redactores a Henrique Xavier Baeta.

Appensa ao N.º XXIV. do *Investigador Portuguez* publicou-se hum *Impugnação* de H. X. Baeta, na qual pertende refutar a nossa *Resposta* (pag. 33 e 148 d'este Vol.), e sustentar as proposições, que avançou na sua *Memoria*, e *Observações*. Assaz temos escripto sobre esta materia (N.ºs 7.º, 8.º, 13.º, e 14.º do J. de C.) para que seja necessario novamente expôr aos Leitores, quaes são as nossas opiniões, e seus fundamentos, relativamente ás causas, character, e tratamento d'aquella epidemia, e qual o nosso juizo sobre a *Memoria* do Doutor Baeta: reportamo-nos por tanto ao que temos dito, pois não achámos motivos, que exijão novos argumentos e provas para sustentar as questões primitivas. Os Leitores, querendo, examinem tudo o que se tem publicado, inclusivamente a dita *Impugnação*, e sentenciem.

Versa tambem esta contestação sobre factos allegados em desabono dos Hospitaes Militares, e particularmente do de S. Vicente: contradissemos o A., produzindo razões, e apresentando os Documentos impressos n'este Vol. pag. 59 e seg., para se mostrar claramente a falsidade de semelhantes factos. Como porém se notem contradicções e defeitos nos ditos Documentos, e d'ahi se pertenda mostrar por inducção a sua falsidade, e assim julgar não provadas as nossas asserções, convem, para cabal conhecimento da verdade, para crédito de quem os passou e fez passar, e para sustentar em todo o seu vigor a nossa *Resposta*, que sobre este objecto accrescentemos o seguinte:

Diz-se no Documento 2.º que cada doente tinha dous cobertores, e mais, se algum o pedia: no Documento 3.º, que pelo Livro da Receita e Despeza das roupas constava haver no Hospi-

tal 1:300 cobertores: no Documento 4.^o, que a existencia media era de 680 praças. Eis por tanto a contradicção, pois aquelle número de cobertores não chega para se distribuirem dous a cada praça, e menos ainda tres. — Note-se porém que os cobertores, de que faz menção o Documento 3.^o, são os pertencentes a Fazenda do Hospital; accrescente-se a cada praça mais hum, que lie o do seu fardamento, e que não dá entrada nem sahida no Livro da Fazenda do Hospital, porque não pertence a ella; e vê-se-ha que dentro do Hospital havia para se poder distribuir aos doentes, além de 1:300 cobertores, mais tantos, quantas erão as praças, exceptuando algumas recrutas ainda não fardadas. D'aqui se vê que huma Certidão tirada do referido Livro não podia mencionar mais de 1:300 cobertores; entretanto que no Docum. 2.^o faltar-se-hia á verdade, se deixasse de attestar-se que os doentes tinham dous e mais cobertores. Logo a contradicção d'aquelles Documentos he huma das provas da sua exactidão e verdade.

Consta pelo Docum. 5.^o que no Hospital se consumio em fumigações *desinfectantes* 236 libras d'acido sulphúrico, 20 libras d'oxydo de manganez, e 190 libras de muriato de soda. Póde mui bem ser taxada de defeituosa a proporção d'estes ingredientes, e á primeira vista parecer que nas fumigações diariamente se desperdiçava muito acido sulphurico: porém advirta-se 1.^o que por algum tempo faltou o oxydo de manganez, e então as fumigações erão feitas só com o acido e sal, o que não he defeito consideravel: 2.^o o sal para fumigações era muitas vezes subministrado pela Despesa, e todo esse não póde constar das Folhas de despesa da Botica, das quaes foi tirado o Docum. 5.^o — Por tanto estes suppostos defeitos são procedidos da boa fé e legalidade, com que forão passadas estas Certidões, porque, se o primeiro Boticario e o Escrivão fossem capazes de faltar á verdade, nada lhes seria mais facil do que, tendo em vista unicamente a perfeição apparente do Documento, proporcionar as quantidades segundo a formula para as fumigações, que se acha no mesmo Livro do Receituário do Hospital.

Relativamente á não ser bastante aquella quantidade de acido sulphurico para o numero e força de fumigações, de que havia necessidade em 12 Enfermarias e 3 casas de Deposito, observem os Leitores (principalmente os que não tem conhecimento do Mosteiro de S. Vicente) 1.^o que este edificio está situado em hum lugar eminente, e exposto á livre corrente dos ventos; 2.^o que foi construído com magnificencia, apresentando os seus Claustros e Dormitórios hum consideravel pé direito, e podendo estes ser á vontade ventilados pelas muitas janellas já dos mesmos Claustros já das Cellas, cujas portas pela maior parte estavam abertas; 3.^o que em muitas Enfermarias não havia molestias epidemicas, e por tanto não erão necessarias ali tão ameudadas fumigações, bastando a facil renovação do ar pelas janellas; 4.^o que, principalmente no

primeiro e ultimos mezes da existencia do Hospital, algumas Enfermarias estavam vagas, e por isso não precisavão ser fumigadas; e á vista de todas estas considerações os Leitores virão no conhecimento não só da vantajosa situação e mais circumstancias d'aquelle local, mas tambem, e por isso, da menor despeza que era necessaria fazer-se em fumigações para *desinfectar* a atmosphera, quanto he possivel em hum Hospital.

No Docum. 7.^o declara-se não só o numero, nomes e Regimentos dos Furrieis de Cavallaria tratados naquelle Hospital, e as datas da sua entrada e sahida, mas tambem se as molestias erão de Cirurgia ou Medicina (o que se não deve nem póde negar, pois basta ler o Documento); e por tanto está provado que antes do mez de Janeiro, e mesmo neste mez, não esteve no Hospital Furriel algum de Caval. com molestia de Medicina. — Quando porém tivesse acontecido que algum dos Furrieis entrados e sahidos, antes de Janeiro padecesse enfermidade médica, ainda então mesmo não era possivel o facto referido na *Observ. 6.^a* do A., como vamos a mostrar.

O Furriel quando foi consultar o A. ou estava ainda com praga no Hospital, ou não. Que não estava he evidentemente provado pelo Documento 7.^o porque nenhum Furriel de Caval. havia nesse mez no Hospital. Quando porém se affirme que tinha estado nos mezes antecedentes, e que mesmo doente tinha sahido para se tratar fóra, negámos igualmente o facto, e mostraremos não ser possivel. Em quanto o nosso Exercito esteve nas Linhas conservou-se no maior vigor a Ordem do Exm. Marechal Commandante em Chefe, pela qual se determinava que todos os Militares doentes fossem infallivelmente tratados nos Hospitaes; que d'elles não podessem sair nem a passeios, mas sómente quando estivessem promptos para entrar em serviço: por consequencia era prohibido até o conceder convalescências para fóra do Hospital. Esta Ordem não podia ser illudida, 1.^o porque o Exm. Marechal pelas Relações nominaes, e Mappas enviados mensalmente dos Hospitaes, Depósitos, e Corpos, sabia o dia em que qualquer Militar sahia do seu Corpo para o Hospital, e d'este para aquelle; 2.^o porque a Policia tinha ordem para prender todo o Militar, que encontrasse sem hum titulo legal, por onde mostrasse que estava de serviço em Lisboa. Logo, sabendo mui bem os Empregados dos Hospitaes as Ordens que havia sobre este objecto, conhecendo a facilidade com que o Exm. Marechal podia vir a saber a transgressão d'ellas, e não ignorando a infallibilidade do castigo, que se lhe devia seguir, e como era possivel que hum Medico do Hospital de S. Vicente, que tão pouco se interessava em obsequiar o Furriel, que tratava com desprezo a sua molestia, etc. (como na relação do facto se afirma) como era possivel que por satisfazer ao peditorio do Furriel, á custa de tão grande e ariscado compromettimento, consentisse, e desse licença para

elle sair do Hospital, tão doente, arrastando-se, com o pulso a mais de 120 pulsações por minuto, tendo accrescidos duas vezes por dia, notavel marasmo, dor de peito, tosse, expectoração purulenta, suores nocturnos, consideravel debilidade, etc.?

Por tanto seja qual fór a intelligencia, que se dê ao dito facto, ou a época, que se queira marcar a respeito da existencia do supposto Furriel no Hospital, são tão fortes as provas, que na *Resposta 6.^a*, e agora, allegamos, que não se faz necessario accrescentar huma só palavra mais para mostrar a falsidade do facto.

Estão tiradas as dúvidas, contradicções e defeitos, que se notarão nos Documentos; está destruido o unico fundamento sobre que se pertendia collocar, e offerecer aos olhos do Público o como farol da sua falsidade; estão por tanto em todo o seu vigor as nossas *Respostas* relativas a factos allegados contra o Hospital de S. Vicente, objecto principal d'este papel. Tocaremos com tudo ainda por ésta occasião, e de passagem, em outros dous factos.

Parece pôr-se em dúvida parte do §. 31 *Resposta 2.^a* Dissemos naquelle lugar que no Hospital do Beato Antonio em tempo do governo intruso do Gen. Junot dissecámos cadáveres, e conferimos repetidas vezes com hum nosso Collega. Será bem difficil provar a falsidade d'estes factos, tendo elles sido públicos e sabidos pelos Empregados todos do Hospital. Basta saber-se que todos os Medicos Militares eramos então obrigados a dar conta semanalmente ao Medico em Chefe do estado dos Hospitais, das molestias reinantes, do seu character, mortalidade, etc., para se ficar conhecendo que os Medicos de cada Hospital, e muito principalmente vivendo em boa harmonia, conversação sobre estes objectos antes de concorrerem em casa do Medico em Chefe, até para com a uniformidade dos votos authorisarem melhor as suas opiniões, quando se encontrassem com as do Medico em Chefe. Lembrem por tanto ou não os factos referidos (§. 31), elles são indubitaveis; e mais ainda he que o methodo das evacuações sanguineas não foi então pôsto em prática, o que faz o ponto principal do dito §.

A conferencia, de que fallámos na pag. 33 lin. 29, foi feita por Facultivos de Cirurgia e pelo Medico assistente. Não se deveria ommittir os votos que houve nesta conferencia, em que ao menos a pluralidade dos Facultivos formou da molestia o juizo que declaramos na pag. cit. Depois d'essa conferencia, e de já termos feito aquella nota he que tivemos noticia de se haverem feito mais duas conferencias com Facultivos de Medicina. — Temos fortes razões que nos tolhem de referir meudamente as circumstancias particulares, que occorrerão no decurso d'esta molestia, depois do tempo em que escrevemos aquella nota; quaes forão as causas e symptomas que obrigarão os Facultivos a discrepar sobre o capitulo; quaes os remedios que se receitirão; quaes os effeitos que

se seguirão ao uso de cada hum d'elles, etc. Os Leitores, que tiverem curiosidade de profundar esta questão, poderão achar muitos meios de colher os dados necessarios.

Estes são os unicos additamentos que nos parece necessario fazer ao que fica exposto na nossa *Analyse e Resposta* (Vol. II. e III. do J. de C.) para que os Leitores, que não estiverem já enfastiados de semelhante contestação, possam decidir de que parte está a verdade e a razão.

ART. XIII.—

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Catalogo de algumas das Obras impressas na Régia Officina Typographica de Lisboa, e outras, no mez de Abril de 1813.

Thesouro de Meninos. Obra Classica dividida em trez partes, Moral, Virtude, Civilidade; composta em Francez por Pedro Blanchard, vertida em Portuguez, por Matheus José da Costa, Beneficiado da Santa Igreja Patriarchal. Segunda Edição emendada. Em 8.º pp. 241.

Ode á ambição de Bonaparte, por José Agostinho de Macedo. Em 4.º pp. 15. Preço 80 rs.

Ode ao Principe Cutosow, pela Batalha de Borodino; por José Agostinho de Macedo. Preço 80 rs.

Memoria sobre a união perpetua da Parochial Igreja de Carnide ao Priorado do Convento de N. S. da Luz.

Compendio da obra da Riqueza das Nações de Adam Smith, e os Extractos das obras politicas e economicas d'Edmund Burke, traduzidos dos originaes Inglezes, e impressos no Rio de Janeiro.

Periódicos de Portugal.

De todos os dias. = Gazeta de Lisboa. — Mercurio Lusitano. — Diario Lisbonense.

Duas vezes por semana. = Telegrapho Portuguez. — Gazeta de Agricultura e Commércio.

Hum vez por semana. = Semanario d'Instrucção e Recreio.

Mensaes. = Jornal de Coimbra.

Livros modernos, que se achão de venda na Loja de Paulo Martin e Filhos, Num. 6, defronte do Chafariz do Loreto.

MEDICINA, CIRURGIA, CHYMICA, &c.

Nosographie Chirurgicale, par Anthelme Richerand. Paris, 1812.

4 vol. em 8.^o 7:200 rs. Em brochura.

Nouveaux Elémens de Physiologie, par le même. Paris, 1811.

2 vol. em 8.^o 3:600

Des Erreurs populaires relatives à la Médecine, par le même. Paris, 1812. em 8.^o 1:600.

Traité des Fièvres Pernicieuses Intermittentes, par J. L. Alibert. Paris, 1809. em 8.^o 1:800.

Traité des Pertes de Sang chez les femmes enceintes, du Dr. André Pasta, traduit de l'Italien avec des notes, par Alibert. Paris, an 8. 2 vol. em 8.^o Encad. 1:920.

Dictionnaire raisonné de Pharmacie-Chimique, théorique & pratique, par J. B.^{te} Rivet. Lyon, 1803. 2 vol. em 8.^o 2:880. Broch.

Mémorial de l'Art des Accouchemens, ouvrage pratique, dans le quel on a représenté avec soin, en 133 gravures, toutes les positions de l'enfant, &c. par M.^{me} Boivin, Sage-femme. Paris, 1812. em 8.^o 2:400.

Traité de Matière Médicale, par C. J. A. Schwilgué; 2.^{de} Edition, avec des notes, par P. H. Nysten. Paris, 1809. 2 vol. em 8.^o 3:600.

Recherches de Physiologie & de Chimie Pathologiques, pour faire suite à celles de Bichat sur la vie & la mort, par P. H. Nysten. Paris, 1811. em 8.^o 1:600.

Cours théorique & pratique d'Accouchemens, par J. Capuron. Paris, 1811. em 8.^o 1:920.

Traité des Maladies des Femmes, depuis la puberté jusqu'à l'âge critique inclusivement, par le même. Paris, 1812. 8.^o 1:920.

Nova Medicinæ Elementa ad Nosographiæ Philosophicæ normam exarata; auctore Jos. Capuron. Parisiis, 1813. em 8.^o 1:600.

Nosographie Philosophique, ou la Methode de l'Analyse appliquée à la Médecine, par Ph. Pinel. Paris, 1810. 3 vol. em 8.^o 5:600.

Traité Médico-Philosophique de l'Aliénation Mentale, par le même. Paris, 1809. em 8.^o 1:800.

Anatomie Générale appliquée à la Physiologie & à la Médecine, par Xav. Bichat. Paris, 1801. 4 vol. em 8.^o 6:400.

Traité d'Anatomie Descriptive, par le même. Paris, 1801. 5 vol. em 8.^o 8:000.

Recherches Physiologiques sur la vie & la mort, par le même.
Paris, 1805. 8.^o 1:600.

Cours Théorique & Pratique de Clinique externe, par Ph. J. Desault. Paris, 1803. 2 vol. em 8.^o 2:880.

Principes de Chirurgie, par George de la Faye; nouvelle Edition, avec de nombreux changemens publiée, par Philibert Mouton.
Paris, 1811. em 8.^o 1:600.

Médecine Pratique & Aphorismes de Max. Stoll; traduction nouvelle par Mahon. Paris, 1809. 3 vol. em 8.^o 3:600.

Elémens de Médecine, de J. Brown, traduits de l'original Latin avec des additions & des notes, par Fouquier. Paris, 1805.
em 8.^o 1:600.

Cours élémentaire de Maladies des Femmes, par Vigarous. Paris, 1811. 2 vol. em 8.^o 3:600.

MATHEMATICA, ARTE MILITAR, &c.

Traité complet de Fortification; par Gaspard Noizet-Saint-Paul.
Paris, an 8. 2 vol. em 8.^o 8:000.

Aide-Mémoire à l'usage des Officiers d'Artillerie attachés au service de terre. Paris, 1809. 2 vol. em 8.^o 4:000.

De la Défense des Places Fortes, par Carnot. Paris, 1811. em 8.^o 1:800.

Ouvres posthumes de Cormontaigne. Paris, 1809. 3 vol. em 8.^o 7:200.

Réfutation de la Théorie des Fonctions Analytiques de Lagrange, par Hoëné Wronski. Paris, 1812. em 4.^o 1:600.

Théorie Analytique des Probabilités; par Laplace. Paris, 1812.
em 4.^o 1:600.

Traité de la Résolution des Equations numériques de tous les degrés, par J. L. Lagrange. Paris, 1808. em 4.^o 3:200.

Supplément de la Géométrie Descriptive, par Hachette. Paris, 1812. em 4.^o 1:600.

Traité Élémentaire des Machines, par Hachette. Paris, 1811. em 4.^o 4:800.

Instruction sur la fabrication de la Poudre, par L. Renaud. Paris, 1811. em 8.^o 640.

Traité de l'Art de fabriquer la Poudre à Canon, par MM. Bottée & Riffault; avec Planches. Paris, 1811. 2 vol. em 4.^o 9:600.

La Sidérotechnie, ou l'Art de traiter les Minér. de Fer, pour en obtenir de la Fonte, du Fer, ou de l'Acier; par J. H. Hassenfratz. Paris, 1812. 4 vol. em 4.^o com Estampas. 19:200.

Diccionario Portatil Portuguez-Francez, e Francez-Portuguez, precedido das conjugações dos verbos de ambos os idiomas, assim

regulares como irregulares. Paris, 1812. 2 vol. em 12.^o Encad. 1:920.

Abrégé de Géographie Moderne, rédigé sur un nouveau plan & conforme à la division politique de l'Europe en 1811, par J. Pinkerton & C. A. Walckenaer. Paris, 1811. 2 vol. em 8.^o com 10 Mappas. 3:600.

ART. XIV.—

Communicado:

Havendo-se conhecido, que n'esta Cidade de Lisboa, se tinha formado hum Partido, ou Scisma desgraçado, que se compunha de muitas pessoas, que se julgavão no estado unico, e infallivel de salvação, por abraçarem as maximas, que hum Padre do Bispado de Bragança, ensinava de viva voz, e communicando Cartas, que de outro Padre do dito Bispado lhe vinhão, o Excellentissimo Senhor Patriarcha Eleito, empregando valerosamente o seu zelo, e Authoridade contra este mesmo Partido, que havia engrossado mais do que se julgava, fez vêr ás suas ovelhas, o erro, e a mentira, com que se achavão illudidas, e rasgou-lhe a venda que as extraviava, offerecendo-lhe a verdadeira luz do Evangelho, para se dissiparem as grosseiras trevas, a que as havia conduzido huma criminoso impostura. Triumphou a Religião; e esta victoria deve-se a huma Pastoral, digna deste Prelado, que se mandou lêr em todas as Parochias, e Conventos, e nella se contém a voz da Igreja, combatendo a errada crença. Juntamente com este precioso Escrito, foi impresso hum Decreto do mesmo Excellentissimo Prelado, com que terminou o Processo começado pela Justiça, na Pessoa do Desembargador Promotor do Patriarchado; a que se appensou o Termo, que o Réo fez no Aljube, dous Breves do Senhor Padre Pio VI., em que se condemna hum outro Scisma, perfeitamente analogo a este que havia em Lisboa, e dous Decretos de Urbano VIII., prohibindo todo o culto e veneração dado aos homens, ainda mortos com fama de Sanctidade, e que d'elles se fizessem Retratos, ou Esculturas, que inculcassem serem Bem Aventurados. Todos estes preciosos escriptos, vulgarizados pela Impressão, são, e serão sempre o pregação do zelo, e luzes d'este Pastor, e hum testemunho perpetuo, de que as portas do abismo não hão de prevalecer jamais contra a Igreja, que Jesus Christo fundou, e adquirio com o seu sangue, e que confiou aos desvelos dos Bispos, para a regerem: não devendo nunca accreditar-se, que este Divino Instituidor altera este plano, para se depositarem os interesses da mesma Igreja, por hum modo extraordinario, em algum homem, que a defenda, e ensine a sua Doutrina.

INDICE DO VOLUME III.

BELLAS ARTES.

Reflexões sobre a Memoria á cerca da Estatua Equestre - 113

BELLAS LETRAS.

- Memoria, que contém huma breve descripção do Concelho de Mont'Alegre ou Barroso; por Manoel Antonio de Moraes Mendonça 324
- Relação de Antiguidades em Mont'Alegre, por José dos Santos Dias 67
- Taboa Chronologica do Seculo XIX., arranjada por Antonio d'Almeida, Médico em Penafiel 284
- Oração Latina, que recitou Vasco Fernandes de Lucena na Embaixada de Obediencia, que o Senhor Rei D. João II. mandou ao Santo Padre Innocencio VIII. por occasião da sua exaltação ao Pontificado no anno de 1485 309
- Inscripções e Epigrammas de Antonio Pereira de Figueiredo 233
- Poesias inéditas d'Elpino Duriense 245
- Ode Pindárica, por José Pinto Rebello de Carvalho 258

BIBLIOGRAPHIA.

- Livros novos Portuguezes 113, 212, 306, 405
- Livros Francezes modernos, que se achão de venda em Lisboa 406

CADEAS.

- Provisão circular do Desembargo do Paço para se fazerem os reparos necessarios nas Cadêas arruinadas 104

CHYMICA.

- Reflexões das Redactores sobre hum escripto de Bernardino Antonio Gomes (sobre a Cinchonino) 300

COMMERCIO.

<i>Prosperidade de Aveiro, e alguns obvios resultados da sua nova Barra</i>	386
---	-----

EDUCAÇÃO.

<i>Facilidade em calcular</i>	3
<i>Estudantes da Universidade de Coimbra</i>	208

ESTUDOS SUBSIDIARIOS.

<i>Relações de concurso de Cadeiras</i>	112, 206, 399
---	---------------

JURISPRUDENCIA.

<i>Breve História critica, na qual se mostra quando, e como os Senhores Reis de Portugal adquirirão a prerogativa de nomearem os Bispos dos seus Reinos: composta pelo Dr. José Ignacio da Rocha Peniz</i>	9
--	---

MATHEMATICA.

<i>Reflexões relativas ás Ephemerides do Observatorio Real da Universidade de Coimbra</i>	382
---	-----

MEDICINA.

<i>Relações nominaes dos Medicos e Cirurgiões de Partido, que ha em cada huma das Provedorias de Moncorvo, p. 167 — Visou, 167 — Coimbra, 168 — Santarém, 292, 391 — Algarve, 389 — Aveiro, 392 — aonde linha 6, em lugar de = Num. XV. pag. 292 = deve lêr-se = Num. XII. pag. 457 =.</i>	
<i>Relações nominaes dos Medicos e Cirurgiões que derão as suas Contas mensaes em observancia da Portaria do Governo d'estes Reinos de 24 de Outubro e 1 de Dezembro de 1812, p. 73, 168, 170, 293, 392, 395.</i>	
<i>Memoria sobre as enfermidades que tem grassado na Cidade de Leiria, e seu Termo, por Luiz Soares e Barbosa</i>	78
<i>Introdução Histórico-médica para as Observações médicas em a Villa de Santarém, por Luiz Gonzaga da Silva</i>	138
<i>Conta de Valentim Sedano Bento de Mello, Médico do Hospital Real da Villa das Caldas da Rainha</i>	76
<i>Conta de João Gervasio de Carvalho, Médico no Cartaxo, Provedoria de Santarém</i>	341
<i>Conta de José Antonio Banasol, Médico em Elvas</i>	343
<i>Conta de José Maria Bustamante, Médico em Alvito</i>	345

Conta de João da Silva Soares de Menezes, Médico na Villa da Figueira, Provedoria de Coimbra	350
Conta de António Anastasio de Sousa, Médico em Pombal, Provedoria de Leiria	351
Conta do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico nas Villas de Soure e Ega	354
Conta de Guilhermo Newton, Médico na Villa de Pereira, Provedoria de Coimbra	359
Extracto da Memoria de Francisco José Mendes de Lima, Médico do Partido da Villa d'Ancião, Provedoria de Coimbra	173
Extracto da Memoria de Luiz Antonio Travassos, Médico da Camara da Villa da Vaccariça e annexas, Provedoria de Coimbra	313
Extracto da Conta do Dr. Antonio de Almeida Caldes, Primeiro Médico Director dos Hospitaes Militares de Coimbra	356
Extracto da Conta de Custodio Manoel Garcia, Médico na Golegã, Provedoria de Santarém	364
Breves reflexões de Antonio Joaquim Soares, Médico em Torres novas, Provedoria de Santarém	365
Conta de Bento Soares, Cirurgião da Villa de Pereira, Provedoria de Coimbra, com o qual se conforma outro Cirurgião da mesma Villa, José da Costa Delgado	342
Movimento do Hospital Militar de Chaves em o anno de 1812	177
Movimento do Hospital Militar de Mafra no mez de Dezembro de 1812; por George Morse, Director	183
Taboa Nosológica do dito Hospital no bimestre de Novembro e Dezembro de 1812	178
— Em Janeiro de 1813	181
Número dos doentes no dito Hospital em Janeiro de 1813	180
Mappa dos doentes do Hospital Militar do Beato Antonio em Lisboa, por José Maria Soares	184
Observações sobre as molestias, constantes d'aquelle Mappa	185
Recopilação das Contas de alguns Medicos e Cirurgiões, 94, 217, 365 — Febres intermittentes, 95, 217, 369 — Remittentes biliosas, 97 — Intermittentes perniciosas, 220 — Catarrhos e Rheumatismos, 100 — Affecções Cutaneas, 101 — Obstrucções e hydropesias, 101, 369 — Molestias esporadicás, 102 — Casos Cirurgicos, 102 — Typhos, 221 — Gangrenas, 222, 368 — Phlegmasias, 225 — Thísica, 226 — Exanthêmas febris, 227 — Dysenterias e dyarrheas, 227, 368 — Carbunculo, 229, 366 — Expósitos, 229: Portaria da Intendente Geral da Policia Diogo Ignacio de Pinna Manique a respeito d'Engeitados, 230 — Anasarca, 365 — Bexigas, 365 — Boticas, 365 — Cadêas, 366 — Catarrhaes, 368 — Epilepsia, 368 — Gota, 369 — Hemor-	

rhoydas, 369 — Paralysis, 372 — Pleuriz, 372 — Prognós- ticos, 372 — Sarna, 372.	
Relações dos novos Correspondentes da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias	111
Respostas e reflexões sobre as Contas de alguns Medicos e Cirurgiões	299, 396
Correspondência entre F. E. R. da S., e A. P. d'A., Me- dicos em Lisboa, sobre objectos medicos	118
Continuação da Collecção d'Estatutos, Leis, e Alvarás, re- lativos a Medicina, Cirurgia, etc. remettida por Antonio d'Almeida, Medico em Penafiel	205, 277
Resposta dos Redactores ás Observações á cerca do Exame Crítico da Memoria sobre a febre epidemica contagiosa, feitas por Henrique Xavier Baeta	333, 148, 401
Operação da paracentese praticada 39 vezes em huma hydro- pica	308
Noticia de alguns Decretos, Breves, e Pastoral de SS. Pa- dres, e Exm. Patriarcha Eleito	408

ORATORIA.

Analyse anónima de hum Sermão sobre a Religião, pregado por Fr. Bento da Trindade	6
--	---

PERIODICOS.

Reflexões sobre os Periodicos	105
Ditas sobre algumas proposições do Investigador Portuguez em Inglaterra	107

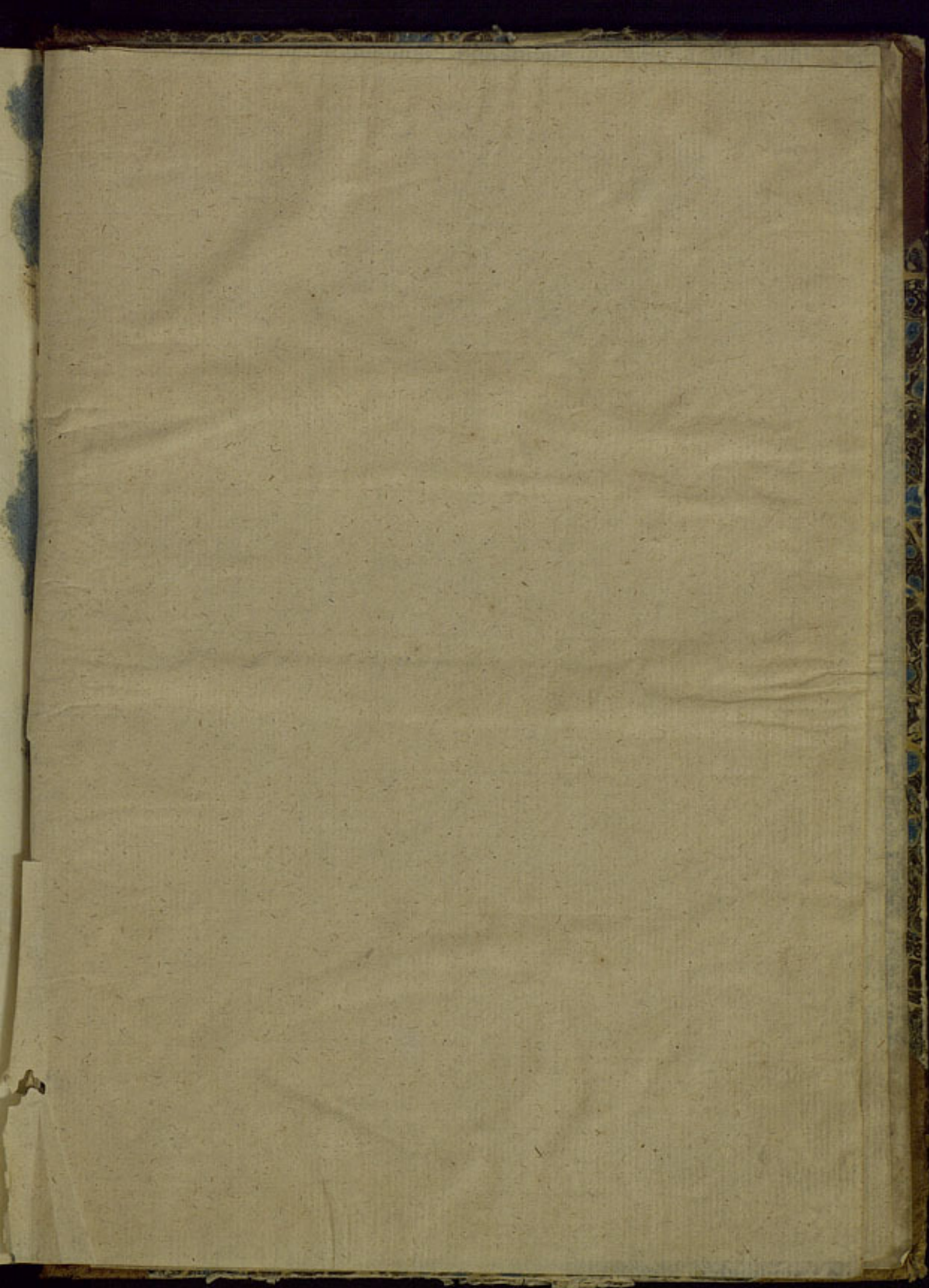
PHYSICA.

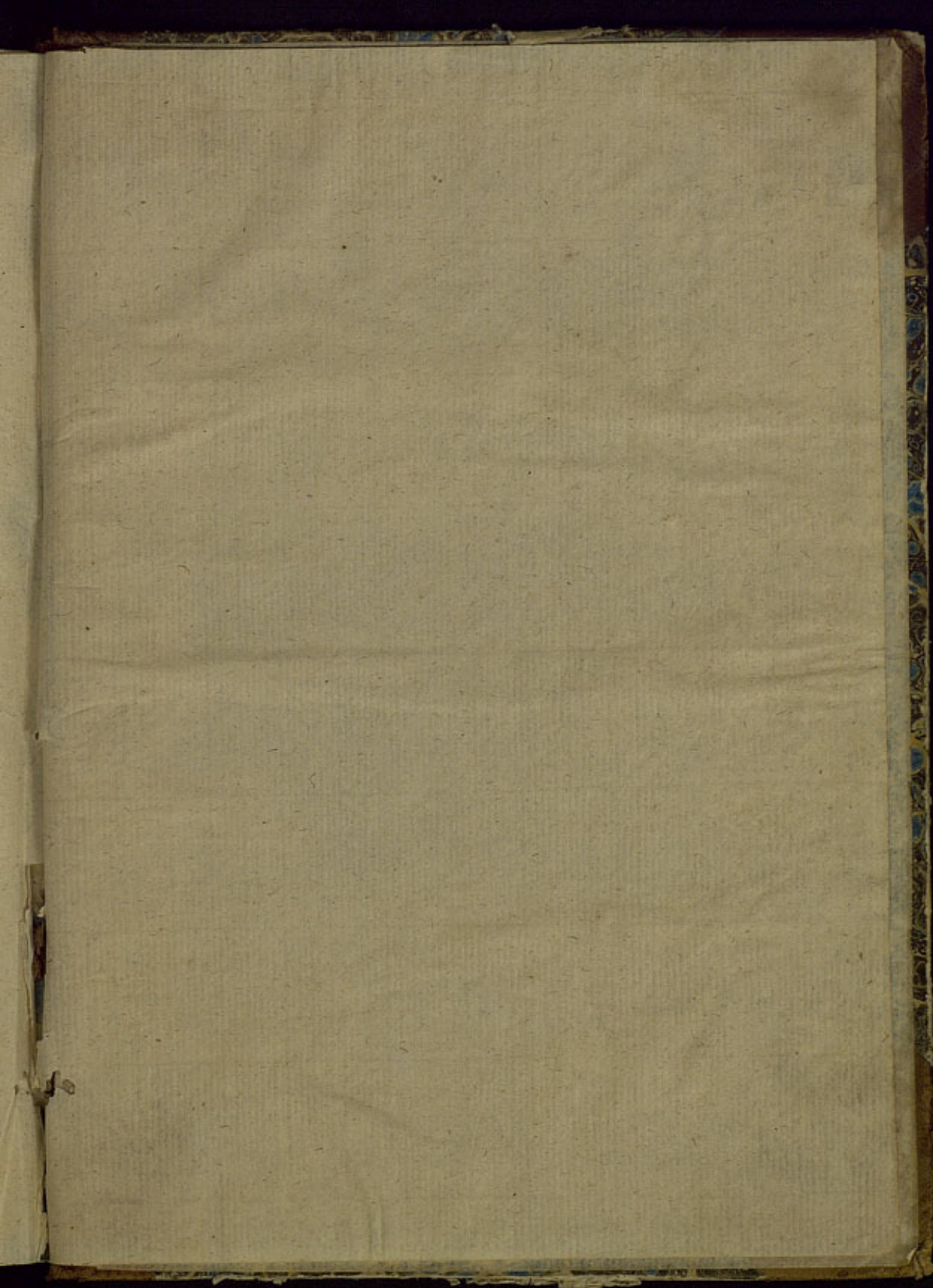
Observações meteorologicas	21, 28, 64, 263, 381
Moinho de vento artificial	26
Novas observações de Antonio d'Araujo Travassos sobre a Memoria do Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo á cerca da densidade da agoa	68, 189

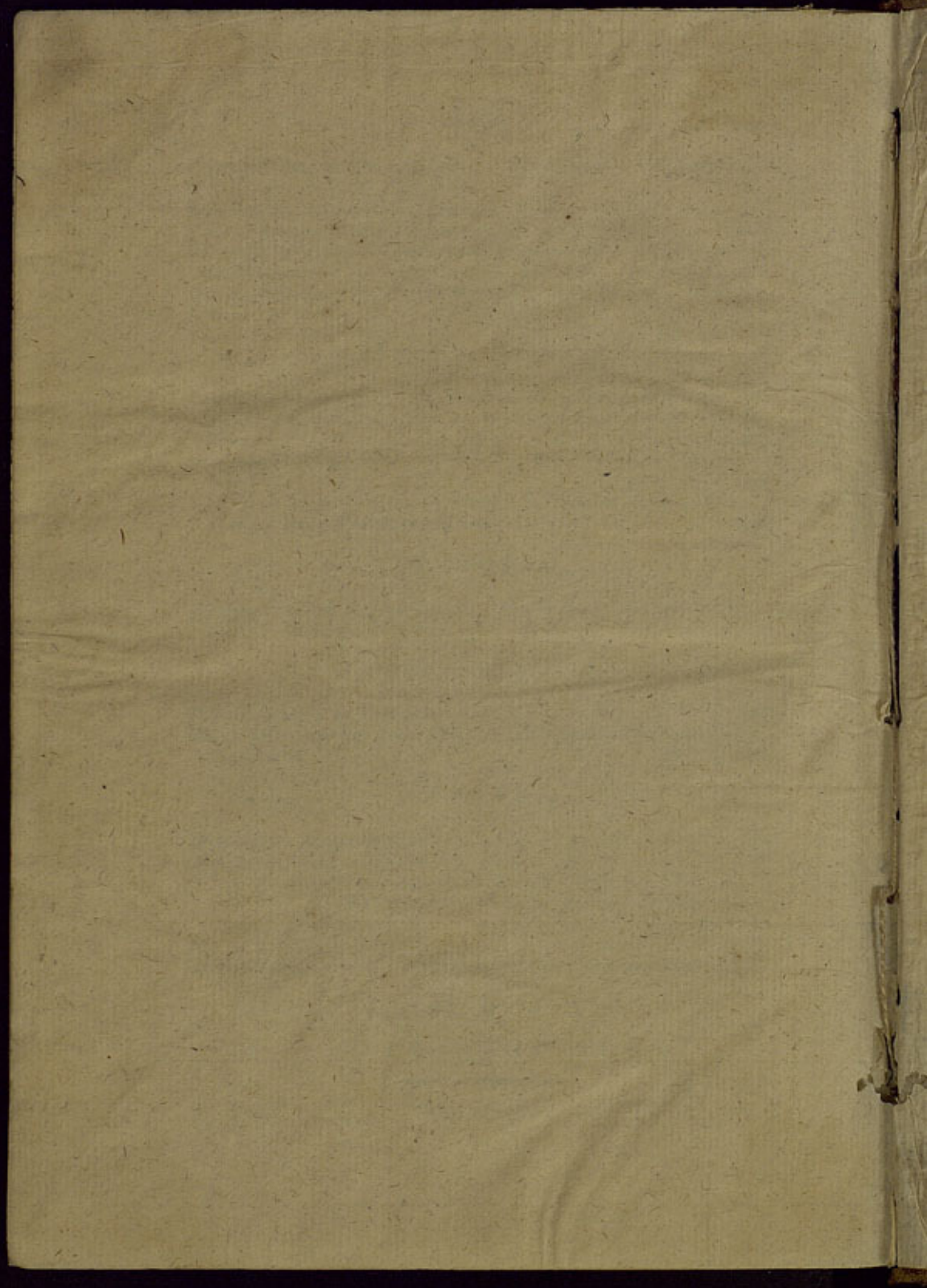
L I S B O A:

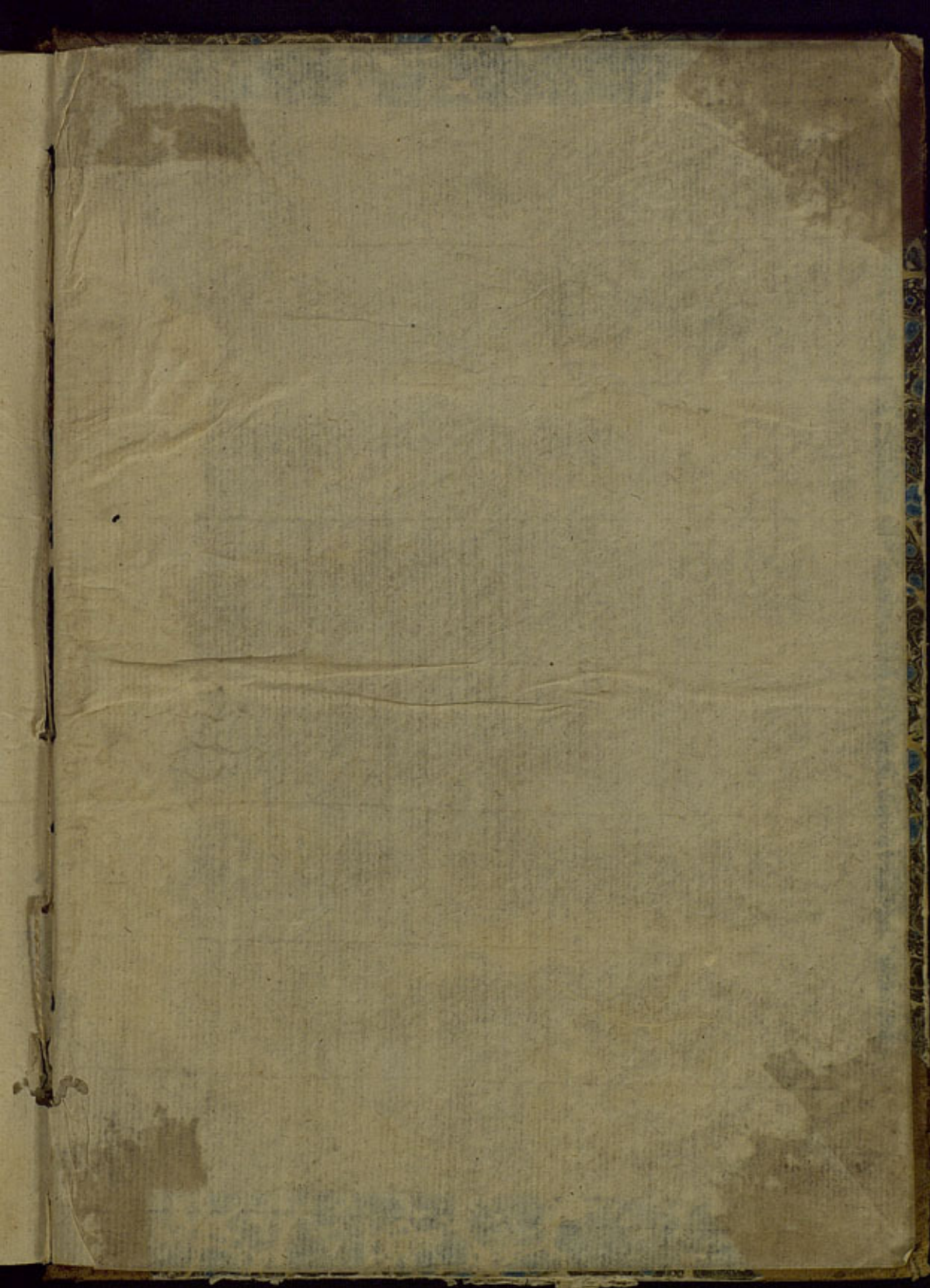
NA IMPRESSÃO REGIA.

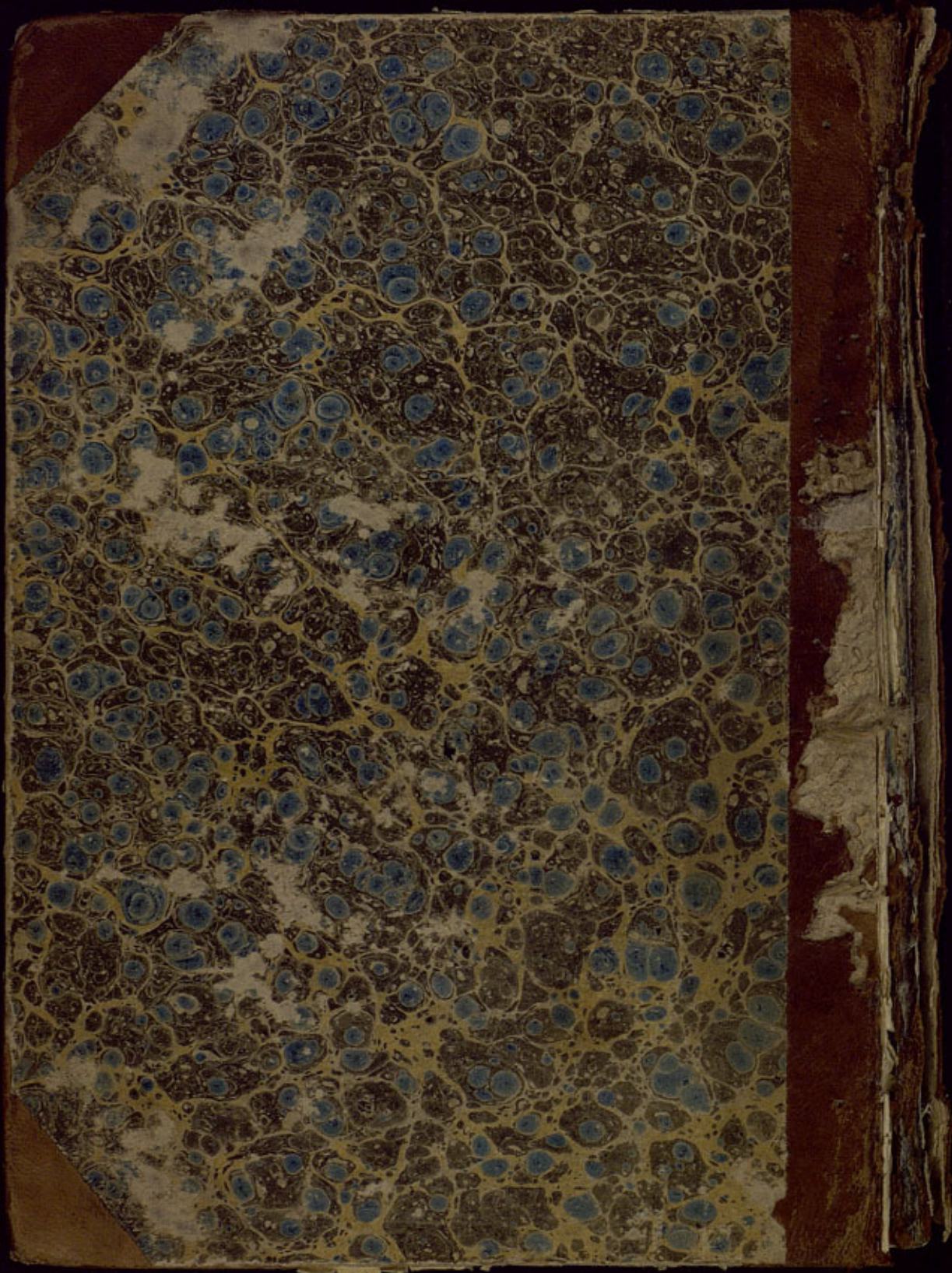
Com Licença.











13 a 16

JORNAL
DE
COIMBRA



VOLUME III.
1813.

